

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Faculdade de Letras da UFMG

ISSN

2237-2083

V.31 - N° 2



REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Universidade Federal de Minas Gerais

REITORA: Sandra Regina Goulart Almeida

VICE-REITOR: Alessandro Fernandes Moreira

Faculdade de Letras

DIRETORA: Sueli Maria Coelho

VICE-DIRETOR: Georg Otte

Editores-chefes

Janayna Maria da Rocha Carvalho (UFMG)

Editoras-associadas:

Ana Regina Vaz Calindro (UFRJ)

Maria Mendes Cantoni (UFMG)

Revisão e Normalização

Janayna Maria da Rocha Carvalho (UFMG)

Diagramação

Ana Paula Sanchez

Gabriela Mendes Lira

Lobélia Hadassa

Revisão de Língua Inglesa

Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira (UFMG)

Luísa Vasconcelos

Junia de Carvalho Fidelis Braga (UFMG)

Stéphanie Paes Rodrigues

Mara Passos Guimarães (UFMG)

Marisa Mendonça Carneiro (UFMG)

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, v.1 - 1992 - Belo Horizonte, MG,
Faculdade de Letras da UFMG

Histórico:

1992 ano 1, n.1 (jul/dez)

1993 ano 2, n.2 (jan/jun)

1994 Publicação interrompida

1995 ano 4, n.3 (jan/jun); ano 4, n.3, v.2 (jul/dez)

1996 ano 5, n.4, v.1 (jan/jun); ano 5, n.4, v.2; ano 5, n. esp.

1997 ano 6, n.5, v.1 (jan/jun)

Nova Numeração:

1997 v.6, n.2 (jul/dez)

1998 v.7, n.1 (jan/jun)

1998 v.7, n.2 (jul/dez)

1. Linguagem - Periódicos I. Faculdade de Letras da UFMG, Ed.

CDD: 401.05

ISSN: Impresso: 0104-0588

On-line: 2237-2083

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

V. 31 - N. 2 - abr.-jun. 2023

Indexadores

Diadorim [Brazil]

DOAJ (Directory of Open Access Journals) [Sweden]

DRJI (Directory of Research Journals Indexing) [India]

EBSCO [USA]

EuroPub [England]

JournalSeek [USA]

Latindex [Mexico]

Linguistics & Language Behavior Abstracts [USA]

MIAR (Matriu d'Informació per a l'Anàlisi de Revistes) [Spain]

MLA Bibliography [USA]

OAJI (Open Academic Journals Index) [Russian Federation]

Portal CAPES [Brazil]

REDIB (Red Iberoamericana de Innovación y Conocimiento Científico) [Spain]

SCOPUS [Amsterdam]

Sindex (Scientific Indexing Services) [USA]

Web of Science [USA]

WorldCat / OCLC (Online Computer Library Center) [USA]

ZDB (Elektronische Zeitschriftenbibliothek) [Germany]



REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Editores-chefes

Janayna Maria da Rocha Carvalho (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Editoras-associadas

Ana Regina Vaz Calindro (UFRJ)

Maria Mendes Cantoni (UFMG)

Conselho Editorial

Alejandra Vitale (UBA, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina)

Didier Demolin (Université de la Sorbonne Nouvelle Paris 3, Paris, França)

Ieda Maria Alves (USP, São Paulo/SP, Brasil)

Jairo Nunes (USP, São Paulo/SP, Brasil)

Scott Schwenter (OSU, Columbus, Ohio, Estados Unidos)

Shlomo Izre'el (TAU, Tel Aviv, Israel)

Stefan Gries (UCSB, Santa Barbara/CA, Estados Unidos)

Teresa Lino (NOVA, Lisboa, Portugal)

Tjerk Hagemeijer (ULisboa, Lisboa, Portugal)

Comissão Científica

Aderlande Pereira Ferraz (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Alessandro Panunzi (Unifi, Florença, Itália)
Alina M. S. M. Villalva (ULisboa, Lisboa, Portugal)
Aline Alves Ferreira (UCSB, Santa Barbara/CA, Estados Unidos)
Ana Lúcia de Paula Müller (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Ana Maria Carvalho (UA, Tucson/AZ, Estados Unidos)
Ana Paula Scher (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Anabela Rato (U of T, Toronto/ON, Canadá)
Aparecida de Araújo Oliveira (UFV, Viçosa/MG, Brasil)
Aquiles Tescari Neto (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Augusto Soares da Silva (UCP, Braga, Portugal)
Beth Brait (PUC-SP/USP, São Paulo/SP, Brasil)
Bruno Neves Rati de Melo Rocha (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Carmen Lucia Barreto Matzenauer (UCPEL, Pelotas/RS, Brasil)
Celso Ferrarezi (UNIFAL, Alfenas/MG, Brasil)
César Nardelli Cambraia (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Cristina Name (UFJF, Juiz de Fora/MG, Brasil)
Charlotte C. Galves (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Deise Prina Dutra (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Diana Luz Pessoa de Barros (USP/UPM, São Paulo/SP, Brasil)
Edwiges Morato (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Emília Mendes Lopes (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Esmeralda V. Negrão (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Flávia Azeredo Cerqueira (JHU, Baltimore/MD, Estados Unidos)
Gabriel de Avila Othero (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Gerardo Augusto Lorenzino (TU, Filadélfia/PA, Estados Unidos)
Glauucia Muniz Proença de Lara (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Hanna Batoréo (UAb, Lisboa, Portugal)
Heliana Ribeiro de Mello (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Heronides Moura (UFSC, Florianópolis/SC, Brasil)
Hilario Bohn (UCPEL, Pelotas/RS, Brasil)
Hugo Mari (PUC-Minas, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Ida Lucia Machado (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Ieda Maria Alves (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Ivã Carlos Lopes (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Jairo Nunes (USP, São Paulo/SP, Brasil)

Jairo Venício Carvalhais Oliveira (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Jean Cristtus Portela (UNESP-Araraquara, Araraquara/SP, Brasil)
João Antônio de Moraes (UFRJ, Rio de Janeiro/ RJ, Brasil)
João Miguel Marques da Costa (Universidade Nova da Lisboa, Lisboa, Portugal)
João Queiroz (UFJF, Juiz de Fora/MG, Brasil)
José Magalhaes (UFU, Uberlândia/MG, Brasil)
João Saramago (Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal)
José Borges Neto (UFPR, Curitiba/PR, Brasil)
Kanavillil Rajagopalan (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Laura Alvarez Lopez (Universidade de Estocolmo, Stockholm, Suécia)
Leo Wetzels (Free Univ. of Amsterdam, Amsterdã, Holanda)
Laurent Filliettaz (Université de Genève, Genebra, Suíça)
Leonel Figueiredo de Alencar (UFC, Fortaleza/CE, Brasil)
Livia Oushiro (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Lodenir Becker Karnopp (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Lorenzo Teixeira Vitral (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Luiz Amaral (UMass Amherst, Amherst/MA, Estados Unidos)
Luiz Carlos Cagliari (UNESP, São Paulo/SP, Brasil)
Marcelo Barra Ferreira (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Marcia Cançado (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Márcio Leitão (UFPB, João Pessoa/PB, Brasil)
Marcus Maia (UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Maria Bernadete Marques Abaurre (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Maria Cecília Camargo Magalhães (PUC-SP, São Paulo/SP, Brasil)
Maria Cecília Magalhães Mollica (UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Maria Cristina Figueiredo Silva (UFPR, Curitiba/PR, Brasil)
Maria Luíza Braga (PUC/RJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Maria Marta P. Scherre (UNB, Brasília/DF, Brasil)
Micheline Mattedi Tomazi (UFES, Vitória/ES, Brasil)
Miguel Oliveira, Jr. (UFAL, Maceió, Alagoas, Brasil)
Monica Santos de Souza Melo (UFV, Viçosa/MG, Brasil)
Patricia Matos Amaral (UI, Bloomington/IN, Estados Unidos)
Paulo Roberto Gonçalves Segundo (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Philippe Martin (Université Paris 7, Paris, França)
Rafael Nonato (Museu Nacional-UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Raquel Meister Ko. Freitag (UFS, Aracaju/SE, Brasil)
Renato Miguel Basso (UFSCar, São Carlos, SP, Brasil).

Roberto de Almeida (Concordia University, Montreal/QC, Canadá)
Ronice Müller de Quadros (UFSC, Florianópolis/SC, Brasil)
Ronald Beline (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Rove Chishman (UNISINOS, São Leopoldo/RS, Brasil)
Sanderléia Longhin-Thomazi (UNESP, São Paulo/SP, Brasil)
Sergio de Moura Menuzzi (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Seung- Hwa Lee (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Sírrio Possenti (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Suzi Lima (U of T / UFRJ, Toronto/ON - Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Thais Cristofaro Alves da Silva (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Tommaso Raso (UFMG, Belo Horizonte/MG-Brasil)
Tony Berber Sardinha (PUC-SP, São Paulo/SP, Brasil)
Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Vander Viana (University of Stirling, Stirling/Sld, Reino Unido)
Vanise Gomes de Medeiros (UFF, Niterói/RJ, Brasil)
Vera Lucia Lopes Cristovao (UEL, Londrina/PR, Brasil)
Vera Menezes (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Vilson José Leffa (UCPel, Pelotas/RS, Brasil)

Sumário / Contents

Processing linguistic variation

Processamento da variação linguística: desafios para integrar aquisição, diversidade e compreensão em um modelo de língua

Processing linguistic variation: challenges of building a comprehensive model for acquisition, diversity and comprehension

Raquel Freitag

Marije Soto 397

Percepção/Processamento da variação sociolinguística: considerações sobre contribuições e desafios da pesquisa experimental

Perception/Processing of sociolinguistic variation: consideration on contributions and challenges of experimental research

Christina Abreu Gomes

Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo 432

Aquisição da linguagem, variação linguística e desenvolvimento sociolinguístico

Language acquisition, linguistic variation, and sociolinguistic development

Mercedes Marcilese

Cristina Name

Cristina Azalim

Daniele Molina 468

Não chame de erro o que a linguística chama variação: processamento de variação linguística e de agramaticalidade no âmbito da concordância verbal variável

Do Not Call It an Error if Linguistics Has Called It Variation: Processing Linguistic Variation and Ungrammaticality in the Scope of Variable Subject-Verb Agreement

Wellington Couto de Almeida 510

O processamento da concordância não redundante no português brasileiro <i>The processing of non-redundant agreement in Brazilian Portuguese</i> Lilian Silva Scher	
Thiago Oliveira da Motta Sampaio.....	551
Falantes (não) têm consciência da variação morfossintática <i>Speakers are (not) aware of morphosyntactic variation</i>	
Manoel Siqueira	578
A realização de artigo feminino diante de antropônimo masculino: uma análise sociolinguística sobre o sentimento de inclusão de universitários recifenses <i>Realization of feminine article before masculine anthroponym: a sociolinguistic analysis about feeling of inclusion of university students from Recife</i>	
Déreck Kássio Ferreira Pereira Claudia Roberta Tavares Silva	616
Diversidad de género y variación lingüística en el español de América: procesamiento de estereotipos y morfología de género en Argentina y Chile <i>Gender diversity and linguistic variation in American Spanish: processing gender stereotypes and morphology in Argentina and Chile</i>	
Noelia Ayelén Stetic Camila Martínez Rebolledo Gabriela Mariel Zunino	636
Aceitabilidade e produção de preposições órfãs em orações relativas no português brasileiro: comparando falantes de PB e bilíngues português-inglês <i>Acceptability and production of preposition stranding in relative clauses in Brazilian Portuguese: comparing BP speakers and BP English students</i>	
Marina Rosa Ana Augusto Ana Angélica da Silva Orlando	688
Speech, hand, and facial gestures: a proposal of a multimodal approach to describe negative structures with <i>não</i> in Brazilian Portuguese <i>Fala, gestos das mãos e face: uma proposta de abordagem multimodal para descrever estruturas negativas com não no Português Brasileiro</i>	
Paloma Batista Cardoso	719

A percepção sobre as formas de imperativo a partir dos quadrinhos da *Turma da Mônica Jovem e Chico Bento Moço*

The perception of imperative forms from the comics of Turma da Mônica Jovem and Chico Bento Moço

Carolina Barroca Faria

Leila Maria Tesch 764

Uma análise psico e sociolinguística das propriedades dimensionais das palavras tabu no português carioca

A psycho- and sociolinguistics analysis of the dimensional properties of taboo words in carioca Portuguese

Claudiane Gusmão Azevedo da Silva-Nasser 809

Pistas da consciência sociolinguística no uso de palavrões em uma obra literária

Clues of sociolinguistic awareness in the use of profanity profanity in a literary work

Keila Vasconcelos Menezes 861

Ideologias subjacentes aos estrangeirismos de origem inglesa no Brasil e a consciência sociolinguística

Ideologies underlying English loanwords in Brazil and sociolinguistic awareness

Marcely Monteiro Faria 905

Actitudes e ideologías lingüísticas en la Lengua de Signos Española: creencias de las personas sordas ante la variación en su lengua

Linguistic attitudes and ideologies in Spanish Sign Language: beliefs of deaf people in the face of variation in their language

Inmaculada C. Báez Montero

María C. Bao Fente 947



Processamento da variação linguística: desafios para integrar aquisição, diversidade e compreensão em um modelo de língua

Processing linguistic variation: challenges of building a comprehensive model for acquisition, diversity and comprehension

Raquel Freitag

Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe / Brasil

rkofreitag@academico.ufs.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4972-4320>

Marije Soto

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil

marijesoto@letras.ufrj.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4232-265X>

Resumo: O processamento da variação linguística é um campo de interface que envolve a sociolinguística, a psicolinguística e as ciências neurocognitivas. Com o objetivo de contribuir para a descrição de como se dá o processamento e a aquisição de input variável considerando as pressões dos efeitos sociais, este dossiê temático reúne 14 estudos que apresentam contribuições em perspectiva descritiva observacional e experimental de fenômenos variáveis morfossintáticos, como concordância, flexão de gênero, imperativo gramatical e orações relativas, bem como de fenômenos no nível da consciência social e de ideologias linguísticas relacionados ao tabu, preconceito e atitudes em relação a línguas. Os resultados dos estudos apontam caminhos que ampliam as abordagens teórico-metodológicas até então envolvidas, especialmente as relacionadas ao modo de conciliar o controle exigido em pesquisa experimental com o paradoxo do observador da sociolinguística, mas ainda esbarram nas limitações decorrentes da tecnologia disponível e do entendimento de um modelo de língua que envolva diversidade e estrutura.

Palavras-chave: processamento de variedade linguística, percepção de variedade, psicolinguística, sociolinguística

Abstract: The study of the processing of linguistic variation is an interdisciplinary enterprise involving sociolinguistics, psycholinguistics and cognitive neuroscience. In

order to contribute to descriptive and explanatory accounts regarding the processing and acquisition of variable input, considering the effects of external social pressure, this thematic volume presents 14 papers. The studies contribute to observational and experimental approaches exploring a variety of topics: morphosyntactic phenomena, such as verbal and nominal agreement, grammatical gender inflection, grammatical imperative and relative clauses, as well phenomena at the level of social conscience and linguistic ideologies regarding taboo, prejudice and attitudes towards, especially, minority languages. The results of these studies show the way to broaden existing methodological-theoretic approaches, especially those that seek to reconcile the strictly controlled nature of experimental paradigms and stimuli with the observer's paradox as defined by sociolinguistics. This endeavor is complex and requires overcoming technological limitations and the current difficulty of theoretical models in dealing with language variability and structure.

Keywords: processing of language variation, language regard, psicolinguistics, sociolinguistics

Recebido em 09 de junho de 2023.

Aceito em 29 de junho de 2023.

1 Introdução

O conhecimento de senso comum, em grande parte amparado em uma tradição gramatical que elege uma forma como a única e legítima, concebe a língua como um sistema de regras unívocas, uniformes e universais. Evocando questões de clareza da comunicação e economia, as regras da língua são assumidas como unívocas porque para cada palavra ou estrutura da língua existiria um único significado, e vice-versa; uniformes, porque os significados e as estruturas seriam sempre os mesmos, em todos os contextos; e universais, porque seriam compartilhados por todas as pessoas de uma comunidade linguística.

O desenvolvimento da ciência linguística desfaz as assunções de senso comum. A abordagem sociolinguística centra-se na premissa da “heterogeneidade ordenada” da língua (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968), com a variação incluída tanto na competência sociolinguística de cada falante como na gramática da comunidade de fala. Em sua agenda, a sociolinguística tem se dedicado a estudos que

descrevem padrões de variação e mudança de elementos da gramática de uma língua, a partir da manifestação de superfície: como os elementos se comportam e quais associações entre padrões ou por efeito de condicionadores, em geral estratificados como externos e internos, sociais e linguísticos. Assume-se a natureza probabilística do sistema, implementada por meio de regras variáveis (SANKOFF; LABOV, 1979), em que a frequência relativa prevista de funcionamento de uma regra faz parte da sua descrição estrutural.

Dentro do que se costuma tratar como condicionador interno, linguístico, é possível ainda distinguir entre níveis linguísticos estruturais no nível micro, como classe de palavra ou tamanho do item, no nível macro (tipo do texto, gênero textual), e aquilo que Tamminga *et al.* (2016) chamam de condicionamento psicológico. Esses aspectos são relacionados aos efeitos cognitivos do processamento, como, por exemplo, o *priming* (que subjaz, entre outros, o tipo de efeito que Scherre e Naro (1991) denominam de “paralelismo formal”).

Se do ponto de vista científico, temos um corpo de evidências robustas que descrevem a regra variável de construções como nós pega o peixe, no cenário sociolinguístico brasileiro, que conta com mais de 40 anos de tradição em pesquisa, a educação linguística para a sociedade ainda é falha. Por conta de uma construção como a exemplificada, presente em um livro didático para a educação de jovens e adultos, no ano de 2011, as manchetes “MEC defende que aluno não precisa seguir algumas regras da gramática para falar de forma correta” <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/05/mec-defende-que-aluno-nao-precisa-seguir-algumas-regras-da-gramatica-para-falar-de-forma-correta.html>> ou “MEC distribui livro que aceita erros de português” <<https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/mec-distribui-livro-que-aceita-erros-de-portugues-2789040>> ecoaram na sociedade.¹ Dez anos depois, no ápice de uma pandemia que ceifou a vida de mais 700.000 brasileiros, em meio ao isolamento social que resultou no fechamento

¹ Conhecido como “episódio do livro didático”, vários ensaios abordaram a questão do ponto de vista linguístico à época, explicando a naturalidade do fenômeno do ponto de vista sociolinguístico, o alinhamento às diretrizes educacionais, preconizadas dez anos antes pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, e a falta de uma educação para a diversidade linguística na sociedade, evidenciando a importância de ações de popularização da sociolinguística.

de escolas, parlamentares brasileiros não estavam preocupados com proposições de leis para mitigar os efeitos na aprendizagem, e sim em propor projetos de lei que proibem o uso ou punem quem use marcas não binárias de referência a gênero (FREITAG, 2022).

Esses dois fatos são ilustrativos não só de que há necessidade de ações de educação e de popularização da linguística, mas também de que existe um campo ainda a ser estudado que traz para esse debate as evidências empíricas quanto à dimensão cognitiva de aquisição e do processamento de regras variáveis a fim de finalmente desmistificar a noção de suposta homogeneidade do conhecimento linguístico.

Ao embarcar nessa empreitada dentro da perspectiva psicolinguística, Marcilese (2022) sugere uma diferença entre variação no processamento e processamento da variação: pessoas diferentes, com características diferentes, teriam características psicológicas e comportamentais humanas diferentes, mas ainda assim poderiam ser subsumidas a universais inatos, enquanto o processamento da variação demandaria custos cognitivos configurados pelo contexto, de forma que medidas comportamentais, como tempo de processamento de uma variante, podem variar em função da familiaridade de um dado falante com aquela forma/aquele uso, por exemplo.

O grande desafio é provar esses preceitos empiricamente: isso requer desenhar novos modelos capazes de integrar com as múltiplas dimensões sociais, linguísticas, psicológicas e neurológicas envolvidas, bem como o desenvolvimento de novos paradigmas experimentais, métodos de coleta e análise de dados. Nas últimas décadas, as áreas de sociolinguística, psicolinguística e neurociência cognitiva têm contribuído nesse sentido, cada uma partindo dos saberes particulares, resultando em uma fertilização mútua interdisciplinar (cf. POEPPPEL; EMBICK, 2005). A sociolinguística variacionista tem se estabelecido metodologicamente com estratégias de coleta e análise de dados com foco na produção, com dados autênticos ou elicitados de pessoas falando em uma dada comunidade de fala, e na percepção, com dados obtidos de modo indireto, por meio de tarefas como o *self-report* ou reações subjetivas, por exemplo. Ampliando o escopo de abordagens, para o que Preston (2017) denomina de *language regard*, estão envolvidos outros aspectos que adentram ao que ocorre com o falante enquanto está imerso na situação de uso da língua no que diz respeito à variação. Enquanto estudos de variação e mudança objetivam descrever padrões de uso de

uma variedade em termos de regras e gramática, *language regard* é um conjunto de estratégias para desvelar o conhecimento que as pessoas têm sobre as variedades e o modo como isso as afeta, assim como a autopercepção acerca de seus usos e as ideologias e atitudes subjacentes a eles na comunidade. Para saber como as pessoas pensam, a linguística *folk* tem se consolidado como um campo da sociolinguística que mobiliza tarefas como a de dialetologia perceptual, em que pessoas identificam variedades em mapas, os relatos populares, tais como comentários induzidos (como os coletados em entrevistas sociolinguísticas) ou espontâneos (como nas reportagens ilustradas anteriormente); e, juntamente com a abordagem da linguística antropológica, que tem contribuído para o desvelamento das ideologias linguísticas por meio de observação nas comunidades e o campo experimental, em interface com a psicologia social da linguagem, envolvendo desde estudos de reações subjetivas e eliciamento, num nível mais consciente, até nos julgamentos de falsos pares, com tarefa encoberta, o objetivo é tentar entender como as pessoas lidam com a informação linguística e não linguística ao mesmo tempo. Essa perspectiva redireciona o estudo sociolinguístico para facetas psico e neurológicas do processamento linguístico.

Nas últimas décadas, avanços da neurociência cognitiva têm permitido investigar o curso temporal do processamento de variação linguística, principalmente com a técnica de Potenciais Relacionados a Eventos (ERPs), que consiste na análise de sinais neurofisiológicos capturados com Eletroencefalografia (EEG) em resposta a eventos cognitivos, como estímulos linguísticos. Seguindo essa lógica temporal, estudos de ERPs com foco no processamento perceptual-sensorial de variantes fonéticas têm mostrado que já nos primeiros 200 milissegundos após a apresentação de palavras faladas, participantes são sensíveis a diferenças no grau de familiaridade entre variantes (GOSLIN; DUFFY; FLOCCIA, 2012) ou ao contexto fonético em que variantes ocorrem (SILVA; ROTHE-NEVES, 2020). É também nesse estágio que pode ocorrer uma carga cognitiva maior que parece refletir um esforço adaptativo da forma que o processamento semântico de palavras foneticamente variantes, na janela temporal posterior, entre 300 e 500ms, já ocorre de forma a neutralizar variações (GOSLIN; DUFFY; FLOCCIA, 2012). Por outro lado, é também neste momento, que podem ser flagradas interações entre o processamento linguístico e as pistas sociais inferidas a partir de qualidades fonéticas. De modo geral,

os estudos evidenciam menor esforço cognitivo quando as qualidades semânticas e/ou morfofonológicas das palavras e sentenças apresentadas estão alinhadas à expectativa gerada a partir do perfil social do falante: por exemplo, uma sentença como *Eu bebo vinho com o jantar toda noite* é inesperada de uma voz infantil (BERKUM, 2008), e a variante da marca do gerúndio [in] no inglês norte-americano pode ser mais esperada se a voz carrega claramente o dialeto sulista (LOUDERMILK, 2015).

Mas mesmo que a metodologia neurofisiológica permita revelar claramente os reflexos de um processamento da variação nos estágios iniciais e inconscientes, os estudos de processamento de fenômenos morfossintáticos mostram que dificilmente é possível atribuir uma interpretação unificada aos mecanismos cognitivos subjacentes. Um estudo apresentando duas variantes de concordância verbal da 3ª pessoa do singular em inglês norte-americano evidenciou sensibilidade no processamento para o grupo monodialetal, mas apenas a partir de 600ms – um momento geralmente associado à reanálise e aos processos mais conscientes. Para o grupo bidialetal (inglês afroamericano e inglês padrão), que foi o grupo que apresentou maiores índices de aceitabilidade para as variantes em questão em um teste complementar, não houve nenhuma diferença entre as respostas neurofisiológicas (GARCIA *et al.*, 2022). Já o estudo de Loudermilk (2015) encontrou menor sensibilidade à distinção entre variantes morfofonológicas padrão e não-padrão ([iŋ] vs. [in] para a marca de gerúndio) no grupo com maior índice de atitudes linguísticas estereotipadas (i.e., que associam variantes não-padrão a estereótipos negativos). Ou seja, em um estudo, a relativa baixa aceitabilidade da variante parece correlacionar com um maior esforço cognitivo para o processamento da variante não padrão, enquanto no outro, o grupo com atitudes linguísticas mais conservadoras não apresentou diferença no processamento de variantes. Uma possível interpretação sugerida pelos autores é que atitudes negativas bloqueariam processamento mais profundo. Por outro lado, é possível que aspectos como saliência da variante ou variações metodológicas afetem o nível de percepção de maneira complexa. Um estudo norte-americano de Zaharchuk *et al.* (2021) parece apontar para isso ao flagrar sensibilidade mais precoce, entre 200 e 400ms, e mais tardia, entre 500 e 900ms, a uma variante morfossintática de duplo modal comum para o dialeto regional sulista de menor prestígio (ex. *She said she might could have done better*),

em dois grupos de participantes (aqueles familiar e não familiar com a variante), independente de grau de aceitabilidade

Por um lado, esses estudos não têm deixado dúvida em relação às dimensões psicológica e neurológica do processamento da variação linguística, e mostram uma dinamicidade de troca de informações de vários níveis e tipos. Ou seja, a ideia de um processamento *default* linguístico, que abstrai modulações de forma, e que só nos estágios posteriores integra pistas “mais complexas” contextuais sociais (sobre interlocutores, estilo, intencionalidade) não parece compatível com as evidências empíricas. Porém, parece, sim, haver uma hierarquia temporal, em que familiaridade e frequência são os preditores mais fortes da sensibilidade inicial a variações fonéticas e prosódicas, enquanto atitudes linguísticas (aquelas que constituem as crenças sobre usos linguísticos, por exemplo) são mais correlacionadas com processos mais tardios.

Esse panorama se articula bem com a visão de que a percepção linguística se divide em níveis de consciência por meio de processos cognitivos distintos, a saber: perceber, reconhecer e compreender – conforme tradução proposta por Freitag (2020) dos termos *perceiving*, *noticing* e *understanding*, como na proposta de Squires (2016) e Drager e Kirtley (2016). Para destrinchar quais mecanismos subjazem a esses processos e como atuam no processamento de variação, bem como qual o nível de consciência determinadas variantes engajam e por quê, é importante que diferentes métodos sejam aplicados de modo complementar. Tradicionalmente, a psicolinguística tem dividido as medidas de comportamento em categorias *online* e *offline*, sendo a primeira uma reflexão de processos que atuam no momento de processamento do dado linguístico, enquanto a segunda reflete processos posteriores a esse processamento. Assim, um teste de julgamento de aceitabilidade (*offline*) pode seguir uma tarefa de leitura automonitorada (*offline*). Porém, com o entendimento de desdobramentos de níveis cognitivos envolvidos no processamento de variação, podemos reinterpretar as medidas *online* e *offline* de acordo com uma nova perspectiva: medidas *offline* capturam, mais provavelmente, efeitos de *noticing* e *understanding*; enquanto medidas *online* podem capturar modulações de *perceiving* e *noticing*. Além de aproveitar o aparato técnico que permite a coleta de diversos tipos de respostas comportamentais como tempos de leitura ou escuta, acurácia, seleção, tempos de fixação e regressão de olhares, a psicolinguística contribui com um leque de paradigmas

experimentais e tarefas destinadas a explorar – de maneira implícita – os fenômenos cognitivos reveladores do processamento e representação linguística. Vários efeitos estabelecidos na literatura permitem sondar o processamento. Por exemplo, o efeito de *priming* (o efeito facilitador da apresentação de uma forma linguística sobre a ativação de um estímulo apresentado logo em seguida) foi aproveitado por Tamminga (2016) para investigar o fenômeno de persistência abstrata (a tendência de repetir uma variante recentemente usada na fala) no caso de variantes como *workin'* e *ol'* (vs. *working* e *old*) no inglês estadunidense. O efeito de *filled gap* (preenchimento inesperado com material linguístico em uma posição de dependência estrutural à distância) foi eliciado por Augusto *et al.* (2020) para examinar o processamento de pronomes resumptivos em orações relativas de objeto em PB. E o efeito de habituação (o engajamento cognitivo reduzido ou facilitado devido à repetição de um determinado estímulo) foi empregado para estudar aquisição de variantes fonéticas em bebês no inglês australiano (KITAMURA *et al.*, 2013). Elementar às correlações estabelecidas entre comportamento e funcionamento cognitivo é a noção de carga cognitiva: tempos mais rápidos ou maiores índices de acurácia indicam facilitação, ou do contrário, tempos mais lentos e menor acurácia, inibição ou dificuldade. O custo ou facilitação, por sua vez, refletiria um status representacional maior ou menor, ou a ingerência ou não de processos cognitivos como monitoramento, controle, memória, atenção, complexidade estrutural, etc. (MAIA, 2015; MARCILESE, 2022; SOTO; ALMEIDA, 2021; TAMMINGA *et al.*, 2016.).

Neste dossiê, por exemplo, o estudo de Almeida mostra, em uma tarefa de julgamento de aceitabilidade, que seus participantes se dividiram em dois grupos, um mais tolerante e outro com maior rejeição quanto ao padrão não redundante da concordância verbal. Contudo, o comportamento dos grupos em termos de percepção foi igual: em uma tarefa de leitura automonitorada, medidas mais *online* de tempos de leitura maiores para essa variante mostraram o maior custo na percepção, enquanto o efeito de *priming* (i.e., uma redução paulatina desse custo a partir da repetição da forma não redundante) foi interpretado como reflexo do status gramatical dessa variante. Esse exemplo serve de ilustração de como o arsenal de paradigmas experimentais diversos, prática da psicolinguística, aliado a uma caracterização profunda do fenômeno variante, bem como a conceituação da interpretação do valor

social das formas linguísticas, advindas da literatura sociolinguística, poderiam contribuir para a formulação de um modelo cognitivo viável do processamento da variação capaz de explicar de que maneira os níveis de percepção se desdobram e se influenciam no tempo real do processamento, além de prever como aspectos linguísticos e extralinguísticos se integram com componentes cognitivos relevantes.

Nessa direção, uma interface com a sociolinguística pode possibilitar a expansão da compreensão do processamento. A dimensão probabilística do sistema linguístico, com abordagens baseadas em frequências, é uma premissa compartilhada por ambas as áreas. Mas, enquanto a sociolinguística busca situações autênticas de uso, o rigor experimental da psicolinguística, em princípio, impõe restrições que reduzem a espontaneidade e a autenticidade das situações envolvidas, o que tem demandado das pesquisas que se aventuram nessa interface esforços para garantir situações experimentais ecologicamente corretas.

Ainda no campo das aproximações, a sociolinguística, quando associada a uma perspectiva cognitiva-funcional, não necessariamente problematiza os eixos representação-processamento, por assumir que o conhecimento linguístico se constitui de rotinas de processamento já consolidadas. No entanto, ao observar as pistas de superfície, como a frequência de uso de uma variante ou o seu grau de saliência, as abordagens sociolinguísticas adicionam um componente extra ao estudo do processamento, que é o efeito da dinâmica social, adicionando como variável os efeitos ecológicos ao processamento.

Assim como os efeitos de *priming*, controlados via paralelismo formal, a própria frequência dos itens é um parâmetro de processamento. Do mesmo modo, a saliência, controlada em alguns fenômenos variáveis em escalas, torna-se outra pista de processamento em estudos de produção linguística. Os estudos de interface entre a sociolinguística e a psicolinguística partem, inicialmente, de interesses de convergência, em especial para lidar com o que a sociolinguística trata como percepção, envolvendo os níveis de consciência da variação, a sua relação com a gramática e interfaces cognitivas, sociais e emocionais, mas podem ampliar seu escopo para questões teóricas sobre o que é percepção e o que é processamento, bem como podem contribuir para o aprimoramento dos estudos de produção sociolinguística.

Em suma, em tempos de avanços tecnológicos e de modelos integrativos, a interface das abordagens busca, em sentido mais amplo, a descrição de modelo cognitivo viável de processamento, incluindo

fatores contextuais. Os avanços das áreas que estudam a variação e o processamento, individualmente, dão pistas de que essa interface se faz necessária para ampliar a compreensão do fenômeno da linguagem em um nível mais amplo. No entanto, o desafio de implementar empiricamente esse tipo de abordagem ainda esbarra em barreiras metodológicas e dificuldades de articulação teórica. Talvez estejamos em um momento “bóson de Higgs” da linguística: somos capazes de visualizar e teorizar sobre esse tipo de interface, mas ainda não temos recursos para executar a demonstração, em função das restrições teóricas e metodológicas. A proposta deste dossiê é reunir contribuições que possam dar um pequeno passo rumo à demonstração do processamento da variação linguística.

Neste volume, reunimos 14 artigos que se detêm sobre o tema processamento da variação linguística. As contribuições desses estudos ao campo de interface ampliam o arcabouço de medidas e desenhos experimentais, bem como lançam perspectivas de novas frentes de abordagem.

2 Medidas exploradas no processamento (e métodos/paradigmas experimentais)

Para o estudo do processamento da variação linguística, a literatura aponta já um conjunto de métodos diversificados, mais tradicionais, como a medida de tempo de leitura e de resposta, a precisão e frequência das formas de uso (ZUNINO; STETIE, 2021) em tarefas de julgamento de aceitabilidade e compreensão oracional (OLIVEIRA; LOPES; CARVALHO, 2016; ZUNINO; STETIE, 2022; ZUNINO, 2023), leitura automonitorada (OLIVEIRA, 2020; SQUIRES, 2016), percepção (ARAUJO; SENE, 2023; MENDES, 2019; SENE, 2022;), reações subjetivas no nível morfossintático (ARAUJO; MENDONÇA; 2019; BERLINCK; BRANDÃO; SENE, 2020; GOMES; SILVA; ABREU, 2022; MENDONÇA; ARAUJO, 2019) e no nível fonológico (ARAUJO; BORGES, 2018; MENDONÇA; BORGES, 2019), produção eliciada (AMARAL; GOMES, 2022; GOMES; MANOEL, 2010; MELO; GOMES, 2019), leitura em voz alta (FREITAG, 2020b, 2021; MACHADO; FREITAG, 2019,), monitor sociolinguístico (FREITAG, 2020a). Outros métodos envolvem recursos tecnológicos mais avançados e específicos, tais como teste de leitura e rastreamento ocular (ALVES, 2017; OLIVEIRA, 2020), mapeamento de expressões faciais (FREITAG,

et al. 2020) e dilatação da pupila (FREITAG, *et al.*, 2021). Essa lista não é exaustiva; porém, independentemente do método utilizado, o mais importante é conciliar as premissas de cada uma das áreas e constituir um desenho experimental consistente e ecologicamente correto.

O desenho experimental para estudos de processamento da variação linguística não é tarefa simples, pois envolve, em princípio, um paradoxo que é decorrente das premissas das áreas envolvidas: a autenticidade dos dados da sociolinguística e o controle experimental da psicolinguística. Equacionar em uma tarefa experimental esses dois fatores requer engenhosidade para produzir situações ecologicamente corretas, que minimizem as influências intervenientes, mas, ao mesmo tempo, garantam a autenticidade e espontaneidade da participação. Gomes e Melo, em artigo publicado neste volume intitulado **Processamento da variação sociolinguística: considerações sobre questões teóricas e metodológicas para a pesquisa experimental**, apresentam um panorama de métodos e abordagens identificados em diversos estudos experimentais. Em linhas gerais, estudos de processamento da variação têm se valido da frequência de recorrência de um dado fenômeno, aliado a uma medida de esforço, como o tempo de reação à resposta, ou a uma medida de reação subjetiva com escalas de julgamento.

3 Processamento morfossintático: percepção ou compreensão

Uma questão importante no campo do processamento da variação linguística é a dimensão cognitiva mobilizada para lidar com o fato: falantes percebem variantes ou é acionado o mecanismo da compreensão? Estudos sociolinguísticos costumam denominar estudos que lidam com o dado empírico produzido por falantes como estudos de produção linguística, e estudos que consideram reações subjetivas face a fenômenos variáveis são denominados de estudos de percepção. No campo dos estudos sociofonéticos, a percepção é bem estabelecida e parece fazer sentido no modelo de língua e nível de análise do traço que são característicos dessa interface; o mesmo não se pode dizer quando o traço variável em observação expande o limite da fonologia. Traços morfossintáticos, a variação de pronomes como *nós* e *a gente*, ou *tu* e *você*, são percebidos ou são compreendidos? Essa discussão não costuma ser levantada nos estudos ditos de produção. Os resultados de estudos que compõem este dossiê e que tiveram como foco variáveis morfossintáticas podem contribuir para ampliar o entendimento desta questão.

No português brasileiro, o estudo da concordância tem se mostrado bastante produtivo. Desde a década de 1970, tanto a variação da concordância verbal quanto a nominal tem sido objeto de estudos sociolinguísticos (ARAUJO; FREITAG, 2021; BRAGA, 1977; LEMLE; NARO, 1977; MENDES; OUSHIRO, 2015; OUSHIRO; GUY, 2015; SCHERRE, 1978; VIEIRA, 2015). Mais recentemente, a psicolinguística tem se debruçado sobre o impacto das variantes no processamento e na aquisição do português brasileiro. Assim, ampliou-se a visão sobre esse fenômeno, distanciando-se de uma perspectiva que delega esse assunto quase que exclusivamente a questões de desempenho (como é o caso de “erro de atração” para dependências estruturais à longa distância, por exemplo (RODRIGUES; CORRÊA; AUGUSTO, 2008)). Neste volume, no seu artigo **Aquisição da linguagem, variação linguística e desenvolvimento sociolinguístico**, Marcilese, Name, Azalim e Molina discutem como o desenvolvimento sociolinguístico de crianças se dá quando há variantes de concordância nominal e verbal nos dados primários. A partir de uma série de estudos psicolinguísticos pioneiros desse grupo (AZALIN *et al.*, 2018; AZALIM; MARCILESE; ARMELIN, 2020; MARCILESE *et al.*, 2017; MARCILESE *et al.*, 2019; MOLINA; MARCILESE; NAME, 2017;), elas analisam que a relação entre a presença de variação no insumo e a produção da mesma pelas crianças não é linear, destacando a influência de escola e seu efeito normativizador, além da identidade do interlocutor. Ademais, elas mostram como os métodos de coleta e dinâmicas de interação influenciam a variante observada, do modo que a variante não redundante foi mais frequente quando a criança interage com outra criança do que com adulto, e em mais em contextos naturalísticos do que em contextos experimentais avaliativos, por exemplo.

Os estudos de Almeida e de Scher e Sampaio, neste volume, também abordam a variação na concordância, sendo a primeira na compreensão, e a segunda na produção. Em **Não chame de erro o que a linguística chama variação: processamento de variação linguística de agramaticalidade no âmbito da concordância verbal variável**, Almeida aplica um experimento de leitura automonitorada a participantes universitários cariocas. Pela ocorrência múltipla de verbos na 3ª pessoa do plural, o autor investiga se há efeitos de *priming* que afetam variantes redundantes e não redundantes de maneira distinta de uma condição que apresenta concordância agramatical. Os resultados sugerem que,

independentemente da avaliação da aceitabilidade de cada variante dos participantes, os custos de processamento da concordância não redundante são amenizados por efeitos de *priming*, aproximando-se à concordância redundante, enquanto a condição agramatical requer um esforço cognitivo maior. Dessa forma, o estudo mostra a importância de comparar como diferentes níveis de processamento, de percepção a reconhecimento de variantes, já que refletem aspectos cognitivos sutilmente distintos. O estudo de Scher e Sampaio neste volume, **O processamento da concordância não redundante no português brasileiro**, inclui concordância verbal e nominal ao apresentar a participantes universitários sentenças curtas em que as marcas morfológicas de plural explícitas podiam estar presentes em todos os elementos de sujeito (determinante e substantivo) e pseudoverbo, ou apenas no determinante. A tarefa de repetir o estímulo ouvido resultou em uma tendência levemente maior de participantes modificarem sentenças com concordância não redundante para uma concordância do tipo redundante, principalmente no âmbito do substantivo, o que aparentemente não gerou um tempo adicional de processamento. Os autores ainda fazem algumas reflexões valiosas sobre questões metodológicas ao questionar os efeitos de uma tarefa de repetição eliciada, que mistura processos de compreensão (do estímulo a ser repetido) com produção; também comentam como uso de pseudopalavras pode engajar processos estratégicos específicos, o que poderia deixar em dúvida o quanto o comportamento observado (por exemplo, a maior preferência de modificar o substantivo comparado ao verbo) pode ser generalizado para o uso real.

Na sociolinguística, tem sido argumentado que variáveis morfossintáticas são menos perceptíveis como marcadores sociais em comparação às fonético-fonológicas (ECKERT; LABOV, 2017). Alguns estudos apresentados neste volume se dedicam a ampliar o entendimento sobre como a saliência de certas variantes morfossintáticas, e como elas são percebidas pelos usuários em níveis de consciência diferentes. Em **Falantes (não) têm consciência da variação morfossintática**, Siqueira, neste volume, apresenta aos participantes sentenças escritas contendo estruturas com e sem presença de artigo definido em dois contextos sintáticos, antes de pronomes possessivos (o ~ Ø nosso carro) e antes de antropônimos (o ~ Ø Pedro). O objetivo do estudo era verificar se falantes de diversas regiões do Brasil eram afetados pela presença das variantes na tarefa de detectar se duas sentenças apresentadas uma após a

outra eram iguais ou diferentes. O resultado mostrou que os participantes gastaram mais tempo nos pares de sentenças diferentes, o que indica que os diferentes padrões afetaram em algum nível o processamento. Porém, os participantes nem sempre eram bem sucedidos em detectar a diferença, o que sugere que nem sempre a presença de variante é percebida em um nível mais consciente. Ademais, o contexto de antropônimos mostrou um contraste maior entre pares de sentenças iguais e diferentes, o que sugere que esse contexto é mais saliente e, conseqüentemente, mais percebido pelos falantes, independente do fator geográfico.

Esse achado evidencia que a presença de variantes na gramática internalizada de falantes se manifesta em reflexos no processamento, os quais não necessariamente se traduzem em uma consciência social ou até metaconhecimento sobre essas variantes ou vice-versa. No caso do estudo de Siqueira, bem como aqueles mencionados anteriormente, a tarefa experimental explícita (i.e., detectar diferenças entre sentenças) diverge do objetivo implícito (i.e., verificar percepção da variante morfossintática) a fim de trazer esses níveis de processamento à tona. Além disso, destaca-se a necessidade de investigar se os fatores linguísticos e sociais que se mostraram descritivamente relevantes são os mesmos fatores que impactam o processamento cognitivo da variabilidade, e caso sim, de que modo. Para tanto, é essencial ampliar métodos experimentais e o entendimento pleno de o que exatamente uma determinada configuração experimental (tarefa, estímulos, procedimentos, etc.) pode revelar sobre os processos cognitivos subjacentes e os níveis e natureza de conhecimento envolvidos.

Neste sentido, o estudo publicado neste volume, **A realização de artigo feminino diante de antropônimo masculino: uma análise sociolinguística sobre o sentimento de inclusão de universitários recifenses**, de Pereira e Silva, investiga desdobramentos do mesmo fenômeno quanto às atitudes linguísticas em relação ao uso de artigo antes de antropônimos, adicionando uma variante emergindo recentemente: a combinação do artigo definido feminino diante um antropônimo masculino (*a João*). Definindo as atitudes linguísticas como “qualquer índice cognitivo ou comportamental de reações avaliativas em direção às variedades diferentes de língua ou de seus falantes” (RYAN; GILES; SEBASTIAN, 1982, p. 7), os autores coletaram julgamentos de dois grupos universitários, pertencentes ou não à comunidade LLGBT+, numa escala de Likert, sobre a sensação de inclusão que suscita a forma do tipo *a João* perante as outras variantes (\emptyset *João*, *o João*). O

resultado mostra como a avaliação do valor social de inclusão da forma emergente é determinada pelo pertencimento ao grupo LLGBT+. No entanto, os grupos não distinguem nesse quesito entre as variantes do tipo \emptyset *João* ~ *o João*, o que parece confirmar a relativa pouca saliência no processamento dessas variantes evidenciada pelo estudo de Siqueira também incluído neste volume. Outro estudo neste volume que aborda os efeitos morfossintáticos e como são percebidos de modo diferente a depender dos perfis sociolinguísticos dos usuários é aquele apresentado em **Diversidad de género y variación lingüística en el español de América: procesamiento de estereotipos y morfología de género en Argentina y Chile**, de Stetie, Rebolledo e Zunino que, para além das questões de processamento, apresentam um panorama bastante elucidativo da linguagem inclusiva em geral, em especial no espanhol.

A emergência de marcas não binárias de gênero em prol de uma linguagem inclusiva tem sido um fenômeno translinguístico, com diferentes manifestações, em diferentes línguas. Stetie, Rebolledo e Zunino ampliam a discussão para avaliar o efeito de diferentes comunidades linguísticas de uma mesma língua, no caso o espanhol. No espanhol, o morfema não binário [-e] tem sido a forma mais produtiva, embora outras formas com a mesma função também ocorram, como -@, -x e -i. No cenário sul-americano, Chile e Argentina são os países onde estas formas estão mais difundidas; ainda, Argentina conta com materiais didáticos e manuais institucionais para o uso de linguagem inclusiva de gênero. Apesar disso, a recorrência das formas na linguagem usual ainda é bastante restrita e limitada para um estudo observacional, o que leva as autoras a proporem um estudo experimental com uma tarefa de leitura para avaliar o processamento da marca não binária. O tempo de resposta na tarefa foi considerado como variável, apontando para diferentes padrões de desempenho entre as duas comunidades linguísticas. Os resultados são interpretados com cautela pelas autoras: a diferença entre as duas comunidades linguísticas aponta para a importância de se considerar a variação dialetal em estudos psicolinguísticos, na direção do processamento da variação linguística que estamos defendendo neste volume. Por outro lado, Stetie, Rebolledo e Zunino destacam que os diferentes padrões de leitura poderiam ser explicados por processos encaixados, como a semântica lexical ou integração semântica no nível da frase. Mas, independentemente das limitações identificadas na tarefa experimental, o resultado mais importante é que, empiricamente, a forma

não binária [-e] parece funcionar como um genérico e não sobrecarrega o processamento em falantes de espanhol da Argentina e do Chile. Esse é um argumento importante para a discussão sobre a emergência de marcas não binárias de gênero em outras línguas e em outras comunidades linguísticas, como no Brasil (retomamos este ponto mais à frente, quando tratarmos de atitudes e ideologias linguísticas).

Na sociolinguística, a influência do contato linguístico sobre a emergência de variantes linguísticas é bem documentada, desde o estudo pioneiro de Sankoff e Brown (1976) no tok-pisin. No entanto, o estudo de Augusto e Orlando neste volume, intitulado **Aceitabilidade e produção de preposições órfãs em orações relativas no português brasileiro: comparando falantes de PB e bilíngues português-inglês** mostra que inclusive o contato com língua adicional no contexto de instrução formal pode favorecer a aceitabilidade de variantes linguísticas inovadoras na língua materna. Isso é o caso da preposição órfã em orações relativas (*Este é o filme que o diretor falou sobre*) que no PB é uma variante não padrão, enquanto no inglês é a padrão. Os resultados de uma tarefa de julgamento de aceitabilidade com escala *Likert* indicaram que o grupo de universitários cariocas cursando a habilitação Língua Inglesa do curso de Letras acolhe mais sentenças com essa variante no PB comparado ao grupo com pouco ou nenhum contato com a língua inglesa. Porém, essa aceitabilidade interage com características do uso no PB que permitem essa estrutura com um conjunto restrito de preposições, mais propensas ao isolamento, a saber, aquelas que não se fundem com marcas morfológicas de gênero e número (*sobre, com vs. da/o(s), na/o(s)*). Ou seja, são justamente aquelas variantes presentes no PB que eliciam maior aceitabilidade. Contudo, não houve diferença entre grupos na tarefa de produção eliciada, em que ambos produziram preposições órfãs, quase que exclusivamente com preposições mais propensas ao isolamento (nesse caso, com taxa maior de 50%). Por um lado, esse estudo mostra que a influência interlinguística nesse caso se restringe a um efeito de atitude perante a variante, sem efetuar modificações evidentes no uso; por outro lado, atitudes de maior aceitabilidade são catalisadores para a consolidação de mudanças linguísticas. Ainda, considerando o prestígio social associado à língua inglesa, de modo geral, isso pode gerar atitudes positivas em relação a essa variante não padrão no PB, aumentando a probabilidade do seu uso ao longo prazo neste grupo. Um complemento futuro desse estudo poderia ser a comparação entre os dois grupos quanto à compreensão dessa variante com medidas mais

implícitas e mais *online*. De forma mais ampla, esse estudo aponta para o potencial das medidas de processamento (de compreensão e produção), refletindo custo cognitivo ou índice de produtividade, por exemplo, como possíveis preditores de mudança linguística.

Os resultados desses estudos trazem evidências de que, no nível morfossintático, os processos cognitivos flagrados não parecem ser do nível de percepção, e sim, de compreensão, dado que o processamento do traço morfossintático mobiliza interação com outros níveis da gramática e por vezes desencadeia mudanças encaixadas. Encaixadas também são as variáveis externas que influenciam no processamento; para além das categorizações sociais que caracterizam identidade de falantes, o contexto também interfere no modo como variantes são processadas; neste dossiê, dois estudos mobilizam recursos multimodais para o estudo do processamento da variação linguística.

4 Multimodalidade envolvida no processamento: dados ecologicamente corretos

Gomes e Melo, neste volume, evocam o “princípio de causas múltiplas” de Young e Bayley (1996), que reconhece que diversas são as variáveis contextuais que interagem na realização de um fenômeno linguístico variável, de tal modo que é improvável que uma única variável seja o bastante para explicar a variabilidade dos dados. O reconhecimento da variabilidade contrasta com a limitação metodológica, que impõe uma seleção de variáveis para serem testadas e controladas. Esse é um paradoxo já reconhecido na sociolinguística, e que se torna um desafio ainda maior nas abordagens experimentais, tais como as que se referem as que são objeto de estudos sobre o processamento da variação linguística.

Mesmo nos estudos observacionais, a abordagem sociolinguística costuma restringir variáveis: em fenômenos variáveis no nível morfossintático, por exemplo, raras são as variáveis controladas que saem do limite textual, deixando de lado, por exemplo, a prosódia. Na resolução de ambiguidades em sentenças, pistas como o acento e pausa podem auxiliar no processo de desambiguação; é o que mostram Almeida, Oliveira Jr. e Cozijn (2021) ao estudar o efeito destas pistas na resolução de ambiguidade global em sentenças do tipo SN1 - V - SN2 - Advérbio de lugar - Advérbio de intensidade (bastante) - Atributo (*O guitarrista recebeu o baterista no quarto bastante drogado*). A inclusão

de informações para além da pista textual é a proposta de Cardoso em **Speech, hand and facial gestures: a proposal of a multimodal approach to describe negative structures with não in Brazilian Portuguese**, neste volume. A negação sentencial no português brasileiro, com as realizações pré-verbal, pós-verbal e dupla negação, tem sido tratada, por um lado, como um caso de regra variável, considerando as pistas decorrentes dos padrões associados ao comportamento de cada variante quanto a variáveis estruturais (FURTADO DA CUNHA, 2001, entre outros), enquanto outras abordagens consideram aspectos pragmáticos do fluxo informacional e preservação de faces (SCHWENTER, 2005, entre outros). Cardoso, neste volume, propõe adicionar mais um nível de variáveis à expressão da negação sentencial no português brasileiro, com o controle de recursos corporificados: os gestos manuais e faciais. Recursos corporificados não são objetos de manipulação consciente e contribuem para a construção do sentido na interação, com papel gramatical, como defendem Freitag, Cruz e Nascimento (2020). Na interação, os recursos corporificados constroem sequências, que marcam a alternância de turnos. Assim, recursos corporificados são utilizados para a construção de turnos, e para a construção de unidades maiores, e essas estruturas têm funcionamento gramatical emergente dentro dos fluxos multimodais de interação.

Com essa proposta, o processamento da variação linguística se aproxima mais da realidade ecológica dos dados autênticos, demandando, por outro lado, um rigor metodológico ainda maior, tanto na seleção e categorização dos dados, como no tratamento estatístico, com uma proposta de análise multinível (FREITAG; CARDOSO; TEJADA, 2022).

A busca pela inclusão de mais variáveis, análise multinível na produção, precisa de contraparte nos estudos experimentais. Na construção de situações experimentais ecologicamente consistentes, Tesch e Farias, em **A percepção sobre as formas de imperativo a partir dos quadrinhos da Turma da Mônica Jovem e Chico Bento Moço**, valem-se de uma estratégia engenhosa: construir situações para tarefas experimentais com histórias em quadrinhos. Certos fenômenos variáveis são relativamente difíceis de serem obtidos de maneira espontânea, mesmo com grandes volumes de dados. Formas morfossintáticas mais raras, geralmente, demandam estratégias metodológicas diferenciadas para serem obtidas de modo espontâneo e autêntico, mesmo em estudos de produção sociolinguística. Quadrinhos vêm sendo utilizados como

uma fonte de dados para estudos de produção sociolinguística, inclusive para o fenômeno em estudo pelas autoras, a variação no imperativo (SCHERRE, 2004). Do ponto de vista da percepção, Tesch e Farias estudam a variação no imperativo com um instrumento multimodal, construído com excertos das histórias em quadrinhos *Turma da Mônica Jovem* e *Chico Bento Moço*, o que garante mais contexto ao participante, além de simular uma situação mais verossímil do que o julgamento de frases soltas e sem contexto. Mais, a construção da situação de uso avaliada pelos participantes da tarefa envolve não só a seleção entre morfologia de indicativo e de subjuntivo para expressar o imperativo, mas todos os demais traços manipulados para a construção da personagem Chico Bento, por exemplo, com seus traços fonológicos variáveis e estigmatizados que são representados na escrita.

Embora o estudo de Tesch e Faria tenha como objetivo tratar da percepção da variação linguística das formas indicativas e subjuntivas na expressão do imperativo no português brasileiro (na seção anterior levantamos a discussão sobre aderência de percepção ou de compreensão para níveis para além da fonologia), podemos prospectar desdobramentos decorrentes dos resultados. As autoras constataram maior associação da forma indicativa às personagens apresentadas nos recortes das histórias em quadrinhos, e também em relação às formas empregadas no dia a dia pelos participantes em uma tarefa de *self-reporting*. Os resultados seguem a tendência identificada em estudos observacionais das frequências, de que a forma do indicativo é mais frequente. Os resultados também mostram os efeitos dos condicionamentos linguísticos, discursivos, sociais e pragmáticos já constatados em estudos de produção atuando na mesma direção no estudo proposto, o que pode, ao mesmo tempo que sugere a estabilidade dos condicionamentos no fenômeno, sugerir também a validade ecológica da tarefa experimental. Por outro lado, participantes, de modo geral, não demonstraram consciência quanto à variação no uso entre a forma indicativa e subjuntiva em orações com o imperativo, e, dentre aqueles que demonstraram, associaram a forma subjuntiva à ordem mais grosseira, incisiva e formal, enquanto a indicativa, a pedido e informalidade. Tais resultados sinalizam a necessidade de desenvolvimento de mais instrumentos ecologicamente consistentes para outros estudos, atrelados ao *self-reporting*.²

² Neste estudo, o tratamento estatístico foi apenas descritivo; uma análise inferencial e multivariada poderia ampliar o poder explanatório do fenômeno.

5 Tabu como contexto saliente

O controle do tempo de reação é uma medida online indireta associada à carga de esforço cognitivo e atenção, funcionando como uma pista atencional do processamento nas abordagens da psicolinguística. Em estudos de natureza experimental na sociolinguística, essa medida tem sido incluída, em especial nas tarefas de associação implícita (CAMPBELL-KIBLER, 2012; D'ONOFRIO, 2018), ou em testes de julgamento (CASASANTO, 2009; FREITAG et al., 2020, 2021; FREITAG, 2020a; LEVON; BUCHSTALLER; MEARN, 2020). As variantes com maior distância em relação ao padrão que é esperado em determinada situação costumam apresentar maior demanda de tempo de resposta. Uma das intercorrências nos estudos que consideram o tempo de resposta como medida na variação linguística é a caracterização do que é e não é esperado no contexto, na direção do que temos salientado quanto à importância de dados ecologicamente consistentes.

Um campo potencialmente interessante para se testar o efeito do tempo de reação nas respostas é o das palavras tabus ou dos palavrões. Palavras tabu são mais memoráveis e complexas de processar, e são percebidas como ofensivas e socialmente inapropriadas. Nessa direção, **Uma análise psico e sociolinguística das propriedades dimensionais das palavras tabu no português carioca**, de Silva-Nasser, neste volume, avança significativamente ao investigar, quanto às dimensões afetivas, o que diferencia o processamento de palavras tabu de outras palavras emocionais, constituindo uma base de referência quanto às atitudes. Em estudo com jovens universitários, Silva-Nasser testou o efeito de gênero, religiosidade, costume de uso, tolerância a palavrão na família e propensão à ofensa na percepção de palavras tabu entre o grupo. Na primeira etapa, o estudo teve como objetivo estabelecer os parâmetros de julgamento dos itens quanto ao tipo de palavra (positiva, neutra, negativa, tabu). Na segunda etapa, foi testado o efeito das características psicossociais sobre os julgamentos sobre as palavras tabu.

A religiosidade foi um fator importante na percepção de palavrões, com pessoas mais religiosas apresentando menor probabilidade de usá-los. Além disso, a influência da tolerância da família foi observada, com menor tolerância correlacionando-se com julgamentos de menor uso e familiaridade. A autora conclui que a percepção de palavra tabu é um fenômeno multidimensional que deve ser considerado tanto do ponto

de vista sociolinguístico quanto psico e neurolinguístico. Os resultados quanto ao processamento das palavras tabu podem servir de valor de base para medidas de tempo de reação em contextos de maior monitoramento.

Enquanto Silva-Nasser toma palavrões como objeto para uma abordagem experimental e acessando o inconsciente coletivo de uma comunidade de fala, Menezes, em artigo neste volume intitulado **Consciência sociolinguística no uso de palavrões em uma obra literária**, segue uma abordagem observacional, acessando o inconsciente individual, ao analisar o uso de palavrões em duas versões de uma mesma obra literária, uma versão manuscrita do autor e a versão publicada. Além da frequência de uso dos palavrões nas duas versões da obra refletindo o grau de monitoramento, com significativa diminuição e/ou retirada de palavrões na versão publicada da obra, substituindo-os por lexias menos estigmatizadas, sugerindo a busca por uma polidez linguística para se aproximar do público leitor. Menezes também busca apoio na abordagem de *language regard*, ao observar os comentários metalinguísticos do autor na sua obra, com juízos valorativos de estigma acerca do uso de palavrões nos diálogos das personagens, evidenciando sua consciência sociolinguística. Os resultados deste estudo contribuem para a ampliação metodológica dos estudos sobre o processamento da variação linguística, evidenciando que efeitos do monitoramento linguístico podem ser observados não só em corpora orais, mas também no texto literário, como evidenciado por Menezes, e também na estratégia experimental proposta por Tesch e Farias com o uso de quadrinhos para a construção de instrumentos de julgamento linguístico de variantes.

6 Atitudes, ideologias e o processamento

No escopo do *language regard* (PRESTON, 2017), contribuições de abordagens que seguem antropologia linguística permitem ampliar a compreensão do processamento da variação linguística, na medida em que as atitudes e as crenças sobre a língua não são isoladas ou estanque, mas sim reflexo de ideologias padronizadas e sistemáticas compartilhadas em culturas e em comunidades de fala. Podemos observar essa abordagem em dois estudos que compõem este dossiê, um sobre línguas sinalizadas e outro sobre estrangeirismos, além dos resultados do estudo de Stetie, Rebolledo e Zunino.

Como vimos, a forma não binária [-e] não sobrecarrega o processamento para falantes de espanhol da Argentina e do Chile. Stetie, Rebolledo e Zunino explicam que as diferenças quanto às duas variedades de espanhol estão ligadas às estratégias de linguagem (não) inclusivas de gênero usadas em cada comunidades, já que o uso de formas não binárias como estratégia de linguagem inclusiva de gênero parece ser bastante difundido na Argentina, mas não tanto no Chile. As autoras destacam a existência de materiais na Argentina, e guias institucionais para o uso, o que não ocorre no Chile. A circulação de ideologias por meio de políticas declaradas em prol de linguagem inclusiva, tais como na Argentina, tem um efeito normatizador que interfere no uso; por outro lado, também pode estimular o efeito contrário, com a proposição de instrumentos contrários e punitivos ao uso, cenário semelhante ao que ocorre no Brasil, em que as formas de expressão de não binarismo são alvos de projetos de lei que visam a proibição do uso e a punição dos usuários (FREITAG, 2022). Não há, como atestam Stetie, Rebolledo e Zunino, evidência empírica de que a forma [-e] prejudique a compreensão; no entanto, a base da argumentação da propositura desses projetos de lei é a dificuldade de compreensão e os prejuízos às pessoas menos escolarizadas. Esse argumento é o mesmo que reverbera em ações contrárias aos estrangeirismos.

Em **Ideologias subjacentes aos estrangeirismos e a consciência sociolinguística**, Faria, neste volume, investiga as ideologias linguísticas subjacentes à percepção dos estrangeirismos no Brasil, por meio de um estudo de tratamento societal, tendo como amostra produções multimodais que circulam em redes sociais brasileiras. Este estudo é particularmente interessante para demonstrar as forças sociais atuando na conformação da consciência sociolinguística coletiva da comunidade de fala. Estrangeirismos são vistos, em manuais e gramáticas mais conservadores, como vícios de linguagem e erros a serem corrigidos. Essas lições gramaticais, ainda que não encontrem subsídios em políticas educacionais, reverberam no imaginário popular ciclicamente, por meio de ideologias voltadas para o purismo da língua.

Faria evidencia a ciclicidade das ideologias puristas por meio de iniciativas de intervenções políticas sobre a língua, como o Projeto de Lei 1676/1999 que visava proibir os estrangeirismos, em especial os anglicismos, com a justificativa de que eles apresentavam uma ameaça à identidade nacional e eram lesivos à língua. Dez anos depois, outra iniciativa semelhante, dessa vez em âmbito estadual, foi o Projeto de Lei

156/2009, que obrigava a tradução de qualquer expressão estrangeira que possuísse equivalente em língua portuguesa no estado do Rio Grande do Sul. A temática dos estrangeirismos segue inspirando iniciativas legislativas, recentemente, com o Projeto de Lei 5632/2020, que objetiva proibir nomear empresas brasileiras com expressões em língua estrangeira com a justificativa de que o nome estrangeiro pode causar constrangimentos. Assim como a matéria sobre o livro didático de língua portuguesa que tratava da variação na concordância, esses os projetos de lei tiveram grande repercussão social, chamando a atenção para a natureza ambivalente dos estrangeirismos, ao dividir opiniões: de um lado estavam aqueles que não viam problema na presença dos estrangeirismos, do outro, os que achavam a iniciativa dos PL mais do que necessária. Em seu estudo, Faria identificou ideologias linguísticas comuns nos materiais analisados em relação ao uso de estrangeirismos anglófonos. A análise das regularidades pode ajudar a entender a relação dos falantes com a língua e sua consciência sociolinguística. O fato de falantes conseguirem diferenciar entre empréstimos e termos vernaculares e rotulá-los como estrangeirismos é uma prova de sua consciência sociolinguística, que é demonstrada através de julgamentos sociais. Quando falantes optam pelo uso de estrangeirismos em vez de itens vernaculares, eles sinalizam reconhecer que os significados sociais e estilísticos são diferentes, sugerindo não só que falantes têm consciência das formas variáveis da língua, mas também que reconhecem que essas formas estão associadas a contextos e significados sociais específicos.

O padrão identificado nas ideologias associadas aos estrangeirismos anglófonos que circulam nas redes sociais brasileiras, de certo modo, é identificado também em outras línguas e regiões; é o caso das atitudes e ideologias linguísticas das pessoas surdas que utilizam a língua de sinais espanhola (LSE) e a percepção e reconhecimento da existência de variação nesta língua.

Dois extremos: o contraste entre língua oral e língua sinalizada, e a existência de variação na língua sinalizada. Se a existência de variação linguística em uma língua oral ainda não é bem avaliada socialmente, tal como no exemplo sobre o livro didático que apresentamos no início deste texto, é de supor que, em línguas sinalizadas não seja diferente, possivelmente agravada pelo status mais frágil de línguas minoritárias. É o que identificam Bao Fente e Báez Montero, em **Actitudes y políticas lingüísticas en la Lengua de Signos Española: creencias de**

las personas sordas ante la variación en su lengua, publicado neste volume. Buscando acessar por meio de instrumento de julgamento de atitudes qual variedade de língua consideram mais correta, como valorizam a influência da língua oral de contato e como percebem as mudanças e variações linguísticas, as autoras constatam que, apesar das características sociolinguísticas especiais da LSE (não oral, associada à deficiência e ágrafa), essa língua não deixa de sofrer preconceitos linguísticos comuns a línguas oficiais minoritárias e minorizadas.

Na busca por dados ecologicamente corretos, a mobilização do contexto mais amplo, no nível da comunidade, contribui para a construção de um panorama do *language regard*; nesse sentido, amplia a compreensão do processamento da variação linguística, ao desvelar o conhecimento individual das variedades quanto aos usos e as ideologias e atitudes subjacentes a eles na comunidade, como demonstram os estudos apresentados anteriormente e que constituem este dossiê.

7 Rumos nos estudos do processamento da variação linguística

As pesquisas no campo do processamento da variação linguística têm se valido da expansão ao acesso a tecnologias que permitem obter medidas online de processamento, de modo cada vez menos invasivo, como é o caso do uso de *eye-tracker*, ou de modo cada vez mais preciso, como eletroencefalografia, tal como demonstrado por Gomes e Melo neste volume. Também neste volume, o estudo de Cardoso propondo a articulação de gestos faciais e manuais às variáveis controladas para o comportamento da negação verbal, em uma análise multinível, tem potencial para ampliar ainda mais o repertório de procedimentos de estudo do processamento da variação linguística. Outras possibilidades podem ser vislumbradas: Silva, Carvalho e Oliveira Jr (2022) destacam o potencial do uso de bio sinais da eletroencefalografia e eletromiografia para o estudo do processamento linguístico, embora, até então, as respostas neurofisiológicas da eletroencefalografia e eletromiografia de superfície na fala interna tenham sido aferidas apenas do ponto de vista biológico; ainda, evidenciam a potencialidade de interface com teorias linguísticas. Estudos de neuroimagem, como os que se utilizam da técnica de Imagem por Ressonância Magnética Funcional (fMRI), são promissores no seu poder de mapear a arquitetura funcional no cérebro quanto ao processamento de variação. Ademais,

são ferramentas interessantes para detalhar o engajamento de sistemas neuronais conhecidos nas facetas afetivas e sociais do processamento sociolinguístico, como ressaltam Soto e Almeida (2021).

Os avanços tecnológicos potencializam as contribuições em novas abordagens que demandam modelos matemáticos e análises quantitativas inferenciais para além do que tradicionalmente a sociolinguística tem adotado como prática, com o modelo de regras variáveis proposto por Cedegren e Sankoff (1979), ou as análises de variância adotadas na psicolinguística.³ Alguns estudos adotam modelos lineares paramétricos com efeitos mistos, como apresentam Almeida e para dados ordinais, no caso de julgamento em escala de Likert, como é o caso dos estudos de Silva-Nasser e Augusto e Orlando, neste volume. Nesses estudos sobre o processamento, a variável dependente é um dado paramétrico que permite verificar a reação dos falantes às variantes, tais como o tempo de reação na resposta, como apresentado por Almeida para a exposição às variantes padrão e não padrão da concordância, ou o grau de aceitabilidade de sentenças, como apresentam Augusto e Orlando no estudo de orações relativas. Esse estudo ainda conta com uma análise por modelo linear generalizado da família de regressão logística ao analisar a produção de forma binária (com ou sem preposição órfã), mais semelhante ao que costuma ser o padrão da variável dependente em estudos sociolinguísticos, na qual a variável é configurada em termos de realização ou não realização da regra, também gerando modelos de regressão logística. Ainda, a variável dependente pode ser medida de maneiras múltiplas, demandando análises de correlação, tais como a apresentada por Silva-Nasser no estudo sobre palavrões. Esse aspecto é importante de ser observado, pois a construção do modelo de análise de problemas relacionados ao processamento da variação em uma dimensão quantitativa requer uma diversidade de métodos que vai além do modelo de regressão logística implementado pelo Varbrul, ou de análises de variância com efeitos fixos, como as de anova, sem considerar os efeitos da dimensão social dos participantes das amostras. Além disso, muitos estudos ainda restringem seu escopo à estatística descritiva, o que impede generalizações, e reforça a necessidade de discussão a respeito de métodos e modelos de tratamento de dados neste campo de interface.

³ Para discussões sobre esse assunto, remetemos aos trabalhos de Lo e Andrews (2015), Endresen e Janda (2016) e Godoy e Nunes (2020).

Por fim, destacamos a importância dos resultados dos estudos neste campo, com potencial de aplicação em diferentes esferas do debate social. Os mais de 40 anos de pesquisa sobre os padrões de concordância variável no português brasileiro não foram o suficientes ainda para desmistificar a cultura de certo e errado, que reverberou (e ainda reverbera) no discurso jornalístico criticando um livro didático; estudos que mostram como as pessoas entendem e processam a variação linguística, nos diferentes níveis da gramática, podem contribuir para aplicações no ensino de modo mais efetivo, promovendo uma educação linguística para a diversidade e o respeito. As aplicações pedagógicas, seja no suporte para o aprendizado inicial da leitura (FREITAG, 2020b, 2021; MACHADO; FREITAG, 2019) ou no tratamento da diversidade linguística e respeito às variedades (ARAUJO; JESUS, 2018), alinhem-se aos direitos de aprendizagem da Base Nacional Curricular Comum.

Discussões sobre a emergência de marcas de gênero não binário, como as apresentadas neste volume por Stetie, Rebolledo e Zunino, e Pereira e Silva, são corpo de evidência para dar suporte às políticas públicas de inclusão de gênero. Em um cenário em que pipocam projetos de lei criminalizando ou proibindo o uso de marcas não-binárias de gênero, por exemplo, resultados empíricos sobre a percepção da população sobre o fenômeno, no campo das ideologias linguísticas, articulados a resultados sobre o processamento cognitivo das variantes, podem ajudar na construção de políticas públicas sobre gênero, tal como tem sido proposto para o fenômeno na Argentina (ZUNINO; DVOSKIN, 2022). Também no campo da saúde, o estudo do processamento da variação linguística se torna crucial para subsídio ao diagnóstico de situações neurodiversas como afasia e dislexia, separando o patológico do variável na língua (CAMIZ et al., 2015; SENNA; GOMES, 2017). Do mesmo modo, a relação da variação linguística com os custos de processamento e esforço pode ser utilizada em aplicações para a prática forense, agregando informações mais precisas na discriminação de variedades às tarefas de comparação de locutores (BRESCANCINI; GONÇALVES, 2020).

Como esperamos ter demonstrado, a compreensão do processamento da variação linguística, com a articulação das contribuições da sociolinguística (tradição e um corpo grande de trabalhos de descrição e compreensão da complexidade de linguagem enquanto fenômeno variável) e psicolinguística (casamento de investigação de linguagem

com métodos experimentais; maior foco em caracterizar processos cognitivos atuantes no momento da compreensão e produção) tem repercussão social, contribuindo para a educação linguística da sociedade e desmistificando ideologias baseadas em pseudociência e preconceitos, assim como o seu estudo permite novos desenvolvimentos nas áreas de interface, ampliando as fronteiras de um campo de conhecimento científico relativamente recente e inédito.

Referências

ALMEIDA, R.; OLIVEIRA Jr. M; COZIIN, R. A influência da prosódia da fala na resolução de ambiguidade sintática: um estudo de processamento de sentença. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 63, n. 00, p. e021004-e021004, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.20396/cel.v63i00.8660603>

ALVES, M. Agreement effects of gender and number in pronominal coreference processing in Brazilian Portuguese. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 1327-1366, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.25.3.1327-1366>” <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.25.3.1327-1366>.

AMARAL, T.; GOMES, C. Processamento, representação e variação do plural das palavras terminadas em ditongo oral decrescente do PB. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 30, n. 2, p. 906-931. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.30.2.906-931>” <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.30.2.906-931>

ARAÚJO, A. S.; MENDONÇA, J. J. Atitudes linguísticas de universitários em relação às formas pronominais a gente e tu. *Tabuleiro de Letras*, Salvador, v. 12, n. especial, p. 128-144, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.35499/tl.v12i0.5585>” <http://dx.doi.org/10.35499/tl.v12i0.5585>

ARAÚJO, A. S.; BORGES, D. K. V. Atitudes linguísticas de estudantes universitários: o fenômeno da monotongação em foco. *Tabuleiro de Letras*, Salvador, v. 12, n. especial, p. 97-113, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.35499/tl.v12i0.5569>” <http://dx.doi.org/10.35499/tl.v12i0.5569>

ARAÚJO, A. S.; JESUS, E. A. B. Sociolinguística e ensino: avaliação e atitude linguística no contexto escolar. *Interdisciplinar*, São Cristóvão, v. 29, n. 1, p. 87-107, 2018

ARAUJO, K. J.; SENE, M. G. A avaliação social dos cuiabanos e várzea-grandenses: design de um experimento sociolinguístico sobre o uso variável do rotacismo de /l/ em ataque complexo. In: SOARES, E. P. M.; SANTOS, D. A.; PAZ, F. H. S.; SILVA, T. S. (org.). *Descrição, Análise e Ensino de Línguas*. Rio Branco: Nepan Editora, 2023. p. 51-58.

ARAUJO, S.; FREITAG, R. Concordância verbal, difusão da mudança linguística no contínuo rural-urbano e mudança em curto espaço de tempo. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 266-294, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8420.2021.e76094>

AUGUSTO, M.; SOTO, M.; SENA, N. de; BERNARDES, J. Resumptivos em relativas de objeto direto: resultados de leitura automonitorada. *Revista Letras*, Curitiba, n. 101, pp. 114-143, jan-jul 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v101i0.72650>” <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v101i0.72650>

AZALIM, C.; MARCILESE, M.; NAME, M. C.; SCHER, L.; GONCALVES, L. Concordância nominal variável de número e saliência fônica: um estudo experimental. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 513-545, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445030568083495931>” <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445030568083495931>

AZALIM, C.; MARCILESE, M.; ARMELIN, P. Concordância nominal variável e saliência fônica na produção infantil: dados naturalísticos e experimentais. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 24, n. 1, p. 192-221, 2020. DOI: <https://doi.org/10.34019/1982-2243.2020.v24.30983>” <https://doi.org/10.34019/1982-2243.2020.v24.30983>

BERKUM, J. Understanding sentences in context: What brain waves can tell us. *Current directions in psychological science*, Washington, v. 17, n. 6, p. 376-380, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2008.00609.x>” <https://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2008.00609.x>

BERLINCK, R. A.; BRANDAO, S. M.; SENE, M. G. Desafios e caminhos na compreensão da variação sintática: design de um experimento de percepção. In: CARVALHO, C. S.; LOPES, N. S.; RODRIGUES, R. (orgs.). *Sociolinguística e funcionalismo: vertentes e interfaces*. Salvador: EDUNEB, 2020, p. 23-52.

BRAGA, M. L. *A concordância de número no sintagma nominal no Triângulo Mineiro*. 1977. 88 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Departamento de Letras. PUC-Rio, Rio de Janeiro, 1977.

BRESCANCINI, C.; GONÇALVES, C. O peso da evidência sociofonética na perícia de Comparação de Locutor. In: BARBOSA, P (org.). *Análise fonético-forense em tarefa de comparação de locutor*. Campinas: Millennium Editora, 2020, p. 67-87.

CAMIZ, S; GOMES, G C.; SENNA F D.; GOMES, C A. Using exploratory analysis to select judges and create components of a naming test to study aphasia. *Discrete Applied Mathematics*, New Jersey, v. 197, n.00, p. 114-122, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.dam.2015.05.018>

CAMPBELL-KIBLER, K. The implicit association test and sociolinguistic meaning. *Lingua*, v. 122, n. 7, p. 753-763, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.lingua.2012.01.002>” <http://dx.doi.org/10.1016/j.lingua.2012.01.002>

CASASANTO, L. How Do Listeners Represent Sociolinguistic Knowledge? In: PROCEEDINGS OF THE ANNUAL MEETING OF THE COGNITIVE SCIENCE SOCIETY, 31, 2009.

D'ONOFRIO, A. Controlled and automatic perceptions of a sociolinguistic marker. *Language Variation and Change*, Cambridge, v. 30, n. 2, p. 261-285, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1017/S095439451800008X>

DRAGER, K; KIRTLEY, M. J. Awareness, salience, and stereotypes in exemplar-based models of speech production and perception. In: BABEL, A. (ed.). *Awareness and control in sociolinguistic research*, Cambridge, Cambridge University Press, 2016, p. 1-24.

ECKERT, P.; LABOV, W. Phonetics, phonology and social meaning. *Journal of sociolinguistics*, Cambridge, v. 21, n. 4, p. 467-496, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/josl.12244>

ENDRESEN, A.; JANDA, L. Five statistical models for Likert-type experimental data on acceptability judgments. *Journal of Research Design and Statistics in Linguistics and Communication Science*, Sheffield, v. 3, n. 2, p. 217-250, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1558/jrds.30822>

FREITAG, R. M. K. Conflito de normas e dominância de gênero. In: BARBOSA FILHO, F. R.; OTHERO, G. A. (org.). *Linguagem “neutra”:* *língua e gênero em debate*. São Paulo: Parábola, 2022, p. 53-72.

FREITAG, R. M. K. Effects of the linguistics processing: Palatals in Brazilian Portuguese and the sociolinguistic monitor. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, Philadelphia, v. 25, n. 2, p. 4, 2020a.

FREITAG, R. M. K. O desenvolvimento da consciência sociolinguística e o sucesso no desempenho em leitura. *Alfa: Revista de Linguística*, São José do Rio Preto, v. 65, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5794-e13027>

FREITAG, R. M. K. Reparos na leitura em voz alta como pistas de consciência sociolinguística. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 1-22, 2020b. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1678-460x2020360206>

FREITAG, R. M. K., et al. Julgamento de traços linguísticos e expressões faciais. *Cadernos de Linguística*, Campinas, v. 1, n. 2, p. 1-19, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.25189/2675-4916.2020.v1.n2.id15>

FREITAG, R. M. K., et al. Respostas emocionais da variação linguística: Análise exploratória de rastreamento ocular. In: *Anais do XIII Simpósio Brasileiro de Tecnologia da Informação e da Linguagem Humana*. SBC, Porto Alegre, p. 398-408, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.5753/stil.2021.17820>

FREITAG, R. M. K.; CRUZ, R. C. F.; DA CUNHA NASCIMENTO, T. A gramática no corpo: Dos recursos corporificados na construção e negociação dos sentidos. *Cadernos de Linguística*, Campinas, v. 2, n. 1, p. e354-e354, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.25189/2675-4916.2021.v2.n1.id354>

FREITAG, R. M. K.; CARDOSO, P. B.; TEJADA, J. Linguistic and paralinguistic constraints on the function of (eu) acho que as DM in Brazilian Portuguese: A multilevel approach. *Pragmatics & Cognition*, Amsterdã, v. 29, n. 2, p. 324-346, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.1075/pc.21024.fre>

FURTADO DA CUNHA, M. A. O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 17, p. 1-30, 2001.

GARCIA F. M.; SHEN, G.; AVERY, T.; GREEN, H. L.; GODOY, P.; KHAMIS, R.; FROUD, K. Bidialectal and monodialectal differences in morphosyntactic processing of AAE and MAE: Evidence from ERPs and

acceptability judgments. *J Commun Disord.* Philadelphia, Nov-Dec;100, 106267, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jcomdis.2022.106267>

GODOY, M. C.; NUNES, M. A. Uma comparação entre ANOVA e modelos lineares mistos para análise de dados de tempo de resposta. *Revista da ABRALIN*, Campinas, v. 19, n. 1, p. 1–23, 2020. DOI: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v19i1.1388>

GOMES, C. A.; MANOEL, C. G. Flexão nominal na gramática da criança e na gramática do adulto. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 14, p. 122-134, 2010.

GOMES, C. A.; SILVA, L. F.; ABREU, A. C. B. Acessando a avaliação social das variantes do onset complexo na variedade carioca. (*Con*) *Textos Linguísticos*, Vitória, v. 16, p. 126-144, 2022. DOI: <https://doi.org/10.47456/cl.v16i34.38567>

GOSLIN, J.; DUFFY, H.; FLOCCIA, C. An ERP investigation of regional and foreign accent processing. *Brain and language*, Amsterdã, v. 122, n. 2, p. 92-102, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.bandl.2012.04.017>

KITAMURA, C.; PANNETON, R.; BEST, C. T. The Development of Language Constancy: Attention to Native Versus Nonnative Accents. *Child Development*, Sidney, vol. 84, no. 5, p. 1686-700, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/cdev.12068>

LEMLE, M.; NARO, A. J. Competências básicas do português. *Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro (MOBRAL) e Fundação Ford*. Rio de Janeiro, 1977.

LEVON, E.; BUCHSTALLER, I.; MEARNNS, A. Towards an integrated model of perception: Linguistic architecture and the dynamics of sociolinguistic cognition. In: BEAMAN, K. V., et al. (ed.). *Advancing Sociogrammatical Variation and Change*. Oxfordshire: Routledge, 2020. p. 32-54.

LO, Stenson; ANDREWS, Sally. To transform or not to transform: using generalized linear mixed models to analyse reaction time data. *Frontiers in Psychology*, Lausanne, v.6, 1171, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2015.01171>

LOPES, Célia Regina dos Santos; OLIVEIRA, Thiago Laurentino de; CARVALHO, Bruna Brasil Albuquerque de. A expressão da 2ª pessoa do singular: variação e percepção numa abordagem experimental. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 18, n. 2, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v18n2p117-132>

LOUDERMILK, Brandon C. Implicit attitudes and the perception of sociolinguistic variation. In: PRIKHODKINE, A.; PRESTON, D. R. (ed.). *Responses to language varieties: Variability, processes and outcomes*. Amsterdã: Jonh Benjamins, 2015, p. 137-156.

MACHADO, A. P. G.; FREITAG, R. M. K. Pistas dos processos de decodificação que levam à compreensão da leitura. *Letras de hoje*, Porto Alegre, v. 54, n. 2, p. 132-145, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7726.2019.2.32509>

MAIA, M. *Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015.

MARCILESE, M. Processamento da variação e variação no processamento. In: MAIA, M. (org.). *Psicolinguística: Diversidades, Interfaces e Aplicações*. São Paulo: Editora Contexto, 2022, v. 1, p. 142-157.

MARCILESE, M.; NAME, C.; AUGUSTO, M.; MOLINA, D.; ARMANDO, R. Mother-tongue education, linguistic variation and language processing. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, v. 72, p. 17-40, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8026.2019v72n3p17>

MARCILESE, M.; RODRIGUES, E. S.; AUGUSTO, M. R. A.; HENRIQUE, K. S. Efeitos de distância linear e marcação no processamento da concordância verbal variável no PB. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 25, p. 1291-1325, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.25.3.1291-1325>

MELO, M. A. S. L.; GOMES, C. A. Percepção da variação da coda (s) na comunidade de fala do Rio de Janeiro: acessando o significado social da variante fricativa posterior. In: VIEIRA, M. S. M.; WIEDEMER, M. L. (org.). *Dimensões e Experiências em Sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2019, p. 129-148.

MENDES, R. B. O efeito de múltiplas variáveis na percepção sociolinguística. *Guavira Letras*, Três Lagoas, v. 15, n. 31, p. 108-123, 2019.

MENDES, R. B.; OUSHIRO, L. Variable number agreement in Brazilian Portuguese: an overview. *Language and Linguistics Compass*, Cambridge, n. 9, 358-368, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/lnc3.12156>

MENDONÇA, J. J.; ARAUJO, A. S. Evaluation of the pronouns “a gente” and “tu” and of the grammatical patterns of agreement. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 27, p. 1613-1648, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.27.4.1613-1648>

MENDONÇA, J. J.; BORGES, C. K. V. Percepção da palatalização do /S/ em coda: atitudes linguísticas de universitários. *Tabuleiro de Letras*, Salvador, v. 12, p. 114-127, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.35499/tl.v12i0.5570>

MOLINA, D. S. L.; MARCILESE, M.; NAME, M. C. Ora está, ora não está: input variável e aquisição da flexão verbal de 3ª pessoa do plural no PB. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 24, p. 288-309, 2017. DOI: <https://doi.org/10.12957/matraga.2017.28498>

OLIVEIRA, T. L. O processamento dos clíticos te e lhe no português brasileiro: a contraparte cognitiva da variação. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 36, p. 89-106, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/2079-312X.20200016>

OUSHIRO, L.; GUY, G. R. The effect of salience on co-variation in Brazilian Portuguese. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, Philadelphia, n. 21, v. 2, Article 18, 2015.

PRESTON, D. R. The cognitive foundations of language regard. *Poznan Studies in Contemporary Linguistics*, Berlin, v. 53, n. 1, p. 17-42, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1515/psicl-2017-0002>

POEPEL, D.; EMBICK, D. The relation between linguistics and neuroscience. In: CUTTLER, A. (ed.) *Twenty-first century psycholinguistics: four cornerstones*. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2005. p. 103–120.

RODRIGUES, E. D. S.; CORRÊA, L. M. S.; AUGUSTO, M. R.A. Concordância sujeito-verbo em um modelo integrado misto (top-down/bottom-up) da computação on-line. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 2, p. 76-91, 2008.

RYAN, E. B.; GILES, H.; SEBASTIAN, R. J. An integrative perspective for the study of attitudes toward language variation. In: RYAN, E. B.; GILES, H. (ed.). *Attitudes towards language variation: Social and applied contexts*. Londres: Edward Arnold Publisher, 1982. p. 1-19.

SANKOFF, D.; LABOV, W. On the uses of variable rules. *Language in society*, Cambridge, v. 8, n. 2-3, p. 189-222, 1979. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/2079-312X.20200016>

SANKOFF, G.; BROWN, P. The origins of syntax in discourse: A case study of Tok Pisin relatives. *Language*, Washington, p. 631-666, 1976. DOI: <http://dx.doi.org/10.2307/412723>

SCHERRE, M. M. P. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. 158 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Departamento de Letras. PUC-Rio, Rio de Janeiro, 1978.

SCHERRE, M. M. P. O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança lingüística na escrita de revistas em quadrinhos. In: XV ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 2004, Lisboa. *Actas...* Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2004, p. 817-829

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Marking in discourse: “Birds of a feather”. *Language Variation and Change*, Cambridge, v. 3, n. 1, p. 23-32, 1991. DOI: <http://dx.doi.org/10.1017/S0954394500000430>

SCHWENTER, S. A. The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese. *Lingua*, Amsterdã, v. 115, n. 10, p. 1427-1456, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.lingua.2004.06.006>

SENE, M. G. A percepção sociolinguística de gênero e sexualidade: efeitos da duração de/s/e do pitch **médio**. 214 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2022.

SENNÁ, F. D.; GOMES, C. A. Acesso lexical na afasia. *Letrônica*, Porto Alegre, v.10, n.2, p.672-688, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-4301.2017.2.26421>

SILVA, D. M. R.; ROTHE-NEVES R. Context-dependent categorisation of vowels: a mismatch negativity study of positional neutralisation, *Language, Cognition and Neuroscience*, Londres, v. 35, n. 2, p. 163-178, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/23273798.2019.1638948>

SILVA, K. F. T.; CARVALHO, S.; OLIVEIRA Jr, M. A identificação da fala interna por meio da eletromiografia de superfície e da encefalografia: uma revisão de escopo. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 30, n. 3, p. 1314-1338, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.30.3.1314-1338>

SOTO, M.; ALMEIDA, W. C. Entre a agramaticalidade e a variação: concordância verbal, sociolinguística e neurociência da linguagem. *ReVEL*, Novo Hamburgo, v. 19, n. 36, p. 1-29, 2021.

SQUIRES, L. Processing grammatical differences: Perceiving versus noticing. BABEL, A. (ed.). *Awareness and control in sociolinguistic research*, Cambridge, Cambridge University Press, 2016, p. 80-103.

TAMMINGA, M. Persistence in phonological and morphological variation. *Language Variation and Change*, Cambridge, v. 28, n. 3, p.335–356, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1017/S0954394516000119>

TAMMINGA, M.; MACKENZIE, L.; EMBICK, D. The dynamics of variation in individuals. *Linguistic Variation*, Amsterdã, v. 16, n. 2, p. 300–336, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1075/lv.16.2.06tam>

VIEIRA, S. R. *A concordância verbal em variedades do português: a interface fonética-morfossintaxe*. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2015.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Empirical foundations for a theory of language change*. Texas: University of Texas Press, 1968.

YOUNG, R.; BAYLEY, R. VARBRUL analysis for second language acquisition research. In: BAYLEY, R.; PRESTON, D. R. (ed.). *Second language acquisition and linguistic variation*. Amsterdã: John Benjamins, 1996, p. 253-306.

ZAHARCHUK, H.; SHEVLIN, A; VAN HELL J. Are our brains more prescriptive than our mouths? Experience with dialectal variation in syntax differentially impacts ERPs and behavior. *Brain Language*. v. 218, 2021 DOI: [10.1016/j.bandl.2021.104949](https://doi.org/10.1016/j.bandl.2021.104949).

ZUNINO, G. M. Comprender lo desconocido: expectativas, relaciones semánticas y causalidad por defecto revisitada. *Lenguaje*, Cali, v. 51, n. 1, p. 156-186, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.25100/lenguaje.v51i1.11951>

ZUNINO, G. M.; DVOSKIN, G. Tirándole (de) la lengua a la ESI: con la lengua sí nos metemos. In: BAEZ, J. (ed.). *Lengua y literatura em foco: ESI em la formación docente*. Homo Sapiens, 2021, p. 91-126.

ZUNINO, G; STETIE, N. ¿ Binario o no binario? Morfología de género en español: diferencias dependientes de la tarea. *Alfa: Revista de Lingüística*, São José do Rio Preto, v. 66, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-e14546>

ZUNINO, G; STETIE, N. Procesamiento de formas no binarias en español rioplatense: relación entre el uso voluntario y la comprensión. *Hesperia: Anuario de filología hispánica*, Vigo, n. 24, p. 83-106, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.35869/hafh.v24i2.4115>



Percepção/Processamento da variação sociolinguística: considerações sobre contribuições e desafios da pesquisa experimental

Perception/Processing of sociolinguistic variation: consideration on contributions and challenges of experimental research

Christina Abreu Gomes

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/CNPq/FAPERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil

christina-gomes@uol.com.br

<https://orcid.org/0000-0003-0358-2029>

Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
malmelo.lopes@letras.ufrj.br

<https://orcid.org/0000-0002-8025-0530>

Resumo: Esse artigo tem os seguintes objetivos: a) apresentar uma reflexão sobre as contribuições da pesquisa sociolinguística que vem sendo desenvolvida sobre percepção/processamento da variação com base em dados experimentais, focalizando especificamente resultados de estudos voltados para a organização cognitiva da variação no conhecimento linguístico de adultos e crianças, para o efeito, na percepção, de condicionamentos verificados em dados de produção, e também resultados de estudos voltados para o efeito da mudança em progresso na percepção da variação pela comunidade de fala; b) refletir sobre resultados que, a princípio, não replicaram condicionamentos observados em estudos com dados de produção e servem de base para a discussão dos desafios da pesquisa experimental sobre a variação sociolinguística. Nossas considerações se baseiam em um conjunto de estudos delimitado para os objetivos deste artigo, buscando situar esse campo de estudos da Sociolinguística que vem se ampliado neste século. Tomamos como ponto de partida a premissa teórica da Sociolinguística de que a variação é inerente ao conhecimento linguístico internalizado. Argumentamos que o estudo do processamento da variação precisa considerar, em seus protocolos experimentais, a hipótese da atuação conjunta de fatores linguísticos, sociais e cognitivos, como no “princípio de causas múltiplas” de Young e Bayley (1996, p. 253-254), retomado em Bayley (2002, p. 118-120), um desafio para a pesquisa experimental, que precisa isolar e controlar fatores de

diferentes tipos que coocorrem e competem na gramática do indivíduo e na da comunidade de fala, seja considerando o ponto de vista do falante ou do ouvinte.

Palavras-chave: variação linguística; processamento; percepção; cognição; Sociolinguística.

Abstract: This article has the following goals: a) to reflect on the contributions of the sociolinguistic research that has been developed on the perception/processing of linguistic variation based on experimental data, focusing specifically on the results of studies directed to the cognitive organization of variation in the linguistic knowledge of adults and children, to the effect, on the perception, of constraints verified in production data, and results of studies focused on the effect of the process of change in progress in the perception of the variation by the speech community as well; b) to reflect on the results of studies that, in principle, did not replicate linguistic and social constraints observed in studies with production data and that serve as a basis for the discussion about the challenges of experimental research on variation. Our considerations are based on a set of studies delimited for the purposes of this article, to situate this field of Sociolinguistic studies that has been expanded in this century. We take as a starting point the theoretical premise of Sociolinguistics that variation is inherent to internalized linguistic knowledge. We argue that the study of the processing of variation needs to consider, in its experimental protocols, the hypothesis of the joint action of linguistic, social and cognitive factors, as in Young & Bayley's (1996, p. 253-254) "principle of multiple causes", resumed in Bayley (2002, p. 118-120), a challenge for the experimental research, which needs to isolate and control different types of factors that co-occur and compete in the grammar of the individual and the speech community in different interactional context, whether considering the speaker's or the listener's point of view.

Keywords: linguistic variation; processing; perception; cognition; Sociolinguistics.

Recebido em 31 de agosto 2022

Aceito em 17 de março 2023

1 Introdução

Estudos de percepção da variação se ampliaram significativamente nas duas primeiras décadas do século XXI. Ainda que os estudos sociolinguísticos com base em dados de produção tenham preponderado desde os anos 1960, devido à importância da identificação de processos de mudança em curso nas comunidades de fala estudadas, a percepção da variação sempre esteve na agenda de Labov, inicialmente voltada para a identificação de padrões de avaliação das variantes pela comunidade de fala (LABOV, 1966, 2008/1982) e para as consequências cognitivas da mudança linguística na percepção da variação por pessoas de dialetos regionais diferentes e de mesmo dialeto (ver resultados de projeto, apresentados em LABOV, 2010). Portanto, embora bastante restrita nas primeiras décadas dos estudos variacionistas, mais recentemente, tem sido observada a ampliação da pesquisa com base em dados experimentais, um campo de estudos da Sociolinguística, denominado por alguns autores como Sociolinguística Experimental (DRAGER, 2018; YOUNG; BRITAIN; LEEMANN, 2022), que congrega Sociolinguística, Psicolinguística, percepção da fala e Psicologia Social (DRAGER, 2014) e que aborda um conjunto de questões importantes para a compreensão da natureza da linguagem humana, conforme será mostrado na seção 2. Os estudos utilizam diferentes métodos experimentais, observando a percepção/processamento da variação em diferentes línguas, abordando temas como a avaliação social das variantes, o efeito de fatores condicionantes das variantes na percepção, entre outros.

Dado, então, o aumento crescente do interesse na abordagem da variação sociolinguística na perspectiva dos correlatos perceptuais das variantes, dos condicionamentos linguísticos, cognitivos e sociais e dos valores sociais atribuídos às formas alternantes, observados na produção, consideramos importante refletir sobre os avanços e desafios da pesquisa experimental nesse momento. Assim, este artigo tem como objetivos apresentar uma reflexão, sob a ótica da Sociolinguística, sobre: a) as contribuições dos estudos experimentais sobre a percepção/processamento da variação linguística que fornecem evidências para o entendimento da premissa teórica de Weinreich; Labov; Herzog (2006/1968) de que a variação é inerente ao conhecimento linguístico internalizado pelo falante/ouvinte, o que implica dizer que a gramática não é invariante nem homogênea; e b) os desafios da pesquisa experimental que precisa lidar com a competição de fatores de diferentes tipos, isolando e reduzindo

fatores linguísticos, cognitivos e sociais, através do controle de diferentes variáveis na elaboração do design experimental. É importante pontuar ainda que o processamento da variação também tem sido abordado em estudos sociolinguísticos com dados de produção espontânea, conforme proposta de Tamminga et al. (2016), que não serão aqui considerados pois extrapolam os objetivos propostos¹.

A Sociolinguística Experimental mantém o caráter interdisciplinar da Sociolinguística, utilizando técnicas experimentais identificadas em outras áreas, também interdisciplinares, como a Psicolinguística, a Neurociência, a Fonologia de Laboratório, entre outras, interessadas na linguagem humana, tais como a técnica de estímulos pareados, rastreamento ocular, potenciais relacionados a eventos, técnica de *priming*, entre outros. Os procedimentos metodológicos são os mesmos utilizados em outras áreas, portanto, também fazem parte da elaboração de um experimento, para estudo da variação sociolinguística, o controle de condições experimentais na construção dos estímulos e estabelecimento de variáveis explicativas, a natureza dos estímulos experimentais (oral, escrito, multimodal, espontâneo, manipulado etc), a necessidade de estímulos distratores, o estabelecimento das características dos participantes do grupo alvo (grupo observado) e grupo controle (grupo usado para comparação ou parâmetro de análise do grupo alvo) e aspectos éticos, estes também presentes nos protocolos de organização de amostras de fala espontânea para o estudo da variação e da mudança. Da mesma forma que em outras áreas que trabalham com dados experimentais, os aspectos metodológicos estão ancorados em questões de pesquisa e hipóteses (DRAGER, 2014, KOOPS et al., 2008; LOUDERMILK, 2013; SQUIRES, 2011).

¹ Cite-se, p. ex., o efeito de uma determinada variante sobre a produção de uma outra subsequente, conhecido como efeito de *priming*, que consiste no efeito da ativação de uma determinada forma na produção e na percepção das formas seguintes. O efeito de *priming* foi identificado primeiramente na produção espontânea por Sankoff e Laberge (1978), assim como na proposição das variáveis *paralelismo discursivo* e *paralelismo oracional* no condicionamento da variação na concordância nominal e na verbal do PB, consideradas por Tamminga et al. (2016, p. 312) uma contribuição pioneira de Scherre e Naro (1993) e Scherre (1988), no âmbito de condicionamentos cognitivos da variação. Da mesma forma, a variável distância e posição do sujeito, do estudo da concordância verbal no PB, se relaciona ao processamento, pelos falantes, do sujeito em relação ao verbo (NARO, 1981).

Faz-se necessário situar a conceituação de percepção adotada neste artigo, bem como sua relação com os termos processamento e avaliação social da variação. Da mesma forma que Campbell-Kibler (2010, p. 377-378), situamos *percepção* como o processo através do qual os indivíduos extraem informação sobre o material linguístico a que estão expostos nas interações comunicativas com outros. A percepção/processamento da variação também vai envolver a maneira como os indivíduos estabelecem a relação entre forma linguística (ou variante) e os possíveis valores sociais a ela associados na compreensão dos enunciados que recebem. Nesse processo, entram em atuação fatores linguísticos (LABOV, 1994), sociais (LABOV, 2001) e cognitivos (LABOV, 2010), identificados em dados de produção, e as situações comunicativas de que participa o falante/ouvinte: quem fala, para quem fala, com que propósito, em que contexto situacional e discursivo. Outros autores estabelecem definições distintas para esses termos. Squires (2011, p. 6) utiliza o termo *processamento* para se referir ao fenômeno mais amplo de interpretação do material linguístico que os indivíduos recebem, as etapas para chegar a essa interpretação, os mecanismos sensoriais envolvidos, e o efeito de fatores contextuais e cognitivos. Já *percepção* se refere à interpretação propriamente dita do *input* social ou linguístico recebido. Para Oushiro (2015, p. 32), o termo *percepção* se refere ao processo interno de inferências que os indivíduos fazem acerca do valor social de variantes apresentadas em situação experimental, “sem que se apresente uma informação explícita e consciente [...] da variante em estudo”. Já o termo *avaliação* está relacionado ao discurso metalinguístico dos indivíduos sobre o uso de uma determinada variante.

Consideramos que, uma vez que a variação sociolinguística integra o conhecimento linguístico dos falantes, qualquer indivíduo, para processar um enunciado linguístico, utilizará a informação relativa à variação, não havendo cisão entre avaliação social (valor social das variantes) e forma linguística no processamento do enunciado, não sendo necessário, portanto, criar uma delimitação conceitual entre avaliação e percepção e entre percepção e processamento. O processamento também implica os aspectos contextuais linguísticos, não só sociais, da variação, uma vez que há condicionamentos ou efeitos de diferentes tipos concorrendo. O acesso ao processo em curso, na interpretação do *input* linguístico, ou o acesso ao resultado do processamento da variação, através da percepção de estímulos

experimentais pelos indivíduos – os quais podem conduzir ou não a uma manifestação explícita (e mais consciente) sobre um determinado uso de uma determinada variante – é uma questão relacionada à metodologia experimental, ao design do experimento no que diz respeito à tarefa a ser realizada, às condições de controle dos estímulos e a características sociais dos participantes. Todos esses aspectos são determinados pelas questões e pelos objetivos da pesquisa.

Assim, conforme já mencionado, é objetivo deste artigo refletir sobre contribuições de estudos sobre processamento/percepção que avançam a discussão em torno do status da variação linguística como central no conhecimento linguístico dos indivíduos, focalizando especificamente resultados de pesquisas voltadas para a organização cognitiva da variação no conhecimento linguístico de adultos e crianças, para o efeito, na percepção, de condicionamentos verificados em dados de produção, e do efeito da mudança em progresso na percepção da variação pela comunidade de fala. Também é objetivo refletir sobre alguns dos desafios da pesquisa experimental, que precisa isolar e controlar fatores de diferentes tipos que coocorrem e competem na gramática do indivíduo e na da comunidade de fala, a partir da discussão de resultados de estudos experimentais que não replicaram condicionamentos linguísticos e sociais observados em estudos com dados de produção. Neste sentido, constituem desafios para a pesquisa experimental, por exemplo, o fato de haver um espectro amplo de valores sociais das variantes, a avaliação social das formas alternantes não ser compartilhada por todos os falantes de uma variedade (MELO, 2017), a diferença entre indivíduos e comunidade de fala em relação a estágios de mudança (SANKOFF, 2019) e a co-atuação de fatores de diferentes naturezas. Conforme o princípio de causas múltiplas de Young e Bayley (1996), retomado em Bayley (2002, p. 118-120), é improvável que um único fator contextual (interno ou externo) seja suficiente para explicar a variabilidade dos dados. Foi estabelecido um conjunto específico de estudos para dar conta dos objetivos deste artigo.

O artigo se estrutura da seguinte maneira: na seção 2, são apresentadas e comentadas contribuições de estudos experimentais para o entendimento do status da variação no conhecimento linguístico dos indivíduos, tomando como base as questões de pesquisa da Sociolinguística Experimental, que busca avançar questões maiores da Sociolinguística Variacionista; na seção 3, fazemos uma reflexão sobre aparentes incongruências entre resultados experimentais e resultados

obtidos em estudos com dados de produção espontânea, refletindo sobre os desafios da pesquisa experimental; e, finalmente, a última seção, com as considerações finais.

2 Contribuições dos estudos de percepção/processamento da variação linguística

Os estudos sobre percepção/processamento da variação têm contribuído para avançar o entendimento sobre a organização cognitiva da variação, sobre o caráter sistemático da variabilidade observada em dados de produção espontânea, e da atuação conjunta de fatores linguísticos, sociais e cognitivos. O amplo conjunto de estudos na área nos permite extrair e sistematizar as seguintes questões de pesquisa: a) de que maneira a variação linguística está organizada no conhecimento linguístico do falante? (CLOPPER, 2014; CONNINE et al., 2008; HURRING et al., 2022; LABOV et al., 2011; LEVON, 2007; LOUDERMILK, 2013; SQUIRES, 2011, entre outros); b) em que medida a mudança linguística em curso impacta o conhecimento linguístico internalizado? (BAILEY, 2019; HAY; WARREN; DRAGER, 2006); c) condicionamentos linguísticos e sociais das variantes, identificados nos dados de produção, têm efeito na percepção? (HAY et al., 2006; DRAGER, 2011; FREITAG, 2020; KOOPS et al., 2008; LEVON; BUCHSTALLER, 2015, entre outros); d) em que medida a variante tem papel na percepção de características sociais dos indivíduos, ou em que medida características sociais dos indivíduos direcionam a percepção das variantes? (BATTISTI; OLIVEIRA, 2016; CAMPBELL-KIBLER, 2007, 2010; MENDES, 2016; NIEDZIELSKI, 1999; OUSHIRO, 2015, entre outros); e) como crianças e adolescentes, adquirindo a língua materna, processam a variação? (LEVY et al., 2019; McCULLOUGH et al., 2019; NATHAN; WELLS; DONLAN, 1998; WAGNER; CLOPPER; PATE, 2014); f) como se dá o processamento da variação na aquisição de L2? (CLARK; SCHLEEF, 2010; SCHMIDT; GEESLIN, 2022, entre outros); g) como crianças, adolescentes e adultos atípicos processam a variação? (CLOPPER; ROHRBECK; WAGNER, 2019; NATHAN et al., 2001). Serão comentadas a seguir contribuições relacionadas à organização cognitiva da variação em relação a aspectos estruturais e sociais, à consequência da mudança linguística no conhecimento linguístico dos indivíduos de uma comunidade de

fala, ao efeito de condicionamentos sociais detectados na produção, e contribuições relativas ao processamento da variação por crianças e adolescentes, que correspondem, respectivamente, às questões a), b) c) e e) elencadas anteriormente.

Sobre a organização cognitiva da variação no léxico mental, Connine et al. (2008) mostraram que a frequência de ocorrência da variante na fala tem influência no reconhecimento do item lexical. Os resultados de um experimento de decisão lexical, contendo variantes de itens lexicais paroxítonos do inglês, sujeitos à variação com a ausência da vogal [ə] pós-tônica, como em *opera* ~ *op'ra*, *average* ~ *av'rage*, *salary* ~ *sal'ry*, mostram que a frequência de ocorrência do item lexical com uma determinada variante afeta a percepção dos itens lexicais. Em um experimento contendo somente a variante sem a vogal schwa, foram observados menores tempos de respostas para itens lexicais que tendem a ocorrer sem a vogal, e maiores tempos de resposta para itens lexicais que são mais frequentemente produzidos com a vogal. O mesmo resultado foi obtido em um outro experimento somente com estímulos com a vogal realizada: menores tempos de respostas para os itens lexicais realizados mais frequentemente com esta variante, e maiores tempos para os itens lexicais produzidos mais frequentemente com a ausência da vogal. As evidências encontradas são indicativas de que a experiência dos indivíduos com a frequência de ocorrência de determinada variante afeta o reconhecimento do item lexical. Para os autores, no conjunto, os resultados sustentam a hipótese dos Modelos de Exemplares segundo a qual a representação das palavras no léxico mental inclui o detalhe fonético. Assim, todas as variantes estão representadas e também estão organizadas em função de um exemplar dominante em relação aos demais, no caso, a variante mais frequentemente produzida pelos falantes. Esses resultados avançam a postulação inicial de Pierrehumbert (2001), que propõe que a seleção de um alvo fonético ou exemplar, para produção, pode ser modelada como uma seleção aleatória no conjunto de possibilidades dos exemplares representados para o item lexical, embora considere que fatores estilísticos e sociais possam afetar a seleção em diferentes situações. Ainda, uma vez que a modelagem em exemplares permite conjugar produção e percepção (PIERREHUMBERT, 2001), a interpretação dos resultados de Connine et al. (2008), por este modelo, permite identificar que o efeito de características estruturais das variantes, no caso, a diferença no número de sílabas, no reconhecimento do item lexical, tem relação com a frequência

de uso de cada uma das variantes e suas consequências na representação dos itens lexicais no léxico mental, de maneira que a variante mais usada na produção de um item lexical, no caso, as variantes com e sem a vogal schwa, terão representação mais robusta e tenderão, na percepção, a ser primeiramente acionadas no acesso lexical.

Ainda no âmbito da organização cognitiva da variação, Labov et al. (2011) mostraram que a frequência de ocorrência das variantes tem impacto na percepção em função do contexto de uso. Os autores realizaram estudo sobre a avaliação da variante nasal alveolar [n], que é marcada socialmente, em relação à realização como velar [ŋ], na sequência *ing* do inglês, como em *preparing*. A avaliação da consoante alveolar foi verificada através do julgamento dos participantes do grau de adequação da falante dos estímulos, caracterizada como aspirante a comentarista de notícias de TV. Os resultados mostraram que os ouvintes são sensíveis à frequência de exposição à variante, controlada, no experimento, através de blocos de estímulos compostos por 10 sentenças, com diferentes proporções da variante alveolar em relação à velar (0%, 10%, 20%, 30%, 50%, 100%). Quanto à sensibilidade à frequência da variante alveolar, uma única ocorrência (10%) tem impacto no julgamento, pois, no contexto de fala formal (no caso, locução jornalística), a variante alveolar é marcada socialmente. Labov et al. (2011) propõem um monitor sociolinguístico integrado ao processamento linguístico em tempo real, um módulo específico de armazenamento e processamento de aspectos/valores sociais relacionados às variantes em contextos específicos, que opera em uma janela temporal e que, conforme os resultados do estudo mostraram, é sensível a diferenças na frequência de uso das variantes. Esses resultados também podem ser acomodados na abordagem dos Modelos de Exemplares, já que, de acordo com o modelo, os exemplares também contêm informações dos parâmetros sociais associados às formas linguísticas (FOULKES; DOCHERTY, 2006)

Freitag (2020), utilizando a mesma metodologia experimental de Labov et al. (2011), apresenta evidências sobre a avaliação, por participantes falantes do PB de Sergipe, das alternâncias entre [t] e [tʃ] e [d] e [dʒ] em dois contextos: com a consoante seguida da vogal [i], como em me[t]ida ~ me[tʃ]ida e me[d]ida ~ me[dʒ]ida (palatalização regressiva); e com a consoante antecedida pela semivogal [j], como em pei[t]o ~ pei[tʃ]o e doi[d]o ~ doi[dʒ]o (palatalização progressiva). Segundo a autora, estudos mostram que há um processo de mudança

na direção da africada pós-alveolar, usada mais frequentemente por mulheres com escolaridade alta e de localidade urbana, que constitui um estereótipo positivo, associado a não nativo. Já a africada pós-alveolar em contexto de palatalização regressiva é estigmatizada, sendo associada a falante de baixa escolaridade, do local (nordestino), ou ainda falante não nativo do PB. Os resultados do estudo mostraram que as escalas de julgamento da africada em cada contexto são diferentes. Não há diferença de julgamento da africada no contexto regressivo em função do aumento de frequência de ocorrência dessa variante, ao passo que, no contexto progressivo, quanto mais frequente a ocorrência da palatal, menos associação com a profissão de jornalista (caracterização da falante dos estímulos). Esses resultados somam-se aos de Labov *et al.* (2011), porém avançam o entendimento sobre o efeito da frequência de ocorrência da variante. Para a expectativa lançada na tarefa do experimento, avaliar a adequação da fala de uma jornalista em situação de tensão comunicativa alta (apresentando um conjunto de informações na TV), somente na situação em que há uma polarização de valor social entre as variantes, como é o caso das consoantes oclusiva e africada no contexto precedidas da semivogal [i], é que a frequência de uso da variante estigmatizada a torna saliente para o ouvinte. Já no caso das variantes seguidas da vogal [i], ambas as variantes são adequadas para a falante dos estímulos no contexto de fala do telejornal, tendo como consequência não haver efeito da diferença de exposição à variante pós-alveolar nos estímulos.

Sobre as consequências da mudança linguística, Hay, Warren e Drager (2006) desenvolveram estudo de reconhecimento de itens lexicais por falantes do inglês da Nova Zelândia na cidade de Christchurch. Segundo os autores, estudos com dados de produção mostraram um processo de fusão dos ditongos [iə], como em *near*, e [eə], como em *ear*, respectivamente na direção de [iə]. Assim, pares de itens cuja forma sonora se diferenciava pela vogal núcleo, constituindo pares mínimos, perderam ou estão perdendo essa diferença e passaram a ser homófonas, como, por exemplo, *hair* (cabelo)/*hear* (ouvir), *ear* (orelha)/*air* (ar). A fusão está completa para alguns falantes principalmente com as seguintes características: homens jovens, de baixo status socioeconômico. No entanto, coexistem, no mesmo espaço e na mesma sincronia, indivíduos que produzem os itens lexicais sem fusão e outros em que o espaço acústico entre as vogais aponta para a direção da fusão. Os resultados de um experimento de reconhecimento de itens lexicais produzidos com as respectivas vogais [i] e [e] sem a fusão,

pareados a fotos de possíveis falantes dos estímulos, caracterizados em relação a status socioeconômico, sexo e idade, mostraram, na identificação dos itens lexicais, um índice maior de erros em função de: a) características específicas dos participantes – se sua própria produção apresenta fusão, e se são homens e mais jovens; b) características específicas da palavra – se o item tem [e] no núcleo e se é de baixa frequência de uso e o item com [i] competidor é de alta frequência; c) características específicas do contexto – a condição sem foto, somente com estímulo oral; d) características percebidas dos falantes – vozes masculinas, mais velhos e status socioeconômico mais baixo, sendo estas duas últimas características sociais representadas na foto pareada com o estímulo. O conjunto de efeitos de diferentes tipos, como os elencados de a) a d), também corroboram, em estudo de percepção/processamento, o “princípio de causas múltiplas” de Young e Bayley (1996), segundo o qual, para explicar a variação, é necessário observar a atuação de um conjunto de variáveis. Além disso, segundo Hay et al. (2006), a natureza multifacetada dos efeitos, na acurácia de reconhecimento, aponta para os potenciais benefícios de se considerar a abordagem de exemplares (BYBEE, 2001; JOHNSON, 1997; PIERREHUMBERT, 2003) na percepção da fala, e, conseqüentemente, na modelagem da variação linguística no conhecimento do indivíduo. Assim, para os autores, as evidências encontradas apontam para uma representação detalhada das formas sonoras das palavras, que contém as variantes para cada item lexical. Tais representações são acessadas na memória e influenciam o julgamento das características sociais dos falantes dos estímulos, que ocorre independentemente de o indivíduo ter consciência da experiência prévia.

Além disso, os resultados mostram uma equivalência com os condicionamentos sociais observados nos estudos sobre a comunidade de fala, de maneira que as características sociais dos indivíduos das fotos, que direcionam a percepção das variantes, idade, sexo e status socioeconômico, estão relacionadas ao estágio da mudança na comunidade de fala. A possibilidade de indivíduos de uma mesma comunidade de fala diferirem em relação ao direcionamento da mudança e mesmo ao estágio em que ela se encontra tem sido mostrado em estudos de produção, que têm detectado que, em caso de mudança em progresso, falantes de uma mesma variedade, podem estar em situação diferente. Têm sido identificadas as seguintes situações: a) a comunidade de fala muda, mas os falantes continuam estáveis, isto é, permanecem com o mesmo desempenho do final da puberdade para aquela variável; b) a comunidade

de fala muda e alguns falantes também, isto é, além de evidências de mudança geracional (entre sucessivas gerações), há, para a mesma variável, mudança do indivíduo na mesma direção da comunidade de fala, o que significa que o falante também ajusta seu desempenho na direção da mudança da comunidade de fala (gradação etária ou *age-grading*); c) a comunidade muda e o falante também, mas no sentido da variante que está desaparecendo na comunidade de fala, sendo essa uma situação mais rara (SANKOFF, 2019); d) a variação é estável na comunidade e os falantes adultos mudam (*age-grading*) (PAIVA; DUARTE, 2003). Esse quadro complexo de possibilidades aponta para o fato de que, em uma mesma sincronia, convivem indivíduos que refletem diferentes estágios de mudança. De um lado, a proposição de Weinreich, Labov e Herzog (1968) da heterogeneidade estruturada, que se manifesta através da variação linguística, foi formulada justamente para dar conta de que os falantes continuam se comunicando eficientemente em contexto de mudança. Por outro lado, o Modelo de Exemplares fornece uma modelagem que permite acomodar as variantes obsoletas ou em desuso para alguns indivíduos, mas que continuam disponíveis na comunidade de fala para outros falantes, de maneira que, embora as representações sejam as mesmas, elas se organizam de maneira diferente, nos termos de Connine et al. (2008), mencionados anteriormente: a variante que é dominante em relação às demais pode ser diferente entre os indivíduos de uma comunidade de fala a depender de como o conhecimento linguístico dos indivíduos se situa em relação ao estágio da mudança na comunidade de fala.

Quanto à atuação de condicionamentos sociais observados na produção, há um conjunto expressivo de estudos com foco na percepção de variantes estigmatizadas. O estudo de Squires (2011) mostra que a indexação social das variantes, que integra o conhecimento linguístico dos falantes e, portanto, dos participantes do experimento, leva a tempos de resposta mais rápidos se a correlação apresentada no estímulo corresponde à expectativa do ouvinte, isto é, corresponde à indexação social identificada na comunidade de fala, observada em dados de produção. O estudo se baseou em uma série de experimentos. Serão reportados os resultados do Experimento 5, que investigou a expectativa do participante sobre qual falante seria mais provável de produzir as diferentes variantes identificadas como padrão e não padrão, utilizando uma metodologia de *priming* sociolinguístico. A tarefa do Experimento 5

consistiu na identificação do falante do estímulo alvo (*target*) através da escolha de duas opções de foto, uma caracterizando o falante com status social alto e outra, status social baixo. O estímulo alvo era precedido da apresentação de um estímulo *prime* com o pareamento entre: a) estímulo oral com a variante SN_{PLURAL} + DON'T (*The trucks don't run*) e foto caracterizando status social alto; b) estímulo oral com a variante SN_{SINGULAR} + DON'T (*The truck don't run*) e foto caracterizando status social baixo; c) estímulo oral THERE'S + SN_{PLURAL} (*There's trucks on the driveway*) e foto caracterizando status social baixo; e d) estímulo oral com a variante THERE'S + SN_{SINGULAR} (*There's a truck on the driveway*) e foto caracterizando status social alto, já que esta é a concordância esperada. Na apresentação do estímulo *prime*, o participante foi solicitado a escolher entre as duas fotos apresentadas, porém essa escolha era falsa, já que os perfis sociais das fotos são idênticos. O objetivo do *prime* foi induzir uma relação entre variante e seu valor social, de acordo com a estratificação social observada nos estudos de produção: a) estigma para SN_{SINGULAR} + DON'T com pareamento com fotos de status socioeconômico baixo; b) prestígio para THERE'S + SN_{PLURAL} com pareamento com fotos de status socioeconômico alto; c) e o inverso para a respectiva outra variante. Para os estímulos SN_{SINGULAR} + DON'T, os tempos de resposta foram mais rápidos quando a foto escolhida correspondia a status socioeconômico baixo. Para os estímulos com THERE'S, a concordância do estímulo não foi um bom preditor, porém foi observado que os tempos de resposta foram mais rápidos na escolha de foto com perfil socioeconômico alto. Segundo Squires (op. cit. p. 138), esses resultados mostram que, para os participantes, há uma associação entre SN_{SINGULAR} + DON'T status social baixo e a exposição ao enunciado não padrão/status social baixo ativa o conhecimento dessa associação. Já os TRs baixos na associação de THERE'S com status socioeconômico alto é indicativo de que não há uma associação entre concordância não padrão e status socioeconômico baixo e uma aceitação da construção THERE'S + SN_{PLURAL}, não sendo identificada a mesma relação observada para a variante não padrão dos estímulos com DON'T e status socioeconômico baixo das fotos. Os resultados para os estímulos com THERE'S avançaram o entendimento do padrão observado nos dados de produção. Tomados em conjunto, os baixos TRs verificados

para a associação entre estímulo não padrão SN^{SINGULAR} + DON'T e status social baixo da foto e associação entre THERE'S + SN^{PLURAL} e fotos de status socioeconômico alto são indicativos de que o estímulo *prime* ativou o valor social, que faz parte do conhecimento linguístico internalizado dos participantes, atribuído a essas variantes. A nosso ver, os resultados de tempo de reação, para além de capturarem o processamento da variação, também fornecem evidência sobre a organização cognitiva da variação.

Sobre como crianças e adolescentes processam a variação, há já muitos trabalhos sobre o processamento de variedades regionais. Nathan, Wells e Donlan (1998), em estudo com crianças nativas do inglês britânico, mostraram que a habilidade de compreender um sotaque não familiar da língua nativa ainda está em desenvolvimento entre os 4 e 7 anos de idade, possivelmente como resultado do tamanho do léxico e, principalmente, pela pouca experiência com a variabilidade das formas das palavras. Mais recentemente, Wagner, Clopper e Pate (2013) apresentam evidências de que crianças entre 5 e 6 anos já têm representações gradientes da variação dialetal. Levy et al. (2019) apresentam resultados de um estudo com crianças adquirindo o alemão que confirma os achados de Nathan et al. (op. cit.). Segundo Levy et al. (op. cit.), foi observado que a experiência com a variedade regional da comunidade em que a criança está inserida, além da variedade padrão, leva a uma vantagem no processamento de sotaque de variedades da mesma língua não familiares à criança. Assim, o *input* da variedade regional e da variedade padrão levam a uma maior flexibilidade e, conseqüentemente, a um processamento mais bem sucedido do sotaque regional não familiar. Já McCollough, Clopper e Wagner (2019) mostram que, somente na adolescência, os indivíduos mostram desempenho semelhante ao dos adultos na identificação da importância indexical das variedades do inglês americano. Há ainda diversos estudos com adultos sobre o processamento da variabilidade interdialeto (CLOPPER; PISONI, 2004, 2006; FREITAG et al., 2016, entre outros); sobre os efeitos da variação relacionada a diferenças regionais no processamento lexical (CLOPPER, 2017); sobre a relação entre produção e percepção em contexto de exposição a diferentes variedades regionais (EVANS, 2007; ODER et al., 2013), assim como sobre o processamento de diferenças regionais por população clínica (NATHAN et al., 2001; CLOPPER et al., 2013). Em relação às crianças com desenvolvimento atípico, estas apresentam desempenho aquém das crianças de mesma idade e com desenvolvimento típico no processamento

de sotaque não familiar. Até o momento, os estudos de processamento/percepção da variação têm mostrado, conforme já observado nos estudos de produção (KERSWILL; WILLIAMS, 2000), que o conhecimento da variação linguística é adquirido gradualmente e se manifesta diferentemente em crianças com desenvolvimento atípico.

Os estudos de Hay et al. (2006), Squires (2011) e Freitag (2020), mencionados nessa seção, são indicativos de que resultados de estudos voltados para o processamento da variação, com base em dados de percepção, estão articulados com os de produção, no que diz respeito à relação entre atitudes e o valor social das variantes, identificado através da estratificação social da variação nos dados de produção. Também foi observada articulação entre produção e percepção no que diz respeito ao acesso de variantes da mesma palavra, que diferem em número de sílabas em consequência da realização ou não da vogal pós-tônica, em função da frequência de uso das variantes (com duas ou três sílabas), como no estudo de Connine et al. (2008). Essas evidências são modeladas na abordagem da representação em exemplares, já que fornecem a possibilidade de capturar a relação entre produção e percepção, superando, da mesma forma que os pressupostos da Sociolinguística Variacionista, a dicotomia língua e fala presente no Estruturalismo e na Gerativa (CRISTÓFARO SILVA; GOMES, 2020).

A seção a seguir traz reflexões sobre resultados de estudos que, a princípio, não replicaram condicionamentos observados em estudos com dados de produção e servem de base para a discussão em torno de desafios da pesquisa experimental com foco na variação sociolinguística.

3 Desafios da pesquisa experimental

Drager (2014) menciona que os estudos experimentais sobre a variação sociolinguística devem ser ancorados nos resultados de pesquisas sobre a(s) variável(is) a ser(em) estudada(s), realizadas a partir de dados de produção espontânea, coletados em amostras de fala organizadas de acordo com a metodologia específica para o estudo da variação e da mudança linguística, conforme na tradição da Sociolinguística. O conhecimento sobre a variável, se em processo de mudança ou variação estável, e sobre os condicionamentos linguísticos e sociais servem como ponto de partida para o estabelecimento de questões de trabalho, hipóteses e design experimental. Muito embora, de fato, o estudo experimental se beneficie bastante dos

achados dos estudos com dados de produção espontânea, consideramos que esta não é uma condição *sine qua non* para sua realização. Barcellos (2020), por exemplo, contribui para os estudos sobre atitudes ao investigar a relação entre a variante nasal [ẽ], em sílaba tônica (p. ex. *paulistano*, *Juliana*), e sua relação com a identidade com a variedade dialetal falada na cidade de São Paulo, sem ter como base um estudo prévio, já que não há ainda trabalho sobre essa variável com dados de produção espontânea coletados de amostras da comunidade de fala em questão. Considerando, no entanto, a situação em que, em resultados de estudo experimental, há ausência de uma determinada correlação com os condicionamentos observados em dados de produção, esse resultado constitui evidência de que não se confirma o condicionamento observado nos estudos de produção? A seguir, serão comentados alguns resultados de estudos em que não foram encontradas as correlações esperadas em relação a condicionamento social ou condicionamento linguístico controlado experimentalmente.

Com relação à observação, na percepção, de condicionamento social detectado em dados de produção, Koops et al. (2008), em experimento com a técnica de rastreamento ocular (*eye-tracking*), avaliam a seleção lexical a partir da apresentação de quatro itens lexicais na tela, após o participante ouvir um estímulo oral. Os estímulos alvo são itens lexicais como *pin* (alfinete) e *pen* (caneta) que passam por processo de fusão da vogal em direção a um valor de altura intermediário entre a vogal alta /i/ e a vogal média /e/, nas variedades do sul dos Estados Unidos. Os participantes são de Houston. Segundo os autores, estudos com dados de produção espontânea mostram que, em Houston, os mais velhos apresentam as características típicas da variedade do Sul, como a fusão das vogais em questão, porém, em falantes entre 7 e 12 anos, e 15 e 19 anos, não foi observado o processo de fusão, majoritariamente entre mulheres². No experimento, os itens lexicais foram produzidos por duas vozes femininas, caracterizando mulheres em 3 faixas etárias: jovens em torno de 20 anos, idade intermediária, e mais velhas. Os estímulos

² Segundo os autores, a aparente reversão do processo de fusão (“*unmerge*”) é resultante da massiva migração após a 2ª Guerra Mundial, por questões econômicas, de maneira que migrantes de variedades sem a fusão acabaram servindo de modelo para gerações nascidas nas grandes cidades, transmitindo, portanto, a variante que havia sido eliminada com a fusão completa, típica das variedades do Sul, criando uma diferença entre área rural e área urbana, com a fusão sendo implementada nas áreas rurais.

consistiram na apresentação de uma foto no centro da tela, cercada em cada um dos quatro vértices por 4 itens lexicais, sendo dois com as vogais em questão (p. ex., *rent* (alugar) e *rinse* (limpar) e dois distratores (p. ex., *rack* (prateleira) e *rough* (grosseiro). A variável dependente foi a média de tempo de atenção do participante em olhar para o competidor, *rent* ou *rinse*, durante a fase de ambiguidade, produção da vogal do item lexical, como medida do grau de certeza que os participantes têm da palavra que estão ouvindo. A idade da falante, identificada através da foto, foi uma condição *between-subjects*, isto é, um grupo de participantes foi exposto a fotos representativas da mulher mais jovem e a com idade intermediária (Grupo 1), e o outro grupo, às fotos com a mulher com idade intermediária e mais velha (Grupo 2).

Os resultados indicaram que, no Grupo 1, não houve efeito da foto, mas do grau de fusão do participante, avaliado através da leitura de um texto e autoavaliação. Já para os participantes do Grupo 2, houve efeito significativo da idade percebida da foto, com mais tempo de fixação no competidor quando a idade percebida da foto era de falante mais velha. A ausência de correlação entre idade da foto e a média de fixação para os participantes do Grupo 1 foi interpretada como relacionada à natureza da fusão, que afeta ambas as vogais em direção a uma vogal intermediária entre a vogal alta anterior e a média anterior, com qualidade diferente, ou à possibilidade de problemas no experimento. Um problema do experimento em questão, a nosso ver, é que a caracterização, nas fotos, da idade mais jovem e da idade intermediária não tem uma diferença muito clara. Os autores não mencionam se checaram o perfil social pretendido da foto. Ressalte-se, no entanto, que Koops et al. (op. cit.) não tomaram a ausência de correlação da possível idade da falante, jovem e idade intermediária (Grupo 1), como uma evidência contrária à correlação entre idade e variantes observada nos dados de produção.

A seguir serão comentados dois estudos psicolinguísticos sobre a concordância de número variável no português brasileiro, um sobre a concordância nominal e outro sobre a concordância verbal. Esses estudos foram selecionados para os objetivos deste artigo, pois buscaram avaliar variáveis estruturais detectadas como influentes na produção. Com relação à concordância de plural variável entre os elementos do sintagma nominal (SN), Azalim et al. (2018) conduziram um estudo com base em dados de produção obtidos experimentalmente para verificar o efeito da saliência fônica, conforme Scherre (1988), no processamento de formas

nominais marcadas e não marcadas morfológicamente. A tarefa foi de repetição do estímulo ouvido, uma sentença cujo último item lexical é o núcleo de um SN no plural, classificado, respectivamente, de acordo com a escala de saliência de Scherre (1988), como [+saliente] ou [-saliente], sendo o item marcado morfológicamente ou não marcado: *os varais/os varal*, *os bonés/os boné*. Uma das variáveis dependentes analisadas foi o tempo de reação, medido em função do final do estímulo ouvido e o início da repetição. A hipótese foi a de que tempos de duração maiores entre o fim do estímulo e o início da repetição indicariam estranhamento em relação às formas ouvidas, isto é, “condições eventualmente percebidas como ‘anômalas’ devem registrar TRs [tempos de reação] maiores” (AZALIM et al, op. cit., p.528). Assim, esperavam-se tempos de reação equivalentes nas condições em que a forma marcada e não marcada morfológicamente são menos salientes (*os bonés/os boné*) e a forma marcada é [+saliente] (*os varais*), e TR maior somente na condição [+saliente] não marcada (*os varal*). Os participantes tinham escolaridades correspondentes a Ensino Superior (Grupo 1) e Ensino Médio (Grupo 2).

Os resultados mostraram diferença significativa nos tempos médios de resposta na condição não marcada morfológicamente, ou não redundante, conforme termo utilizado pelos autores. Foi observado efeito principal de saliência fônica com médias de tempos de resposta significativamente maiores na condição não saliente somente entre os participantes com Ensino Médio. Quanto às médias de repetição dos itens lexicais como no estímulo, estas foram altas e semelhantes entre os dois grupos de participantes na condição com o item marcado, e baixas, nos dois grupos, na condição não marcada, independentemente da saliência, o que significa que os participantes tenderam a repetir a sentença produzindo formas marcadas morfológicamente no lugar da não marcada do estímulo. Os dois resultados foram tomados como evidência de que a saliência fônica não tem “um papel relevante na realização da concordância redundante de número” (Azalim et al, op. cit., p.535). Um segundo experimento com as mesmas condições, mas utilizando pseudopalavras, como *mecais/meca[w]* e *nabés/nabé*, resultou em mais repetições das condições de concordância não redundante conforme o estímulo. Também foram verificados maiores TRs para a condição não redundante e na condição em que as pseudopalavras correspondem aos itens classificados como [-saliente] sem a marca de plural (não redundante). Os autores concluem que os resultados são indicativos de que a saliência fônica, de acordo com a escala de Scherre (1988), não tem efeito na concordância nominal.

Scher (2021) encontrou resultados semelhantes aos de Azalim et al. (op. cit), investigando a influência da saliência fônica (cf. NARO, 1981) no processamento da concordância variável verbal no PB por participantes adultos universitários. A autora elaborou também um experimento com a técnica de produção eliciada por repetição, a fim de averiguar uma possível diferença no processamento dos padrões redundante (marca do plural tanto no sujeito quanto no verbo) e não redundante (marcação de plural apenas no sujeito) de realização da concordância verbal de 3ª pessoa do plural (P6), buscando também analisar o papel da saliência fônica na alternância entre os padrões e no processamento do fenômeno em questão. Assim como em Azalim et al. (2018), o participante do experimento tinha como tarefa escutar sentenças e repeti-las após ouvir um sinal sonoro. Segundo a autora, a utilização dessa técnica permitiria analisar a percepção dos dois padrões de realização da concordância – redundante e não redundante – por parte dos participantes, a partir dos tempos de reação à repetição das sentenças propostas, bem como das repetições-alvo. Para o experimento, foram usados pseudoverbos, os quais foram elaborados a partir da escala de saliência conforme proposta de Naro (1981), considerando-se as classes *a* e *b*, referentes ao primeiro nível (*come/comem* e *viaja/viajam*), bem como as classes *b* e *c*, referentes ao segundo nível (*partiu/partiram* e *brincou/brincaram*). Para os sujeitos, foram escolhidos SNs cujos núcleos são classificados como [-salientes], conforme proposta de Scherre (1998), uma vez que, por não ser foco do trabalho, “a saliência dos nomes (...) poderia influenciar nos resultados obtidos” (SCHER, op. cit., p. 81). Assim, as sentenças usadas no experimento seguiam quatro condições experimentais: condição A: CN (redundante) + CV (redundante, [+saliente]); condição B: CN (redundante) + CV (redundante, [-saliente]); condição C: CN (não redundante) + CV (não redundante, [+saliente]); condição D: CN (não redundante) + CV (não redundante, [-saliente])³. Os estímulos foram divididos em duas versões do experimento, a fim de garantir que cada pseudoverbo fosse apresentado tanto no padrão redundante, como no padrão não redundante. Assim, cada participante

³ Exemplos de estímulos de acordo com as condições experimentais de Scher (op. cit, p. 83): A – “Os gerentes miparam o prédio da empresa”; B – “Os alunos mecaram na semana de prova”; C – “As criançaØ lopeuØ a matéria na escola”; D – “Os músicoØ bupaØ no teatro da cidade”.

teve acesso apenas a uma das versões do experimento. Relativamente aos índices de repetição, os participantes, com poucas exceções, repetiram o padrão de concordância escutado. Apesar de haver diferenças de repetição entre os padrões, essa diferença não se mostrou significativa. Quanto aos tempos de reação, “o padrão não redundante não se mostrou mais custoso em termos de processamento em relação ao padrão redundante” (p. 95). Especificamente em relação à saliência, as diferenças nos tempos não se mostraram significativas entre as classes propostas por Naro (1981) para a saliência dos itens verbais, o que levou a autora a concluir que “não é possível apontar a saliência como uma variável que apresente relevância no fenômeno estudado” (SCHER, op. cit. p. 95).

Nos dois estudos apresentados anteriormente, o fato de os resultados não espelharem o observado em dados de produção foi interpretado como evidência contrária ao efeito da variável saliência no condicionamento da variação em questão. Faz-se necessário, então, uma reflexão sobre a ausência de correlação entre produção e percepção das variáveis linguísticas avaliadas experimentalmente. É importante considerar em que medida dados de percepção/processamento irão refletir diretamente condicionamentos linguísticos observados em dados de produção, coletados de amostras de fala constituídas de acordo com os procedimentos metodológicos para o estudo da variação e da mudança. As amostras registram o uso de falantes estratificados de acordo com parâmetros sociais da comunidade de fala observada com base em entrevistas que contêm um espectro de diferentes graus de formalidade e tópicos de conversa. Assim, de fato, um contexto linguístico favorecedor ou desfavorecedor de uma determinada variante vai contribuir para sua saliência/percepção em situação experimental? A princípio, a resposta afirmativa é a esperada, conforme observado em Duarte (1989, p. 31-32), em estudo com pergunta direta sobre uso de sentenças com variantes do objeto direto anafórico. Os resultados mostraram que a variante pronome lexical – *ele(s)/ela(s)* –, como referência anafórica de objeto direto de 3ª pessoa, é menos aceita em sentenças simples, com o verbo no passado ou no presente, como em “Eu vi *ele* ontem”, e considerada natural em sentenças complexas, em que a retomada anafórica pode ser objeto da oração principal e sujeito da subordinada (“Eu vi *eles* abrindo a porta do carro”) ou uma mini-oração (“Eu acho *ela* sensacional”), espelhando os condicionamentos estruturais dessas variantes na produção. Por outro lado, o clítico é aceito em estruturas simples com tempos

simples do indicativo, e rejeitado ou considerado pedante em sentenças que contenham imperativo (“Deixe-*a* em paz!”), tempo composto, estruturas complexas ou com referente com traço [-animado]. Segundo a autora, as configurações sintáticas em que há uma maior aceitação das variantes correspondem aos contextos ou condicionamentos estruturais que favorecem a ocorrência das variantes mencionadas. Também foi observado que o contexto de uso interfere na percepção da variante, já que foi relatado que, em conversas informais, o uso do clítico poderia ser considerado pedante, em qualquer contexto sintático.

Os resultados de Duarte (1989) mostram que é possível que o valor social de variantes que podem ser estigmatizadas, principalmente quando evidenciadas em estímulos em posição final da sentença e em tarefa de repetição, como do estudo de Azalim et al., exerça papel preponderante sobre os condicionamentos linguísticos no comportamento dos indivíduos observados em situação experimental, o que não implica ausência dos padrões de condicionamentos linguísticos da variação. Azalim et al. (2018) se referem à possibilidade de normatividade no comportamento dos participantes que os levou a corrigir as formas não marcadas pelas marcadas na repetição dos estímulos. Conforme mencionado anteriormente, para contornar esse problema, conduziram um novo experimento utilizando pseudopalavras nos estímulos. Em relação às pseudoformas nominais, apontamos que a forma *meca[w]* (e semelhantes), como núcleo do SN, tanto pode ser interpretada como relacionada a uma forma de plural com o morfema *-is* quanto com o morfema *-s*, o que alteraria seu grau de saliência fônica, que poderia corresponder respectivamente a uma forma [+saliente] ou [-saliente]. Gomes et al. (2021) mostraram, em experimento de produção eliciada de formas de plural a partir de pseudopalavras terminadas em ditongo oral decrescente [Vw], como em *meca[w]*, que os participantes apresentaram variação entre *-is* e *-s*, com tendência de maior uso de uma forma ou outra relacionada à escolaridade dos participantes: universitários tenderam a usar mais o *-is* que participantes com Ensino Médio de escola pública e de EJA. Consideramos que, em que pese a possibilidade de o estímulo com a forma irregular redundante, como em *mecais*, ter efeito de *prime* na produção de formas redundantes com *-is*, no experimento de Azalim et al., a variação existe na língua e pode ter interferido no comportamento dos participantes. Essa alternância também tem sido atestada em palavras do PB em dados de produção eliciada de crianças

(OLIVEIRA et al., 2020), e de adultos (AMARAL, 2021; HUBACK, 2007; GOMES; GONÇALVES, 2010; GOMES et al., 2018;). Em Amaral (2021), registram-se também dados de produção espontânea, como, por exemplo, *vogaus, papéus, refius, réis (~réus), museis, bacalhais*.

Ainda, com relação aos resultados sobre o processamento de CN e CV, em ambos os estudos, o fato de serem obtidas mais repetições iguais ao estímulo constituído por pseudopalavras, na condição não marcada, pode ser indicativo de que houve uma atenuação da ausência de marca nessa condição. O fato de os participantes terem modificado, no estudo de Scher, a condição de SN não redundante para redundante, mas tenham mantido a forma verbal não redundante na repetição (estímulo: *Os menino lopeu*; repetição: *Os meninos lopeu*), pode ser indicativo do efeito de atenuação da ausência de marca de 3ª pessoa do plural na repetição da pseudopalavra. É possível, então, que os resultados obtidos em Azalim et al. (2018) e Scher (2021) tenham relação com o forte efeito do estigma da variante não marcada morfológicamente em contexto em que estão mais em evidência na situação experimental. Ao mesmo tempo, é importante avaliar em que medida as escalas de saliência são capturadas em estímulos formados por pseudopalavras.

Além do fato de haver contextos estruturais mais salientes para uma variante, com efeito na sua produção e na sua percepção, conforme os resultados de Duarte (1989), um outro desafio da pesquisa experimental, relacionado ao valor social das variantes, diz respeito ao fato de que nem sempre será possível estabelecer um valor social único compartilhado por todos os falantes de uma variedade, conforme em Melo (2017), e, portanto, isso pode interferir na avaliação/percepção/processamento das variantes.

Sobre a avaliação das variantes de concordância verbal, consideramos também, a seguir, os resultados obtidos em Almeida (2022). O autor também investigou o processamento e a percepção da concordância verbal variável de P6. Para tanto, foram aplicados dois experimentos a participantes universitários da cidade do Rio Janeiro: um teste de leitura automonitorada (N=72) e um teste de julgamento sentencial (N=54). No teste de leitura automonitorada, os participantes eram expostos a estímulos de três formas diferentes: (a) marcação redundante, como em *eles ficam*; (b) marcação não-redundante, como em *eles fica*; e (c) marcação agramatical, como em *eles fico*. Esse experimento tinha como objetivo verificar se sentenças com estímulos com padrão

de concordância redundante e não redundante seriam processadas de maneira diferente das sentenças com estímulos agramaticais, bem como se haveria um efeito de atenuação (cf. LABOV et al., 2011) para a leitura de sentenças com estímulos com padrão de concordância não redundante em comparação a sentenças com estímulos com padrão de concordância redundante. A atenuação em escala logarítmica, em Labov et al. (2011, p. 438-441), está relacionada ao efeito da frequência em que a variante alveolar foi apresentada aos participantes, de maneira que após ouvir um percentual em torno de 20% da nasal alveolar, os participantes pararam de monitorar essa variante, no contexto em que o uso da alveolar é marcado (jornal de TV). Então, em Almeida (2022), as diferenças de processamento foram medidas em função das médias dos tempos de leitura dos segmentos com os estímulos, constituídos por sequências de verbos: 1^a, 2^a e 3^a ocorrência do verbo em cada trecho; ou seja, objetivou-se observar efeito de atenuação em função da repetição do padrão não redundante dentro dos estímulos. Os resultados apontaram para diferentes tempos de leitura para os trechos com os diferentes estímulos, o que levou o autor a assumir que havia diferentes custos de processamento para cada um deles: havia uma aproximação entre os tempos de leitura nas formas verbais com padrão de concordância redundante e padrão de concordância não redundante, à medida que as sentenças eram lidas, além de um distanciamento entre os tempos de leitura com estímulos com padrão de concordância agramatical. Igualmente, observou-se uma manutenção de diferenças significativas entre as leituras com padrão de concordância redundante e agramatical. Segundo Almeida (2022, p. 117), “[d]e maneira geral, a concordância redundante foi a menos custosa, seguida pela concordância não redundante e pela concordância agramatical”. A fim de explicar os resultados, o autor argumenta que “a concordância não redundante é uma possibilidade na língua e pode estar representada na mente dos sujeitos, de modo que estes devem reconhecê-la, seja mais ou menos conscientemente”, ao passo que “por não estar representada na mente dos sujeitos”, a construção agramatical não engatilharia “efeitos de sensibilidade e assimetria” (p. 119).

Considerando a possibilidade de valores sociais diferentes para as variantes de concordância verbal de 3^a do plural em função de perfis socioeconômicos, de escolaridade e até mesmo regionais diferentes dos participantes do experimento de Almeida (2022), os TRs podem ser ainda menores na leitura da variante não redundante. Os resultados de Almeida

são interessantes porque mostram que o estranhamento à variante não padrão, demonstrado nos tempos maiores de leitura dos primeiros verbos do texto sem concordância de plural, se desfaz, em participantes de nível universitário, havendo uma equivalência de tempos de leitura entre esse tipo de sentença e as com concordância redundante, mesmo em contexto mais monitorado, já que se trata de variantes usadas na modalidade escrita. Esse resultado é bastante importante porque mostra que não houve um comportamento uniforme dos universitários em relação à forma não marcada morfologicamente, o que indica nuances na atuação do valor social da variante a depender de um determinado contexto estrutural, como no estudo de Duarte (1989). Ainda, se tomarmos os resultados obtidos no Experimento 5 do estudo de Squires (2011), mencionados na seção anterior, questionamos em que medida se pode estabelecer que sempre o processamento da variante padrão, como no caso da realização morfológica da concordância verbal de 3ª pessoa e da concordância nominal no PB, será menos custosa, com tempos menores de resposta a uma determinada tarefa experimental, e a variante não padrão será mais custosa, com tempos maiores de resposta. Em Squires (2011), TRs mais baixos na associação entre estímulo com concordância não padrão e status socioeconômico baixo da foto mostram a ativação de um valor social atribuído a uma forma linguística e que faz parte do conhecimento linguístico dos participantes do experimento. Já os resultados obtidos em Almeida (2022), a nosso ver, são indicativos de que o tempo maior de processamento da variante não redundante não é determinado necessariamente pelo fato de ser avaliada como não padrão, mas parece estar relacionado a uma determinada posição do verbo na sequência de ocorrências do texto. Como observado em dados de produção, a realização ou não da forma verbal marcada morfologicamente também está relacionada à presença ou não de marcação no contexto anterior (paralelismo discursivo e paralelismo sintático, sintático), conforme em Scherre e Naro (1993) de maneira que marcas levam a marcas e vice-versa. A atenuação observada na sequência de formas não marcadas morfologicamente no texto lido do experimento de Almeida pode ter relação com o efeito da variável paralelismo na sequência de verbos do trecho selecionado para leitura, corroborando o princípio de múltiplas causas.

Esse resultado se torna mais interessante ainda, considerando a segunda parte do estudo de Almeida (2022, p. 109), que realizou um teste de julgamento sentencial em que 54 participantes do teste de leitura automonitorada deveriam avaliar sua maneira de falar, a partir de sentenças

a que eles haviam sido expostos na primeira parte do experimento em uma escala Likert de cinco pontos⁴. O objetivo desta etapa “não era o de avaliar todos os estímulos vistos na etapa anterior, mas coletar medidas de julgamento, percepção, níveis de *noticing/understanding* [...] e atitudes referentes às condições experimentais do estudo” (p. 110). A partir das respostas, os participantes foram reagrupados sob três diferentes rótulos – julgamento, conservadorismo e contato –, os quais figuraram como variáveis de efeito fixo para seis modelos estatísticos. Os resultados mostraram que nenhuma das variáveis se mostrou significativa, levando o autor a concluir que as concepções dos participantes acerca das diferentes marcações da concordância verbal não influenciaram os tempos de leitura automonitorada. Para o autor, os resultados obtidos no experimento de leitura automonitorada não podem ser atribuídos à possibilidade de os participantes não “perceberem” ou não julgarem a variante não redundante como “não padrão”. Observamos que a avaliação explícita de variantes, conforme no segundo experimento de Almeida, pode não representar exatamente o valor social que o falante atribui à forma. Labov (2008, p. 174) argumenta que as atitudes dos falantes em relação a formas linguísticas não emergem de forma sistemática se a pessoa for questionada diretamente sobre os dialetos. Trazer à consciência determinada variante e relacioná-la com atitudes avaliativas, como as em questão na tarefa do experimento, pode ter a interferência de pressões normativas que podem suplantar o valor que o falante efetivamente atribui à variante e está em desacordo com a pressão normativa. Ressaltamos que estudos desse tipo trazem informação importante para a reflexão sobre a relação entre valor social e o grau de estigma das variantes em questão. Comparando os resultados do segundo experimento de Almeida com os obtidos em Duarte (1989), em experimento de pergunta direta sobre o uso de determinadas variantes de objeto direto anafórico, é possível que a convergência de respostas do estudo de Duarte se alinhe mais diretamente ao comportamento observado

⁴ Conforme em Almeida (2022, p. 109), segue a Escala Likert de cinco pontos, elaborada para o teste de julgamento sentencial: (i) “Eu produziria sentenças como essas no meu dia a dia”; (ii) “Eu conheço gente que produz sentenças como essas no dia a dia”; (iii) “Eu acho sentenças como essas feias ou mal construídas”; e (iv) “Não vejo problemas em ouvir alguém falando sentenças como essas”. Para os cinco pontos da escala, os rótulos eram: (1) “Discordo totalmente”; (2) “Discordo parcialmente”; (3) “Neutro”; (4) “Concordo parcialmente”; (5) “Concordo totalmente”.

na produção dessas variantes devido à diferença de grau entre a avaliação negativa da ausência de concordância verbal de 3ª pessoa do plural em determinados contextos sociais e interacionais e a avaliação das variantes de objeto direto anafórico. Uma outra diferença importante entre essas duas variáveis, que pode e deve ser levada em consideração para avaliar o comportamento dos participantes do experimento em relação à percepção de variantes (focalizando o processamento ou a avaliação social) é o fato de que o clítico acusativo de 3ª pessoa é uma variante praticamente extinta na gramática do PB, restrita a contextos sintáticos bastante específicos. Portanto, o grau de implementação de uma determinada mudança pode também ter efeito na avaliação das variantes de uma variável sociolinguística. Conforme mencionado na seção anterior, há diferentes cenários detectados para a implementação da mudança linguística na relação entre indivíduo e comunidade de fala (PAIVA; DUARTE, 2003; SANKOFF, 2019): falantes podem estar avançados em relação a outros no processo de mudança; podem voltar a fazer uso de variantes em desuso, caminhando na direção contrária à da comunidade de fala, ou se manterem estáveis em relação ao vernáculo adquirido até a puberdade. Assim, todas essas possibilidades podem implicar diferentes avaliações sociais pelos indivíduos da mesma variedade linguística.

Há ainda a questão do custo do processamento de variantes estigmatizadas. Essas variantes são necessariamente mais custosas, devido ao seu caráter estigmatizado, levando a tempos maiores de reação/resposta em situação experimental? Azalim et al. (2018, p. 538) apresentam como previsão experimental TRs maiores para os estímulos que apresentam concordância do SN considerada pelos participantes estranha ou anômala, no caso, o SN com marca morfológica no Determinante e sem marca [+saliente] no núcleo (p. ex., Os varal). Os resultados obtidos em Squires (2014), que conduz um experimento de leitura automonitorada sobre variantes de CV no inglês, confrontados com os obtidos em Squires (2011) apresentados na seção anterior, permitem refletir sobre essa hipótese. Os estímulos usados em Squires (2014) continuam formas padrão de concordância verbal (*The turtles don't walk very fast*; *The turtle doesn't walk very fast*), forma não padrão (*The turtle don't walk very fast*) e forma incomum ou inexistente na língua (*The turtles doesn't walk very fast*). Os tempos de leitura foram medidos em quatro posições da estrutura da sentença (1- sujeito, 2- auxiliar (don't/doesn't), 3- verbo principal e 4- termo após verbo principal). Os resultados da posição 3, relacionada com a

influência da leitura da forma do auxiliar na posição 2, mostraram tempos mais rápidos de leitura nas sentenças com concordância padrão (singular e plural), tempo intermediário nas sentenças com concordância não padrão, e tempos maiores nas sentenças com concordância incomum ou inexistente, um resultado esperado, considerando que as formas padrão e não padrão foram avaliadas em sua ocorrência na escrita. Também era esperado que as formas não existentes levassem a tempos maiores de leitura, já que não fazem parte da experiência linguística prévia dos participantes. Esses resultados diferem dos TRs encontrados em Squires (2011), no Experimento 5, para a relação entre concordância verbal não padrão e baixo status social do possível falante do estímulo. A divergência, no entanto, é apenas aparente, visto que, no experimento de leitura, as formas estão sendo avaliadas de acordo com a pertinência de seu uso na modalidade escrita, e, no estudo de Squires (2011), buscou-se identificar um tipo de correlação entre variante e característica social do falante. Portanto, a diferença de TRs relacionadas à avaliação de variante não padrão, nos dois experimentos de Squires, tem relação com o design experimental e não com o fato de a variante se caracterizar por ser não padrão. Isto é, a comparação com os resultados de Squires (2011) nos permite observar que os tempos de leitura mais altos entre estímulos com variante padrão e não padrão, observados no estudo de Squires (2014), têm relação com a modalidade escrita e não com o fato de que variantes não padrão são mais custosas que as padrão, independentemente de qualquer fator. Por outro lado, se o experimento acessa uma correlação entre variante não padrão e valor social que faz parte do conhecimento linguístico internalizado, os TRs tendem a ser baixos (SQUIRES, 2011). Ainda em relação a Squires (2014), a análise dos tempos de leitura em função de características sociais dos participantes revelou que a diferença de classe social entre os participantes foi significativa, porém de maneira inesperada. Nas quatro posições medidas, os tempos de leitura não foram significativamente mais longos entre as sentenças não padrão e as padrão para o grupo de maior status social, embora esses tempos tenham sido obtidos no grupo de participantes com mais baixo status. Entre as diferentes possibilidades de interferência neste último resultado, a autora cita que a medida de tempos de leitura pode não refletir o mesmo para todos os participantes, podendo também estar relacionada a diferentes estratégias de leitura.

Portanto, uma vez que, segundo Young e Bayley (1996, p. 253-254), se há variação, há a atuação conjunta de fatores linguísticos, sociais e cognitivos, conforme prevê o “princípio de causas múltiplas”

dos autores, é fundamental que os estudos que focalizam a variação sociolinguística considerem a diversidade de condicionamentos em face da necessidade de controle máximo de condições experimentais. Ainda que, segundo Drager (2014), as pesquisas sobre percepção/processamento da variação se beneficiem dos achados sobre variáveis sociolinguística, obtidos em estudos com dados de produção espontânea, essa não é uma condição suficiente para acessar os mecanismos envolvidos na percepção de estruturas variáveis. É também necessário que se leve em consideração que, também na percepção/processamento, há uma competição de fatores da variação atuando, juntamente com aspectos cognitivos, que precisam ser considerados no design experimental, na escolha do método e no controle das condições experimentais. Consideramos que a área de estudos do processamento da variação tem um caminho vasto a percorrer, podendo trazer contribuições importantes para a compreensão da variação linguística que integra o conhecimento internalizado dos indivíduos.

4 Considerações Finais

Neste artigo, buscamos refletir sobre contribuições e desafios da pesquisa experimental com foco na variação sociolinguística. Estudos que abordam dimensões perceptuais e cognitivas da variação linguística, utilizando diferentes técnicas experimentais, vêm se ampliando, sendo identificadas contribuições importantes para questões como o status da variação no conhecimento linguístico internalizado, a indissociabilidade entre variante e indexação social e a organização cognitiva da variação, conforme resultados apresentados e discutidos neste artigo. Também foram apresentadas reflexões sobre alguns dos desafios dos estudos experimentais, principalmente no que concerne ao mapeamento, em condições controladas experimentalmente, de condicionamentos linguísticos e sociais detectados em dados de uso espontâneo. Especificamente, o status da variação no conhecimento linguístico dos indivíduos foi abordado no que concerne a hipóteses de processamento de variantes padrão e não padrão, com base em tempos de resposta ou tempos de leitura, considerando-se evidências de estudos como os de Squirres (2011, 2014), segundo as quais o processamento da variante não padrão tem relação com o design experimental, a modalidade de língua em que são usadas e o quão estabelecidas estão as relações entre valor social e variante no conhecimento linguístico dos participantes.

Conforme apresentamos na seção 2, questões importantes têm sido tratadas nos estudos sobre percepção/processamento da variação na abordagem da Sociolinguística e que contribuem para o entendimento da organização do conhecimento linguístico. O aumento de pesquisas na área da Sociolinguística Experimental trará mais evidências para o entendimento de como a variação é adquirida, armazenada (regra ou representação?), como a variação é acomodada na produção e na percepção, como é percebida em diferentes modalidades, gêneros textuais-discursivos, entre outros temas.

Declaração de autoria

O artigo foi concebido por Christina Abreu Gomes em parceria com Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo. O desenvolvimento da análise, a interpretação das questões colocadas para reflexão e a redação do artigo foram realizados pelos dois autores.

Referências

ALMEIDA, W. C. *Processamento e percepção da concordância verbal variável de P6 entre universitário da cidade do Rio de Janeiro*. 2022. 161 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022.

AMARAL, T. L. A. *Variação do plural de nomes do PB terminados em ditongo oral decrescente (Vw): uma abordagem no modelo de exemplares*. 2021. 98 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

AZALIM, C.; MARCILESE, M.; NAME, C.; SCHER, L.; GONÇALVES, L. Concordância nominal variável de número e saliência fônica: um estudo experimental. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 513-545, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-44503056808349593>

BARCELLOS, M. E. M. *O falar paulist[ê]no e os significados sociais de (AN): correlações entre origem do ouvinte e percepção*. 2020. 137f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2020.

BATTISTI, E.; OLIVEIRA, S. G. de. Significados sociais do Inglding de vogais tônicas no português falado em Porto Alegre (RS). *Todas as Letras*, v. 18, n. 2, p. 14-29, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v18n2p14-29>

BAILEY, G. Emerging from below the social radar: Incipient evaluation in the North West of England. *Journal of Sociolinguistics*, v. 23, n. 1, p. 3-28, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1111/josl.12307>

BAYLEY, R. The quantitative paradigm. In: CHAMBERS, J.; TRUDGILL, P; SCHILING-ESTES, N. (orgs.). *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell, 2002, p.117-141.

BYBEE, J. *Phonology and Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

CAMPBELL-KIBLER, K. Accent, (ING), and the social logic of listener perceptions. *American Speech*, v. 2, n. 1, p. 32–64, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1215/00031283-2007-002>

CAMPBELL-KIBLER, K. Sociolinguistics and perception. *Language and Linguistics Compass*, v. 4, n. 6, p. 377-389, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1749-818X.2010.00201.x>

CLARK, L.; SCHLEEF, E. The acquisition of sociolinguistic evaluations among Polish-born adolescents learning English: Evidence from perception. *Language Awareness*, v. 19, n. 4, p. 299-322, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1080/09658416.2010.524301>

CRISTÓFARO SILVA, T.; GOMES, C. A. Fonologia na perspectiva dos Modelos de Exemplos. In: GOMES, C. A. *Fonologia na perspectiva dos Modelos de Exemplos*. São Paulo: Contexto, 2020, p. 13-36.

CLOPPER, C. Sound change in the individual: Effects of exposure on cross-dialect speech processing. *Laboratory Phonology*, v. 5, n. 1, p. 69-90, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1515/lp-2014-0004>

CLOPPER, C. G. Dialect interference in lexical processing: Effects of familiarity and social stereotypes. *Phonetica*, v. 74, n. 1, p. 25-59, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1159/000446809>

CLOPPER, C. G.; PISONI, D. B. Some acoustic cues for the perceptual categorization of American English regional dialects. *Journal*

of Phonetics, v. 32, n.1, p. 111-140, 2004. DOI: 10.1016/S0095-4470(03)00009-3

CLOPPER, C. G.; PISONI, D. B. Effects of region of origin and geographic mobility on perceptual dialect categorization. *Language Variation and Change*, v. 18, n.2, p.193-221, 2006. DOI: 10.1017/S0954394506060091

CLOPPER, C. G., ROHRBECK, K. L.; WAGNER, L. Perception of talker age by young adults with high-functioning autism. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 43, n.1, p. 134-146, 2019. DOI: 10.1007/s10803-012-1553-5

CONNINE, C. M.; RANBOM, L. J.; PATTERSON, D. J. Processing variant forms in spoken word recognition: The role of variant frequency. *Perception & Psychophysics*, v. 70, n. 3, p. 403–11, 2008. DOI: 10.3758/pp.70.3.403

DRAGER, K. Speaker age and vowel perception. *Language and Speech*, New York, v. 54, n. 1, p. 99-121, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1177/0023830910388017>

DRAGER, K. Experimental methods in sociolinguistics. In: HOLMES, J.; HAZEN, K. (orgs.) *Research Methods in Sociolinguistics: A practical guide*. Wiley-Blackwell: Oxford, 2014, p. 58-73.

DRAGER, K. *Experimental Research Methods in Sociolinguistics*. New York: Bloomsbury, 2018.

DUARTE, M. E. L. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: Tarallo, Fernando (Org.). *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989, p.19-34.

EVANS, B.G. Plasticity in speech production and perception: a study of accent change in young adults. *Journal of Acoustic Society of America*, v. 121, n. 6, p. 3814-3826, 2007. DOI: 10.1121/1.2722209.

FOULKES, P; DOCHERTY, G. The social life of phonetics and phonology. *Journal of Phonetics*, v.34, n. 4, p. 508-517, 2006. DOI: 10.1016/j.wocn.2005.08.002

FREITAG, R. M. K. Effects of the Linguistics Processing: Palatals in Brazilian Portuguese and the Sociolinguistic Monitor. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*. v. 25, n. 2, 2020. Disponível em: <https://repository.upenn.edu/pwpl/vol25/iss2/4>.

FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G.; SNICHELOTTO, C. A. R.; TAVARES, M. A. Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do sul e do nordeste. *Todas as Letras*. v. 18, n. 2, p. 64-84, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v18n2p64-84>

GOMES, C. A.; AMARAL, T. L. A.; PRADO, L. O. do. Plural de nomes no português brasileiro: variação, indivíduo, escolaridade e o papel do léxico. *Diadorim*, v.20, n.especial, p.489-506, 2018. DOI: 10.35520/diadorim.2018.v20n0a23287

GOMES, C. A.; GONÇALVES, C. M. Flexão de Número na Gramática da Criança e do Adulto. *Veredas*, v. 14, n. 1, p.122-134, 2010. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/08/ARTIGO-91.pdf>

GOMES; C. A.; PRADO, L.; AMARAL, T. L. Aspectos cognitivos e sociais na alternância de formas de plural de nomes do PB. In: MARINS, J.; ORSINI, M. T.; CAVALCANTE, S. R. de O. (orgs.). *Contribuições à Descrição e ao Ensino do Português Brasileiro*: da Fonética ao Discurso, com parada obrigatória na Sintaxe. Uma Homenagem a Maria Eugenia Lammoglia Duarte. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021, p. 95-122.

HAY, J.; WARREN, P.; DRAGER, K. Factors influencing speech perception in the context of a merger-in-progress. *Journal of Phonetics*, v. 34, n. 4, p. 458-484, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.wocn.2005.10.001>

HUBACK, A. P. 2007. 318f. *Efeito de frequência nas representações mentais*. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

HURRING, G.; HAY, J.; DRAGER, K.; PODLUBNY, R.; MANHIRE, L.; ELLIS, A. Social Priming in Speech Perception: Revisiting Kangaroo/Kiwi Priming in New Zealand English. *Brain Science*, v. 12, n. 6, 2022. DOI: <https://doi.org/10.3390/brainsci12060684>

JOHNSON, K. Speech perception without speaker normalization: an exemplar model. In: JOHNSON, K.; MULLENNIX, J. W. (orgs.) *Talker Variability in Speech Processing*. San Diego: Academic Press, 1997, p. 145-166.

KERSWILL, P.; WILLIAMS, A. Creating a new town koine: children and language change in Milton Keynes. *Language in Society*, v. 29, n. 1, p. 65-115, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1017/S00474500001020>

KOOPS, C.; GENTRY, E.; PANTOS, A. The effect of perceived speaker age on the perception of PIN and PEN vowels in Houston, Texas. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, Pennsylvania, v. 14, n. 2. Disponível em: <https://repository.upenn.edu/pwpl/vol14/iss2/12>.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Washington: Center for Applied Linguistics, 1966.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: Internal Factors*. Philadelphia: John Benjamins, 1994.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: Social Factors*. Philadelphia: John Benjamins, 2001.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: Cognitive and Cultural Factors*. Philadelphia: John Benjamins, 2010.

LABOV, W.; ASH, S., RAVINDRANATH, M., WELDON, T.; BARANOWSKI, M.; NAGY, N. Properties of the sociolinguistic monitor. *Journal of Sociolinguistics*, v. 15, n. 4, p. 431–463, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1111/J.1467-9841.2011.00504.X>

LEVON, E. Sexuality in context: Variation and the sociolinguistic perception of identity. *Language in Society*, v. 36, n. 4, p. 533–554, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0047404507070431>

LEVON, E.; BUCHSTALLER, I. Perception, cognition, and linguistic structure: The effect of linguistic modularity and cognitive style on sociolinguistic processing. *Language Variation and Change*, v. 27, n.3, p. 319-348, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0954394515000149>

LEVY, H.; KONIECZNY, L.; HANULÍKOVÁ, A. Processing of unfamiliar accents in monolingual and bilingual children: effects of type and amount of accent experience. *Journal of Child Language* v. 46, n. 2, p. 368-392, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1017/S030500091800051X>.

LOUDERMILK, B. C. *Cognitive mechanisms in the perception of sociolinguistic variation*. 2013. 202f. Dissertation (PhD in Linguistics) – University of California, Center of Neuroscience, Davis, 2013.

MCCULLOUGH, E. A.; CLOPPER, C. G.; WAGNER, L. Regional dialect perception across the lifespan: Identification and discrimination. *Language and Speech*, v. 62, n. 1, p. 115-136, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1177/0023830917743277>

MELO, M. A. S. L. *Direcionalidade da mudança sonora: o papel do item lexical e da avaliação social*. 2017. 142f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

MENDES, R. B. Diphthongized (en) and the indexation of femininity and paulistanity. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 58, n. 3, p. 1-23, 2016. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v58i3.8647300>

NARO, A. J. The social and structural dimensions of syntactic change. *Language*, v. 57, p. 63-98, 1981.

NATHAN, L.; WELLS, B.; DONLAN, C. Children's comprehension of unfamiliar regional accents: a preliminary investigation. *Journal of Child Language*, v. 25, n. 2, p. 343-65, 1998. DOI: [10.1017/S0305000998003444](https://doi.org/10.1017/S0305000998003444)

NATHAN, L.; WELLS, B. Can children with speech difficulties process an unfamiliar accent? *Applied Psycholinguistics*, v. 22, n. 3, p. 343-61, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0142716401003046>

NIEDZIELSKI, N. The effect of social information on the perception of sociolinguistic variables. *Journal of Social Psychology*, v. 18, n. 1, p. 62-85, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1177/0261927X99018001005>

ODER, A. L., CLOPPER, C. G.; FERGUSON, S. H. Effects of dialect on vowel acoustics and intelligibility. *Journal of the International Phonetic Association*, v. 43, n. 1, p. 23-35, 2013. DOI: [10.1017/S0025100312000333](https://doi.org/10.1017/S0025100312000333)

OLIVEIRA, D.; CRISTÓFARO-SILVA, T.; GOMES, C. A. Aquisição do plural irregular no Português Brasileiro: uma abordagem baseada em exemplares. *Linguística*, v. 16, n. esp., p. 622-645, 2020. DOI: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2020.v16nEsp.a21500>

OUSHIRO, L. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. 2015. 394 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015.

PAIVA, M. da C.; DUARTE, M. E. L. (Orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Editora Contra Capa, v. 1, 2003.

PIERREHUMBERT, J. Exemplar dynamics: word frequency, lenition, and contrast. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (Orgs.). *Frequency effects and the emergence of lexical structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001, p. 137-157.

PIERREHUMBERT, J. Probabilistic Phonology: discrimination and robustness. In: BOD, R.; HAY, J.; JANNEDY, S. (Orgs.). *Probabilistic Linguistics*. Cambridge: MIT Press, 2003, p. 177-228.

SANKOFF, G. Language change across the lifespan: Three trajectory types. *Language*, v. 95, n. 2, p. 197–229, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1353/LAN.2019.0029>

SANKOFF, D.; LABERGE, S. Statistical dependence among successive occurrences of a variable in discourse. In: SANKOFF, D.; LABERGE, S. (eds.) *Linguistic variation: Methods and models*. New York: Academic Press, 1978. p. 119–126.

SCHER, L. S. *A saliência fônica e o processamento da concordância verbal variável no PB*. 2021. 118f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2021

SCHERRE, M. M. P. *Reanálise da Concordância Nominal em Português*. 1988. 554f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Marking in discourse: ‘Birds of a feather. *Language Variation and Change*, v.3, n. 1, p. 23-32, 1993. DOI: <https://doi.org/10.1017/S095439450000043>

SCHMIDT, L.; GEESLIN, K. Developing language attitudes in a second language: Learners perception of regional varieties of Spanish. *Revista Española de Lingüística Aplicada*, v. 35, n. 1, p. 206-235, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1075/resla.20008.sch>

SQUIRES, L. M. *Sociolinguistic priming and the perception of agreement variation: Testing predictions of exemplar-theoretic grammar*. 2011. 244f. Dissertation (PhD in Linguistics) – Department of Psychology, University of Michigan, Ann Arbor, 2011.

SQUIRES, L. M. Social differences in the processing of grammatical variation. *Penn Working Papers in Linguistics*, v. 20, n. 2, 2014. Disponível em: <http://repository.upenn.edu/pwpl/vol20/iss2/20>.

TAMMINGA, M.; MACKENZIE, L.; EMBICK, D. The dynamics of variation in individuals. *Linguistic Variation*, v. 16, n. 2, p. 300-336, 2016. DOI: 10.1075/lv.16.2.06tam

WAGNER, L.; CLOPPER, C.; PATE, J. Children's perception of dialect variation. *Journal of Child Language*, v. 41, n. 5, p. 1062-1084, 2014. DOI: 10.1017/S0305000913000330

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

YOUNG, R.; BAYLEY, R. VARBRUL Analysis for Second Language Acquisition Research. In: BAYLEY, R.; PRESTON, D. R. (orgs.) *Second Language Acquisition and Linguistic Variation*. Amsterdam: John Benjamins, 1996, p. 253-306.

YOUNG, N. J.; Britain, D.; Leemann, A. A blueprint for using deepfakes in sociolinguistic matched-guise experiments. *Proceedings of INTERSPEECH 2022*, Incheon, Korea, p. 5268–5272, 2022. DOI: 10.21437/Interspeech.2022-10782



Aquisição da linguagem, variação linguística e desenvolvimento sociolinguístico

Language acquisition, linguistic variation, and sociolinguistic development

Mercedes Marcilese

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais / Brasil
mercedes.marcilese@ufjf.br

<http://orcid.org/0000-0002-9058-8367>

Cristina Name

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais / Brasil
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) / Brasil
cristina.name@ufjf.br

<http://orcid.org/0000-0001-5625-9503>

Cristina Azalim

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais / Brasil
azalimc@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-9830-8948>

Daniele Molina

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais / Brasil
daniele.molina@ufjf.br

<http://orcid.org/0000-0002-8555-3039>

Resumo: Durante a aquisição da sua língua materna, por vezes, as crianças adquirem uma gramática que difere – em algum grau – daquela apresentada pelos seus cuidadores principais. Esse fato coloca em destaque a estreita relação que existe entre aquisição da linguagem, variação e mudança linguística. A simples presença de variação nos dados primários disponíveis para a criança, no entanto, nem sempre gera uma situação de

mudança linguística. Ao mesmo tempo, a atribuição de valor social às formas linguísticas constitui uma das facetas do processo de aquisição, mas a percepção da variabilidade linguística *per se* não parece ser suficiente para que tal atribuição seja realizada pelas crianças. Adotando um conjunto de pressupostos básicos no campo da psicolinguística – que caracteriza a língua no contexto mais amplo da cognição humana –, este artigo tece uma reflexão sobre a relação entre a presença de variabilidade no *input* durante a aquisição de língua materna e o desenvolvimento sociolinguístico de bebês e crianças. Buscamos ainda ilustrar a relação entre o contato com um *input* variável e a aquisição da linguagem a partir da análise de um fenômeno de variação específico, qual seja, a concordância variável – nominal e verbal – observada no português brasileiro. Analisamos a produção linguística de crianças e seus cuidadores a fim de verificar a relação entre o *input* recebido pelos jovens aprendizes e sua própria produção. O processo de escolarização – e seu efeito normativizador na língua –, a identidade do participante e as diversas dimensões da interação comunicativa, bem como aspectos vinculados às ferramentas de coleta dos dados reportados nas pesquisas, se mostram cruciais para uma compreensão aprofundada das questões em discussão.

Palavras-chave: aquisição da linguagem; *input* variável; desenvolvimento sociolinguístico; concordância variável.

Abstract: This paper discusses the relation between variable input and sociolinguistic development in mother-tongue acquisition process. During language acquisition, children can acquire a linguistic system that differs – to some degree – from that of their primary caregivers. This fact emphasizes the close relationship that exists between language acquisition, linguistic variation and linguistic change. However, the presence of variation in primary linguistic data does not guarantee linguistic change. At this point, it is worthy to say that, although the attribution of social values to linguistic forms is a particular phase of the acquisition process, the perception of linguistic variability *per se* does not seem to be sufficient for such attribution to be made by children. By adopting the psycholinguistic assumptions, this paper aims at discussing some relevant aspects of language acquisition, linguistic variation and sociolinguistic development by analyzing the phenomenon of variable nominal and verbal number agreement in Brazilian Portuguese. Naturalistic data were analyzed in order to verify the input received by children and their own linguistic production. Formal education – and its normative effects in language –, speaker identity and the different dimensions of communicative interaction, as well as methodology issues, seem to be crucial for a deeper understanding of the topics under discussion.

Keywords: language acquisition; variable input; sociolinguistic development; variable agreement.

Recebido em 01 de setembro de 2022.

Aceito em 12 de dezembro de 2022.

1 Introdução

A aquisição da língua materna¹ constitui um dos principais exemplos da capacidade de aprendizagem indutiva dos seres humanos. A partir de um conjunto finito de sentenças geradas com base no sistema a ser adquirido, bebês e crianças pequenas se mostram capazes de extrair os padrões mais gerais que subjazem a esse sistema, isto é, capazes de identificar a gramática da língua. Talvez o ponto mais surpreendente nesse processo seja o fato de que qualquer membro da espécie com desenvolvimento típico costuma ser bem-sucedido nesse aprendizado, embora os dados disponíveis no *input* não sejam – por si só – suficientes para explicar tal sucesso (CHOMSKY, 1981; SINGLETON; NEWPORT, 2004; dentre outros). Essa combinação de sucesso a partir de dados relativamente pobres ou parciais se encontra na base da visão inatista para a aquisição da linguagem. De acordo com essa perspectiva, restrições, tendências e/ou mecanismos inatos seriam em parte responsáveis pelo bom desempenho dos jovens aprendizes.

Como em todos os campos das denominadas ciências humanas, a aquisição de língua materna se configura como um campo de investigação no qual coexistem abordagens teóricas diversas e visões epistemologicamente distintas. Em particular, as teorias diferem quanto à natureza das restrições inatas que orientariam o processo de aquisição e em que medida tais restrições seriam de domínio específico ou fariam parte de mecanismos mais gerais, sendo compartilhados em outros âmbitos do aprendizado humano (e até mesmo, por outras espécies). Mas, afinal, o que significa *adquirir uma língua*? Embora não haja uma resposta única para essa questão, veremos que muitos dos possíveis caminhos não são excludentes, mas sim, complementares.

Em primeiro lugar, vale lembrar que adquirir uma língua diz respeito a um *processo*. O ponto de partida – ou estado inicial – é caracterizado de formas variadas a depender da perspectiva teórica assumida. Já o estado “final” ou estável desse processo envolveria o conhecimento pleno de uma (ou mais) língua(s) que possibilitaria

¹ As expressões “aquisição de língua materna” e “aquisição da linguagem” remetem aqui – como será detalhado a seguir – ao processo pelo qual o bebê/a criança parte de um estado inicial e atinge um estado estável de conhecimento de uma (ou mais) língua(s)/gramática(s). Os termos “língua”, “sistema linguístico” e “gramática” são utilizados como equivalentes ao longo do artigo.

que a criança – de posse dele – fosse capaz de atingir um desempenho comunicativamente satisfatório, em contextos de interação diversos, com interlocutores e objetivos variados. Assim, adquirir uma língua inclui o desenvolvimento de habilidades de expressão e comunicação, de interação social e de organização do pensamento, bem como a constituição de uma identidade e a aquisição de conhecimento, tanto linguístico quanto não linguístico. Além desses aspectos mais amplos e gerais, o processo requer de forma crucial a identificação – espontânea, natural e sem necessidade de instrução formal – das características do sistema linguístico no qual a criança se encontra imersa, durante seus primeiros anos de vida. Será com base nessa identificação que a criança poderá interpretar e produzir enunciados linguísticos.

Numa visão “alargada”, o estudo da aquisição da linguagem pode incluir as habilidades expressivas e comunicativas não necessariamente verbais (por exemplo, aspectos vinculados à gestualidade), bem como investigar o desenvolvimento de habilidades discursivas, o aprendizado da escrita e os processos de leitura e letramento (CORRÊA, 1999). Já numa perspectiva mais restrita, pesquisas sobre a aquisição visam a identificar o que os bebês e crianças são capazes de perceber e discriminar a partir dos estímulos linguísticos disponíveis no ambiente, como ocorre a análise do material linguístico e de que maneira o conhecimento é armazenado e representado ao longo do processo de aquisição. O estudo da aquisição pode contribuir ainda para a identificação de fontes e manifestações de alteração na linguagem ao longo do desenvolvimento.

Perspectivas teóricas de orientação pragmática, sócio-interacionista ou sócio-cognitivista, com frequência demonstram um interesse maior por aspectos contemplados na visão mais ampla mencionada, enquanto abordagens desenvolvidas no contexto da psicolinguística e da linguística teórica se vinculam principalmente à visão mais restrita salientada. Vemos, no entanto, que esses diferentes pontos de vista se ocupam de aspectos distintos e constitutivos de um processo que é complexo e multifacetado.

A perspectiva aqui assumida para abordar a aquisição da linguagem está alinhada com pressupostos fundamentais no campo da psicolinguística que, seja em vertentes de orientação mais empirista ou inatista, investiga os processos mentais subjacentes à aquisição e ao uso de uma (ou mais) língua(s), considerando tanto capacidades perceptuais e cognitivas disponíveis aos seres humanos, quanto características e propriedades dos

estímulos linguísticos (CLARK, 1999; CORRÊA, 2011). Assim sendo, entendemos que a aquisição envolve um processo que parece se iniciar ainda na vida intrauterina (MAMPE et al., 2009; dentre outros) e depende de habilidades perceptuais, de identificação e de categorização (GERVAIN; WERKER, 2008; WERKER; GERVAIN, 2013), por parte do bebê/criança, e que tais habilidades interagem com sistemas de desempenho de ordem mais geral – tais como memória, processos atencionais e controle executivo – além de sofrerem os efeitos da maturação do organismo de forma mais ampla. Assumimos ainda que a linguagem interage com outros domínios cognitivos, dentre os quais, interessa na discussão que desenvolvemos aqui, em particular, a cognição social, responsável pelas representações, habilidades e capacidades necessárias para o desenvolvimento de raciocínios sociais, fundamentais para o estabelecimento e a manutenção de relações em contextos de interação.

O contexto social no qual a aquisição ocorre é um aspecto pouco explorado nas pesquisas da área de aquisição da linguagem e da psicolinguística, de modo mais geral. Isso porque mesmo nas abordagens que buscam esclarecer o papel da interação e a dimensão sociocognitiva do processo de aquisição, determinados pontos acabam sendo pouco ou não investigados. Em particular, a natureza variável da língua – presente até em contextos aparentemente mais “estáveis” de monolinguismo – e os potenciais desafios que ela representa em termos de aquisição, têm um espaço ainda reduzido na literatura (MILLER; RAMOS, 2014; SMITH, DURHAM; RICHARDS, 2013; SMITH; DURHAM; FORTUNE, 2009). Se – pelo menos em parte – a tarefa da criança envolve a identificação de regularidades que permitam chegar a generalizações sobre o sistema em aquisição, como acontece esse processo quando os dados de entrada não são categóricos, mas sim, variáveis²?

A variação linguística abrange aspectos que vão desde diferenças na qualidade da voz, na velocidade da fala e na pronúncia, nas escolhas lexicais e nas realizações morfossintáticas e discursivas – relacionadas

² De acordo com uma visão inatista, o processo de aquisição da linguagem ocorre crucialmente a partir da identificação e mapeamento de regularidades. Nesse sentido, a variação (mesmo aquela sistemática) pode ser vista como um “problema” ou “desafio” para a criança em fase de aquisição. Embora todo *input* seja potencialmente variável, o modo como essa variação se apresenta nos dados primários pode apresentar diferenças substanciais em função da comunidade de fala específica considerada.

a características individuais dos falantes, tais como sexo, idade, procedência geográfica etc. – até a variação socialmente condicionada e vinculada a fatores tais como escolaridade, nível socioeconômico, âmbito de atuação profissional etc. Podemos afirmar então que a variação presente no *input* disponível para a criança é uma questão de grau: algumas crianças podem estar inseridas em contextos com um volume maior de variabilidade do que outras, mas a variação sempre estará presente em alguma medida. Até as mais “inocentes” diferenças de pronúncia que poderiam ser vistas – de forma equivocada – como mais simples em termos de variação, podem ser correlacionadas a fatores socialmente relevantes. Da mesma forma, o uso de palavras distintas para se referir a uma mesma entidade/objeto e a presença de formas variáveis em configurações gramaticalmente relevantes que codificam informações cruciais para a interpretação dos enunciados e que muitas vezes envolvem dependências não adjacentes entre os elementos (ex. relações de concordância, envolvendo informações de número, gênero e pessoa), são comuns no *input* ao qual bebês e crianças são expostos.

Embora a existência de variação linguística no *input* seja um fato que as crianças em fase de aquisição irão enfrentar, os efeitos que essa variabilidade tem no processo e o modo como a consciência social – relativa, por exemplo, à identificação e ao reconhecimento de parceiros sociais – e a consciência sociolinguística se desenvolvem nos jovens falantes, são aspectos pouco investigados na literatura sobre aquisição da linguagem. De modo geral, a maior parte das investigações sobre a aquisição de língua materna tem como foco aspectos regulares, sistemáticos e mais ou menos categóricos dos sistemas linguísticos. Na literatura mais recente, no entanto, é possível observar um aumento significativo de pesquisas que consideram tanto a aquisição de aspectos linguísticos variáveis quanto questões vinculadas ao desenvolvimento sociolinguístico³ e relativas, por exemplo, à consciência infantil sobre a identidade do falante e os valores socialmente atribuídos às formas linguísticas (JOHNSON; WHITE, 2020).

³ O desenvolvimento sociolinguístico envolveria, dentre outros aspectos, a construção de uma consciência sociolinguística. Nesse sentido, “desenvolvimento sociolinguístico” é mais amplo do que “consciência sociolinguística” e está atrelado de forma mais direta à cognição social não estritamente linguística.

O presente artigo visa a fornecer uma reflexão sobre os dois aspectos mencionados e certamente (co)relacionados, mas cujas implicações ainda não são bem compreendidas. De um lado, a variabilidade presente no *input* linguístico e seus efeitos no processo de aquisição de língua materna (cf. Seção 2); do outro, o desenvolvimento sociolinguístico da criança que ocorre como parte e consequência natural do processo de aquisição (cf. Seção 3). Para fechar essa reflexão, na quarta seção fornecemos dados relativos a um fenômeno de variação linguística bastante investigado no português brasileiro (doravante, PB), qual seja, a concordância variável de número. Em particular, buscamos caracterizar – a partir de dados naturalísticos (MOLINA, 2018; AZALIM, 2021) – o modo como a concordância nominal e verbal se manifesta no *input* primário recebido por crianças de diferentes grupos socioeconômicos adquirindo o PB e na própria produção linguística das crianças.

2 Variabilidade no *input* e aquisição da linguagem

Ao adquirir sua língua materna, por vezes, as crianças adquirem um sistema que difere daquele utilizado pelos seus cuidadores primários⁴. Esse ponto é particularmente relevante para a compreensão da mudança linguística e sinaliza a estreita relação que existe entre aquisição, variação e mudança (LIGHTFOOT, 2010; LIGHTFOOT; WESTERGAARD, 2007). O *input* recebido pelos bebês e crianças – também caracterizado em termos de uma língua externa (CHOMSKY, 1981, 1986) – pode desencadear o desenvolvimento de uma gramática ou língua interna diferente nos jovens aprendizes.

De acordo com Cornips e colaboradores (2016), as crianças teriam um papel fundamental como agentes da mudança diacrônica que ocorreria devido a um processo de transmissão não-alvo (também denominada transmissão irregular) de formas e estruturas linguísticas entre as gerações de falantes. Os autores destacam que, nesse sentido, é notável que os estudos desenvolvidos sobre aquisição da linguagem e sobre mudança linguística tenham permanecido distantes por tanto tempo. O relativo isolamento entre esses campos de estudo parece estar

⁴ Consideramos aqui como cuidadores primários aqueles adultos que atuam no cotidiano como responsáveis principais pelos cuidados e pela maior parte das tarefas envolvendo o bebê/criança.

vinculado, principalmente, a diferenças nas questões fundamentais de pesquisa e aos métodos de coleta de dados adotados.

Lightfoot (2010) destaca que, durante a aquisição da linguagem, as crianças seriam influenciadas tanto pela biologia – em particular, pelos mecanismos gerais e específicos que guiam o processo – quanto pelo ambiente. O autor se refere aqui ao “ambiente” em termos do estímulo linguístico disponível, i.e., aquilo que as crianças ouvem ou percebem visualmente (no caso das línguas de sinais). Assim, em determinados momentos, o *input* que as crianças recebem pode mudar um pouco, configurando dessa forma novos dados primários que podem promover a configuração de novas gramáticas internas. Pequenas mudanças na língua externa poderiam ser responsáveis por desencadear mudanças de maior alcance nas línguas internas. No entanto, nem sempre uma alteração no *input* irá determinar uma mudança de fato.

A relação entre o processo de aquisição da linguagem e a mudança linguística tem sido mais investigada no contexto de transmissão irregular, em ambientes de contato linguístico. Pidgins e crioulos nas suas etapas iniciais, em particular, constituem fontes bastante relevantes para a compreensão dessas relações. O poder regularizador que os jovens aprendizes têm, no entanto, não parece operar da mesma forma em todos os contextos. Assim, enquanto nos ambientes em que de fato são verificadas lacunas e/ou inconsistências no *input*, o conhecimento desenvolvido pelas crianças parece resolver ou superar os problemas originais; quando se trata de variabilidade sistemática no interior de sistemas linguísticos já consolidados, a mudança linguística não parece ocorrer com a mesma velocidade ou com a mesma extensão.

Chomsky (1981, 1986) destaca que o *input* linguístico “normal” é naturalmente pobre, já que certas propriedades fundamentais da gramática podem ficar indeterminadas nos dados disponíveis durante o processo de aquisição da linguagem. Contudo, em circunstâncias típicas, os dados disponíveis fornecem exemplos dos tipos de estrutura que podem ser gerados pelo sistema em aquisição e possuem um grau considerável de regularidade e consistência. O que acontece então nos casos em que o *input* não apresenta suficiente consistência ou sistematicidade ou não fornece evidências da complexidade da gramática? Os exemplos mais extremos desse tipo de situação relatados na literatura correspondem a crianças que receberam pouco ou nenhum *input* durante o período crítico (LENNENBERG, 1967; cf. WERKER; HENSCH, 2015 para uma revisão atualizada). Os

casos documentados envolvem crianças criadas sem contato humano – as denominadas crianças selvagens (ITARD, 1932 apud SINGLETON; NEWPORT, 2004; LANE, 1979 apud SINGLETON; NEWPORT, 2004; ZINGG, 1940 apud SINGLETON; NEWPORT, 2004) – ou crianças em situações de negligência e maus tratos graves, como o caso de Genie (CURTISS, 1977). Contextos de privação linguística como os mencionados envolvem ainda – em maior ou menor grau – situações mais gerais de privação social e, para além das deficiências observadas no desenvolvimento linguístico, incluem efeitos psicológicos mais amplos que precisam ser levados em consideração. Assim, é importante que generalizações com base em dados dessa natureza sejam sempre tomadas com cautela.

Desconsiderados esses casos extremos, com forte privação social, existem contextos em que o *input* disponível para a criança apresenta características especiais. Crianças surdas sem contato com uma comunidade linguística “típica” (no caso, surdos sinalizadores nativos), crianças em contextos migratórios ou filhos/as de falantes de pidgin são populações especialmente relevantes para a compreensão dos limites sob os quais a aquisição pode acontecer (SINGLETON; NEWPORT, 2004).

Hudson Kam e Newport (2005, 2009) investigaram o processo de aquisição quando o *input* disponível apresenta morfemas gramaticais inconsistentes ou imprevisíveis, tal e como observado em pidgins e crioulos incipientes⁵. As autoras buscaram determinar em que medida os aprendizes apenas reproduzem o *input* disponível ou introduzem alterações, tornando o sistema mais regular enquanto adquirem a língua. Por meio de experimentos utilizando uma língua artificial, as autoras concluem que as crianças entre 5 e 7 anos – mas não os adultos – se mostraram capazes de introduzir novos padrões, distintos dos observados no *input*, regularizando aspectos inicialmente inconsistentes. Diante desses resultados, as autoras defendem que as crianças teriam um papel fundamental e único na formação de línguas crioulas, em virtude de sua capacidade regularizadora dos padrões gramaticais.

⁵ Segundo as autoras: “[t]here are several important ways in which the variable rules of natively acquired natural languages are different from those of second languages, pidgins, or young creoles [...] because the variable forms of L2 learners are errors, they do not have conditioning linguistic contexts. This is what we refer to as inconsistent or unpredictable variation” (HUDSON KAM; NEWTON, 2005, p.145).

Diferente da pesquisa citada – cujos resultados foram obtidos com base em dados de língua artificial, em contexto de experimentação –, Singleton e Newport (2004) trazem resultados compatíveis com o papel da aquisição na mudança e regularização gramatical a partir de um estudo de caso. Foram investigados os efeitos de um *input* bastante inconsistente no processo de aquisição da língua americana de sinais (*American Sign Language, ASL*) por parte de Simon, uma criança surda de 7 anos de idade. Os cuidadores primários de Simon, também surdos, tiveram contato com a ASL apenas durante a adolescência (depois dos 15 anos) e, assim como outros aprendizes tardios de uma primeira língua, apresentam um desempenho bastante diferente dos sinalizadores nativos com exposição precoce à língua. No estudo, foi comparado o desempenho de Simon, de outras crianças cujos pais são sinalizadores nativos e dos pais do próprio Simon, em uma tarefa de morfologia da ASL. Os resultados obtidos mostram diferenças significativas entre a produção de Simon e a dos seus pais. No caso dos adultos, foram observadas diversas inconsistências e erros no uso da morfologia que não estão presentes na sinalização de Simon. De modo geral, Simon apresentou um desempenho próximo ao das crianças que receberam um *input* nativo precoce de ASL, em quase todos os aspectos testados. Os resultados do estudo sugerem que, a despeito do *input* primário recebido pela criança apresentar irregularidades e inconsistências, Simon foi capaz de adquirir um sistema de regras morfológicas regular e organizado.

Qual seria o mecanismo de aquisição subjacente que possibilita a configuração de uma língua interna que supera as irregularidades, inconsistências e lacunas observadas no *input* recebido? Singleton e Newport (2004) destacam que Simon parece prestar especial atenção à consistência ou regularidade dos mapeamentos entre forma e significado. Com base num grau moderado de consistência nesse tipo de mapeamento, Simon estabelece uma relação e aumenta a frequência de uso na sua própria produção. Por outro lado, mapeamentos com baixa frequência não são adquiridos, assim como formas frequentes, mas sem consistência na relação com um significado. Assim sendo, a frequência de ocorrência das formas por si só não seria suficiente para explicar o sucesso obtido por Simon na aquisição da ASL. A capacidade de “superar” o *input* irregular observada em Simon parece estar relacionada, em boa medida, a uma das propriedades básicas das línguas humanas salientadas por Chomsky (1981): serem compostas por um sistema computacional finito que permite a formação de um número

infinito de expressões, cada uma das quais possui uma interpretação definida no sistema semântico-pragmático e nos sistemas sensório-motores (e articulatórios perceptuais), isto é, em termos simplificados, combinando pensamento e som/gestos de forma bastante produtiva.

Ainda com relação ao papel da frequência, a literatura fornece evidências compatíveis com a ideia de que no processo de generalização de regras com base em um *input* inconsistente, o tipo de frequência – considerada em função de *tokens* ou *types* – parece ser bastante relevante nas etapas iniciais da aquisição. Em particular, para crianças na faixa dos 14 meses de idade, a frequência de *types*, mas não de *tokens*, parece ser decisiva para que uma generalização seja estabelecida (KOULAGUINA; SHI, 2019).

Considerando um tipo de contexto mais frequente na aquisição da linguagem, Miller e Schmitt (2012) investigaram o efeito do *input* variável na aquisição da morfologia de plural em duas variedades do espanhol: o espanhol chileno e o espanhol falado na cidade de México. Enquanto na variedade chilena o morfema de plural é omitido em função de um processo de lenição do /s/ em final de sílaba, a marcação morfofonológica de plural se mostra bastante consistente na variedade mexicana considerada. As autoras buscaram determinar em que medida um *input* variável quanto à morfologia de plural – ora com realização explícita, ora sem – pode afetar o processo de aquisição. Para tal, foram conduzidos um experimento de produção eliciada a partir de imagens e um teste de manipulação de brinquedos (*act-out*) com crianças nas faixas etárias compreendidas entre os 3 e os 7 anos de idade. O estudo incluiu três grupos experimentais: crianças mexicanas de classe baixa, crianças chilenas de classe baixa e crianças chilenas de classe média. A distinção entre classes baixa e média (*working-class* e *middle-class*, segundo a nomenclatura utilizada pelas autoras) foi baseada na classificação dos empregos desempenhados pelos adultos responsáveis pelas crianças. Os resultados obtidos revelaram diferenças no tipo de sintagmas utilizados para descrever conjuntos plurais. Enquanto as crianças chilenas produziram plurais e singulares nus (ex. *vacas/vaca* como resposta diante de uma pergunta como *O que tem aqui?*), as crianças mexicanas preferiram o plural indefinido (ex. *unas vacas*) para descrever conjuntos contendo mais de um elemento. As crianças chilenas de ambos os grupos sociais avaliados produziram menos marcação de plural do que as crianças mexicanas, mas essa diferença não foi significativa em termos estatísticos. Enquanto as crianças chilenas de classe média

e as crianças mexicanas apresentaram uma produção sistemática – seja omitindo ou produzindo sempre a marcação de plural – as crianças chilenas do grupo de classe baixa exibiram um padrão variável de produção. O experimento de compreensão, por sua vez, revelou diferenças na habilidade de associar o morfema de plural /-s/ nos plurais indefinidos ao sentido de “mais de um”. As crianças mexicanas, diferente das chilenas, tiveram um desempenho semelhante ao dos adultos do grupo de controle. Por fim, tanto as crianças expostas ao espanhol mexicano quanto ao espanhol chileno apresentaram sistematicidade nas suas interpretações do plural indefinido, seja demonstrando uma leitura de pluralidade ou não. Tomados em conjunto, as autoras consideram que os resultados são compatíveis com a ideia de que a natureza do *input* afeta o percurso de aquisição, com as crianças chilenas – que recebem um *input* variável – demorando mais tempo para adquirir a morfologia de plural do que as crianças mexicanas.

Os casos discutidos até aqui ora envolvem situações muito atípicas de privação de estímulo linguístico, ora trazem situações de *input* irregular e assistemático, ora se associam a contrastes em função de diferenças dialetais. No entanto, van Heugten e Johnson (2017) salientam que, mesmo entre crianças em contextos “típicos” adquirindo a mesma língua, o *input* recebido – em particular nos momentos iniciais do processo de aquisição – está longe de ser uniforme. Por exemplo, a depender do ambiente linguístico no qual estão inseridas, certas crianças serão expostas a uma dada variedade fonético/fonológica (no texto original, *accent*, doravante, VFF⁶ enquanto outras terão contato simultâneo com VFFs diversas.

Van Heugten e Johnson (2017) destacam que quase não existem estudos que investiguem o papel que a exposição precoce a um *input* fonética/fonologicamente mais variado teria no processo de aquisição e

⁶ Vários dos estudos que reportaremos ao longo das próximas seções utilizam o termo em inglês *accent*, para se referir ao que tradicionalmente tem sido traduzido para o português como *sotaque*. No contexto de boa parte das pesquisas sociolinguísticas recentes, esse termo tem sido evitado, embora essa não seja uma decisão categórica da área (cf. CARREÃO, 2019; HERNÁNDEZ-CAMPOY; CUTILLAS-ESPINOSA, BRITAIN; 2020, dentre outros). No presente artigo, utilizaremos a expressão *variedade fonético/fonológica* para denotar características fônicas sistemáticas que podem ser observadas na fala nos níveis segmental e/ou suprasegmental, podendo ou não ter implicações no nível fonológico. Tais características seriam particularmente relevantes para a identificação de grupos sociais, incluindo a distinção entre “nativo/ não nativo”.

reportam resultados que sugerem que a exposição diária a mais de uma VFF tem um forte impacto no desempenho dos bebês em uma tarefa experimental de reconhecimento de palavras. Foram testados bebês nas faixas dos 12, 14 e 18 meses de idade por meio de um experimento de escuta preferencial (*Headturn Preference Procedure*). Os bebês participantes foram separados em dois grupos: (i) de baixa variabilidade (expostos de forma quase exclusiva à variedade regional – inglês com acento canadense) ou (ii) de alta variabilidade (expostos a múltiplas variedades do inglês, representando o inglês canadense por volta de 33% do *input* total). Já a proporção de *input* em inglês (independente da variedade específica) não variou entre os dois grupos, ficando estabelecido em 99% e 98%, respectivamente.

Os resultados revelaram que os bebês expostos à baixa variabilidade no ambiente cotidiano rapidamente reconheceram palavras familiares a partir dos 12 meses de idade. Os bebês expostos a um *input* com maior grau de variabilidade, por sua vez, não demonstraram realizar uma distinção sistemática entre palavras e não palavras do inglês canadense até os 18 meses de idade⁷. Essa diferença foi observada a despeito de os dois grupos serem pareados também em função do tamanho do vocabulário dos participantes e do grupo socioeconômico.

Uma possível explicação para esses resultados aventada pelas autoras considera que talvez os bebês habituados a um *input* mais variado ficariam interessados tanto nas palavras que reconhecem quanto nas que não reconhecem e, nesse sentido, um estudo baseado em preferência – do tipo empregado – não seria um bom caminho para investigar suas habilidades de reconhecimento de palavras. No entanto, as próprias autoras apontam pelo menos dois motivos pelos quais essa interpretação dos dados não parece satisfatória. O primeiro é o fato de que os bebês do grupo de alta variabilidade demonstram de fato uma preferência por palavras familiares, apenas parecem demorar mais tempo para exibir tal preferência (por volta dos 18 meses em contraste com 12 meses para os bebês do grupo de baixa variabilidade). O segundo motivo está relacionado a achados prévios com bilíngues, uma vez que seria esperado que tivessem um comportamento

⁷ As autoras não apresentam quais seriam as variantes fonéticas ou fonológicas observadas nas variedades do inglês a que os bebês são expostos. Na atividade experimental, foram apresentadas palavras familiares e palavras inventadas produzidas por uma falante nativa do inglês canadense residente na grande Toronto (Canadá).

semelhante ao dos bebês em contexto de alta variabilidade. No entanto, experimentos com bilíngues utilizando a mesma técnica revelam preferências por palavras da língua já a partir dos 11 meses de idade.

Van Heugten e Johnson (2017) propõem uma interpretação alternativa para as diferenças observadas entre os grupos de bebês com base na ideia de que a representação de palavras (ou as estratégias que permitiriam mapear o sinal sonoro a determinadas representações) seria qualitativamente diferente em bebês que recebem um *input* mais ou menos variável. Para os bebês expostos a uma maior variabilidade em termos de VFFs, essas representações seriam menos restritas/categóricas (ou talvez menos específicas ou, até mesmo, subespecificadas?) do que para os bebês expostos a uma única VFF. Esse fato não impediria que, em condições naturalísticas, os bebês fossem capazes de reconhecer uma palavra, mas na ausência de um contexto – tal e como ocorre no paradigma experimental empregado no estudo – essa tarefa seria mais difícil para os bebês do grupo de alta variabilidade. Em idades mais avançadas, no entanto, essas mesmas crianças poderiam ter vantagem em situações nas quais precisem lidar com novas VFFs.

Ainda no que tange ao reconhecimento de palavras e os efeitos da variação linguística na aquisição, Best e colaboradores (2009) destacam que o reconhecimento eficiente de palavras no *continuum* da fala depende da sensibilidade às distinções fonológicas (*phonological distinctiveness*) que envolve a percepção das diferenças críticas entre os segmentos que permitem distinguir palavras ou não palavras contendo sons semelhantes (ex. *cake* versus *take* ou *pake* – como possíveis exemplos em português, *bola* versus *gola* versus *dola*). Uma outra habilidade, menos investigada até o momento, é a denominada constância fonológica que diz respeito à percepção de que uma palavra ainda é a mesma palavra a despeito de variações fonéticas que não envolvem um contraste no nível fonológico, tal e como acontece no caso da variação individual da fala ou na variação regional (BEST et al, 2009).

Estudos sobre a habilidade de distinção fonológica revelam que, por volta dos 18 a 19 meses de idade, os bebês rejeitam trocas de pronúncia em pares mínimos do tipo *baby/vaby* de forma mais consistente do que entre os 11 e os 17 meses de idade (HALLE; BOYSSON-BARDIES, 1996 apud BEST et al, 2009; STAGER; WERKER, 1997 apud BEST et al, 2009; SWINGLEY; ASLIN, 2002 apud BEST et al, 2009). Alguns resultados apontam, no entanto, que antes dos 19 meses os bebês teriam

uma sensibilidade compatível com tal habilidade, mas apenas em determinados contextos experimentais (FENNELL; WAXMAN, 2010 apud BEST et al, 2009; SWINGLEY; ASLIN, 2002 apud BEST et al., 2009). Best e colaboradores (2009) destacam que, embora experimentos de “pronúncia incorreta” possam fornecer informações sobre as habilidades de distinção fonológica, eles não permitem a investigação da habilidade complementar relacionada à constância fonológica. O estudo da variação dialetal, por sua vez, fornece uma ótima alternativa natural para investigar esse aspecto. Isso porque a variação no nível fonético pode diferir entre falantes nativos e não nativos de uma dada variedade, mas preservando a estrutura fonológica da palavra e a identidade lexical. Os autores investigaram a constância fonológica em bebês de 15 e de 19 meses de idade por meio de dois testes de preferência de familiaridade de palavras. Um dos testes foi construído a partir da variedade vernácula dos bebês (o inglês americano de Connecticut) e o outro com base numa variedade desconhecida pelos bebês (o mesoleto jamaicano, *i.e.*, um ponto intermediário no *continuum* pós-crioulo que se distingue do inglês americano em sua realização fonética das consoantes, vogais e padrões de acentuação). Foi observado que todas as crianças se mostraram capazes de reconhecer as palavras produzidas na sua variedade nativa/vernácula, mas apenas as crianças na faixa etária superior (19 meses) reconheceram palavras familiares apresentadas na variedade desconhecida. Assim, aos 15 meses de idade, o reconhecimento de palavras parece ficar restrito às realizações familiares para a criança e presentes no *input*. Segundo os autores, a emergência conjunta da distinção e da constância fonológica por volta dos 19 meses de idade poderia ser um indicador de uma consciência fonológica crescente, já que ambas as informações são cruciais na definição da identidade de uma palavra⁸.

Os resultados obtidos com bebês de idade inferior a dois anos de idade permitem tecer algumas considerações relevantes. Se, por um lado, nas etapas iniciais da aquisição a sensibilidade perceptual dos bebês se mostra bastante refinada (ASLIN; PISONI; JUSCZYK, 1983; EIMAS et al. 1971; JUSCZYK, 1997; WERKER; GERVAIN, 2013; dentre outros), tal sensibilidade sofre mudanças importantes ao longo

⁸ A identidade de uma palavra diz respeito ao reconhecimento de uma forma como sendo a mesma unidade a despeito de eventuais variações superficiais (irrelevantes para a interpretação semântica).

do primeiro ano de vida do bebê com um progressivo “afunilamento” ou especificação das representações fonológicas. A partir dos 5 meses, bebês demonstram preferência pela VFF familiar e local quando comparada a variedades desconhecidas e não locais (BUTLER; FLOCCIA; GOSLIN; PANNETON, 2011 apud JEFFRIES, 2019). Por volta dos 12 meses de idade, os bebês parecem ter estabelecido os contrastes fonéticos com valor fonológico na língua em aquisição, mas exibem uma falta de discriminação da maioria dos contrastes que não são relevantes para a língua em aquisição (WERKER, 1994). Em outras palavras, uma “explosão” perceptual inicial parece ocorrer na direção de possibilitar a identificação dos aspectos fonológicos cruciais para a gramática em aquisição, sobretudo para a aquisição lexical. Após essa fase, o processamento do sinal acústico não parece ocorrer com o mesmo nível de detalhamento, pelo menos, até etapas posteriores nas quais – como veremos mais adiante – irá, por exemplo, ocorrer a aquisição de novas informações cruciais para a detecção e identificação de VFF distintas.

Até aqui, vimos que a natureza do *input* recebido pela criança – inclusive a maior ou menor variabilidade presente nos dados – parece ter um papel relevante no processo de aquisição da linguagem. Vimos também que a relação entre forma e sentido, bem como a frequência com a qual as unidades (em diversos níveis) ocorrem nos dados, parecem ter um peso bastante importante no processo. Não é claro, contudo, quando e de que modo as crianças começam a relacionar a variabilidade presente no *input* a valores socialmente relevantes, adicionando assim mais uma camada de sentido no processo de interpretação de enunciados (e também de codificação de sentidos na produção). Na próxima seção, abordaremos a questão do desenvolvimento sociolinguístico na aquisição.

3 Desenvolvimento sociolinguístico e aquisição da linguagem

Investigar a percepção, produção e compreensão de variedades linguísticas estigmatizadas ou com menor prestígio social pode ser caracterizado como uma tarefa árdua. Em boa medida, as dificuldades encontradas estão relacionadas a aspectos da metodologia empregada que, no âmbito da psicolinguística, envolve muitas vezes material escrito e inclui tarefas de julgamento e/ou avaliação de sentenças pelos participantes das pesquisas.

Henry (2005), ao refletir sobre as dificuldades encontradas na investigação de aspectos sintáticos em variedades linguísticas não padrão, chama a atenção para o fato de que o julgamento dos participantes pode ser (fatalmente) afetado pelo fato de esses falantes terem o conhecimento de que muitas estruturas produzidas no seu vernáculo são consideradas erradas ou não gramaticais pelos falantes da variedade com maior prestígio social. Esse tipo de (auto)avaliação pode ser ainda reforçado pelo contexto educativo no qual variedades não padrão são muitas vezes rejeitadas e desvalorizadas.

Outro ponto relevante salientado por Henry (2005) diz respeito ao fato de que coletar intuições de falantes *naïves*⁹ pode ser mais difícil do que obter julgamentos a partir de falantes com um certo treinamento nesse tipo de tarefa. Aparentemente, seria mais simples que esse segundo grupo de falantes compreendesse, por exemplo, a natureza de um julgamento de gramaticalidade e entendesse a diferença entre tal julgamento e uma avaliação prescritivista ou, até mesmo, o que seria aceitável em termos pragmáticos. Nesse sentido, um falante não *naïve* teria uma facilidade maior em focar na sintaxe desconsiderando outros aspectos não relevantes, como por exemplo, as escolhas lexicais. Inclusive, há quem considere que variedades não padrão seriam mais fluidas e que, justamente a partir dos mecanismos de padronização (ou normatização), a gramática se tornaria mais clara e haveria – como consequência – um incremento na capacidade de julgamento de gramaticalidade por parte dos falantes (CHESHIRE; STEIN, 1997 apud HENRY, 2005).

Pesquisas revelam que, durante o processamento linguístico, falantes adultos são sensíveis aos efeitos da normatização, à frequência com a qual uma determinada variante ocorre e são influenciados pelos sentidos socialmente atribuídos para formas variáveis (ZAHARCHUK; SHEVLIN; VAN HELL, 2021). Dados da atividade cerebral obtidos a partir de potenciais relacionados a eventos se mostram compatíveis com a ideia de que informações de natureza sociolinguística, relacionadas à identidade do falante, parecem ter um impacto no modo como o cérebro processa estímulos linguísticos (HANULÍKOVÁ et al., 2012). Frente a violações gramaticais presentes na produção de um falante nativo de

⁹ A expressão *falante naïve* é comumente utilizada nos estudos em psicolinguística para fazer referência a um participante sem nenhum tipo de conhecimento especializado ou treinamento prévio sobre o objeto da pesquisa.

holandês, foram registradas ondas do tipo P600 na atividade elétrica cerebral dos participantes, mas quando as mesmas violações foram produzidas por um falante estrangeiro (turco como L1 e holandês como L2), esse efeito não foi constatado. Por outro lado, sentenças contendo violações de natureza semântica provocaram efeitos N400 comparáveis quando produzidas por ambos os falantes, o que sugere que não haveria um problema geral de integração vinculado a uma variação apenas na realização fonética dos enunciados. Os autores concluem que os resultados são compatíveis com a ideia de que o P600 – tradicionalmente vinculado a processos sintáticos e morfossintáticos – seria modulado pela identidade do falante. No entanto, não é claro ainda como essa consciência sociolinguística se desenvolve nem quando isso acontece ao longo do processo de aquisição da linguagem.

No que tange à detecção de variantes fonéticas e/ou fonológicas e sua relação com a cognição social, Creel (2018) destaca que a literatura apresenta resultados mistos. Enquanto adultos são capazes de realizar inferências sociais sutis com base na VFF dos falantes, achados de estudos conduzidos com crianças apresentam resultados variados. Se, por um lado, bebês muito novos – na faixa dos 5 meses de idade – demonstram preferência por VFFs familiares (BUTLER; FLOCCIA; GOSLIN; PANNETON, 2011 apud JEFFRIES, 2019), há estudos que reportam que crianças de até 5 anos de idade teriam dificuldades em identificar VFF como diferentes dos seus. Mesmo no caso da suposta preferência por VFF familiares nos bebês, tal tendência poderia estar associada apenas a uma pura familiaridade perceptual, sem qualquer associação com uma resposta de natureza social. Assim sendo, enquanto a preferência pela própria língua parece ser de fato bastante precoce, a efetiva detecção de diferenças menos evidentes, como àquelas associadas a variantes fonéticas regionais, não parece ocorrer tão cedo na aquisição.

Diversos estudos permitem estabelecer que bebês e crianças pequenas demonstram preferências pelo próprio grupo social em detrimento de outros grupos e que tais preferências estariam baseadas, pelo menos de forma parcial, na linguagem verbal (CREEL, 2018; MOON; COOPER; FIFER, 1993; NAZZI; BERTONCINI; MEHLER, 1998; KINZLER; DUPOUX; SPELKE, 2007; KINZLER; SHUTTS; DE JESUS; SPELKE, 2009; KINZLER; SHUTTS; SPELKE, 2012; dentre outros). Bebês entre 5 e 6 meses de idade olham por mais tempo para pessoas que previamente viram falar na sua língua nativa (no

caso, inglês americano), enquanto bebês de 10 meses preferem aceitar brinquedos oferecidos por falantes nativos da sua língua materna (inglês ou francês) e crianças na faixa dos 5 anos de idade escolhem de maneira seletiva outras crianças falantes da mesma língua (francês ou inglês) como potenciais amigos (KINZLER; DUPOUX; SPELKE, 2007). Pesquisas fornecem evidências de que crianças na faixa dos 5 a 6 anos de idade, com pouca exposição à variação linguística e cultural realizam avaliações sociais com base na língua. Crianças brancas, falantes de inglês e residentes em Boston nos Estados Unidos, na faixa dos 5 anos de idade, demonstram preferência por crianças que falam inglês americano, quando comparadas com crianças com o francês como L1 falando em inglês ou com crianças francesas falando francês (KINZLER; DUPOUX; SPELKE, 2007; KINZLER; SHUTTS; DE JESUS; SPELKE, 2009). Quando as preferências com relação à VFF e à variação racial foram investigadas, crianças demonstraram preferência por indivíduos de sua VFF (caracterizada pelos autores como *native accent*) e pertencentes a raças diferentes da sua (negra ou branca), frente a outras crianças de sua raça, mas com uma realização fonética-fonológica identificada como variedade estrangeira (*foreign accent*, inglês vs. francês) (KINZLER, SHUTTS, DE JESUS; SPELKE, 2009).

Ainda em relação a VFFs, Creel (2018) investigou a sensibilidade de crianças americanas frente a variantes nativas e não nativas. Foram conduzidos dois experimentos, sendo um de identificação de imagens com rastreamento ocular e outro conduzido a partir de uma tarefa de julgamento de amizade (nos moldes da utilizada por KINZLER; DUPOUX; SPELKE, 2007). O primeiro experimento buscou avaliar em que medida crianças entre 3 e 5 anos de idade seriam capazes de identificar falantes (sobre os quais já tinham um certo conhecimento prévio), em função da VFF. Os estímulos auditivos foram produzidos por falantes nativos de inglês americano e por falantes de inglês L2 e holandês L1, ora por vozes masculinas, ora femininas. Embora tenham sido registradas mais respostas corretas para os estímulos produzidos por falantes nativos, a diferença entre ambas as variedades investigadas não foi significativa. Os resultados relativos à movimentação ocular não forneceram evidências compatíveis com a ideia de que as crianças tenham utilizado pistas relativas à VFF dos falantes na identificação visual dos objetos.

No segundo experimento, foram testadas crianças entre 3 e 7 anos de idade no intuito de se verificar um possível efeito de idade no desenvolvimento da consciência sobre diferentes variantes. Foram

utilizados os mesmos estímulos auditivos do Experimento 1, mas numa tarefa diferente que envolvia duas etapas: escolha de amizade seguida por um julgamento de procedência. Na primeira etapa – seleção do amigo – dois rostos¹⁰ eram apresentados junto com os áudios correspondentes. Um rosto produzia a VFF americana enquanto o outro produzia a variedade não nativa. As crianças indicavam suas preferências de amizade apontando para o rosto da personagem escolhida. Após completar a primeira tarefa, era apresentada a tarefa de julgamento de procedência: depois de ouvir uma única frase (um dos enunciados previamente apresentado durante a escolha de amigos), era perguntado para os participantes se o falante “é daqui” ou “não é daqui”. As crianças forneceram respostas verbais para as perguntas realizadas. Diferente da tarefa de escolha de amizade, o julgamento de procedência demandaria o conhecimento da existência de uma correlação entre geografia e variabilidade na realização fonético/fonológica. Nesse sentido, a expectativa da autora era que as respostas em ambas as tarefas fossem coerentes entre si, caso as escolhas de amizade refletissem uma falta de familiaridade com a variedade não nativa.

Os resultados revelaram um gradiente de idade, com indícios de sensibilidade às VFFs nas crianças a partir dos 5 anos de idade. De acordo com Creel (2018), tal sensibilidade parece emergir lentamente e ir aumentando com a idade da criança. Nesse sentido, a identificação das diferentes VFFs e a atribuição de valor social para as mesmas constituiriam uma aprendizagem mais demorada que dependeria de uma exposição prolongada aos padrões sonoros (no caso específico desse estudo, entendidos como características segmentais e suprasegmentais) da língua.

No intuito de fornecer evidências que possam ampliar a compreensão do modo como se desenvolve a percepção sobre o significado de indexadores sociais da variação linguística pelas crianças, Jeffries (2019) investigou as habilidades de percepção e discriminação de variantes fonéticas regionais por crianças na faixa dos 3-4 anos de idade, residentes em York, no Reino Unido. Estudos prévios com participantes na mesma faixa etária indicam que, na produção, há evidências de mudança estilística¹¹ de certas variantes como resposta ao

¹⁰ Os estímulos visuais foram compostos por fotografias de rostos infantis extraídos do site flickr.com com licença do *Creative Commons*. Os rostos foram pareados por gênero, cor de olhos, cor e estilo de cabelo e tom de pele semelhantes.

¹¹ Com base em um dialeto escocês, Smith, Durham e Fortune (2007), consideram como variantes sensíveis à mudança de estilo a alternância entre ditongo e monotongo e o uso

input dos cuidadores (SMITH; DURHAM; FORTUNE, 2007; SMITH; DURHAM; RICHARDS, 2009) e de que a interação social entre pares afeta a adoção de variantes pelas crianças.

Na sua pesquisa, Jeffries (2019) buscou investigar a consciência das crianças relativa a características da variante indicativas da distinção entre falantes do norte e do sul da Inglaterra. A tarefa experimental consistia em um jogo de pareamento de personagens em função da variante fonética. Por exemplo, o bebê urso devia ser pareado com a mamãe urso que apresentasse o mesmo conjunto de variantes que ele. Foram investigadas as seguintes condições: (i) fones distintos, mas que não trazem uma distinção fonológica, na mesma palavra (b[a]sket/ b[ɑ:]sket); (ii) mesmo fone em palavras distintas (gr[a]ss e p[a]th / gr[ɑ:]ss e p[ɑ:]th); (iii) diferentes fones em diferentes palavras (gl[a]ss e br[e:]k *versus* gl[ɑ:]ss e br[ei]k). Foi avaliado ainda em que medida as habilidades de discriminação seriam afetadas pela idade e o sexo das crianças e pelo *input* fornecido pelos cuidadores primários no que tange às diferentes variantes fonéticas regionais.

Os resultados revelaram que crianças na faixa dos 3-5 anos de idade tiveram um desempenho acima do nível da chance na tarefa de agrupar falantes em função de propriedades vinculadas às variantes regionais. Esse resultado contraria achados prévios que sugeriam que essa habilidade só emergiria por volta dos 7 anos de idade (FLOCCIA et al, 2009 apud JEFFRIES, 2019) e traz dados parcialmente compatíveis com o observado por Creel (2018). Foi observada ainda uma melhora no desempenho das crianças em função da idade, com um efeito mais acentuado na condição de mesmo fone em palavras diferentes. A análise da variável sexo revelou que, em média, as meninas tiveram um desempenho melhor do que os meninos no teste. No entanto, a diferença apenas foi significativa em termos estatísticos na condição de mesmo fone e mesma palavra. A autora sugere que as diferenças observadas podem ser, pelo menos parcialmente, motivadas pelas próprias características da tarefa: centrada em falas com vozes femininas, com imagens representando personagens femininas e conduzida por uma experimentadora.

Quanto ao papel do *input* recebido pelas crianças, os resultados indicaram que as crianças cujos cuidadores apresentam variantes de fora de York tiveram um melhor desempenho na condição experimental

de -s em contextos de 3ª pessoa do plural. Smith, Durham e Richards (2009), por sua vez, investigam a deleção de -t/-d (ex. Lift your hanØ! It's not time for breakfasØ yet).

de diferentes fones em diferentes palavras, sugerindo que a variação presente nos dados recebidos pela criança pode ter contribuído para uma categorização mais precisa entre variante local/não padrão e não local/padrão. A autora destaca, no entanto, que o número de crianças cujos cuidadores produzem variantes não locais foi reduzido na amostra e, portanto, novos estudos precisam investigar melhor essa questão.

Uma questão que se destaca ao nos aprofundarmos nos estudos sobre percepção e identificação de VFF é a dimensão metodológica. Resultados diferentes geralmente se associam a tarefas experimentais diferentes. Os achados reportados por Jeffries (2019) permitem observar, de forma mais detalhada, os efeitos da constância fonológica em distintos contextos. Em conjunto, os resultados disponíveis na literatura parecem indicar um aumento progressivo da sensibilidade a aspectos relevantes da variação linguística, com a idade como fator decisivo, embora não único. Novamente, surge o papel do *input* primário recebido pelas crianças – isto é, o papel da exposição à variação na aquisição da própria variação – e as mudanças que os processos de percepção, identificação e categorização sofrem ao longo da aquisição da linguagem, conforme a criança se desenvolve¹².

Na próxima seção, retomaremos alguns dos pontos levantados até aqui, mas, dessa vez, a partir da análise e discussão sobre um fenômeno de variação específico, qual seja, a realização variável da marcação morfofonológica de plural no português brasileiro. Em particular, buscaremos caracterizar a manifestação desse fenômeno na produção infantil e no *input* fornecido pelos cuidadores primários das crianças. Para tal, apresentaremos dados coletados por Molina (2018) ao analisar a concordância verbal e Azalim (2021) ao investigar a concordância nominal. Além dos achados reportados nesses trabalhos, acrescentamos dados adicionais que ampliam os resultados iniciais sobre a concordância verbal, realizamos uma comparação inédita entre os padrões observados nas amostras investigadas e estabelecemos um contraponto entre o observado nos corpora de Molina (2018) e Azalim (2021) e o reportado

¹² Tais processos e suas transformações durante o percurso de desenvolvimento linguístico da criança podem ser considerados tanto em um domínio mais geral (não estritamente linguístico), quanto em um domínio específico vinculado à língua e, ainda, em uma eventual especialização – aparentemente mais tardia no curso temporal da aquisição da linguagem – para aspectos pontuais, por exemplo, relativos à variação.

por Reis (2020) com base em resultados experimentais. A comparação entre esses conjuntos de dados mostra-se particularmente interessante por terem sido coletados na mesma cidade, em períodos de tempo bastante próximos e com crianças em faixas etárias semelhantes.

4 Variação linguística e aquisição: a concordância variável no PB

A concordância de número é um dos fenômenos de variação mais largamente investigados na literatura sociolinguística sobre o PB. Embora o início das pesquisas remonte à década de 1970 (BRAGA, 1977; LEMLE; NARO, 1977; SCHERRE, 1978), até hoje o assunto se mostra relevante e motiva novas investigações (cf. MENDES; OUSHIRO, 2015 para uma revisão; ARAUJO; FREITAG, 2021, MARTINS; DE OLIVEIRA, 2015; OUSHIRO; GUY, 2015; VIEIRA, 2015; dentre outros).

Os estudos conduzidos no âmbito da sociolinguística – majoritariamente conduzidos com participantes adultos – permitem estabelecer a coexistência de dois padrões principais na marcação da morfologia de plural. De um lado, uma marcação morfofonológica redundante, na qual se observa uma reiteração da informação de pluralidade em todos os elementos gramaticalmente relevantes. Do outro, uma marcação não redundante, na qual a pluralidade é codificada de forma explícita em pelo menos um dos itens – geralmente localizado mais à esquerda na estrutura –, podendo não ocorrer a realização morfofonológica nos demais elementos. Vale destacar que esses mesmos padrões têm sido atestados na produção infantil, em ocorrências como as apresentadas em (1) e (2), respectivamente.

(1.a) As pecinhas pequenas. (AZALIM, 2021)

(1.b) As minhas orelhas ficam em cima da minha cabeça.
(MOLINA, 2018)

(2.a) Os pés vermelhoØ. (AZALIM, 2021)

(2.b) Seis bonéØ verdeØ. (AZALIM, 2021)

- (2.c) Elas duas apareceØ na quarta temporada. (MOLINA, 2018)
- (2.d) Lá em casa as minhaØ salaØ sempre foiØ pequena. (MOLINA, 2018)

Como pode ser observado nos exemplos em (1) e (2), ambas as regras gerais se verificam tanto no domínio nominal – na relação estabelecida entre artigo-nome-adjetivo-predicativo, etc. – quanto sentencial, na relação entre sujeito e verbo. Com base nas pesquisas mais antigas, a marcação redundante foi inicialmente vinculada à variedade de maior prestígio social, enquanto a codificação não redundante de pluralidade foi associada a variedades linguísticas estigmatizadas. Vale salientar, no entanto, que a alternância de padrões parece ser constitutiva – em proporções variáveis – da produção de falantes de grupos sociolinguisticamente diversos. Nesse sentido, a variação em questão não constitui um fenômeno restrito a uma ou outra variedade específica no PB, embora a prevalência de um ou outro padrão possa apresentar proporções distintas a depender de fatores tanto internos quanto externos.

Apesar de se tratar de um assunto bastante investigado, os estudos têm se concentrado na população adulta. Em comparação, o número de pesquisas conduzidas com crianças ainda é pequeno (AZALIM, 2021; CAPELLARI; ZILLES, 2002; GOMES; BENAYON; VIEIRA, 2006; JAKUBÓW, 2018; LAMPRETTCH, 1997; REIS, 2020; ROZA; CASAGRANDE, 2015 dentre outros). Além disso, alguns dos trabalhos que fornecem evidências sobre os efeitos da variabilidade na realização da concordância encontrada no *input* recebido pelas crianças durante o processo de aquisição não têm, de fato, o objetivo de investigar a variação em si nem o seu processo de aquisição (CASTRO; FERRARI-NETO, 2007; CORRÊA; AUGUSTO; FERRARI NETO, 2005; SIMIONI, 2006) ou, alternativamente, apresentam algum desses pontos apenas como objetivo secundário ou derivado de outras questões em discussão (MOLINA, 2018; SIMIONI, 2006).

Dentre os estudos conduzidos no âmbito da psicolinguística com foco na relação entre o *input* variável e o processo de aquisição, destacamos aqui a pesquisa de Jakubów (2018), que investigou crianças residentes na cidade do Rio de Janeiro. A autora parte da premissa de que a alternância entre os padrões de marcação de concordância teria uma

correlação direta com o nível de escolaridade, sendo influenciada ainda pelo nível socioeconômico do falante. A autora assume que a cidade do Rio de Janeiro configura-se como um ambiente de contato entre ambos os padrões, em virtude da interação constante entre pessoas de diferentes níveis socioeconômicos. Jakubów (2018) conduziu um experimento de produção eliciada por repetição com crianças na faixa dos 3;8 a 6;3 anos de idade e com estudantes do 6º ano do ensino fundamental (na faixa dos 10;11 e 14;6 anos de idade) frequentando escolas das redes pública e particular. Os resultados reportados indicam que tanto crianças em idade pré-escolar quanto os alunos do 6º ano produziram a variante redundante da concordância com mais frequência do que a não redundante. Foi observada ainda uma influência do fator nível socioeconômico nas taxas de produção da variante não redundante, com um número significativamente maior de produções contendo esse padrão por parte dos alunos da rede pública de ensino.

Resultados experimentais como os reportados por Jakubów trazem dados relevantes para a caracterização da produção infantil – e também permitem investigar a percepção e a compreensão –, mas não fornecem evidências diretas sobre a natureza do *input* recebido pelas crianças. Nesse sentido, dados naturalísticos e experimentais podem ser considerados de forma integrada para se obter um quadro mais detalhado do processo de aquisição e, em particular, para se compreender melhor o papel do *input* nesse processo.

Com base nos *corpora* coletados por Molina (2018) e Azalim (2021), é possível analisar a marcação da morfologia de plural, tanto no domínio nominal quanto no verbal, na produção infantil e dos seus cuidadores, em situações de interação espontânea. Serão considerados aqui três *corpora* que diferem entre si em função da idade, nível de escolaridade e procedência geográfica dos participantes. Em conjunto, os *corpora* fornecem informações sobre a produção de crianças e adultos, moradores de região urbana ou rural e com ensino superior ou médio (no caso dos adultos).

O corpus A (coletado por Molina, 2018) é composto por quatro crianças (de 3, 4, 5 e 6 anos de idade, respectivamente), residentes na zona urbana de Juiz de Fora/MG, frequentadoras de escolas privadas, e suas mães, que possuem alto nível de educação formal. O corpus B (Molina, 2018) é formado por gravações pontuais em sala de aula de uma escola localizada na zona rural de Juiz de Fora, com crianças de 4, 5 e 6 anos.

Nesse caso, contamos apenas com a produção infantil, sem evidências diretas do *input* recebido pelas crianças. Finalmente, o corpus C (coletado por Azalim, 2021), é formado por duas crianças (de 3 e 5 anos de idade, respectivamente), residentes na zona urbana de Juiz de Fora, frequentando escola privada e cujas mães possuem nível médio de escolaridade formal. Esse terceiro corpus foi coletado para que fosse possível estabelecer uma comparação entre crianças residentes em zona urbana no intuito de se observar um possível efeito do nível de escolaridade do cuidador primário no processo de aquisição da criança. A Tabela 1, a seguir, apresenta a distribuição das ocorrências de sintagmas plurais (redundante X não redundante) em função do tipo de concordância (nominal e verbal) e da idade das crianças em cada corpus. A análise que apresentamos aqui se limita ao contraste geral entre os dois padrões principais de marcação de plural nos âmbitos nominal e verbal, sem adentrarmos em outros aspectos que têm sido levantados pela literatura (ex. saliência fônica dos itens, posição do sujeito, natureza do sujeito – nulo/preenchido, semântica do verbo, etc.) e investigados de forma detalhada nos estudos de Molina (2018) e Azalim (2021).

TABELA 1 – Distribuição de ocorrências de sintagmas plurais (redundantes X não redundantes), tipo de concordância (nominal e verbal) e idade em cada *corpus*

Participantes		Padrão de concordância nominal no total de ocorrências e %				Padrão de concordância verbal no total de ocorrências e %			
<i>Corpus</i>	Idade	Redundante		Não		Redundante		Não Redundante	
Corpus A Zona urbana cuidados com alto nível de escolaridade	3 anos	50	78%	14	22%	21	50%	21	50%
	Adulto	70	99%	01	1%	23	96%	1	4%
	4 anos	45	98%	01	2%	4	67%	2	33%
	Adulto	92	93%	07	7%	40	83%	8	17%
	5 anos	66	85%	12	15%	14	67%	7	33%
	Adulto	161	97%	5	3%	75	99%	1	1%
	6 anos	115	94%	7	6%	44	77%	13	23%
	Adulto	111	83%	22	17%	47	80%	12	10%
Totais gerais		710	91%	69	9%	268	80,5%	65	19,5%

	Totais crianças	276	89%	34	11%	83	66%	43	34%
	Totais adultos	434	93%	35	7%	185	89%	22	11%
Corpus B Crianças zona rural *Sem dados dos cuidadores	4 anos	6	50%	6	50%	1	14%	6	86%
	5 anos	8	50%	8	50%	2	33%	4	67%
	6 anos	15	79%	4	21%	7	35%	13	65%
	Totais crianças	29	62%	18	38%	10	30%	23	70%
Corpus C Zona urbana Cuidador com ensino médio	3 anos	9	75%	3	25%	0	-	0	-
	Adulto	74	67%	37	33%	6	40%	9	60%
	5 anos	113	84%	22	16%	21	75%	7	25%
	Adulto	121	86%	20	14%	29	71%	12	29%
	Totais gerais	317	79%	82	21%	56	67%	28	33%
	Totais crianças	122	83%	25	17%	21	75%	7	25%
	Totais adultos	195	77%	57	23%	35	63%	21	37%

Em primeiro lugar, vamos considerar os dados de produção infantil de forma isolada¹³. O corpus A (zona urbana, cuidador com alto nível educativo) revelou uma produção significativamente maior do padrão redundante na concordância nominal (89% redundante e 11% não redundante), ($\chi^2 = 429,08$ (2), $p < 0,01$). O mesmo predomínio do padrão redundante foi observado para o sintagma verbal (66% redundante e 34% não redundante) ($\chi^2 = 12,071$ (1), $p < 0,01$).

No que tange ao corpus B (crianças, zona rural), também se observa um percentual maior de ocorrências redundantes para o sintagma nominal (62% redundante e 38% não redundante), mas nesse caso a

¹³ Foram realizados testes de proporção para avaliar a existência de diferenças significativas entre as proporções das variantes investigadas (no caso, redundante X não redundante) e de variáveis nominais (aqui representadas pela concordância nominal X verbal). O teste de qui-quadrado de Pearson foi utilizado para comparar as proporções entre grupos, ou seja, duas variáveis nominais / categóricas independentes entre si. Aqui, estamos comparando as proporções de produções não redundantes nas diferentes amostras.

comparação entre o número de ocorrências redundantes e não redundantes não se mostrou estatisticamente significativa ($\chi^2 = 3,13$ (1), $p=0,07$). Além disso, contrariamente ao observado no corpus A, os resultados para a concordância verbal indicam uma predominância do padrão não redundante (com apenas 30% de marcação redundante na amostra) ($\chi^2 = 4,363$ (1), $p<0,05$).

Os resultados do corpus C (zona urbana, cuidador com ensino médio) para a produção infantil, por sua vez, se mostram compatíveis com o observado para o corpus A. Foi registrada uma predominância do padrão redundante tanto no domínio nominal quanto verbal: 83% redundante e 17% não redundante para os sintagmas nominais ($\chi^2 = 75,57$ (1), $p<0,01$) e 75% redundante e 25% não redundante para a concordância verbal ($\chi^2 = 6,035$ (1), $p<0,01$).

Embora as amostras possam ser consideradas reduzidas do ponto de vista sociolinguístico, seguindo uma abordagem padrão nos estudos sobre aquisição da linguagem – na qual é frequente o trabalho com amostras pequenas e não totalmente equilibradas –, é possível sinalizar alguns pontos relevantes. A comparação entre as produções não redundantes – tanto no domínio nominal quanto verbal – entre os três grupos indica diferenças apenas entre o corpus B e os outros dois corpora, sendo: A *versus* B ($\chi^2 = 19,97$ (1), $p<0,01$) e B *versus* C ($\chi^2 = 64,00$ (1), $p<0,01$), no domínio nominal, e A *versus* B ($\chi^2 = 12,202$ (1), $p<0,01$) e B *versus* C ($\chi^2 = 10,38$ (1), $p<0,01$), no domínio verbal. No entanto, não se observaram diferenças relevantes entre os corpora A e C entre si, no que tange à concordância nominal ($\chi^2 = 2,71$ (1), $p<0,09$) nem tampouco à verbal ($\chi^2 = 0,503$ (1), $p=0,4$). Diante disso, levantamos as seguintes considerações:

A procedência geográfica parece se configurar como um fator relevante para a alternância entre os padrões de marcação de plural na produção infantil. As principais diferenças observadas na produção infantil ocorreram em função do contraste urbano X rural.

A princípio, o nível de escolaridade dos cuidadores primários não parece ter influenciado a produção das crianças, já que a comparação entre as produções das crianças dos corpora A e C não revelou efeitos estatisticamente significativos. No entanto, como veremos a seguir, o quadro é um pouco mais complexo do que isso.

Quanto ao *input* fornecido pelos cuidadores primários, foi observado que a produção das crianças foi semelhante a do seu adulto de referência na concordância nominal. Já para a concordância verbal

a situação foi similar com exceção da criança de 3 anos do corpus A: enquanto a mãe quase não produziu o padrão não redundante de marcação no verbo, a criança apresentou uma produção “mista” com 50% de ocorrências para cada um dos padrões de marcação de plural. De modo geral, excluindo o caso anteriormente mencionado, a produção adulta e infantil parecem estar alinhadas no que tange à prevalência dos padrões gerais de marcação.

No que diz respeito à produção adulta, no corpus A foi observada uma diferença entre o número de produções redundantes e não redundantes, tanto para a concordância nominal ($\chi^2 = 337,75$ (1), $p < 0,01$) quanto verbal ($\chi^2 = 126,78$ (2), $p < 0,01$), com predomínio do padrão redundante em ambos os casos. Já no corpus C ($\chi^2 = 74,48$ (1), $p < 0,01$), embora para a concordância nominal seja atestada a mesma tendência observada no corpus A, a diferença entre produções redundantes e não redundantes no domínio verbal foi menos evidente ($\chi^2 = 3,01$ (1), $p < 0,08$).

Diferentemente do que foi observado na produção infantil, ao compararmos entre si as proporções de produção não redundante dos adultos dos corpora A e C, foi registrada uma diferença com o padrão não redundante (na concordância nominal ($\chi^2 = 32,479$ (1), $p < 0,01$), e verbal ($\chi^2 = 21,34$ (1), $p < 0,01$)) sendo produzido mais pelas mães com menor escolaridade. Nesse sentido, os dados dos adultos contribuem para reforçar a hipótese bastante difundida na literatura acerca da relação existente entre o nível de escolarização e a realização dos padrões de concordância nominal no PB.

A comparação da produção dos adultos traz um outro ponto relevante: mesmo quando o *input* recebido pelas crianças é diferente – como sugerido pelos contrastes encontrados na produção dos cuidadores¹⁴ –, as crianças desses dois grupos não apresentam diferenças entre si ($\chi^2 = 2,71$ (1), $p < 0,09$). Esse resultado pode indicar que: (i) as crianças não se limitam apenas a reproduzir os dados disponíveis; (ii) os efeitos da escolarização e sua ação normativizadora são capturados na produção dos adultos, mas não na fala das crianças que ainda se encontram em

¹⁴ Vale lembrar que a produção das crianças não reproduz a produção da mãe. De fato, é possível observar nas amostras diferentes tendências (ex. no grupo A, a criança de 5 anos produz menos concordância redundante do que sua mãe, enquanto a criança de 6 anos e sua mãe mostram a tendência oposta).

uma fase anterior ao início da alfabetização¹⁵. Vale destacar que, embora em linhas gerais a produção infantil se mostre compatível com a dos seus cuidadores, essa produção não é idêntica, como pode ser observado em função das diferenças encontradas na comparação dos corpora considerando crianças e adultos separadamente.

Cabe ressaltar, ainda, que os dados naturalísticos reportados não se mostram compatíveis com uma marcação categórica da concordância nem nos adultos e nem nas crianças, em nenhum dos grupos considerados. Todos os falantes apresentaram algum grau de variação entre a marcação redundante e não redundante em ambos os âmbitos nominal e verbal.

Considerando estudos recentes no âmbito da aquisição da linguagem sobre o mesmo fenômeno, é possível observar que o trabalho de Reis (2020), desenvolvido com base em metodologia experimental, traz resultados um pouco diferentes e uma interpretação que também se distancia do que discutiremos mais à frente. Os achados desse estudo são particularmente interessantes já que, embora existam diferenças metodológicas importantes, todos os dados foram coletados na mesma cidade (Juiz de Fora/MG), em períodos de tempo bastante próximos, com participantes nas mesmas faixas etárias consideradas nos nossos dados naturalísticos. Além disso, as análises dos dados também consideraram fatores socioeconômicos.

Reis (2020) conduziu um experimento de produção eliciada com crianças nas faixas dos 3, 4 e 5 anos de idade frequentando escola pública ou particular (i.e. um correlato socioeconômico da distinção estabelecida por nós em termos de nível educativo dos cuidadores primários). Durante a tarefa experimental, as crianças eram convidadas a participar

¹⁵ Como observado por um/a parecerista anônimo/a, é necessário considerar ainda possíveis efeitos da metodologia adotada: seguindo um procedimento comum nas pesquisas sobre aquisição, as gravações foram realizadas pelos próprios cuidadores, em situações do cotidiano, visando a se obter registros o mais espontâneos possíveis. Embora no caso das crianças a validade ecológica dos dados provavelmente seja bastante alta, no caso dos adultos responsáveis, existe a consciência de que a produção linguística está sendo gravada e que a mesma será analisada para fins de pesquisa. Além disso, considerando os critérios usualmente adotados no campo da sociolinguística, a metodologia de coleta não seguiu nenhum protocolo estruturado, embora todas as amostras compartilhem o mesmo escopo temporal. Como salientado por Freitag e Snichelotto (2015), escolhas metodológicas da constituição das amostras orais são fundamentais para a generalização de resultados.

de uma brincadeira na qual deviam contar para um fantoche que estava vendado onde estavam os objetos – apresentados em conjuntos de um ou mais elementos – manuseados pela pesquisadora. Assim, a criança poderia produzir enunciados do tipo *A flor vermelha está na caixa* ou *A bolinha amarela está na caixa*, tanto no singular, quanto no plural. Além das crianças, a autora incluiu também um grupo de controle formado por adultos. A seguir, apresentamos uma síntese dos resultados mais relevantes para nossa discussão.

TABELA 2 – Distribuição de ocorrências de sintagmas plurais (redundantes X não redundantes), tipo de concordância (nominal e verbal) e grupo de participantes (crianças X adultos) reportada por Reis (2020)

Participantes	Padrão e concordância nominal no total de ocorrências e %				Padrão de concordância verbal no total de ocorrências e %			
	Redundante		Não Redundante		Redundante		Não Redundante	
Crianças	467	34%	903	66%	154	38%	255	62%
Adultos	213	84%	40	16%	47	100%	0	--

Os resultados indicam que, no grupo de adultos, o padrão não redundante ocorreu apenas no domínio nominal, ao passo que não houve nenhum caso de marcação não redundante no âmbito verbal. Diferentemente, as crianças produziram ambos os padrões de concordância nos dois ambientes: 34% de concordância redundante e 66% de concordância não redundante para o sintagma nominal e 38% de concordância redundante e 62% não redundante para a relação entre sujeito e verbo. O tratamento estatístico dos dados de concordância nominal mostrou que não houve diferença significativa entre as crianças que frequentavam escola pública e privada nem em função da idade das crianças. Já a análise relativa à concordância verbal revelou um efeito de idade, sugerindo uma diminuição do uso do padrão não redundante em função do aumento da idade da criança. O tipo de escola novamente não se mostrou significativo.

Com base nas diferenças na realização dos padrões de concordância em função de idade, Reis (2020) levanta a hipótese de que a concordância de número no PB está relacionada com processos distintos de aquisição, se considerados os sintagmas nominal e verbal. Enquanto para a concordância nominal, a autora propõe que as crianças estariam adquirindo os dois padrões possíveis, no caso da concordância verbal, Reis (2020) defende que a variação observada seria de outra natureza. As crianças, inicialmente, “regularizariam negativamente” a concordância de número em suas produções linguísticas (produção de verbos sem a marca explícita de plural) e, em seguida, haveria um período em que se verificaria a competição das duas gramáticas (marcação redundante e não redundante no verbo), até que, por fim, a aquisição caminharia para uma marcação explícita do verbo (regularização positiva da concordância de número no sintagma verbal). Em outras palavras, Reis assume que a verdadeira variação ocorreria no caso da concordância nominal, apenas.

Os resultados relatados por Reis (2020) diferem substancialmente dos dados naturalísticos reportados por nós. Em primeiro lugar, a autora encontra uma clara preferência pela marcação não redundante na produção infantil, fato que apenas foi observado nos dados naturalísticos para a concordância verbal no grupo de crianças residentes na zona rural nos nossos *corpora*. Em segundo lugar, os adultos do grupo controle não produziram o padrão não redundante para a concordância verbal, sendo que nos dados naturalísticos observamos que o domínio verbal parece ser aquele em que o padrão não redundante ocorre com mais frequência em todos os grupos, tanto pelos adultos quanto pelas crianças. Essas diferenças podem ser explicadas com base na metodologia adotada em cada caso. Azalim (2020) reporta um aumento significativo da produção do padrão não redundante por crianças em situação experimental, quando comparado com o observado previamente em dados naturalísticos. Nesse estudo em particular, a tarefa empregada envolvia a interação entre duplas de crianças, trazendo à tona mais uma vez a influência que a identidade do interlocutor pode ter no processamento linguístico, no caso, na produção. Na pesquisa de Reis (2020), por sua vez, a interação era “triangulada” entre a criança, a experimentadora e um fantoche, no contexto de uma atividade lúdica que pode ter gerado um tipo de engajamento diferente do observado na interação espontânea entre mãe-criança ou professora-crianças que caracteriza os dados naturalísticos aqui reportados. Assim, diferenças na coleta dos dados podem ser, pelo menos em parte, responsáveis pelas diferenças observadas nos resultados reportados.

Outro ponto relevante está relacionado às considerações de Reis quanto às eventuais diferenças na aquisição da concordância nominal e verbal. De acordo com a autora, a produção das crianças no domínio verbal não estaria de fato relacionada a uma verdadeira variação, mas faria parte do processo de aquisição da marcação de plural na desinência verbal. Os dados naturalísticos dos falantes adultos fornecidos pelo nosso corpus C podem fornecer evidências que questionam tal interpretação. Longe de convergir na direção de uma gramática com preferência pela marcação redundante no verbo, não foi observada diferença significativa na marcação redundante e não redundante na produção dos adultos do corpus C. Até mesmo os informantes adultos do corpus A apresentaram uma taxa não desprezível de marcação não redundante no sintagma verbal. Mais uma vez, questões metodológicas somadas ao papel da escolaridade e seus efeitos de normatização podem estar relacionados às diferenças observadas. Diferentemente dos contextos de interação espontânea entre mãe-criança registrados nos dados naturalísticos, os resultados experimentais de Reis (2020) foram coletados em contexto avaliativo, o que pode ter colaborado para favorecer um maior monitoramento da fala por parte dos participantes.

Finalmente, Reis (2020) não encontra diferenças na produção infantil em função de as crianças frequentarem escola pública ou particular (um indicador vinculado a grupo socioeconômico). Embora nos nossos dados naturalísticos o indicador considerado tenha sido nível de escolaridade – e não grupo socioeconômico –, é possível tecer algumas considerações com relação a esse ponto. A ausência de efeitos de grupo socioeconômico reportada por Reis é compatível com o observado ao compararmos o nível educativo das mães das crianças que compõem os nossos corpora A e C. Por outro lado, os dados naturalísticos revelaram que essa ausência de contrastes entre a fala das crianças não se verifica no caso dos adultos. Nesse sentido, é possível imaginar que os efeitos de normatização, em boa medida vinculados ao ensino formal, somente sejam evidentes em crianças com idade mais avançada que as consideradas no presente estudo e na pesquisa de Reis (2020). Diante disso, um ponto relevante a ser aprofundado é em que momento fatores de cunho socioeconômico começam a ter de fato uma influência clara na produção dos falantes.

Ao longo desta seção, buscamos trazer dados do PB para a discussão sobre o papel da variação na aquisição. A análise de dados naturalísticos e sua posterior comparação com o reportado em estudos

conduzidos com base em metodologia experimental (em particular, REIS, 2020) corroboram dois dos pontos já destacados anteriormente. Em primeiro lugar, o fato de que pesquisas conduzidas no âmbito da aquisição da linguagem podem contribuir para uma melhor compreensão da variação linguística, para além da fala infantil. Em segundo lugar, que aspectos vinculados ao método de coleta podem ter grande impacto na caracterização dos fenômenos de variação sob investigação, tanto nas crianças quanto nos adultos.

5 Considerações finais

No presente artigo, buscamos tecer uma discussão ao redor de duas questões frequentemente tomadas como indissociáveis, mas que apresentam aspectos intrínsecos bastante relevantes. De um lado, a questão do papel do *input* variável no processo de aquisição de uma língua materna. Do outro, o desenvolvimento sociolinguístico que ocorre em algum momento – que ainda precisa ser melhor especificado – no decorrer desse mesmo processo. Buscando ilustrar alguns dos aspectos discutidos, trouxemos dados relativos a um fenômeno de variação linguística do PB, qual seja, a concordância variável de número.

No que concerne à primeira questão, nossos dados de interação espontânea, em alguma medida, relativizam o papel do *input*, já que a produção das crianças não parece de fato espelhar a produção adulta. Quanto ao desenvolvimento sociolinguístico, embora não tenha sido esse o foco, vale a pena retomar os achados de Azalim (2020). A autora observou aumento significativo da produção do padrão não redundante por crianças interagindo com outra criança em situação experimental, em comparação com a produção infantil em interações espontâneas com adulto. Tais diferenças poderiam ser, ao menos em parte, interpretadas como decorrentes da influência da identidade do interlocutor na interação (socio-)linguística.

Ao longo da revisão da literatura e das reflexões levantadas, alguns pontos surgiram de forma recorrente. Um deles se relaciona com a dimensão metodológica das pesquisas: dados coletados a partir de ferramentas distintas muitas vezes trazem resultados discrepantes, quando não, antagônicos. Outra questão que acaba chamando a atenção para aspectos metodológicos diz respeito ao impacto da escolaridade na manifestação da variação linguística. Nesse sentido, resultados discrepantes com adultos e com crianças podem estar relacionados não

apenas com o processo de aquisição da linguagem em sentido restrito, mas também com aspectos vinculados à visão alargada da aquisição, que envolve questões vinculadas à alfabetização e ao letramento.

Esse último ponto nos leva a refletir sobre as características das populações usualmente investigadas nas pesquisas sobre processamento e aquisição da linguagem. Assim como ocorre nas pesquisas com falantes adultos, que têm como alvo mais frequente as denominadas populações WEIRD (*Western, Educated, Industrialized, Rich, Democratic*), nos estudos conduzidos com crianças predominam participantes brancos, de classe média ou média alta (JOHNSON; WHITE 2020). Trabalhos que considerem outros perfis são proporcionalmente escassos. Uma maior diversificação das populações estudadas pode ser a chave para novas descobertas que irão esclarecer muitas das questões ainda obscuras na literatura da área. A questão das populações investigadas pode ser relacionada ainda com o grau de variabilidade encontrada no *input* variável. Como vimos, a exposição a um *input* mais ou menos variável parece ter efeitos importantes no processo de aquisição e, principalmente no desenvolvimento da consciência sociolinguística dos falantes. Nesse sentido, o *background* dos participantes das pesquisas no que tange ao seu maior ou menor contato com variação linguística é uma questão que merece bastante atenção.

Finalmente, questões relacionadas à interação comunicativa precisam ser observadas com cuidado já que podem estar – junto com aspectos metodológicos mais amplos – na base de alguns dos resultados conflitantes ou de difícil análise/interpretação reportados na literatura.

Declaração de autoria

O presente artigo é resultado do trabalho em parceria de suas autoras. Detalhamos a seguir as etapas nas quais cada autora se envolveu de forma mais direta. A primeira autora participou na delimitação do encaminhamento teórico, na revisão e discussão da literatura específica sobre *input* variável e aquisição da linguagem e sobre desenvolvimento sociolinguístico, na consolidação da discussão dos resultados e na redação do texto do artigo. As principais contribuições da segunda autora foram na consolidação da discussão dos resultados e na redação do texto do artigo. A terceira autora contribuiu na coleta e análise de dados relativos à concordância nominal, na revisão e discussão da literatura relativa à concordância nominal e na aplicação de testes de inferência estatística.

A contribuição da quarta autora se concentrou principalmente na coleta e análise de dados relativos à concordância verbal e na revisão e discussão da literatura relativa a concordância verbal.

Referências

ARAUJO, S. S. F.; FREITAG, R. M. K. Concordância verbal, difusão da mudança linguística no contínuo rural-urbano e mudança em curto espaço de tempo. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 22, n.2, p. 266-294, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2021.e76094>

ASLIN, R. N.; PISONI, D. B.; JUSCZYK, P. W. Auditory Development and Speech Perception in Infancy. In: Haith, M.; Campos, J. (eds.). *Carmichael's Handbook of Child Psychology: Infancy and Developmental Psychobiology*. New York: Wiley. 1983. p. 573–670.

AZALIM, C. *Concordância nominal variável na produção infantil: dados naturalísticos, experimentais e caracterização formal*. 2021. 249f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2021.

BEST, C. T.; TYLER, M. D.; GOODING; T. N.; ORLANDO, C. B.; QUANN, C. A. Development of phonological constancy: toddlers' perception of native – and Jamaican – accented words. *Psychological Science*, v. 20, n. 5, p. 539-42, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9280.2009.02327.x>

BRAGA, M. L. *A concordância de número no sintagma nominal no Triângulo Mineiro*. 1977. 88f. Dissertação. (Mestrado em Língua Portuguesa) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1977.

CAPELLARI, E. T.; ZILLES, A. M. S. A marcação de plural na linguagem infantil – estudo longitudinal. *Revista da ABRALIN*, [s.l.] v. 01, n. 1, p. 185-218, 2002. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/733>. Acesso em: 6 mar. 2023.

CARREÃO, V. Linguistic evaluation and variation: Accent marks in the opinion of Louveirenses. *Revista de Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 27, n. 4, p. 1649-1670, 2019. DOI: 10.17851/2237-2083.27.4.1649-1670

CASTRO, A.; FERRARI NETO, J. Um estudo contrastivo do PE e do PB com relação à identificação de informação de número no DP. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, p.65-76, 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/671>

CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. *Knowledge of language*. New York: Praeger, 1986.

CLARK, H. H. Psycholinguistics. In: WILSON, R.A.; KEIL, F.C. (eds.). *The MIT Encyclopedia of the cognitive sciences*. Cambridge: The MIT Press, 1999. p. 688-689.

CORNIPS, L.; SWANENBERG, J.; HEERINGA, W.; DE VRIEND, F. The relationship between first language acquisition and dialect variation: Linking resources from distinct disciplines in a CLARIN-NL project. *Lingua*, v. 178, Special Issue p. 32-45, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.lingua.2015.11.007>

CORRÊA, L.M.S. Aquisição da linguagem: uma retrospectiva dos últimos trinta anos. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 15, n. especial, p. 339-383, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44501999000300014>

CORRÊA, L.M.S. Aquisição e processamento da linguagem: uma abordagem integrada sob a ótica minimalista. *Gragoatá*, Niterói, v. 16, n. 30, p. 55-75, 2011. DOI: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v16i30.32923>

CORRÊA, L. M. S.; AUGUSTO, M. R. A.; FERRARI-NETO, J. The Early Processing of Number Agreement in the DP: Evidence from the Acquisition of Brazilian Portuguese In: 30th BUCLD. Boston: Cascadilla Press, 2005. Online Proceedings Supplement.

CREEL, S. C. Accent detection and social cognition: evidence of protracted learning. *Developmental Science*, v. 21, n. 2, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1111/desc.12524>

CURTISS, S. *Genie: A psycholinguistic study of a modern day “wild child”*. New York: Academic Press, 1977.

EIMAS, P.; SIQUELAND, E.; JUSCZYK, P.; VIGORITO, J. Speech Perception in Infants. *Science*, v. 171, n. 3968, p. 303–306, 1971. DOI: <https://doi.org/10.1126/science.171.3968.303>

FREITAG, R. M. K.; ROST SNICHELOTTO, C. A. Análises contrastivas: estabilidade, variedade ou metodologia? *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 16, n.1, p. 157-167, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2015v16n1p157>

FENNELL, C.; WAXMAN, S. What paradox? Referential cues allow for infant use of phonetic detail in word learning. *Child Development*, v. 10, n. 5, p. 1376-1383, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2010.01479.x>

GAHL, S.; GARNSEY, S.M. Knowledge of Grammar, Knowledge of Usage: Syntactic Probabilities Affect Pronunciation Variation. *Language*, v. 80, n. 4, p. 748–775, 2004. DOI: <http://www.jstor.org/stable/4489780>

GERVAIN, J.; WERKER, J. F. How Infant Speech Perception Contributes to Language Acquisition. *Language and Linguistics Compass*, v. 2, n. 6, p. 1149-1170, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1749-818X.2008.00089.x>

GOMES, C. A.; BENAYON, A. R.; VIEIRA, M. C. P. Variação e aquisição da flexão nominal e da flexão verbal. *Gragoatá*, Niteroi, v. 30, n. 1, p. 39-54, 2006. DOI: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v16i30.32922>

HANULÍKOVÁ, A.; VAN ALPHEN, P. M.; VAN GOCH, M. M.; WEBER, A. When one person's mistake is another's standard usage: The effect of foreign accent on syntactic processing. *Journal of Cognitive Neuroscience*, v. 24, n. 4, p. 878–887, 2012. DOI: https://doi.org/10.1162/jocn_a_00103

HENRY, A. Non-standard dialects and linguistic data. *Lingua*, v. 115, n. 11, p. 1599-1617, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.lingua.2004.07.006>

HUDSON KAM C. L. H.; NEWPORT, E. L. Getting it right by getting it wrong: when learners change languages. *Cognitive Psychology*. v. 59, n. 1, p. 30-66, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.cogpsych.2009.01.001>

HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; CUTILLAS-ESPINOSA, J. A.; BRITAIN, D. Variação e competência sociolinguísticas no ensino de inglês como língua estrangeira. *Entrelinguas*, Araraquara, v. 6, n. 1, p. 183-201, 2020. DOI: <https://doi.org/10.29051/el.v6i1.13379>

HUDSON KAM, C. L. H.; NEWPORT, E. L. Regularizing Unpredictable Variation: The Roles of Adult and Child Learners in Language Formation

and Change. *Language, Learning and Development*, v. 1, n. 2, p. 151-195, 2005. DOI: https://doi.org/10.1207/s15473341lld0102_3

JAKUBÓW, A. P. S. P. *Language acquisition based on variable input: the case of number agreement in Brazilian Portuguese*. 2018. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2018.

JEFFRIES, E. Preschool children's categorization of speakers by regional accent. *Language Variation and Change*, v. 31, n. 3, p. 329-352, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0954394519000176>

JOHNSON, E. K.; WHITE, K. S. Developmental sociolinguistics: Children's acquisition of language variation. *WIREs Cognitive Science*, v. 11, n. 1, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1002/wcs.1515>

JUSCZYK, P. *The Discovery of Spoken Language*. Cambridge: MIT Press, 1997.

KINZLER, K. D.; SHUTTS, K.; SPELKE, E. S. Language-based Social Preferences among Children in South Africa. *Language Learning and Development*, v. 8, n. 3, p. 215-232, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1080/15475441.2011.583611>

KINZLER, K. D.; DUPOUX, E.; SPELKE, E. S. The native language of social cognition. *In: PROCEEDINGS OF THE NATIONAL ACADEMY OF SCIENCES*, v. 104, p. 12577-12580, 2007.

KINZLER, K. D.; SHUTTS, K.; DE JESUS, J.; SPELKE, E. S. Accent trumps race in guiding children's social preferences. *Social Cognition*, v. 27, n. 4, p. 623-634, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1521/soco.2009.27.4.623>

KOULAGUINA, E.; SHI, R. Rule generalization from inconsistent input in early infancy. *Language Acquisition*, v. 26, n. 4, p. 416-435, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1080/10489223.2019.1572148>

LAMPRECHT, R. R. Aquisição da morfologia do plural por crianças bilíngues Português–Alemão. *In: I ENCONTRO DO CELSUL*, 1, 1997, Florianópolis, *Anais [...]*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1997. p.107-117.

LEMLE, M.; NARO, A. J. *Competências básicas do português*. 1977. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras

Fundação Movimento Brasileiro (MOBRAL) e Fundação Ford. Rio de Janeiro, 1977.

LENNENBERG, E. H. (1967). *Biological foundations of language*. Nova Iorque: John Wiley & Sons, 1967.

LIGHTFOOT, D. Language acquisition and language change. *WIREs Cognitive Science*, v. 1, n. 1, p. 677-684, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1002/wcs.39>

LIGHTFOOT, D.; WESTERGAARD, M. R. Language acquisition and language change: inter-relationships. *Language and Linguistic Compass*, v. 1, n. 5, p. 396-416, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1749-818X.2007.00023.x>

MAMPE, B.; FRIEDERICI, A. D.; CHRISTOPHE, A.; WERMKE, K. Newborns' Cry Melody Is Shaped by Their Native Language. *Current Biology*, v. 19, n. 23, p. 1994-1997, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.cub.2009.09.064>

MARTINS, F. S.; DE OLIVEIRA, H. L. C. Variação na concordância nominal de número na fala dos moradores da Costa da Lagoa e Região Central da cidade de Florianópolis (SC). *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 36-58, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2015v16n1p36>

MENDES, R. B.; OUSHIRO, L. Variable number agreement in Brazilian Portuguese: an overview. *Language and Linguistics Compass*, v. 9, n. 9, p. 358-368, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1111/lnc3.12156>

MILLER, K.L.; RAMOS; M. Acquisition of Sociolinguistic Variation: Acoustic Characteristics of s-lenition in the Speech of Spanish-speaking Children. In: *BUCLD 38*, Boston, 2014. *Online Proceedings Supplement*.

MILLER, K. L.; SCHMITT, C. Variable Input and the Acquisition of Plural Morphology. *Language Acquisition*, v. 19, n. 3, p. 223-261, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/10489223.2012.685026>

MOLINA, D. S. L. *Aquisição da linguagem e variação linguística: um estudo sobre a flexão verbal variável na aquisição do PB*. 2018. 279f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2018.

- MOON, C.; COOPER, R. P.; FIFER, W. P. Two-day-olds prefer their native language. *Infant Behavior and Development*, v. 16, n. 4, p. 495–500, 1993. DOI: [https://doi.org/10.1016/0163-6383\(93\)80007-U](https://doi.org/10.1016/0163-6383(93)80007-U)
- NAZZI, T.; BERTONCINI, J.; MEHLER, J. Language discrimination by newborns: Toward an understanding of the role of rhythm. *Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance*, v. 24, n. 3, p. 756–766, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1037//0096-1523.24.3.756>
- OUSHIRO, L.; GUY, G. R. The Effect of Salience on Co-variation in Brazilian Portuguese. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, v. 21, n. 2, 2015. Disponível em: <https://repository.upenn.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1881&context=pwpl>
- REIS, M. M. *Aquisição da variação e mudanças na(s) gramática(s) das crianças: um olhar sobre a Concordância Variável no PB*. 2020. 179f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2020.
- ROZA, A.; CASAGRANDE, S. A aquisição da concordância de número no sintagma nominal: dados de produção e imitação eliciada. Disponível em: www.rd.uffs.edu.br/handle/prefix/295. 2015.
- SCHERRE, M. M. P. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. 1978. 158f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1978.
- SIMIONI, L. Aquisição da concordância nominal de número: um estudo de caso. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 539-570, 2006. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.14.2.539-570>
- SMITH, J.; DURHAM, M.; RICHARDS, H. The social and linguistic in the acquisition of sociolinguistic norms: Caregivers, children, and variation. *Linguistics*, v. 51, n. 2, p. 285-324, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1515/ling-2013-0012>
- SMITH, J.; DURHAM, M.; FORTUNE, L. Universal, dialect-specific pathways of acquisition: Caregivers, children and t/d deletion. *Language Variation and Change*, v. 21, n. 1, p. 69–95, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0954394509000039>

SINGLETON, J. L.; NEWPORT, E. L. When learners surpass their models: the acquisition of American Sign Language from inconsistent input. *Cognitive Psychology*, v. 49, n. 4, p. 370-407, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.cogpsych.2004.05.001>

SUMNER, M. The social weight of spoken words. *Trends in Cognitive Sciences*, v. 19, n. 5, p. 238-239, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.tics.2015.03.007>

VAN HEUGTEN, M.; JOHNSON, E. K. Input matters: Multi-accent language exposure affects word form recognition in infancy. *The Journal of the Acoustical Society of America*, v. 142, n.2, p.196-200, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1121/1.4997604>

VIEIRA, S. R. (org.). *A concordância verbal em variedades do português: a interface fonética-morfossintaxe*. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2015.

WERKER, J. Cross-Language Speech Perception: Developmental Change Does Not Involve Loss. In: GOODMAN, J. C.; NUSBAUM, H. (eds.). *The Development of Speech Perception: The Transition from Speech Sounds to Spoken Words*. Cambridge: MIT Press, 1994. p. 93–120.

WERKER, J.F.; GERVAIN J. Speech perception in infancy. A foundation for language acquisition. In: ZELAZO, P. D. (ed.). *The Oxford Handbook of Developmental Psychology*. Vol. 1: Body and Mind. Oxford: Oxford Univ. Press, 2013. p. 909–25.

WERKER, J. F.; HENSCH, T. K. Critical Periods in Speech Perception: New Directions. *Annual Review of Psychology*, v. 66, n. 1, p. 173-196, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-010814-015104>

ZAHARCHUK, H. A.; SHEVLIN, A.; VAN HELL, J. G. Are our brains more prescriptive than our mouths? Experience with dialectal variation in syntax differentially impacts ERPs and behavior. *Brain and Language*, v. 218, p.1-24. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bandl.2021.104949>



Não chame de erro o que a linguística chama variação: processamento de variação linguística e de agramaticalidade no âmbito da concordância verbal variável

Do Not Call It an Error if Linguistics Has Called It Variation: Processing Linguistic Variation and Ungrammaticality in the Scope of Variable Subject-Verb Agreement

Wellington Couto de Almeida

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ / Brasil

wellingtonalmeida@letras.ufrj.br

<https://orcid.org/0000-0001-6813-3801>

Resumo: Em uma articulação entre a psicolinguística e a sociolinguística, e a partir de uma visão mais formal de linguagem, este trabalho discute eventuais efeitos de adaptabilidade via *priming* no processamento de variação linguística e como esses efeitos impactam custos de processamento associados à concordância verbal variável de terceira pessoa do plural e a construções agramaticais. Para tanto, realizamos um experimento de leitura automonitorada que contou não só com construções atestadas na língua para a concordância verbal variável, mas também com instâncias agramaticais, com o objetivo de verificar diferenças na proporcionalidade dos custos entre instâncias gramaticais variáveis e agramaticais. O experimento também contou com a manipulação de estímulos longos, o que permitiu que fossem verificados efeitos de adaptabilidade como fruto de *priming* operante. Esse tipo de manipulação, até onde sabemos, é pioneira nos estudos da interface psico-sociolinguística no Brasil. Os resultados sugeriram custos de processamento e efeitos de adaptabilidade diferentes associados a condições gramaticais (concordâncias redundante e não redundante) e à condição agramatical. Em outras palavras, os resultados mostram que processar instâncias gramaticais variáveis é diferente de processar instâncias agramaticais. Este estudo, portanto, lança luz a questões relativas ao processamento *online* de variação linguística, tópico cada vez mais produtivo na ciência linguística.

Palavras-chave: processamento; variação linguística; concordância verbal; priming; agramaticalidade.

Abstract: In an articulation between psycholinguistics and sociolinguistics, and from a formalist-like approach of language, this paper discusses possible adaptative effects caused by operant priming effects in language variation processing, and how these effects impact processing costs associated with third-person plural variable subject-verb agreement. To do so, we ran a self-paced reading experiment that included not only constructions attested for variable verb agreement but also ungrammatical instances, aiming to check for differences in cost proportionality between variable (then grammatical) and ungrammatical instances. The experiment also included the manipulation of long stimuli, which allowed adaptive effects to be verified as a result of an operant priming effect. This type of manipulation, as far as we know, is unprecedented in studies of the psycho-sociolinguistic interface in Brazil. The results suggested different costs and adaptative effects associated with grammatical conditions (redundant and non-redundant agreements) that were not attested in the ungrammatical condition. In other words: processing variable grammatical instances is different from processing ungrammatical ones. This study, therefore, shed light on questions concerning the online processing of linguistic variation, an increasingly productive topic in linguistics.

Keywords: processing; linguistic variation; subject-verb agreement; priming; ungrammaticality.

Recebido em 02 de setembro de 2022

Aceito em 19 de novembro de 2022

1 Introdução

Diante de enunciados linguísticos, ouvintes precisam dar conta de uma miríade de materiais intervenientes e variáveis, envolvendo processos cognitivos que vão desde ignorar ruídos externos à fala a ele direcionada até, por exemplo, enquadrar fonemas eventualmente produzidos de maneiras diferentes do esperado em suas representações mentais prototípicas. Também reportado na literatura como o problema da falta de invariabilidade (HEALD; KLOS; NUSBAUM, 2006), olhar para essas situações nos ajuda a dimensionar o engajamento cognitivo dispensado na compreensão linguística, principalmente quando assumimos a língua como uma realidade, que, embora ordenada, é heterogênea, i.e., repleta de variabilidade (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

Naturalmente, compreender instâncias linguísticas é, por si só, uma tarefa de engajamento cognitivo. No que diz respeito ao problema da falta de invariabilidade, uma série de estudos se ocupou, por exemplo, do controle inibitório necessário frente a ruídos que ou se sobrepõem ou se confundem à fala de um interlocutor, como o barulho da TV, ou a buzina de um carro (cf. HEALD; KLOS; NUSBAUM, 2006). No âmbito das variáveis linguísticas, a sociolinguística, com áreas e ferramentas em interface, como aquelas advindas da psicolinguística, tem dedicado especial atenção à maneira como indivíduos as processam – fazendo uso, em muitos casos, de técnicas *online* de experimentação.

Especificamente em termos de processamento, estudos desenvolvidos em outros países, como o de Squires (2014; 2016) e o de Thomas (2011), já têm proposto esse diálogo, que apontou para a necessidade de se articularem modelos linguísticos com o conhecimento sociolinguístico, especificamente no que diz respeito a como e se aspectos sociolinguísticos impactam processos cognitivos envolvidos no processamento linguístico. No Brasil, estudos de processamento, principalmente no âmbito morfossintático, têm ganhado corpo, embora ainda sejam pouco comuns, e podemos apontar os de Marcilese *et al.* (2015, 2017) como pioneiros nesse sentido.

E é exatamente entre esses estudos que este trabalho se coloca: os dados aqui apresentados têm por objetivo contribuir com a discussão que é posta no processamento de concordância verbal variável, em especial investigando custos associados não só a itens gramaticais (como *eles gostam* e *eles gosta*), mas também a itens agramaticais (como **eles gosto*), em contextos experimentais relativamente mais ecológicos. No escopo dessa discussão, estão efeitos psicológicos associados ao processamento de variação linguística (TAMMINGA; MACKENZIE; EMBICK, 2016). Aqui, o principal deles é o efeito de *priming*, que possibilita, por exemplo, na compreensão, um acesso mais facilitado a formas já processadas anteriormente e, em decorrência disso, eventuais adaptações que têm efeito direto no engajamento cognitivo do processamento linguístico.

Nesse sentido, o presente artigo se divide, a partir daqui, em seis seções: na segunda seção, é feita uma revisão de literatura; na terceira, apresentamos o que entendemos como gramática e como processamento variável. Na quarta seção, reportamos o experimento conduzido e seus principais resultados; na quinta, discutimos os resultados obtidos. Finalmente, na sexta seção, fazemos apontamentos futuros e, em seguida, a conclusão do texto.

2 Concordância verbal variável no PB: estado da arte e estudos experimentais

Pode-se entender concordância como um fenômeno que estabelece relações de codependência por meio da covariação da morfologia flexional, ou funcional, entre palavras que estejam relacionadas (MOLINARO; BARBER; CARREIRAS, 2011). Esse é um fenômeno observado em aproximadamente 50% das línguas do mundo (BYBEE, 1985), acontecendo, pelo menos, em termos de gênero, pessoa, caso e número, e em alguns casos acomodando variação linguística, que é o que acontece no Português Brasileiro (PB) no âmbito da concordância de número, seja nominal ou verbal – essa última nosso objeto de interesse.

Desde o pioneiro trabalho de Lemle e Naro (1977) sobre a concordância verbal variável na cidade do Rio de Janeiro, uma série de estudos adicionou camadas de complexidade para o entendimento do fenômeno no âmbito da sociolinguística variacionista. Hoje, a quantidade de trabalhos acumulados na área provê um dimensionamento bastante robusto do fenômeno, permitindo que estudos experimentais possam ser feitos tendo como base o arcabouço construído ao longo de aproximadamente 50 anos. Para os propósitos deste trabalho, trataremos à baila alguns dos aspectos desse arcabouço, mas o leitor pode conferir uma revisão bastante precisa dessa literatura em Molina (2018).

Em termos de descrição desse fenômeno, podemos simplificá-lo para nossas pretensões aqui, descrevendo, nos termos de Marcilese *et al.* (2015), dois tipos de concordância: a redundante e a não redundante. Chamamos concordância verbal redundante aquela em que todos os elementos do sintagma recebem marcação morfofonológica explícita de plural. Chamamos não redundante aquelas concordâncias verbais que são feitas com pelo menos um dos elementos do sintagma verbal não recebendo essa marcação explícita. Observemos os exemplos (1) e (2), extraídos de Scherre e Naro (1998), o primeiro com uma concordância redundante e o segundo com uma não redundante:

(1) Eles ganham demais da conta.

(2) Eles ganha demais.

No entanto, esse fenômeno é mais complexo do que o contraste entre as sentenças em (1) e (2) sugere. Há fatores linguísticos, sociais, e até psicológicos que favorecem ou desfavorecem determinadas realizações,

se pensarmos em apontamentos como os de Tamminga, MacKenzie e Embick (2016) para o estudo da variação intra-individual. Por exemplo, no âmbito da concordância verbal, foco deste trabalho, temos visto, no campo dos fatores linguísticos, a saliência fônica, a posição do sujeito e a quantidade de material interveniente entre sujeito e verbo como importantes fatores no enquadramento do fenômeno.

Alguns desses fatores condicionantes para a variação, no entanto, podem ser entendidos como parte de uma realidade mais psicológica e intra-individual, ponto defendido por Tamminga, MacKenzie e Embick (2016), e não como um todo de condicionadores puramente linguísticos. Não nos parece que seja a melhor opção, de fato, colocar em um mesmo balaio todos esses fatores, sobretudo levando em consideração suas naturezas distintas. Por isso, neste trabalho, abordaremos os fatores geralmente entendidos pela sociolinguística como internos em duas categorias: fatores internos do tipo linguístico e fatores internos do tipo psicológico (condicionares *i* e *p*, na nomenclatura de Tamminga, MacKenzie e Embick (2016)); ambos, na sociolinguística, são geralmente entendidos como tão somente condicionadores internos.

A literatura aponta que, quanto maior a saliência fônica entre formas plurais e singulares, maiores são as chances de que a palavra seja marcada explicitamente como plural (em outras palavras, que receba uma concordância redundante) (BORTONI-RICARDO, 2008; LEMLE; NARO, 1977; NARO, 1981), ou seja, há mais chances de que a concordância não redundante seja feita em pares como *falam x fala*, em que a oposição é feita a partir de relativamente pouco material fônico entre uma e outra¹, do que em pares como *falaram x falou*, em que há mais massa fônica na diferença entre as formas.

No que diz respeito à posição do sujeito, a literatura tem apontado que sujeitos prepostos (como em *eles fala*), por exemplo, favorecem a marcação redundante, ao passo que sujeitos pospostos (como em *falou os menino*) favorecem a marcação não redundante (SCHERRE; NARO, 2007).

¹ Agradecemos à sugestão de um dos pareceristas, que nos atentou para o fato de que a oposição em um par como *falam x fala* tem não só o acréscimo da nasalização, mas também a possibilidade de alterações vocálicas diversas, como já aponta Rocha (2021).

Já no que se refere à quantidade de material interveniente entre sujeito e verbo, a literatura indica que, quanto mais material entre os dois, maiores são as chances de que se realize uma marcação não redundante (SCHERRE; NARO, 2007). Em Tamminga, MacKenzie e Embick (2016), encontramos argumentos que nos fazem pensar se esse tipo de condicionamento não seria mais psicológico do que linguístico, uma vez que poderia estar ligado à capacidade individual de *span* de memória que cada indivíduo tem. Indivíduos com maiores capacidades de armazenamento na memória de trabalho poderiam ser capazes de manter a informação de que o sujeito está, por exemplo, no plural, mesmo quando há mais material interveniente, ao passo que indivíduos com espaços menores no *span* podem acabar perdendo essa informação mais rapidamente quando há material interveniente, produzindo instâncias não redundantes. Em alguns casos, especialmente quando o sujeito é singular e o verbo é conjugado no plural por conta de um material interveniente plural (como em *O tecido das cortinas rasgaram*), a literatura costuma chamar esse fenômeno de *erro de atração* (cf. RODRIGUES, 2006; LEE; PHILLIPS, 2023).

Ainda, há o chamado paralelismo linguístico, formal ou discursivo, fator que influencia a produção linguística a partir do postulado de que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros, favorecendo ou desfavorecendo uma marcação ou outra a partir de elementos precedentes. Ou seja, se foi preferida uma forma (redundante ou não redundante, seja em um VP ou em um NP, por exemplo), há maiores chances de que o indivíduo mantenha a aplicação dessas marcas (POPLACK, 1980; SCHERRE, 1994; 1998; VIEIRA, 2013). Para nós, baseados em Tamminga, MacKenzie e Embick (2016), esse princípio pode ser encarado como um efeito atuante de *priming*. Dessa forma, consideramos que haja, nesses casos, um efeito psicológico mais geral que atua na produção linguística (condicionar do tipo *p*, nas palavras dos autores), mais do que um efeito puramente linguístico (condicionador do tipo *i*, também nas palavras dos autores), como parece defender a literatura sociolinguística.

No campo social, fatores como sexo, idade, classe social e escolarização geralmente são levados em consideração quando se tentam entender quais características podem estar associadas a um tipo ou outro de produção. Nesse sentido, a literatura aponta que homens menos escolarizados, de estratos sociais menos favorecidos, e mais jovens tendem a produzir mais a concordância chamada não redundante (LEMLE; NARO, 1977; SCHERRE; NARO, 1998; VIEIRA; BAZENGA, 2013).

No escopo da escolaridade, e olhando especificamente para universitários, grupo experimental do estudo aqui reportado, vale ressaltar que as políticas de ações afirmativas, desde 2003 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro², e a partir de 2012, nacionalmente (BRASIL, 2012), ampliaram o acesso ao ensino superior, provavelmente formando, nas Universidades, um ambiente social ainda mais rico para o estudo da concordância verbal variável: indivíduos de regiões menos favorecidas socialmente, em que a concordância não redundante tende a ser mais produtiva, chegam cada vez mais a níveis altos de escolarização³, complexificando um cenário que já não era tão simples assim – levando em consideração que dados como os dos *corpora* do Projeto NURC/UFRJ, cujos informantes são considerados indivíduos cultos/letrados do Rio de Janeiro, já demonstravam algum grau de variabilidade na concordância verbal entre esse grupo (cf. GRACIOSA, 1991), certamente relativamente mais homogêneo do que é hoje em dia. Vale ressaltar que dados mais atuais no escopo da concordância variável de P6 têm demonstrado que o maior acesso à educação contribui para o aumento dos índices de marcação redundante (cf. ROCHA, 2021; VIEIRA; BAZENGA, 2013, 2015), embora ainda haja algum grau de variação atestado nos grupos das amostras. Aqueles indivíduos oriundos de contextos economicamente menos favorecidos receberiam influência da escolarização, passando a realizar mais concordâncias redundantes do que seus pares de origem social, pelo menos em contextos de maior monitoramento. Como essa variabilidade se organiza em termos de gramática internalizada ainda é ponto de debate, com discussões, sem dúvida, bastante produtivas. Siqueira e Freitag (2022), inclusive, trazem a questão da mobilidade para o escopo da variação dentro do contexto universitário, em Sergipe; em uma cidade de grandes dimensões, como é o Rio de Janeiro, estudos assim seriam bastante elucidativos para entendermos melhor possíveis efeitos advindos da mobilidade e como ela influencia os padrões de variação linguística em universitários, principalmente aqueles advindos de contextos menos favorecidos socioeconomicamente.

² “Uerj é a 1ª a adotar sistema de cotas para negros”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u12494.shtml>. Acesso em 1 set. 2022.

³ Não necessariamente via universidade pública, haja vista que programas como PROUNI e FIES, a despeito de seus reveses (ARRUDA, 2011) também aumentaram o acesso ao ensino superior.

Ainda, esses apontamentos não conseguem dar conta da natureza do fenômeno, que por vezes precisa ter nuances simplificadas para o contexto experimental, como fizemos aqui. Por exemplo, marcações não redundantes recaem em um *continuum* mais complexo do que tão somente “marcar apenas o sujeito para plural”, ou “marcar apenas o determinante para plural”. Em uma construção como *Os meninos comem doce*, é possível ter *Os menino come*, mas também *Os meninos come*, e também *Os menino comem*. Dados de literatura também apontam ocorrências de variação no determinante “os”, embora em quantidade pouco expressiva, e em contextos específicos (cf. SCHERRE, 2001)⁴.

Pensando em uma interface entre a sócio e a psicolinguística, alguns estudos já fizeram primeiros apontamentos no âmbito da concordância verbal variável⁵. Por exemplo, os trabalhos de Marcilese *et al.* (2015, 2017) apontam custos maiores de processamento, refletidos em tempos de resposta (TR, daqui em diante) maiores, para construções com concordância não redundante, seja em testes de leitura (técnica *maze task*) ou escuta automonitorada, ambos com indivíduos que tinham pelo menos iniciado o ensino superior.

A partir do trabalho de 2015, de escuta automonitorada, Marcilese *et al.* concluíram que, apesar dos tempos de escuta maiores associados à concordância não redundante, os participantes compreendiam esse tipo de construção como veiculadora de ideias de plural, i.e., os participantes conseguiam depreender plural de construções como *as garota emagreceu*. Esse tipo de resultado encontra consonância na literatura pelo menos em dois outros estudos (CORRÊA; AUGUSTO; FERRARI-NETO, 2005; FERRARI-NETO, 2008), que atestaram a mesma possibilidade de interpretação de construções não redundantes como plural por crianças por volta dos dois anos de idade, no escopo da concordância nominal com pseudopalavras, como em *mostra os dabo pro Dedé*. Já em 2017, com a

⁴ Embora mais rarefeitos, há registros na literatura de concordância nominal variável dados em que o determinante ou elemento da primeira posição não recebe a marca explícita, como em “na casa **do meus pais**”, “gosto de tê **a minhas coisas**”, “**na minhas coisa**” (SCHERRE, 2001). De fato, são construções mais complexas, não do âmbito especificamente verbal, e com a presença de pronomes possessivos, mas é interessante notar a existência, também, desses padrões.

⁵ Alguns dos estudos que apontaremos aqui trabalharam com concordância nominal, mas nós entendemos que esses achados também contribuem para o estudo da concordância verbal.

técnica de *maze task*, Marcilese *et al.* investigaram efeitos de distância linear para a concordância verbal variável (ex. *Os alunos/O aluno (#) escutaram/escutou a professora*, com “#” sendo preenchido ou não com uma quantidade específica de palavras, variando de acordo com a quantidade de material interveniente entre sujeito e verbo), e obtiveram resultados que apontavam custos maiores para o processamento de concordância não redundante quando comparada à concordância redundante. O estudo apontou ainda efeitos específicos da quantidade de material interveniente entre sujeito e verbo, que diminuía os custos de processamento da concordância não redundante à medida que havia mais material interveniente entre eles. Esse dado é facilmente pareado com os achados na literatura sociolinguística que colocam mais chances de produção de concordância não redundante quando há mais material interveniente entre sujeito e verbo (SCHERRE; NARO, 2007). Estudos futuros podem, por exemplo, pensar em dados semelhantes de maneira intra-individual, verificando questões associadas ao *span* de memória e sua influência na compreensão linguística, partindo de pressupostos apontados por Tamminga, MacKenzie e Embick (2016).

Levando em consideração também os achados na seara da aquisição, dados de Molina, Marcilese e Name (2017), com crianças na faixa dos cinco a seis anos de idade, em uma tarefa de identificação de figuras, vão nessa mesma direção dos trabalhos de Marcilese *et al.* 2015, Corrêa, Augusto e Ferrari-Neto (2005) e Ferrari Neto (2008). Para essas crianças, instâncias como *Comeu doce* podem veicular tanto a ideia de singular, como em *Ele comeu doce* ou plural, como em *Eles comeu doce*. A partir dos 10 anos essa possibilidade passa a ser mais restrita, com um pareamento de *Comeu doce* mais ligado à ideia de singular, provavelmente porque, no processo de escolarização, passa-se a esperar, de maneira mais consciente, que um verbo com marcação morfofonológica de singular (ou sem marcação morfofonológica explícita de plural) seja pareado com um sujeito também no singular.

Molina, Marcilese e Name (2018), inclusive, em um estudo que coletou medidas que refletiam mais o processamento *online* da tarefa de identificação de figuras reportada pelas autoras em 2017, verificando o tempo entre o término da escuta da sentença e a escolha por uma das figuras apresentadas na tarefa, observaram que sentenças apresentadas no plural eram pareadas mais rapidamente com figuras com mais de um agente, enquanto as sentenças no singular eram mais custosas nesse

mesmo cenário – o que as fez inferir que, no PB, sentenças no plural apresentam informações mais robustas para quem está ouvindo, pois não deixam brechas para mais de uma possibilidade de interpretação, como as do singular. Esses dados reforçam a ideia de um *input* variável no PB, em que o traço de número pode ser pouco confiável nos primeiros momentos; afinal, um verbo sem marca explícita de plural pode ser pareado para um sujeito no plural.

No âmbito do *input* variável, Jakubów (2018) e Jakubów e Corrêa (2021) fizeram contribuições relevantes a partir de experimentos de produção eliciada, mostrando a presença de concordância verbal variável em crianças em fase pré-escolar e no 6º ano do ensino fundamental, tanto na rede pública quanto na privada da cidade do Rio de Janeiro, com taxas de produtividade significativas, a despeito dos estratos sociais a que pertenciam. Embora houvesse diferenças entre os grupos experimentais no que dizia respeito à produção de concordância redundante e não redundante, com as crianças do 6º ano do ensino privado preferindo a concordância redundante, por exemplo, foi possível verificar produções variáveis em todos os grupos, o que mais uma vez aponta para algum tipo de acomodação de variabilidade nas gramáticas dos indivíduos durante a aquisição de linguagem.

Embora fora do escopo da interface sócio-psicolinguística, Maia e Nascimento (2020) realizaram um experimento com *eye-tracking* que trouxe resultados interessantes para este trabalho. Eles expuseram universitários à leitura de sentenças com construções como (...) *tivesse todos os livros*, (...) *tivesse todos os livro*, e (...) *comesse todos os livros*, para a investigação de custos de processamento sintático e semântico. Olhando especificamente para o par (...) *tivesse todos os livros* e (...) *tivesse todos os livro*, os resultados sugeriram tempos maiores de fixação, tanto progressiva quanto regressiva, nas concordâncias que temos chamado aqui de não redundantes (*os livro*) quando comparadas àquelas que temos chamado concordância redundante (*os livros*). Assim como em testes de leitura automonitorada, em estudos com *eye-tracking*, maiores tempos de fixação podem estar associados a maiores custos de processamento. Esse resultado faz sentido, assim como os de Marcilese *et al.* (2015, 2017), ao apontar custos maiores para a não redundância, sobretudo se pensarmos em contextos universitários, em que há mais expectativa, de modo geral, de um uso normativo da língua, que preconiza a concordância redundante.

Até agora, listamos alguns trabalhos que trazem à baila a noção de *custo*, geralmente refletido em um tempo maior comparativamente entre condições, seja de leitura, de escuta, ou de fixação de olhar. Mas o que exatamente esse custo está refletindo, haja vista que é uma medida numérica, coletada em contextos experimentais? Via de regra, geralmente esses custos são interpretados como *engajamento cognitivo*, de modo que, se há um custo maior, é sinal de que houve mais engajamento cognitivo, comparativamente. Nesse sentido, o que exatamente subjaz esse custo? Seria um grau de maior ou menor familiaridade com uma das formas? Seria um efeito de monitoramento sociolinguístico em decorrência de contexto? Em que medida é possível supor efeitos associados à modalidade dos estímulos (i.e., escritos ou falados)?

Essas são perguntas que, sem dúvida, interessam à agenda de pesquisa a que o presente estudo se vincula. Aqui, daremos atenção especial a uma outra questão, para nós tão importante quanto essas primeiras, relacionada com a dimensão desses custos de processamento. Em que medida, por exemplo, variáveis dicotômicas em um experimento podem acabar sendo pareadas com ideias como “certo” e “errado”, por exemplo, no sentido em que um custo de processamento maior poderia ser ligado a uma forma “incorreta”?

Embora na linguística essa nem seja mais uma discussão e lidemos relativamente bem com ideias de custo de processamento como refletindo uma realidade subjacente da gramática, essas associações poderiam ser feitas por leitores menos familiarizados com a área. Uma das maneiras de entender a proporcionalidade desse custo, ou pelo menos o quão alto um custo de processamento pode ser, ou ainda o que é de fato o custo de processamento associado a um erro, pode ser incluir, nos experimentos, construções agramaticais, que permitiriam ter uma compreensão mais robusta dos custos associados a um erro de fato – o que não é o caso de uma variante linguística estigmatizada. Além disso, entender essa proporcionalidade também é necessário para compreender melhor o que subjaz cognitivamente esse custo associado ao processamento da variante, o que condiz com algumas das perguntas que fizemos há pouco. Se não temos essa condição de controle (nesse caso, agramatical), como saber a que processos cognitivos subjacentes atribuir esse custo? Ao lançar mão dessa proporcionalidade, podemos conseguir observar diferenças envolvidas no processamento daquilo que é variante e daquilo que é agramatical, contribuindo no entendimento

do aumento no custo de processamento como quebra de expectativa ou violação de eventuais regras gramaticais, ou ainda, no campo da concordância verbal, como violação de computação sintático-semântica entre sujeito e verbo, por exemplo.

Vale ressaltar, ainda, que nem sempre uma construção necessariamente agramatical precisa ser incorporada a um experimento, uma vez que é difícil às vezes definir o limite da agramaticalidade (SOTO; ALMEIDA, 2021), mas construções não atestadas ou pouco atestadas podem fazer parte dos experimentos com essa mesma funcionalidade, como fez Squires (2014), por exemplo, que manipulou em experimentos construções como $SUJ_{SING} + DOESN'T$ e $SUJ_{SING} + DON'T$, ambas atestadas na literatura sociolinguística do inglês estadunidense e a construção $SUJ_{PL} + DOESN'T$, não atestada por essa mesma literatura. No experimento reportado neste trabalho, especificamente, construímos instâncias agramaticais (ou, pelo menos, não atestadas na literatura) a partir da combinação de um sujeito de terceira pessoa do plural com verbos de primeira pessoa do singular (Cf. Seção 4).

Ainda, no que diz respeito a como lidamos com o problema da falta de invariabilidade (HEALD; KLOS; NUSBAUM, 2006), haja vista que conseguimos entender instâncias variáveis costumeiramente sem maiores problemas, precisamos entender quais são os fatores cognitivos que estão associados a uma possível adaptabilidade à medida que interagimos com essas instâncias. O efeito de *priming*, por exemplo, pode ser um aliado nesse sentido, uma vez que traços linguísticos já processados tendem a ser reprocessados com mais facilidade (HASTING *et al.*, 2007; LEDOUX *et al.*, 2007; TRAXLER *et al.*, 2000); para a produção, inclusive, essa já é uma aposta feita por Tamminga, MacKenzie e Embick (2016).

3 Processamento como pareamento de traços

Neste trabalho, assumimos uma visão mais formalista de linguagem, e no que se refere à variação linguística, precisamos reconhecer que modelos mais formais geralmente encontram alguma dificuldade em articular uma realidade variável e intra-individual da língua – realidade atestada por trabalhos da sociolinguística variacionista e já pré-anunciada pelo menos desde 1968 com o trabalho de Wenreich, Labov e Herzog (2006). A opção por um modelo formal de linguagem advém de evidências da neurofisiologia da linguagem para um nível de especialização linguístico

que parece ter algum *status* diferenciado na cognição humana – afasias e transtornos especificamente linguísticos apontam nessa direção (ROSA, 2020; GARRAFFA; FYNDANIS, 2020, para uma revisão).

Contudo, a especificidade do conhecimento linguístico não deve ser um impedimento para que se assuma a interação desse conhecimento com outros domínios ou aparatos cognitivos gerais, como o da memória, o da capacidade de imitação e efeitos de *priming*, por exemplo (TAMMINGA; MACKENZIE; EMBICK, 2016) – especialmente quando se consideram condições como quantidade de material interveniente e paralelismo como influentes na produção linguística de concordância de número; ambos, para nós, mais conectados a uma realidade psicólogo-cognitiva do que propriamente linguística. Também não deve estar desarticulada do conhecimento social que acumulamos desde o início da aquisição da linguagem (NARDY; CHEVROT; BARBU, 2014; SMITH; DUHRAM; RICHARDS, 2013) – a organização de, por exemplo, uma espécie de monitor sociolinguístico (LABOV *et al.*, 2011), que não necessariamente acumula um conhecimento especificamente linguístico, mas que capta, reage a e processa informações de cunho social advindas de estímulos linguísticos, deve dar conta, em algum grau, dessa integração entre língua e o conhecimento social acumulado. Em suma, estamos assumindo um conhecimento especificamente linguístico, relativamente organizado de maneira modular na mente, mas permeado por interfaces não especificamente linguísticas que se articulam com as noções de variabilidade do sistema.

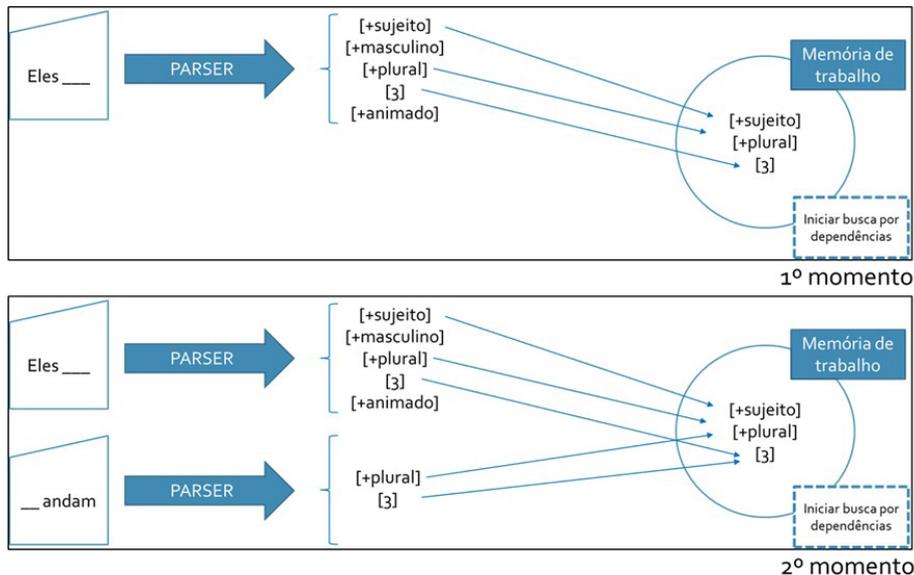
Dentre os modelos formais que estabelecem conosco alguma correlação, o da Morfologia Distribuída (MD) parece contribuir de maneira significativa para a questão da falta de invariabilidade da língua, como cunharam Heald, Klos e Nusbaum (2006). Não entraremos aqui em uma explanação teórica detalhada do modelo, que pode ser obtida em trabalhos mais direcionados (BASSANI; LUNGUINHO, 2011; EMBICK; NOYER, 2006; HALLE; MARANTZ, 1993;), principalmente porque, para prosseguirmos com as questões que nosso trabalho pretende responder, basta que compreendamos uma visão de gramática como um conjunto de traços, como veremos a seguir.

Uma assunção basilar do modelo da MD é a de que a gramática é dividida em três listas de informações: a lista 1, com traços gramaticais/semânticos, por exemplo [1], [2], [3], para se referir às pessoas do discurso, [singular] e [plural] para número, [presente], [passado], [futuro]

para tempo, etc; a lista 2, com os itens de vocabulário, que são as formas disponíveis na língua para a representação dos traços armazenados na lista 1 (nesse caso, traços como [2, singular (ou [-plural]), +dativo] na lista 1 corresponderiam à forma *lhe*, no português); e a lista 3, com o conhecimento enciclopédico, ou o *significado* especial dessas formas (BASSANI; LUNGUINHO, 2011).

Esse tipo de visão para nós é essencial porque assumimos, junto com Lee e Phillips (2023), que processar enunciados linguísticos, e especialmente *compreender* enunciados linguísticos, requer solucionar dependências. Isso significa que qualquer enunciado será decomposto em traços (como esses que a MD aponta), que serão armazenados na memória de trabalho para serem comparados a outros traços na solução de dependências e na extração de significado. Por exemplo, no âmbito da concordância verbal, há algum tipo de correlação (estrutural e/ou sintático-semântica) entre sujeito e verbo, e essa correlação pode ser feita, por exemplo, via checagem de traços, como os de número e pessoa. Para que esse mecanismo funcione, Lee e Phillips propõem um princípio de recuperação baseada em pistas (*cue-based retrieval*), que guardaria na memória traços referentes a uma palavra (como um pronome) e faria comparações com traços de outras palavras (como um verbo), estabelecendo relações de dependência. Se esses traços não são pareados de maneira satisfatória, o custo de processamento pode aumentar, seja pela busca de novos traços para que o *matching* seja satisfeito (pressuposto de modelos de ativação), seja pelo desencadeamento de uma reanálise para checar, ou acomodar, ou ainda consertar, o que acabou de ser processado (modelos de acesso direto) (LEE; PHILLIPS, 2023; VASISHTH, 2019). A Figura 1 tenta ilustrar, em dois momentos, a checagem de traços armazenados na memória de trabalho.

FIGURA 1 - Esquema ilustrativo do parseamento e armazenagem de traços na memória de trabalho e busca por instâncias que solucionem a dependência, em dois momentos, baseado na proposta de Lee e Phillips (2023)



Fonte: Almeida (2022).

Mas e quando temos casos como o da concordância verbal variável, em que uma forma verbal como *anda* não tem, pelo menos não explicitamente representado, o traço [+plural] (ou tem o traço [-plural]) para ser pareado com o de um pronome como *Eles*? Para nós, as soluções podem variar entre os falantes.

Por exemplo, imaginemos um falante que tenha como forma menos marcada, ou mais comum, a concordância verbal não redundante. Para esse falante, um pronome como *eles* seria decomposto em traços como [3], [+plural], e uma forma verbal não redundante subsequente, como *gosta*, seria decomposta em traços como [3] e, supomos, [presente], e ficaria subespecificada, nos termos da MD (cf. ALMEIDA, 2022; BASSANI; LUNGUINHO, 2011), para número, uma vez que essa forma, para esse falante, pode ser interpretada tanto em [+plural] quanto em [-plural]. A nossa aposta é que, para esses falantes, a forma de número não seja levada em consideração para a satisfação das dependências, haja

vista que é variável (ou subespecificada). Lembremo-nos das crianças dos experimentos de Molina, Marcilese e Name (2017, 2018), que entre 5 e 6 anos mapearam formas como *Comeu doce* como podendo fazer menção a mais de um agente realizando a ação. No âmbito da concordância nominal, Augusto e Ferrari-Neto (2005) e Ferrari-Neto (2008) mostraram que crianças por volta de 2 anos se apoiavam no determinante para extrair informação de número (*Mostra os dabo pro Dedé*). Isso parece indicar que, no PB, se levarmos em conta um modelo de processamento como o de Lee e Phillips (2023), o traço de número pode ser pouco robusto ou pouco confiável no início da aquisição, o que deve mudar a partir do processo de escolarização e pressão/expectativa social de indivíduos mais escolarizados, o que nos faz chegar a um segundo tipo de falante, o mais escolarizado – que pra nós é especialmente interessante haja vista nosso experimento ter sido conduzido somente com universitários.

Esses falantes aprenderam explicitamente sobre concordância verbal (e nominal) e sabem que sujeito e verbo “devem” concordar em número. É possível pensar que esse tipo de conhecimento metalinguístico, associado à aquisição de padrões sociais e expectativas de um “falar corretamente”, aguce, ainda que inconscientemente, o tipo de traço que é checado pelo *parser* no momento da decomposição. Para uma mesma sentença como *Comeu doce*, que vimos acima, crianças de 10 anos e adultos já não têm as mesmas tendências que crianças mais novas – passam a parear essa forma mais com imagens em que apenas um sujeito realize a ação (MOLINA; MARCILESE; NAME, 2017, 2018). O que isso pode nos indicar é que, à medida que somos escolarizados e adquirimos mais conhecimento sociolinguístico, passamos a dar relativa mais importância para o traço de número, mesmo que inconscientemente. Daí, quando os *matches* não são satisfeitos como esperamos, podem acontecer aumentos de custo, seja por busca por outros itens linguísticos que satisfaçam o *match*, seja por reanálise, como vimos há pouco em Lee e Phillips (2023) e em Vasisht *et al.* (2019).

Dependendo do ambiente linguístico a que estejamos expostos na infância, esse processo de valoração pode ocorrer mais ou menos rapidamente. Por exemplo, crianças que crescem em um ambiente muito variável, ou com altas taxas de concordância não redundante, como os socioeconomicamente menos favorecidos, com maior presença masculina, podem demorar mais para começar a valorar o traço de número como robusto e confiável, ao passo que crianças que cresçam em ambientes com altas taxas de concordância redundante podem fazer essa valoração mais rapidamente.

Esse tipo de efeito esperado, o de aumento de custo de processamento de uma instância que não faça um *match* esperado (por conta do processo de escolarização, das pressões sociais e do conhecimento sociolinguístico, que todos os falantes, em maior ou menor grau, mais ou menos conscientemente, têm) pode ser pareado com o modelo do monitor sociolinguístico cunhado por Labov e colegas em 2011, inicialmente pensado para verificar como falantes reagiriam frente à quantidade de vezes em que são expostos a um estímulo, levando em consideração também a avaliação social do traço em questão (se é mais ou menos estereotipado socialmente, por exemplo).

Em uma bateria de experimentos de julgamento de adequação para um vaga de trabalho de jornalista baseada em estímulos linguísticos e na quantidade de apresentação desses estímulos, Labov *et al.* (2011) demonstraram alguns aspectos que teriam atuação no que chamaram monitor sociolinguístico, dos quais destacamos sensibilidade e assimetria, para nós aspectos de especial interesse. No experimento de Labov *et al.* (2011), um dos aspectos controlados foi a proporção entre variantes (estigmatizada e de prestígio) a que os sujeitos experimentais ouviam e como isso impactava o julgamento que eles faziam de uma aspirante à jornalista a partir de instâncias da forma não padrão /in/ (como em *workin* ') comparadas a instâncias da forma padrão /iŋ/ (como em *working*). O que os resultados indicaram é que, mesmo em proporções baixas de estímulos estigmatizados (ex. 10% ou 20%), em comparação com os prestigiados, os sujeitos experimentais já reagiram de maneira sensível àquela forma, fazendo julgamentos negativos. A essa capacidade de reagir mesmo quando a quantidade de estímulos marcados é baixa, os autores chamaram *sensibilidade*. Esse componente tem relação, também, com o da assimetria, que indica que os sujeitos experimentais podem reagir ainda mais negativamente se o contexto não favorece aquela instância (e aqui, havemos de convir que não há contexto experimental ecológico que possa despistar a assimetria totalmente – e nem é exatamente isso o que queremos, diga-se de passagem, por entendermos que o contexto experimental é, por definição, diferente de um contexto natural). Uma replicação do estudo do monitor sociolinguístico em língua portuguesa pode ser verificada em Freitag (2020).

Uma outra articulação que consideramos importante de ser feita é com elementos que Tamminga, MacKenzie e Embick (2016) consideraram importantes para a variação linguística intra-individual. O

efeito de *priming* para eles é bastante importante na produção linguística, assim como memória, imitação e planejamento [de fala]. Nós derivamos esse modelo para a compreensão por entendermos que as forças que atuam na produção são semelhantes às daquelas da compreensão, dentro do pacote que chamamos de processamento. Nossa atenção especial está nos efeitos de *priming*. Em relação a eles, Tamminga, MacKenzie e Embick (2016) defendem que, uma vez que uma opção de produção de uma forma linguística tenha sido feita, há chances maiores de que essa forma seja mantida, dependendo do indivíduo – o que a sociolinguística, especialmente na concordância de número, pensa como paralelismo linguístico, com o princípio de que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros (POPLACK, 1980; SCHERRE, 1994; 1998; VIEIRA, 2013). De maneira análoga, na compreensão, uma vez que uma forma tenha sido processada, ela deve abrir caminho para que formas análogas a ela sejam processadas de maneira mais facilitada também.

Ainda sobre *priming*, é importante ressaltarmos que a literatura tem sugerido que esse tipo de efeito ocorre apenas como um reflexo de algo que já estava registrado na mente anteriormente (HASTING *et al.*, 2007; LEDOUX *et al.*, 2007; TRAXLER *et al.*, 2000), ou seja, especificamente o tipo de *priming* a que estamos fazendo referência aqui reflete conhecimento linguístico. Supomos a partir disso que a compreensão de uma variante linguística, faça ela parte ou não do repertório do indivíduo, é facilitada à medida que esse indivíduo seja mais exposto a essa variação. No caso da concordância verbal variável, levando em conta os dados de literatura, especialmente aqueles que sugerem *input* variável no Rio de Janeiro (JAKUBÓW, 2018, por exemplo), supomos que todos os indivíduos tenham tido algum contato com possibilidades redundantes e não redundantes de concordância.

4 Experimento

A partir de agora, reportaremos o experimento que, lembramos, investigou custos de processamento de concordância verbal variável, e suas contrapartes no processamento de agramaticalidade, assim como a atuação de efeitos de adaptação via *priming* durante esse processamento. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto de Estudos e Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IESC – UFRJ); CAAE 44809221.9.0000.5286; parecer

4.693.846. Todos os *scripts* e dados coletados nesse experimento, em atendimento aos preceitos da Ciência Aberta, podem ser encontrados em <<https://osf.io/5nphu/>>. Os dados são livres para retestagem, que é por nós, inclusive, incentivada.

O experimento foi conduzido levando em consideração três hipóteses: a primeira de que o processamento associado a variantes linguísticas (concordâncias redundante e não redundante) desencadearia custos diferentes daqueles associados à condição agramatical, devido ao *status* cognitivo subjacente diferenciado entre as formas; a segunda de que existiriam efeitos de sensibilidade e assimetria que os participantes exibiriam no experimento ao terem contato com a concordância não redundante e com a condição agramatical; e a terceira de que haveria um efeito de adaptação via *priming* para a leitura de concordância não redundante em comparação com a redundante que não seria constatado em relação à condição agramatical quando comparada à condição redundante.

Levando isso em consideração, três expectativas foram consideradas, portanto: (i) a de que as médias dos tempos de leitura dos segmentos críticos para cada uma das condições seriam significativamente diferentes; (ii) a de que haveria uma distância, nos momentos iniciais do experimento, entre a concordância não redundante e a condição agramatical, quando comparadas à condição redundante, causadas por efeitos de assimetria e sensibilidade nos participantes; e (iii) a de que a diferença entre as médias dos tempos de leitura das condições redundante e não redundante tendesse a diminuir depois desse primeiro momento, o que não aconteceria com a condição agramatical.

4.1 Metodologia

Para esse experimento, foi utilizado o paradigma experimental de leitura automonitorada, em que os participantes fazem a leitura dos estímulos segmento a segmento, a partir de seu próprio ritmo de leitura, com os respectivos tempos de leitura de cada segmento registrados pela plataforma que hospeda o experimento. O experimento foi aplicado remotamente, a partir da plataforma PC IBEX (SCHWARZ; ZERH, 2021), que é uma plataforma gratuita desenvolvida para experimentos comportamentais remotos, utilizando linguagem JavaScript. Os experimentos desenvolvidos na plataforma podem ser rodados em qualquer computador com acesso à internet, sem custos extras para o experimentador ou para o participante, por meio de um *link*.

Durante o teste de leitura automonitorada, os sujeitos experimentais leram estímulos que simulavam trechos de entrevista em três condições: concordância redundante (como em *eles falam*), concordância não redundante (como em *eles fala*), e agramatical, do tipo sujeito_{p6} + verbo_{p1} (como em **eles falo*). Em cada estímulo, havia três ocorrências (OC1, OC2, e OC3) de sintagmas formados por *eles + verbo*, sempre nas mesmas posições (palavras 11-12, 23-24, e 32-33). A escolha por entrevistas foi intencional, uma vez que queríamos estímulos que emulassem, de maneira relativamente mais ecológica, a espontaneidade da fala, embora isso seja uma tarefa sempre desafiadora em contextos experimentais, e em que pudéssemos manipular mais de uma instância de segmento crítico no mesmo estímulo.

Na subseção a seguir, veremos especificamente como os estímulos foram controlados na elaboração da atividade.

4.1.1 Materiais

Simulando trechos de entrevista, nossos estímulos foram pensados para compreender temas do cotidiano das pessoas, como rotina dos filhos, animais, lazer, faxina, festas de fim de ano e trabalho, por exemplo. Os estímulos eram sempre precedidos por uma pergunta geradora (apresentada como *Pergunta da entrevista*) e eram formados por uma sentença introdutória, em que o “entrevistado” introduziria a sua resposta e duas sentenças na sequência, sempre falando sobre um conjunto de seres que pudesse ser retomado pelo pronome *eles*, conforme podemos ver no exemplo (3) a seguir. Note que os verbos críticos, em negrito, estão conjugados nas três condições experimentais: concordância redundante, concordância não redundante e concordância agramatical. As condições eram dadas para o estímulo todo, de modo que todas as ocorrências dentro de um mesmo estímulo seguiam a mesma regra de concordância.

(3) Pergunta da entrevista: “Qual a rotina dos seus filhos, em casa?”

Eu sou pai de dois: o Pedro e o João. **Eles gost-am/a/o** bastante de estudar e **eles cheg-am/a/o** da escola com muito dever. Ao chegar, **eles tom-am/a/o** banho pra almoçar e brincar a tarde toda.

Além das posições em que sujeito e verbo ocorriam, também foram controlados o tempo verbal (presente do indicativo), o tipo de verbo (todos regulares), a conjugação (sempre a primeira), o tamanho

dos verbos (não mais do que três sílabas) e a quantidade de aparições dos verbos no conjunto experimental (somente duas vezes por condição, nos estímulos experimentais). Os estímulos eram todos menores do que 40 palavras. Também foram evitadas construções que pudessem ativar um efeito de *priming* de plural, de modo que instâncias como *dois filhos*, por exemplo, foram substituídas por *um menino e uma menina*.

Ao todo, nosso conjunto de estímulos continha 110 itens (90 experimentais, 30 em cada uma das três condições, e 20 distratores), que foram pseudorandomizados em 12 listas/subconjuntos de acordo com um quadrado latino. Cada participante teve contato com um subconjunto formado por 35 itens, a saber, 15 experimentais (5 em cada uma das três condições) e os 20 distratores, a ele atribuído aleatoriamente pela plataforma PC IBEX. Nenhum participante viu um dado estímulo em mais de uma condição, nem estímulos em uma mesma condição sequencialmente.

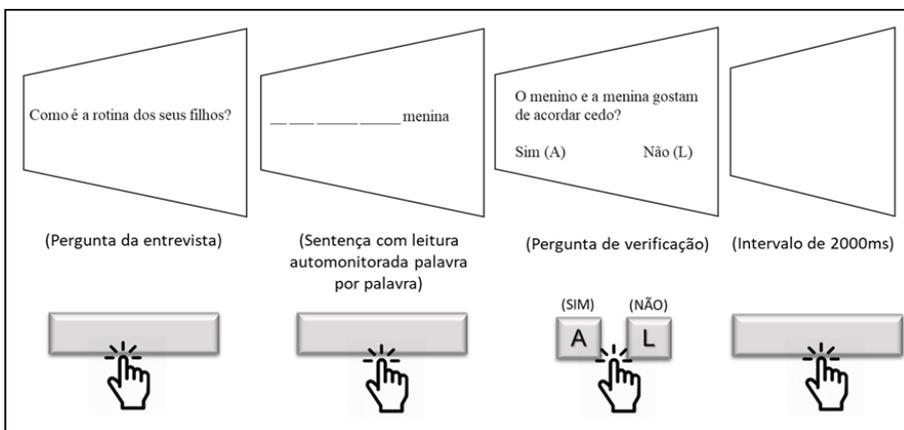
4.1.2 Procedimentos

Tendo em vista que o experimento foi aplicado totalmente de maneira remota, os participantes foram recrutados por meio de postagens nas mídias sociais, que os direcionavam para um formulário na plataforma Google Forms, onde o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) era apresentado e, caso o participante aceitasse participar do experimento, concordado. Além disso, alguns dados iniciais, de caráter socioeducacional, eram coletados. A exploração desses dados será feita em um momento mais oportuno, em outro trabalho.

Ao finalizar o preenchimento desse formulário, o participante automaticamente recebia um *link* para prosseguir para a plataforma PC IBEX, onde seria exposto novamente ao TCLE, e à explicação e ao treinamento do experimento, com três distratores-treino. O participante era instruído a apertar a barra de espaço toda vez que quisesse mudar de tela ou ler uma nova palavra de um estímulo. Todos os estímulos foram apresentados palavra por palavra, com tempos de resposta sendo coletados a cada vez que o participante pressionasse a barra de espaço. Como tarefa solicitada ao participante, ao final de cada um dos estímulos, ele deveria responder a uma pergunta de compreensão do tipo sim/não, apertando a tecla A para *sim* e L para *não*. Após cada pergunta de compreensão, o próximo estímulo era apresentado somente pelo menos após 2000 ms (esse tempo poderia variar para mais, caso o participante

demorasse para apertar o botão para prosseguir, mas nunca seria menor do que 2000 ms). Na metade do experimento, havia uma tela de pausa, em que o participante era instruído a descansar um pouco, se quisesse, mas sem fechar a tela. Na Figura 2, é possível ver uma ilustração da apresentação dos estímulos e da pergunta de verificação.

FIGURA 2 – Esquema ilustrativo dos procedimentos do teste de leitura automonitorada



Fonte: Almeida (2022).

4.1.3 Participantes

Utilizamos como critério de recrutamento de participantes aqueles que fossem cariocas, nascidos e criados (pelo menos por maior parte do tempo durante a infância) na cidade do Rio de Janeiro, com pelo menos ensino superior em curso, que não fossem estudantes de cursos de Letras, dos quais se espera um olhar mais atento para questões de cunho linguístico, sobretudo em termos de variação linguística, e que tivessem entre 18 e 30 anos de idade, para que se evitasse ruído nos dados por meio de diferenças geracionais. Os participantes também deveriam ter computador disponível para a execução do experimento. Foram oferecidos certificados de atividades complementares para aqueles que optassem por recebê-lo. Utilizamos como critério de exclusão de participantes, após a realização do experimento, um ponto de corte a partir das médias das acurácias nas perguntas de verificação do grupo subtraída de três vezes o

desvio padrão. Dos 73 participantes que fizeram o experimento, apenas 1 foi excluído por essa razão (acurácia de 80%, em um grupo em que o limite mínimo foi de 83,40%; $= \bar{x}$ 95,06%; DP = 4,31%).

Desse modo, portanto, tivemos 72 participantes (48 mulheres, 23 homens e 1 pessoa que marcou a opção de gênero *outros*). Em média, os participantes tinham 22 anos e 6 meses (DP = 2;10). Também foram coletados, como informações complementares dos participantes, os bairros em que moravam, o nível de instrução dos cuidadores na infância, área de conhecimento na universidade, hábitos de leitura, e tipos de escola nos ensinos fundamental e médio. Foram rodados modelos mistos (cf. Materiais suplementares, disponíveis em <<https://osf.io/5nphu/>>) que incluíram todos esses dados coletados como possíveis variáveis preditoras dos tempos de resposta, mas nenhum resultado se mostrou significativo naquele momento, exceto *bairro*, que, com significâncias aleatórias entre grupos de bairros, não puderam contribuir com a discussão neste momento.

5 Resultados

Antes da análise estatística, os dados foram filtrados para a exclusão de *outliers*. Foram considerados *outliers* todos os tempos de resposta (TR) inferiores a 100 ms e superiores a 3000 ms, o que correspondeu a cerca de 1% do quantitativo de dados efetivamente analisados. Entendemos que antes de 100 ms seria improvável que alguém tivesse de fato lido a palavra e que, após 3000 ms, a leitura seria mais monitorada do que o esperado para um teste dessa natureza.

Foram incluídos na análise estatística os TR dos verbos críticos e dos dois segmentos subsequentes, com a intenção de encapsular possíveis efeitos de *spill over*⁶. Para análise, utilizamos o *software* RStudio (versão

⁶ Conforme lemos em Almeida (2022, p. 71):

esse efeito consiste em um ‘atraso’ na detecção de maior engajamento cognitivo no segmento que está sendo manipulado pelo pesquisador. Isso acontece porque leitura e processamento não são processos que acontecem simultaneamente. O engajamento no processo linguístico de um trecho e seus eventuais custos relacionados podem ocorrer quando o participante já está lendo a palavra ou trecho seguinte. Dessa forma, o efeito esperado sobre o segmento crítico (um aumento ou diminuição do TR) é ‘derramado sobre’ (daí *spill over*) a próxima palavra ou segmento, possivelmente indicando ainda, segundo Augusto *et al.* 2020 (p. 126), ‘um efeito de reparo ou reanálise’ (cf. Rayner

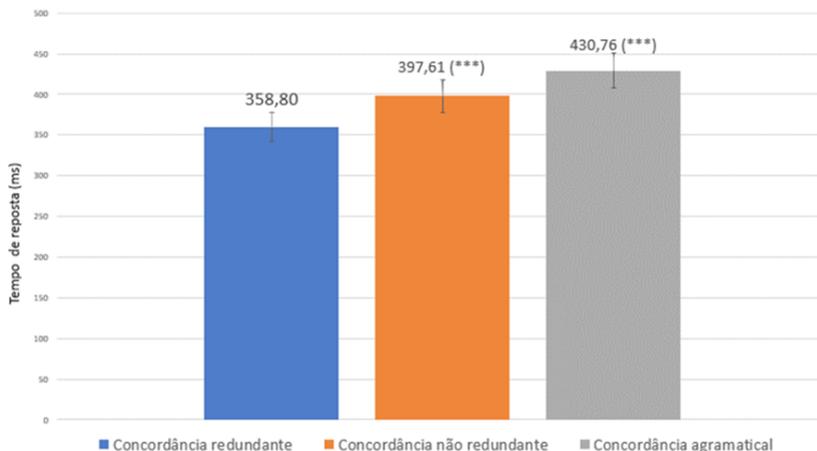
4.1.0; R CORE TEAM, 2011). Como os dados brutos não tinham uma distribuição normal ($p < 0,0001$, no teste Jarque Bera (JARQUE; BERA, 1980)), como geralmente acontece com dados de leitura automonitorada, que costumam ter distribuição assimétrica à direita (ou *skewed to the right*), nós fizemos uma transformação do tipo *BoxCox* (BOX; COX, 1964; GUERRERO, 1993), que ajusta um valor *lambda* ótimo como parâmetro transformacional dos dados. A partir dessa transformação, nossos dados passaram a ter uma distribuição normal ($p = 0,959$, também no teste Jarque Bera (JARQUE; BERA, 1980)). A transformação logarítmica não atingiu os mesmos resultados ($p < 0,0001$).

Primeiro, para fins de comparações gerais entre as condições, rodamos um modelo linear misto⁷ que teve TR como variável dependente e condição como efeito fixo, considerando participantes e itens como efeitos aleatórios. Esse modelo foi considerado melhor do que o nulo, em uma análise aninhada ($X^2(2) = 219,52$; $p < 0,0001$). Nesse primeiro momento, então, propositalmente não consideramos as ocorrências, porque queríamos entender o comportamento de cada uma das condições, cujos tempos do *output* do modelo estão no gráfico a seguir (Figura 3). Para que a inteligibilidade do *output* do modelo não seja comprometida, reportamos os valores de média e erro padrão (SE) a partir de modelos que consideraram os tempos brutos e valores *t* e *p* a partir dos modelos que levaram em conta os TR transformados pelo parâmetro *lambda*. Desse modo, inteligibilidade e robustez podem ser preservadas.

(1998), para mais detalhes sobre o efeito, e Augusto *et al.* 2020, para um exemplo de estudo no PB com leitura automonitorada).

⁷ Pacote *lme4* (BATES *et al.*, 2015) no RStudio.

FIGURA 3 – Médias dos TR por condição. No gráfico, a coluna azul representa a média dos TR para a condição *redundante*, a laranja, o mesmo para a condição *não redundante*, e a cinza, o mesmo para a condição *agramatical*. As barras de erro representam 5% para mais e para menos em relação aos valores das médias



Fonte: Almeida (2022).

A análise indicou aumentos significativos no TR das condições *não redundante* ($= \bar{x}$ 397,61 ms; SE = 14,276; $t = 7,887$; $p = 3,43e-15$) e *agramatical* ($= \bar{x}$ 430,76; SE = 4,975; $t = 14,894$; $p < 0,0001$), em comparação com a condição *redundante* ($= \bar{x}$ 358,80; SE = 14,276, $t = 1289,351$, $p < 0,0001$). Para verificar a diferença entre as condições *não redundante* e *agramatical* rodamos uma análise *post-hoc* do tipo *Tukey*, que faz comparações de média par a par, cujo resultado mostrou uma diferença significativa entre elas (SE = 4,98; $z = -7,009$; $p < 0,0001$). Esses resultados demonstram que há um efeito geral de condição, que faz com que cada uma das condições seja lida em um ritmo diferente, levando-nos a inferir que cada uma das concordâncias é processada de modo distinto pelos participantes.

Para uma investigação mais profunda dos dados, pensando nos efeitos de cada uma das três ocorrências manipuladas em cada um dos estímulos, os TR obtidos foram analisados em função da variáveis condição e ocorrência, em um modelo linear misto⁸ que também

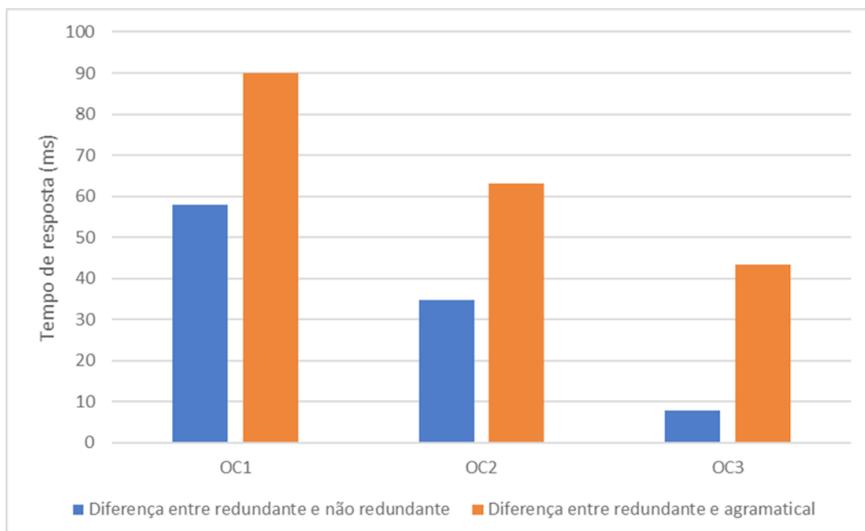
⁸ Pacote lme4 (BATES *et al.*, 2015) no RStudio.

considerou os efeitos aleatórios de participante e item (uma análise de modelos aninhada mostrou que esse era o melhor modelo, i.e., o modelo com maior poder explicativo para os dados ($X^2(6) = 23,832$; $p = 0,0005$)). Assim como na análise anterior, as médias dos tempos e os valores de erro padrão (SE) foram reportados com base em um *output* com os tempos brutos e os valores de significância estatística com base no modelo ajustado a partir do valor ótimo *lambda*.

Tabela 1 - Resumo dos valores médios e significância dos tempos de leitura, em ms, por condição por ocorrência. Significância comparada com o intercepto do modelo (Condição redundante / OC1). Códigos de significância: 0 ‘****’ 0.001 ‘***’ 0.01 ‘**’ 0.05 ‘.’ 0.1 ‘.’ 1.

Condição / Ocorrência	OC1	OC2	OC3
<i>Redundante</i>	361,25 (SE = 15,10)	358,53 (SE = 8,54)	353,89 (SE = 8,54)
<i>Não redundante</i>	419,25 (***) (SE = 8,56)	393,22 (SE = 12,09)	361,72 (.) (SE = 12,09)
<i>Agramatical</i>	451,23 (***) (SE = 8,57)	421,65 (SE = 12,09)	397,29 (SE = 12,10)

O que esses dados mostram é que os TR aumentam de maneira significativa da condição *redundante* para as condições *não redundante* e *agramatical* na OC1 e que vão diminuindo ao longo das ocorrências. Em termos de valores absolutos do *output* do modelo, conseguimos ver que as diferenças entre os TR das condições *redundante* e *não redundante* diminuem mais rapidamente ao longo das ocorrências do que a diferença entre as condições *redundante* e *agramatical*, o que podemos ver no gráfico a seguir (Figura 4). Note que, na OC3, a diferença entre *redundante* e *não redundante* é de menos de 10 ms, enquanto entre *redundante* e *agramatical* é de mais de 40 ms.

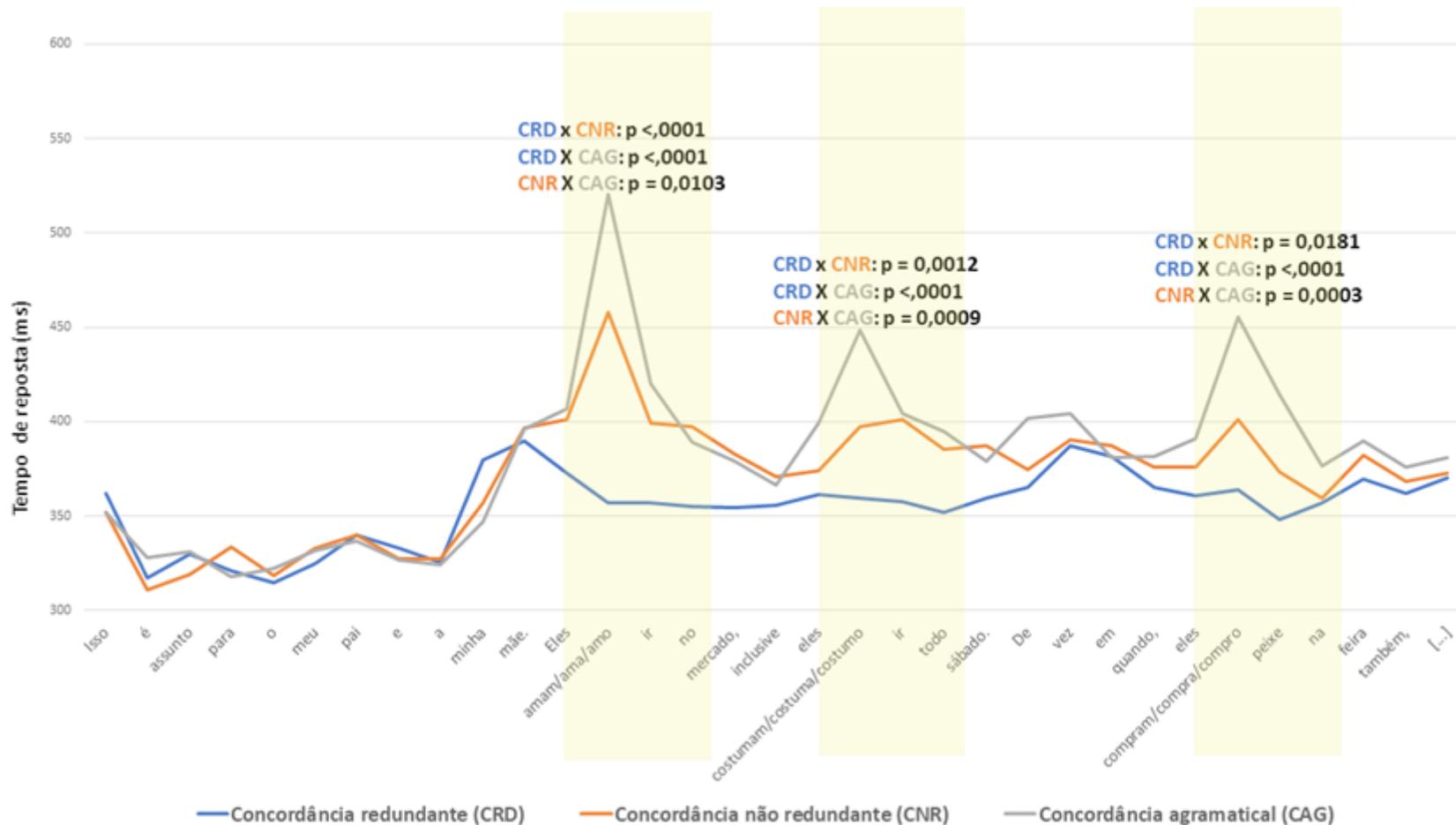
FIGURA 4 – Diferença de TR das condições *não redundante* e *agramatical* em comparação com a condição *redundante*

Fonte: Almeida (2022).

Contudo, apenas com esse modelo, ainda não é possível saber se essas diminuições são significativas por condição, pois o modelo está tomando como intercepto a condição *redundante* e a primeira ocorrência. Por isso, nós rodamos uma análise *post-hoc* do tipo *Tukey* para comparar as médias par a par. Na Figura 5, é possível ver esses resultados e um gráfico que mostra as regiões de interesse consideradas para a análise estatística.

A partir dessa análise, foi possível notar comportamentos diferentes entre as ocorrências de cada uma das condições. Por exemplo, os p valores das diferenças entre as condições *redundante* e *agramatical* permanece inalterado ($<0,0001$), independente da ocorrência. Já para as diferenças entre *redundante* e *não redundante*, podemos notar uma progressiva perda de significância dos p valores ($<0,0001$ na OC1; 0,0012 para OC2 e 0,018 na OC3). Finalmente, quando comparamos as condições *não redundante* e *agramatical*, é possível vermos que a diferença entre elas cresce continuamente, em termos estatísticos (0,0103 na OC1; 0,0009 na OC2; e 0,0003 na OC3).

FIGURA 5 – Gráfico de palavras por condição, com comparações de médias *post-hoc* por ocorrência. No gráfico, a linha azul representa a média dos TR de cada palavra na condição *redundante*; a laranja representa o mesmo para a condição *não redundante* e a cinza representa as mesmas informações para a condição *agramatical*. As áreas sombreadas representam os segmentos críticos (verbo mais dois segmentos subsequentes) de cada uma das três ocorrências. Os p valores representados dizem respeito às comparações par a par da análise *post-hoc* do tipo *Tukey*



Fonte: Almeida (2022).

6 Discussão

Neste trabalho, reportamos um experimento de leitura automonitorada desenvolvido no escopo da concordância verbal variável no PB, especificamente o falado na cidade do Rio de Janeiro, para o qual foram traçadas três hipóteses: (i) o processamento associado a variantes linguísticas (concordâncias redundante e não redundante) desencadeariam custos diferentes daqueles associados à condição agramatical, devido ao *status* cognitivo subjacente diferenciado entre as formas; (ii) existiriam efeitos de sensibilidade e assimetria que seriam detectados no experimento ao terem contato com a concordância *não redundante*, com efeitos similares para a condição *agramatical*; e (iii) haveria um efeito de adaptação em função de um efeito de *priming* para a leitura da condição *não redundante* quando comparada à redundante que não seria detectado para a condição *agramatical* no mesmo tipo de comparabilidade.

A partir dos dados coletados, é possível ver que os resultados obtidos se mostraram compatíveis com as previsões experimentais estabelecidas, e permitem que as hipóteses nulas sejam rejeitadas. Em primeiro lugar, como é possível ver na Tabela 1 e na Figura 3, as médias dos tempos de leitura para cada uma das condições, independentemente das ocorrências, se mostraram diferentes, de modo que a concordância redundante foi lida mais rapidamente do que a não redundante, que, por sua vez, foi lida mais rapidamente do que a condição agramatical. Esse achado é coerente com a literatura, e pode ser articulado com a segunda hipótese, a que previa efeitos de assimetria e sensibilidade para a condição não redundante – e efeitos semelhantes para a condição agramatical.

Nesse sentido, o que ocasionaria o acréscimo nas médias dos TR para a condição não redundante seriam os efeitos de assimetria e sensibilidade causados por uma variante estigmatizada. Nossos participantes, como um grupo de universitários, certamente não esperariam essas formas em um experimento linguístico feito no âmbito de uma universidade, ainda que remotamente, embora eventualmente possam fazer uso delas. Em outras palavras, a forma não redundante é assimétrica para o contexto do experimento e as expectativas criadas, ainda que inconscientemente, em torno dele, e os participantes foram sensíveis a isso logo na primeira ocorrência (como podemos ver na Tabela 1 e na Figura 5).

Para a forma agramatical, também há uma espécie de sensibilidade para uma forma diferente, mas o esforço cognitivo refletido nos TR foi maior, e acreditamos que isso se deva ao fato de a forma agramatical, como

a construímos, não ser uma opção acessível dadas as regras combinatórias dos morfemas presentes na Lista 1 de qualquer falante. Também por esse motivo, não podemos cravar um efeito de sensibilidade *stricto sensu*, como previsto no monitor sociolinguístico laboviano, haja vista que a forma agramatical não é exatamente uma variante linguística – e esse efeito deve mesmo estar relacionado com formas linguísticas atestadas. Assim, é provável que tenha havido para a condição agramatical um esforço maior como uma tentativa de mapear a forma com algum tipo de significado, possivelmente com processos de reintegração e retestagem de traços armazenados, como previsto por Lee e Phillips (2023).

Há ainda que se levar em consideração⁹ que há a possibilidade de os sujeitos do experimento terem feito, para a condição agramatical, uma leitura diferente do que esperávamos, o que pode, também, ter influenciado os resultados. Fato é que há realizações fonéticas no português falado no Rio de Janeiro que possibilitam que *eles tomo*, por exemplo, seja uma pronúncia possível para *eles tomam*, como apontado no trabalho de Rocha (2021). Ou ainda que seja mapeado como passado, com *eles tomo* sendo lido como *eles tomô* (próximo a *eles tomou*). No primeiro caso, parece-nos improvável que esse tipo de leitura seja a mais prototípica para os nossos sujeitos experimentais – o que, inclusive, tornaria a construção menos distante daquelas que consideramos gramaticais neste estudo. Sendo esse o caso, haveria uma diminuição mais expressiva dos TRs, o que não foi observado. Já no segundo caso, o da possível leitura como passado, teríamos, ainda assim, uma quebra de expectativa influenciada pelo contexto, que é todo construído no presente – o que justificaria o aumento dos TRs. Para ambos os casos, apesar de nossas especulações, não há como garantir inequivocamente que leitura está sendo de fato feita, sendo necessários experimentos paralelos que tenham como foco específico essa questão.

Apesar dos possíveis impasses no que diz respeito à condição agramatical, a terceira previsão é a que contribui de maneira mais consistente para o entendimento da compreensão linguística diante do problema da falta de invariabilidade, se confirmada. Levando em consideração que na análise *post-hoc*, que comparou médias par a par (Figura 3), obtivemos uma aproximação consistente das condições

⁹ Agradecemos especialmente a um dos pareceristas, que nos atentou para essa importante observação.

redundante e não redundante, é plausível supor a atuação de um efeito de adaptação via *priming* (TAMMINGA; MACKENZIE; EMBICK, 2016). Uma vez que os participantes foram capazes de fazer pareamentos da forma não redundante com o disponível em seu conhecimento gramatical (uma vez que essa é uma forma produtiva no PB), o esforço cognitivo refletido em TR foi paulatinamente diminuído, em comparação à concordância redundante, mais esperada para esse tipo de experimento. A partir do aumento dos p valores, o que reflete uma perda de significância estatística entre as diferenças de TR das duas condições, vemos que elas passam a ser lidas, progressivamente, no mesmo ritmo. A nossa sugestão é que isso é reflexo do fato de ambas as formas serem atestadas e internalizadas na gramática do falante carioca, talvez com níveis de familiaridade variados entre os participantes, a depender do grau de contato com a variante.

Nesse sentido, o efeito de *priming* também tem sua contribuição, pois é cada vez mais fácil processar uma forma já anteriormente processada, via ativação na memória. Nos estudos sociolinguísticos, esse efeito geralmente é referido por meio da ideia que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros (especialmente para concordância, cf. POPLACK, 1980; SCHERRE, 1994; 1998; VIEIRA, 2013). Curiosamente, esse efeito não acontece com a condição redundante, cujas diferenças de TR não são significativas ao longo das três ocorrências (ver Tabela 1). É possível supor que a forma redundante seja tão esperada que não haja efeitos significativos em processá-la anteriormente, mas o mesmo não acontece com a concordância não redundante, para qual o *priming* facilita o acesso a uma forma inesperada e socialmente estigmatizada, e faz com que o custo de processamento na compreensão seja atenuado, tendendo a ser tão automatizado quanto à concordância não redundante no experimento, passadas as questões iniciais de assimetria.

A nosso ver, não é provável que esses mesmos efeitos de *priming* tenham colaborado para a leitura mais rápida da concordância agramatical ao longo das ocorrências. Isolada, essa condição só foi lida mais rapidamente em relação a si mesma, e não em relação às outras condições – se distanciando, inclusive, da leitura não redundante, como aferem os valores de significância da análise *post-hoc*. Mas fato é que houve um decréscimo no tempo de leitura, e acreditamos que isso possa estar associado a um tipo de adaptação viso-perceptual, que armazenaria a forma na memória e a deixaria mais fácil de ser acessada, ou a um processamento estratégico que modularia a expectativa para a violação a ponto de amenizar o efeito dessa violação em termos de carga cognitiva.

Não deve se tratar, portanto, de um tipo de *priming*, porque a literatura tem defendido a ideia de *primings* para formas já existentes na língua, o que não é o caso desse tipo de concordância (HASTING *et al.*, 2007; LEDOUX *et al.*, 2007; TRAXLER *et al.*, 2000), pelo menos enquanto levamos em consideração, para elas, a leitura da forma verbal de primeira pessoa do singular com um sujeito de terceira pessoa do plural¹⁰. Fica claro quando olhamos para as diferenças de TR entre as condições agramatical e não redundante que há fenômenos distintos em operação em cada uma delas. Ou seja, podemos afirmar que variação linguística é processada de maneira diferente de agramaticalidade (que estaria mais próximo daquilo que puristas apontam como erro ou que psicolinguistas às vezes denominam violação morfossintática).

Levando em consideração que as previsões foram confirmadas, a partir de agora apontaremos como esses dados poderão ser mais bem explorados no futuro, e que outras ferramentas e metodologias poderão nos ajudar na compreensão do fenômeno.

7 Apontamentos futuros

Embora os resultados desse estudo tenham lançado luz sobre a compreensão do processamento de instâncias variáveis gramaticais e de instâncias agramaticais, contribuindo para a interface entre a psicolinguística e a sociolinguística, principalmente no que diz respeito aos efeitos de adaptabilidade via *priming* atuante, há desdobramentos que podem muito enriquecer e aprimorar o entendimento que temos até o momento.

Primeiro, julgamos que, em estudos futuros, é necessário que se façam retestes, incluindo mais ocorrências em cada estímulo com o objetivo de verificar se finalmente concordâncias redundante e não redundante podem ser lidas com o mesmo ritmo, sem diferença significativa entre elas. Além disso, é importante pensar em outros grupos para testagens futuras, levando o teste, por exemplo, para estudantes do ensino médio, especialmente aqueles da rede pública de regiões menos favorecidas na cidade do Rio.

¹⁰ Se, por acaso, os sujeitos experimentais tiverem tido outras leituras para essa construção, possíveis a partir do estudo de Rocha (2021), o não efeito de *priming* na construção aqui, até o momento, entendida como agramatical precisará ser repensado. Como não é possível, ainda, garantir que não foi feita de fato a leitura que esperávamos, essa é uma discussão que deverá ter lugar em futuros trabalhos.

Além disso, é necessário que se façam testagens com outras técnicas experimentais. A eletroencefalografia (EEG), por exemplo, pode nos dar resultados temporais mais precisos e efeitos de comparabilidade mais robustos, refletindo processos mais automatizados e inconscientes. Há pouquíssimos experimentos que tenham levado em consideração essa técnica no escopo da variação linguística (cf. Soto e Almeida (2021), para uma reflexão crítica da literatura; Loudermilk (2013), para um estudo de EEG e variável morfofonológica; e Zaharchuk, Shevlin e Van Hell (2021), para uma variável sintática).

Finalmente, novas investigações podem explorar ainda mais a ecologia dos dados, levando em consideração até mesmo aspectos de covariação não redundante dentro dos sintagmas (um estudo relativamente mais inflado, mas, sem dúvida, bastante interessante).

8 Conclusão

No escopo da interface entre a psico e a sociolinguística, especialmente no que diz respeito à concordância verbal variável, alguns trabalhos já vinham apontando custos maiores para o processamento de concordância não redundante, quando comparada à concordância redundante (MARCILESE *et al.*, 2015, 2017). Com isso em mente, o presente trabalho pôde contribuir para a literatura da área, agora incorporando efeitos de acomodação/adaptação via *priming* como atuantes no processo de compreensão (socio)linguística, além de uma aposta em estímulos mais ecológicos. Sem dúvidas, ainda há bastante a ser descoberto, mas esperamos que esses dados contribuam, empiricamente, para atestar o que há muito temos falado na linguística, especialmente na sociolinguística: não chamar de erro o que a linguística chama variação.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora e primeira leitora crítica desse texto, Profa. Marije Soto, assumindo quaisquer erros ou má formulações persistentes como meus; à professora Juliana Novo Gomes pela disponibilização do *script* do PC IBEX que serviu como base para esse experimento; e à professora Christina Gomes por algumas das referências muito específicas de concordância variável. Agradeço também a cada voluntário que dedicou seu tempo em contribuir com o experimento aqui

reportado, e aos pareceristas que, com leitura atenta, apontaram melhorias importantes para o texto. Este trabalho foi realizado com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), no âmbito do PROEX.

Referências

ADGER, D.; SMITH, J. Variation in agreement: a lexical feature-based approach. *Lingua*, cidade, v. 120, n. 5, p. 1109-1134, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.lingua.2008.05.007>.

ALMEIDA, W. C. *Processamento e percepção da concordância verbal variável de P6 entre universitários da cidade do Rio de Janeiro*. 2022. 165f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022.

ARAÚJO, S. S. F. A concordância verbal nos *continua* sociolinguísticos do português brasileiro e luandense. *Interdisciplinar*, Itabaiana, v. 24, 2016. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/5399/4424>>. Acesso em: 14 mar. 2023.

ARRUDA, A. L. Políticas da Educação Superior no Brasil: expansão e democratização: um debate contemporâneo. *Espaço do Currículo*, João Pessoa, v. 3, n. 2, p. 501-510, 2011. DOI: <https://doi.org/10.15687/rec.v3i2.9661>.

AUGUSTO, M. R. A.; SOTO, M.; SENA, N.; BERNARDES, J. Resumptivos em relativas de objeto direto: resultados de leitura automonitorada. *Revista Letras*, Curitiba, v. 101, p. 114-143, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v101i0.72650>.

BASSANI, I. S.; LUNGUINHO, M. V. Revisitando a flexão verbal do português à luz da Morfologia Distribuída: um estudo do presente, pretérito imperfeito e pretérito perfeito do indicativo. *ReVEL*, edição especial n. 5, p. 199-227, 2011. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_5_revisitando_a_flexao_verbal_do_portugues.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2023.

BATES, D.; MAECHLER, M.; BOLKER, B.; WALKER, S. Fitting Linear Mixed-Effects Models Using lme4. *Journal of Statistical Software*,

Innsbruck, v. 67, n. 1, p. 1-48, 2015. DOI: <https://doi.org/10.18637/jss.v067.i01>.

BORTONI-RICARDO, S. M. A concordância verbal em português: um estudo de sua significação social. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. (orgs.). *Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p. 362-380.

BOX, G. E. P.; COX, D. R. An analysis of transformations. *JRSS B*, cidade, v. 26, n. 2, p. 211–246, 1964. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2984418>>. Acesso em: 14 mar. 2023.

BRASIL. Lei nº 12.711 de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, seção 1, página 1, publicado em 30 ago. 2012.

BYBEE, J. Morphology: A Study of the Relation between Meaning and Form, *Typological Studies in Language*. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

CORRÊA, L. M. S.; AUGUSTO, M. R. A.; FERRARI-NETO, J. The early processing of number agreement in the DP: evidence from the acquisition of Brazilian Portuguese. *Boston University Conference on Language Development* (Apresentação de trabalho). 2005.

EMBICK, D.; NOYER, R. Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface. In: RAMCHAND, G.; REISS, C. (orgs.). *Oxford Handbook of Linguistics Interfaces*. New York: Oxford University Press, 2006. p. 298-324.

FERRARI-NETO, J. *Aquisição de Número Gramatical no Português Brasileiro: Processamento de Informação de Interface e Concordância*. 2008, 154f. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2008.

FREITAG, R. M. K. Effects of the Linguistics Processing: Palatals in Brazilian Portuguese and the Sociolinguistic Monitor. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, Pennsylvania, v. 25, n. 2, p. 21-30, 2020. Disponível em: <<https://repository.upenn.edu/pwpl/vol25/iss2/4>>. Acesso em: 14 mar. 2023.

GARRAFFA, M.; FYNDANIS, V. Linguistic theory and aphasia: an overview. *Aphasiology*, cidade, v.34, n.8, p.905-926, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/02687038.2020.1770196>.

GRACIOSA, D. *Concordância verbal na fala culta carioca*. 1991. 125f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991.

GUERRERO, V. M. Time-series analysis supported by power transformations. *Journal of Forecasting*, v. 12, n. 1, p. 37–48, 1993. DOI: <https://doi.org/10.1002/for.3980120104>.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and pieces of inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (eds.) *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge: MIT Press, 1993. p. 111-176.

HASTING, A. S.; KOTZ, S. A.; FRIEDERICI, A. D. Setting the Stage for Automatic Syntax Processing: The Mismatch Negativity as an Indicator of Syntactic Priming. *Journal of Cognitive Neuroscience*, v. 19, n. 3, p. 386-400, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1162/jocn.2007.19.3.386>.

HEALD, S.; KLOS, S.; NUSBAUM, H. Understanding Speech in the Context of Variability. In: HICKOK, G.; SMALL, S. (eds.). *Neurobiology of Language*. Chicago: Elsevier, 2016. p. 195-208. DOI: <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-407794-2.00017-1>.

JAKUBÓW, A. P. S. P. *Language acquisition based on variable input: the case of number agreement in Brazilian Portuguese*. 2018. 191f. Tese (Doutorado em Letras/Estudos da Linguagem) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2018.

JAKUBÓW, A. P. S. P.; CORRÊA, L. S. The production of variable number agreement in Brazilian Portuguese: a procedural and developmental account. In: AVRAM, L.; SEVCENCO, A.; TOMESCU, V. (eds.). *L1 Acquisition and L2 Learning. The view from Romance*. John Benjamins Publishing Company, 2021. p. 109-132. DOI: <https://doi.org/10.1075/lald.65.05jak>.

JARQUE, C. M.; BERA, A. K. Efficient test for normality, homoscedasticity, and serial independence of residuals. *Economic Letters*, Holanda do Norte, v. 6, n. 3, p. 255-259, 1980. DOI: [https://doi.org/10.1016/0165-1765\(80\)90024-5](https://doi.org/10.1016/0165-1765(80)90024-5).

LABOV, W. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (eds.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2003. p. 235-250.

LABOV, W.; ASH, S.; RAVINDRANATH, M.; WELDON, T.; BARANOWSKI, M.; NAGY, N. Properties of the sociolinguistic monitor. *Journal of Sociolinguistics*, v. 15, n. 4, 431-463, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9841.2011.00504.x>.

LEDOUX, K.; TRAXLER, M. J.; SWAAB, T. Y. Syntactic priming in compression: evidence from event-related potentials. *Psychol Sci*, v. 18, n. 2, 135-143, 2007. DOI: 10.1111/j.1467-9280.2007.01863.x.

LEE, E. K. Y; PHILLIPS, C. Why non-native speakers sometimes outperform native speakers in agreement processing. *Bilingualism: Language and Cognition*, v. 26, n. 1, 2023, 152-164. DOI: 10.1017/S1366728922000414.

LEMLE, M.; NARO, A. J. Competências básicas do português. *Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro (MOBRAL) e Fundação Ford*. Rio de Janeiro, 1977.

LOUDERMILK, B. C. *Cognitive Mechanisms in the Perception of Sociolinguistic Variation*. 2013. 202f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade da Califórnia, 2013.

MAIA, M.; NASCIMENTO, G. Anomalias de forma e de conteúdo em português brasileiro: um estudo preliminar de rastreamento ocular da leitura e de avaliação de aceitabilidade. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 40, n. esp. 2: Leitura, Tradução e Cognição, p. 45-73, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2020v40nesp2p45>.

MARCILESE, M; HENRIQUE, K. S.; AZALIM, C; NAME, C. Processamento da concordância variável no PB em uma perspectiva experimental. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 118-134, 2015. DOI: 10.17074/2238-975X.2015v11n1p118.

MARCILESE, M.; RODRIGUES, E. S.; AUGUSTO, M. R. A.; HENRIQUE, K. S. Efeitos de distância linear e marcação no processamento da concordância verbal variável do PB. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 1291-1325, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.25.3.1291-1325>.

MOLINA, D. S. L. *Aquisição da linguagem e variação linguística: um estudo sobre a flexão verbal variável na aquisição do PB*. 2018. 277f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2018.

MOLINA, D. S. L.; MARCILESE, M.; NAME, C. Ora está, ora não está: *input* variável e aquisição da flexão verbal de 3ª pessoa do plural no PB. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 41, p. 288-309, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/matraga.2017.28498>.

MOLINA, D. S. L.; MARCILESE, M.; NAME, C. Aquisição da linguagem e variação linguística em diálogo: investigando a produção e a compreensão da flexão verbal de terceira pessoa do plural no PB. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 35-54, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2018.v14n3a21334>.

MOLINARO, N.; BARBER, H.; CARREIRAS, M. Grammatical agreement processing in reading: ERP findings and future directions. *Cortex*, v. 47, n. 8, p. 908-930, 2011. DOI: [10.1016/j.cortex.2011.02.019](https://doi.org/10.1016/j.cortex.2011.02.019).

NARDY, A.; CHEVROT, J.; BARBU, S. Sociolinguistic convergence and social interactions within a group of preschoolers: A longitudinal study. *Language Variation and Change*, Cambridge, v. 26, n. 3, p. 273–301, 2014. DOI: [doi:10.1017/S0954394514000131](https://doi.org/10.1017/S0954394514000131).

NARO, A. J. The Social and the Structural Dimensions of a Syntactic Change. *Language*, cidade, v. 57, n. 1, p. 63-98, 1981. DOI: <https://doi.org/10.2307/414287>.

POPLACK, S. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, W. (ed.). *Locating language in time and space*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1980, p. 55-67. Disponível em: <<http://www.sociolinguistics.uottawa.ca/shanapoplack/pubs/articles/Poplack1980Plural.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2023.

R CORE TEAM. *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2021. Disponível em: <<https://www.R-project.org/>>. Acesso em: 14 mar. 2023.

RAYNER, K. Eye Movements in Reading and Information Processing: 20 Years of Research. *Psychological Bulletin*, v. 124, n. 3, p. 372-422, 1998. DOI: [10.1037/0033-2909.124.3.372](https://doi.org/10.1037/0033-2909.124.3.372).

ROCHA, J. Concordância verbal na variedade urbana do Rio de Janeiro: um estudo sobre a face fonética do morfema verbal de P6. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 50, n. 3, p. 1207-1224, 2021. DOI: <https://doi.org/10.21165/el.v50i3.3035>.

RODRIGUES, E. S. *Processamento da concordância de número entre sujeito e verbo na produção de sentenças*. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006.

ROSA, M. C. *Introdução à (Bio)Linguística*. São Paulo: Contexto, 2020.

SCHERRE, M. M. P. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*. Lisboa, v. 11, n. 1, p. 37-49, 1994. Disponível em: <<http://www.ai.mit.edu/projects/dm/bp/scherre94-number.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2023.

SCHERRE, M. M. P. Paralelismo Linguístico. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 29-59, 1998. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.7.2.29-59>.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado no Brasil. In: RUFFINO, G. (org.). *XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*, v. 5: *dialettologia, geolinguistica, sociolinguistica*, 1998, Tübingen. *Atti...*, Centro di Studio Filologici e Linguistici Siciliani, Universidade de Palermo, 1998, p. 509-523. Disponível em: <<http://www.ai.mit.edu/projects/dm/bp/scherrenaro98.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2023.

SCHERRE, M. M. P. Phrase-level parallelism effect on noun phrase number agreement. *Language Variation and Change*, Cambridge, v. 13, p. 91-107, 2001. Disponível em: <<http://www.ai.mit.edu/projects/dm/bp/scherre.pdf>>. Acesso em 14 mar. 2023.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Sobre o deslocamento do controle da concordância verbal. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, 2007. DOI: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2007.v3n1a4398>.

SCHERRE, M. M. P; NARO, A. J. Sociolinguistic correlates of negative evaluation: Variable concord in Rio de Janeiro. *Language Variation and Change*, Filadélfia, v. 19, n. 2, p. 181-190, 2014. Disponível em: <<https://repository.upenn.edu/pwpl/vol19/iss2/20>>. Acesso em: 14 mar. 2023.

SCHWARZ, F.; ZEHR, J. Tutorial: Introduction to PCIBex – An Open-Science Platform for Online Experiments: Design, Data-Collection and Code-Sharing. In: Annual Meeting of the Cognitive Science Society, v. 43, 2021, Viena. *Proceedings...* Viena, Universidade de Viena, 2021, p. 15-16. Disponível em: <<https://escholarship.org/uc/item/1ng1q4c6>>. Acesso em: 14 mar. 2023.

SIQUEIRA, M.; FREITAG, R. M. K. Can mobility affect grammar at the morphosyntactic level? A study in Brazilian Portuguese. *Organon*, Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 14–35, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22456/2238-8915.122586>.

SMITH, J.; DURHAM, M.; RICHARDS, H. The social and linguistic in the acquisition of sociolinguistic norms: Caregivers, children, and variation. *Linguistics*, Glasgow, v. 51, n. 2, p. 285-324, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1515/ling-2013-0012>.

SQUIRES, L. Processing, Evaluation, Knowledge: Testing the Perception of English Subject-Verb Agreement Variation. *Journal of English Linguistics*, v. 42, n. 2, p. 144-172, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1177/0075424214526057>.

SQUIRES, L. Processing Grammatical Differences: Perceiving versus Noticing. In: BABEL, A. M. (ed.). *Awareness and Control in Sociolinguistic Research*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 80-103. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9781139680448>.

SOTO, M.; ALMEIDA, W. C. Entre a agramaticalidade e a variação: concordância verbal, sociolinguística e neurociência da linguagem. *ReVEL*, v. 19, n. 36, p. 1-29, 2021. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/beaf22e19c16fe7af902167722857468.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2023.

TAMMINGA, M.; MACKENZIE, L.; EMBICK, D. The dynamics of variation in individuals. *Linguistic Variation*, v. 16, n.2, p. 300-336, 2016. DOI: 10.1075/lv.16.2.06tam.

TRAXLER, M. J.; FOSS, D. J.; SEELY, R. E.; KAUP, B.; MORRIS, R. K. Priming in sentence processing: intralexical spreading activation, schemas, and situation models. *Journal of Psycholinguistic Research*, v. 29, n. 6, p. 581-594, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1023/A:1026416225168>.

THOMAS, E. R. Sociolinguistic variables and cognition. *Cognitive Science*, Nova Jersey, v. 2, n. 6, p. 701-716, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1002/wcs.152>.

VASISHTH, S. Using Approximate Bayesian Computation for estimating parameters in the cue-based retrieval model of sentence processing. *MethodsX*, v. 7, p. 1-6, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.mex.2020.100850>.

VIEIRA, S. R. Concordância verbal. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 85-102.

VIEIRA, S. R.; BAZENGA, A. Patterns of third person verbal agreement. *Journal of Portuguese Linguistics*, cidade, v.12, n. 2, p. 7-50, 2013. DOI: <https://doi.org/10.5334/jpl.67>.

VIEIRA, S. R.; BAZENGA, A. A concordância de terceira pessoa plural: padrões em variedades do Português. In: VIEIRA, S. R. (org.). *A concordância verbal em variedades do português: a interface fonética-morfossintaxe*. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2015. p. 29-75.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

ZAHARCHUK, H. A.; SHEVLIN, A.; VAN HELL, J. G. Are our brains more prescriptive than our mouths? Experience with dialectal variation in syntax differentially impacts ERPs and behavior. *Brain and Language*, v. 218 p. 1-24, 2021. DOI: [10.1016/j.bandl.2021.104949](https://doi.org/10.1016/j.bandl.2021.104949).

ZEHR, J.; SCHWARZ, F. *PennController for Internet Based Experiments (IBEX)*, 2018. Disponível em: <https://osf.io/md832/>. DOI: <https://doi.org/10.17605/OSF.IO/MD832>. Acesso em: 11 nov. 2021.



O processamento da concordância não redundante no português brasileiro

The processing of non-redundant agreement in Brazilian Portuguese

Lilian Silva Scher

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo/Brasil

scherylilian@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9717-5920>

Thiago Oliveira da Motta Sampaio

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo/Brasil

thimotta@unicamp.br

<https://orcid.org/0000-0003-4153-0772>

Resumo: A concordância de número no português brasileiro, segundo pesquisas sociolinguísticas, apresenta um caráter variável e pode ser produzida a partir do padrão redundante, no qual há marcação de plural explícita em todos os elementos relevantes (*As meninas brincam*), ou a partir do padrão não redundante, no qual a marcação pode ser omitida em alguns elementos. Essa pode ser produzida de diferentes maneiras, com a marcação sendo omitida apenas no verbo (1) *As meninas brinca* ou no verbo e no substantivo (2) *As menina brinca*. O presente trabalho busca revisar as diferentes possibilidades de produção do padrão não redundante na literatura e analisar dados obtidos a partir de um experimento de produção eliciada por repetição. Além disso, buscamos averiguar o papel da saliência fônica na alternância entre os padrões de concordância. Os dados reportados sugerem que os falantes preferem modificar o padrão produzido em (2), explicitando também a marcação no substantivo e omitindo apenas no verbo, como em (1), o que explica o fato de não ter sido encontrada uma diferença significativa de processamento entre o padrão redundante e o não redundante (2) no âmbito verbal. No entanto, algumas questões metodológicas também surgiram e podem estar envolvidas nesse resultado. Por fim, a saliência fônica não se mostrou significativa na alternância entre a produção dos padrões investigados.

Palavras-chave: concordância variável; processamento linguístico; padrão não redundante.

Abstract: Number agreement in Brazilian Portuguese (BP) is a phenomenon under variation, as pointed out by the sociolinguistic literature and it can be produced with standard pattern (*As meninas brincam*), with all the related items being marked for plural, or with non-standard pattern, with the plural marker being omitted only in the verb (*1- Os meninos brincaØ*) or in the verb and in the name (*2 – As meninaØ brincaØ*). In this article, we propose to review these different possibilities of production of the non-redundant pattern in the literature and to analyze data obtained from an experiment of elicited production by repetition task. Besides that, we examined the role of phonic salience in the alternation between the patterns. The results suggest that the speakers modify the pattern produced in (2), exhibiting the plural marker also in the name and omitting only in the verb, as in (1), which may explain the fact that we did not find a significant difference between the processing of redundant and non-redundant pattern (2). However, some methodological issues might be responsible for this result. Furthermore, phonic salience was not a significant factor with regard to the alternation in the production of the two patterns investigated.

Keywords: variable agreement; linguistic processing; non-standard pattern.

Recebido em: 30 de setembro de 2022.

Aceito em: 27 de maio de 2023.

1 Introdução

No âmbito dos estudos sociolinguísticos desenvolvidos com base no português brasileiro (doravante, PB), a concordância de número tem sido amplamente investigada tendo em vista o interesse dessa literatura em relação ao caráter variável atribuído, de forma consistente, a esse fenômeno. Como apontado por Mendes e Oushiro (2015), esse interesse dos estudos sociolinguísticos no fenômeno da concordância de número possibilita uma compreensão sistemática dessa variação, levando a generalizações em relação às variáveis sociais e linguísticas que condicionam a variação entre os padrões de concordância. Dessa forma, encontramos um quadro consistente sobre o fenômeno em questão na literatura.

Nesse sentido, a variação encontrada na concordância de número abrange tanto a relação entre os elementos inseridos em sintagmas nominais (NP), o que especificamos como concordância nominal, quanto

a relação estabelecida entre o sujeito e o verbo de uma sentença, o que denominamos como concordância verbal. Em resumo, são reportados dois principais padrões de realização da concordância de número: (i) o padrão redundante, em que todos os elementos dentro do NP são marcados, bem como o verbo, e (ii) o padrão não redundante, no qual há marcação obrigatória em apenas um item na sentença (geralmente no artigo) e essa marca pode ser omitida no nome, no verbo ou em outros elementos. É importante ressaltar que existem diferentes possibilidades de produção do padrão não redundante, a depender dos elementos que recebem a marca ou não, o que será discutido posteriormente neste trabalho. As sentenças abaixo exemplificam o padrão redundante (1a) e uma dessas possibilidades do padrão não redundante (1b):

(1) a. As meninas brincam na rua.

b. As menina Ø brinca Ø na rua.

Em (1a), os elementos que compõem o sintagma nominal de sujeito, o artigo e o substantivo *meninas* recebem a marca explícita de plural, assim como o verbo *brincar*. Já em (1b), apenas o artigo recebe a marca que está omitida tanto no núcleo do sujeito quanto no verbo.

Retomando o quadro formulado a partir das pesquisas sociolinguísticas no PB, Mendes e Oushiro (2015) realizam uma revisão das principais variáveis sociais e linguísticas que condicionam a produção de um padrão de concordância em relação ao outro. No âmbito da concordância estabelecida dentro do NP, os autores apontam, dentre as variáveis linguísticas, a posição linear e relativa dos elementos, o contexto fonológico seguinte, a saliência fônica e o paralelismo como as variáveis mais correlacionadas com essa variação. Em relação às variáveis linguísticas que condicionam a concordância verbal, tendo em vista o foco desse trabalho nas estruturas de terceira pessoa do plural, as variáveis que são apontadas como as mais importantes no condicionamento da variação são a saliência fônica, o paralelismo, a animacidade, a posição e o tipo do sujeito. Já em relação às variáveis sociais, essas se mostram similares tanto no âmbito do NP quanto da concordância no verbo e correspondem ao nível de escolaridade, apontada como a mais relevante para a compreensão do fenômeno, ao sexo/gênero do falante e ao estilo.

Embora não esteja dentre os objetivos deste trabalho detalhar como cada variável condiciona a variação em questão, podemos observar

que a Sociolinguística tem um interesse direto nessa temática e, a partir do desenvolvimento de diversas investigações, consegue estabelecer um quadro geral de como a variação na concordância no PB está relacionada com fatores sociais e linguísticos.

No entanto, essa temática também tem sido explorada por outras vertentes da linguística, como a Psicolinguística, que procura investigar os processos mentais envolvidos no processamento dessa concordância variável. Neste trabalho, discutiremos dados obtidos a partir de experimentos psicolinguísticos os quais abordam questões interessantes para a compreensão de como os falantes processam e produzem os padrões de concordância existentes no PB. Para tanto, inicialmente revisaremos as possíveis realizações do padrão não redundante de concordância. Posteriormente, apresentaremos um experimento de produção desenvolvido com o objetivo de investigar como os falantes do PB produzem os padrões de concordância exemplificados aqui, buscando averiguar se existe uma diferença no processamento entre os dois, com a previsão de que o não redundante seja mais custoso em termos de processamento quando comparado com o padrão redundante. Além disso, manipulamos a variável linguística *saliência fônica* com o intuito de verificar o seu papel na alternância entre os padrões de concordância.

Como será detalhado na seção a seguir, podemos observar formas diferentes de se produzir o padrão não redundante a depender de que quais elementos irão receber a marcação de plural e em quais essa marcação será omitida.

2 O padrão não redundante de concordância no PB

Como destacado anteriormente, embora exista uma referência na literatura a um padrão não redundante de concordância no PB em contraposição ao padrão redundante, não existe apenas uma maneira de produzi-lo. Tendo em vista a definição de que o padrão não redundante é caracterizado pela marcação obrigatória em apenas um elemento e facultativa nos demais, essas diferentes possibilidades de realização correspondem a diferentes construções nas quais determinados elementos são marcados ou não. Por exemplo, em alguns casos, a marcação é produzida tanto no artigo, quanto no substantivo que funciona como núcleo do sujeito, mas é omitida no verbo, como em (2). Já em (3), a marca está explícita apenas no artigo, sendo omitida no sujeito e no verbo.

(2) Os meninos comeØ biscoito todo dia.

(3) Os meninoØ comeØ biscoito todo dia.

No entanto, essas não são as únicas possibilidades de produção do padrão não redundante. Costa e Figueiredo Silva (2006) descrevem duas possíveis variações do PB, sendo que um corresponde ao padrão exemplificado em (3), no qual não há marca explícita de concordância em todos os elementos internos ao NP, nem no verbo, e, no outro, a marcação no NP aparece apenas no artigo, mas não no substantivo. No entanto, o verbo também está marcado no plural, como exemplificado em (4):

(4) Os meninoØ tão arrumado(s).

No que concerne à concordância estabelecida entre os elementos internos ao NP, os autores reportam que, segundo a literatura, há uma variação na marcação no caso dos elementos em posição pré-nominal, isso porque, quando o núcleo do sujeito não é marcado no plural, nenhum elemento posterior será marcado. Já em relação aos elementos em posição pré-nominal, esses podem variar apresentando a marca ou não, como nos exemplos abaixo.

(5) Os belos vestidoØ.

(6) Os beloØ vestidoØ.

Um caso específico destacado pelos autores diz respeito às construções em que há um possessivo inserido no NP, logo após o artigo. Nesse caso específico, ambos podem ser marcados, como em (7), ou, caso apenas um elemento seja, esse deve ser o possessivo, como em (8):

(7) Os meus livroØ.

(8) OØ meus livroØ.

Como podemos observar, a literatura tem apresentado uma variedade de formas através das quais se pode produzir a concordância de número no PB, seja no âmbito nominal ou no verbal, e, tendo em vista essas diferentes possibilidades, podemos tecer considerações sobre como se dá de fato a utilização de uma forma em substituição a outras. A seguir, revisaremos alguns trabalhos que investigaram a produção dessas variações de padrões de concordância sob o olhar do processamento da linguagem.

3 O processamento dos padrões de concordância

Como destacado anteriormente, estudos recentes inseridos na perspectiva da psicolinguística têm investigado a variação linguística no sentido de buscar “(...) compreender de que modo a variação linguística é percebida, representada e processada pelos falantes” (AZALIM et al. 2018, p. 517). Assim como o interesse da sociolinguística, o fenômeno da concordância variável tem sido foco de alguns desses estudos. Ainda que específico à variação linguística no inglês, o trabalho de Squires (2014) contribui com alguns pontos relevantes para a compreensão da influência de variáveis sociais no processamento desse fenômeno. Para os propósitos desta revisão, vale destacar o fato de que a autora reporta um tempo maior de leitura para construções com concordância não padrão/incomuns, correspondentes àquelas em o NP sujeito estava no plural, mas acompanhado da forma verbal *doesn't* (*The turtles doesn't*). É importante ressaltar que existem diferenças nas marcações de concordância do inglês em comparação com o PB e o fato de que esse tipo de construção é denominado pela autora de incomum, tendo em vista que a construção não padrão mais comum consiste no NP sujeito singular acompanhado do chamado *don't* invariante (*The turtle don't*).

No entanto, essa diferença de processamento entre o padrão redundante e não redundante também tem sido atestada por pesquisas desenvolvidas com foco no PB. Dentre elas, Marcilese et al. (2015) investigaram o processamento dos diferentes padrões de concordância a partir de um experimento de escuta automonitorada. Nessa tarefa experimental, os participantes deveriam escutar uma sentença segmentada em partes, de forma que cada segmento fosse apresentado a partir de uma sinalização do participante. Além disso, deveriam responder a uma pergunta de compreensão após a escuta completa da sentença. Em relação às sentenças experimentais, essas variavam quanto ao tipo de concordância apresentado, podendo ser redundante ou não redundante, e foram formuladas de forma a apresentar um pronome retomando o sujeito da frase. Por isso, outra variável considerada foi a retomada pronominal, sendo que essa podia ser congruente ou incongruente ao traço de número do sujeito. Já as variáveis dependentes observadas foram o tempo de escuta dos segmentos críticos, tempo de reação (RT) e média de respostas-alvo para a pergunta de compreensão. Vale ressaltar que, em relação às sentenças com padrão não redundante, essas foram construídas de forma que apenas o artigo era marcado no plural, ou seja, a marcação era omitida tanto no sujeito quanto no verbo, como podemos observar no exemplo abaixo:

(9) Durante as férias, / as garotaØ/ emagreceuØ /muito. /Elas/ correram/ diariamente. (Marcilese et al. 2015:127).

Dentre os resultados reportados, destaca-se um efeito de tipo de concordância, uma vez que o tempo de escuta foi significativamente maior para as condições com concordância não redundante em comparação com a redundante. No que concerne à pergunta de compreensão, os dados sugerem que os participantes estranharam as sentenças com retomada incongruente e tinham mais facilidade com as condições congruentes.

Portanto, a partir desses dados, as autoras concluem que parece existir uma diferença na compreensão desses dois padrões de concordância, de forma que o não redundante seja mais custoso para os falantes do PB em comparação com o redundante. No entanto, os resultados sugerem que ambos são funcionais e válidos. Considerando a discussão proposta aqui, é importante considerar que apenas uma possibilidade de realização da concordância não redundante foi investigada, na qual o sujeito e o verbo não apresentam a marca explícita de plural. Essa diferença de processamento entre os dois padrões é reiterada por outras pesquisas nessa vertente de investigação, como a desenvolvida por Henrique (2016) com foco na influência da variável distância linear na produção da concordância verbal variável. Além disso, pesquisas cujo foco se deu no âmbito da concordância variável dentro do NP também reportam essa diferença, como em Azalim (2016), utilizando nomes reais do PB, e em Azalim et al. (2018), utilizando pseudo-nomes.

Por fim, Reis (2020) investigou a aquisição da variação no âmbito da concordância nominal e verbal a partir de dados coletados em situação mais natural, usando análise de corpus, juntamente com um experimento de produção eliciada e de um experimento de compreensão aplicado a crianças de 3 a 5 anos falantes do PB. Em relação aos resultados dos experimentos, para os objetivos deste trabalho, é importante destacar o fato de que esses não sugerem uma diferença de compreensão em relação ao padrão redundante e não redundante de concordância. A autora conclui então que as crianças estão adquirindo os dois padrões, uma vez que produzem e compreendem os dois sem que haja uma preferência.

Dentre os trabalhos citados até aqui que investigaram a concordância tanto no NP quanto no verbo, apenas Henrique (2016), no segundo experimento desenvolvido, analisou diretamente outra

possibilidade de realização do padrão não redundante que não aquela em que apenas o artigo é marcado explicitamente. Dessa forma, como se tratava de um experimento cujo objetivo específico era averiguar a influência da distância linear entre sujeito e verbo no estabelecimento da concordância verbal, as sentenças experimentais foram construídas de forma que todos os elementos do NP eram marcados, enquanto essa marcação era omitida no verbo, como no exemplo abaixo:

(10) a. Os alunos no início da aula hoje atentamente escutouØ a professora.

b. Os alunos escutouØ a professora.

Fonte: (Henrique, 2016:91)

As duas sentenças acima correspondem, respectivamente, a exemplos de condição com distância longa e distância zero entre o sujeito e o verbo. A técnica experimental utilizada foi de produção eliciada por repetição, na qual os participantes escutam as sentenças e, após uma sinalização, devem repeti-las da forma mais natural possível. Foram consideradas variáveis dependentes o tempo de resposta (RT) e o número de repetições-alvo, ou seja, de repetições na qual o número do verbo foi mantido tal como escutado. Além disso, as variáveis independentes consideradas foram a distância entre sujeito e verbo (zero, curta ou longa), o número no verbo (singular ou plural) e o nível de escolaridade, de forma que o grupo 1 era composto por falantes com nível médio de escolaridade e o grupo 2 por falantes universitários.

No que concerne aos resultados reportados, considerando apenas os dados referentes ao grupo 1, foi encontrado um efeito de número no verbo, de forma que sentenças com o verbo no singular, ou seja, representando o padrão não redundante de concordância, apresentaram médias de RT significativamente maiores. Além disso, para a medida de repetições-alvo, foi encontrado um efeito de número apenas para o grupo 1, com um índice maior de repetições-alvo para as sentenças com concordância redundante. Esses efeitos, no entanto, não foram encontrados em relação aos dados referentes ao grupo de falantes universitários.

Posteriormente, Henrique (2016) desenvolveu um experimento de leitura automonitorada, ainda buscando avaliar o papel da distância linear, aplicado apenas com falantes universitários. Em relação à

concordância variável, foi encontrado um efeito no RT, com tempos de reação maiores para as condições com concordância não redundante. No entanto, vale destacar que, nos experimentos de produção, esse efeito só foi encontrado para o grupo de falantes com nível médio de escolaridade. A autora conclui, então, que os resultados referentes ao efeito de nível de escolaridade não foram muito precisos e novas pesquisas são necessárias a fim de compreender essas diferenças entre os dois grupos estudados (falantes universitários e nível médio de escolaridade). Mas, considerando os dados referentes aos padrões de concordância, esses no geral, são compatíveis com a hipótese de que os dois padrões, ainda que sejam considerados gramaticais para os falantes, apresentam diferenças no processo de compreensão, com o padrão não redundante sendo mais custoso em termos de processamento quando comparado com o padrão redundante de concordância.

Ademais, como apontado anteriormente, vale destacar os resultados do trabalho de Henrique (2016) em relação à discussão aqui proposta sobre a existência de diferentes possibilidades de realização da concordância não redundante, tendo em vista o fato de que a autora investigou especificamente um padrão diferente dos primeiros trabalhos citados.

Ainda no âmbito das investigações referentes ao processamento da concordância variável no PB e às variáveis linguísticas e sociais destacadas pela literatura sociolinguística, Azalim (2016) e Azalim et al. (2018) focaram na investigação da saliência fônica, apontada por Mendes e Oushiro (2015) como uma das principais variáveis linguísticas que condicionam a variação em questão, e na concordância nominal. Nos dois trabalhos, foram desenvolvidos experimentos de produção através da técnica de produção eliciada por repetição. O princípio da saliência fônica sugere que a diferença de material fônico entre as formas do singular e do plural de um item lexical está relacionada à variação encontrada na concordância, de forma que itens mais salientes, isto é, que apresentam uma diferenciação maior entre as duas formas, seriam mais perceptíveis acusticamente e, portanto, favoreçama marcação explícita de plural.

Nos experimentos desenvolvidos por Azalim (2016) e Azalim et al. (2018), a saliência fônica foi manipulada nos nomes através da utilização da escala de saliência proposta por Scherre (1998). Dessa forma, os nomes mais salientes selecionados para o experimento consistiam em nomes terminados em -L ou -R (*lençol e talher*),

enquanto os menos salientes consistiam em itens cujo plural é formado a partir da inserção do morfema -S (*boné*). Para Azalim (2016), outra variável independente considerada foi o nível de escolaridade (EJA ou superior), enquanto o experimento de Azalim et al. (2018) foi aplicado apenas a falantes com nível superior de escolaridade. Vale ressaltar ainda que as sentenças experimentais utilizadas pelo primeiro trabalho eram compostas por nomes reais do PB. O segundo, por sua vez, foi desenvolvido com pseudônimos do PB, com o objetivo de controlar conhecimentos prévios dos participantes e questões de frequência das palavras. Para as variáveis dependentes, foram consideradas a média de RT à tarefa de repetição, ou seja, o tempo entre o término da escuta da sentença e o início da repetição, e o número de repetições-alvo, aquelas em que o padrão de concordância escutado era repetido.

No que concerne aos resultados encontrados, ambas as pesquisas reportam um efeito de tipo de concordância para a medida de RT, tendo em vista que as sentenças com concordância não redundante, no geral, apresentaram médias de RT maiores em relação às sentenças com concordância redundante. Já no que se refere à saliência fônica, nos dois trabalhos não é possível observar uma influência dessa variável, uma vez que Azalim (2016) aponta um efeito de saliência apenas para o grupo de participantes do EJA, com a condição com nomes menos salientes e concordância do tipo não redundante apresentando RTs maiores. No entanto, essa condição não era a esperada como capaz de gerar maior estranhamento, considerando o princípio da saliência fônica, mas sim a condição com nome mais saliente e concordância não redundante. Na mesma direção, Azalim et al. (2018) não encontraram um efeito significativo de saliência ou de interação entre as variáveis, mas, apenas para os nomes menos salientes, foi encontrada uma diferença de RT, com concordância não redundante apresentando RT's maiores em relação à redundante. Esse efeito é explicado considerando que, em algumas variantes, os nomes menos salientes como *bonés* (bon[Ejs]) podem ser produzidos foneticamente semelhantes com nomes mais salientes, como *anéis* (an[Ejs]/[EjS]), o que explicaria essa maior evidência do contraste entre os dois padrões de concordância.

Retomando alguns pontos importantes desta seção, experimentos de leitura e de escuta automonitorada trazem evidências de que os participantes têm o processo de compreensão afetado pela concordância não redundante, culminando em maiores tempos de reação às tarefas

propostas, sejam de leitura ou de repetição. Apesar disso, experimentos com adultos e com crianças indicam que esses resultados não implicam em uma diferença de compreensão dos participantes e que as concordâncias redundante e não redundante são igualmente válidas na comunicação. No que diz respeito à saliência fônica, a partir dos resultados experimentais citados anteriormente, não é possível observar, de forma clara, como essa variável linguística está relacionada com o processo de produção e compreensão do fenômeno no âmbito nominal da concordância, ainda que essa variável seja apontada como uma das mais relevantes pela literatura sociolinguística. Tendo em vista os dados apresentados referentes a investigações sobre o processamento da concordância variável, a próxima seção apresenta nossa proposta de experimento, de modo a contribuir com essa discussão.

A partir de um experimento de produção eliciada por repetição, buscamos verificar como se dá a produção dos dois padrões de concordância em discussão: o padrão redundante e o não redundante. Ainda que a literatura psicolinguística tenha reportado uma diferença de processamento entre os dois, existe uma lacuna em relação a essa investigação no âmbito da concordância verbal e no que diz respeito às diferentes maneiras de produção do padrão não redundante, como apresentado na segunda seção do artigo. Assim, buscamos contribuir com dados experimentais, investigando de uma forma mais direta a produção da concordância variável no âmbito verbal no PB, o que nos permitiu também tecer considerações sobre possíveis preferências em relação às possibilidades de produção do padrão não redundante. Além disso, buscamos averiguar a influência de uma das variáveis linguísticas mais discutidas no âmbito da sociolinguística, mas ainda pouco investigada no âmbito do processamento da concordância verbal no PB.

4 O processamento da concordância verbal variável no PB: um experimento de produção

Considerando as variáveis linguísticas apontadas como condicionadoras da variação na implementação da concordância pela literatura sociolinguística, a saliência fônica, ainda que destacada entre elas, tem sido abordada na literatura psicolinguística com foco no processamento do fenômeno apenas no âmbito da concordância nominal (AZALIM, 2015; AZALIM et al. 2018). Além disso, os resultados

apresentados não apontam para uma influência direta dessa variável. Dessa forma, propomos um experimento com o objetivo específico de investigar o processamento dos dois padrões de concordância existentes no PB e averiguar o papel da variável saliência fônica com foco na concordância verbal, com o intuito de compreender melhor o estatuto dessa variável e sua influência na variação do fenômeno. Além disso, buscou-se comparar o seu papel no âmbito verbal em relação ao âmbito nominal, já investigado na literatura.

Para tanto, foi elaborado um experimento de produção a partir da técnica de produção eliciada por repetição. A partir dessa técnica, é possível eliciar a produção de determinadas estruturas linguísticas e obter informações sobre a gramática dos falantes (THORNTON, 1996). A escolha da técnica também se justifica pelo fato de o caráter variável da concordância ser mais comum na modalidade falada e mais restrito na modalidade escrita do PB. Ademais, a utilização de um experimento de produção eliciada por repetição permite uma análise da percepção do fenômeno a partir dos dados de RT (entre o término da escuta e o início da repetição das sentenças) e do que é produzido de fato pelos participantes, considerando a medida de repetições corretas.

Considerando o objetivo principal de investigar a produção dos dois padrões de concordância no âmbito verbal e de averiguar o papel da saliência fônica na alternância entre esses dois padrões, tomamos como hipótese, a partir dos estudos psicolinguísticos revisados anteriormente, que o processamento do padrão não redundante deve ser mais demorado em relação ao redundante. No que concerne à saliência fônica, segundo a literatura sociolinguística, essa variável linguística seria relevante para a alternância entre os padrões de concordância com verbos mais salientes favorecendo a produção do padrão redundante no verbo.

No entanto, ainda que o foco inicial da análise tenha sido o papel da saliência fônica, os resultados obtidos também sugerem questões relevantes a serem discutidas em relação ao processamento da concordância variável e, principalmente, em relação ao processamento do padrão não redundante no PB.

Para a elaboração do experimento proposto, foram consideradas as seguintes variáveis independentes: o padrão de concordância estabelecido no verbo, podendo ser redundante ou não redundante e a saliência do verbo, podendo ser [+ ou – saliente] (design 2x2). Já em relação às dependentes, foram consideradas o tempo de reação (RT), o

qual foi medido a partir do momento em que os participantes escutavam o sinal de *bip* e o início da repetição da sentença, e o número de repetições corretas, nas quais os participantes produziam o mesmo padrão de concordância escutado nas sentenças. Em contraposição, denominamos de *não repetição* aquelas em que o participante não repetia o padrão de concordância usado, modificando a concordância seja no âmbito do verbo ou do sintagma nominal do sujeito. Além disso, também tivemos dados considerados como errados, nos quais o participante não repetiu a sentença por algum motivo ou tivemos algum erro na gravação.

Vale ressaltar que as sentenças experimentais propostas investigaram diretamente o padrão não redundante de concordância caracterizado pela omissão da marca de plural tanto no sujeito quanto no verbo, como já exemplificado em (3). Dessa forma, nas condições com padrão não redundante no verbo, a marca de plural também estava omitida no nome. Ainda em relação ao nome, os sujeitos foram controlados em relação à saliência fônica, sendo que foram usados somente substantivos considerados [-salientes] por Scherre (1988), cujo plural se dava pela inserção do morfema [-s]. Além disso, vale destacar que foram utilizados apenas pseudoverbos em substituição a verbos reais do PB, com o objetivo de controlar questões de frequência e de conhecimento prévio dos falantes. O quadro abaixo apresenta e exemplifica as condições e sentenças experimentais elaboradas:

QUADRO 1- Condições experimentais

Condição	Concordância verbal	Saliência verbal	Exemplos de sentenças experimentais
R+S	Redundante	[+ saliente]	Os gerentes miparam o prédio da empresa.
R-S	Redundante	[- saliente]	Os alunos mecama na semana de prova.
NR+S	Não redundante	[+saliente]	As criançaØ lopeuØ a matéria na escola.
NR-S	Não redundante	[-saliente]	Os músicoØ bupaØ no teatro da cidade.

Fonte: (SCHER, 2021, p. 83).

Em relação às previsões de comportamento dos dados, a partir da hipótese de que o padrão não redundante deve ser processado de forma mais demorada em comparação com o padrão redundante, assumimos que as condições com padrão não redundante deveriam apresentar um número menor de repetições do padrão escutado e RTs maiores. Ou seja, os participantes demorariam mais para iniciar a repetição das sentenças. Já no que diz respeito à saliência fônica, a condição com concordância não redundante e verbos salientes deve causar maior estranhamento para os participantes, com RT maior e número menor de repetições em comparação com as demais condições experimentais. Considerando que o foco inicial do experimento era investigar a concordância estabelecida no âmbito do verbo e que ela foi controlada no âmbito do sintagma nominal, as previsões feitas em relação aos dados focaram no verbo. No entanto, alguns resultados referentes à marcação da concordância no nome acabaram se mostrando relevantes para o estudo desenvolvido e serão destacados na parte dos resultados.

No total, o experimento apresentou 24 sentenças experimentais e 48 sentenças distratoras, com o objetivo de dificultar a identificação do fenômeno em investigação por parte dos participantes. As sentenças distratoras tinham estrutura diferente das utilizadas como experimentais e poderiam conter o sujeito e verbo no singular, verbos no imperativo ou construção passiva, mas todas apresentando um pseudoverbo. Foram elaboradas duas versões do experimento, de forma que os participantes tivessem contato com os pseudoverbos sendo apresentados nos dois padrões de concordância. As versões do experimento foram alternadas para os participantes.

4.1 Participantes

Antes de iniciar o experimento, os métodos foram apresentados e aprovados no Comitê de Ética da Universidade Estadual de Campinas (CAAE: 11601119.0.0000.8142). Foram recrutados 38 participantes, dos quais 57% moravam em Juiz de Fora, em Minas Gerais, 14% em Varginha e o restante é distribuído entre diferentes cidades dos estados de MG e de SP, e 1 da cidade do Rio de Janeiro. Do total, 3 participantes foram eliminados por problemas técnicos como instabilidade da conexão com a internet e má qualidade de gravação que impediram a adequada anotação dos dados. Assim, a análise contou com os dados de 35 falantes adultos do PB (14 mulheres e 21 homens), com idade entre 19 e 33 anos

(idade média: 25 anos), dos quais 17 desses tiveram contato com a versão 1 do experimento e 18, com a versão 2. Todos os participantes tinham ensino superior em andamento ou completo. A seleção desse perfil de participante isola uma provável influência do nível de escolaridade nos resultados, que não faz parte do escopo desta pesquisa.

4.2 Materiais

Os estímulos experimentais foram elaborados conforme os exemplos apresentados na Tabela 1. Todas as sentenças experimentais e distratoras foram gravadas com uma única voz feminina e, posteriormente, foram editadas no *Audacity* para apresentação dos estímulos na modalidade auditiva. Para a automatização do experimento, foi utilizada a toolbox *PsychoPy 3* (versão 2020.2.3), ferramenta desenvolvida para *Python*, e portada para aplicação remota em *javascript*, funcional em qualquer navegador web recente. Duas versões do experimento foram elaboradas de modo que as frases com concordância redundante em uma versão passassem a ter concordância não redundante na outra versão e vice-versa.

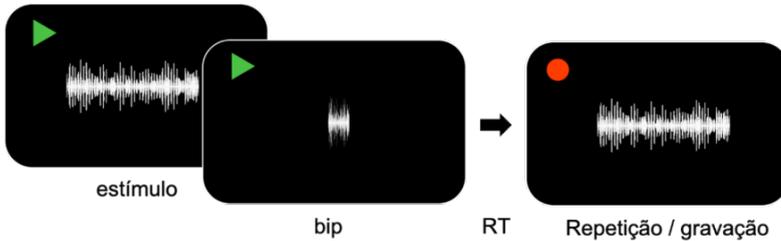
Materiais, dados e códigos dos experimentos estão disponíveis via OSF no seguinte link: <https://osf.io/xp2dy/>.

4.3 Procedimentos

A aplicação do experimento foi realizada através de conferências de vídeo entre participante e experimentador em uma sala da plataforma *Whereby*. Antes de iniciar a pesquisa, os participantes eram encaminhados para uma página na internet contendo o termo de consentimento e algumas das instruções. Nesse momento era possível sanar quaisquer potenciais dúvidas com os pesquisadores.

Na tarefa de produção eliciada por repetição utilizada, os participantes escutaram as sentenças estímulo e foram instruídos a repeti-las de forma natural após a escuta de um sinal sonoro (*bip*). O esquema abaixo ilustra o procedimento experimental em questão:

IMAGEM 1- Tarefa de produção eliciada por repetição



Fonte: (SCHER, 2021, p. 86).

Antes de iniciar o experimento, os participantes receberam orientações quanto à tarefa proposta e realizaram um treinamento com três sentenças-teste. A execução do experimento aconteceu no navegador de internet preferido dos participantes. Durante o procedimento, eles deveriam compartilhar a tela do computador na sala do *Whereby*, e a chamada era gravada na própria plataforma e salva pelo experimentador. Vale ressaltar que a gravação de áudio não foi possível de maneira automática através da versão remota do experimento. Dessa forma, as respostas e os tempos de reação (RT) foram anotados de forma manual a partir da gravação de vídeo.

4.4 Resultados

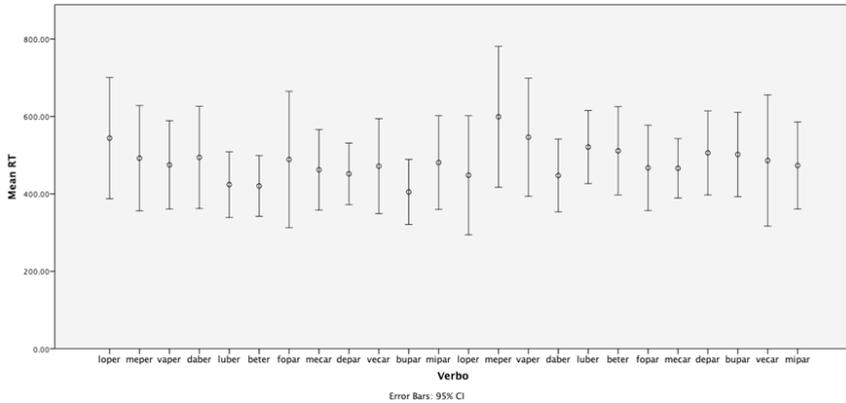
4.4.1 Organização dos dados

Após a anotação manual das respostas e dos RT, foi feita uma observação preliminar de cada participante, nos quais identificamos um desvio padrão bastante alto nos tempos de resposta dos participantes 19 e 21. De todo modo, seus padrões de resposta são adequados, motivo pelo qual decidimos pela manutenção dos participantes na análise e dar atenção à variável participante como possível efeito aleatório.

Também foi realizada uma análise de tempo de resposta por pseudoverbo para checar potenciais desvios de algum item. Nenhum de nossos estímulos gerou diferenças significativas no comportamento de tempo de resposta entre os participantes, como podemos observar no Gráfico 1. Os dados de todos os participantes foram, então, organizados em uma planilha para análise. Uma análise exploratória inicial foi feita

via regressão CHAID (*Chi-Squared Automatic Interaction Detection*; KASS, 1980)¹ considerando participantes como efeito aleatório para, então, aprofundarmo-nos na análise.

GRÁFICO 1 - Tempos de reação médios por pseudoverbo.²



Fonte: (Elaboração própria)

4.4.2 Dados de repetição

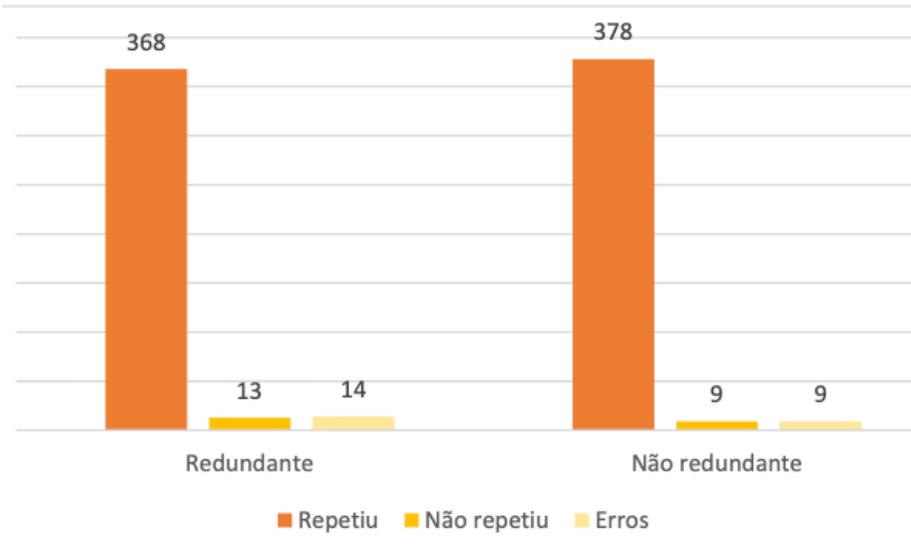
No que concerne aos dados referentes às repetições, esses foram tratados como dados categóricos, considerando que os participantes poderiam repetir ou não o mesmo padrão de concordância escutado. Além disso, contabilizamos as sentenças em que houve algum outro tipo de erro na repetição não relacionado à concordância em si, como a não-repetição ou modificação da sentença completa e problemas referentes à disponibilidade de internet no momento da repetição. Assim, ainda que, em sua maioria, os participantes tenham mantido o mesmo padrão de concordância escutado nas sentenças experimentais, foi encontrado um índice maior de não-repetições para as sentenças com concordância

¹ A regressão CHAID é, basicamente, um método de agrupamento automático dos dados de acordo com as variáveis experimentais informadas ao modelo. Esse tipo de análise não é o ideal, porém, por vezes, ele consegue encontrar informações além das variáveis que foram mapeadas. Por esse motivo, consideramo-na uma espécie de análise panorâmica dos dados antes da análise de fato.

² As barras de erro representam 2 s.e.m.

redundante em relação às sentenças que apresentavam o padrão não redundante. No entanto, essa diferença não se mostrou significativa na análise realizada ($X^2(1,791) = 1,947, p > 0,05$).

GRÁFICO 2 - Comparação entre repetições e não-repetições no âmbito do verbo

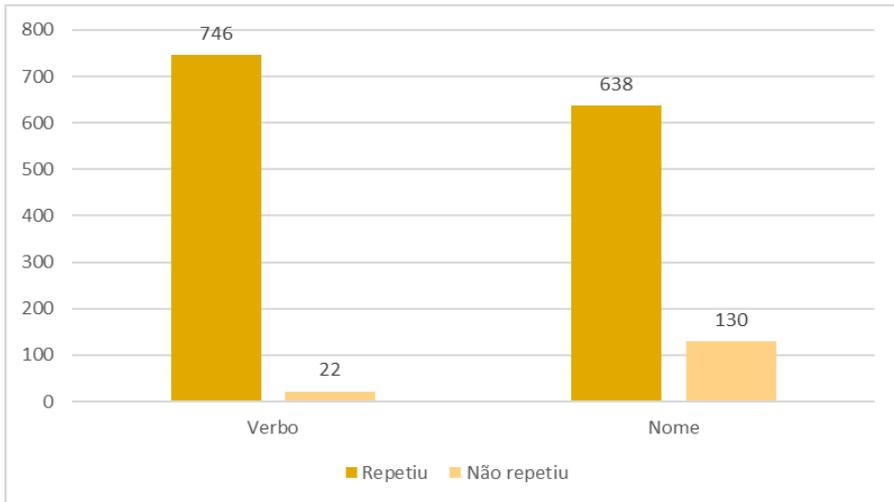


Fonte: (SCHER, 2021, p. 89)

As condições R+S e NR-S apresentaram um número ligeiramente maior de não repetições. Novamente, porém, essa diferença não se mostrou significativa ($X^2(5, 791) = 5,667, p > 0,05$). Analisando as repetições por classe de saliência, foram realizadas comparações pareadas que não encontraram qualquer resultado significativo ($X^2(1, 396) = 2,984, p > 0,05$).

Inicialmente, a análise das repetições estava prevista para se restringir ao padrão de concordância produzido apenas no verbo. No entanto, passamos a observar também a repetição no nome. A partir de uma comparação, podemos verificar que o índice de repetições no verbo se mostrou maior em relação às repetições no nome, como apresentado no gráfico abaixo:

GRÁFICO 3- Comparação do índice de repetições e não repetições no verbo e no nome



Fonte: (SCHER, 2021, p.90).

Em relação às repetições no nome, temos que o índice foi menor para as condições com concordância não redundante, nas quais os participantes tendiam a realizar a concordância inexistente no estímulo escutado, como esperado ($X^2(1, 791) = 4.608, p < 0,05$). Quanto às repetições do verbo, embora também se observe a mesma tendência, ela se demonstra não significativa ($X^2(1, 791) = 1,947, p > 0,5$).

Vale destacar que, por escolha metodológica, sempre que uma sentença experimental apresentava o padrão não redundante de concordância verbal, ou seja, a marca de plural era omitida no verbo, essa também era omitida no nome, de forma que apenas o artigo possuía marcação explícita de plural. Ainda assim, os participantes tendem a fazer mais a concordância dos nomes do que dos verbos.

4.4.3 Dados de Tempos de Resposta

Exceto pelos RT de 11 dos 35 participantes, nenhum dos conjuntos de dados, o que inclui os dados separados por condições para comparações pareadas, apresentou distribuição normal ($W < 1, p < 0,05$), apresentando majoritariamente uma distribuição gama, o que é esperado de dados de

tempo. De modo a apresentar uma análise mais tradicional do que as análises específicas para distribuição gama, ainda raramente usadas na literatura, o Teste de Wilcoxon foi aplicado para todas as comparações pareadas, somado a outros métodos quando considerado necessário.

Como é possível observar na tabela 1, a maior média se refere à condição NR-S, sendo seguida pela condição NR+S. A menor média de RT é atribuída à condição R+S, mas nenhuma comparação pareada entre as condições se mostrou significativa, como podemos observar na tabela 2 através dos resultados do Teste de Wilcoxon comparando as médias de RT por condição experimental.

TABELA 1- Média de RT por condição experimental

Condição R+S		Condição R-S	Condição NR+S	Condição NR-S
RT	447,81	464,51	478,84	482,44

Fonte: (SCHER, 2021, p.93).

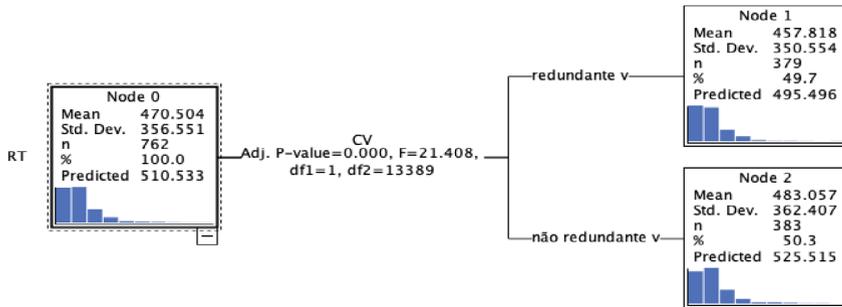
TABELA 2- Comparação das médias de RT entre as condições experimentais (Teste de Wilcoxon)

	(R+S) -(R-S)	(R+S) - (NR+S)	(R+S) - (NR-S)	(R-S) - (NR+S)	(R-S) - (NR-S)	(NR+S) -(NR-S)
Tese de Wilcoxon	Z= -379; p=0,705	Z= - 1569 p=0,117	Z= -577 p=0,564	Z= - 433 p=0,665	Z= - 863 p=0,388	Z= - 953 p=0,341

Fonte: (SCHER, 2021, p.93).

Como informado anteriormente, os dados foram explorados inicialmente via regressão CHAID para uma visão panorâmica de nossos dados antes de seguir para a análise através dos testes de hipótese aqui reportados, cujo resultado podemos observar na imagem 2.

IMAGEM 2- Árvore CHAID – RT por tipo de concordância estabelecida (participante como fator aleatório)



Fonte: (SCHER, 2021, p. 92).

Porém, aqui vale reportar um resultado divergente encontrado entre a regressão e o Teste de Wilcoxon. No que diz respeito à concordância, a regressão CHAID indicando participantes como variável aleatória retornou um efeito significativo ($AnoVA(1,762) = 21,408, p < 0,001$). No entanto, apenas um efeito marginal ($Z = -1,708, p = 0,088$) foi encontrado nas médias de RT para as condições com concordância redundante (458ms) e não redundante (483ms).

5 Discussão

Considerando os dados reportados acima, podemos discutir a diferença de processamento entre os dois padrões de concordância, algo bastante reportado na literatura desenvolvida no campo da psicolinguística. Como apresentado anteriormente, a maioria dos estudos psicolinguísticos sobre o tema (MARCILESE et al. 2015; AZALIM, 2016; AZALIM et al. 2018) aponta que o processamento do padrão não redundante, no qual a marcação de plural pode ser omitida em alguns elementos, parece ser mais custosa em comparação com o padrão redundante, no qual a marcação é expressa nos elementos do NP e é reiterada no verbo. Todavia, parece que os falantes do PB aceitam e compreendem os dois padrões da mesma forma (MARCILESE et al. 2015; REIS, 2020). Em relação aos dados apresentados aqui, esses somente

reportam um efeito marginal de diferença de processamento, considerando o RT à tarefa de repetição. Essa diferença pode estar relacionada a questões metodológicas específicas do experimento aplicado ou a um outro ponto que surge com a análise dos resultados em questão.

Os resultados apontam um índice menor de repetições-alvo do NP em relação ao verbo. Ou seja, os participantes mudavam mais o padrão de concordância estabelecido no NP do que no verbo, de forma que, no verbo, foram poucas as ocorrências de mudanças do padrão escutado, isto é, de repetições consideradas não-alvo. Além disso, o índice de não repetições no âmbito do NP foi significativamente maior para as condições experimentais que apresentavam o padrão redundante. Exemplificando esse resultado, podemos observar que, quando os participantes escutavam o padrão não redundante no NP (Ex: *Os meninoo*), a tendência era produzir, a partir desses estímulos, o padrão redundante (Ex: *Os meninos*). Mas, considerando também que, no verbo, os participantes mantiveram, em sua maioria, o padrão de concordância escutado e que sempre que o padrão não redundante era apresentado no verbo, ele também era apresentado no NP, a tendência foi de que os participantes produzissem o padrão não redundante de concordância, no qual apenas o verbo tem a marcação de plural omitida (Ex: *Os meninos comeo*), em substituição ao padrão não redundante em que a marcação é omitida tanto no substantivo quanto no verbo (Ex: *Os meninoo comeo*).

Analisando os dados referentes ao índice de repetições-alvo, eles demonstraram que os participantes produziram uma forma de realização do padrão não redundante em substituição a outra, tendo em vista que destacamos a existência de várias possibilidades no PB. Ademais, esse fato pode estar relacionado com o resultado referente ao RT, já que, nos trabalhos citados na revisão da literatura, o padrão não redundante era aquele em que a marca era explicitada apenas no artigo, e esses reportaram uma diferença significativa no processamento desse padrão em relação ao redundante. Dessa forma, o fato de os participantes tenderem a modificar esse padrão para a outra possibilidade de realização do não redundante pode ter refletido no efeito apenas marginal encontrado. Assim, podemos interpretar que o fato de a marcação ser expressa no artigo e também no substantivo pode facilitar o processamento da relação de concordância na sentença e deixar os resultados referentes ao RT mais próximos daqueles correspondentes ao padrão redundante.

Vale destacar que, no experimento de Henrique (2016) reportado, a realização da concordância não redundante, na qual o artigo e o substantivo possuem marcação explícita de plural, foi diretamente investigada nas sentenças experimentais. A autora reporta, então, que a diferença de processamento entre os dois padrões só foi significativa para o grupo formado por participantes com nível médio de escolaridade, e não para o grupo com universitários. Considerando que o experimento atual foi aplicado apenas com universitários, os dados aqui reportados vão de acordo com os apresentados por Henrique (2016).

Todavia, como a mudança de concordância se concentrou nas condições com concordância redundante, pode ser que o próprio ato de modificar a sentença em uma tarefa simples de repetição pode ter aumentado o custo de processamento da tarefa, resultando em médias de RT maiores para as condições não redundantes e, conseqüentemente, para uma menor diferenciação em relação às condições com concordância redundante.

Por fim, a tendência de modificação do padrão não redundante para o padrão redundante no âmbito do NP pode estar relacionada com algumas questões metodológicas e não de fato com uma preferência dos falantes em relação às realizações do padrão não redundante. Em primeiro lugar, essa diferença pode estar relacionada com a utilização de pseudoverbos para elaboração das sentenças, mas não de pseudonomes. Seguindo os resultados de Azalim et al. (2018), que sugerem um índice menor de modificação das sentenças nas quais utiliza-se pseudonomes, foi feita a escolha de utilizar pseudoverbos para que o número de modificações não atrapalhasse na análise proposta, já que o foco do experimento era investigar a concordância no verbo. Portanto, uma possível explicação para essa diferença pode ser o fato de que utilizar pseudoverbos parece aumentar o número de repetições corretas e pode ter resultado em um índice maior de não repetições do padrão de concordância escutado no sintagma nominal.

Outra possibilidade de explicação para essa diferença específica pode ser o fato de que o padrão não redundante é mais perceptível para os falantes no âmbito do verbo, o que pode ter resultado em uma maior atenção dos participantes em repetir o verbo e, conseqüentemente, em um número maior de repetições corretas em comparação com no NP. Vale destacar que alguns participantes afirmaram ter se preocupado mais com a tarefa de repetir corretamente os pseudoverbos, por não conhecerem esses itens. Esse foco maior na repetição do âmbito verbal das sentenças pode ter influenciado também e ter resultado na obtenção de um índice menor de repetições corretas no âmbito do NP.

6 Conclusão

Considerando os resultados aqui apresentados, esses podem ser interpretados como evidências iniciais para uma preferência por parte dos falantes do PB em relação a uma possível repetição de um tipo de concordância não redundante em relação a outro tipo. Em outras palavras, parece que os falantes tendem a reproduzir o padrão não redundante de forma a marcar tanto o artigo quanto o substantivo, isto é, os elementos inseridos no NP sujeito, e omitir a marca de plural apenas no verbo. Além disso, considerando os dados referentes ao RT, esses podem indicar que esse tipo de realização se assemelha mais, em termos de custo de processamento, ao padrão redundante de concordância, considerando que a literatura tem apresentado uma diferença significativa entre o padrão redundante e o não redundante em que apenas o artigo é marcado explicitamente.

No entanto, tendo em vista as questões metodológicas citadas na seção anterior, fica claro que uma investigação mais direta sobre esse assunto deve ser conduzida, uma vez que esse experimento, inicialmente, tinha outros objetivos mais específicos a serem analisados. Ademais, o padrão de concordância referente aos elementos inseridos no NP sujeito não foi manipulado, mas sim controlado, já que o foco da investigação era na concordância verbal. Assim, é importante que novos experimentos sejam elaborados a fim de analisar também o âmbito nominal da concordância, manipulando a marcação de número no NP e no verbo. Além disso, outro ponto para ser investigado de forma mais direta diz respeito à comparação do processamento entre o padrão redundante e outros tipos de concordância não redundante, bem como entre as possíveis realizações desse padrão. Não obstante, os dados apresentados aqui conversam de forma relevante com a literatura em questão e sugerem novos caminhos a serem considerados no âmbito dos estudos que se dedicam a investigar o processamento da concordância variável no PB, levando em consideração também que há uma certa lacuna na literatura em relação ao processamento dos padrões não redundantes existentes no PB, no que diz respeito à comparação entre eles em termos de custo de processamento e questões de validações e preferências por parte dos falantes, as quais devem ser analisadas em pesquisas futuras.

Um último ponto que pode ser levantado é o fato de que podemos falar de dois processos: a compreensão e a produção dos padrões de concordância. Os resultados de experimentos de compreensão, seja com

estímulos escritos como, em Squires (2014), seja com estímulos orais, como em Marcilese et al (2015), parecem consistentemente apresentar resultados que apontam para um maior RT. Os resultados que nos parecem, a princípio, mais difusos na literatura são aqueles sobre a produção que ora apresentam resultados significativos como em Azalim (2016), ora não como no grupo de universitários da pesquisa de Henrique (2016) e no presente trabalho.

Vale ressaltar que os experimentos de produção, até onde conhecemos, até o momento, focam-se em tarefas de repetição elicitada como o que apresentamos neste artigo, o que não isola efeitos de compreensão. Nesse sentido, é provável que os participantes dos experimentos de produção reconheçam com maior ou menor facilidade os estímulos com concordância não redundante e que os resultados se devam a esse processo de compreensão e percepção da concordância. Dada a natureza da tarefa, os participantes devem perceber e, então, reproduzir o que escutaram. Tendo escutado um padrão que percebiam não ser o que esperavam, os participantes precisam manter esse padrão na memória de curto prazo até que, com maior ou menor atenção, reproduzam o estímulo escutado. Nesse sentido, acreditamos ser uma hipótese plausível que resultados de tempos de resposta reportados na literatura sobre produção sejam, na prática, referentes à compreensão do padrão a ser reproduzido e, talvez, se some ao custo de atenção na repetição desse padrão. Seria interessante que a literatura discutisse a distinção dos processos de produção e de compreensão, bem como de suas interrelações. Porém, acreditamos que dificilmente esse tema poderia ser abordado com métodos psicométricos, e que medidas neurofisiológicas seriam candidatas interessantes para investigar este assunto.

Declaração de autoria

Declaramos que ambas as partes contribuíram na escrita do artigo com a seguinte divisão de tarefas. A pesquisa foi conceptualizada por Lilian Silva Scher. A escrita do artigo teve contribuições de ambos os autores, com a revisão de Thiago Oliveira da Motta Sampaio. Ambos os autores participaram da elaboração da pesquisa, desenho do experimento, análise e interpretação dos dados.

Agradecimentos

A pesquisa aqui reportada é fruto de uma dissertação de mestrado e foi realizada com financiamento do CNPq, com o processo de número: 130414/2019-0. Agradecemos à Mercedes Marcilese, ao Marcelo Melo e à Paula Armelin pelas sugestões e comentários relevantes para o desenvolvimento do trabalho.

Referências

AUDACITY TEAM *Audacity (R)*: Free Audio Editor and Recorder, versão 3.0.0, 2021. Aplicativo de computador. Disponível em: <https://www.audacityteam.org/>. Acesso em: 05 jul 2023.

AZALIM, C. *Variação e processamento linguístico*: um estudo experimental sobre a concordância nominal variável no PB. 2016. 129 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016. Disponível em: < <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/1636>>. Acesso em: 20 abril 2023.

AZALIM et al. Concordância nominal variável de número e saliência fônica: um estudo experimental. *DELTA*, São Paulo, vol. 34, n2, p. 513-545, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-445030568083495931>

COSTA, J; FIGUEREIDO SILVA, M. C. Notas sobre a concordância verbal e nominal em português. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, vol. 35, p. 95-109, 2006.

HENRIQUE, K. *Variação linguística e processamento*: investigando o papel da distância entre sujeito e verbo na realização da concordância verbal variável no PB. 2016. 149 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016. Disponível em: < <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/1701>>. Acesso em: 20 abril 2023.

MARCILESE, M; HENRIQUE, K; AZALIM, C; NAME, C. Processamento da concordância variável no PB em uma perspectiva experimental. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro. vol. 11, n.1, p. 118-134, 2015. DOI: [10.17074/2238-975X.2015v11n1p118](https://doi.org/10.17074/2238-975X.2015v11n1p118)

MENDES, R. B; OUSHIRO, L. Variable Number Agreement in Brazilian Portuguese: An Overview. *Language and Linguistics Compass*, v.9, n.9, p. 358-368, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1111/lnc3.12156>

MOLINA, D. *Aquisição da linguagem e variação linguística: um estudo sobre a flexão verbal variável na aquisição do PB*. 2018. 227 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/8015>>. Acesso em: 20 abril 2023.

OPEN SCIENCE TOOLS LTD. Pavlovia (R), 2020. Site. Disponível em: <<https://pavlovia.org/>>. Acesso em: 05 jul 2023.

OPEN SCIENCE TOOLS LTD. PsychoPy (R), versão 2020.2.3, 2020. Aplicativo de computador. Disponível em: <https://psychopy.org/>. Acesso em: 05 jul 2023.

REIS, M. M. *Aquisição da variação e mudanças na(s) gramática(s) das crianças: um olhar sobre a Concordância Variável no PB*. 2020. 179 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/1129212>>. Acesso em: 20 abril 2023.

SCHER, L. *A saliência fônica e o processamento da concordância verbal variável no PB*. 2021. 118 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1164437>>. Acesso em: 20 abril 2023.

SCHERRE, M. M. P. *Reanálise da concordância nominal em português*. 1988. (Tese de Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

SQUIRES, L. Social differences in the processing of grammatical variation. *Selected Papers from NWAV 42*, Pennsylvania, v. 20, n.2, p. 178-188, 2014. Disponível em: <<https://repository.upenn.edu/pwpl/vol20/iss2/20>>. Acesso em: 20 abril 2023.

THORNTON, R. Elicited Production. In: McDANIEL, D; McKNEE, C; CAIRNS, H.S. (Eds). *Methods for assessing children's syntax*. Cambridge: MIT Press, 1996.

VIDEONOR AS. Whereby (R), 2013. Site. Disponível em:< <https://whereby.com/>> Acesso em: 05 jul 2023.



Falantes (não) têm consciência da variação morfossintática

Speakers are (not) aware of morphosyntactic variation

Manoel Siqueira

Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe / Brasil

manoel.siqueira77@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5928-3450>

Resumo: Esta pesquisa objetiva observar a sensibilidade sociolinguística de falantes considerando a variação morfossintática no uso de artigo definido antes de possessivos pré-nominais, em *a sua casa* e *☞ sua casa*, e antes de antropônimos, em *vi o Pedro* e *vi ☞ Pedro*. Para tanto, questiona-se se falantes reconhecem diferenças nos usos variáveis de artigo definido antes de possessivos e de antropônimos. Para responder à questão, aplicou-se um experimento de discriminação de sentenças com os contextos-alvo, utilizando estímulos variáveis quanto à presença/ausência de artigo definido. A análise dos dados evidencia que falantes nem sempre reconhecem diferenças nesses contextos linguísticos, com interferência da variação nos resultados: o tempo de resposta é maior quando as sentenças são diferentes e falantes tendem a apresentar alta frequência de erro nessas sentenças. Conclui-se que falantes são conscientes da variação morfossintática no uso variável de artigo definido antes de possessivo e de antropônimo, ainda que hesitantes diante de sentenças variáveis.

Palavras-chave: consciência; morfossintaxe; variação.

Abstract: This research aims to observe the sociolinguistic sensitivity of speakers to a variation at the morphosyntactic level of the definite article before prenominal possessives, in *a sua casa* and *☞ sua casa*, and before anthroponyms, in *eu vi Pedro* and *eu vi ☞ Pedro*. Therefore, it is questioned whether speakers recognize differences in the variable uses of the definite article before possessives and anthroponyms. To answer this question, a sentence discrimination task was developed and applied to the target contexts, using variable stimuli regarding the presence/absence of a definite article. Data analysis show that speakers do not always recognize differences in these linguistic contexts, with variation interfering with the results: the response time is longer when sentences are variable and speakers tend to have a high frequency of error in those

sentences. It is concluded that speakers are aware of the morphosyntactic variation in the variable use of the definite article before possessive and anthroponym, even though they are hesitant in the face of variable sentences.

Keywords: awareness; morphosyntax; variation.

Recebido em 30 de setembro de 2022.

Aceito em 24 de maio de 2023.

1 Introdução

Investigações sociolinguísticas têm apontado uma relação entre a consciência da variação e os usos linguísticos feitos pelos falantes (CAMPBELL-KIBLER, 2009, 2010; DRAGER; KIRTLEY, 2016; FREITAG, 2020; SQUIRES, 2016), uma vez que essa consciência pode influenciar em como se comunicam e em como processam a informação linguística e social da variação.

Consciência é comumente concebida como o reconhecimento de eventos ou de experiências com a língua, podendo ser entendida, segundo Drager e Kirtley (2016), como o reconhecimento do padrão de uso feito por falantes de uma categoria social (categorias demográficas, e.g., grupos menos escolarizados), como o reconhecimento de uma variável linguística (e.g., variação na concordância verbal) e como o reconhecimento de uma relação existente entre uma categoria social e uma variante linguística (e.g., a concordância dominante feita por grupos menos escolarizados) (cf. CAMPBELL-KIBLER, 2007; LABOV, 2006[1966]; OUSHIRO, 2015).

Uma categorização frequente para a abordagem da consciência de uma variável linguística, conforme Squires (2016), é a proposta de Labov (2008[1972]), que busca compreender a relação existente entre a variação linguística, a indexação social (informações sobre quem fala) e a consciência dessa variação: variáveis linguísticas podem ser divididas entre (i) indicadores, formas linguísticas correlatas a características sociais, sem propósitos estilísticos, que não são comentadas ou mesmo notadas por falantes nativos; (ii) marcadores, formas correlatas a características sociais, estilisticamente distintas, podendo ser comentadas ou notadas, falantes não têm conhecimento metalinguístico de seu uso estilístico; e (iii) estereótipos, que, além de possuírem forte correlação com características

sociais, são alvo de metacomentários e avaliação social, tanto por meio de prescrição quanto por meio da hipercorreção, uma vez que os falantes têm conhecimento de seu correlato social e estilístico. Falantes são mais conscientes de marcadores do que de indicadores, uma vez que marcadores possuem indexação explícita sobre quem fala; e são mais conscientes de estereótipos do que de marcadores: estereótipos envolvem, além de indexação explícita, forte prescrição e metacomentários.

Como alternativa complementar para a categorização de Labov (2008), Squires (2016) propõe que a divisão de consciência em indicador/marcador/estereótipo pode ser expressa como níveis de conhecimento que os falantes têm sobre a variação. A consciência representa, em certa medida, a distinção entre conhecimento implícito vs. conhecimento explícito da variação (SQUIRES, 2016). Conhecimento implícito da variação é adquirido sem intenção, sem o falante precisar reconhecer a existência de algo; conhecimento explícito, por sua vez, é o conhecimento que o indivíduo está consciente, podendo acessar (ou não) esse conhecimento (e.g., conhecimento metalinguístico de gramática) – é preciso que haja, em momento anterior, certa instrução ou reconhecimento da variação. O conhecimento explícito da variação – a consciência – emerge a partir da exposição que o falante tem a diferenças linguísticas, nota-as e vem a compreender essas diferenças e seus usos correlacionando-os a fatores sociais (SQUIRES, 2016).

Dentro dessa proposta, com estereótipos, falantes reconhecem sua existência e sabem que há uma relação entre o traço linguístico e uma categoria social específica (SQUIRES, 2016). Eles possuem, portanto, um conhecimento explícito da variação. Com indicadores, os falantes fazem uso da variação, mas não sabem, conscientemente, que dado traço linguístico se relaciona a determinada categoria social (SQUIRES, 2016), evidenciando um conhecimento implícito. Os marcadores, por sua vez, não precisam ser alvo explícito da consciência sociolinguística, já que falantes podem considerar uma variedade de fala imprópria sem estar ciente do marcador que provocou essa atitude – a remoção desse marcador resulta no desaparecimento da atitude (cf. RÁCZ, 2013). Falantes podem ter conhecimento da variação, mesmo não tendo consciência dela, uma vez que variáveis linguísticas acima ou ao nível de consciência fazem parte do conhecimento explícito do falante, enquanto as abaixo fazem parte do conhecimento implícito.

A saliência é uma forma de observar os gradientes dessa consciência sociolinguística: quanto mais ao nível de consciência uma variante estiver, como um estereótipo, maior a chance de ser saliente e, com isso, mais perceptível pelo informante, uma vez que, segundo RácZ (2013), um traço saliente é mais visível ou perceptível para o usuário da língua. Como discute Freitag (2020, p. 4), ao seguir uma abordagem “que considera a saliência como resultado de um processo que tem como foco as implicações cognitivas da percepção social”, entende-se que a marcação cognitiva e a frequência de uso de uma variante em função de variáveis sociodemográficas controladas interferem em sua saliência: traços salientes podem ser inferidos pelas frequências de uso em função de variáveis sociodemográficas controladas em estudos observacionais (FREITAG, 2018), como também do esforço de processamento feito pelo falante ao ser exposto a esses traços (e.g., diferença no material fônico e/ou morfológico entre as variantes) (cf. FREITAG, 2018).

O nível de consciência também pode depender do nível linguístico no qual a variação se encontra, uma vez que se tem argumentado que variáveis (morfo)sintáticas são menos sujeitas à avaliação social do que as fonológicas (cf. LABOV, 1993, 2001; MOORE, 2021; ROMAINE, 2017[1981]). Falantes seriam menos conscientes de variáveis morfossintáticas do que de variáveis fonético-fonológicas, em decorrência principalmente, da pouca percepção atribuída a essas variáveis ou da existência do não prescritivismo sobre as formas¹ (cf. MOORE, 2021). Seria necessária a existência de uma força prescritivista para que falantes se tornem conscientes de variáveis morfossintáticas² (e.g., concordância verbal e nominal) – para que a variação seja parte de seu conhecimento explícito. A ausência de prescritivismo pode levar falantes a não reagirem a fenômenos morfossintáticos variáveis – parte do conhecimento implícito.

Não obstante, existem outros fatores, além do nível linguístico, que podem interagir com o reconhecimento da variação, incluindo o

¹ Para mais detalhes sobre problemas teórico-metodológicos na descrição da variação em níveis gramaticais mais altos, recomenda-se a leitura de Milroy e Gordon (2003), Freitag (2009) e Moore (2021).

² Conforme aponta Moore (2021), muitos dos fenômenos morfossintáticos descritos podem ser classificados como ‘fora do padrão’, frente à divergência dos padrões escritos, mas eles não são necessariamente usados para distinguir grupos socialmente estratificados de maneiras que são facilmente ligadas ao estigma e ao prestígio.

contexto social de uso e o plano geográfico (cf. LEVON; BUCHSTALLER, 2015). Na língua, por exemplo, há fenômenos morfossintáticos que podem ser salientes por força dialetal, não sendo necessário efeito prescritivo, uma vez que o nível de consciência também depende da circunstância geográfica na qual se localiza o falante (FREITAG, 2018). Inseridos em uma nova comunidade, decorrente de processos de migração e mobilidade, falantes podem, através do contato³, reconhecer variantes linguísticas em relação as quais, até então, não estavam conscientes (cf. TRUDGILL, 1986), como um traço distintivo entre sua comunidade de origem e a nova (e.g., palatalização de /t/ e /d/ antes de /i/ – tia e dia). A variação morfossintática, com isso, pode se tornar parte da consciência do falante, parte de seu conhecimento explícito. É o caso do uso de artigo definido antes de possessivos pré-nominais, em (1), e antes de antropônimos – nomes próprios –, em (2), fenômenos para os quais estudos observacionais apontam um efeito da saliência por força dialetal (cf. GUEDES, 2019; SIQUEIRA, 2020; SIQUEIRA; FREITAG, 2022).

- (1) a. **minha amiga** ela andava em uma velocidade segura (30ent.UFS SaoCristovao2020_desl2_final_isa_engpetrolio.fs.21);⁴
 b. e desde **os meus doze anos** eu não percebi o que era assédio (30ent.UFS-SaoCristovao2020_desl2_final_isa_engpetrolio.fs.21).
- (2) a. não fez lá não **Neto** tá fazendo na fisiologia não tá? (12int.SaoCristovao2018_gab.ms.21-car.ms.21);
 b. tem um tempão que ele inferniza **o Leury** mas veja só isso (06int.SaoCristovao2018_van.fs.37-lea.ms.23).

³ Contato linguístico é entendido como o processo pelo qual falantes de diferentes variedades/línguas interagem entre si e, a partir disso, são expostos a traços linguísticos distintivos de sua própria variedade/língua (cf. TRUDGILL, 1986).

⁴ Os excertos com identificação são extraídos de dados reais de fala retirados do banco de dados Falares Sergipanos (FREITAG, 2013). Os exemplos sobre a variação na ausência/presença de artigo antes de possessivo são extraídos da amostra Deslocamentos (2020) (cf. SILVA, 2020). Os exemplos sobre a variação na ausência/presença de artigo antes de nome próprio são extraídos da amostra Grupo de Pesquisa em Educação Física (2019) (cf. SANTANA, 2019).

Em (1) e (2), há a alternância no uso do artigo definido. Em (1a) e (2a), o artigo está ausente; em (1b) e (2b), o artigo está presente. As duas formas alternantes são intercambiáveis, uma vez que dizem a mesma coisa de diferentes formas, configurando-se como variáveis linguísticas (cf. LABOV, 2008[1972]), e representam um marcador dialetal – formas linguísticas que distinguem dialetos.⁵

O reconhecimento da variação pode ocorrer a partir da exposição a diferenças, com efeito da força dialetal, evidenciado pela mudança linguística. Falantes, ao migrarem para uma nova comunidade, entram em contato com variantes linguísticas que não fazem parte do padrão linguístico de sua comunidade (cf. TRUDGILL, 1986), e, a partir desse contato, começam a se comportar linguisticamente mais próximo ao novo padrão, o que ocorre com o uso variável de artigo definido antes de possessivos e de antropônimos (cf. GUEDES, 2019; SIQUEIRA, 2020; SIQUEIRA; FREITAG, 2021). É possível, então, que, frente a variação nesses contextos morfossintáticos, os quais são dialetalmente salientes, ocorra a emergência do conhecimento implícito do indivíduo para a sua consciência. Esse conhecimento implícito se torna, então, explícito.

Uma vez que falantes têm conhecimento da variação, mesmo não sendo explícito, esta pesquisa parte da seguinte questão: falantes reconhecem diferenças nos usos de artigo definido antes de possessivos e de antropônimos? Levanta-se como hipótese a ideia de que, quando considerada a exposição dos falantes às diferenças linguísticas nos contextos morfossintáticos variáveis, haverá o reconhecimento da variação, uma vez que a consciência da variação emerge a partir das experiências dos falantes com a língua. Para responder à questão e confirmar/refutar a hipótese, foi desenvolvido e aplicado um experimento de discriminação de sentenças com os contextos-alvo, utilizando sentenças com a presença/ausência de artigo definido, nas quais os possessivos e antropônimos se encontram em diferentes posições da sentença. Em face dessa questão, esta pesquisa objetiva observar a sensibilidade sociolinguística de falantes considerando a variação ao nível morfossintático por meio da aplicação de uma tarefa de discriminação

⁵ Considera-se dialeto como uma variedade (tipo de língua considerada como entidade única) que pode ser caracterizada por pronúncia, léxico e morfossintaxe distinta de outras variedades (CHAMBERS; TRUDGILL, 2004).

de sentenças, permitindo apresentar a evidência experimental como pista indireta da consciência da variação morfossintática.

2 O uso de artigo definido em dois contextos linguísticos

O português brasileiro apresenta um padrão no qual os nomes (N) que fazem parte de sua gramática são antecidos por elementos rotulados como determinantes (DET), termo que designa todos os elementos que precedem os nomes (com exceção do adjetivo) em um sintagma, alocados à sua esquerda, com suas próprias funções e comportamento morfossintático (GIVÓN, 2001a), como (3).

- (3) o cachorro quebrou dois brinquedos que aquele menino lhe deu. Todo brinquedo ele quebra com seus dentes.

o-DET cachorro-N quebrou dois-DET brinquedos-N que aquele-DET menino-N o deu. Todo-DET brinquedo-N ele quebra com seus-DET dentes-N.

No exemplo, os elementos *o*, *dois*, *aquele*, *todo* e *seu*, que antecidem os nomes, compõem as classes dos artigos definidos, numerais, demonstrativos, quantificadores e possessivos, respectivamente, formas determinantes. Em termos semânticos, os determinantes operam sobre os nomes, com a função de determinação, usados para especificar ou restringir o domínio de referência⁶ dos nomes para referentes únicos e individuais (GIVÓN, 2001b), como (4).

- (4) O motorista não olhou para frente e bateu.
(5) Motoristas dirigem rápido.
(6) Motorista precisa estar atento.

A inserção do determinante *o* antes do nome *motorista* limita a sua extensão para um referente específico e individual. Não são vários

⁶ Referência é uma propriedade semântica dos nominais da língua que envolve a intenção do falante em se referir ou significar uma expressão nominal para existir em um universo particular do discurso (GIVÓN, 1978).

motoristas, como em (5), ou de motorista no sentido genérico⁷, em (6), mas sim de um motorista único e individual: “essa especificação é necessária porque os nomes, ao contrário dos pronomes e nomes próprios, não se referem a entidades exclusivas” (GIVÓN, 2001b, p. 1), necessitando de modificações adicionais para se tornarem expressões de referência únicas.

Em termos sintáticos, os determinantes tendem a preceder o núcleo nominal ou o nome (GIVÓN, 2001b), sendo possível a realização de mais de um determinante no mesmo sintagma, como em (7). Contudo, parece haver a necessidade de coocorrência do artigo definido com outros determinantes para que o referente se torne único e individual, visto que a sua remoção pode gerar mudanças semânticas ou agramaticalidade, como também alteração na definitude do nome – quando o falante assume que o referente é único e identificável pelo ouvinte (GIVÓN, 1978).

(7) Todos os seus quatro irmãos chegaram.

(8) *Todos quatro irmãos chegaram.

(9) *Todos irmãos chegaram.

(10) Quatro irmãos chegaram.

(11) Os irmãos chegaram.

Os exemplos (8) e (9) apresentam sentenças agramaticais. É necessário o uso do artigo para que essas sentenças sejam gramaticais. A remoção do artigo antes do numeral em (10) altera o sentido do nome: embora limite a sua extensão, o sentido é indefinido – sem referência específica. Em (11), apenas a realização do artigo definido é suficiente para que a sentença seja gramatical e o referente definido.

No entanto, mudanças semânticas ou agramaticalidade parecem não ocorrer com possessivos pré-nominais – possessivos que antecedem nomes – e com antropônimos – nomes próprios –, que normalmente coocorrem com artigos definidos em português brasileiro, como de (12) a (15).

(12) As nossas férias começam na próxima semana.

⁷ Há de se observar, contudo, a existência de casos nos quais, mesmo com o artigo, a expressão referencial admite leitura genérica, ex: *o motorista bom é aquele que segue a legislação de trânsito*.

- (13) ⊗ Nossas férias começam na próxima semana.
- (14) Eu não vi o Pedro na festa.
- (15) Eu não vi ⊗ Pedro na festa.

O determinante *as* em (12) antecede o possessivo pré-nominal *nossas*, havendo a presença de artigo definido, enquanto em (13) há apenas o possessivo antecedendo o nome. Do mesmo modo, o determinante *o* em (14) antecede o antropônimo *Pedro*, enquanto em (15) não há nenhum elemento no SN antepondo o nome próprio. Com base nesses exemplos, podemos dizer que duas formas alternantes são possíveis nos contextos exemplificados de (12) a (15) e aparentam ser intercambiáveis, uma vez que dizem a mesma coisa de diferentes formas. Um mesmo fenômeno linguístico variável que ocorre em dois contextos linguísticos distintos (antes de pronome possessivo e antes de nome próprio).

Nenhum dos contextos linguísticos apresenta prescrição quanto ao seu uso. Comentários sobre a variação em compêndios gramaticais tendem a ser relativos a aspectos semântico-pragmáticos da variação. No contexto de possessivos, Said Ali (1931) explica que o uso do artigo determinante junto a possessivos adjuntos age como um reforço, visto que o possessivo aliado ao artigo deveria melhor determinar o nome a que ele se refere, como também chamar a atenção antes para o possuidor do que para a coisa que era possuída. Na mesma linha, Cunha e Cintra (2008) explicam que a escolha do uso do artigo desempenha uma clara distinção significativa: a ausência passa uma simples ideia de posse; já com a presença, “faz-se convergir a atenção para o objeto possuído, que se evidencia como distinto de outros da mesma espécie, não pertencentes à pessoa em causa” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 228). No contexto de antropônimos, Said Ali (1931) explica que se usa artigo antes de nomes próprios quando a pessoa é conhecida pelo falante e ouvinte, e que ele é apagado quando o falante pressupõe que o ouvinte não conhece a pessoa referida. Bechara (2015) argumenta que, antes de nome próprio, o artigo pode ser dispensado, uma vez que aquele já possui, por si só, valor individual, não necessitando do artigo para isso. Seu uso seria para exercer função estilística.

Na Sociolinguística, estudos observacionais evidenciam que há dois grupos de fatores condicionantes para a variação nos usos de

artigo nesses contextos: de um lado, um condicionamento linguístico, de ordem estrutural e semântico-pragmática; do outro, um condicionamento social, de ordem diatópica – variação de acordo com o local ou a região geográfica do falante (cf. CALLOU; SILVA, 1997; CAMPOS JR., 2011; GUEDES, 2019; PEREIRA, 2017; SILVA, 1982; 1998a; 1998b; SIQUEIRA, 2020; SILVA, 2020).

Do ponto de vista linguístico, tanto com possessivos quanto com antropônimos, há influência estrutural do tipo de sintagma no qual se insere o nominal – com conseqüente influência do tipo de preposição e da função sintática: sintagmas preposicionais levam a um maior uso de artigo; semântico-pragmaticamente, há interferência do valor semântico do SN e do *status* informacional: a presença de artigo é maior com informações dadas e, exclusivamente a possessivos, com valores semânticos não-humanos (CALLOU; SILVA, 1997; CAMPOS JR., 2011; GUEDES, 2019; PEREIRA, 2017; SILVA, 1982; 1998a; 1998b; SIQUEIRA, 2020; SILVA, 2020).

Do ponto de vista social, as pesquisas evidenciam que, quanto mais ao Nordeste do Brasil, maior a frequência do não uso do artigo, enquanto ao Sul e Sudeste há maior frequência para a presença (CALLOU; SILVA, 1997; CAMPOS JR., 2011; PEREIRA, 2017; SILVA, 2020; SIQUEIRA, 2020). O efeito da força dialetal é evidenciado pela mudança na língua ao nível do indivíduo (cf. TRUDGILL, 1986): no uso variável de artigo, falantes, ao migrarem para uma comunidade na qual a tendência de uso do artigo é diferente da de sua comunidade de origem, podem se comportar, do ponto de vista linguístico, de forma semelhante à nova região do que em relação à sua região de origem (GUEDES, 2019; SIQUEIRA, 2020; SIQUEIRA; FREITAG, 2022).

A variação, em ambos os contextos, não sofre força de prescrição, isto é, o fenômeno não é saliente por força prescritiva. Contudo, diferentes padrões de uso podem ser observados a depender da região do falante: a variação é dialetalmente saliente. Se isso ocorre, é possível que, em virtude da variação morfossintática nesses contextos, falantes reconheçam os padrões variáveis, evidenciando uma consciência da variação – um conhecimento explícito. A utilização de método experimental ajuda na obtenção de evidências externas para a existência dessa consciência.

3 Experimento

Uma vez que se tem argumentando que variáveis morfossintáticas são menos sujeitas à avaliação social do que fonético-fonológicas (cf. LABOV, 1993, 2001; MOORE, 2021), e que há fatores (linguísticos e sociais) que podem interagir com variação no uso de artigo definido nos contextos evidenciados e em sua saliência, a presente pesquisa questiona se falantes reconhecem diferenças nos usos de artigo definido antes de possessivos e de antropônimos, de modo a apontar indícios da existência da variação em sua consciência. Levanta-se como hipótese a ideia de que, quando considerada a exposição dos falantes às diferenças linguísticas nos contextos do fenômeno variável, haverá o reconhecimento da variação, uma vez que a consciência da variação emerge a partir das experiências dos falantes com a língua.

Para responder à questão, foi desenvolvido e aplicado um experimento de discriminação de sentenças com os contextos-alvo, possessivos em (16) e antropônimos em (17), utilizando sentenças com a presença/ausência de artigo definido, nas quais os contextos-alvo encontram-se em diferentes posições da sentença.

- (16) a. **minha** amiga ela andava em uma velocidade segura (30ent.UFS-SaoCristovao2020_desl2_final_isa_engpetrolio.fs.21);
- b. e desde **os meus** doze anos eu não percebi o que era assédio (30ent.UFS-SaoCristovao2020_desl2_final_isa_engpetrolio.fs.21).
- (17) a. não fez lá não **Neto** tá fazendo na fisiologia não tá? (12int.SaoCristovao2018_gab.ms.21-car.ms.21);
- b. tem um tempão que ele inferniza **o Leury** mas veja só isso (06int.SaoCristovao2018_van.fs.37-lea.ms.23).

Duas variáveis dependentes foram escolhidas para buscar responder à questão de pesquisa: 1. Tempo de resposta (numérica e contínua); e 2. Resposta (nominal e categórica). Essas variáveis resultam em duas hipóteses, que se relacionam com a hipótese principal desta pesquisa:

- (i) A maior quantidade de tempo necessária para a resposta é indício de que falantes são hesitantes na identificação da variação nos contextos morfossintáticos elencados nesta pesquisa, como também podem ser hesitantes para identificar sentenças iguais, por não reconhecerem essa igualdade;
- (ii) A frequência de erros em sentenças diferentes é indício de que falantes nem sempre são capazes de reconhecer a existência de construções distintas para o uso variável de artigo antes de possessivo e de antropônimo. A frequência de erros em sentenças iguais pode ser indício do não reconhecimento de igualdade entre as sentenças.

As duas variáveis dependentes proveem evidências externas para a (não) existência da variação na consciência dos participantes da pesquisa. As variáveis independentes, por sua vez, são controladas de modo a observar quais fatores podem interferir no (não) reconhecimento da variação, que são de natureza linguística e social.

As variáveis de natureza linguística são: 1. Tipo de sentença (2 níveis); 2. Presença/ausência de artigo definido (3 níveis); e 3. Posição do SN alvo na sentença (2 níveis). A variável independente social é: 1. Área de residência (Alagoas, Bahia, São Paulo e Sergipe), definida *a posteriori*, dado o caráter regional da variação e ao fato de que falantes de diferentes regiões apresentam diferentes padrões de uso para a variação. Para cada variável independente, toma-se como hipótese que há diferença significativa entre as condições com e sem variação com base nos possíveis fatores interferentes.

3.1 Design do experimento

A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética da Universidade Federal de Sergipe (CAAE 61561322.0.0000.5546). A tarefa proposta para o participante era detectar a repetição de sentenças (que podem ou não ser iguais) com as variáveis morfossintáticas alvo. Cada sentença ficou na tela por 3000ms durante o experimento. O tempo foi definido após a testagem do experimento: 5 participantes respondiam com tempos variados para identificar qual seria o tempo mais adequado. Ao final, o tempo de 3000ms foi suficiente para a leitura das sentenças. Após a apresentação de ambas as sentenças, os participantes foram solicitados a responder, na tela em sequência, se as sentenças eram iguais (tecla s) ou não (tecla n) (Figura 1). Uma nova sequência de sentenças só era iniciada

após o participante responder à questão. As sentenças foram inseridas em locais diferentes da tela, para evitar efeitos de memorização visual.

O experimento foi desenvolvido na plataforma OpenSesame (MATHÔT; SCHREIJ; THEEUWES, 2012) e aplicado de forma *on-line* por meio do JATOS (LANGE; KÜHN; FILEVICH, 2015), um servidor gratuito para hospedar experimentos. Os participantes só poderiam responder o experimento por meio de aparelho computador/notebook.

FIGURA 1 – Exemplo do experimento no OpenSesame – Tela 1

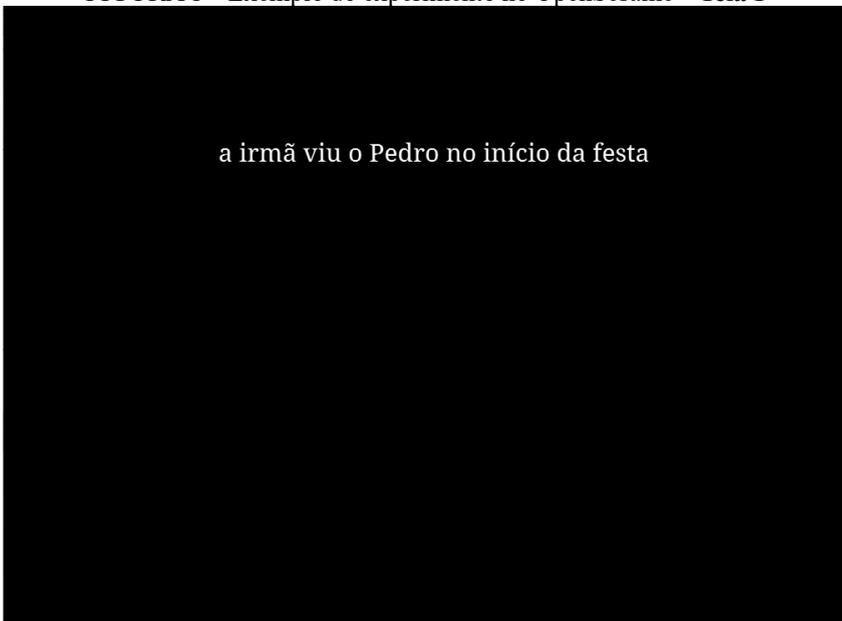


FIGURA 2 – Exemplo do experimento no OpenSesame – Tela 2

FIGURA 3- Exemplo do experimento no OpenSesame – Tela 3

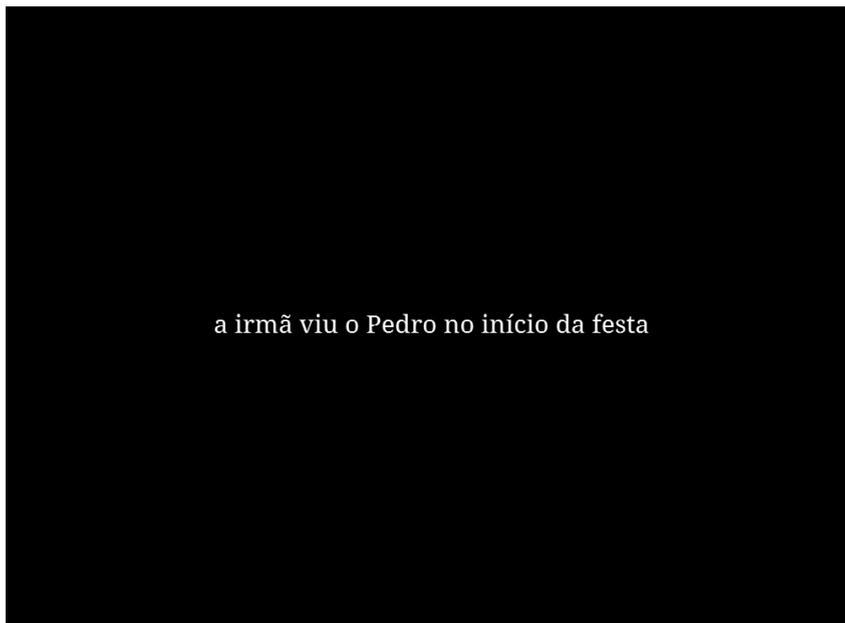
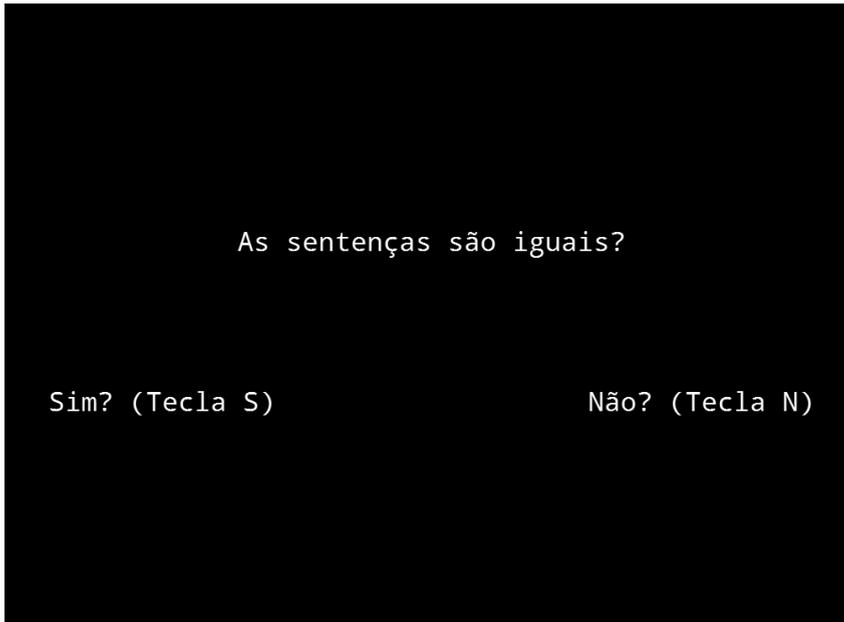


FIGURA 4 - Exemplo do experimento no OpenSesame – Tela 4



As sentenças são apresentadas de acordo com as possibilidades de ocorrência das variantes. As condições controladas são as de (i) sentenças iguais com artigo no meio da sentença; (ii) sentenças iguais sem artigo no meio da sentença; (iii) sentenças diferentes no meio da sentença; (iv) sentenças iguais com artigo no final da sentença; (v) sentenças iguais sem artigo no final da sentença; e (vi) sentenças diferentes no final da sentença (Quadro 1). Por questões de simplificação, as condições serão nomeadas como “iguais” e “diferentes”. As condições permitem capturar a sensibilidade dos falantes considerando diferentes padrões de uso.

Quadro 1: Condições experimentais para a tarefa de discriminação

Condição	Exemplos
Iguais com artigo no meio da sentença	<p>Possessivo o jovem encontrou a sua namorada na festa sábado/ o mecânico arrumou o nosso carro antes de viajarmos.</p> <p>Antropônimo a irmã viu o Pedro no início da festa/ o gato avistou o Lucas quando ele chegou.</p>
Iguais sem artigo no meio da sentença	<p>Possessivo o menino quebrou seu celular quando ele caiu/ quarta eu vi sua namorada passeando na praça.</p> <p>Antropônimo sábado não notei João quando passei por ele/ a avó abençoou Mateus ao pedir a benção.</p>
Diferentes no meio da sentença	<p>Possessivo ontem eu avistei (o) nosso pai andando de máscara/ eu não comprei (a) nossa janta no mesmo restaurante.</p> <p>Antropônimo o padrasto encontrou (o) Carlos na festa da amiga/ a professora reprovou (a) Maria por muitas notas baixas.</p>
Iguais com artigo no final da sentença	<p>Possessivo elas estavam andando quando viram o nosso amigo/ a garota chorou muito ao ler o seu livro.</p> <p>Antropônimo o cavalo fugiu do dono e derrubou o Marcos/ o menino passou de ano porque ouviu o Marcelo.</p>

Iguais sem artigo no final da sentença	<p>Possessivo a menina tropeçou porque não viu sua mochila/ o cachorro se perdeu porque rasgou sua coleira.</p> <p>Antropônimo o motorista bêbado não viu e atropelou Mateus/ a criança brincando com a faca cortou Victor.</p>
Diferentes no final da sentença	<p>Possessivo eu já estava triste quando encontrei (o) meu celular/ o professor sabe quem causou (o) sua demissão.</p> <p>Antropônimo a criança não fez o que (o) João pediu/ as frias palavras da menina destruíram (o) Marcos.</p>

Ao todo, foram apresentadas 48 sentenças para os participantes: 24 estímulos e 24 distratores. Todas as sentenças têm entre 8-9 palavras (9 com o artigo, 8 sem). A condição no início da frase não foi considerada devido à necessidade do uso de letras maiúsculas em nomes próprios, o que poderia interferir no resultado. Não foram inseridos outros contextos linguísticos que poderiam interferir nos resultados, como contextos i) nos quais há preposição (do meu irmão/do Pedro) e ii) nos quais a última letra da palavra anterior pode ser assimilada com o artigo (traga a minha roupa/quando o Pedro).

3.2 Participantes

Participaram desta pesquisa, de forma voluntária e remota, 57 falantes, todos maiores de idade, oriundos de Alagoas (n=28), Bahia (n=6), São Paulo (n=5) e Sergipe (n=18), distribuídos de forma aleatória quanto a sexo (masculino n=28; feminino n=29) e idade ($MD = 26.5$). Não houve registro quanto à escolaridade do falante. Considerando o caráter dialetal da variação, o controle da região dos praticantes pode acrescentar mais evidências externas para a sensibilidade dos falantes sobre os usos variáveis do artigo antes de possessivos e antropônimos (cf. GUEDES, 2019; SIQUEIRA; FREITAG, 2022).

Os falantes foram abordados por meio de redes sociais e redes de contato, como também a partir da conveniência e acessibilidade.

3.3 Procedimentos de análise

As análises estatísticas dos dados foram feitas na plataforma R (R CORE TEAM, 2018), na interface RStudio (RSTUDIO TEAM, 2015), por meio do pacote estatístico e de visualização gráfica ggstatsplot (PATIL, 2021), que apresenta a distribuição da variável dependente em relação às variáveis independentes controladas por meio de gráficos. Os gráficos gerados já apresentam análises estatísticas. Para todas as análises conduzidas, o nível de significância foi fixado em $p < 0.05$, de acordo com o estipulado nas pesquisas da área das ciências cognitivas.

Para a análise da variável dependente numérica (tempo de resposta), foram utilizadas as medianas⁸ e testes de hipótese não-paramétricos, por causa da distribuição não normal dos dados ($p < 0.001$): o teste U de Mann-Whitney, quando houver apenas dois grupos, e o teste de Kruskal-Wallis, quando houver mais de dois grupos. Para a análise da variável dependente categórica (resposta), foi utilizado teste de hipótese que permite observar a relação entre o resultado e a distribuição esperada para o fenômeno: teste de qui-quadrado de Pearson. A análise do tempo de resposta foi feita sobre todas as respostas, uma vez que a análise sobre a variável numérica não buscou contrastar o tempo de resposta com os “acertos” ou “erros” dos participantes do experimento.

4 Descrição e análise dos dados

4.1 Variável dependente numérica: tempo de resposta

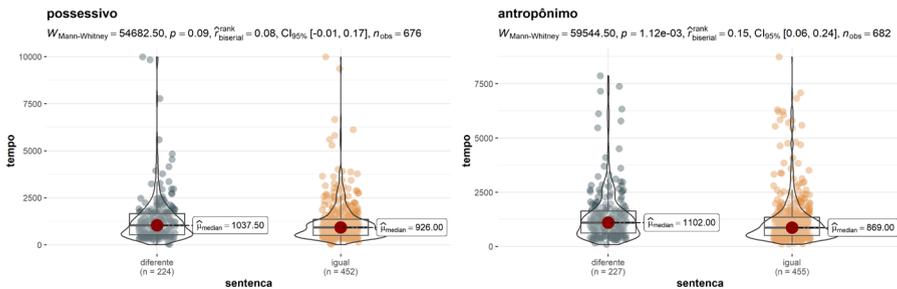
A mediana do tempo de resposta do contexto de antropônimo ($Mdn = 929.5$) é menor do que a de possessivo ($Mdn = 950$).⁹ Um teste de Mann-Whitney foi conduzido para observar a significância entre as

⁸ A utilização da mediana se justifica pela distribuição dos dados: com a distribuição assimétrica, a média é afetada por mudanças no centro de distribuição, enquanto a mediana permanece refletindo, mais confiavelmente, o centro da distribuição.

⁹ Os dados da variável tempo de resposta apresentam muitos *outliers*. Por exemplo, há uma resposta de mais de 400000ms, resultado, provavelmente, da distração do participante. A remoção foi feita considerando o tempo de 10000ms como máximo, por ser uma aproximação do valor da mediana geral multiplicada por 10, tempo suficiente para uma resposta satisfatória do participante. Com a remoção dos *outliers*, os testes estatísticos seguem a mesma tendência.

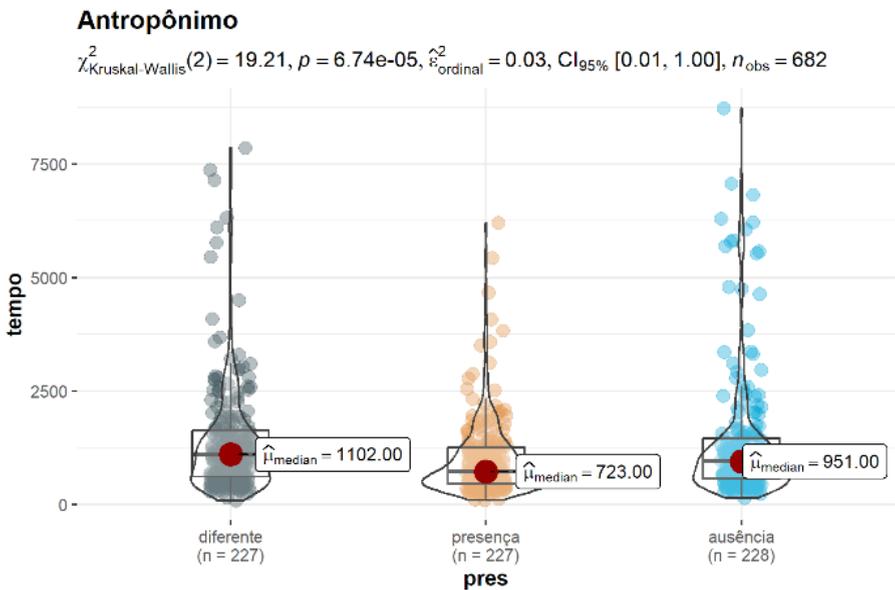
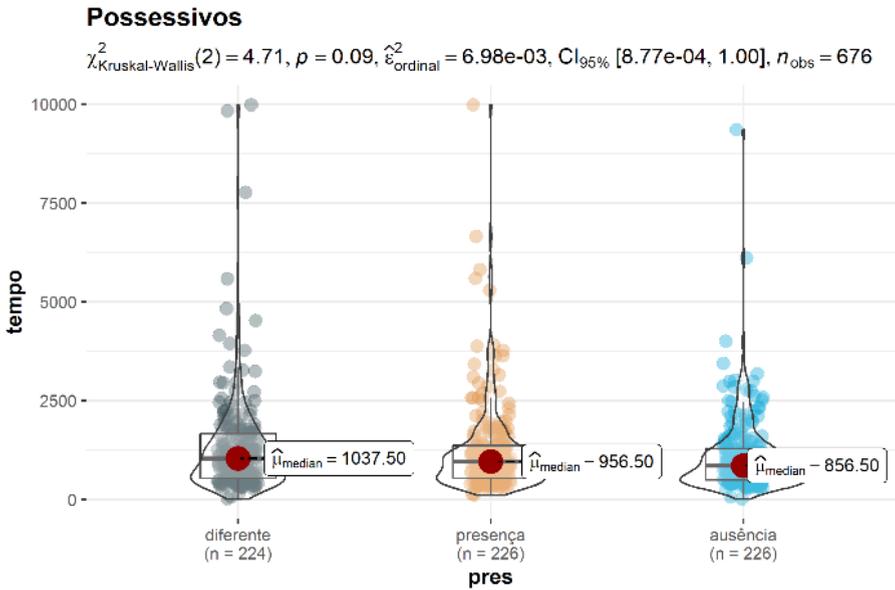
diferenças nos tempos e demonstrou que não há significância estatística ($W=230404$, $p=0.99$). A distribuição dos dados, contudo, desconsiderou as diferentes organizações de cada contexto linguístico, que devem apresentar resultados distintos para as medianas. A variável independente tipo de sentença pode acrescentar informações (Figura 5).

FIGURA 5 – Distribuição do tempo de resposta com base na variável independente tipo de sentença no contexto de possessivo e de antropônimo



No contexto de possessivos, o teste de Mann-Whitney ($W=54682.50$, $p=0.09$) evidencia que não há diferença estatisticamente significativa entre os tempos de respostas das sentenças diferentes ($Mdn=1037.50$) e das sentenças iguais ($Mdn=926$). Com antropônimos, por outro lado, há diferenças significativas ($W=59544.50$, $p<0.001$), uma vez que o tempo de resposta em sentenças diferentes ($Mdn=1102$) é maior do que o tempo de sentenças iguais ($Mdn=869$). Falantes são mais hesitantes em suas respostas quando a sentença com antropônimo é diferente. Certamente, em sentenças iguais, pode haver efeito entre as sentenças com e sem artigo definido, o que resulta no controle da variável presença/ausência de artigo (Figura 6).

FIGURA 6 – Distribuição do tempo de resposta com base na variável independente presença/ausência de artigo no contexto de possessivo e de antropônimo



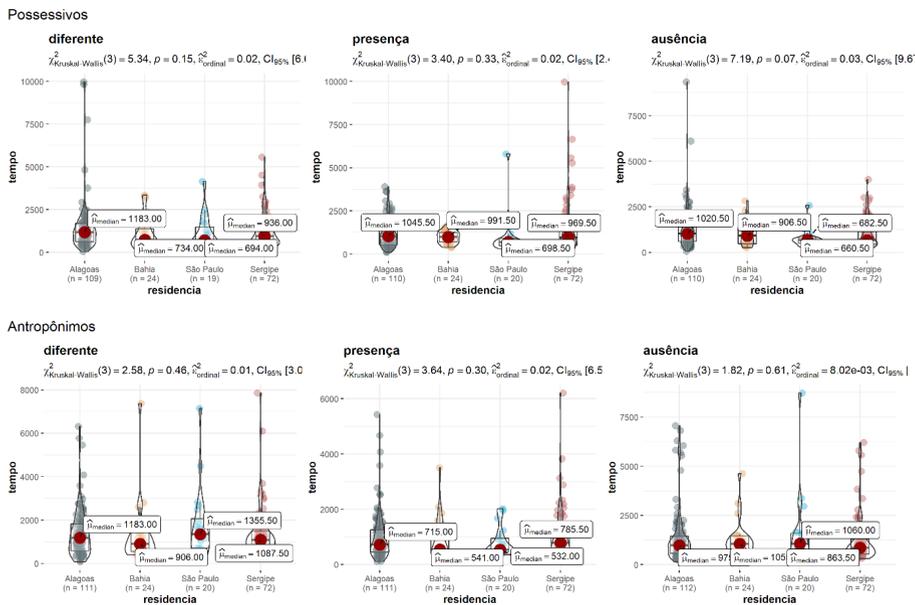
Com possessivos, o teste de Kruskal-Wallis ($\chi^2 = 4.709$, $df = 2$, $p = 0.09$) evidencia que não há diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. Ainda assim, vê-se que sentenças iguais com ausência de artigo levam a respostas mais rápidas do que com a presença.

No contexto de antropônimos, a mediana de sentenças com a ausência de artigo ($Mdn = 951$) é maior do que a mediana de sentenças com a presença ($Mdn = 723$) – uma inversão em relação ao contexto de possessivo. Essa diferença é estatisticamente significativa ($\chi^2 = 19.211$, $df = 2$, $p < 0.001$). Falantes tendem a responder com maior tempo sentenças com antropônimos nas quais o artigo é ausente do que sentenças com antropônimos nas quais o artigo é presente ($p = 0.009$) e tendem a responder com maior tempo sentenças diferentes do que sentenças semelhantes nas quais há a presença de artigo ($p < 0.001$), indicando que diferenças na organização do sintagma interferem no tempo de resposta do falante.

Se as diferentes organizações da sentença podem interferir no tempo de resposta – ao menos com antropônimos –, é necessário observar o efeito da posição do possessivo e do antropônimo na sentença. Todavia, a posição do possessivo ou do antropônimo na sentença não apresenta efeito sobre o tempo de resposta do falante, por causa da não significância estatística nas diferenças das medianas tanto com possessivos em sentenças iguais ($W = 24606.50$, $p = 0.50$) e diferentes ($W = 6496.00$, $p = 0.64$), quanto com antropônimos em sentenças iguais ($W = 26188.00$, $p = 0.83$) e diferentes ($W = 6032.00$, $p = 0.41$).

A consciência da variação também depende da circunstância geográfica na qual se localiza o falante, uma vez que, exposto a diferenças, falantes reconhecem-nas como traços distintivos entre a variedade de sua comunidade e a variedade a qual está sendo exposto. A observação da variável social zona de residência permite observar se a região de origem do falante interfere em seu tempo de resposta. A análise da variável é feita considerando as variáveis presença/ausência de artigo (Figura 7) e tipo de sentença (iguais/diferentes) (Figura 8).

FIGURA 7 – Distribuição do tempo de resposta com base na variável independente zona de residência no contexto de possessivo e de antropônimo considerando a presença/ausência de artigo

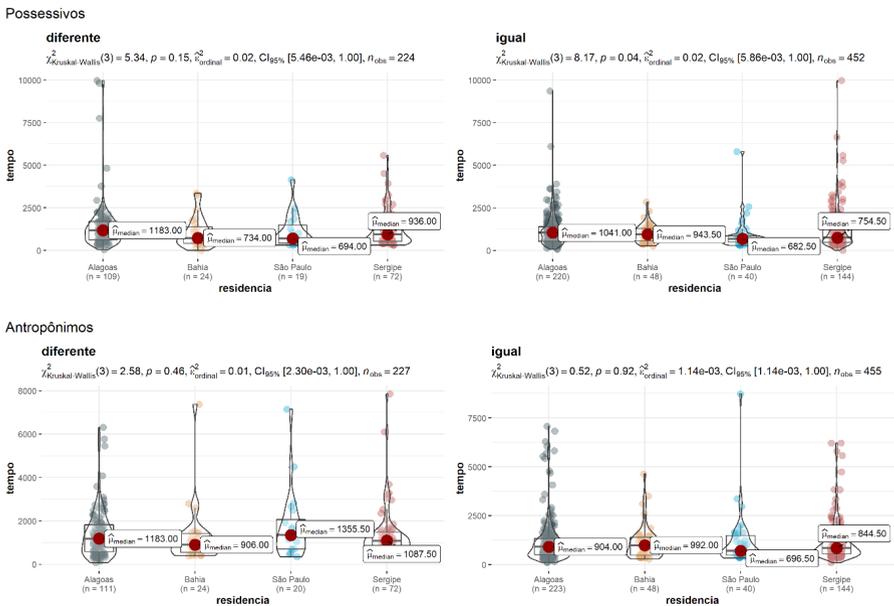


Com possessivo, nenhum dos grupos apresentou diferença estatisticamente significativa no contexto de diferente ($\chi^2 = 5.34$, $df=3$, $p= 0.15$), de iguais com presença de artigo ($\chi^2 = 3.40$, $df= 3$, $p= 0.33$) e de iguais com ausência de artigo ($\chi^2 = 7.19$, $df= 3$, $p= 0.07$). De forma similar, com antropônimos, nenhum dos grupos apresentou diferença estatisticamente significativa no contexto de diferente ($\chi^2 = 2.58$, $df=3$, $p= 0.46$), de iguais com presença de artigo ($\chi^2 = 3.64$, $df= 3$, $p= 0.30$) e de iguais com ausência de artigo ($\chi^2 = 1.82$, $df= 3$, $p= 0.61$). Embora os falantes de diferentes regiões apresentem tempos de resposta distintos para as condições, essas diferenças não são estatisticamente significativas.

Há de se considerar, contudo, a existência de poucos dados de falantes da Bahia e de São Paulo, que pode ter interferido nos resultados por causa da pouca representatividade. A remoção desses dados resulta na significância de diferenças entre Alagoas e Sergipe no contexto de possessivos com ausência de artigo ($W= 4716.00$, $p= 0.03$), no qual falantes alagoanos apresentam mediana maior ($Mdn= 1020.5$) do que falantes sergipanos ($Mdn= 660.5$). Isso implica que participantes

alagoanos tendem a demorar mais a reconhecer similaridades quando não há um artigo antes de possessivos do que sergipanos. A relação entre a zona de residência e o tipo de sentença pode acrescentar mais informações (Figura 8).

FIGURA 8 – Distribuição do tempo de resposta com base na variável independente zona de residência no contexto de possessivo e de antropônimo considerando o tipo de sentença



Com possessivo, há apenas diferenças estatisticamente significativas quando as sentenças são iguais ($\chi^2 = 8.17$, $df=3$, $p=0.04$), com os dados de Alagoas e de São Paulo se diferenciando entre si ($p=0.04$): falantes de Alagoas ($Mdn=1041$) respondem com tempo maior do que falantes de São Paulo ($Mdn=682.5$). No contexto de antropônimos, não há diferenças entre os grupos. A remoção dos dados de São Paulo e da Bahia mantém o mesmo resultado para antropônimos e possessivos.

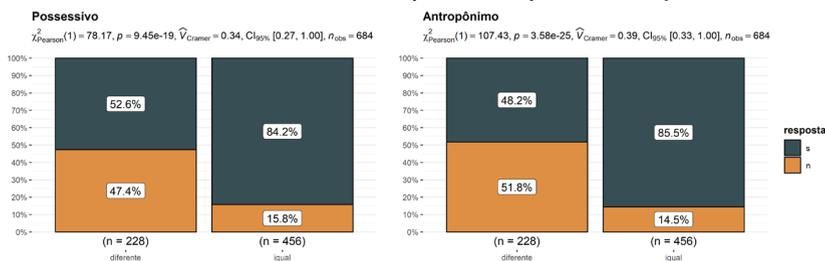
O reconhecimento de diferenças não é influenciado pela região geográfica dos participantes da pesquisa. Em outros termos, a circunstância geográfica na qual se localiza o participante parece não ter efeito sobre as respostas dos participantes.

Os dados da variável categórica apresentam resultados complementares.

4.2 Variável dependente categórica: resposta

O experimento pedia, ao apresentar aos falantes as duas sentenças em sequência, que respondessem se as sentenças eram iguais ou não. Os resultados dessa pergunta são apresentados nesta seção. Uma vez que há efeito de diferentes organizações da sentença (iguais/diferentes) sobre as respostas dos falantes, a variável dependente resposta será contrastada com a variável tipo de sentença (Figura 9).

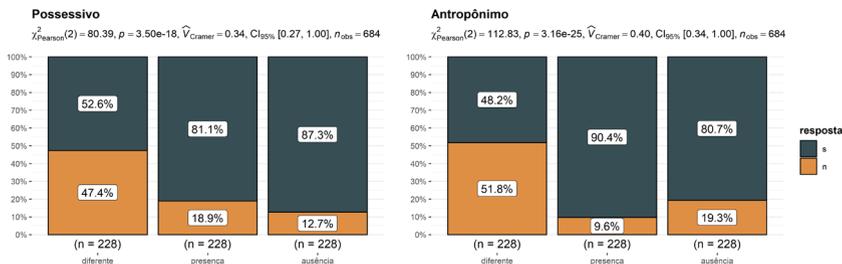
FIGURA 9 – Distribuição da variável dependente resposta com base na variável independente tipo de sentença



Em possessivos, a frequência da resposta *não* em sentenças iguais é de 15,8% (77/456): 77 frases iguais que os participantes apontaram como distintas; em sentenças diferentes, o percentual de respostas *sim* (52,6% 120/228) é maior do que o de *não*: 120 frases nas quais os falantes não reconheceram as diferenças, respondendo que elas são iguais. Essa diferença é estatisticamente significativa ($\chi^2(1, N= 684) = 78.17, p < 0.001$). Contudo, a condição de diferente, não há significância entre as respostas *sim* e *não* ($p = 0.43$) No contexto de antropônimos o resultado é similar: i) a frequência da resposta *não* em sentenças iguais é de 14,5% (66/456); ii) em sentenças diferentes, o percentual de respostas *sim*, ainda que menor que o de respostas *não*, é de 48,2% (110/456). Essa diferença é estatisticamente significativa ($\chi^2(1, N= 684) = 107.43, p < 0.001$), mas, na condição de diferente, a diferença entre as respostas não é significativa ($p = 0.60$).

A variável presença/ausência de artigo acrescenta mais informações sobre as respostas dos participantes (Figura 10).

FIGURA 10 – Distribuição da variável dependente resposta com base na variável independente presença/ausência de artigo

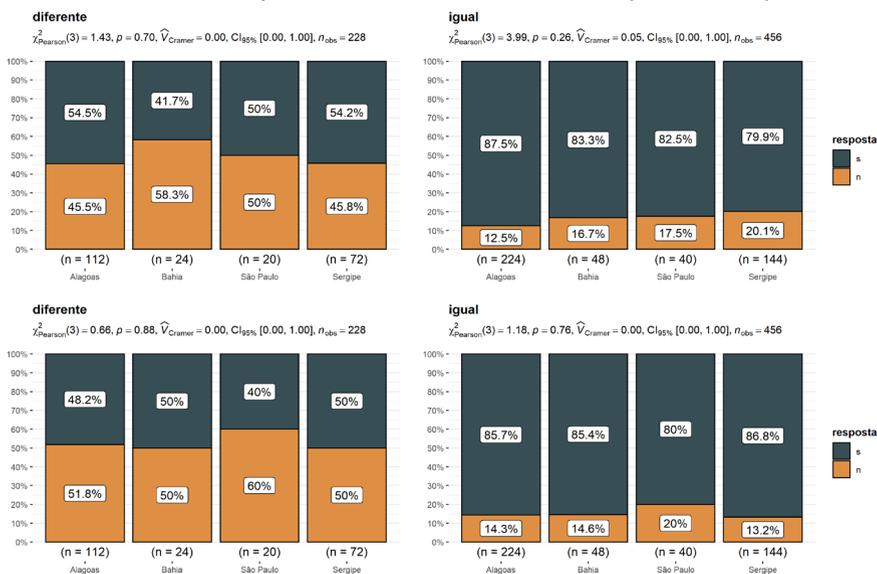


A frequência de respostas *sim* em sentenças diferentes com possessivos e com antropônimos é igual ao apresentado na Figura 10. O que interessa nessa variável é observar o efeito da presença/ausência do artigo sobre a distribuição em sentenças iguais. Com possessivo, a frequência de respostas *não* é maior quando há a presença de artigo (18,9% 43/228) do que quando há a ausência (12,7% 29/228). Essa diferença é estatisticamente significativa ($\chi^2(2, N= 684) = 80.39, p < 0.001$). Com antropônimos há uma inversão: a frequência de resposta *não* é maior com a ausência de artigo (19,3% 44/228) do que com a presença (9,6% 22/228). Essa diferença também é estatisticamente significativa ($\chi^2(2, N= 684) = 112.83, p < 0.001$).

A presença de artigo, no contexto de possessivo, leva os falantes a reconhecerem diferenças entre sentenças iguais: 43 sentenças iguais com artigo julgadas como diferentes. Por outro lado, no contexto de antropônimo, é a ausência de artigo que tende a resultar nesse julgamento: 44 sentenças iguais sem artigo julgadas como diferentes.

Do ponto de vista linguístico, o tipo de sentença (igual/diferente) e a presença/ausência de artigo interferem nas respostas do falante. Do ponto de vista social, é possível que os dados sigam a mesma tendência da análise contínua para o efeito da circunstância geográfica nas respostas.

FIGURA 11 – Distribuição da variável dependente resposta com base na variável independente zona de residência e no tipo de sentença



A variável zona de residência segue a mesma tendência da análise numérica ao não apresentar significância estatística em nenhum contexto. As informações sociais da variação que foram controladas nesse experimento não interferem nas respostas dos participantes, diante da similaridade na distribuição dos participantes das diferentes regiões e de ambos os sexos. Além disso, como já apontado anteriormente, há um desequilíbrio entre a distribuição dos participantes quando à região de origem, o que interfere na distribuição dos dados. Mantém-se como principal condicionante para as respostas o papel linguístico da variação, i.e., a influência das diferentes estruturas para o processamento das sentenças.

5 Discussão dos resultados

Muitas pesquisas em sociolinguística têm tomado como enfoque o conhecimento explícito e metalinguístico de falantes sobre variáveis linguísticas e sua relação com o significado social (cf. CAMPBELL-KIBLER, 2007, 2010), questionando os falantes, diretamente, sobre suas

impressões de usos linguísticos (geralmente sobre os quais falantes são conscientes), de modo a obter informações sobre suas atitudes¹⁰ em relação a esses usos. Este texto buscou seguir uma direção um pouco diferente, uma vez que procura obter evidências externas para o conhecimento da variação, traçando observar como a variação é experienciada no momento posterior ao qual ela é observada, i.e., dados experimentais *off-line*, de modo a tentar observar se falantes são conscientes da variação morfosintática, se têm conhecimento explícito da variação, tomando como enfoque o uso variável de artigo definido antes de possessivos e antes de antropônimos, fenômeno variável dialetalmente saliente.

Uma forma utilizada para observar se rearranjos distintos podem resultar em diferentes dados experimentais foram as diferentes possibilidades estruturais dos contextos variáveis. Ao observar a variável dependente numérica *tempo de resposta* com base na variável independente *presença/ausência de artigo* no contexto de possessivo e de antropônimo, vê-se que os diferentes contextos parecem ser reconhecidos de forma distinta pelos falantes, evidenciando que, embora apresentem organização morfosintática semelhante, há diferenças na decodificação. Com antropônimos, a presença do artigo parece ser mais saliente, uma vez que a decodificação é feita de forma mais rápida (respostas mais rápidas) em sentenças iguais.

Uma constante é o fato de que, em ambos os contextos, quando as sentenças são diferentes, o tempo é maior. O maior tempo de respostas em sentenças diferentes pode ser indício de que falantes reconhecem as diferenças existentes, mas que demoram a reconhecer, resultando em tempos maiores para a resposta. Em outros termos, a variação pode levar o falante a ter maior dificuldade para identificar diferenças nas sentenças.

É esperado, de fato, que o tempo de reação para estímulos diferentes seja maior do que para estímulos iguais. Com sentenças iguais a decodificação vai ser mais rápida. Em um contexto hipotético, no qual os tempos fossem maiores do que aqueles do contexto de diferentes, seria possível pensar que os participantes não reconheceram as diferenças. Nesse sentido, é notório observar que os participantes evidenciam, em algum nível, um conhecimento explícito para a variação.

¹⁰ “Uma atitude é uma organização relativamente duradoura de crenças em torno de um objeto ou situação, que predis põem a raciocinar preferentemente de uma determinada maneira” (ROKEACH, 1974, p. 15).

Além disso, a consciência da variação nos contextos estaria sujeita ao material morfológico das variantes, já que, como discutido na introdução deste trabalho, a saliência de uma variante também pode ser medida pelo esforço de processamento feito pelo falante ao ser exposto aos seus traços: (i) a existência de artigo em uma sentença e em outra não demandam maior tempo de resposta – falantes demoram a responder pois ficam hesitantes quanto ao reconhecimento de diferenças existentes entre as sentenças; e (ii) a ausência de artigo leva a maiores tempos de resposta com antropônimos – a presença parece ser mais saliente, frente a velocidade de resposta. Diferentes organizações do sintagma interferem no reconhecimento do uso variável do artigo: a decodificação é afetada pelas diferentes organizações.

Mas a variação também pode se tornar parte da consciência dos falantes (parte de seu conhecimento explícito) a partir do ato de falantes entrarem em contato com uma variedade diferente daquela da sua comunidade de origem: o que não é saliente em uma comunidade geograficamente localizada pode ser saliente em outra. O contato faz com que o falante seja exposto a diferenças e, a partir dessa exposição, reconheça traços variáveis da língua. O controle da zona de residência foi a forma adotada nesta pesquisa para observar possíveis efeitos dessa exposição.

Os resultados demonstram que a informação geográfica do falante tende a não interferir nos tempos de resposta, ainda que haja uma diferença estatisticamente significativa no contexto de sentenças com possessivos iguais entre os dados de Alagoas e de São Paulo. Contudo, como já discutido, a não significância na diferença entre os grupos pode ser efeito do não balanceamento entre as regiões. Com isso, mesmo havendo diferenças entre as respostas dos falantes de diferentes regiões, essas diferenças não são estatisticamente significativas.

Os dados da variável numérica apontam para duas tendências:

- (a) Falantes tendem a demorar mais a responder em sentenças diferentes, indício de demora a reconhecer as diferenças. Em outros termos, diferentes organizações da sentença com possessivo e com antropônimo interferem no (não) reconhecimento de padrões variáveis. O reconhecimento de diferenças depende da organização da sentença. Diante das medianas em contextos diferentes, vê-se que falantes hesitam no reconhecimento da variação nos contextos morfossintáticos em questão;

- (b) Considerando as medianas de tempo de resposta, as diferenças são mais reconhecíveis em possessivos do que em antropônimos; contudo, apenas com antropônimos há significância. A presença do artigo com antropônimos parece ser mais saliente, uma vez que leva a respostas mais rápidas. Com possessivos, uma vez que não há diferença estatisticamente significativa entre os contextos, não há interferência das diferentes organizações sobre as respostas dos falantes.

A variável categórica *resposta* foi outra forma encontrada para obter evidências *off-line* para o reconhecimento da variação. Considerando o tipo de sentença, vê-se que falantes ora não reconhecem similaridade entre as sentenças iguais, ainda que a frequência seja baixa, ora não reconhecem diferenças entre as sentenças distintas, com uma frequência relativamente alta. A diferença na estrutura das sentenças pode não ser reconhecível para os falantes durante a decodificação, uma vez que se altera apenas o uso do artigo definido. De forma complementar, os falantes nem sempre reconhecem igualdade em sentenças com possessivos e antropônimos.

Os diferentes contextos linguísticos operam de forma distinta na decodificação. A presença/ausência do artigo leva a respostas diferentes dos participantes a depender do elemento nominal que o procede. Os maiores erros em sentenças iguais com possessivos nas quais há artigo sugerem que falantes reconhecem mais similaridades quando não há um artigo. Com antropônimos, a frequência de erros quando há a ausência de artigo aponta que falantes são mais conscientes quando há um artigo.

Contudo, há de se considerar que, ao responder à questão, muitos dos participantes se guiaram pelas diferenças estruturais, mas há também aqueles que, provavelmente, guiaram-se pelo sentido proposto pelas sentenças. Ao considerar que as sentenças com os usos variáveis do artigo são variantes de uma mesma variável linguística, é assumido que ambas as variantes possuem o mesmo sentido ou valor de verdade. Mesmo sem conhecimento linguístico sobre esse fato, é possível que alguns dos participantes tenham considerado a pergunta (*as sentenças são iguais?*) no sentido de equivalência semântica, levando a respostas do tipo *sim* em sentenças diferentes. O que de fato guiou os participantes no momento de resposta é algo que não será possível afirmar nesta pesquisa.

Os dados da variável independente *região geográfica* demonstram que não há efeito do papel social sobre variação: não há diferença significativa entre condições com e sem variação considerando a zona de residência do falante. Isso, claro, não implica a ideia de que não há efeito da região dialetal do falante sobre o reconhecimento da variação. No entanto, com os dados obtidos por esta pesquisa, não é possível observar que a sensibilidade sociolinguística dos falantes é influenciada pelo padrão dialetal de uso do falante, além de que não é possível afirmar que falantes tenham conhecimento de uma ou outra variante, pois não há dados de fala espontânea para estabelecer contraste entre uso e percepção.

Os resultados da variável categórica seguem tendência similar aos resultados da variável numérica:

(c) A frequência de “erros” nas respostas tende a ser alta quando a sentença é diferente: falantes hesitam mais em sentenças distintas;

(d) Sentenças iguais também apresentam “erros” nas respostas. Esses erros, contudo, são diferentes considerando o contexto linguístico. Com possessivos, os erros ocorrem mais com a presença de artigo; com antropônimos, ocorrem mais com a ausência. A saliência existente em uma forma pode ser fator interferente nas respostas, já que pode existir diferentes esforços de processamento feito pelo falante ao ser exposto às diferenças no material morfológico: a ausência de artigo com possessivo aparenta ser mais saliente que a presença, por causa da menor taxa de erro. Com antropônimos, a presença aparenta ser mais saliente. As diferenças na massa morfológica (a presença do artigo com antropônimo e a ausência com possessivo) pode resultar em maior saliência de uma forma.

Falantes são conscientes da variação morfossintática no uso variável de artigo definido antes de possessivo e de antropônimo: os dados demonstram o reconhecimento da variação, o que pode ser evidência de que existe um conhecimento explícito para os diferentes usos do artigo nesses contextos linguísticos. O reportamento por meio da variável categórica reforça essa ideia, uma vez que falantes foram

capazes de identificar a variação existente, mesmo que haja uma gradação nas respostas.

Uma explicação lógica para essa gradação nas respostas é a existência de diferentes graus de experiência com as variantes que os participantes possuem: os padrões experimentados anteriormente são mais fáceis de processar do que os padrões não experimentados (cf. SQUIRES, 2016). É possível que, em algum nível, os participantes façam julgamentos com base em formas dialetais que eles mesmos não têm conhecimento. Como defende Squires (2016), formas linguísticas às quais a pessoa é exposta, mesmo diferentes das formas de produção do falante, são armazenadas na memória – não ignoradas ou descartadas. O experimento apresentado nesta pesquisa evidencia que o conhecimento das formas variantes é implicitamente ativado durante a leitura. Embora esse pensamento seja apenas qualitativo, as respostas sugerem que os participantes estavam aplicando o conhecimento existente da variável durante a tarefa de discriminação de sentenças. Existe, em certo grau, uma sensibilidade dos falantes para essas diferenças linguísticas.

6 Considerações Finais

Este trabalho buscou expandir a discussão da consciência da variação com enfoque no nível morfossintático, permitindo observar, indiretamente, se falantes têm consciência da variação em dois fenômenos morfossintáticos: o uso de artigo definido antes de possessivos pronominais e antes de antropônimos. Questionou-se, para tanto, se falantes reconhecem diferenças nos usos de artigo definido antes de possessivos e de antropônimos, utilizando um experimento de discriminação de sentenças, de modo a confirmar/refutar a hipótese de que, haveria o reconhecimento da variação quando considerada a exposição dos falantes às diferenças linguísticas nos contextos.

Os dados evidenciam que falantes nem sempre reconhecem diferenças nos contextos linguísticos, o que corrobora, em partes, a hipótese, uma vez que o reconhecimento da variação ocorreu. Entretanto, há interferência da variação no reconhecimento: o tempo de resposta é maior quando as sentenças são diferentes, e os falantes tendem a apresentar alta frequência de erro em sentenças diferentes, mas também erram em sentenças iguais. Isso implica que quando há variação, falantes ou tendem a demorar a responder ou erram em suas respostas.

Tomando como base os fenômenos abordados nesta pesquisa, observa-se que falantes são hesitantes quando há duas sentenças diferentes em sequência, o que pode ser indício de que nem sempre reconhecem a variação morfossintática. Uma vez que não há prescrição sobre as formas variantes, a (não) consciência da variação pode levar os falantes a não perceberem diferentes organizações morfossintáticas.

Por fim, pontua-se que o experimento aqui apresentado tem algumas limitações. A principal delas é contar com a memória do participante e suas habilidades enquanto leitores para a realização da tarefa: a aplicação de uma tarefa de discriminação que solicita uma resposta posterior resulta em informações variáveis, influenciadas por fatores relacionados à habilidade de leitura e à habilidade de memorização, além de outras capacidades. Os resultados podem, em algum nível, ser efeito das habilidades dos participantes na realização do procedimento.

Agradecimentos

O autor deste trabalho agradece ao Prof. Dr. Julian Tejada, pela ajuda no desenvolvimento e aplicação do experimento; à Profa. Dra. Raquel Freitag, pela orientação na escrita do manuscrito e em seu encaminhamento; aos pareceristas, pela leitura cuidadosa e por todos os comentários e colocações para melhorias no texto; às editoras do dossiê, Profa. Dra. Marije Soto e Profa. Dra. Raquel Freitag, por todas as sugestões de mudanças no manuscrito; e à equipe editorial da Revista de Estudos da Linguagem, em nome da Profa. Dra. Janayna Maria da Rocha Carvalho. O autor também agradece a todos que se disponibilizaram a participar do experimento. Todos os erros remanescentes são de inteira responsabilidade do autor. O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe (FAPITEC/SE).

Referências

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 38. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

CALLOU, D.; SILVA, G. M. O. O uso do artigo definido em contextos específicos. In: HORA, D. (Org.). *Diversidade Lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997, p. 11-27.

CAMPBELL-KIBLER, K. Accent, (ING), and the social logic of listener perceptions. *American Speech*, v. 1, n. 82, p. 32–64, 2007. DOI: 10.1215/00031283-2007-002” <https://doi.org/10.1215/00031283-2007-002>.

CAMPBELL-KIBLER, K. New directions in sociolinguistic cognition. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, v. 15, n. 2, p. 31-39, 2010.

CAMPBELL-KIBLER, K. The nature of sociolinguistic perception. *Language Variation and Change*, v. 21, n. 1, p. 135–156, 2009. DOI: 10.1017/S0954394509000052” <https://doi.org/10.1017/S0954394509000052>.

CAMPOS JR., H. S. *A variação morfossintática do artigo definido na capital capixaba*. 2011. 110f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Sociais, 2011.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *Dialectology*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DRAGER, K.; KIRTLEY, M. Awareness, Salience, and Stereotypes in Exemplar-Based Models of Speech Production and Perception. In: BABEL, A. (Ed.). *Awareness and Control in Sociolinguistic Research*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018, p. 1-24. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9781139680448.003>.

FREITAG, R. M. K. Banco de dados Falares Sergipanos. *Working Papers em Linguística*, v. 14, n. 1, p. 156-164, 2013. DOI: 10.5007/1984-8420.2013v14n2p156” <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156>.

FREITAG, R. M. K. Reparos na leitura em voz alta como pistas de consciência sociolinguística. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 36, n. 2, p. 1-22, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-460x2020360206>.

FREITAG, R. M. K. Saliência estrutural, distribucional e sociocognitiva. *Acta Scientiarum. Language and culture*, v. 40, n. 2, p. 1-10, 2018. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v40i2.41173>.

GIVÓN, T. Definiteness and referentiality. In: GREENBERG, J. H.; FERGUSON, C. A.; MORAVCSIK, E. A. *Universals of human language*, vol. 4: Syntax. Stanford: Stanford University press, 1978, p. 291-330.

GIVÓN, T. *Syntax: An introduction*, vol 1. Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2001a.

GIVÓN, T. *Syntax: An introduction*, vol 2. Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2001b.

GUEDES, S. Emprego do artigo definido em situação de contato dialetal. *Domínios de Linguagem*, v. 13, n. 4, p. 1401-1432, 2019.

KABATEK, J. Existe-ilun cycle de grammaticalisation de l' article dan langues romanes? In: van DEYCK, R.; SORNICOLA, R; KABATEK, J. (eds.). *La variabilité en langue*, vol. II., Les quatre variations, Gand. Communication & Cognition, (Studies in Language 8 & 9),). 2005.p. 139-172.

LABOV, W. *Principles of linguistic change, volume 2: Social factors*. Oxford: Language in Society, 2001.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. *The unobservability of structure and its linguistic consequences*. Paper presented at New Ways in Analyzing Variation (NWAY) 22. Ottawa, ON: University of Ottawa, 1993.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York city*. Cambridge:Cambridge University Press, 2006[1966].

LANGE, K.; KÜHN, S; FILEVICH, E. Just Another Tool for Online Studies (JATOS): An Easy Solution for Setup and Management of Web Servers Supporting Online Studies. *PLOS ONE*, v. 10, n. 7, p. e0134073, 2015. DOI: 10.1371/journal.pone.0134073

LEVON, E.; BUCHSTALLER, I. Perception, cognition, and linguistic structure: The effect of linguistic modularity and cognitive style on sociolinguistic processing. *Language Variation and Change*, v. 27, n. 3, p. 319-348, 2015. DOI: 10.1017/S0954394515000149.

MATHÔT, S.; SCHREIJ, D.; THEEUWES, J. OpenSesame: An open-source, graphical experiment builder for the social sciences. *Behavior Research Methods*, v. 44, n. 2, p. 314-324, 2012. DOI: 10.3758/s13428-011-0168-7

MILROY, L.; GORDON, M. *Sociolinguistics: Method and interpretation*. Oxford: John Wiley & Sons, 2008.

MOORE, E. The Social Meaning of Syntax. In: HALL-LEW, L.; MOORE, E.; PODESVA, R. J. *Social Meaning and Linguistic Variation: Theorizing the Third Wave*, Cidade: Editora, 2021. p. 54-79

OUSHIRO, L. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. 2015. 394f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015.

PATIL, I. Visualizations with statistical details: The ‘ggstatsplot’ approach. *Journal of Open Source Software*, v. 6, n. 61, p. 1-5, 2021. DOI: <https://doi.org/10.21105/joss.03167>

PEREIRA, D. K. F. *A realização de artigo definido no português falado na região do sertão do Pajeú - PE*. 2017. 206f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, 2017.

R CORE TEAM. *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2018. Disponível em: <https://www.r-project.org>. Acesso em: 06 jun. 2022.

RSTUDIO TEAM. *RStudio: Integrated Development Environment for R*. Boston: MA, 2015. Disponível em: <http://www.rstudio.com>. Acesso em: 06 fev. 2023.

RÁCZ, P. *Saliency in sociolinguistics: A quantitative approach*. Berlin: Walter de Gruyter, 2013.

ROKEACH, M. Naturaleza de las actitudes. *Enciclopedia internacional de las ciencias sociales*, v. 1, p. 14-21, 1974.

ROMAINE, S. On the problem of syntactic variation and pragmatic meaning in sociolinguistic theory. *Folia linguistica*, v. 51, n. s1000, p. 1-29, 2017[1981]. DOI: <https://doi.org/10.1515/flin.1984.18.3-4.409>.

SAID ALI, M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1931.

SANTANA, R. R. *Tipos de tipo em uma comunidade de práticas universitária*. 85f. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, 2019.

SILVA, G. M. O. Emprego do artigo diante de possessivo e de patronímico: resultados sociais. In: SILVA, G. M. O.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). *Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998b, p. 265-281.

SILVA, G. M. O. *Estudo da Regularidade na Variação dos Possessivos no Português do Rio de Janeiro*. 1982. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1982.

SILVA, G. M. O. Realização facultativa do artigo definido diante de possessivo e de patronímico. In: SILVA, G. M. O.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). *Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998a. p. 120-145.

SILVA, J. M. S. *Variação no preenchimento da posição determinante antes de possessivos pré-nominais: padrões dialetais e contatos*. 2020. 140f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2020.

SIQUEIRA, M. Efeitos do contato entre normas na variação linguística: a presença de artigo definido antecedendo possessivos no falar universitário da UFS. *Porto das Letras*, v. 6, n. 1, p. 8-33, 2020.

SIQUEIRA, M.; FREITAG, R. M. K. Can mobility affect grammar at the morphosyntactic level? A study in Brazilian Portuguese. *Organon*, v. 37, n. 73, p. 14-35, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22456/2238-8915.122586>.

SQUIRES, L. Processing Grammatical Differences: Perceiving versus Noticing. In: BABEL, A. (Ed.). *Awareness and Control in Sociolinguistic Research*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 80-103. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9781139680448.006>.

TRUDGILL, P. *Dialects in contact*. Oxford: Basil Blackwell, 1986.



A realização de artigo feminino diante de antropônimo masculino: uma análise sociolinguística sobre o sentimento de inclusão de universitários recifenses

Realization of feminine article before masculine anthroponym: a sociolinguistic analysis about feeling of inclusion of university students from Recife

Déreck Kássio Ferreira Pereira

Centro Universitário Brasileiro (UNIBRA), Recife, Pernambuco/Brasil

dereckferreirap@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4762-9896>

Claudia Roberta Tavares Silva

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Recife, Pernambuco/Brasil

claudia.rtsilva@ufrpe.br

<https://orcid.org/0000-0003-1246-2651>

Resumo: Pesquisas sociolinguísticas verificam que o português brasileiro dispõe de duas variantes no domínio do sintagma nominal: (a) realização de artigo definido antes de antropônimo (ex.: *O João*) e (b) não-realização de artigo definido antes de antropônimo (ex.: *João*). A variação dessas formas está relacionada, por exemplo, à influência da variável diatópica: em cidades do nordeste, predomina a não realização, contrariamente ao que ocorre em cidades do sul e do sudeste (CALLOU; SILVA, 1997; VERÍSSIMO, 2021). Ademais, há outra forma linguística ainda pouco investigada em que há realização de artigo feminino diante de antropônimo masculino (ex.: *A João*). O uso dessa variante está emergindo e é encontrado na fala de membros da comunidade LGBT+. Diante disso, objetiva-se nesta pesquisa investigar o sentimento de inclusão de estudantes universitários que moram em Recife sobre o uso dessa variante. Para tanto, selecionaram-se 60 falantes (30 estudantes que pertencem à comunidade LGBT+ e 30 estudantes que não pertencem a essa comunidade), para os quais testes de atitudes linguísticas, seguindo a escala Likert (1932), foram aplicados. Os resultados mostram que a variante emergente sofre influência da comunidade: o grupo LGBT+ se sente incluído pelo uso dessa variante, ao contrário do grupo que não pertence a essa comunidade.

Palavras-chave: atitude linguística; artigo; antropônimo; gênero; inclusão.

Abstract: Sociolinguistic research shows that Brazilian Portuguese presents two variants in the nominal phrase: (a) the realization of the definite article before anthroponyms (eg. *O João*) and (b) the non-realization of the definite article before anthroponyms (eg. *João*). The variation of these forms is related to the influence of the diatopic variable: in cities in the Northeast, the non-realization of the definite article before proper nouns is the most common strategy, contrary to what happens in cities in the South and Southeast (CALLOU; SILVA, 1997; VERÍSSIMO, 2021). Besides these two possibilities, there is another possibility that has been underinvestigated in which a feminine article is used before a masculine anthroponym (eg *A João*). The use of this variant is rising and is found in the speech of members of the LGBT+ community. Therefore, the main goal of this research is to investigate the feeling of inclusion of university students who live in Recife about the use of this variant. For this purpose, 60 speakers (30 students who belong to the LGBT+ community and 30 students who do not belong to this community) participated in language attitude surveys, with a 5 point Likert type scale. The results show that the community influences on emerging variant: LGBT+ group feels included using this variant, unlike the group that does not belong to this community.

Keywords: linguistic attitude; article; anthroponym; gender; inclusion.

Recebido em 29 de setembro de 2022

Aceito em 27 de maio de 2023

1 Primeiras palavras: situando o objeto de estudo

No português brasileiro (PB), os antropônimos podem vir acompanhados ou não de artigo definido. Essa opcionalidade é prevista pelas gramáticas tradicionais dessa variedade do português. Segundo Bechara (2009, p. 132), “o uso mais frequente na linguagem culta, tendo em vista o valor individualizante carregado pelo artigo, dispensa o artigo junto a nomes próprios de pessoas, com exceção dos que se encontram no plural”. É tradição, no entanto, a anteposição de artigo diante de apelidos. Ademais, os nomes próprios de pessoas podem vir antecidos de artigo quando os locutores querem expressar uma afetividade em relação ao indivíduo a quem se referem: “de largo uso do idioma, o artigo assume

sentidos especialíssimos, graças aos contornos verbais e extraverbais: junto a nomes próprios denota nossa familiaridade (neste mesmo caso pode o artigo ser omitido)” (BECHARA, 2009, p. 154):

- (1) a. O Cleto talvez falte hoje
- b. Cleto talvez falte hoje.

Cunha e Cintra (2016), por seu turno, afirmam que, devido à característica individualizadora do nome próprio, este deveria dispensar o artigo. No que diz respeito aos nomes próprios de pessoas, afirmam que os antropônimos não são antecidos por artigo, principalmente quando se aplicam a personagens muito conhecidos, como, por exemplo, “Camões, Dante, Napoleão” (CUNHA; CINTRA, 2016, p. 236). Todavia, reconhecem que existem exceções a essa regra quando observados os seguintes contextos:

- (I) O antropônimo vem precedido de qualificativo;
 - (II) Quando o nome de pessoa vem acompanhado de determinativos ou qualificativos denotadores de um aspecto, de uma época, de uma circunstância de vida dos indivíduos;
 - (III) Quando se pretende atribuir ao nome próprio um sentido depreciativo;
 - (IV) Quando o nome de pessoa vem enunciado no plural – seja para indicar indivíduos com o mesmo nome, seja para indicar um coletivo familiar;
 - (V) Quando há intenção de cercar o nome de afetividade.
- (CUNHA; CINTRA, 2016, p. 238)

Cunha e Cintra ainda acrescentam:

Na linguagem popular e no trato familiar é muito frequente no Brasil e está praticamente generalizada na linguagem corrente de Portugal a anteposição de artigo definido diante de nomes de batismo de pessoas, o que lhe dá, como dissemos, um tom de afetividades ou de familiaridade (CUNHA; CINTRA, 2016, p. 239).

Diante do exposto, percebemos que as gramáticas mencionadas acolhem tanto construções em que o antropônimo vem acompanhado por artigo definido (cf. (1a)), quanto aquelas em que o antropônimo não é antecido por artigo (cf. (1b)), evidenciando a existência de

duas variantes na língua. Essa opcionalidade pode estar ligada a fatores geográficos, conforme verificado em estudos linguísticos realizados por todo o Brasil.

Callou e Silva (1997) observam que a variável diatópica é de suma importância para a realização ou não do artigo definido diante do contexto de antropônimo, tomando por base um *corpus* proveniente do Projeto Norma Urbano Oral Culto (NURC), composto por dados de fala de indivíduos de nível universitário de cinco capitais brasileiras (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife) na década de 70. As autoras concluem que, quanto mais ao norte do país, menor é a frequência de realização do artigo; já, quanto mais ao sul, maior a produção dessa variante. Colaboradores das capitais nordestinas, a saber: Recife e Salvador, foram os que apresentaram uma menor frequência de realização de artigo definido diante do contexto de antropônimos, com 17% e 32%, respectivamente. As capitais localizadas ao sudeste e sul do país, no entanto, apresentaram uma frequência mais expressiva de uso de artigo diante de antropônimos: Rio de Janeiro (43%), São Paulo (87%) e Porto Alegre (79%). Esses resultados levaram as autoras a afirmarem que “[...] a variação regional mostrou-se atuante, evidenciando haver um ‘sotaque sintático’ [...] característico dos dialetos.” (CALLOU; SILVA, 1997, p. 21). Além disso, verificam que a utilização do artigo definido diante do antropônimo parece estar ligada ao período colonial da cidade. As cidades mais antigas, como Recife, tendem a não favorecer a realização desse determinante diante de antropônimos, seguindo em uma direção mais conservadora do português.

Outra pesquisa que compara a frequência de uso do determinante definido diante de antropônimos em diferentes cidades brasileiras é a de Veríssimo (2021). Comparando seis cidades brasileiras: Campinas/SP, Feira de Santana/BA, Recife/PE, Rio de Janeiro/RJ, Salvador/BA e São Paulo/SP, os resultados seguem a mesma direção dos encontrados por Callou e Silva (1997). Nessa pesquisa, antropônimos seguidos de artigo apareceram com maior porcentagem em cidades da região sudeste (Campinas (58,3%), Rio de Janeiro (59,5%) e São Paulo (63,7%) do que em cidades da região nordeste (Feira de Santana (2,9%), Salvador (5,2%) e Recife (6,2%). Com base nesses resultados percentuais, verificamos, mais especificamente em relação à cidade de Recife, local de residência dos colaboradores desta pesquisa, que, mesmo com o passar de 24 anos,

tomando como referência o trabalho de Callou e Silva (1997), o tempo não foi capaz de alterar o padrão encontrado.

Sob a ótica da relação língua-sociedade que embasa os estudos mencionados para o entendimento do mosaico sociolinguístico brasileiro no que se refere à variação encontrada entre a realização do artigo definido diante de antropônimo (*O Pedro; A Marina*) e a não-realização desse artigo (*Pedro; Marina*), visamos ampliar esse debate com a inclusão de uma estratégia emergente de uso no PB: aquela em que um artigo definido antecede o antropônimo com um gênero gramatical diferente (ex.: *A Pedro*). Essa é uma forma não reconhecida pela gramática tradicional que prescreve o compartilhamento total de traços (número e gênero) entre os elementos que constituem o sintagma nominal:

(2) A Pedro é linda.

SG.F SG.M

Sobre esse uso emergente, a construção nominal *A Pedro*, por exemplo, é apontada por autores, como Lau (2015) e Carvalho (2020), como sendo pertencente à fala de um grupo de falantes específicos, a saber: a comunidade LGBTQ+. Carvalho (2020, p. 25) aduz que a comunidade LGBTQ+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, abarcando ainda travestis, transgêneros, *queer*, intergêneros, pansexuais etc.) “faz uso dessa inversão de concordância nominal de gênero, utilizando determinantes marcados no feminino pareado com nomes masculinos ou estabelece concordância no feminino na sentença com um referente masculino”, estando esse uso relacionado às práticas sociais desenvolvidas por esse grupo como uma estratégia linguística na luta por visibilidade. Pereira (2020) afirma que esse uso serve para inscrever um sentimento de pertencimento do falante não só à comunidade, mas também às suas causas e à sua expressão de gênero.

Pesquisa, como a realizada por Panagiotidis (2020, p. 198), evidencia que a variante em (2) não é algo exclusivo do PB, pois sua ocorrência é verificada no grego contemporâneo como expressão de carinho ou pejorativa:

(3) I Antonis irthe

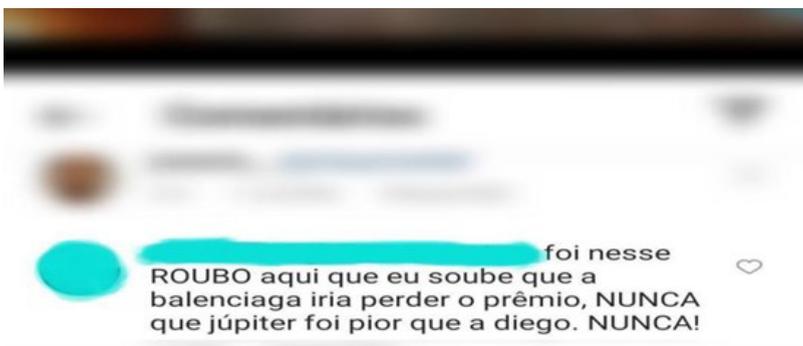
A. ART.DEF.SG.F Antonis. SG.M chegar.PERF

“A Antonis chegou.”

Por meio das recentes e árduas conquistas da população LGBT+ - formada por indivíduos de diferentes comunidades entendidas aqui como uma orientação afetivo-sexual (CARVALHO, 2020) -, construções nominais como (2) vêm ganhando visibilidade, tornando-se cada vez mais frequentes. Todavia, o seu não reconhecimento por parte da gramática tradicional acaba servindo, para aqueles que não se identificam com o grupo na qual ela emergiu, como justificativa para desprestigiá-la, questionando a sua legitimidade na língua. Não muito raro, encontramos falantes do PB considerando essa construção linguística como imprópria, desviante, errada e, até mesmo, inexistente. Mas como negar a existência de uma construção linguística reconhecida e presente nas normas de uma comunidade?

Pesquisas como as de Carvalho (2020) e Pereira (2020) mostram que essa forma emergente de se referir a falantes da comunidade LGBT+ faz parte da realidade linguística de cerca de 20 milhões de brasileiros, segundo levantamento feito em 2015 pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais (ABGLT). Dentro da comunidade, o seu uso é tão frequente quanto a utilização das variantes *João* e *o João* e, assim como estas, pode preencher diversas posições estruturais como por exemplo: sujeito, complemento e tópico. Observemos evidências de uso da variante emergente retiradas de redes sociais:

Figura 1 – Presença no *Instagram* da variante em que o artigo e o antropônimo não compartilham o mesmo gênero gramatical

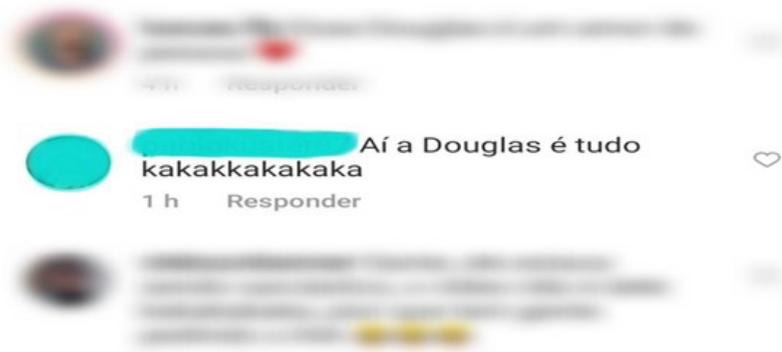


Fonte: *Instagram* (2021)

Nessa imagem, o autor do comentário, autodeclarado *gay*, fala sobre uma apresentação em que dois participantes de um programa sobre cultura *ballroom* disputavam, por meio da dança *voguing*, a permanência de seu grupo na atração. Como percebemos, é usada a variante em que o artigo e o antropônimo não compartilham o mesmo gênero gramatical quando enuncia “NUNCA que Júpiter foi pior que *a diego*. (grifo nosso)”. Vale referirmos ainda que outros seguidores da página também fizeram comentários que continham a presença dessa variante.

A página de onde retiramos o comentário (Figura 1) é, conforme já enunciamos, voltada ao público LGBT+. Sendo assim, são publicadas postagens de assuntos específicos para envolver esse público, favorecendo a utilização da variante. Todavia, a utilização dessa variante não está restrita a locais voltados especificamente ao público LGBT+. Em uma busca rápida pelo *Instagram*, encontramos uma situação que não se refere a um perfil que tem o grupo LGBT+ como principal usuário. A página, ilustrada pela figura 2, é voltada para o público geral da plataforma, mais especificamente àqueles que se interessam por assuntos variados, como esportes, música, séries etc. Na situação, um dos usuários comenta uma publicação feita pelos moderadores da referida página sobre a participação do jogador LGBT+ da seleção brasileira de vôlei, Douglas Souza:

Figura 2 – Presença no *Instagram* da variante em que o artigo e o antropônimo não compartilham o mesmo gênero gramatical



Fonte: *Instagram* (2021)

Na imagem, o usuário faz uso do sintagma nominal *a Douglas* para se referir ao esportista pertencente à comunidade LGBTQ+, conforme evidenciado por meio da visualização de publicações e descrição em seu perfil da referida rede social.

Hoje, mesmo os mais conservadores, que dificultam a legitimidade de sintagmas nominais como os apresentados nas figuras 1, 2 e 3, têm consciência de sua existência. Prova disso é que, quando essa variante emergente sai dos limites da comunidade LGBTQ+, possui leitura pejorativa (CARVALHO, 2020) e causa incômodos àqueles desfavoráveis às manifestações desse grupo social. O comportamento dessas pessoas, portanto, está relacionado ao seu posicionamento contrário a indivíduos que compõem um grupo social diferente do seu, ou seja, a exogrupos (ou *outgroups*, do inglês).

Existe uma tendência generalizada nos indivíduos para avaliar exogrupos de uma forma menos favorável do que grupos a que pertencem (HEWSTONE; RUBIN; WILLIS, 2002), principalmente se esse exogrupo for estigmatizado pelo grupo do qual esses indivíduos fazem parte. “O estudo das relações intergrupais tem desempenhado um papel central no entendimento dos processos motivacionais e perceptivos que governam as respostas dos indivíduos aos membros dos exogrupos” (MARCELINO, 2007, p. 17). Sobre essa questão, Guisan pontua:

O Outro preenche um papel essencial na definição da identidade do próprio sujeito; conseqüentemente, a língua do outro terá uma função primordial na delimitação do domínio da língua, já que é considerada como elemento da identidade coletiva. Daí eleger o Outro e a sua língua como ameaça para a “pureza”, há apenas uma etapa rapidamente percorrida na história dos nacionalismos em particular, e dos etnocentrismos e racismos, onde o desprezo através da representação das outras línguas alimenta os preconceitos em geral (GUISAN, 2009, p. 18)

Reações desfavoráveis às variantes, como *a Douglas* e *a Diego* são decorrentes de uma atitude prescritiva embasada na noção de “erro”. Mas, como vimos, essas formas já fazem parte da norma linguística de uma comunidade, ocupando os mesmos contextos linguísticos em que as variantes previstas pela gramática tradicional podem ocupar. Assim, estamos diante de uma construção linguística que existe na língua e,

mais do que isso, que se caracteriza como uma variante emergente para a norma de concordância de gênero.

Dado o fenômeno que será controlado neste trabalho e dada a comunidade que dinamiza as regras linguísticas acerca do fenômeno, tornando-o parte de suas práticas sociais, interessa-nos aqui tratar do problema da avaliação que está relacionada ao “nível da consciência social” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p. 124). Labov (2008 [1972]) defende que tal consciência está muito além de uma mera imitação, por parte dos sujeitos, do comportamento de indivíduos que pertencem a grupos tidos como superiores, tal como é defendido pela ideia bloomfieldiana, ou de um empréstimo - grupos de menor prestígio social pegam emprestado a forma linguística daquele com maior prestígio na sociedade. Nesse domínio, destacam-se as atitudes linguísticas definidas como “como qualquer índice cognitivo ou comportamental de reações avaliativas em direção às variedades diferentes de língua ou de seus falantes” (GILES; RYAM; SEBASTIAN, 1982, p. 7).

O nível de consciência sobre os valores sociais dados a uma variante nunca segue uma homogeneidade. Ou seja, o valor social de determinada variante não é compartilhado da mesma forma por todos os sujeitos. O significado que cada um emprega a ela pode sofrer interferência de um conjunto de fatores sociais, como ideologia, crenças e sentimento de pertencimento grupal.

Diante do exposto, este estudo investigativo oferece uma discussão de como não só a variante que emerge na comunidade LGBT+ (a saber: a realização de artigo feminino diante de antropônimo masculino), como também as demais variantes previstas (realização *versus* não-realização de artigo definido diante de antropônimos) são avaliadas por indivíduos que estão dentro e fora da referida comunidade, levando em conta seu sentimento de inclusão (em outras palavras, o senso de pertencimento). Para tanto, selecionamos, via amostra por conveniência (FREITAG, 2018), 60 universitários domiciliados em Recife e estratificamo-los de acordo com sua autoidentificação de gênero e comunidade, a fim de verificarmos quais os efeitos dessas variáveis em sua avaliação. Visando à obtenção de suas atitudes linguísticas, elaboramos um questionário de perguntas contendo teste de julgamento com escala, mais especificamente, a escala Likert.

Para o desenvolvimento deste estudo, o artigo encontra-se assim estruturado: na seção 2, abordaremos o quadro teórico que dá suporte à análise; na seção 3, apresentam-se os procedimentos metodológicos adotados; na seção 4, realiza-se a análise das atitudes linguísticas, enfocando o sentimento de inclusão dos colaboradores deste estudo e, na seção 5, são apresentadas as considerações finais.

2 O quadro teórico

Como esta pesquisa centra o olhar na avaliação voltada ao sentimento de inclusão (senso de pertencimento) dos colaboradores frente à realização de artigo feminino diante de antropônimo masculino, a abordagem ancora-se na perspectiva teórica desenvolvida Labov (2008 [1972]) através de seu estudo pioneiro realizado na ilha estadunidense de Martha's Vineyard, localizada em Massachusetts. Nesse estudo, foi analisada a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/, considerando não só questões linguísticas, mas também questões sociais primordiais para o entendimento de um fenômeno sociolinguístico, a saber: o senso de pertencimento.

Estudando as histórias de famílias específicas da ilha, há dois colaboradores (pai e filho) que mais centralizam os ditongos na língua falada. O pai é descrito como um homem sério e instruído, interessado pela história da indústria baleeira; o filho, por sua vez, possui nível superior de ensino e tentou a vida no continente, mas voltou à ilha devido ao não interesse em permanecer na cidade grande. Sobre esse jovem, Labov (2008 [1972]) traz à luz um fato interessante. Durante um jantar, um membro da família faz a seguinte observação: “Sabe, o E. nem sempre falou desse jeito... foi depois que ele voltou da faculdade. Acho que ele quer ficar mais parecido com os homens das docas...” (LABOV, 2008 [1972], p 52). Partindo disso, Labov (2008 [1972]) realizou coletas com estudantes da ilha e, com base em entrevistas realizadas na *Martha's Vineyard Regional High School*, percebeu um nítido contraste entre os discentes que pretendem permanecer e os que planejam sair da ilha: aqueles exibem forte centralização, já estes, pouca ou quase nenhuma.

A partir de suas constatações, Labov (2008 [1972]) considera a inegável importância da avaliação subjetiva de seus colaboradores, a saber: a observação do seu senso de pertencimento. Segundo ele, “fica evidente que o significado imediato desse traço fonético é ‘vineyardense’. Quando um homem diz [rɛIt] ou [hɛUs], está inconscientemente expressando o

fato de que pertence a ilha: de que ele é um dos nativos a quem a ilha realmente pertence.” (LABOV, 2008[1972], p. 57). A centralização, então, é uma forma que os falantes nativos da ilha têm de mostrar sua identidade enquanto vineyardense, distanciando-se de indivíduos que não pertencem ao local, tal como os milhares de veranistas que chegam ao território de Vineyard anualmente no período de junho e julho. Um de seus entrevistados afirma o seguinte: “acho até que nós usamos um tipo de língua inglesa totalmente diferente... pensamos diferente aqui na ilha... é quase uma língua separada dentro da língua inglesa.” (LABOV, 2008 [1972], p. 49). Não é de surpreender que as diferenças fonéticas se tornam cada vez mais evidentes à medida que os nativos lutam para manter sua identidade. Este, então, seria o significado social da centralização.

Nesse sentido, o fenômeno investigado pelo autor não é diferente de nenhum dos outros traços subfonêmicos de outras regiões que são distinguidas por seu dialeto local. A questão levantada a partir dessa constatação é a seguinte: “por que esse traço se desenvolveu de um modo tão complexo em Martha’s Vineyard, e por que está se tornando mais forte nas faixas etárias mais jovens?” (LABOV, 2008 [1972], p. 57). Como resposta, o autor cita o fato de que “grupos diferentes têm que responder a desafios diferentes a seu *status* nativo” (LABOV, 2008 [1972], p. 57). Segundo o linguista, nas duas últimas gerações, os desafios se tornaram mais acentuados devido às fortes pressões sociais e econômicas que tais grupos receberam. Ele ainda aponta que o grupo composto pelas antigas famílias de ingleses tem se submetido à pressão externa: “seus membros estão lutando para manter sua posição independente diante de um persistente declínio da economia e diante do assédio ininterrupto dos veranistas” (LABOV, 2008 [1972], p. 57). Já os membros da comunidade de orientação tradicional, naturalmente, tendem a validar seus valores em grupos de suas gerações passadas.

Dessarte, o significado social da centralização observada por Labov (2008 [1972]), considerando o contexto de produção controlado pelo autor, é um posicionamento positivo, por parte dos vineyardenses, em relação à ilha. Essa conclusão pode ser confirmada ou rejeitada a partir da desconsideração às variáveis faixa etária, etnia, ocupação e geografia, considerando a relação da centralização com a variável independente das atitudes. Para tanto, o autor considera três fatores que podem explicar a ocorrência da mudança sonora na ilha vineyardense, a saber: positiva - sentimento definitivamente positivo em relação à ilha; neutra - sentimento nem positivo nem negativo acerca da ilha; negativa - desejo de viver em outro lugar.

O estudo laboviano mostra como o sentimento de pertencimento à ilha de Martha's Vineyard interfere e explica os resultados da centralização. Do total de 65 vineyardenses, 40 possuíam um sentimento positivo em relação à ilha, 19 tinha um sentimento neutro e 6 exprimiam um sentimento negativo e, por isso, desejavam deixar a localidade. Existe, portanto, uma correlação de padrões sociais com o padrão distribucional de uma variável linguística, evidenciando como o sentimento de pertencimento dos indivíduos à comunidade pode interferir fortemente na língua.

Sentir-se incluído, nesse caso, é também sentir-se representado tanto pela variante, quanto pelo seu usuário. Tal sentimento é avaliativo, pois a maioria dos indivíduos não se compara àquilo que julga ser ruim. Vale salientarmos que a associação é um dos princípios que rege as atitudes dos indivíduos (LAMBERT; LAMBERT, 1972). Quando associamos determinada variante ou pessoa a sentimentos negativos, o que observamos são atitudes/julgamentos também negativos acerca do objeto avaliado. Da mesma forma, quando associamos a variante ou o usuário dessa variante a sentimentos positivos, observamos atitudes positivas a seu respeito. Segundo Moreno Fernández,

Uma atitude favorável ou positiva pode fazer que uma mudança linguística se cumpra mais rapidamente, que em certos contextos predomine o uso de uma língua em detrimento de outra, que o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira seja mais eficaz, que certas variantes linguísticas se confinem aos contextos menos formais e outras predominem nos estilos cuidadosos. Uma atitude desfavorável ou negativa pode levar ao abandono e ao esquecimento de uma língua ou impedir a difusão de uma variante ou uma mudança linguística (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 179).

O sentimento de inclusão que o um sujeito tem com relação a um grupo e, conseqüentemente, às formas linguísticas pertencentes a esse grupo, é um aspecto de suma importância para a sua permanência em tal agrupamento social. Sentir-se incluído é sentir-se representado pelos valores estabelecidos por/em um grupo e estar ligado à percepção de pertença ao grupo e com os laços psicológicos que ligam o indivíduo a esse grupo (TAJFEL, 1981).

Na comunidade LGBT+, esse senso de pertencimento pode ser visto em diversas práticas sociais desempenhadas pelo grupo, incluindo a utilização de formas linguísticas específicas, tal como a realização de

artigo feminino diante de antropônimos masculinos, objeto de estudo desta pesquisa. Esse uso emergente, por seu turno, é uma forma de o indivíduo expor sua autoidentificação com o grupo a que pertence. Embora falar *eu gosto da Douglas* pareça ser uma simples menção àquele de quem se fala, na verdade, é a realização de uma ação no mundo, indo na direção de Grice (1982). Ou seja, o falante não apenas descreve seu gosto pela performance de Douglas no vôlei brasileiro, mas também inscreve seu sentimento de inclusão, posicionando-se sobre gênero, comunidade, identidade que, por meio da repetição ao longo do tempo, passa a ser algo característico que o define enquanto membro de um grupo social. Assim, realiza atos sociais concretos que são reflexos desse sentimento de pertença. Dito isso, objetivamos verificar como universitários recifenses se sentem representados por tal variante e, para tanto, faremos menção aos procedimentos metodológicos adotados que serão descritos na próxima seção.

3 Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa inscreve-se como uma pesquisa de campo pioneira na cidade de Recife e, para que os dados provenientes das avaliações subjetivas de 60 estudantes universitários referentes ao seu sentimento de inclusão fossem coletados, foi necessária sua aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Federal de Pernambuco, (CAEE 80201917.5.0000.5208). Esses estudantes, maiores de 18 anos e residentes nessa cidade durante um período de, no mínimo, 5 anos, foram separados em dois grupos: a) o grupo 1 (30 estudantes pertencentes à comunidade LGBTQ+) e b) o grupo 2 (30 estudantes não-pertencentes à comunidade LGBTQ+).

Vale referirmos que a amostra é não aleatória por conveniência por acreditarmos que estudantes universitários seriam mais “acessíveis, colaborativos e disponíveis para participar do processo” (FREITAG, 2018, p. 671). Em outras palavras, para que o fenômeno aqui estudado encontrasse seu espaço nas práticas do grupo LGBTQ+, foi necessária uma inserção de questionamentos no domínio dessa comunidade estudantil baseada na realização de uma série de reflexões voltadas para suas questões sociais, como as reflexões referentes à discussão do gênero social e suas representatividades dentro da norma linguística. Por esse motivo, o segmento da comunidade pertencente ou não ao grupo LGBTQ+ recrutado para este estudo é aquele com nível superior de escolarização

e, mais que isso, com acesso às redes e a discussões acerca dos papéis sociais dos sujeitos. Apesar de todos os membros da comunidade serem capazes de participar das práticas que envolvem o grupo, os LGBTQ+ com nível superior de ensino, em sua maioria, são aqueles que têm o poder de formar regras linguísticas e difundi-las entre seus pares, uma vez que estão inseridos em um contexto sociopolítico que contribui para discussões acerca das necessidades sociais do grupo, tal como a identidade, representatividade e visibilidade em busca de seus direitos políticos. Os indivíduos universitários são, então, pensadores estimulados e capazes de implementar e difundir formas emergentes que busquem satisfazer as necessidades mútuas do grupo a que pertencem. São estudiosos, pesquisadores, formadores de opinião com acesso a locais de discussões de visibilidade científica, capazes de iniciar um movimento na busca por uma mudança em algo tão político quanto a língua.

Ao aceitarem, portanto, participar deste estudo, dois instrumentos de coleta de dados foram aplicados aos colaboradores, a saber: (i) ficha social e (ii) teste de julgamento sob a forma de questionário. Os dados pessoais foram os primeiros dados a serem coletados pela ficha social, pois, dessa forma, saberíamos, de início, se os estudantes contactados seriam colaboradores em potencial para nossa pesquisa. Após essa fase e selecionados os colaboradores, os testes para a obtenção de suas atitudes linguísticas baseadas em seu sentimento de inclusão foram enviados para seu e-mail pessoal.

Sobre os testes de atitudes, elaboramos um questionário para o qual fizemos uso do método não-cronométrico (*offline*) da Escala de julgamento Likert (1932) composta de 5 pontos avaliativos: os pontos 1 e 2 representam um posicionamento positivo; o ponto 3, um posicionamento neutro e os pontos 4 e 5, um posicionamento negativo. Sobre o ponto neutro na escala, assumimos com Lucian e Dornelas (2005), que sua existência é importante, uma vez que pode auxiliar o respondente em caso de indecisão ou não aplicabilidade. Observe-se, portanto, a escala adotada nos testes:

1. Totalmente Excluído;
2. Parcialmente Excluído;
3. Indiferente;
4. Parcialmente Incluído;
5. Totalmente Incluído.

Os pontos expostos na escala de julgamento para aferirmos o sentimento de inclusão dos nossos colaboradores acerca das variantes foram embasados no trabalho realizado por Labov (2008 [1972]). Em nosso questionário, inserimos, além de frases distratoras, como: *a gente somos brasileiros e não desistimos nunca* e *João é muito calado*, sentenças em que o sintagma nominal controlado aparecia, a saber: *a Paulo demora demais para se arrumar*. Diante desses estímulos, os colaboradores deveriam utilizar as opções presentes na escala para sinalizar o seu sentimento de inclusão com relação ao exposto. Cada colaborador desta pesquisa esteve diante a 12 estímulos.

Os testes foram apresentados aos colaboradores por meio da Plataforma *Google Forms*, especializada na formulação de testes via *internet*. Esse recurso foi utilizado devido ao seu formato prático de coleta, armazenamento e tratamento de dados. Além disso, a referida ferramenta de pesquisa ofereceu comodidade aos entrevistados que, por seu turno, responderam ao questionário em dia e local de sua preferência.

Ademais, buscando realizarmos uma análise que vai além da apresentação de percentuais que permitem observar apenas a frequência de uso de uma ou de outra variante linguística, os resultados foram interpretados com o auxílio do pacote estatístico do JASP, que nos forneceu uma análise descritiva por meio de *boxplot*, e uma análise estatística por meio do teste de Análise de Variância (ANOVA). Vale referirmos que essa análise é bivariada, não tendo sido construído um modelo de análise multivariada.

4 A análise dos dados: enfocando o sentimento de inclusão

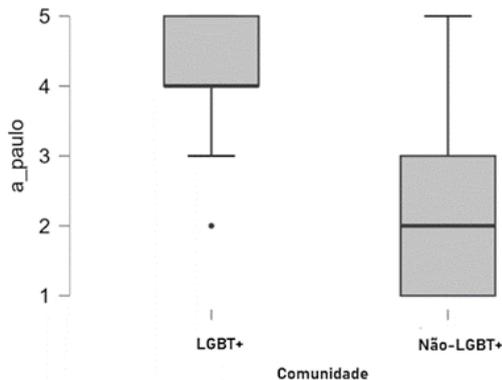
Para tratarmos da avaliação da variante emergente (ex.: *a Paulo*) ainda pouco explorada nos estudos sociolinguísticos, iremos centrar nossa atenção aqui no sentimento de inclusão dos colaboradores, tanto aqueles que pertencem à comunidade LGBTQ+ quanto aqueles que não pertencem a tal comunidade. Ou seja, verificaremos o quanto esses colaboradores, juízes nos testes, se sentem representados por essa variante. Vale lembrarmos que nosso objetivo inicial era realizarmos uma análise comparativa, em que também considerávamos as demais variantes, a saber: *Paulo*, em que o antropônimo não é acompanhado por um artigo definido, e *o Paulo*, em que o artigo definido compartilha com o antropônimo o mesmo gênero gramatical. Todavia, em nossa análise,

essas variantes não foram, estatisticamente, significativas. Dessa forma, discorreremos, nesta seção, apenas acerca da variante *a Paulo*.

De início, expomos nossos dados ao teste *Shapiro*, para verificarmos a normalidade de nossa amostra. Ao analisarmos os resultados referentes à comunidade LGBTQ+ por meio da aplicação do teste, verificamos que a sua distribuição não é normal, apresentando $p > 0,001$, descartando assim a hipótese nula.

Por meio do gráfico 1, conseguimos verificar que há uma diferença acentuada entre os dois grupos controlados: os colaboradores apresentam percepções diferentes a depender da comunidade a que pertencem. O *boxplot* abaixo apresenta o resultado descritivo de nossa amostra. Vejamos:

Gráfico 1 – *Boxplot* do julgamento do sentimento de inclusão dos colaboradores para a forma em que o artigo e o antropônimo não compartilham do mesmo gênero gramatical



Fonte: Autores desta pesquisa

A partir da observação do gráfico 1, notamos, no que tange à percepção dos colaboradores pertencentes à comunidade LGBTQ+, que a amplitude dos dados vai do ponto 3 ao ponto 5, mostrando uma dispersão pequena em nossa amostra, indicando que os colaboradores LGBTQ+ oscilaram entre o ponto neutro e os pontos que indicavam os seus sentimentos de inclusão pela variante alvo. A mediana, representada pela linha mais escura da caixa, centraliza-se no ponto 4 do gráfico.

Quando observamos o resultado alcançado por meio da análise da percepção dos colaboradores pertencentes à comunidade não-LGBT+, temos também uma distribuição que não é normal ($p > 0,001$). Como podemos perceber, a amplitude dos dados vai de 1 a 5, evidenciando uma grande dispersão na amostra da comunidade não-LGBT+, diferentemente da encontrada na comunidade LGBT+. No que diz respeito à mediana, ela encontra-se no ponto 2, indicando um sentimento de não inclusão desses colaboradores na variante em questão.

O resultado mencionado é justificado pela interferência da variável na percepção de nossos colaboradores. Após análise, percebemos que há efeito da variável comunidade na percepção de nossos colaboradores ($f(1, 56) = 34.246, p > 0,001$). Sendo assim, colaboradores pertencentes à comunidade LGBT+ se sentem representados pela variante em que um artigo feminino antecede um antropônimo masculino, como *a Paulo*. Por outro lado, aqueles que não pertencem à comunidade LGBT+ não possuem esse sentimento.

Essa constatação evidencia os valores sociais dados à variante em análise pelos membros de cada comunidade: existe uma valorização da variante pelo falante LGBT+. Tal valorização pode estar relacionada à busca por visibilidade desses indivíduos na sociedade, sendo seu sentimento de pertencimento a essa comunidade marcado linguisticamente. Autores como Lau (2015) já sinalizavam para o fato de o uso dessa variante estar atrelada às lutas e causas dessa comunidade. Assim, a variante em questão possui significados sociais voltados para a identidade desses membros.

Destacamos que o caminho que trilhamos com esta análise evidenciou-nos que estamos diante de uma variante marcadora de fronteiras entre comunidades linguísticas nos termos de Guy (2003) quando afirma que a comunidade é um grupo de falantes que: (a) compartilham traços linguísticos que distinguem este grupo de outros; (b) se comunicam relativamente mais entre eles do que com outros, e (c) compartilham normas e atitudes frente ao uso da linguagem.

A variante aqui analisada é entendida pela comunidade LGBT+ como sendo uma arma linguística na luta pela aquisição de direitos políticos, assim como uma forma de desempenhar suas questões identitárias (de gênero, de orientação afetivo-sexual etc.), sendo assim favorecida pelos membros dessa comunidade, ou seja, pelo *ingroup*. Uma reação contrária a essa variante ou ao seu usuário também é um

favoritismo *ingroup*: quando indivíduos heterossexuais não se sentem incluídos através do uso dessa variante, neste caso, o *outgroup*, eles se identificam, sentem-se representados por outras variantes. Nesse caso, o favoritismo *ingroup* resulta em um sentimento desfavorável aos indivíduos e à variante de outras comunidades (HEWSTONE; RUBIN; WILLIS, 2002). No caso deste estudo, esse favoritismo é um mecanismo poderoso para promover as práticas sociais que unem os colaboradores em uma mesma comunidade, garantindo-lhe sua construção identitária como é o caso da comunidade LGBTQ+.

5 Considerações finais

A observação das avaliações dos universitários recifenses sobre a realização do artigo feminino diante de antropônimo masculino foi um contributo adicional ao entendimento do funcionamento dessa forma emergente, tomando por base o sentimento de inclusão desses falantes. Essa variante sofre interferências da variável comunidade: indivíduos pertencentes à comunidade LGBTQ+ sentem-se incluídos, isto é, representados por essa variante; já aqueles que não se declararam pertencentes à referida comunidade não se sentem representados por ela. Sendo as atitudes diante de fenômenos linguísticos um critério fundamental na distinção de comunidades (cf. GUY, 2003), é plausível dizermos que estamos diante de uma variante marcadora de fronteiras entre comunidades linguísticas.

Em linhas gerais, diante da discussão empreendida aqui, acreditamos que este estudo investigativo voltado ao problema da avaliação inscreve-se como uma contribuição adicional às investigações sociolinguísticas realizadas no Brasil, partindo da análise do sentimento de inclusão de universitários recifenses sobre a realização de artigo feminino diante de antropônimo masculino. A observação desse fenômeno à luz da abordagem prevista na gênese da Sociolinguística (LABOV, 2008 [1972]) voltada às avaliações linguísticas dos falantes não só quanto ao reconhecimento e à avaliação do uso das formas, mas também aos efeitos desse uso em seu comportamento constitui-se uma perspectiva de análise ainda escassa até onde temos verificado.

Declaração de autoria

Declaramos que o autor contribuiu com a construção deste artigo através das seguintes etapas: a) escolha do objeto de pesquisa, da teoria e do recorte de estudos sobre a temática; b) aplicação de questionários; c) rodada dos dados no programa estatístico; d) interpretação dos resultados e e) elaboração do texto a partir das seções que compõem o artigo. Quanto à coautora, colaborou com o delineamento e discussões teórico-metodológicas e contribuiu não só com a elaboração da macroestrutura do artigo como também com sua revisão final.

Referências

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- CALLOU, D.; SILVA, G. M. O. O uso do artigo definido em contextos específicos. In: HORA, D. (org.). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 11-27.
- CARVALHO, D. S. Aspectos da morfossintaxe de gênero no português brasileiro. *Cuadernos de la ALFAL*, Santiago, v. 2, n. 12, p. 357-384, 2020.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5.ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2009.
- FREITAG, R. M. Ko. Amostras sociolinguísticas: probabilísticas ou por conveniência? *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 26, n. 2, p. 667-686, 2018. DOI: 10.17851/2237-2083.26.2.667-686.
- GILES, H.; RYAN, E. B.; SEBASTIAN, R. J. An integrative perspective the study of attitudes toward language variation. In: GILES, H.; RYAN, E. B. (ed.). *Attitudes towards language variation: social and applied context*. London: Edward Arnold, 1982. p. 1-19.
- GRICE, H. P. Lógica e conversação. In: DASCAL, M. *Fundamentos metodológicos da linguística*. Campinas: Global Universitária, 1982. p. 81-103. v. IV
- GUISAN, P. *Língua: a ambiguidade do conceito*. São Paulo: Contexto, 2009.
- GUY, G. *As comunidades de fala: fronteiras internas e externas*. *ABRALIN: Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, v. 1, 1979. Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, 2003. p. 32-37.

HEWSTONE, M.; RUBIN, M.; WILLIS, H. Intergroup bias. *Annual Review of Psychology*, v. 1, n. 53, p. 575 - 604, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.53.100901.135109>

JASP Team. JASP (Version 0.17) [Computer software]. 2023. Disponível em: <https://jasp-stats.org>.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre & Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. *Psicologia social*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

LAU, H. D. A (des)formação do pajubá: fatores da linguagem da comunidade LGBT. *Temática*, v. 11, n. 2, p. 90-101. 2015.

LIKERT, R. A technique for the measurement of attitudes. *Archives of Psychology*, New York, v. 22, n. 140, p. 5-55, 1932.

MARCELINO, P. A. F. A. *Representações sociais e relações intragrupais*. 2007. 37p. Dissertação (Mestrado em Psicologia social e das organizações) - Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, 2007.

MORENO FERNÁNDEZ, F. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

PANAGIOTIDIS, P. (Grammatical) gender troubles and the gender of pronouns. In: ERIC, M.; DALI, M.; ZAREIKAR, G. Z. (org.). *Gender and noun classification*. Oxford: Oxford University Press, 2020. p.186-199.

PEREIRA, D. K. F. Falar “A Pablló” é possível no português? *Roseta*, Campinas, v. 3, n. 2, p. 1-3. 2020.

TAJFEL, H. *Grupos humanos e categorias sociais*. Lisboa: Livros Horizonte, 1981.

VERÍSSIMO, V. *A sintaxe dos antropônimos em variedades do português brasileiro*. 2012. 278f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Campinas, 2021.

WEINREICH, W.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for theory of Language change. In: LEHMANN, P.; MALKIEL, Y. (ed.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 95-188.



Diversidad de género y variación lingüística en el español de América: procesamiento de estereotipos y morfología de género en Argentina y Chile

Gender diversity and linguistic variation in American Spanish: processing gender stereotypes and morphology in Argentina and Chile

Noelia Ayelén Stetie

Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) / Universidad de Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, Instituto de Lingüística, Ciudad Autónoma de Buenos Aires/ Argentina

nstetie@conicet.gov.ar

<https://orcid.org/0000-0001-7602-6942>

Camila Martínez Rebolledo

Centro de Justicia Educacional, Pontificia Universidad Católica de Chile, Santiago de Chile/ Chile

cmatineb@uc.cl

<https://orcid.org/0000-0001-9559-8014>

Gabriela Mariel Zunino

Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) / Universidad de Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, Instituto de Lingüística, Ciudad Autónoma de Buenos Aires/ Argentina

gmzunino@conicet.gov.ar

<https://orcid.org/0000-0002-0473-6192>

Resumen: En los últimos años, el uso de variantes de lenguaje inclusivo de género se ha extendido considerablemente en las comunidades hispanohablantes. Sin embargo, existen pocos estudios que analicen los usos espontáneos y el procesamiento de estas formas y menos aún que se centren en las variedades de español habladas en América Latina. También hay pocos estudios en español que analicen las complejas relaciones entre los estereotipos y la morfología de género. En este artículo, proponemos una tarea para evaluar el procesamiento de la innovación morfológica no binaria [-e] en dos comunidades lingüísticas (Argentina y Chile). Para ello, consideramos dos variables independientes (sesgo de estereotipicidad y morfología de género) en la comprensión de oraciones que presentan nombres de rol con estereotipicidad masculina y femenina. Analizamos tres variables dependientes: tiempo de lectura del sintagma nominal (determinante + nombre de rol), tiempo de lectura de la palabra inmediatamente posterior (*spillover*) y tiempo de lectura total de la oración. Encontramos diferentes patrones de rendimiento entre las distintas comunidades lingüísticas y las variables dependientes analizadas. Por un lado, las diferencias en los dos grupos poblacionales señalan la importancia de analizar la variación dialectal en estudios psicolingüísticos. Por otro lado, los diferentes patrones de lectura entre las variables dependientes podrían explicarse a partir de distintos procesos subyacentes: semántica léxica o integración semántica a nivel oracional. Además, la forma no binaria [-e] pareciera funcionar como genérico y no obstaculizar el procesamiento de lenguaje en hispanohablantes de Argentina y Chile.

Palabras clave: psicolingüística; lenguaje inclusivo de género; morfología de género; estereotipos de género; español de América.

Abstract: Recently, the use of gender-inclusive language variants has spread considerably in Spanish-speaking communities. However, few studies analyze the spontaneous uses and processing of these forms and even fewer studies focus on the varieties of Spanish spoken in Latin America. There are also few studies in Spanish that analyze the complex relationships between stereotypes and gender morphology. In this article, we present a task to evaluate the processing of the non-binary morphological innovation [-e] in two linguistic communities (Argentina and Chile). For this purpose, we consider two independent variables (stereotypicality bias and gender morphology) in the comprehension of sentences presenting role nouns with masculine and feminine stereotypicality. We analyzed three dependent variables: noun phrase (determiner + role noun) reading time, spillover word reading time and total sentence reading time. We found different patterns of performance among the different linguistic communities and the dependent variables analyzed. On the one hand, the differences in the two population groups highlight the importance of analyzing dialectal variation in psycholinguistic studies. On the other hand, the different reading patterns among the dependent variables could be explained by different underlying processes: lexical semantics or semantic integration at the sentence level. Moreover, the non-binary form [-e] seemed to function as generic and not to hinder language processing in Spanish speakers from Argentina and Chile.

Keywords: psycholinguistics; gender-inclusive language; gender morphology; gender stereotypes; American Spanish.

Recebido em 01 de setembro de 2022

Aceito em 12 de dezembro de 2022

1 Introducción

Los estudios sobre género en las lenguas naturales han brindado, desde hace años, abordajes muy variados. En la última década, una cantidad de trabajos comenzaron a profundizar el análisis de los diversos modos de articulación entre los rasgos semánticos y gramaticales de género en las lenguas, las representaciones mentales que construyen les¹ hablantes durante la interpretación de discurso, sus conductas sociales y cómo eso aporta a la reproducción de un sentido común sexo-génerico binario y androcéntrico. Además, en los últimos años han surgido en varias lenguas diversas iniciativas y propuestas de lenguaje inclusivo de género que buscan evitar los sesgos de género proyectados por los paradigmas morfológicos de cada lengua. A continuación, presentamos una revisión de los efectos de los estereotipos de género en el lenguaje. Luego, realizamos una síntesis de las diversas propuestas de lenguaje inclusivo de género en distintas lenguas y sus efectos. En tercer lugar, desarrollamos las estrategias propuestas en español y discutimos sus diversos usos en América Latina. Este marco general nos permitirá discutir los datos y la evidencia aportada por nuestro estudio experimental teniendo en cuenta la complejidad del fenómeno y atendiendo especialmente a los debates que se están desarrollando en el contexto latinoamericano.

¹ En este trabajo hemos decidido utilizar la forma morfológica con *[-e]* para referir a personas de cualquier género. Creemos que, como parte de una comunidad lingüística, pero también como parte de una comunidad académica que está transitando debates políticos y transformaciones sociales potentes en relación con los sesgos de género, no solo en la lengua sino también en los modos de construcción y circulación de conocimiento, esta decisión aporta a la reflexión y el gesto performativo vuelca a las prácticas concretas del ámbito científico discusiones actuales y profundas sobre las innumerables proyecciones de un ordenamiento heterocispatriarcal en las distintas dimensiones de la vida pública y privada de las personas.

1.1 Lenguaje, morfología de género y estereotipos

La morfología de género supone un panorama variado en términos interlingüísticos y complejo respecto de los paradigmas que presenta cada lengua en particular. Con el fin de organizar este marco y precisar el abordaje descriptivo, se han propuesto diversas taxonomías (DIXON, 1987; GYGAX *et al.*, 2019; HELLINGER; BUßMANN, 2001; LEAPER, 2014). Las clasificaciones más recientes (GYGAX *et al.*, 2019) distinguen cinco tipos de lenguas: con género gramatical, con combinación de género gramatical y natural, con género natural, sin género con algunos rastros de género gramatical, y sin género. El español, junto con otras lenguas como el francés o el alemán, se encuentra en el primer grupo, en el que el género controla la concordancia gramatical y tanto los sustantivos que refieren a entidades animadas (*la niña*) como aquellos que tienen referentes inanimados (*el árbol*) tienen género asignado.

En este sentido, uno de los focos de estudio, tanto en español como en otras lenguas, ha sido el funcionamiento del masculino genérico, es decir el uso del género masculino para referir a entidades con distintos géneros (*los niños, los presidentes*). La referencia unívoca como genérico que plantean las gramáticas tradicionales para el masculino genérico (AMBADIANG, 1999; MENDÍVIL GIRÓ, 2020) ha sido cuestionada desde enfoques sociolingüísticos y pragmáticos que sugieren que el masculino genérico impone un sesgo inicial de interpretación (BARRERA LINARES, 2019; CABEZA PEREIRO; RODRÍGUEZ BARCÍA, 2013; GIAMMATTEO, 2020; MÁRQUEZ, 2013; MENEGATTI; RUBINI, 2017; MENEGOTTO, 2020). Diferentes estudios psicolingüísticos realizados en distintas lenguas postulan que el masculino genérico presenta dicho sesgo y que, en la mayoría de los casos, tiende a ser interpretado consistentemente con una referencia exclusiva a varones (BRAUN; SCZESNY; STAHLBERG, 2005; CACCIARI; PADOVANI, 2007; GARNHAM, 2008; GYGAX; GABRIEL; SARRASIN; OAKHILL; MISERSKY; MAJID; SNIJDERS, 2019; PINHEIRO; FREITAG, 2020; SCZESNY; FORMANOWICZ; MOSER, 2016; STETIE; ZUNINO, 2022a; ZUNINO; STETIE, 2022). Esto, además, tiende a interactuar con otros factores lingüísticos y no lingüísticos.

Entre los pocos estudios empíricos que analizan este fenómeno en español, corresponde mencionar dos trabajos. Con hablantes chilenos, Kaufmann y Bohner (2014) analizaron la forma binaria “con barra” (*los/as*) y dos innovaciones morfológicas para generar formas inclusivas no

binarias (-@ y -x). El experimento consistía en la lectura de relatos cortos que luego los participantes debían completar y otorgarles nombres propios a los protagonistas. Si bien en los completamientos encontraron un sesgo débil modulado por la identidad de género de cada participante, no hallaron diferencias debidas a la forma lingüística utilizada en los ítems. Por su parte, Román Irizarry (2019) evaluó las diferencias en el procesamiento entre el masculino genérico, el femenino utilizado como genérico y la forma no binaria [-x] en un estudio de seguimiento de movimiento oculares con hablantes puertorriqueños. En el tiempo total de fijaciones encontró que la forma con mayores tiempos fue el femenino utilizado como genérico, luego la variante no binaria [-x], seguida del masculino genérico.

Por otra parte, en trabajos recientes (STETIE; ZUNINO, 2022a; ZUNINO; STETIE, 2022), hallamos efectos significativos que respaldan la hipótesis de una interacción entre estereotipos de género y morfología de género en español. En una tarea de lectura y comprensión de oraciones, comparamos el procesamiento de nombres de rol con distinta estereotipicidad y en tres variantes morfológicas de genérico actualmente en uso en español –el masculino genérico (-o) y dos formas no binarias (-e y -x)–. Encontramos que la capacidad de referir a grupos de personas sin género uniforme que tendría el masculino genérico según propuestas gramaticales clásicas parece estar modulada por la estereotipicidad de los nombres de rol. Los nombres de rol estereotípicamente masculinos (*camioneros, plomeros*) fueron interpretados como referidos exclusivamente a un grupo de varones, mientras que aquellos de estereotipicidad baja (*alumnos, niños*) sí lograron construir una referencia efectivamente genérica. Además, las formas no binarias [-e] y [-x] provocaron consistentemente una referencia hacia grupos mixtos y con menores tiempos de procesamiento que el masculino genérico, independientemente del nivel de estereotipicidad.

La estereotipicidad de los nombres de rol no solo se ha estudiado en relación con el procesamiento del masculino genérico. Existen múltiples estudios que se han encargado de analizar la naturaleza de los estereotipos de género, el modo en que estos se construyen como representaciones mentales estables individuales, pero asociadas fuertemente a factores socio-culturales, y los diversos vínculos que pueden establecer con el lenguaje. Hay trabajos que incluso plantean que la información sobre estereotipos de género, si bien parte de nuestro conocimiento general sobre el mundo, tendría una naturaleza distinta y

específica que, a su vez, mantiene relaciones particulares con las distintas marcas gramaticales y rasgos semánticos de género que las lenguas codifican (CONTRERAS; BANAJI; MITCHELL, 2012; MENEGATTI; RUBINI, 2017; MOLINARO; SU; CARREIRAS, 2016).

Estudios pioneros como los de Carreiras *et al.* (1996) y Duffy y Kier (2004) analizan la influencia de los estereotipos de género en la construcción de modelos mentales durante la comprensión de textos, en inglés y español. Se concentran en la incidencia del contexto textual previo para la comprensión de información de género y utilizan un paradigma que evalúa la congruencia e incongruencia de la información semántica explícita y la información implícita ofrecida por los estereotipos de género, respecto de un pronombre personal con marca morfológica de género². En virtud de las diferencias que se proyectan a partir del paradigma de género de cada lengua y los requerimientos de concordancia en cada caso, hay que destacar resultados diferentes para español e inglés. Si bien en ambas lenguas aparece un efecto de la incongruencia de género, para el caso del español los indicios sobre el género de un referente no provienen solo de las representaciones estereotípicas asociadas a cada nombre de rol sino también de las marcas morfológicas explícitas. No obstante, ambos estudios exhiben una incidencia temprana de la información aportada por los estereotipos de género durante la comprensión y que la incongruencia entre estereotipo asociado al nombre de rol y pronombre personal produce un efecto consistente y significativo.

Otros estudios como los de Canal *et al.* (2015) y Siyanova-Chanturia *et al.* (2012) también indagan sobre la congruencia e incongruencia de género entre un nombre de rol y un pronombre personal. Estos trabajos utilizaron la técnica de EEG-ERP y se desarrollaron en inglés y en italiano. En ambos casos, se manipuló el tipo de información de género que porta el nombre: por un lado, información léxica, como el caso de *padre*; por otro lado, información estereotípica, como *enfermera* o *camionero*. Los patrones reportados en cada estudio presentan particularidades, pero ambos encuentran correlatos neurales del efecto de incongruencia de género hallado en experimentos conductuales. Además,

² En los experimentos utilizaron oraciones en inglés, como *The baby-sitter settled down to watch a video. Then he/she heard the baby crying*, y en español, como *El carpintero/La carpintera tomó las medidas para hacer el armario. Era un encargo bastante urgente. Él/Ella tenía que terminarlo en el plazo de una semana*.

es interesante destacar que en los dos estudios se exhibieron diferencias consistentes debidas al tipo de información de género involucrada (léxica y estereotípica): componentes N400 asociados a los estereotipos de género y P300 y/o P600 para palabras con información de género codificada léxicamente (interpretados en la línea de las violaciones de concordancia).

1.2 Estrategias de lenguaje inclusivo de género en distintas lenguas

El estudio de las potenciales asimetrías en los sesgos vinculados con las marcas de género gramatical no es nuevo y ha mostrado resultados confluyentes en distintas lenguas, incluso con paradigmas de género muy distintos: el masculino en su función genérica condiciona sistemáticamente la representación hacia estereotipos asociados a varones cis, mientras invisibiliza representaciones asociadas a mujeres y disidencias (BRAUN *et al.*, 2005; CACCIARI; PADOVANI, 2007; GYGAX *et al.*, 2008; MISERSKY *et al.*, 2019; PINHEIRO; FREITAG, 2020; SCZESNY *et al.*, 2016; STETIE; ZUNINO, 2022a; ZUNINO; STETIE, 2022).

En este marco, en las últimas décadas han surgido, en distintas lenguas, propuestas para propiciar el lenguaje inclusivo de género o el lenguaje justo con el género (PALMA *et al.*, 2023; GIL; MORALES, 2020; SCZESNY *et al.*, 2016; ZUNINO; DVOSKIN, 2023). Actualmente, el centro de la discusión se encuentra en las nociones de *género* (en lugar de *sexo*) y de *binarismo*, como una categorización impuesta por la relación lineal entre sexo biológico e identidad de género que contradice los avances y discusiones actuales en torno a las diversidades y disidencias sexo-genéricas (CAMERON, 1998; GIL; MORALES, 2020; KOESER; SCZESNY, 2014; PAPADOPOULOS, 2021).

Las distintas estrategias propuestas y analizadas en cada lengua pueden clasificarse en tres grupos y, en la mayoría de los casos, conviven en el uso espontáneo de sus hablantes: feminización o duplicación, neutralización o innovación. Las propuestas de feminización o duplicación se basan en la utilización de formas masculinas y femeninas, usualmente con barra, o bien para pronombres o bien para desinencias flexivas: *él/ella*, *he/she*, *los/as carpinteros/as*. El segundo grupo es el que sostiene el uso de sustantivos epicenos, colectivos o construcciones sintagmáticas que eviten la marca de género gramatical, por lo que pueden ser considerados “neutros” respecto del género: *las personas*, *la humanidad*. Por último, dentro de las propuestas de innovaciones,

existen, a su vez, distintas líneas según se concentren en innovaciones léxicas, morfológicas o meramente (orto)gráficas. Entre las innovaciones léxicas, las más usuales son los pronombres nuevos como *hen* no binario en sueco (RENSTRÖM; LINDQVIST; GUSTAFSSON SENDÉN, 2022; VERGOOSSEN; PÄRNAMETS; RENSTRÖM; GUSTAFSSON SENDÉN, 2020), las refuncionalizaciones como el *they* singular en inglés (BRADLEY; SALKIND; MOORE; TEITSORT, 2019; CAMILLIERE; IZES; LEVENTHAL; GRODNER, 2021) o los sustantivos compuestos como *policeperson* –que supone una combinación entre estrategias de innovación y neutralización– (LINDQVIST; RENSTRÖM; GUSTAFSSON SENDÉN, 2019). Entre las innovaciones propiamente morfológicas, podemos ubicar la variante no binaria [-e] en español (MENEGOTTO, 2020; PESCE; ETCHEZAHAR, 2019; STETIE; ZUNINO, 2022a) y en portugués (MIRANDA, 2020; MOURA, 2021), que funciona tanto en lengua oral como escrita³, e incluso el asterisco de género en alemán, que si bien parece una mera marca gráfica, tiene asociada una forma de pronunciación en la oralidad (FRIEDRICH; DRÖSSLER; OBERLEHBERG; HEISE, 2021; KÖRNER; ABRAHAM; RUMMER; STRACK, 2022). La variante [-x] en español y en portugués o el punto intermedio en francés (*chef:fe*)⁴, en principio, parecen funcionar como marcas ortográficas sin clara proyección a la oralidad (TIBBLIN; VAN DE WEIJER; GRANFELDT; GYGAX, 2022; XIAO; STRICKLAND; PEPERKAMP, 2022).

Entre los resultados de trabajos realizados sobre las distintas propuestas hay un elemento repetido de modo consistente: el uso de la variante morfológica masculina no logra representación genérica. Sin embargo, también parece haber otro dato relativamente sistemático: las distintas estrategias inclusivas funcionan mejor cuando son usadas en plural y para reemplazar el uso genérico respecto de cuando las formas

³ En el caso del portugués es más compleja la cuestión de la oralidad, ya que su pronunciación obligatoria es idéntica a la del masculino para varias palabras (PALMA *et al.*, 2023). Por eso también han surgido otras propuestas como el uso de la [-u] (MIRANDA, 2020).

⁴ De las innovaciones morfológicas mencionadas, el punto medio en francés es visto como una contracción entre la forma femenina y la masculina, motivo por el cual no es utilizado, hasta donde sabemos, para referir a personas no binarias. Para este caso, se utilizan otras innovaciones morfológicas, con un uso menos extendido, como la [-x] para el singular y la [-z] para el plural (ALPHERATZ, 2019).

no binarias se usan para nombrar o referir a personas individuales que no se autoperceben dentro del binarismo sexo-genérico tradicional.

Por ejemplo, para el sueco, Renström *et al.* (2022) analizaron el uso del pronombre no binario *hen* en sus múltiples funciones, frente a formas pronominales generalizadas binarias. En este caso, una diferencia destacable respecto del *they* singular del inglés es que *hen* es una innovación propiamente dicha, mientras *they* supone una refuncionalización del pronombre plural existente: las autoras predicen resultados distintos en cada caso, en parte, por este motivo. Como en la mayor parte de las comunidades lingüísticas, las actitudes de rechazo a formas inclusivas de género pueden categorizarse en dos grandes grupos: *status quo* lingüístico, es decir, posiciones conservadoras respecto de los cambios en las lenguas; y cis-androcentrismo sexo-genérico, es decir, posiciones que no aceptan la posibilidad de otras identidades de género que se aparten de la dicotomía binaria masculino/femenino. En ese marco, las autoras encuentran que el rechazo al pronombre *hen* está más concentrado en el uso de individuación no binaria que en el genérico, lo que estaría mostrando una resistencia a concebir identidades disidentes que no se enmarquen en el binarismo tradicional. Sin embargo, para los dos estudios que analizan procesos subliminales y potenciales obstaculizaciones durante la lectura, no encuentran evidencia que indique mayores costos, dificultades o percepciones de agramaticalidad con el uso del pronombre *hen*. Estos resultados están en línea con lo hallado por Zunino y Stetie (2022) en español. Se trata de un estudio en el que se comparan los resultados de procesos estratégicos puestos en juego en una tarea de juicios de aceptabilidad con los hallados en una tarea de comprensión en la que se evalúan tiempos y tipos de respuesta. Si bien, como decisión consciente, la forma no binaria es menos aceptada, durante la comprensión no genera dificultades ni mayores costos de procesamiento, sino que muestra, incluso, más facilidad y mayor precisión en la generación de referencia mixta (*lxs/es camionerxs/es*, comparado con *los camioneros*).

Otro estudio sobre el sueco es el de Vergoossen *et al.* (2020). Los autores desarrollaron un experimento en el que plantean una tarea de lectura y registran el proceso con técnica de movimientos oculares. El estudio manipulaba el tipo de nombre de rol con el que se vinculaba el pronombre: nombres neutros, nombres asociados a estereotipos de género (*plomero*) o nombres con marcas léxicas de género (*madre*). Tampoco hallaron mayor complejidad de procesamiento para el pronombre *hen* en ninguna de las condiciones evaluadas.

Bradley *et al.* (2019) y Camilliere *et al.* (2021), por su parte, analizan el caso del *they* singular y la innovación *ze* para el inglés, tanto con función genérica como individual. El primer estudio ofrece evidencia sobre el estatus generalizado y estable de *they*: es el pronombre reconocido y reconocible por la mayoría de la comunidad de hablantes, mientras *ze* no logra ser reconocido como una variante no binaria de modo masivo. Pero, además, también notan una asimetría entre las dos funciones del pronombre: el uso para referir a personas individuales no binarias es más restringido y más inestable que el uso genérico. El trabajo de Camilliere *et al.* (2021), por su parte, en una tarea de juicios explícitos sobre la aceptación y naturalidad de *they* singular, exhibe que la percepción de naturalidad del pronombre no binario está condicionada por la presencia/ausencia de marca de género en el nombre al que refiere y de la distancia social entre el referente que funciona como antecedente y el hablante. Hay mayor aceptación en referentes sin marca explícita de género y hay menor aceptación cuando el vínculo entre antecedente y hablante es más familiar o cercano. Es interesante notar que, en un análisis de *cluster* –a partir de generar grupos de no innovadores, innovadores y superinnovadores, en función de considerar las actitudes de cada participante hacia las formas inclusivas no binarias– todos los grupos se vieron modulados por la distancia social como factor. Además, se evidenció una fuerte correlación con la edad⁵: las nuevas generaciones mostraron niveles mucho mayores de aceptación a las innovaciones⁶.

⁵ Si bien no es foco de interés en este trabajo, consideramos importante mencionar que existen trabajos que indagan sobre los efectos de los estereotipos de género según la edad. Radvansky *et al.* (2008) encuentran una tendencia mayor de los adultos mayores a apoyarse en estereotipos de género para la interpretación de textos narrativos. Por su parte, Siyanova-Chanturia *et al.* (2015) muestran que los estereotipos de género parecen estar instalados en las representaciones sobre el mundo y codificados en los lexemas, por ejemplo en los nombres de rol, desde edades muy tempranas (a los cinco años ya constituyen representaciones estables). Los niños exhiben un efecto de los estereotipos de género cuando procesan palabras y piezas de discurso con una asimetría que favorece el sesgo hacia representaciones androcéntricas o de varones como género no marcado; la misma que se mantiene en adultos. Most *et al.* (2007), además, exhiben evidencia para postular que los niños muestran menor flexibilidad que los adultos y son especialmente susceptibles a usar estereotipos de género durante la comprensión de lenguaje.

⁶ Miranda (2020) reporta lo mismo para el lenguaje no binario en Brasil y Cabello Pino (2020), para Chile y Argentina: es utilizado mayoritariamente por personas jóvenes.

Como tercer ejemplo, vale la pena mencionar algunos estudios sobre el asterisco de género en alemán (*Bürger*innen*, *ciudadanes*), que es la forma inclusiva más difundida en la actualidad para esa lengua (FRIEDRICH *et al.*, 2021; KÖRNER *et al.*, 2022). En este caso también surge una distinción entre los usos genéricos y los usos para referencia individual. Si bien en ninguno de los dos trabajos se encuentra evidencia de que el asterisco de género obstaculice el proceso de lectura y comprensión, sí se registra que la función genérica es significativamente más sencilla. Específicamente, Körner *et al.* (2022) muestran que el uso del asterisco de género visibiliza referentes femeninos, ya que la aceptación de oraciones con referencia femenina es muy baja cuando se utiliza antes de alguna forma en masculino genérico, pero el asterisco construye un sesgo consistente hacia la representación de mujeres. Sin embargo, este trabajo no evalúa el funcionamiento del asterisco para la representación de personas no binarias.

Antes de detenernos en el caso del español, consideramos importantes discutir los casos particulares de propuestas de lenguaje inclusivo de género en francés y en portugués. Por un lado, el punto medio en francés, a diferencia de las otras formas analizadas, no es utilizado para referir a personas no binarias (ALPHERATZ, 2019). Este es visto como una contracción entre la forma femenina y masculina y se utiliza de forma genérica – aunque binaria –. Tibblin *et al.* (2022) y Xiao *et al.* (2022) reportaron que las formas en plural con punto medio generaron representaciones de grupos compuestos de igual forma por varones y mujeres y encontraron una diferencia estadísticamente significativa respecto del masculino genérico. Por otro lado, el caso del portugués es particular debido a cuestiones fonológicas (PALMA *et al.*, 2023). Las variantes no binarias más extendidas son la [-e] y la [-x], al menos en Brasil (MIRANDA, 2020; MOURA, 2021), y se utilizan tanto como genérico como para referir a personas no binarias. Estas formas se utilizan particularmente en la escritura. También se utilizan algunos pronombres con [-u] como *elu* (MIRANDA, 2020). A diferencia del español, todavía hay varias formas no binarias en competencia en el uso y no se registran estudios acerca del procesamiento de estas formas morfológicas innovadoras.

Particularmente para el español, el uso de la [-e] como variante morfológica no binaria está registrado en distintas comunidades

hispanohablantes de América⁷ y España (BONNIN; CORONEL, 2021; CABELLO PINO, 2020; CARDELLI, 2018; CASTILLO SÁNCHEZ; MAYO, 2019; ELVIRA RUIZ, 2017; GIAMMATTEO, 2020; GUERRERO SALAZAR, 2021; KALINOWSKI, 2020; LÓPEZ, 2020; RODRÍGUEZ IGLESIAS, 2018; ROMÁN IRIZARRY, 2019; ROMERO; FUNES, 2018; SARDI; TOSI, 2021; SLEMP, 2020; ZUNINO; STETIE, 2022). En este caso, la estrategia supone sumar una tercera variante morfológica no binaria al paradigma de género binario tradicional del español (-o vs -a) en aquellos sustantivos y pronombres que refieren a personas. Esta modificación, a su vez, se proyecta a todas las palabras que deben concordar en género con las primeras (básicamente, determinantes y adjetivos). Una oración como *Ella es una niña muy creativa e inteligentísima*. requiere, en español, modificar varias palabras para generar concordancia. Esta oración en su forma no binaria sería *Elle es une niñe muy creative e inteligentissime*. De este modo, propiciar un cambio en la morfología de ciertas palabras implicaría proyectar modificaciones a toda la estructura de la lengua. Tal como ocurre con las estrategias propuestas en otras lenguas (BRADLEY *et al.*, 2019; CAMILLIERE *et al.*, 2021; FRIEDRICH *et al.*, 2021; KÖRNER *et al.*, 2022; LINDQVIST *et al.*, 2019; MIRANDA, 2020; MOURA 2021; RENSTRÖM *et al.*, 2022; VERGOOSSEN *et al.*, 2020), las formas no binarias tienen básicamente dos funciones: una genérica y la otra para referencia individual.

En ese sentido, es importante mencionar que ninguno de los estudios gramaticales clásicos considera la noción de género no binario en español, aunque parece claro que esa categoría resulta imprescindible para analizar sustantivos que refieren a personas. López (2020), por ejemplo, plantea que “más allá de estas situaciones colectivas y genéricas, el uso de un género gramatical para hablar de una persona no binaria concreta merece consideración” (p. 296) y propone una distinción entre lenguaje no binario indirecto y directo. En el primer caso se hace uso de epicenos o fórmulas generalizantes que evitan las marcas morfológicas de género. El lenguaje no binario directo, en cambio, es aquel que propone el uso de variantes morfológicas nuevas que generan neologismos e innovaciones morfológicas con presencia explícita en la flexión de nombres que refieren

⁷ Las comunidades lingüísticas latinoamericanas responden mayoritariamente a lenguas con género gramatical, con excepciones de casos de lenguas originarias con otros paradigmas de género, pero, como el título indica, en este artículo nos concentramos en el español.

a personas. En esa misma línea trabajan Lindqvist *et al.* (2019) en inglés y sueco para distinguir diferencias de sesgo a partir de tres estrategias distintas: feminización/duplicación, neutralización o innovación. Estas autoras muestran que el uso de palabras existentes clasificadas como neutras (como los sustantivos epicenos) no elimina el sesgo masculinizante. Mientras la duplicación funciona para visibilizar a las mujeres en referencias colectivas, el uso de innovaciones (pronombres, variantes morfológicas, asterisco generizado, etc.) es la única estrategia que logra romper con el marco tradicionalmente construido por las distinciones sexo-genéricas binarias.

En el marco de estudios experimentales sobre lenguaje y cognición, para el español rioplatense, hemos analizado el procesamiento de formas no binarias en contraste con el masculino genérico, en casos de sintagmas nominales en plural y su interacción con la mayor o menor asociación a estereotipos de género vinculados con determinados sustantivos (STETIE; ZUNINO, 2022a, 2022b; ZUNINO; STETIE, 2021, 2022). Esta serie de trabajos fue pionera en el análisis de la comprensión de este tipo de variantes en oraciones escritas. En línea con resultados en otras lenguas (BRAUN *et al.*, 2005; CACCIARI; PADOVANI, 2007; GYGAX *et al.*, 2008; MISERSKY *et al.*, 2019; PINHEIRO; FREITAG, 2020; SCZESNY *et al.*, 2016), hallamos que la capacidad del masculino de funcionar efectivamente como genérico está modulada por la estereotipicidad de los nombres de rol. Además, encontramos que las formas no binarias no acarrearán una complejidad en el procesamiento —de hecho todo lo contrario, ya que no generan dos representaciones en competencia como sucede con el masculino genérico— y provocan consistentemente una referencia hacia grupos mixtos de personas, independientemente de la estereotipicidad de los nombres de rol.

Más allá de los efectos reportados en líneas generales para todas las lenguas, vale destacar que existen diferencias insoslayables a la hora de fomentar o implementar estrategias de usos inclusivos de género en lenguas con género gramatical respecto de lenguas con género natural. Varias investigaciones han mostrado una dificultad de implementación notablemente mayor y, a veces, mayor resistencia por parte de sus hablantes (CABELLO PINO, 2020; SCZESNY *et al.*, 2016; ZUNINO; DVOSKIN, 2023; ZUNINO; STETIE, 2022). Es posible que esto haya obstaculizado el desarrollo de investigaciones empíricas y

experimentales sobre el procesamiento de formas no binarias en lenguas con género gramatical como el español.

1.3 Lenguaje inclusivo de género en comunidades hispanohablantes de América Latina

El uso de distintas estrategias de lenguaje inclusivo de género está muy extendido en las comunidades de habla hispana y, sobre todo, en América Latina (CABELLO PINO, 2020; GUERRERO SALAZAR, 2021). Como ya se mencionó, existen varias propuestas: la duplicación (*los/as alumnos/as; los alumnos y las alumnas*), el femenino genérico, el uso de sustantivos epicenos (*persona*) y colectivos (*el alumnado*) y la incorporación de innovaciones morfológicas, dentro de las cuales se encuentran algunas que parecen funcionar únicamente como marcas ortográficas (*l@s alumn@s; lxs alumnxs*) y la [-e] (*les alumnas*) con proyección a la oralidad y a la escritura. Aunque todas estas estrategias cuentan con presencia en las comunidades hispanohablantes de América Latina, es importante señalar que no se utilizan por igual y que hay varios factores que inciden e influyen para difundir (o no) su uso.

Un primer punto que llama la atención es la escasez de trabajos académicos sobre el uso y procesamiento del lenguaje inclusivo de género. Esto se contrapone a una abundante presencia de notas sobre la temática en medios periodísticos, en diferentes soportes y en distintos países (CABELLO PINO, 2020; GUERRERO SALAZAR, 2021). De esta forma, y también gracias a las redes sociales, se puede rastrear el uso de las diversas estrategias de lenguaje inclusivo de género en Latinoamérica, España y en hablantes de herencia en Estados Unidos. Asimismo, es posible encontrar una profusa producción de guías, manuales, hojas de estilo y diversos recursos con proyección normativa y prescriptiva desde distintas instituciones oficiales, elemento que contrasta con la línea descriptiva y explicativa de la diversidad lingüística propia de los estudios científicos sobre el lenguaje. En este sentido, los estudios que analicen los usos voluntarios y espontáneos de los hablantes de español constituyen un área de vacancia a nivel regional. A continuación, referenciamos primero algunos trabajos de países de América Latina y luego nos centramos en los casos particulares que son foco de esta investigación: Chile y Argentina.

Diversos trabajos académicos registran el uso de las formas no binarias [-x] y [-e] en países de Latinoamérica, como es el caso de México (SLEMP, 2020), Puerto Rico (ROMÁN IRIZARRY, 2019), Uruguay (BONILLA MONTESANO, 2019; FURTADO, 2018) y Colombia (MAHECHA-OVALLE, 2022; SLEMP, 2020). En términos generales, se observa que en varios países de Latinoamérica existe una creciente preocupación por el uso de formas inclusivas de género. Es decir, parece ser evidente que el masculino genérico no siempre logra una representación efectivamente genérica y que son necesarias otras formas de nombrar a grupos mixtos de personas. Sin embargo, las variantes de lenguaje inclusivo de género más utilizadas no son aquellas que permitan referir a personas no binarias, hecho que se observa en varias de las nuevas guías de lenguaje inclusivo propuestas por organismos gubernamentales de distintos países latinoamericanos⁸. En este sentido, en un trabajo reciente con 72 docentes de Bogotá, Mahecha-Ovalle (2022) señala que más del 77% de les docentes entrevistades considera pertinente el uso del lenguaje inclusivo de género en el aula. Sin embargo, al preguntar qué formas utilizan más en la oralidad, el 59.6% declara que la duplicación (*Estimados/as alumnos/as*) y solo el 5.3% afirma utilizar la forma no binaria con [-e] (*Estimades alumnes*).

En Chile, la discusión sobre el lenguaje inclusivo se ha intensificado desde la irrupción del movimiento feminista en el llamado mayo feminista del año 2018 (ZERÁN, 2018), que surgió en las universidades y se expandió a otros espacios. Desde ese momento, ha estado en la discusión pública, con apoyos y resistencias políticas y sociales, cuestionando la utilización del masculino genérico⁹. Al igual que en otros países, en Chile la discusión pública es prolífica, sin embargo,

⁸ Colombia: <https://www.sdp.gov.co/transparencia/informacion-interes/otras-publicaciones/guia-uso-del-lenguaje-incluyente>; México: http://cedoc.inmujeres.gob.mx/documentos_download/101265.pdf; Perú: <https://www.gob.pe/institucion/mimp/informes-publicaciones/1236-guia-para-el-uso-del-lenguaje-inclusivo-si-no-me-nombras-no-existo>; Uruguay: <https://www.gub.uy/secretaria-derechos-humanos/comunicacion/publicaciones/manual-pedagogico-sobre-uso-del-lenguaje-inclusivo-sexista/manual>; Venezuela: <https://ultimasnoticias.com.ve/wp-content/uploads/2021/09/LEY-LENGUAJE-ENFOQUE-DE-GENERO-25-09-21-convertido.pdf>

⁹ Para una radiografía del fenómeno, recomendamos la siguiente nota periodística: <https://www.latercera.com/la-tercera-domingo/noticia/lenguaje-inclusivo-la-saga-continua/QD3JXY3QE5E5FKJGHPLZWHMBO4/>

los estudios sistemáticos no se han popularizado del mismo modo. En términos institucionales, la estrategia de lenguaje inclusivo de género incorporada de forma generalizada se centra en el uso de sustantivos epicenos y colectivos, de modo de evitar la duplicación y las marcas morfológicas innovadoras¹⁰ (BARRERA LINARES, 2019).

Cabe destacar que la percepción y prácticas sexistas en Chile muestran resultados contradictorios, en los que se observa, por ejemplo, que un gran porcentaje de personas manifiestan un alto apoyo al movimiento feminista, pero mantienen prácticas altamente sexistas (JIMÉNEZ-MOYA; CARVACHO; ÁLVAREZ; CONTRERAS; GONZÁLEZ, 2022). Esto plantea un contexto social complejo para las innovaciones lingüísticas que aún parecen estar limitadas a grupos específicos de la población.

En cuanto a la utilización del lenguaje inclusivo de género, hay pocos estudios sistemáticos que aporten datos sobre variantes utilizadas y contextos de uso. Destacan dos trabajos realizados con universitarias. Castillo Sánchez y Mayo (2019) presentan un estudio efectuado con docentes en formación que muestra la misma tendencia presentada por las instituciones: les estudiantes utilizan sustantivos colectivos, evitando las duplicaciones de artículos, el masculino genérico, así como también las innovaciones morfológicas. Destaca, además, el castigo ante el uso de innovaciones lingüísticas que reportan les estudiantes por parte de les docentes (CASTILLO SÁNCHEZ; MAYO, 2019). El segundo estudio mencionado es el de Barrera Linares (2019), quien realizó una encuesta a profesionales universitarias. Allí encontró que, en términos generales, los dos grupos de edad intermedia (35 a 54 años) y las mujeres mostraban una aceptación más limitada del masculino genérico, lo que podría significar una mayor sensibilidad a la utilización del lenguaje inclusivo de género (BARRERA LINARES, 2019).

Por su parte, en Argentina, el uso de formas no binarias como la [-x] y la [-e] (tanto en lengua oral como escrita), especialmente en su función genérica, está difundido de modo relativamente masivo y su uso espontáneo es acompañado por numerosas iniciativas institucionales en

¹⁰ Un ejemplo de esto es el *Manual de Lenguaje Inclusivo y No Sexista: Estrategias para escribir con enfoque de género* (2021) del Ministerio de Desarrollo Social y Familia de Chile disponible en https://extranet.injuv.gob.cl/manual_de_lenguaje_inclusivo_y_no_sexista.pdf

el ámbito educativo, cultural y estatal (BONNIN; CORONEL, 2021; CARDELLI, 2018; PALMA *et al.*, 2023; GIAMMATTEO, 2020; KALINOWSKI, 2020; PESCE; ETCHEZAHAR, 2019; ROMERO; FUNES, 2018; SARDI; TOSI, 2021)¹¹. Es posible encontrar manuales, hojas de estilo y documentación oficial de distinto tipo que habilita y promueve el uso de formas inclusivas de género en sus distintas versiones¹², como modo de hacer visible la relación entre la lengua y los derechos vinculados a la identidad de género y la diversidad sexual (BONNIN; CORONEL, 2021; CHIMENTI *et al.*, 2022; GUERRERO SALAZAR, 2021; SAYAGO, 2019; ZUNINO; DVOSKIN, 2023).

Es interesante notar que, de las innovaciones morfológicas, al momento actual, la forma con [-@] se ha ido perdiendo y se mantiene el uso de las formas no binarias con [-x] y con [-e]. En el primer caso, al ser una forma solo admisible en textos escritos, es usualmente preferida para la escritura, ya que, entre otras cuestiones, no exige modificaciones ortográficas vinculadas con las reglas de conversión grafema-fonema que rigen el sistema ortográfico del español (*científicxs* vs. *científiques*). Para la lengua oral, la variante con [-e] es la que muestra un uso más extendido, aunque existen casos del morfema [-i] para marcar una forma no binaria en palabras que originalmente toman la [-e] como marca masculina. Por ejemplo, *pibes* es la forma masculina y su variante *pibis* sería la forma no binaria.

¹¹ Desde el gobierno nacional se ha emitido documentación que respalda el uso del lenguaje inclusivo de género en todas sus variantes, como la guía (*Re*)*Nombrar* del Ministerio de las Mujeres, Género y Diversidad o la *Guía de recomendaciones para lenguaje inclusivo* del Instituto Nacional de Activismo y Economía Social (INAES), sin embargo este apoyo no es consistente a nivel federal, ya que hay localidades en las que representantes o instituciones se han manifestado explícitamente en contra, como es el caso reciente del Ministerio de Educación de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires (Resolución N° 2566/MEDGC/22 disponible en https://documentosboletinoficial.buenosaires.gob.ar/publico/ck_PE-RES-MEDGC-MEDGC-2566-22-6395.pdf).

¹² Algunos ejemplos son: (*Re*) *Nombrar. Guía para una comunicación con perspectiva de género*: https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/guia_para_una_comunicacion_con_perspectiva_de_genero_-_mmgyd_y_presidencia_de_la_nacion.pdf; *Guía para incorporar un uso inclusivo del lenguaje*: <http://www.unsam.edu.ar/secretarias/academica/dgyds/GUIA-LenguajeInclusivo.pdf>

De todos modos, es preciso decir que existen diferencias según grupo de edad o situación comunicativa, por ejemplo, entre ámbitos públicos y privados, con registros formales e informales. En esta línea, Pesce y Etchezahar (2019) realizaron una encuesta de uso a 613 personas de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires y encontraron que las mujeres y la franja etaria intermedia (23 a 50 años) eran los grupos con mayores actitudes positivas hacia el lenguaje inclusivo.

En síntesis, los usos de lenguaje inclusivo de género son muy variados en las distintas comunidades hispanohablantes. En varios de los países de la región, la estrategia más extendida parecería ser el uso de sustantivos epicenos, colectivos y sintagmas nominales que eviten las marcas de género. En este marco, Chile y Argentina parecieran ser los países que presentan un uso más extendido de la innovación morfológica [-e] (CABELLO PINO, 2020), con la diferencia de que en el segundo caso no solo se ve reflejado en los usos individuales de los hablantes, sino también en guías, materiales y normativa de diversas instituciones. Dicho esto, hay algunos factores que se mantienen constantes en las distintas comunidades lingüísticas: las mujeres y los jóvenes son los grupos que más problematizan el uso del masculino genérico y que más utilizan las distintas estrategias de lenguaje inclusivo de género (BARRERA LINARES, 2019; BONNIN; CORONEL, 2021; PESCE; ETCHEZHAR, 2019; ZUNINO; STETIE, 2022).

2 El presente estudio

Adoptamos un enfoque propio de la psicolingüística experimental y diseñamos una tarea de lectura de oraciones para evaluar las relaciones entre los estereotipos de género, la semántica de los nombres de rol y las marcas de género morfológico durante el procesamiento de lenguaje. Las oraciones siempre presentaban en posición de sujeto sintagmas nominales con nombres de rol estereotípicamente femeninos o masculinos con el objetivo de estudiar los efectos producidos por marcas de género congruentes y no congruentes con nombres de rol asociados a mujeres y a varones (ver apartado 3.2 Materiales). Además, incluimos una forma no binaria: [-e]. Por último, también nos interesaba analizar diferencias en distintas comunidades hablantes de español y, para eso, realizamos el estudio con hablantes de zonas urbanas de Argentina y de Chile, ambas muestras equilibradas en cuanto a la identidad de género de los participantes.

En función de los antecedentes relevados anteriormente, consideramos las siguientes hipótesis experimentales:

1. No habrá diferencias en los patrones generales de lectura entre las dos muestras de datos en virtud de la variedad de español.
2. Habrá un efecto de congruencia entre el sesgo de estereotipicidad y la morfología de género:
 - a) Los nombres de rol con sesgo de estereotipicidad masculina, presentados con morfología masculina, se procesarán más fácilmente, ya que esperamos una interpretación congruente entre morfología masculina y representación de varones. Este patrón se verá para las dos variedades de español analizadas.
 - b) Los nombres de rol con sesgo de estereotipicidad femenina, presentados con morfología femenina, se procesarán más fácilmente, ya que esperamos una interpretación congruente entre morfología femenina y representación de mujeres. Este patrón se verá para las dos variedades de español analizadas.
3. Habrá un efecto de incongruencia entre el sesgo de estereotipicidad y la morfología de género:
 - a) Los nombres de rol con sesgo de estereotipicidad femenina, presentados con morfología masculina (interpretación incongruente), serán más difíciles de procesar debido a que fuerzan la representación de varones para nombres de rol asociados a mujeres. Este patrón se verá para las dos variedades de español analizadas.
 - b) Los nombres de rol con sesgo de estereotipicidad masculina, presentados con morfología femenina (interpretación incongruente), serán más difíciles de procesar debido a que fuerzan la representación de mujeres para nombres de rol asociados a varones. Este patrón se verá para las dos variedades de español analizadas.
4. No habrá un efecto principal del sesgo de estereotipicidad para la condición presentada con morfología no binaria.
5. La potencial complejidad de la forma no binaria estará concentrada en el sintagma nominal o en la región de *spillover* posterior, pero no se proyectará a la lectura total,

porque esperamos que esté vinculada al proceso local de concordancia, pero que no provoque una dificultad global de comprensión o problemas en el establecimiento de coherencia.

6. Las mujeres mostrarán más facilidad para la forma no binaria para las dos variedades, independientemente del sesgo del nombre de rol.

3 Método

3.1 Participantes

En este artículo, presentamos los datos de 162 participantes, 84 de Argentina y 78 de Chile. Todos los participantes son hablantes nativos de español, sus lugares de residencia corresponden a zonas urbanas de cada uno de esos países y no presentan alteraciones en el lenguaje. En todos los casos, la participación fue voluntaria y no remunerada.

La muestra de Argentina se compone de una selección aleatoria realizada a partir de los datos publicados en Stetie y Zunino (2022b). Para dicha selección se tuvo en cuenta la cantidad y características de los datos de la muestra chilena. La muestra está compuesta por 42 mujeres y 42 varones¹³, de entre 18 y 76 años¹⁴ ($M = 33.81$; $DE = 11.74$). En cuanto a la educación, 18 se encuentran cursando una carrera de nivel superior, 55 son graduados universitarios y 18 están realizando estudios de posgrado.

Los participantes chilenos corresponden al total de la muestra recolectada en Chile. La muestra está compuesta por 40 mujeres y 38 varones, de entre 18 y 80 años ($M = 34.14$; $DE = 12.16$). En relación con la formación académica, 20 están cursando una carrera de nivel superior, 32 son graduados universitarios y 26 están realizando estudios de posgrado.

¹³ La identidad de género se constituyó como variable emergente: los participantes podían completar libremente un casillero con su identidad de género. A partir de esas respuestas se constituyeron grupos para realizar el análisis estadístico considerando esta variable como factor. En esta ocasión, y por ser los grupos más numerosos y equilibrados, incluimos en el análisis solo a aquellos que se definieron como varones o mujeres cis.

¹⁴ La muestra no controlaba la edad como variable independiente por lo que no fue analizada como condición experimental. Si buscamos una muestra representativa y, en ese sentido, amplia en términos de edad.

3.2 Materiales

Diseñamos 60 oraciones con nombres de rol, 10 para cada condición según Sesgo de estereotipicidad¹⁵ (masculino vs. femenino) y Morfología (-o, -a, -e). Todas las oraciones comenzaban con un sintagma nominal (determinante + nombre de rol) y luego un predicado simple, sin cláusulas subordinadas. La única referencia al género aparecía en el sujeto, tanto en el determinante como en el nombre de rol. Todas las oraciones tenían una extensión similar: entre 11 y 16 palabras ($M = 13.50$; $DE = 1.26$) y entre 85 y 90 caracteres ($M = 87.47$; $DE = 1.29$). En la Tabla 1 se muestran ejemplos de cada condición.

Los ítems que tuvieran alguna selección léxica particular solo admisible para alguna de las variedades de español fueron modificados y adaptados para lograr la máxima ecología en cada caso. Por ejemplo, *rosa*, *nafta* y *quinta*, se reemplazaron por *rosado*, *bencina* y *parcela*, respectivamente.

TABLA 1 - Ejemplos de ítems experimentales según Sesgo de estereotipicidad y Morfología

Morfología	Sesgo	
	masculino	femenino
-o	Los carpinteros confeccionaron una escalera, bancos y mesas para la nueva escuela local.	Los enfermeros sostienen gran parte de la demanda en los hospitales y centros de salud.
-a	Las carpinteras confeccionaron una escalera, bancos y mesas para la nueva escuela local.	Las enfermeras sostienen gran parte de la demanda en los hospitales y centros de salud.
-e	Les carpinteres confeccionaron una escalera, bancos y mesas para la nueva escuela local.	Les enfermeres sostienen gran parte de la demanda en los hospitales y centros de salud.

¹⁵ Como se evidencia en los ejemplos en la Tabla 1, es posible que efectivamente pueda haber efectos de frecuencia por la distribución desequilibrada de los pares heterónimos sesgados por la estereotipicidad, pero estos datos no se consignan en diccionarios de frecuencia como para poder cuantificarlos.

Como ya se mencionó en la *Introducción*, qué tan estereotípicamente femenino o masculino es un nombre de rol es conocimiento cultural. Por este motivo, hicimos una preselección de 12 nombres de rol y a partir de esos ítems realizamos un estudio normativo previo (ver en STETIE; ZUNINO, 2022b). De los datos obtenidos en dicho normativo, seleccionamos 10 estímulos finales para cada nivel de Sesgo, y los utilizamos para conformar oraciones que refirieran a características típicas de dichas profesiones con las tres formas morfológicas de género: dos binarias (-o, -a) y una no binaria (-e).

En relación con los *fillers* o distractores, utilizamos 60 estímulos que correspondían a otro experimento, como se muestra en el ejemplo (1). Además, para controlar que los participantes estuvieran prestando atención a la tarea y que construyeran una representación global de las oraciones que leían, incluimos preguntas de comprensión con cuatro opciones de respuesta (ver ejemplo 2) en la mitad de los estímulos, tanto de los experimentales como de los distractores. Finalmente, organizamos las oraciones en tres listas contrabalanceadas con 40 ítems cada una: 20 experimentales, 20 distractores; de esos 40 ítems, 20 presentaban preguntas de comprensión.

1. La joven defendió al hijo del profesor que se copió durante la evaluación de matemática.
2. ¿En qué evaluación se copiaron? a. matemática; b. física; c. química; d. geografía.

En cuanto a la adaptación de los ítems a cada variedad, además de los lexemas ya comentados, vale mencionar que solo para un ítem en particular fue necesario cambiar el nombre de rol, lo que llevó a reformular el ítem. En (3) se muestra el ítem original y en (4) la versión adaptada para Chile.

3. Las parteras se especializan en proporcionar cuidados durante el embarazo y nacimiento.
4. Las cosmetólogas se especializan en la estética y la salud de la piel en las personas.

3.3 Procedimiento

La tarea fue diseñada y tomada mediante el software IBEX (Internet Based Experiments: DRUMMOND, 2013). Les participantes accedían a un formulario de *Google* que les asignaba aleatoriamente una

de las tres listas y desde allí eran redirigidas a la tarea. Se presentó primero un consentimiento informado que debía ser aceptado para acceder a las preguntas sobre datos demográficos y al experimento. Se les pidió a los participantes que indicaran identidad de género, máximo nivel de estudios alcanzado y edad. Luego se presentó la consigna y las pautas para realizarla.

Al momento de tomar los datos en Chile, la plataforma IBEX dejó de funcionar y, por ese motivo, reprogramamos la tarea en la plataforma PCIBEX (ZEHR; SCHWARZ, 2018). La única diferencia con la plataforma anterior fue que las tres listas se programaron dentro de la misma tarea y no hizo falta el formulario de *Google* para aleatorizarlas.

La tarea fue de lectura autoadministrada con ventana móvil acumulativa: los participantes leían una oración palabra por palabra a ritmo propio. Luego de cada oración, en la mitad de los casos pasaban a otra pantalla en la que se les presentaba una pregunta de comprensión con cuatro opciones. Una vez que seleccionaban la respuesta, pasaban a una próxima pantalla con un asterisco: en ese punto, podían descansar o continuar con el siguiente estímulo. Se aclaró que tendrían cuatro oraciones de prueba, a las que les seguían tres ítems más de práctica, que para los participantes ya eran parte del experimento. La tarea solo podía realizarse en una computadora con conexión a Internet.

4 Resultados

En este trabajo, consideramos tres variables dependientes para el análisis de los datos: tiempo de lectura del sintagma nominal (determinante + nombre de rol), tiempo de lectura de *spillover* (palabra posterior al sintagma nominal) y tiempo de lectura total. Seleccionamos estas medidas en particular debido a que nuestro interés es analizar dos procesos subyacentes distintos: el procesamiento léxico y morfosintáctico de la variante no binaria dentro del sintagma nominal y el procesamiento sintáctico, semántico y pragmático que implica integrar toda la información de la oración en una representación.

Realizamos el análisis estadístico mediante el programa R versión 4.1.1 en la interfaz R Studio (R CORE TEAM, 2021) y utilizamos los paquetes *tidyverse* (WICKHAM *et al.*, 2019), *lme4* (BATES; MAECHLER; BOLKER; WALKER, 2015), *lmerTest* (KUZNETSOVA; BROCKHOFF; CHRISTENSEN, 2017) y *MASS* (VENABLES; RIPLEY, 2002).

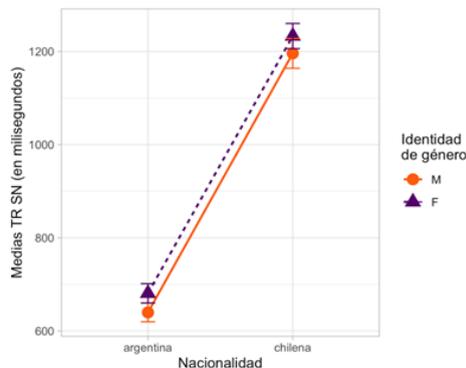
Para el análisis final de tiempos, descartamos aquellos ítems que habían sido respondidos erróneamente (1.54% de los datos). Además, debido a que la tarea se realizó de modo remoto sin poder controlar la situación en la que se encontraban los participantes durante la recolección de los datos, establecimos límites de tiempo para su realización (límite inferior: 1000 milisegundos; límite superior: 30000 milisegundos). Esto implicó remover 70 puntos de dato (2.19% de la muestra total). Además, realizamos una identificación de *outliers* para una posterior imputación. Debido a que no encontramos medidas que superaran los dos desvíos estándar por condición por participante (BAAYEN; MILIN, 2010; COUSINEAU; CHARTIER, 2010), no realizamos cambios en la base.

Para las tres variables dependientes, presentamos primero un análisis que considera a la Nacionalidad e Identidad de género de los participantes como efectos principales. Luego, subdividimos las bases por países y realizamos un segundo análisis considerando el Sesgo de estereotipicidad, la Morfología y la Identidad de género.

4.1 Tiempo del sintagma nominal (determinante + nombre de rol)

En primer lugar, analizamos el tiempo que los participantes tardaron en leer el sintagma nominal compuesto por el determinante más el nombre de rol. En el Figura 1, se muestran las medias de lectura según Nacionalidad e Identidad de género de los participantes. Como se observa, hay diferencias sustanciales entre los tiempos de lectura de los participantes argentinos y los chilenos.

FIGURA 1 - Medias de tiempo del sintagma nominal (DET+N) con barras de error según Nacionalidad e Identidad de género. M = masculina. F = femenina



Para el análisis estadístico de los tiempos, testeamos los supuestos de normalidad y homocedasticidad a partir de modelos lineales mixtos. Esto nos llevó a realizar una transformación logarítmica para el análisis de los datos (WINTER, 2019). Además, codificamos cada nivel de los factores fijos como contraste de suma escalada (SCHAD; VASISHTH; HOHENSTEIN; KLIEGL, 2020). Los modelos utilizados para el análisis incluían a la Nacionalidad y la Identidad de género como efectos fijos con interacción y a los Participantes e Ítems como efectos aleatorios. La fórmula del modelo resultante fue: $\text{lmer}(\log(\text{tr_sn}) \sim \text{Nacionalidad} * \text{Identidad de género} + (1 | \text{Participantes}) + (1 | \text{Ítems}))$. En la Tabla 2 reportamos los resultados del modelo. Encontramos un efecto principal de la Nacionalidad: los participantes argentinos leyeron más rápido que los participantes chilenos.

TABLA 2 - Reporte del modelo elegido para el análisis de los tiempos del sintagma nominal según Nacionalidad e Identidad de género

<i>Predictores</i>	<i>Est.</i>	<i>ES</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
(Intercepto)	6.64	0.03	203.74	<0.001
Nacionalidad _{chilena_argentina}	0.65	0.06	10.40	<0.001
Id.género _{fem_masc}	0.07	0.06	1.05	0.291
Nacionalidad:Id.género	0.03	0.12	0.26	0.796
Efectos aleatorios				
σ^2		0.12		
$\tau_{00 \text{ part_gral}}$		0.15		
$\tau_{00 \text{ item}}$		0.01		
ICC		0.57		
$N_{\text{part_gral}}$		162		
N_{item}		60		
Observaciones		3120		
R ² marginal / R ² condicional		0.280 / 0.691		

Luego, subdividimos la base por Nacionalidad. En la Figura 2, presentamos los datos de cada subgrupo según Sesgo de estereotipicidad, Morfología e Identidad de género. Para el análisis estadístico, realizamos los mismos procedimientos que en el caso anterior. Consideramos al Sesgo de estereotipicidad como efecto fijo, con Morfología anidada y en interacción con la Identidad de género. Participantes e Ítems fueron considerados como efectos aleatorios. La fórmula del modelo resultante fue: $\text{lmer}(\log(\text{tr_sn}) \sim \text{Sesgo} / \text{Morfología} * \text{Identidad de género} + (1 | \text{Participantes}) + (1 | \text{Ítems})$. En la Tabla 3, reportamos los resultados para la muestra argentina y la chilena. Para la muestra argentina, hay un efecto principal del Sesgo. En cambio, para la muestra chilena, hay un efecto de la Morfología anidado al Sesgo. En particular, hay diferencias estadísticamente significativas entre las tres morfologías para los nombres de rol con sesgo femenino, mientras que para los nombres con sesgo masculino la diferencia estadísticamente significativa se da entre las formas binarias (-o, -a) y la no binaria (-e), como se muestra en la Tabla 3.

FIGURA 2 - Medias de tiempo del sintagma nominal (DET+N) con barras de error según Sesgo de estereotipicidad, Morfología, Identidad de género y Nacionalidad

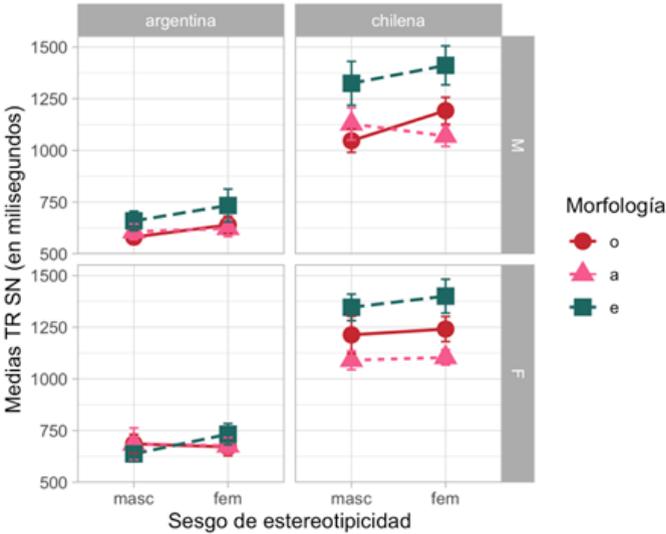


TABLA 3 - Reporte del modelo elegido para el análisis de los tiempos del sintagma nominal según Sesgo de estereotipicidad, Morfología e Identidad de género para ambas muestras de Nacionalidad

<i>Predictores</i>	<i>Argentina</i>				<i>Chile</i>			
	<i>Est</i>	<i>ES</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>Est</i>	<i>ES</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
(Intercepto)	6.31	0.05	128.97	<0.001	6.96	0.04	177.32	<0.001
Sesgo _{fem_masc}	0.04	0.02	2.08	0.038	0.04	0.03	1.55	0.120
Id.género _{fem_masc}	0.05	0.10	0.51	0.608	0.08	0.08	1.07	0.283
Sesgo _{masc} :Morfología _{a_o}	0.00	0.03	0.04	0.966	0.00	0.05	0.03	0.975
Sesgo _{fem} :Morfología _{a_o}	-0.01	0.03	-0.38	0.701	-0.10	0.05	-2.01	0.045
Sesgo _{masc} :Morfología _{e_a}	0.02	0.03	0.51	0.612	0.15	0.05	3.14	0.002
Sesgo _{fem} :Morfología _{e_a}	0.05	0.03	1.67	0.094	0.19	0.05	3.97	<0.001
Sesgo:Id.género	0.01	0.03	0.18	0.860	-0.03	0.04	-0.67	0.505
Sesgo _{masc} :Morfología _{a_o} :Id.género	-0.03	0.05	-0.49	0.621	-0.10	0.07	-1.43	0.152
Sesgo _{fem} :Morfología _{a_o} :Id.género	0.02	0.05	0.37	0.709	0.01	0.07	0.21	0.836
Sesgo _{masc} :Morfología _{e_a} :Id.género	-0.03	0.05	-0.57	0.572	0.11	0.07	1.64	0.102
Sesgo _{fem} :Morfología _{e_a} :Id.género	0.01	0.05	0.27	0.784	-0.02	0.07	-0.28	0.782

Efectos aleatorios

σ^2	0.09	0.14
τ_{00}	0.19 part_gral	0.10 part_gral
	0.00 item	0.01 item

ICC	0.68	0.44
N	84 part_gral	78 part_gral
	60 item	60 item
Observaciones	1610	1510
R2 marginal / R2 condicional	0.005 / 0.680	0.032 / 0.459

4.2 Tiempo del *spillover* (palabra posterior al sintagma nominal)

Además del sintagma nominal, también analizamos la palabra subsiguiente, a la que denominamos *spillover*. En la Figura 3, presentamos las medias de lectura según Nacionalidad e Identidad de género de los participantes. Para el análisis, seguimos el mismo procedimiento que para la variable dependiente anterior. La fórmula del modelo resultante fue: $\text{lmer}(\log(\text{tr_spillover}) \sim \text{Nacionalidad} * \text{Identidad de género} + (1 | \text{Participantes}) + (1 | \text{Ítems}))$. En la Tabla 4, reportamos los resultados. Al igual que para los tiempos del sintagma nominal, hay un efecto principal de la Nacionalidad.

FIGURA 3 - Medias de tiempo del *spillover* con barras de error según Nacionalidad e Identidad de género

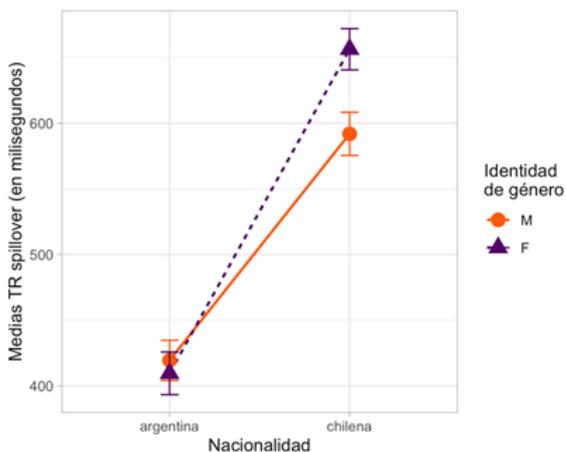


TABLA 4 - Reporte del modelo elegido para el análisis de los tiempos del *spillover* según Nacionalidad e Identidad de género

<i>Predictores</i>	<i>Est</i>	<i>ES</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
(Intercepto)	6.03	0.03	180.38	<0.001
Nacionalidad _{chilena_argentina}	0.54	0.06	8.70	<0.001
Id.género _{fem_masc}	0.05	0.06	0.85	0.394
Nacionalidad:Id.género	0.14	0.12	1.12	0.263

Efectos aleatorios	
σ^2	0.19
$\tau_{00 \text{ part_gral}}$	0.14
$\tau_{00 \text{ item}}$	0.01
ICC	0.45
$N_{\text{part_gral}}$	162
N_{item}	60
Observaciones	3120
R2 marginal / R2 condicional	0.177 / 0.544

Para la segunda parte del análisis, subdividimos la base por Nacionalidad. En la Figura 4, presentamos los datos de cada subgrupo según Sesgo de estereotipicidad, Morfología e Identidad de género. Para el análisis estadístico, la fórmula del modelo resultante fue: $\text{Imer}(\log(\text{tr_spillover}) \sim \text{Sesgo} / \text{Morfología} * \text{Identidad de género} + (1 | \text{Participantes}) + (1 | \text{Ítems}))$. Los resultados para ambas muestras de Nacionalidad se reportan en la Tabla 5. En ambos grupos hay diferencias estadísticamente significativas entre las morfologías binarias (-o, -a) y la no binaria (-e) para los nombres de rol con sesgo femenino. Asimismo, esta diferencia interactúa con la Identidad de género: los varones tienen mayores tiempos de lectura que las mujeres para la forma no binaria. Además, para la muestra de participantes chilenos, también se registra un efecto principal de la Identidad de género y una interacción entre Sesgo e Identidad de género.

FIGURA 4 - Medias de tiempos del *spillover* con barras de error según Sesgo de estereotipicidad, Morfología, Identidad de género y Nacionalidad

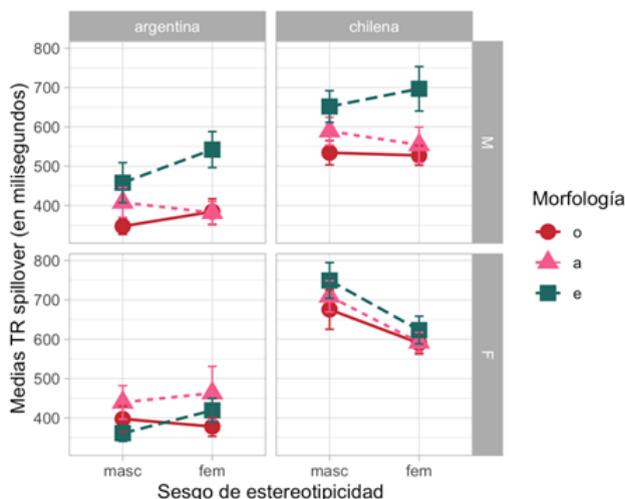


TABLA 5 - Reporte del modelo elegido para el análisis de los tiempos del *spillover* según Sesgo de estereotipicidad, Morfología e Identidad de género para ambas muestras de Nacionalidad

Predictores	Argentina				Chile			
	Est	ES	t	p	Est	ES	t	p
(Intercepto)	5.76	0.06	104.30	<0.001	6.30	0.03	203.68	<0.001
Sesgo _{fem_masc}	0.04	0.03	1.63	0.102	-0.07	0.04	-1.61	0.108
Id.género _{fem_masc}	-0.02	0.11	-0.14	0.886	0.12	0.05	2.41	0.016
Sesgo _{masc} :Morfología _{a_o}	0.06	0.04	1.27	0.203	0.09	0.07	1.29	0.195
Sesgo _{fem} :Morfología _{a_o}	0.03	0.04	0.61	0.542	0.00	0.07	0.04	0.967
Sesgo _{masc} :Morfología _{e_a}	0.00	0.05	0.06	0.956	0.06	0.07	0.89	0.375
Sesgo _{fem} :Morfología _{e_a}	0.11	0.04	2.51	0.012	0.09	0.07	1.26	0.209

Sesgo:Id.género	-0.02	0.04	-0.44	0.657	-0.13	0.04	-2.85	0.004
Sesgo _{masc} :Morfología _{a_o} :Id.género	0.03	0.08	0.40	0.690	-0.05	0.08	-0.70	0.483
Sesgo _{fem} :Morfología _{a_o} :Id.género	0.04	0.08	0.49	0.624	0.03	0.08	0.42	0.677
Sesgo _{masc} :Morfología _{e_a} :Id.género	-0.14	0.08	-1.81	0.070	-0.01	0.08	-0.16	0.869
Sesgo _{fem} :Morfología _{e_a} :Id.género	-0.20	0.08	-2.59	0.010	-0.17	0.08	-2.23	0.025
Efectos aleatorios								
σ^2	0.19				0.18			
τ_{00}	0.24 part_gral				0.04 part_gral			
	0.00 item				0.02 item			
ICC	0.56				0.25			
N	84 part_gral				78 part_gral			
	60 item				60 item			
Observaciones	1610				1510			
R ² marginal / R ² condicional	0.009 / 0.566				0.039 / 0.277			

4.3 Tiempo de lectura total

Por último, analizamos el tiempo de lectura total. En la Figura 5, presentamos las medias de lectura según Nacionalidad e Identidad de género de los participantes. Para el análisis, seguimos el mismo procedimiento que en los casos anteriores. La fórmula del modelo resultante fue: $\text{lmer}(\log(\text{tr_total}) \sim \text{Nacionalidad} * \text{Identidad de género} + (1 | \text{Participantes}) + (1 | \text{Ítems}))$. En la Tabla 6, reportamos los resultados. A diferencia de las dos medidas anteriores, para los tiempos totales no se registra un efecto principal de la Nacionalidad. Como se observa en la Figura 5 y en la Tabla 6, hay un efecto marginalmente no significativo de la interacción entre Nacionalidad e Identidad de género.

FIGURA 5 - Medias de tiempo de lectura total con barras de error según Nacionalidad e Identidad de género

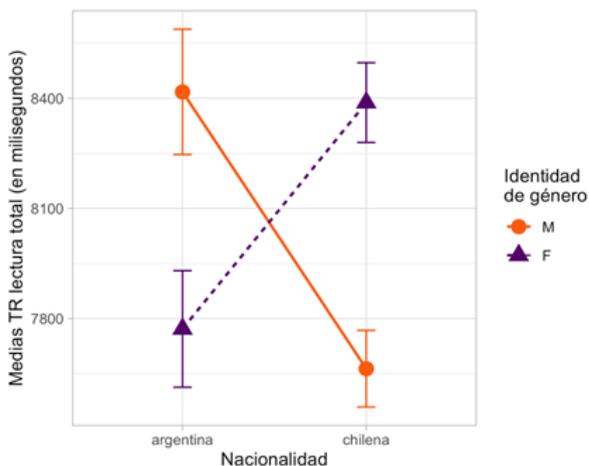


TABLA 6 - Reporte del modelo elegido para el análisis de los tiempos de lectura total según Nacionalidad e Identidad de género

<i>Predictores</i>	<i>Est</i>	<i>ES</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
(Intercepto)	8.91	0.03	332.57	<0.001
Nacionalidad _{chilena_argentina}	0.06	0.05	1.19	0.235
Id.género _{fem_masc}	0.01	0.05	0.10	0.918
Nacionalidad:Id.género	0.19	0.10	1.92	0.054
Efectos aleatorios				
σ^2		0.07		
τ_{00} part_gral		0.10		
τ_{00} item		0.00		
ICC		0.60		
N _{part_gral}		162		
N _{item}		60		

Observaciones	3120
R ² marginal / R ² condicional	0.019 / 0.611

Para la segunda parte del análisis, también subdividimos la base. En la Figura 6, presentamos los datos de cada subgrupo de Nacionalidad según Sesgo de estereotipicidad, Morfología e Identidad de género. Para el análisis estadístico, la fórmula del modelo resultante fue: $\text{lmer}(\log(\text{tr_total}) \sim \text{Sesgo} / \text{Morfología} * \text{Identidad de género} + (1 | \text{Participantes}) + (1 | \text{Ítems}))$. Los resultados para ambas muestras de Nacionalidad se reportan en la Tabla 7. En relación con esta variable dependiente, se observa un patrón distinto a las anteriores.

Por un lado, en la muestra argentina hay un efecto principal del Sesgo y diferencias estadísticamente significativas entre la morfología binaria (-o, -a) y la no binaria (-e) para los nombres de rol con sesgo femenino en interacción con la Identidad de género. Como se observa en la Figura 6, los varones tardaron más en leer las oraciones con la forma no binaria en nombres de rol con sesgo femenino, mientras que para las mujeres estas fueron las oraciones que leyeron más rápido.

Por otro lado, en la muestra chilena hay un efecto principal del Sesgo: las oraciones con nombres de rol con sesgo femenino se leyeron más rápidamente que las de sesgo masculino en todos los casos. Además, en esta variable, no se registraron diferencias estadísticamente significativas según la Identidad de género de los participantes.

FIGURA 6 - Medias de tiempos de lectura total con barras de error según Sesgo de estereotipicidad, Morfología, Identidad de género y Nacionalidad

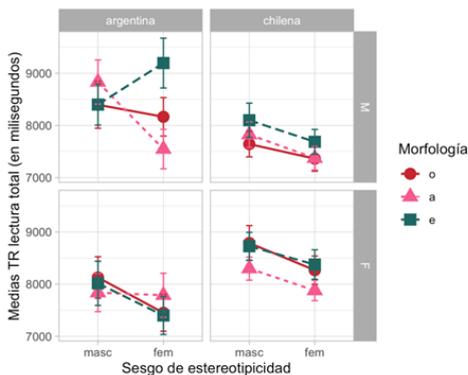


TABLA 7 - Reporte del modelo elegido para el análisis de los tiempos de lectura total según Sesgo de estereotipicidad, Morfología e Identidad de género para ambas muestras de Nacionalidad

<i>Predictores</i>	<i>Argentina</i>				<i>Chile</i>			
	<i>Est</i>	<i>ES</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>Est</i>	<i>ES</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
(Intercepto)	8.88	0.04	211.79	<0.001	8.94	0.03	309.97	<0.001
Sesgo _{fem_masc}	-0.05	0.02	-2.31	0.021	-0.05	0.02	-2.60	0.009
Id.género _{fem_masc}	-0.09	0.08	-1.13	0.260	0.10	0.06	1.84	0.065
Sesgo _{masc} :Morfología _{a_o}	0.04	0.04	1.09	0.277	0.00	0.03	0.07	0.946
Sesgo _{fem} :Morfología _{a_o}	-0.05	0.04	-1.19	0.234	-0.02	0.03	-0.71	0.478
Sesgo _{masc} :Morfología _{e_a}	-0.02	0.04	-0.49	0.625	0.04	0.03	1.08	0.279
Sesgo _{fem} :Morfología _{e_a}	0.07	0.04	1.95	0.051	0.05	0.03	1.54	0.124
Sesgo:Id.género	-0.02	0.03	-0.60	0.551	-0.01	0.02	-0.69	0.490
Sesgo _{masc} :Morfología _{a_o} :Id.género	-0.05	0.05	-1.02	0.308	-0.06	0.04	-1.67	0.095
Sesgo _{fem} :Morfología _{a_o} :Id.género	0.09	0.05	1.61	0.107	-0.04	0.04	-1.04	0.299
Sesgo _{masc} :Morfología _{e_a} :Id.género	0.04	0.05	0.73	0.465	0.03	0.04	0.73	0.465
Sesgo _{fem} :Morfología _{e_a} :Id.género	-0.17	0.05	-3.16	0.002	-0.01	0.04	-0.25	0.802

Efectos aleatorios

σ^2	0.10	0.04
τ_{00}	0.14 _{part_gral}	0.06 _{part_gral}
	0.00 _{item}	0.00 _{item}
ICC	0.60	0.62

N	84 _{part_gral} 60 _{item}	78 _{part_gral} 60 _{item}
Observaciones	1610	1510
R ² marginal / R ² condicional	0.017 / 0.602	0.036 / 0.630

5 Discusión

En este artículo, analizamos los datos de un experimento que evalúa el efecto de los estereotipos de género en la semántica léxica y la morfología de género en dos variedades de español. Realizamos una tarea de lectura de oraciones a ritmo propio con ventana móvil acumulativa y manipulamos dos factores (sesgo de estereotipicidad y morfología de género). Para el presente trabajo, presentamos el análisis de tres variables dependientes: tiempo de lectura del sintagma nominal, tiempo de lectura de la palabra inmediatamente posterior (*spillover*) y tiempo de lectura de toda la oración. Organizamos la discusión en función de tres ejes de análisis que agrupan las distintas hipótesis y resultados: variedades de español; relación entre sesgo de estereotipicidad y morfología binaria; morfología no binaria.

5.1 Variedades de español

En relación con la primera hipótesis, nuestra predicción sostenía que no encontraríamos diferencias en los patrones distintivos de lectura según la comunidad lingüística, sin embargo los resultados mostraron diferencias estadísticamente significativas que exhiben patrones de lectura específicos para cada grupo. Analizar estas diferencias a partir de las tres variables dependientes nos permite presentar un cuadro en términos de proceso incremental. Para los tiempos de lectura del sintagma nominal y de la región de *spillover*, los participantes argentinos muestran una lectura más veloz. Para la lectura total, en cambio, las diferencias se pierden y ambos grupos registran tiempos muy similares. En términos generales, entonces, los participantes de Chile se detienen más tiempo en la lectura de los segmentos –palabra por palabra–, hecho que puede interpretarse como un proceso de integración incremental a medida que se suma información en la secuencia lineal de lectura. En cambio, los argentinos parecen hacer un barrido más veloz por los segmentos y tomar más tiempo hacia el final

de la oración, en un proceso de integración final que seguramente suponga relecturas de segmentos anteriores para lograr una adecuada interpretación semántica global. Sería interesante, en un próximo trabajo, analizar estos patrones mediante la técnica de seguimiento de movimientos oculares y verificar si se trata de un efecto robusto y replicable.

En principio, no sabemos a qué se adjudican estas diferencias, pero las consideramos evidencia de que son necesarios más estudios psicolingüísticos que se centren en estudiar la variación dialectal y, en este sentido, destacamos la importancia de los demás trabajos de este número temático. La variación dialectal es un factor comúnmente relegado en la investigación psicolingüística por lo que este trabajo contribuye a cubrir esta área de vacancia y a avanzar en el estudio de las diferencias dialectales en el procesamiento del lenguaje. Esto es de especial interés en la región, puesto que Latinoamérica es el territorio con más variedades de español y, contar con datos de variedades locales, permitirá el avance de la investigación psicolingüística a nivel regional.

Además, estos datos llaman la atención sobre la importancia de replicar los experimentos en distintas poblaciones y de considerar poblaciones diversas en los estudios psicolingüísticos (HANEL; VIONE, 2016; HENRICH; HEINE; NORENZAYAN, 2010; PETERSON; MERUNKA, 2014). La mayoría de la investigación psicolingüística sobre el español se concentró en algunas variedades específicas, como el español ibérico o les hablantes de herencia de Estados Unidos. En este sentido, es preciso avanzar en el estudio sistemático de otras variedades de español.

5.2 Relación entre sesgo de estereotipicidad y morfología binaria: congruencia e incongruencia

Nuestras hipótesis 2 y 3 se enfocaron en indagar los efectos de congruencia e incongruencia que produce el cruce de dos de nuestros factores principales: sesgo de estereotipicidad de los nombres de rol y morfología de género. Como rasgo general, esperábamos encontrar un efecto de congruencia que facilitara el procesamiento de sintagmas con sesgo y morfología binaria congruente. Una facilidad en el procesamiento de oraciones con sesgo masculino y morfología masculina respecto de aquellas oraciones con sesgo femenino y morfología masculina nos permitiría, además, aportar evidencia sobre la tendencia hacia la representación exclusiva de varones que conlleva el masculino genérico, ya que en el primer caso el nombre de rol admite sin problemas

la representación de varones exclusivamente pero en el segundo caso, con nombres de rol asociados a mujeres, el uso de morfología masculina debería entenderse en su función genérica y forzar también la representación de varones en roles estereotípicamente femeninos. Para el caso de la incongruencia provocada por la morfología femenina, esperábamos una obstaculización más lineal de la incongruencia en tanto la morfología femenina no es usada como genérico en español¹⁶: representar nombres de rol asociados a varones en sintagmas femeninos que restringen la referencia a un grupo de mujeres exclusivamente sería más costoso que representar un grupo exclusivo de mujeres asociado a nombres de rol estereotípicamente femeninos. Por último, vale recordar que no predijimos diferencias debidas a la variedad de español.

Estas hipótesis no se vieron respaldadas por nuestros datos, al menos no en su totalidad. En el tiempo de lectura del sintagma nominal, en principio, podemos destacar una diferencia en los efectos que provoca cada factor en cada una de las comunidades lingüísticas. Para Argentina, encontramos un efecto principal del sesgo: los nombres con sesgo masculino se leen más rápido en todas las condiciones de morfología. En cambio, para la muestra de Chile, no hallamos efectos principales, sino un efecto de morfología anidado al sesgo. Solo para los nombres de rol con sesgo masculino no hubo diferencias entre ambas variantes morfológicas binarias.

Es interesante notar que, en relación con el sesgo de estereotipicidad, las diferencias en los tiempos no se vinculan con la congruencia o incongruencia entre morfología y sesgo, como habíamos hipotetizado y tal como habían reportado experimentos en otras lenguas (CANAL *et al.*, 2015; CARREIRAS *et al.*, 1996; DUFFY; KIER, 2004; SIYANOVA-CHANTURIA *et al.*, 2012), sino que, en general, los nombres de rol con sesgo masculino implicaron menores tiempos de lectura del sintagma. Es decir, pareciera ser que la estereotipicidad del nombre de rol es la información que definió el patrón de lectura hallado, sin que la morfología fuera determinante. Una posible explicación podría ser que para el procesamiento local del sintagma nominal lo único fuertemente disruptivo sería propio de la dimensión morfosintáctica más automática: por ejemplo, la falta de concordancia de género, que en este caso no ocurría. Sin

¹⁶ Al menos no de forma extendida, ya que pareciera que algunos grupos específicos utilizan el femenino genérico como estrategia de lenguaje inclusivo de género.

embargo, el proceso de congruencia sesgo-morfología se esperaría en un nivel léxico-semántico no automático, que supone una integración compleja de información, en la que se ponen en juego representaciones mentales vinculadas con estereotipos de género. Esta integración no podría esperarse en las primeras etapas del proceso incremental de comprensión de la oración. Si bien sí muestran la fuerte incidencia de los estereotipos de género, estos resultados no van en la línea de trabajos previos y en otras lenguas que encuentran un efecto de incongruencia inmediato (CARREIRAS *et al.*, 1996; DUFFY; KIER, 2004).

Este patrón, además, está respaldado por los resultados de la medida de *spillover*. En este punto del proceso de lectura, el efecto del sesgo desaparece para las dos variedades de español. No obstante, los nombres de rol con sesgo masculino siguen mostrando los menores tiempos de procesamiento en términos generales, lo que parece construir un panorama en el que lo no marcado sería el sesgo de estereotipicidad masculina y no la morfología masculina (SIYANOVA-CHANTURIA *et al.*, 2012).

Por último, para los tiempos totales de lectura, no encontramos un efecto de la morfología y vuelve a estar presente el efecto principal del sesgo, pero en sentido inverso: las oraciones con nombres de rol con sesgo de estereotipicidad femenina fueron las que se leyeron más rápidamente. Para entender el efecto de sesgo, creemos que es necesario explicarlo en función de la morfología. Las oraciones con nombres de rol con morfología femenina y sesgo de estereotipicidad femenina presentaban congruencia entre ambos factores, lo cual explicaría que no haya mayores dificultades en el procesamiento (compatible con nuestra hipótesis inicial 2.b). Para el caso de las oraciones con nombres de rol con sesgo femenino y morfología masculina creemos que la falta de dificultad en el procesamiento se debe a la existencia del masculino genérico. Aunque el masculino en su uso genérico no siempre logre construir una representación efectivamente genérica o provoque sesgos masculinizantes condicionados por el nivel de estereotipicidad (STETIE; ZUNINO, 2022a; ZUNINO; STETIE, 2021), su función genérica sigue siendo una opción vigente y generalizada. Este uso genérico del masculino podría explicar por qué en las oraciones con sesgo femenino no se vio un efecto de incongruencia. El comportamiento de cada variante morfológica binaria explicaría entonces los menores tiempos de lectura para las oraciones con sesgo de estereotipicidad femenina. Por otro lado, también habría un comportamiento distinto de la morfología binaria en las

oraciones con sesgo de estereotipicidad masculina y eso podría explicar los mayores tiempos de procesamiento. Las oraciones con nombres de rol con morfología femenina y sesgo masculino presentan incongruencia y, por eso, esperábamos que fueran más difíciles de procesar. En cambio, las oraciones con nombres de rol con morfología masculina y sesgo masculino son congruentes y, según nuestra hipótesis 2.a, deberían ser la condición con menores tiempos de procesamiento. Sin embargo, esto no sucedió y creemos que se debe a la representación ambigua que genera la morfología masculina, en la que podrían estar compitiendo una representación exclusiva de varones y de un grupo con género no uniforme. Esto explicaría entonces los mayores tiempos de procesamiento en las oraciones con sesgo masculino.

Para resumir, nuestros principales hallazgos en relación con las hipótesis 2 y 3 fueron que la congruencia/incongruencia entre el sesgo de estereotipicidad y la morfología de género no fue un factor determinante en la dificultad de procesamiento y que el sesgo de estereotipicidad tracciona transversalmente nuestros resultados, pero de forma diferente en cada medida, entendiendo que cada una registra procesos psicolingüísticos subyacentes diferentes. En las primeras dos variables dependientes, vinculadas al procesamiento léxico, encontramos una mayor facilidad de los nombres de rol estereotípicamente masculinos, mientras que en el tiempo total de lectura de la oración, la tercera variable analizada que supone procesos de integración semántica globales, encontramos menores tiempos de procesamiento en las oraciones con sesgo femenino.

5.3 Morfología no binaria

En relación con el procesamiento de los nombres de rol con morfología no binaria, nuestra hipótesis 4 proponía que no iba a existir un efecto principal del sesgo de estereotipicidad, en tanto la forma no binaria tendría una función genérica específica pero transversal y, por lo tanto, no mostraría incongruencias con cada uno de los sesgos de estereotipicidad. Esta hipótesis no se cumplió, ya que encontramos un efecto de sesgo en las tres variables dependientes analizadas. En el tiempo de lectura del sintagma nominal y de la palabra posterior (*spillover*), se leyeron más rápido las oraciones con sesgo masculino en todos los casos, menos para las mujeres chilenas. En cambio, en el tiempo de lectura total, se leyeron en menor tiempo las oraciones con sesgo femenino en todos

los casos, menos para los varones argentinos. Estas diferencias podrían deberse a que están operando dos fenómenos distintos: uno a nivel léxico y otro que implica la construcción de una representación global para toda la oración. Este punto lo discutimos a continuación y en relación con nuestra quinta hipótesis. Para futuros trabajos, sería interesante cruzar esta información con distintas variables sociolingüísticas vinculadas a las actitudes y creencias relativas a las identidades de género y al uso de distintas variantes de lenguaje inclusivo de género. Estos datos podrían ser justamente los que expliquen el comportamiento distintivo que tuvieron los varones argentinos en el tiempo de lectura total.

En segundo lugar, los resultados presentados aquí están en línea con nuestra hipótesis 5: la complejidad de procesamiento de la forma no binaria [-e] pareciera estar vinculada al proceso de concordancia y no a una dificultad global de comprensión. En los tiempos de lectura del sintagma nominal y de la región posterior de *spillover* hubo diferencias estadísticamente significativas entre la forma no binaria y la morfología binaria, hecho que señala la dificultad local de procesamiento para una innovación morfológica como [-e]. En cambio, en los tiempos totales de lectura de la oración no se encontraron diferencias estadísticamente significativas entre la forma no binaria [-e] y las formas binarias, lo que implica que la dificultad de procesamiento local no se proyectó a la lectura total de la oración. Estos resultados están en línea con los de un experimento anterior en los que tampoco encontramos diferencias estadísticamente significativas en los tiempos totales de lectura entre el masculino genérico y las variantes no binarias [-x] y [-e] (STETIE; ZUNINO, 2022a). Resulta interesante notar que cualquier obstáculo que pudiera presentar una forma no binaria nueva parece restringido al procesamiento local –o bien léxico o bien morfosintáctico en términos de concordancia¹⁷– pero se resuelve rápidamente sin efectos para la lectura y comprensión global de la oración.

¹⁷ Si bien es cierto que el procesamiento del lenguaje inclusivo de género permite múltiples proyecciones a distintos modelos y niveles lingüísticos, este experimento en particular fue diseñado para analizar el procesamiento de oraciones, por lo que no nos permite sacar conclusiones adecuadas sobre el almacenamiento y procesamiento léxico. Actualmente, estamos trabajando en un nuevo experimento que permita hipotetizar cómo se almacenan las innovaciones morfológicas que no implican ampliación del repertorio léxico, sino modificaciones en los elementos morfosintácticos a computar, como es el caso de la forma no binaria [-e].

Los resultados para estas dos variedades de español están en línea con los de experimentos en otras lenguas que evaluaron el procesamiento de las innovaciones morfológicas vinculadas al lenguaje inclusivo de género y que tampoco encontraron dificultades ni obstaculizaciones en su procesamiento (FRIEDRICH *et al.*, 2021; KÖRNER *et al.*, 2022; RENSTRÖM *et al.*, 2022; VERGOOSSEN *et al.*, 2020). Estos resultados también aportan evidencia interesante acerca de la comprensión de innovaciones lingüísticas que implican modificaciones en los elementos morfosintácticos: su comprensión pareciera no requerir más que la inmersión en una comunidad que las usa con cierta frecuencia durante un período de tiempo y no aparece necesariamente atada al uso personal de estas innovaciones (LINDQVIST *et al.*, 2019; ZUNINO; STETIE, 2022).

En tercer lugar, nuestra sexta hipótesis era que las mujeres mostrarían más facilidad para la forma no binaria [-e] en las dos variedades de español, independientemente del sesgo de estereotipicidad del nombre de rol. En relación con la primera variable dependiente analizada, el tiempo de lectura del sintagma nominal, no hubo diferencias entre varones y mujeres. Esto, en principio, se contrapone a los datos de uso del lenguaje inclusivo de género: aunque las mujeres utilicen más las formas no binarias (BARRERA LINARES, 2019; BONNIN; CORONEL, 2021; PESCE; ETCHEZAHAR, 2019; ZUNINO; STETIE, 2022), esto no pareciera acarrear una diferencia en los tiempos de lectura de los nombres de rol con esta marca. Pero estas diferencias sí aparecen luego, en la medida de *spillover* y en los tiempos totales.

En los tiempos de lectura de la región de *spillover*, hubo diferencias estadísticamente significativas entre varones y mujeres. Para el caso de Argentina, las mujeres leyeron más rápido que los varones. En cambio, en la población chilena los varones leyeron más rápido que las mujeres y las mujeres chilenas presentaron un efecto de sesgo inverso al patrón anterior: tardaron menos tiempo en las oraciones con sesgo femenino. En esta región ya se empiezan a vislumbrar diferencias según la identidad de género y la nacionalidad que luego se van a acentuar en el tiempo de lectura total y que creemos que están vinculadas con los patrones diferenciales de uso de las variantes de lenguaje inclusivo de género en cada comunidad lingüística.

Por último, en el tiempo de lectura total también encontramos diferencias según la identidad de género. Todos los grupos presentaron el mismo patrón de lectura, con menores tiempos en las oraciones con sesgo

femenino, excepto por los varones argentinos. Para el caso de Argentina, hay una diferencia estadísticamente significativa entre varones y mujeres, en particular en las oraciones con sesgo femenino y la variante no binaria: las mujeres tuvieron los menores tiempos, mientras los varones, los mayores. Para el caso de Chile, no hubo diferencias estadísticamente significativas entre varones y mujeres.

Consideramos que las diferencias que encontramos en cuanto a la identidad de género de los participantes y a las dos variedades de español están vinculadas con las estrategias de lenguaje inclusivo de género (no) utilizadas. En primer lugar, las mujeres suelen utilizar más las formas no binarias que los varones, al menos en Argentina (BONNIN; CORONEL, 2021; PESCE; ETCHEZHAR, 2019; ZUNINO; STETIE, 2022). En segundo lugar, el uso de las formas no binarias como estrategia de lenguaje inclusivo de género parecería estar bastante extendido en Argentina (BONNIN; CORONEL, 2021; CARDELLI, 2018; PALMA *et al.*, 2023; GIAMMATTEO, 2020; KALINOWSKI, 2020; PESCE; ETCHEZHAR, 2019; ROMERO; FUNES, 2018; SARDI; TOSI, 2021), pero no contamos con datos equivalentes sobre Chile. Una explicación posible es que en Chile no sea tan estable el uso de la forma no binaria [-e] y que haya varias estrategias circulando simultáneamente con niveles similares de masividad –como la duplicación, el uso de sustantivos epicenos y colectivos o el uso del femenino como genérico¹⁸– aunque más atomizadas y menos sistemáticas.

Para concluir, es importante mencionar que resulta necesario continuar precisando las hipótesis de investigación y profundizando los análisis en torno al lenguaje inclusivo de género, en todas las lenguas y especialmente en español, como una de las lenguas con género gramatical más habladas del mundo. El lenguaje inclusivo de género es un fenómeno actual y complejo que debe ser abordado desde distintas disciplinas y con diversos enfoques metodológicos. Actualmente son muy pocos los estudios sistemáticos que lo abordan desde una mirada descriptiva. Los que lo hacen encuentran datos que contrastan fuertemente con aquellas publicaciones de índole prescriptiva y demuestran la importancia de

¹⁸ La duplicación y el uso del femenino como genérico son estrategias que sostienen y perpetúan el paradigma binario. En este sentido, Lindqvist *et al.* (2019) señalan que el uso de innovaciones es la única estrategia que logra romper con el marco tradicionalmente construido por las distinciones sexo-genéricas binarias.

tener registros acerca del uso y procesamiento de las diversas variantes de lenguaje inclusivo de género, en particular aquellas innovaciones morfológicas no binarias que admiten no solo un uso genérico, sino también un uso individualizante para referir a personas particulares que se autoperciben por fuera de la binariedad masculino/femenino.

Declaración de autoría

Noelia A. Stetie: Diseño experimental, programación, recolección de datos, análisis de datos, interpretación de datos y redacción.

Camila Martínez Rebolledo: Recolección de datos, interpretación de datos y redacción.

Gabriela M. Zunino: Diseño experimental, recolección de datos, análisis de datos, interpretación de datos y redacción.

Referencias bibliográficas

ALPHERATZ, M. Français inclusif: du discours à la langue? *In*: ROSIER, L.; RABATEL, A. (coord.). *Le discours et la langue*. Revue de linguistique française et d'analyse du discours, tome 11.1: Les défis de l'écriture inclusive. Louvain-la-Neuve: Editions modulaires européennes, 2019, p. 53-74.

AMBADIANG, T. La flexión nominal: género y número. *In*: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (dir.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999, p. 4843-4914.

BAAYEN, R. H.; MILIN, P. Analyzing reaction times. *International Journal of Psychological Research*, Medellín, v. 3, n. 2, p. 12-28, 2010. DOI: <http://doi.org/10.21500/20112084.807>

BARRERALINARES, Luis. Relación género/sexo y masculino inclusivo plural en español. *Literatura y lingüística*, Santiago de Chile, n. 40, p. 327-354, 2019. DOI: <http://doi.org/10.29344/0717621X.40.2070>

BATES, D.; MAECHLER, M.; BOLKER, B.; WALKER, S. Fitting Linear Mixed-Effects Models using lme4. *Journal of Statistical Software*, Los Ángeles, v. 67, n. 1, p. 1-48, 2015. DOI:<http://doi.org/10.18637/jss.v067.i01>

- BONILLA MONTESANO, A. *Lenguaje inclusivo de género: reflexiones desde la mirada de docentes de Trabajo Social*. 2019. 58 p. Tesis de grado, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de la República, Montevideo, 2019.
- BONNIN, J. E.; CORONEL, A. A. Attitudes toward gender-neutral Spanish: Acceptability and adoptability. *Frontiers in Sociology*, Lausanne, v. 6, 629616, 2021. DOI: <http://doi.org/10.3389/fsoc.2021.629616>
- BRADLEY, E. D.; SALKIND, J.; MOORE, A.; TEITSORT, S. Singular ‘they’ and novel pronouns: gender-neutral, nonbinary, or both? *In: ANNUAL MEETING OF THE LINGUISTIC SOCIETY OF AMERICA*, 93, 2019, Nueva York. *Proceedings...* Nueva York: Linguistic Society of America, v. 4, 2019, p. 1-7.
- BRAUN, F.; SCZESNY, S.; STAHLBERG, D. Cognitive effects of masculine generics in German. An overview of empirical findings. *Communications*, Berlin, v. 30, n. 1, p. 1-21, 2005. DOI: <http://doi.org/10.1515/comm.2005.30.1.1>
- CABELLO PINO, M. Esbozo de una bibliografía crítica sobre –x- y –e- como alternativas al masculino genérico en español (2014-2019). *Tonos Digital*, Murcia, n. 39, 2020. Disponível em: <<http://www.tonosdigital.com/ojs/index.php/tonos/article/view/2555>>. Acesso em: 6 mar. 2023.
- CABEZA PEREIRO, M. del C.; RODRÍGUEZ BARCIA, S. Aspectos ideológicos, gramaticales y léxicos del sexismo lingüístico. *Estudios Filológicos*, Valdivia, n. 52, p. 7-27, 2013. DOI: <http://doi.org/10.4067/S0071-17132013000200001>
- CACCIARI, C.; PADOVANI, R. Further evidence of gender stereotype priming in language: Semantic facilitation and inhibition in Italian role nouns. *Applied Psycholinguistics*, Cambridge, v. 28, n. 2, p. 277-293, 2007. DOI: <http://doi.org/10.1017/S0142716407070142>
- CAMERON, D. Gender, language and discourse: A review essay. *Signs: Journal of women in culture and society*, Chicago, v. 23, n. 4, p. 945-973, 1998. DOI: <http://doi.org/10.1086/495297>
- CAMILLIERE, S.; IZES, A.; LEVENTHAL, O.; GRODNER, D. They is changing: Pragmatic and grammatical factors that license singular they. *In: ANNUAL MEETING OF THE COGNITIVE SCIENCE*

SOCIETY, 43, 2021, Vienna. *Proceedings...* Vienna: University of Vienna, 2021, p. 1542-1548.

CANAL, P.; GARNHAM, A.; OAKHILL, J. Beyond gender stereotypes in language comprehension: Self sex-role descriptions affect the brain's potentials associated with agreement processing. *Frontiers in Psychology*, Lausanne, v. 6., 2015. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2015.01953>

CARDELLI, M. La reacción conservadora. Algunas preguntas teóricas en torno al debate sobre el plural del español y la aparición de la “e” como práctica de lenguaje inclusivo en Argentina. *Entornos*, Neiva, v. 31, n. 1, p. 99-113, 2018. DOI: <http://doi.org/10.25054/01247905.1774>

CARREIRAS, M.; GARNHAM, A.; OAKHILL, J.; CAIN, K. The use of stereotypical gender information in constructing a mental model: Evidence from English and Spanish. *The Quarterly Journal of Experimental Psychology Section A*, New York, v. 49, n. 3, p. 639-663, 1996. DOI: <https://doi.org/10.1080/713755647>

CASTILLO SÁNCHEZ, S.; MAYO, S. El lenguaje inclusivo como “norma” de empatía e identidad: reflexiones entre docentes y futuros profesores. *Literatura y lingüística*, Santiago de Chile, n. 40, p. 377-391, 2019. DOI: <https://doi.org/10.29344/0717621X.40.2072>

CONTRERAS, J. M.; BANAJI, M. R.; MITCHELL, J. P. Dissociable neural correlates of stereotypes and other forms of semantic knowledge. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, Oxford, v. 7, n. 7, p. 764-770, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1093/scan/nsr053>

COUSINEAU, D.; CHARTIER, S. Outliers detection and treatment: a review. *International Journal of Psychological Research*, Singapore, v. 3, n. 1, p. 58-67, 2010. DOI: <http://doi.org/10.21500/20112084.844>

DIXON, J. The question of genres. In: REID, I. (ed.). *The place of genre in learning: Current debates*. Australia: Typereader Publications, 1987, p. 9-21.

DRUMMOND, A. IbeX farm, 2013. Online server: <http://spellout.net/ibexfarm>

DUFFY, S. A.; KIER, J. A. Violating stereotypes: Eye movements and comprehension processes when text conflicts with world knowledge.

Memory & Cognition, New York, v. 32, n. 4, p. 551-559, 2004. DOI: <https://doi.org/10.3758/BF03195846>

ELVIRA RUIZ, P. Construyendo identidades feministas en la red. Análisis crítico de las prácticas discursivas institucionales y no institucionales en el contexto universitario. *Discurso & Sociedad*, v. 11, n. 4, p. 704-736, 2017.

FRIEDRICH, M. C. G.; DRÖSSLER, V.; OBERLEHBERG, N.; HEISE, E. The influence of the gender asterisk (“gendersternchen”) on comprehensibility and interest. *Frontiers in Psychology*, Lausanne, v. 12, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.760062>

FURTADO, V. De niñas y niños: La políticas lingüísticas de género en la educación primaria uruguaya. *Lingüística*, Montevideo, v. 34, n. 2, p. 9-21, 2018.

GIAMMATTEO, M. El género gramatical en español y la disputa por el género. *Cuarenta Naipes. Revista de Cultura y Literatura*, Mar del Plata, v. 2, n. 3, p. 177-198, 2020.

GIL, A. S.; MORALES, P. Tensiones y posiciones respecto de los usos del lenguaje: una batalla no solo cultural. *Estudios de Filosofía Práctica e Historia de las Ideas*, Mendoza, v. 22, p. 1-15, 2020.

GYGAX, P.; ELMINGER, D.; ZUFFEREY, S.; GARNHAN, A.; SCZESNY, S.; VON STOCKHAUSEN, L.; BRAUN, F.; OAKHILL, J. A language index of grammatical gender dimensions to study the impact of grammatical gender on the way we perceive women and men. *Frontiers in Psychology*, Lausanne, v. 10, , 2019. DOI: <http://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.01604>

GYGAX, P.; GABRIEL, U.; SARRASIN, O.; OAKHILL, J.; GARNHAM, A. Generically intended, but specifically interpreted: When beauticians, musicians, and mechanics are all men. *Language and Cognitive Processes*, London, v. 23, n. 3, p. 464-485, 2008. DOI: <http://doi.org/10.1080/01690960701702035>

GUERRERO SALAZAR, S. El lenguaje inclusivo en la universidad española: la reproducción del enfrentamiento mediático. *Círculo de Lingüística Aplicada a la Comunicación*, Madrid, v. 88, p. 15-30, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5209/clac.78294>

- HANEL, P. H.; VIONE, K. C. Do student samples provide an accurate estimate of the general public? *PloS one*, San Francisco, v. 11, n. 12, , 2016. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0168354>
- HELLINGER, M.; BUßMANN, H. *Gender Across Languages: The Linguistic Representation of Women and Men*, Vol. 1. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2001.
- HENRICH, J.; HEINE, S. J.; NORENZAYAN, A. Most people are not WEIRD. *Nature*, London, v. 466, n. 7302, p. 29-29, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1038/466029a>
- JIMÉNEZ-MOYA, G.; CARVACHO, H.; ÁLVAREZ, B.; CONTRERAS, C.; GONZÁLEZ, R. Is support for feminism enough for change? How sexism and gender stereotypes might hinder gender justice. *Frontiers in Psychology*, Lausanne, v. 13, , 2022. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.912941>
- KALINOWSKI, S. Lenguaje inclusivo en usuarios de Twitter en Argentina: un estudio de corpus. *Cuarenta Naipes. Revista de Cultura y Literatura*, Mar del Plata, v. 2, n. 3, p. 233-259, 2020. Disponível em: <<https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/cuarentanaipes/article/view/4888>>. Acesso em: 6 mar. 2023.
- KAUFMANN, C.; BOHNER, G. Masculine generics and gender-aware alternatives in Spanish. *IZGOnZeit. Onlinezeitschrift des Interdisziplinären Zentrums für Geschlechterforschung (IZG)*, Bielefeld, n. 3, p. 8-17, 2014.
- KOESER, S.; SCZESNY, S. Promoting gender-fair language: The impact of arguments on language use, attitudes, and cognitions. *Journal of Language and Social Psychology*, New York, v. 33, n. 5, p. 548-560, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1177/0261927X14541280>
- KÖRNER, A.; ABRAHAM, B.; RUMMER, R.; STRACK, F. Gender representations elicited by the gender star form. *Journal of Language and Social Psychology*, New York, v. 41, n. 5, p. 553- 571, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1177/0261927X221080181>
- KUZNETSOVA, A.; BROCKHOFF, P. B.; CHRISTENSEN, R. H. B. lmerTest package: Tests in Linear Mixed Effects Models. *Journal of Statistical Software*, Los Angeles, v. 82, n. 13, p. 1-26, 2017. DOI: <http://doi.org/10.18637/jss.v082.i13>

LEAPER, C. Gender similarities and differences in language. In: HOLTGRAVES, T. M. (ed.). *The Oxford Handbook of Language and Social Psychology*. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 62-81.

LÓPEZ, Á. Cuando el lenguaje excluye: consideraciones sobre el lenguaje no binario indirecto. *Cuarenta Naipes. Revista de Cultura y Literatura*, Mar del Plata, v. 2, n. 3, p. 295-312, 2020. Disponível em: <<https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/cuarentanaipes/article/view/4891>>. Acesso em: 6 mar. 2023.

LINDQVIST, A.; RENSTRÖM, E. A.; GUSTAFSSON SENDÉN, M. Reducing a male bias in language? Establishing the efficiency of three different gender-fair language strategies. *Sex Roles*, New York, v. 81, p. 109-117, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11199-018-0974-9>

MAHECHA-OVALLE, A. Actitudes lingüísticas de los maestros bogotanos hacia el lenguaje inclusivo. *Entramado*, Bogotá, v. 18, n. 2, p. 1-19, 2022. DOI: <https://doi.org/10.18041/1900-3803/entramado.2.7704>

MÁRQUEZ, M. *Género gramatical y discurso sexista*. Madrid: Síntesis, 2013.

MENDÍVIL GIRÓ, J. L. El masculino inclusivo en español. *Revista Española de Lingüística*, Madrid, v. 50, n. 1, p. 35-64, 2020. DOI: <http://doi.org/10.31810/RSEL.50.1.2>

MENEGATTI, M.; RUBINI, M. Gender bias and sexism in language. In: GILES, H.; HARWOOD, J. (eds.). *The Oxford Encyclopedia of Intergroup Communication*. Nueva York: Oxford University Press, 2017, p. 451-468.

MENEGOTTO, A. Español 2G y español 3G: propiedades morfosintácticas y semánticas del lenguaje inclusivo. *Cuarenta Naipes. Revista de Cultura y Literatura*, Mar del Plata, v. 2, n. 3, p. 207-232, 2020. Disponível em: <<https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/cuarentanaipes/article/view/4892>>. Acesso em: 6 mar. 2023

MIRANDA, M. J. R. Português para todes?: um diálogo entre a análise de discurso crítica e a sociolinguística sobre linguagem não binária, 2020, 42 p., Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

- MISERSKY, J.; MAJID, A.; SNIJDERS, T. M. Grammatical gender in German influences how role-nouns are interpreted: Evidence from ERPs. *Discourse Processes*, London, v. 56, n. 8, p. 643-654, 2019. DOI: <http://doi.org/10.1080/0163853X.2018.1541382>
- MOLINARO, N.; SU, J.; CARREIRAS, M. Stereotypes override grammar: Social knowledge in sentence comprehension. *Brain and Language*, Cambridge, v. 155, p. 36-43, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bandl.2016.03.002>
- MOST, S. B.; SORBER, A. V.; CUNNINGHAM, J. G. Auditory Stroop reveals implicit gender associations in adults and children. *Journal of Experimental Social Psychology*, Cambridge, v. 43, n. 2, p. 287-294, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jesp.2006.02.002>
- MOURA, J. R. F. Língua (gem) e gênero neutro: uma perspectiva discursiva no português brasileiro. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, v. 24, n. 47, p.146-163, 2021. DOI: <https://doi.org/10.20396/lil.v24i47.8660785>
- PALMA, A. G.; ARELLANO, N.; CELI, M. A.; CHIMENTI, M. de los A.; DE LOS RÍOS, M.; STETIE, N. A. Lenguaje inclusivo: vademécum lingüístico. *Revista CUHSO*, Temuco, in press, 2023.
- PAPADOPOULOS, B. The definitional dilemma of gender in language. *Hesperia: Anuario de Filología Hispánica*, Vigo, vol. 24, n. 2, p. 11-30, 2021. DOI: <https://doi.org/10.35869/hafh.v24i2.4106>
- PESCE, A.; ETCHEZAHAR, E. Actitudes y uso del lenguaje inclusivo según el género y la edad. *Búsqueda*, Sincelejo, v. 6, n. 23, p. 472, 2019. DOI: <https://doi.org/10.21892/01239813.472>
- PETERSON, R. A.; MERUNKA, D. R. Convenience samples of college students and research reproducibility. *Journal of Business Research*, Amsterdam, v. 67, n. 5, p. 1035-1041, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2013.08.010>
- PINHEIRO, B. F. M.; FREITAG, R.M. Estereótipos na concordância de gênero em profissões: efeitos de frequência e saliência. *Revista Lingüística*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 85-107, 2020. DOI: <http://doi.org/10.31513/linguistica.2020.v16n1a31637>

R CORE TEAM. *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, 2021. Disponível em: <<https://www.R-project.org/>>. Acesso em: 27 dez. 2022.

RADVANSKY, G. A.; LYNCHARD, N. A.; VON HIPPEL, W. Aging and stereotype suppression. *Aging, Neuropsychology, and Cognition*, London, v. 16, n. 1, p. 22-32, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1080/13825580802187200>

RENSTRÖM, E. A.; LINDQVIST, A.; GUSTAFSSON SENDÉN, M. The multiple meanings of the gender-inclusive pronoun hen: Predicting attitudes and use. *European Journal of Social Psychology*, New Jersey, v. 52, n. 1, p. 71-90, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1002/ejsp.2816>

RODRÍGUEZ IGLESIAS, A. Estudio del uso de morfemas de género normativos y no normativos: preferencia, tolerancia y rechazo en la autoidentificación. *Textos en Proceso*, Stockholm, v. 4, n. 2, p. 123-158, 2018. DOI: <https://doi.org/10.17710/tep.2018.4.2.1ariglesias>

ROMÁN IRIZARRY, A. *Retando lo binario en la lengua española: estudio psicolingüístico de las marcas de género entre la juventud puertorriqueña*. 2019, 72 p. Tesina para el Programa de Estudios de Honor, Universidad de Puerto Rico, San Juan, 2019.

ROMERO, M. C.; FUNES, M. S. Nuevas conceptualizaciones de género en el español de la Argentina: un análisis cognitivo-prototípico. *RASAL Lingüística*, Buenos Aires, p. 7-39, 2019. Disponível em: <<https://rasal.sael.org.ar/index.php/rasal/article/view/94>>. Acesso em: 27. dez. 2022.

SARDI, V.; TOSI, C. *Lenguaje inclusivo y ESI en las aulas: Aportes teórico-prácticos para un debate en curso*. Buenos Aires: Paidós, 2021.

SAYAGO, S. Apuntes sociolingüísticos sobre el lenguaje inclusivo. *RevCom: Revista científica de la Red de Carreras de Comunicación Social*, La Plata, n. 9, 2019. DOI: <http://doi.org/10.24215/24517836e015>

SCHAD, D.; VASISHTH, S.; HOHENSTEIN, S.; KLIEGL, R. How to capitalize on a priori contrasts in linear (mixed) models: A tutorial. *Journal of Memory and Language*, Cambridge, v. 110, 104038, 2020. DOI: <http://doi.org/10.1016/j.jml.2019.104038>

SCZESNY, S., FORMANOWICZ, M.; MOSER, F. Can gender-fair language reduce gender stereotyping and discrimination? *Frontiers*

in *Psychology*, Lausanne, v. 7, 25, 2016. DOI: <http://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.00025>

SIYANOVA-CHANTURIA, A.; PESCIARELLI, F.; CACCIARI, C. The electrophysiological underpinnings of processing gender stereotypes in language. *PLoS one*, San Francisco, v. 7, n. 12, e48712, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0048712>

SIYANOVA-CHANTURIA, A.; WARREN, P.; PESCIARELLI, F.; CACCIARI, C. Gender stereotypes across the ages: On-line processing in school-age children, young and older adults. *Frontiers in Psychology*, Lausanne, v. 6, 1388, 2015. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2015.01388>

SLEMP, K. *Latino, Latina, Latin@, Latine, and Latinx*: Gender inclusive oral expression in Spanish. 2020, 131 p., Master Thesis, University of Western Ontario, Ontario, 2020.

STETIE, N. A.; ZUNINO, G. M. Non-binary language in Spanish? Comprehension of non-binary morphological forms: a psycholinguistic study. *Glossa: a journal of general linguistics*, London, v. 7, n. 1, p. 1-38, 2022a. DOI: <https://doi.org/10.16995/glossa.6144>

STETIE, N. A.; ZUNINO, G. M. Estereotipos y morfología de género en nombres de rol: un estudio psicolingüístico. *Lexis*, Lima, en evaluación, 2022b.

TIBBLIN, J.; VAN DE WEIJER, J.; GRANFELDT, J.; GYGAX, P. There are more women in joggeur·euses than in joggeurs: On the effects of gender-fair forms on perceived gender ratios in French role nouns. *Journal of French Language Studies*, Cambridge, p. 1-24, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0959269522000217>

VENABLES, B. N.; RIPLEY, B. D. *Modern Applied Statistics with S*, Fourth Edition. New York: Springer, 2002. DOI: <http://doi.org/10.1007/978-0-387-21706-2>

VERGOOSSEN, H. P.; PÄRNAMETS, P.; RENSTRÖM, E. A.; GUSTAFSSON SENDÉN, M. Are new gender-neutral pronouns difficult to process in reading? The case of hen in Swedish. *Frontiers in Psychology*, Lausanne, v. 11, 2020. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.574356>

WICKHAM, H.; AVERICK, M.; BRYAN, J.; CHANG, W.; D'AGOSTINO MCGOWAN, L.; FRANÇOIS, R.; GROLEMUND, G.; HAYES, A.; HENRY, L.; HESTER, J.; KUHN, M.; PEDERSEN, T. L.; MILLER, E.; BACHE, S. M.; MÜLLER, K.; OOMS, J.; ROBINSON, D.; SEIDEL, D. P.; SPINU, V.; TAKAHASHI, K.; VAUGHAN, D.; WILKE, C.; WOO, K.; YUTANI, H. Welcome to the tidyverse. *Journal of Open Source Software*, v. 4, n. 43, 1686, 2019. DOI: <http://doi.org/10.21105/joss.01686>

WINTER, B. *Statistics for linguists: An introduction using R*. New York: Routledge, 2019. DOI: <http://doi.org/10.4324/9781315165547>

XIAO, H.; STRICKLAND, B.; PEPERKAMP, S. How fair is gender-fair language? Insights from gender ratio estimations in French. *Journal of Language and Social Psychology*, New York, v. 42, n. 1, p. 1-25, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1177/0261927X221084643>

ZEHR, J.; SCHWARZ, F. PennController for Internet Based Experiments (IBEX), 2018. DOI: <http://doi.org/10.17605/OSF.IO/MD832>

ZERÁN, F. (ed.). *Mayo feminista: La rebelión contra el patriarcado*. Santiago de Chile: LOM ediciones, 2018.

ZUNINO, G. M.; DVOSKIN, G. Tirándole (de) la lengua a la ESI: con la lengua sí nos metemos. In: BÁEZ, J. (comp.). *Lengua y Literatura en foco. ESI en la formación docente*. Rosario: Homo Sapiens Ediciones, 2023, p. 91-126. Disponível em: <<https://osf.io/preprints/socarxiv/ym4nr/>>. Acesso em: 27 dez. 2022.

ZUNINO, G. M.; STETIE, N. A. Procesamiento de formas no binarias en español rioplatense: relación entre el uso voluntario y la comprensión. *Hesperia: Anuario de Filología Hispánica*, Vigo, v. 24, n. 2, p. 83-106, 2021. DOI: <https://doi.org/10.35869/hafh.v24i2.4115>

ZUNINO, G. M.; STETIE, N. A. ¿Binario o no binario? Morfología de género en español: diferencias dependientes de la tarea. *ALFA: Revista de lingüística*, São José do Rio Preto, v. 26, e14546, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-e14546>



Aceitabilidade e produção de preposições órfãs em orações relativas no português brasileiro: comparando falantes de PB e bilíngues português-ínglês

Acceptability and production of preposition stranding in relative clauses in Brazilian Portuguese: comparing BP speakers and BP English students

Marina Rosa Ana Augusto

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ / Brasil

mraaugusto@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9022-394X>

Ana Angélica da Silva Orlando

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ / Brasil

aninhaorlando17@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3179-8460>

Resumo: Este estudo trata de uma estrutura inovadora do português brasileiro (PB) - as orações relativas com preposição órfã - comparando sua aceitabilidade e produção por falantes de PB com pouco ou nenhum conhecimento de inglês e estudantes brasileiros universitários de Letras da habilitação língua inglesa de uma universidade pública do Rio de Janeiro, por meio de duas tarefas: um julgamento de aceitabilidade com escala *likert* e uma tarefa de produção eliciada. Discute-se que essa construção é característica do inglês, o que poderia levar os bilíngues a níveis mais altos de aceitabilidade e produção dessa estrutura no PB. No entanto, manipula-se a divisão de preposições em dois grupos: com maior ou menor propensão a aparecerem em posição órfã, seguindo os estudos de Marcelino (2007) e Salles (2003). Os resultados indicam que há maior aceitabilidade dessa construção pelos bilíngues, sendo sua produção bastante alta, mas praticamente restrita às preposições legitimadas nessa posição no PB. Considera-se que o *input* duplo parece levar os bilíngues a se mostrarem mais tolerantes quanto a essa estrutura, mas apenas na tarefa de julgamento de aceitabilidade. Os resultados também permitem afirmar que as relativas com preposição órfã, respeitadas as restrições, são estruturas já bem aceitas e naturalmente produzidas pelos falantes de PB. Ao investigarmos falantes bilíngues, o estudo sugere que a presença de estruturas similares na língua adicional pode favorecer a aceitabilidade de variantes linguísticas inovadoras na língua materna.

Palavras-chave: orações relativas; preposição órfã; bilinguismo; escala *likert*; produção eliciada.

Abstract: This study investigates an innovative structure in Brazilian Portuguese (BP): relative clauses with preposition stranding. BP speakers and Brazilian undergraduate Portuguese-English bilingual students participated in an acceptability judgement task with a 5-point Likert scale and an elicited production task. Since relative clauses with preposition stranding is a very frequent construction in English, bilinguals were expected to show higher levels of acceptability and production of this kind of structure in BP. However, this phenomenon seems to be lexically restricted in BP: there are prepositions which may be stranded, but there are others which may not, according to Marcelino (2007) and Salles (2003). Our results show that bilinguals do indeed accept preposition stranding in higher levels than BP monolinguals, but their production is similar to that of BP speakers, conditioned by type of preposition, that is, they are only more tolerant with relative clauses with preposition stranding in BP in acceptability tasks. These results also show that these constructions are well-accepted and naturally produced by native BP speakers. The comparison between BP speakers and undergraduate Portuguese-English bilingual students suggests that the presence of similar structures in the additional language may increase acceptability rates of innovative variants in the mother tongue.

Keywords: relative clauses; preposition stranding; bilinguism; Likert Scale; elicited production.

Recebido em 25 de outubro de 2022.

Aceito em 27 de maio de 2023.

1 Introdução

Este estudo trata de uma estrutura considerada inovadora no português brasileiro (PB): o uso de preposições órfãs em orações relativas, como em (1). É, no entanto, importante mencionar que, nessa língua, há diferentes estratégias de formação de relativas: há as relativas canônicas, do tipo padrão (2), e as relativas não-canônicas, de tipo não-padrão, denominadas estratégia copiadora ou resumptiva ou com pronome lembrete (3) e estratégia cortadora (4), restrita às relativas formadas a partir de sintagmas preposicionados (TARALLO, 1983):

1. Esse é o chocolate que eu não fico sem ___.
2. Orações relativas canônicas, do tipo padrão
 - a. Relativa de sujeito
Encontrei o professor que ___ deu a palestra sobre variação linguística.
 - b. Relativa de objeto direto
Encontrei o professor que o diretor havia convidado ___ para o evento.
 - c. Relativa de objeto indireto/oblíquo
Encontrei o professor a quem a Fundação concedeu o prêmio ___.
 - d. Relativa genitiva
Encontrei o professor cujo artigo ___ eu havia lido semestre passado.
3. Orações não-canônicas, com pronome resumptivo/lembrete
 - a. Relativa de sujeito
Encontrei o professor que **ele** deu a palestra sobre variação linguística.
 - b. Relativa de objeto direto
Encontrei o professor que o diretor havia convidado **ele** para o evento.
 - c. Relativa de objeto indireto/oblíquo
Encontrei o professor **que** a Fundação concedeu o prêmio a **ele**.
 - d. Relativa genitiva
Encontrei o professor **que** o artigo **dele** eu havia lido semestre passado.
4. Orações não-canônicas, do tipo cortadoras
 - c. Relativa de objeto indireto/oblíquo
Encontrei o professor que a Fundação concedeu o prêmio ___.
 - d. Relativa genitiva
Encontrei o professor que o artigo ___ eu havia lido semestre passado.

As relativas canônicas, do tipo padrão, particularmente as de maior complexidade, como de objeto indireto/oblíquo e genitivas são pouco frequentes na fala coloquial, sendo reservadas para contextos de maior formalidade, geralmente gêneros mais monitorados de escrita, sendo associadas a falantes mais escolarizados, o que também tem sido reportado em relação ao português europeu e variedades africanas (ALEXANDRE; HAGEMEIJER, 2013). A estratégia resumptiva/copiadora é considerada pouco frequente no PB (CORRÊA, AUGUSTO & MARCILESE, 2018;

KERSCH, 2008; SILVA, 2011), sendo associada à baixa escolaridade (MOLLICA, 2003; RAMOS, 2015; SILVA & LOPES, 2007). Do século XVIII para o século XX no PB, não se atesta um aumento expressivo do uso dessa estratégia, enquanto há aumento no uso de relativas cortadoras ao mesmo tempo em que se verifica um declínio no uso das relativas do tipo padrão (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2009; TARALLO, 1983).

Em relação ao exemplo em (1), nota-se que não se trata nem de uma relativa copiadora, nem de uma relativa cortadora. Por um lado, a preposição está presente, logo não se trata de uma relativa cortadora. Por outro lado, essa preposição, embora apareça em sua posição de base, como na estratégia copiadora, não está acompanhada do pronome lembrete. Trata-se de uma estrutura com preposição órfã – *preposition stranding*¹ – bastante comum na língua inglesa, sendo encontrada em orações relativas e interrogativas:

5. This is the girl I gave the book to ___.
6. What city are you from?

Para Marcelino (2007), esse fenômeno da preposição órfã só ocorre em línguas cujo Parâmetro da Composicionalidade (SNYDER, 1995) é positivo, como no inglês. Toma-se o PB como uma língua que marca o Parâmetro da Composicionalidade como negativo, logo preposições órfãs em interrogativas e relativas não seriam esperadas. Assim, o que se tem visto no PB, segundo Marcelino (2007), constituiria um fenômeno lexical e não gramatical, mais restrito do que o que ocorre no inglês (ver seção seguinte).

Nosso interesse é justamente verificar em que medida essas construções inovadoras já são bem aceitas e efetivamente produzidas, contrastando-se dois grupos de falantes do PB: (i) um grupo de falantes

¹ O termo *preposition stranding*, do inglês, é utilizado para fazer referência a essa preposição que se encontra isolada, sem elementos posteriores que satisfaçam seus requerimentos sintáticos ou semânticos. Vários termos em português têm sido utilizados, como preposição encalhada (CAMACHO, 2012), isolamento da preposição (MARCELINO, 2007), preposição desacompanhada (KLEPPA, 2005) e o termo aqui adotado, preposição órfã, seguindo autores como Kato & Nunes (2014), Kenedy (2006), Marchesan & Miotto (2014), e em consonância com uma das referências mencionadas no artigo, Salles (2001, 2003).

de PB com nenhum ou pouco conhecimento de inglês e (ii) um grupo de estudantes universitários de Letras da habilitação língua inglesa de uma universidade pública do Rio de Janeiro. Busca-se verificar em que medida a exposição a um *input* duplo, do PB e do inglês, em que as estruturas com preposições órfãs estão presentes, poderia intensificar a aceitabilidade e produção dessa estrutura inovadora no PB. Para tanto, faremos uso de dois testes psicolinguísticos: um de aceitabilidade com escala *Likert* e um de produção eliciada. O tipo de preposição utilizada também será objeto de interesse e discutiremos, segundo Salles (2003), uma possível subdivisão entre essas preposições, distinguindo o fenômeno no PB e no inglês.

O artigo está organizado da seguinte maneira: na próxima seção, apresentamos o fenômeno sob investigação em maiores detalhes, discorrendo sobre a estrutura das distintas estratégias para a formação das relativas e a distinção entre diferentes preposições para a aceitabilidade do fenômeno da preposição órfã. A seção seguinte traz algumas considerações sobre gramáticas múltiplas e *input* duplo, considerando o contato com duas línguas que o grupo de estudantes brasileiros de inglês apresenta, em relação ao fenômeno estudado, ponderando-se sobre a variação linguística já caracterizada para o PB. Os experimentos aplicados a esse grupo e a um grupo de falantes de PB com pouco ou nenhum contato com a língua inglesa são reportados na seção 4, seguidos dos resultados. A última seção traz nossas considerações finais.

2 A estrutura das orações relativas no PB e a preposição órfã

As orações relativas têm sido descritas como orações que apresentam um núcleo nominal², geralmente seguido por um pronome relativo, que é associado a uma posição vazia, uma lacuna (ou um pronome resumptivo, em algumas línguas), no interior da oração relativa. Na literatura gerativista, uma das principais análises que tem sido considerada em relação às orações relativas é a análise do tipo *promotion*, de Kayne (1994), a qual também tem sido adotada para a análise de relativas no PB (KATO & NUNES, 2009; KENEDY, 2002; GROLLA, AUGUSTO & RODRIGUES, 2020; MEDEIROS JUNIOR, 2020).

² Há, ainda, as denominadas relativas livres, as quais não apresentam um sintagma nominal expresso (*Convidei quem os palestrantes indicaram*). Essas não são nosso objeto de interesse no momento.

As análises do tipo *promotion* compartilham a ideia de que a relativa é derivada a partir de um movimento de dentro da oração relativa (BRAME, 1968; KAYNE, 1994; VERGNAUD, 1974). Para Kayne (1994), a oração relativa é complemento de D e o N é gerado dentro da oração relativa junto ao pronome relativo [que livro], sendo que esse DP [t_j] se move para CP, havendo, ainda, um novo movimento do N para a esquerda, derivando-se a ordem final [livro que t_j]:

7. DP [o [CP [DP [livro]_i] [D' que t_j]]] eu comprei t_j]

Kato & Nunes (2009) assumem esse tipo de análise para o PB, particularmente para as relativas do tipo padrão, já que as relativas do tipo não padrão seriam, na verdade, geradas a partir de uma posição mais alta, de deslocamento à esquerda (DE). Ou seja, na verdade, a relativa seria derivada de uma estrutura inicial do tipo:

8. ... que livro, o João sempre cita ele.
... que livro, você vai precisar dele amanhã.

É relevante que esses elementos em posição de deslocamento à esquerda estejam coindexados com um pronome resumptivo na posição de base, que se manterá na relativa. Mas como a posição DE só abriga sintagmas nominais e não preposicionais, o pronome relativo é sempre *que* e o movimento não tem como carregar qualquer preposição.

As estruturas assumidas pelos autores são exemplificadas a seguir (KATO & NUNES, 2009, pp. 114-115):

9. Relativas padrão
- [aquela [CP [DP pessoa_i][DP que t_j]]k [CP C [IP tk comprou o livro]]]]
 - [o [CP [DP livro_i] [DP que t_j]]k [CP C [IP aquela pessoa comprou tk]]]]
 - [o [CP [PP livro_i] [PP de [DP t_i] [DP que t_j]]] k [CP C [IP você precisa tk]]]]
10. Relativas com pronome resumptivo
- Eu tenho [uma [CP [DP amigai] [DP que t_j]]k [CP C [LD tk [IP elai é muito engraçada]]]]]]

- b. Este é [o [CP [DP livroi [DP que ti]]k [CP C [LD tk [IP o João sempre cita elek]]]]]
- c. Este é [o [CP [DP livroi [DP que ti]]k [CP C [LD tk [IP você vai precisar delek amanhã]]]]]

Para Kato & Nunes (2009), nas relativas cortadoras, o movimento também se dá a partir da posição de DE, mas os autores assumem que haveria um pronome nulo especial, dispensando a preposição, no interior da oração relativa, conforme exemplo a seguir:

11. Este é [o [CP [DP livroi [DP que ti]]k [CP C [LD tk [IP você estava precisando prok]]]]]

Kenedy (2002) propõe uma análise distinta, embora também parta da proposta de Kayne (1994). Para esse autor, a distinção entre as relativas do tipo padrão e as do tipo não-padrão se encontra apenas no componente fonológico e não na sintaxe propriamente dita. O DP alvo da relativização deixa um complexo de traços morfofonológicos em sua posição original, que pode ser totalmente apagado para efeitos de pronúncia, como nas relativas do tipo padrão. Nas relativas não-padrão do tipo resumptiva/lembrete, o DP alvo teria uma manifestação fonética de traços que permanecem ativos, como os de gênero, número e pessoa, que constituem o pronome resumptivo/lembrete. Em relação às relativas cortadoras, Kenedy leva em conta a questão de, em PB, haver a formação do núcleo sintático complexo [P+D], assumido por Salles (2003). Assim, o apagamento dos traços do DP movido levará também ao apagamento dos traços de P. Dessa forma, para dar conta da distinção entre relativas do tipo padrão preposicionadas e relativas cortadoras, o autor assume que o movimento do DP alvo pode carrear a preposição, o que implicará a estratégia padrão (12) ou não, o que nesse caso implicará que os traços parciais do DP movido sejam recuperados na forma de um pronome resumptivo/lembrete (13) ou que a preposição seja apagada (14) (KENEDY, 2014, p. 14):

12. relativa preposicionada canônica: [a [camisaj [com a qual tj]i você saiu ti ontem]]
13. relativa preposicionada copiadora: [a [camisai [que você saiu [com elai] ontem]]]
14. relativa cortadora: [a [camisai [que você saiu [com ti] ontem]]]

As análises apresentadas têm em comum o fato de proporem derivações distintas para as relativas não canônicas da língua e as relativas canônicas, com algumas das quais (as de objeto indireto/oblíquo e genitiva) os falantes do PB atual só têm contato com exposição ao letramento. Na análise de Kato & Nunes (2009), essa distinção está no fato de o PB ser entendido como uma língua que faz amplo uso da posição de deslocamento à esquerda, a partir da qual várias relativas do tipo não-padrão são derivadas. Para a geração de relativas preposicionadas do tipo padrão, um movimento da posição de base, almejando todo o PP é necessário. Na análise de Kenedy (2002; 2014), embora não se faça uso da posição de DE, a derivação padrão de relativas preposicionadas deve também necessariamente ter como alvo o PP todo para movimento. Portanto, se apenas o DP for movido, isso privilegia o aparecimento de relativas cortadoras ou resumptivas/lembrete, pois haveria uma dificuldade para lidar com a preposição isolada em PB. Efetivamente, em relação à estrutura relativa inovadora aqui apresentada, a relativa com preposição órfã, verifica-se que nem toda preposição aceita essa posição isolada (retoma-se o exemplo (1) para contraste)³:

15. Esse é o chocolate que eu não fico sem __.

16. *Essa é a blusa que eu gosto de __.

Os estudos de Marcelino (2007) e Salles (2003) debruçam-se sobre essa questão. Segundo Marcelino (2007), a possibilidade de preposições órfãs nas línguas é derivada da marcação de um parâmetro que apresenta um conjunto de propriedades agrupadas sob o Parâmetro da Composicionalidade (SNYDER, 1995).

17. a. *N+N compounding: banana box, book worm*

b. *Resultative: John wiped the table clean.*

c. *Verb-Particle: Mary picked up the book/picked the book up.*

d. *Double Object Dative: Alice sent Sue the letter.*

e. *Preposition Stranding: I know who Alice sent the letter to.*

³ Há alguma controvérsia em relação a que preposições são bem aceitas ou não nesse tipo de construção. Agradecemos, inclusive, a um dos pareceristas os comentários sobre algumas das sentenças.

Em seu estudo, Marcelino (2007) defende que o PB não marcaria esse parâmetro positivamente e essas propriedades estariam ausentes da língua ou se apresentariam como inovações lexicalmente restritas, ou seja, não teriam aplicação geral e irrestrita, configurando-se, inclusive, como propriedades que trariam dificuldades para o estudante brasileiro de língua inglesa. Nesse estudo, Marcelino (2007) aplicou um teste de julgamento de gramaticalidade, com 65 sentenças, 18 agramaticais e 47 gramaticais, a 17 falantes de inglês e 42 aprendizes brasileiros de inglês, subdivididos, em função de sua proficiência, em avançados (21 participantes) ou intermediários (21 participantes), seguido de solicitação de paráfrases (falantes de inglês) ou traduções/explicações sobre o significado das sentenças (aprendizes brasileiros de inglês). A seguir, verificam-se os percentuais de índice de acertos obtidos junto a cada grupo para os vários fenômenos relacionados ao Parâmetro da Composicionalidade (interessa-nos, particularmente, a última coluna, PrStr, com os resultados de *preposition stranding*/preposição órfã):

TABELA 1 - Índice de acertos no julgamento de gramaticalidade em Marcelino (2007)

	N + N	ER	V+PRT	COD	PrStr
Nativos	96%	96%	98%	83%	92%
Avançados	77%	91%	73%	71%	75%
Intermediários	68%	50%	57%	62%	59%
Média	80%	79%	76%	72%	75%

Fonte: Marcelino (2007: 162)

Como pode ser visto, não há um grande domínio em relação ao uso de preposições órfãs pelos aprendizes brasileiros em relação ao inglês (75% de acertos para avançados e apenas 59% para os intermediários). No entanto, nós nos perguntamos se, em alguma medida, a aceitabilidade e uso de preposições órfãs em PB poderia ser intensificada após contato com o inglês. Entretanto, é importante verificar que o fenômeno efetivamente não tem, em PB, a mesma abrangência que tem no inglês. Como mencionado, nem toda preposição aceita a posição órfã em PB, ao passo que essa é a regra geral no inglês, independentemente da preposição presente.

Salles (2003) discute a possibilidade de isolamento ou carreamento da preposição em termos de variação translinguística, observando que o inglês e as línguas escandinavas permitem o isolamento, enquanto línguas românicas adotam o carreamento (exemplos retirados de Salles (2003, p. 254):

18. a. *Quem Maria falou com/ *A pessoa que Maria falou com
- b. Com quem Maria falou/ A pessoa com quem Maria falou
- c. Who did Mary talk to/ The person (that) Mary talked to
- d. To whom did Mary talk/ The person to whom Mary talked

A autora salienta que essas estruturas envolvem movimento, mas tal movimento não tem como foco a preposição e sim algum material que se encontra dentro do PP. Assim, a autora sugere que o carreamento obrigatório de P deve ser explicado por meio da relação entre P e D, dentro de PP. Salienta-se o fato de que as línguas românicas apresentam contração entre preposição e artigo, quando este é definido, e também entre preposição e QU (exemplos retirados de Salles (2003, p. 259):

19. a. a necessidade da/ *de a criança
- b. le besoin des/ *de les enfants
20. a. Donde vem Pedro?
- b. D'où vient Pierre?

Nesse sentido, Salles (2003) propõe que a contração entre preposição e artigo é a expressão morfofonológica da formação de um núcleo complexo [P+D] na sintaxe, que obriga o carreamento da preposição. Salientamos, no entanto, que nem todas as preposições apresentariam a obrigatoriedade dessa contração, como, por exemplo, a preposição *sem*, cujo exemplo com preposição órfã se mostra bem aceito em PB (ver exemplo (1)). Por outro lado, já se verificou que a preposição *de* não funciona como preposição órfã (ver exemplo (16)). Efetivamente essa preposição se contrai com os artigos *o*, *a*, formando *do*, *da*. Também pode-se verificar o mesmo com a preposição *para*, que forma *pra*, *pro*. E o mesmo vale para *em*, formando *no*, *na*. Também poderíamos incluir nesse grupo a preposição *com*, que forma *coo* (*com o menino – co menino*), *coa* (*com a menina – coa menina*) (mas veja nota 2).

Tomando-se, então, os estudos de Marcelino (2003) e Salles (2003), pretendemos contrastar grupos distintos de preposições em nossos experimentos, considerando as preposições que se contraem e seriam menos propensas ao isolamento (*em, para, de e com*) com um grupo de preposições que seriam mais propensas ao isolamento, em que incluiremos *sem, sobre e contra*, além de duas locuções prepositivas, *a favor de e atrás de*, mas sem o elemento *de*. Assim, salienta-se o fato de que se mantém uma carga semântica, contribuindo para um significado específico, o que parece poder favorecer a posição órfã, no PB. Comparem-se, no entanto, as particularidades relativas ao uso de locuções prepositivas nas duas línguas:

21. This is the law you voted in favor of.
22. Esse é o projeto de lei que todos votaram a favor.

Na próxima seção, discutiremos um pouco a questão da variação linguística, de como uma gramática pode acolher valores gramaticais distintos e em que medida essas considerações nos permitem prever situações em que se fala de influências entre línguas (ORTÍZ ALVAREZ, 2002).

3 Múltiplas gramáticas: acomodando a variação e a influência entre línguas

Não só falantes podem dominar mais de uma língua, mas mesmo os falantes de uma língua são, na verdade, expostos a distintas variantes, as quais podem ter valores gramaticais conflitantes entre si. Um caso bastante claro é o próprio PB, em que se tem visto cada vez mais uma maior distância entre o vernáculo e o que é preconizado pelas gramáticas de língua portuguesa, adotadas no ensino brasileiro. As orações relativas, objeto de interesse aqui, são um exemplo desse convívio entre normas distintas, uma vez que se tem, como já apresentado anteriormente, uma estratégia padrão de formação de relativas, que convive com duas estratégias do tipo não padrão, cortadoras e resumptivas/lembretes (TARALLO, 1983), em relação às quais discutimos o lugar da estratégia com preposição órfã (ver exemplos de (1) a (4)).

Kato (2005) observa que o PB vem sofrendo alterações paramétricas (mudanças de valores gramaticais), apresentando propriedades na modalidade oral que se afastam do que é preconizado para a modalidade escrita, formal, mais conservadora. A pesquisadora

preocupa-se, então, em compreender o que seria uma gramática do letrado brasileiro, que só é adquirida com a exposição a essa gramática mais conservadora, característica da escrita no Brasil. Ou seja, é preciso considerar que a gramática de um falante brasileiro culto inclui, além da **gramática nuclear**, natural, espontânea, adquirida naturalmente nos primeiros anos de vida, o que vem sendo denominado de uma **periferia marcada**, onde empréstimos, neologismos, aspectos formais e mesmo possíveis valores paramétricos conflitantes com a gramática nuclear podem estar presentes. Roeper (1999) defende um bilinguismo universal, não só no sentido de que é necessário considerar que os bilíngues têm que acomodar, por vezes, valores paramétricos distintos, mas também ao considerar a variação linguística interna a cada língua. Nesse sentido, para ele, o bilíngue “*stricto sensu*” manteria duas gramáticas, G1 e G2, com o mesmo estatuto, ou seja, gramáticas nucleares distintas até a idade adulta. Mas também o falante monolíngue teria a possibilidade de acomodar valores distintos, no interior de uma mesma língua, abrigando, assim, a variação gramatical, característica de gêneros distintos, permitindo recursos linguísticos com nuances expressivas ao falante. Ou seja, todo falante seria potencialmente um bilíngue latente dentro da sua própria língua e considera-se, assim, que múltiplas gramáticas ficam disponíveis para todo e cada falante. Independentemente da proposta adotada, gramáticas independentes ou uma periferia marcada disponível, a disponibilidade de distintas regras implica assumir um *parser* – um processador estrutural – que acessa esse conjunto completo de regras à disposição do falante. Nesse sentido, por múltiplos fatores atuantes (menor complexidade, maior frequência de acionamento, etc, os quais não vamos aprofundar neste momento), pode-se prever uma influência de uma gramática ou de regras da gramática internalizada ou da periferia marcada para a atuação do *parser* durante o processamento sintático. Um aspecto que queremos salientar é o fato de que um bilíngue português/inglês está recebendo um *input* maior de relativas com preposições órfãs, ou seja, são estruturas encontradas em ambas as línguas, embora com certas restrições no PB, como vimos discutindo aqui.

O fato de preposições órfãs poderem gerar sentenças agramaticais no PB foi investigado em relação ao inglês, como uma interferência negativa desta língua naquela (de Lemos, 2013). A influência do inglês no PB, em relação a preposições órfãs, foi atestada com falantes de herança, vivendo nos Estados Unidos. A autora fez uso de estruturas interrogativas em duas tarefas: uma de produção e uma de julgamento

de aceitabilidade, aplicadas tanto em português como em inglês. Os participantes, 30 no total, tinham entre 4 e 16 anos de idade, eram filhos de imigrantes brasileiros e viviam no sul da Flórida.

Os resultados do teste de produção, em português, evidenciaram que falantes de herança nascidos nos Estados Unidos usavam preposição órfã em frases interrogativas quando falavam português (*Quem ela vai na festa com?*) e o faziam sistematicamente (94%), mesmo com verbos que selecionavam complementos preposicionais em português, mas não em inglês (ex: *I like chocolate/ Eu gosto de chocolate*). No entanto, esses resultados de produção não convergiram com os obtidos na tarefa de julgamento: houve apenas 22% de respostas considerando as sentenças com preposição órfã como corretas em PB, enquanto as sentenças com preposição carregada obtiveram índice de 63% de aprovação.

Os falantes de herança têm a língua inglesa como língua dominante. Nosso interesse se volta para aprendizes de língua inglesa como língua adicional (L2), em solo brasileiro. Nossa hipótese é de que estruturas compartilhadas por ambas as línguas possam ter seu uso intensificado ou alargado, mesmo quando as restrições diferirem levemente entre as línguas, como ocorre em relação ao fenômeno da preposição órfã, que é mais abrangente no inglês do que no PB. Uma vez que há no PB uma forma inovadora que coincide com a forma frequente no inglês, esse *input* duplo que o aprendiz recebe estaria dando destaque à estrutura com preposição órfã, possivelmente, intensificando seu uso ou sua aceitabilidade no PB. No entanto, uma vez que controlamos o tipo de preposição presente nos experimentos, contrastadas entre aquelas que aceitam melhor o isolamento ou não, prevemos que tanto a produção quanto a aceitabilidade das relativas com preposição órfã poderão se conformar a essa distinção. Nossa coleta de dados será reportada na próxima seção.

4 Experimentos

Dois experimentos foram elaborados para a coleta de dados desta investigação, tendo feito parte da dissertação de mestrado da segunda autora (ORLANDO, 2021)⁴. Trata-se de um julgamento de aceitabilidade com escala *Likert*, em que sentenças com preposições órfãs

⁴ Projeto aprovado pelo Comitê de Ética da UERJ, sob número CAAE 26546719.6.0000.5282

foram apresentadas aos participantes e um teste de eliciação de estruturas relativas, também manipulando dois conjuntos de preposições, com maior ou menor tendência ao isolamento. Os experimentos foram aplicados a dois grupos de participantes: falantes de PB, com nenhum ou pouco conhecimento de inglês e estudantes universitários do curso de português-inglês da UERJ, com nível de proficiência intermediária superior.

O teste de julgamento de aceitabilidade foi aplicado via *google forms* e foi composto por 32 questões, sendo 12 sentenças-testes e 20 distratoras. As sentenças-teste apresentam sentenças relativas com preposições órfãs, sendo subdivididas em dois tipos: preposições (ou locuções prepositivas) do grupo (A), com maior tendência ao isolamento, como: *em cima*, *sobre*, *sem*, *a favor*, *contra* e *atrás*, e preposições do grupo (B), que não são bem aceitas em posição órfã, como: *em (2)*, *para (2)*, *de* e *com*. Utilizou-se uma escala *Likert* de cinco pontos, conforme exemplo a seguir:

FIGURA 1 - Exemplo de sentença do teste de julgamento de aceitabilidade

3- Rabiscaram toda aquela mesa que o menino estava sentado em cima. *

Boa

Quase boa

Mediana

Quase ruim

Ruim

3- Rabiscaram toda aquela mesa que o menino estava sentado em cima.

Correção, se necessário.

Fonte: Orlando (2021: 68)

O teste de eliciação foi aplicado individualmente de forma remota, fazendo-se uso de uma série de *slides/pranchas* em *power-point*, e constituía-se de 26 questões, sendo 12 sentenças-teste e 14 distratoras, organizadas em duas listas invertidas. O objetivo do teste é eliciar sentenças relativas a partir de um contexto anterior, com base em imagens apresentadas (NOVOGRODSKY & FRIEDMANN, 2006). Os mesmos dois grupos de preposições (A) (*em cima*, *sobre*, *sem*, *a favor*, *contra* e *atrás*) e (B) (*em, para (2), de e com (2)*) foram utilizados nesta tarefa.

FIGURA 2 - Exemplo de prancha utilizada

A avó fez bolo de chocolate para o neto.

A avó fez bolinho de chuva para o neto.



Que neto é esse?

Esse é o neto...

Fonte: Orlando (2021: 71)

Contabilizou-se a produção de relativas com preposição órfã e relativas cortadoras, as principais estratégias identificadas para a produção de relativas com preposição, computando-se outros tipos de relativas produzidas (padrão ou resumptiva/lembrete), assim como outro tipo de resposta/não respondeu, como respostas outras, conforme exemplos a seguir:

23. Relativa com preposição órfã

Esse é o neto que a avó fez um bolo de chocolate para.

24. Relativa cortadora

Esse é o neto que a avó fez um bolo de chocolate.

25. Outras respostas

a. Relativa padrão

Esse é o neto para quem a avó fez um bolo de chocolate.

b. Relativa resumptiva/lembrete

Esse é o neto que a avó fez um bolo de chocolate para ele.

c. Respostas outras ou não resposta

Esse é o neto que fez um bolo de chocolate.

Nossa hipótese, como já mencionado, é de que a exposição ao *input* duplo – português brasileiro e inglês – corrobore a possibilidade de estruturas com preposição órfã, intensificando a aceitabilidade e a produção desse tipo de estrutura em maior grau nos estudantes bilíngues em comparação aos falantes de PB com pouco ou nenhum conhecimento de inglês.

Desse modo, prevê-se, para o julgamento de aceitabilidade: (i) taxas maiores de aceitabilidade para as preposições do tipo (A) do que do tipo (B), tanto pelos falantes de PB, quanto pelos bilíngues; (ii) taxas maiores de aceitabilidade tanto para preposições do grupo (A), quanto do grupo (B), pelos participantes bilíngues em comparação com os não bilíngues de inglês.

Em relação ao teste de produção, prevê-se que (i) preposições do tipo (A) privilegiarão a produção de estruturas com preposição órfã por ambos os grupos, mas mais acentuadamente pelos bilíngues, já que se trata de construção compartilhada pelas línguas; (ii) preposições do tipo (B) privilegiarão a produção de estruturas cortadoras pelos falantes de PB, mas possivelmente em taxas menores para os bilíngues, uma vez que essa estrutura não é compartilhada pelas línguas, sendo agramatical no inglês.

Em suma, prevê-se que a aceitabilidade de estruturas com preposição órfã seja acentuada, incluindo-se preposições do grupo (B), particularmente para os bilíngues. No entanto, prevê-se que a produção de preposição órfã seja mais acentuada para as preposições do grupo (A), enquanto para o grupo (B) predominem estruturas do tipo cortadora, particularmente para os falantes de PB, possivelmente com taxas mais baixas para os bilíngues.

4.1 Julgamento de aceitabilidade com escala *Likert*

- Participantes

Participaram dessa tarefa: (i) 12 participantes falantes de língua portuguesa com pouco ou nenhum conhecimento de inglês, na faixa etária entre 21 e 47 anos, sendo 11 mulheres e 01 homem, brasileiros, com ensino superior completo ou em andamento; e (ii) 12 bilíngues estudantes universitários do curso de Letras – inglês/ literaturas da UERJ, brasileiros, com idades entre 19 e 34 anos, sendo 09 mulheres e 03 homens.

O grupo de bilíngues universitários realizou um teste de nivelamento *online* da *Oxford*, que possui 40 questões. A avaliação do teste se enquadra no Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas, isto é, ao final do teste recebe-se uma avaliação que contempla nivelamento básico (A1, A2), intermediário (B1, B2) ou avançado (C1, C2). Os 12

alunos que participaram obtiveram nível B2, que consiste em um nível intermediário superior, em que o falante de segunda língua tem um bom nível de conhecimento da língua, e é capaz de agir de forma independente.

- Material

Como já mencionado, foi elaborado um questionário via *google forms* com 32 questões, sendo 12 sentenças-testes e 20 distratoras. As primeiras telas do questionário apresentavam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e solicitavam algumas informações pessoais, como idade, sexo, formação/período do curso em andamento. O início da apresentação das sentenças indicava que se avaliassem as sentenças, definindo se são boas na Língua Portuguesa oral culta. O questionário iniciava-se com sentenças distratoras, parte delas gramaticais, parte com desvios comumente apontados pelas gramáticas tradicionais da língua portuguesa, como desvios de concordância ou uso de verbos impessoais no plural. As sentenças-teste apresentavam relativas com preposições órfãs, sendo 6 sentenças com preposições do grupo (A), com maior tendência ao isolamento, como: *em cima, sobre, sem, a favor, contra e atrás*, e 6 sentenças com preposições do grupo (B), que não são bem aceitas em posição órfã, como: *em (2), para (2), de e com*. Utilizou-se uma escala *Likert* de cinco pontos com as indicações: boa, quase boa, mediana, quase ruim, ruim (veja Figura 1). A seguir, alguns exemplos das sentenças utilizadas:

26. a) A proposta que eu sou a favor não deve ganhar no plebiscito, infelizmente.
b) O biscoito que eu não fico sem esgotou em todos os supermercados.
27. a) O apartamento que meu irmão morava em tinha várias infiltrações.
b) O livro que o aluno necessitava de estava esgotado.

- Procedimento

Os bilíngues foram contactados com uma visita às salas de aula para fazer o convite de participação no experimento. Aqueles que fizeram parte do experimento receberam horas de atividades complementares pela participação. Os falantes de PB com pouco ou nenhum conhecimento de inglês foram contactados via rede social dos pesquisadores. O *link* para o questionário era disponibilizado via *email* ao participante, que era orientado a buscar um local tranquilo para realizar a tarefa, respondendo com atenção e sem interrupções para consultas de qualquer tipo.

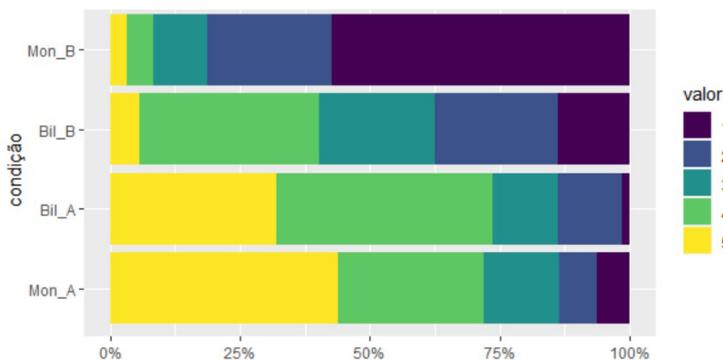
Finalizada a tarefa, as respostas eram coletadas pela ferramenta para posterior acesso pelo pesquisador.

- Resultados

Os dados foram tratados no *software* R Studio (R CORE TEAM, 2013; versão 4.1.10). Ajustou-se um modelo de regressão logística de efeitos mistos, considerando-se os valores de aceitabilidade como variável dependente, grupo e condição como efeitos fixos e sujeitos como fator randômico. Por se tratar de dados ordinais, advindos de uma escala *likert* de 5 pontos, utilizou-se a função `clmm()`, inclusa no pacote *Ordinal* (CHRISTENSEN, 2019). Em uma comparação aninhada, o modelo que considerou a interação entre grupo e condição se mostrou mais explicativo do que o modelo sem a interação ($p < 0,001$) e o modelo nulo ($p < 0,001$).

A distribuição dos valores de aceitabilidade da escala utilizada, por grupo (Mon – para falantes de PB com pouco ou nenhum conhecimento de inglês e Bil – para estudantes brasileiros bilíngues português/inglês) e condição (preposições do grupo (A) – mais propensas ao isolamento e preposições do grupo (B) – menos propensas ao isolamento), encontra-se no Gráfico 1. Considerando-se 4 e 5 como avaliações positivas e 1 e 2 como avaliações negativas, percebe-se que as preposições da condição (A) são as que recebem mais valores 4 e 5, por ambos os grupos, enquanto as preposições do tipo (B) são bem mal avaliadas, particularmente pelos falantes não bilíngues, com mais valores 1 e 2, enquanto os bilíngues dão notas mais variadas, sendo 4, um valor positivo, o valor mais frequentemente atribuído para essa condição (B) por esse grupo (Bil):

GRÁFICO 1 - porcentagem de julgamento por nível de aceitabilidade (1 a 5)



Fonte: elaboração própria.

O *output* do modelo, tomando o grupo bilíngue e a condição (B) como referência, mostrou que houve efetivamente uma diferença significativa entre a distribuição da aceitabilidade para esse grupo e o grupo de falantes de PB, na avaliação dos estímulos dessa condição: cerca de 40,28% dos bilíngues consideraram as sentenças do tipo (B) como aceitáveis (notas 4 e 5), enquanto apenas 8,33% dos falantes de PB fizeram o mesmo julgamento positivo das sentenças. Há, nesse sentido, um efeito de grupo, o que é também atestado pelo modelo, que mostra uma diferença entre médias significativa ($p < 0,001$).

TABELA 2 - Resultados do modelo com Bil_B como referência

(Ref.: Bil_B)	β	Erro Padrão	z	p
Mon_B	-2,2226	0,4577	-4,856	< 0,001
Bil_A	1,6092	0,3064	5,251	< 0,001
Mon_A	2,4566	0,4354	5,642	< 0,001

Fonte: elaboração própria.

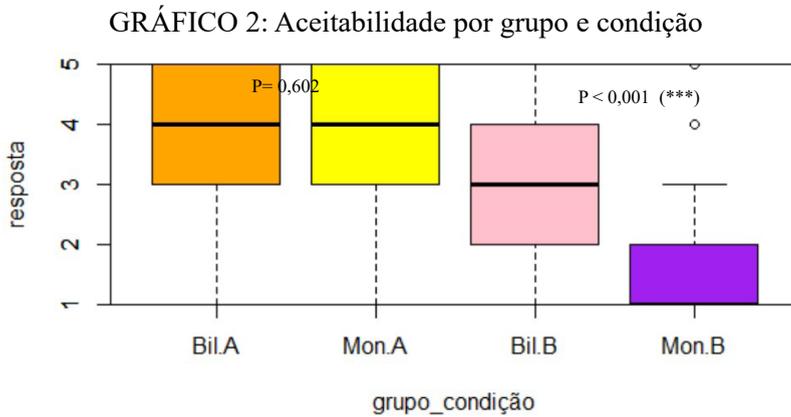
Já o modelo que tomou a condição (A) como valor de referência indica que não houve diferença entre os grupos ($p = 0,602$). Para essa condição, o grupo de bilíngues fez um julgamento positivo de 73,61%, enquanto o grupo de falantes de PB o fez em 71,87% (considerando notas 4 e 5).

TABELA 3 - Resultados do modelo com Bil_A como referência

(Ref.: Bil_B)	β	Erro Padrão	z	p
Mon_B	0,2339	0,4487	0,521	0,602
Bil_A	-1,6092	0,3064	-5,251	< 0,001
Mon_A	-2,4566	0,4354	-5,642	< 0,001

Fonte: elaboração própria.

O Gráfico 2 mostra essa diferença de comportamento dos grupos entre as condições (A) e (B). Percebe-se que para as preposições da condição (A), ambos os grupos (Bil. e Mon.) apresentam comportamento semelhante, sem diferença estatisticamente significativa ($p = 0,602$), com avaliação positiva, média 4, enquanto para a condição (B), os grupos diferem estatisticamente ($p < 0,001$), com avaliações mais positivas pelo grupo dos bilíngues (3), em comparação com o grupo dos não-bilíngues (1):



Fonte: elaboração própria.

Em suma, nossas previsões iniciais foram assim parcialmente corroboradas pelos dados: (i) houve efetivamente taxas maiores de aceitabilidade para as preposições do tipo (A) do que do tipo (B), tanto pelos não bilíngues, quanto pelos bilíngues; mas (ii) maiores taxas de aceitabilidade pelos bilíngues em comparação com os não bilíngues foram obtidas apenas para as preposições do grupo (B), sendo as preposições do grupo (A) altamente aceitas por ambos os grupos.

Os resultados são, não obstante, bastante interessantes na medida em que indicam que a aceitabilidade de preposição órfã do tipo (A) pelos falantes de PB é bastante alta, sugerindo que a construção já se mostra legítima nessa variedade da língua, com essas preposições. Adicionalmente, o comportamento dos bilíngues em relação às preposições do tipo (B) indica efetivamente que esse grupo se mostra mais tolerante com essa construção, avaliando melhor a estrutura com preposições órfãs desse tipo (B), que são mais claramente rejeitadas pelos não bilíngues. Pode-se afirmar, assim, que a exposição ao inglês facilita a aceitabilidade da estrutura com preposição órfã do tipo (B), a qual não se mostra aceita pelos falantes de PB não bilíngues.

4.2 Produção eliciada de relativas

- Participantes

Os mesmos participantes do teste de julgamento de aceitabilidade com escala *Likert* participaram da tarefa de eliciação.

- Material

Para esta coleta, foram elaboradas 27 *slides*/pranchas no programa *power-point*, sendo uma prancha de abertura e 26 *slides* contendo imagens para a eliciação das sentenças relativas. Dentre esses, 12 eliciavam sentenças-teste e 14 eliciavam relativas de sujeito, sendo distratoras. As duas primeiras pranchas apresentavam sentenças distratoras, que funcionavam como um aquecimento, possibilitando que o participante compreendesse como funcionava a tarefa. Esses *slides* foram organizados em duas listas invertidas, a partir da terceira prancha do teste. As preposições utilizadas nas sentenças-teste pertenciam ao grupo de preposições (A) (*em cima, sobre, sem, a favor, contra e atrás*), mais propensas ao isolamento, ou ao grupo de preposições (B) (*em, para (2), de e com (2)*), menos propensas ao isolamento, como já mencionado. Os *slides* foram animados e as informações não apareciam todas ao mesmo tempo (ver Figura 2).

- Procedimento

Cada participante definiu um dia e horário para a aplicação do teste, o que foi feito individualmente por meio de uma plataforma como *Zoom* ou *Meet*. Após consentimento do participante, a interação foi gravada para posterior transcrição. A apresentação das pranchas era feita, iniciando-se com a leitura das sentenças que apareciam junto às imagens. Posteriormente, a pergunta que aparecia era lida pelo pesquisador. Ao mesmo tempo, surgia uma seta que apontava para uma das imagens, definindo o tipo de informação que o participante deveria considerar para formular sua resposta. Um início da resposta que o participante deveria utilizar era apresentada. O participante era estimulado a ler e completar essa oração para responder à pergunta (ver Figura 2). Todas as sentenças eram gravadas e foram transcritas para que se pudesse avaliar o tipo de resposta fornecido pelo participante para as sentenças-teste (ver exemplos de (23) a (25)).

28. Ex: O diretor falou sobre este filme. A atriz falou sobre este outro filme.

Que filme é este?

Respostas esperadas possíveis: Este é o filme sobre o qual o diretor falou./ Este é o filme que o diretor falou sobre./Este é o filme que o diretor falou (dele).

- Resultados

Nossas previsões consideraram que preposições do tipo (A) privilegiariam a produção de estruturas com preposição órfã pelos falantes de PB e, ainda mais acentuadamente pelos falantes bilíngues, já que se trata de construção compartilhada pelas línguas, enquanto preposições do tipo (B), menos propensas a aparecerem em posição órfã no PB, privilegiariam a produção de estruturas cortadoras pelos falantes de PB, mas possivelmente em taxas menores para os bilíngues, uma vez que essa estrutura não é compartilhada pelas línguas.

Sendo assim, duas análises foram empreendidas. Primeiramente, ajustou-se um modelo misto binomial que considerou resposta como variável dependente (dois níveis: órfãs ou outras), grupo e condição como variáveis independentes e sujeitos e itens como efeitos aleatórios (BAAYEN; DAVIDSON; BATES, 2008), usando a função *glmer* do pacote *lme4* (BATES et al., 2015). Uma comparação por modelos aninhados, a partir da razão de verossimilhança (WINTER, 2013) mostrou que a interação entre grupo e condição não foi significativa ($X^2 = 0,7523$, $p = 0,3857$). Quando comparado ao modelo nulo, o modelo que considerou somente grupo também não se mostrou com melhor poder de explicação dos dados ($X^2 = 1,3621$; $p = 0,2423$). Já o modelo que considerou somente condição se mostrou melhor do que o modelo nulo ($X^2 = 24,847$; $p < 0,001$). Nos modelos aqui reportados, os valores *p* foram calculados a partir do pacote *lmerTest* (KUZNETSOVA; BROCKHOFF; CHRISTENSEN, 2017).

TABELA 4 - Resultados do modelo com Conda como referência

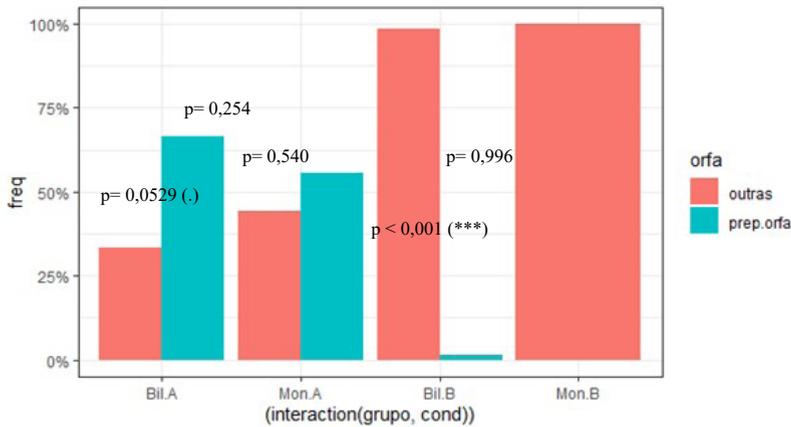
	β	SE	Z	P
Ref.: Conda	0,580	0,379	1,530	0,126
condB	-6,181	1,171	-5,276	1,32e-07***

Fonte: elaboração própria.

O *output* do modelo nos mostra que, para cada produção de preposição órfã entre os grupos na condição (A), há apenas 0,002 produção de preposição órfã na condição (B) ($\beta = -6,181$; $SE = 1,171$; $z = -5,276$; $p < 0,001$). Esse valor é esperado haja vista que, na condição (A), 61,11% das produções (88/144) foram feitas com essa estratégia, enquanto, na condição (B), esse valor é de somente 0,70% (1/142) (a

única produção é do grupo de bilíngues, inclusive). Não há, nesse sentido, diferença entre grupos (bilíngues x monolíngues) quanto à preferência pela preposição órfã entre as condições. Ou seja, a produção de relativas com preposição órfã é igualmente alta para a condição (A) por ambos os grupos e igualmente baixa para a condição (B), em ambos os grupos. O Gráfico 3 mostra isso (lembra-se que Mon são falantes de PB com pouco ou nenhum conhecimento de inglês e Bil é o grupo de estudantes brasileiros bilíngues português/inglês):

GRÁFICO 3- % de produção de preposição órfã em função de grupo e condição



Fonte: elaboração própria.

Esses primeiros resultados demonstram que as preposições do grupo (A) são as que levam a taxas mais altas de produção de relativas com preposições órfãs, seja por monolíngues ou bilíngues. Embora haja um percentual maior de produção pelos bilíngues, esse aumento não se mostra estatisticamente significativo, na comparação com os monolíngues ($p = 0,254$). Por outro lado, essa estratégia não é utilizada na produção de relativas com preposições do grupo (B) pelos falantes de PB, sendo muito restritivamente utilizada pelos bilíngues, mais uma vez sem diferenças estatísticas significativas ($p = 0,996$).

Nossa segunda análise buscou observar a produção de relativas cortadoras. Assumimos que essa produção seria mais frequente com as preposições do grupo (B). Para a análise de dados, ajustou-se um modelo

misto binomial que considerou resposta como variável dependente (dois níveis: cortadoras ou outras), grupo e condição como variáveis independentes e sujeitos e itens como efeitos aleatórios. Uma comparação por modelos aninhados mostrou que a interação entre grupo e condição não foi significativa ($X^2 = 1,3796$, $p = 0,2402$). Quando comparado ao modelo nulo, o modelo que considerou somente grupo se mostrou com melhor poder de explicação dos dados ($X^2 = 28,843$; $p < 0,001$), assim como o modelo que considerou somente condição ($X^2 = 12,232$; $p < 0,001$). Neste caso, como tanto o modelo com *grupo* como o modelo com *condição* foram mais significativos do que o modelo nulo, mas a interação entre *condição* e *grupo*, não, ajustou-se um modelo que considerou os efeitos de condição e grupo como fixos, mas sem interação entre eles (condição + grupo, e não condição*grupo). Esse modelo se mostrou mais significativo do que o nulo, em uma comparação aninhada ($X^2 = 41,327$; $p < 0,001$).

Como nosso interesse recai especificamente na condição (B), em relação às cortadoras, toma-se Mon:B como referência, o que nos mostra o seguinte:

TABELA 5 - Resultados do modelo com Mon_B como referência

	β	SE	Z	P
Ref (Mon:B)	2,7414	0,9309	2,945	0,00323
Bil:B	-3,1158	0,5389	-5,782	7,40e-09
Mon:A	-5,7977	1,4278	-4,061	4,89e-05

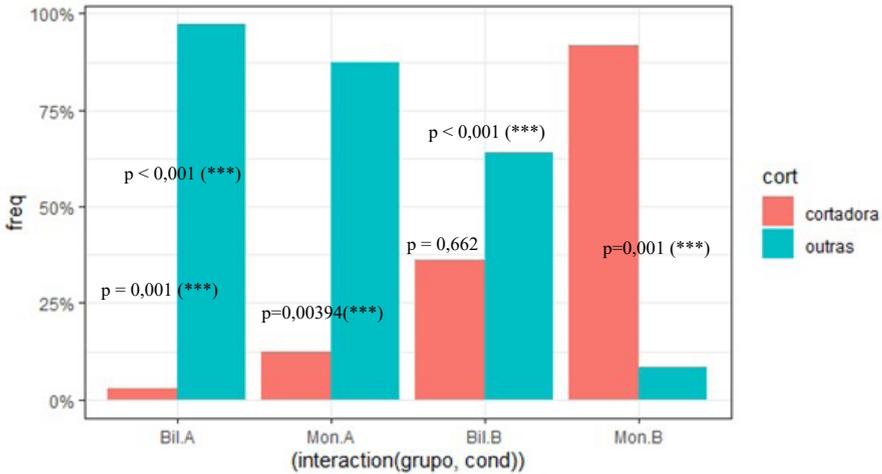
Fonte: elaboração própria.

Os participantes com pouco ou nenhum conhecimento de inglês, na condição (B), estão efetivamente privilegiando o uso de cortadoras, cerca de 15,51 cortadoras para cada 1 outras construções. A comparação entre esses falantes e os bilíngues, nessa condição, mostra, por outro lado, que as chances de produção de cortadora caem com os bilíngues ($\beta = -3,1158$; $SE = 0,5389$; $z = -5,782$; $p < 0,001$).

Ao tomar-se Bil:B como referência, verifica-se que as chances de produção de cortadoras para esse grupo não se mostram estatisticamente diferentes das chances de produção de outras estruturas por esse mesmo grupo, nessa condição ($\beta = 0,662$; $SE = 0,8577$; $z = -0,436$; $p = 0,662$).

Em relação ao Gráfico 4, observa-se que a produção de cortadoras aumenta para a condição (B) em comparação com a condição (A), mas para ambas condições, (A) e (B), os bilíngues produzem significativamente menos cortadoras do que os não bilíngues ($p < 0,001$ para ambas condições na comparação entre grupos). Por outro lado, observa-se que a cortadora se mostra a estratégia preferida em relação a outras alternativas, com diferença estatisticamente significativa, para os não bilíngues ($p = 0,001$), mas para os bilíngues, não há diferença significativa entre a produção de cortadora ou de outras alternativas na presença de preposições do grupo (B) ($p = 0,662$):

GRÁFICO 4 - % de produção de cortadoras em função de grupo e condição

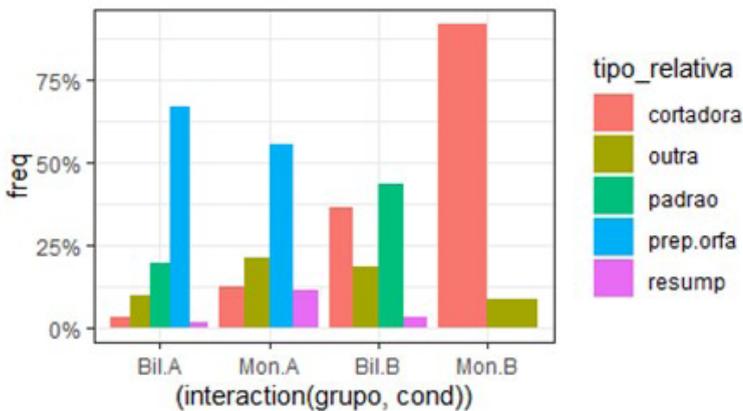


Em suma, os resultados das análises feitas para as cortadoras demonstram que essa estratégia é privilegiada pelos falantes não bilíngues na condição (B), enquanto para os bilíngues, nessa condição, a produção de cortadoras e de outras estruturas não se distingue estatisticamente. De fato, as chances de produção de cortadoras por bilíngues é diferente da chance de produção de cortadoras por não bilíngues, tanto na condição (A) como na (B).

Nossas previsões em relação ao teste de produção confirmaram-se, assim, parcialmente, já que (i) a produção de estruturas com preposição órfã privilegiou efetivamente as preposições do tipo (A) por ambos os grupos, sem diferenças estatisticamente significativas, embora o grupo de bilíngues tenha apresentado um score mais alto. Por outro lado, (ii) as preposições do tipo (B) foram privilegiadas na produção de estruturas cortadoras particularmente pelos não bilíngues e em taxas menores para os bilíngues, com diferença estatisticamente significativa.

Retomamos as respostas fornecidas pelos participantes para verificar a distribuição geral por tipo de relativa (incluindo, assim, padrão e resumtiva), como pode ser visto no Gráfico 5:

GRÁFICO 5 - tipos de relativas produzidas em função de grupo e condição



Fonte: elaboração própria.

Essa distribuição deixa claro que as preposições do tipo (A) permitem uma variedade de estratégias, mas há uma preferência pelo uso da preposição órfã por ambos os grupos, lembrando que, embora os bilíngues tenham um percentual ainda mais alto do que os não bilíngues no uso dessa estratégia, nessa condição, essa diferença não se mostrou estatisticamente significativa. Em relação às preposições da condição (B), não se vê essa variedade de estratégias sendo utilizadas pelos não bilíngues, sendo a estratégia cortadora significativamente privilegiada, o que não ocorre com os bilíngues, que fazem uso de várias estratégias, inclusive a estratégia padrão, com o carreamento da preposição.

Nossos resultados indicam que variantes linguísticas presentes em uma língua podem ser diferentemente avaliadas e acionadas em função do conjunto de regras disponíveis para cada falante, considerando-se não somente as regras que compõem a gramática da língua em si, mas regras adicionadas, relativas a línguas adicionais. É nessa direção que se pode fazer sentido dos resultados obtidos: a aceitabilidade da variante inovadora no PB, a relativa com preposição órfã, é mais bem aceita pelos bilíngues português/inglês do que os não bilíngues. Quanto à produção, os bilíngues se conformam às regras do PB, evitando o uso de preposição órfã justamente com o mesmo conjunto de preposições que os não bilíngues, mas o tipo de estrutura produzida chama a atenção. Enquanto o não bilíngue privilegia o uso da relativa cortadora, o bilíngue faz uso de um grupo mais variado de opções, mostrando um comportamento distinto.

5 Considerações finais

Este estudo tratou de uma estrutura inovadora no PB, as relativas com preposição órfã, por meio da aplicação de duas tarefas psicolinguísticas: um julgamento de aceitabilidade com escala *likert* e uma tarefa de produção eliciada. Considerou-se que o tipo de preposição e a quantidade de *input* recebida constituiriam fatores relevantes para maior ou menor aceitabilidade e produção desse tipo de construção.

As preposições manipuladas constituíram dois grupos: (A) consideradas mais propensas ao isolamento em PB, e (B) menos propensas ao isolamento em PB, segundo discussões em Salles (2003) e Marcelino (2007). Dois grupos de participantes foram contrastados: falantes de PB com nenhum ou pouco conhecimento de inglês e estudantes brasileiros de um curso de Letras português/inglês. Considerou-se que os estudantes bilíngues estariam expostos a um *input* duplo que privilegiaria o uso de preposições órfãs, já que receberiam esse *input* vindo do próprio PB, no qual a construção com preposição órfã tem se tornado mais frequente, e do inglês, língua na qual esse tipo de construção é considerada legítima e bem frequente.

Assim, as tarefas aplicadas objetivaram verificar em que medida as restrições quanto ao grupo de preposições mais ou menos propensas ao isolamento condicionariam a aceitabilidade e produção de relativas com preposição órfã, assim como verificar se os níveis de aceitabilidade e produção desse tipo de construção seriam mais acentuados nos bilíngues, que estariam expostos a um *input* duplo, com maiores possibilidades de contato com esse tipo de estrutura.

Nossos resultados indicaram que há efetivamente uma maior aceitabilidade desse tipo de construção pelos bilíngues, sendo sua produção bastante alta também, mas praticamente restrita às preposições legitimadas nessa posição no PB. Assim, os resultados indicam que o *input* duplo parece levar os bilíngues a se mostrarem mais tolerantes quanto a essa estrutura, mas apenas na tarefa de julgamento de aceitabilidade. Os resultados também permitem afirmar que as relativas com preposição órfã, respeitadas as restrições, são estruturas já bem aceitas e naturalmente produzidas pelos falantes de PB. Adicionalmente, ao investigarmos falantes bilíngues, o estudo sugere que a presença de estruturas similares na língua adicional pode favorecer a aceitabilidade de variantes linguísticas inovadoras na língua materna. A noção de gramáticas múltiplas e o papel da quantidade de *input* disponível para o falante de mais de uma língua/norma parecem se mostrar relevantes para a legitimação de determinadas estruturas e potenciais influências entre conjuntos de regras gramaticais. Entender melhor que fatores podem intermediar essa relação (papel da língua/dialeto dominante; facilitação do processamento; contextos de uso, etc) será, no entanto, objeto de estudos futuros.

Declaração de autoria

Marina R. A. Augusto - escrita-revisão e edição; conceitualização, supervisão
Ana Angélica da Silva Orlando - escrita-rascunho original; curadoria dos dados

Agradecimentos

Agradecemos a Wellington Couto de Almeida pela ajuda com a análise estatística.

A primeira autora agradece o *grant* Prociência 2020, da FAPERJ/UERJ.

Referências

ALEXANDRE, N.; HAGEMEIJER, T. Estratégias de relativização de PPs no mundo lusoatlântico: crioulos de base lexical portuguesa e variedades do português. In: MOURA, D.; SIBALDO, M. (eds.). *Para a história do português brasileiro: sintaxe comparativa entre o português brasileiro e língua crioulas de base lexical portuguesa*. Maceió: EDUFAL, 2013. p. 49-71. v. III. tomo IV.

BAAYEN, R. H.; DAVIDSON, D. J.; BATES, D. M. Mixed-effects modeling with crossed random effects for subjects and items. *Journal of memory and language*, Amsterdam, v.59, n.4, 390-412, 2008. DOI:10.1016/j.jml.2007.12.005

BATES, D.; MAECHLER, M.; BOLKER, B.; WALKER, S. Fitting Linear Mixed-Effects Models Using lme4. *Journal of Statistical Software*, Los Angeles, v. 67,n.1, p. 1-48, 2015. DOI: 10.18637/jss.v067.i01.

BRAME, M. *A new analysis of the relative clause*: Evidence for an interpretive theory. Unpublished manuscript. MIT. 1968.

CHRISTENSEN, R. H. B. Ordinal - Regression Models for Ordinal Data. R package version 2019.12-10, 2019. Disponível em: <https://CRAN.R-project.org/package=ordinal>. Acesso em 19 out. 2022.

DE LEMOS, S.H. *Preposition Stranding in Heritage Speakers of Brazilian Portuguese*. 2013. 126 f. Tese (Master of Arts in Linguistics) - Florida International University, Miami 2013.

GROLLA, E.; AUGUSTO, M.; RODRIGUES, E. O desenvolvimento das orações relativas em português brasileiro: dados de produção. In: Junior, P. M.; Guesser, S.; Lunguinho, M. V.; Vicente, H. G. (orgs.) *Relativização e clivagem no PB: sintaxe, aquisição, diacronia e experimentação*. Editora Pontes: São Paulo, 2020. p. 107-148.

KATO, M. A. Recontando a estória das relativas. In: KATO, M.A.; I. ROBERTS (eds.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 223-262.

KATO, M.; NUNES, J. A uniform raising analysis for standard and nonstandard relative clauses in Brazilian Portuguese. In: Nunes, J. (org.) *Minimalist essays on Brazilian Portuguese syntax*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2009. p. 93–120.

KAYNE, R. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge: MIT Press, 1994.

KENEDY, E. *Aspectos Estruturais da Relativização em Português: uma análise baseada no modelo raising*. 2002. 158 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

KENEDY, E. Desempenho de indivíduos normais e afásicos em teste de juízo de gramaticalidade sobre orações relativas preposicionadas. *Revista do ISAT*, Rio de Janeiro, v. 06, n.1, p. 31-46, 2006.

KENEDY, E. Estruturas Sintáticas de Orações Relativas. In: BISPO, E.B.; OLIVEIRA, M.R. de (org.). *Orações relativas no português brasileiro: diferentes perspectivas*. Niterói: Editora da UFF, 2014. p. 11-46.

KUZNETSOVA A.; BROCKHOFF P. B.; CHRISTENSEN R. H. B. lmerTest Package: Tests in Linear Mixed Effects Models. *Journal of Statistical Software*, v. 82, n. 13, 1-26, 2017. DOI: 10.18637/jss.v082.i13.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. A relativa resumptiva em dois momentos do português brasileiro. *Revista do GEL*, Araraquara, v.6, n.2, p. 61–84, 2009.

MARCELINO, M. *O parâmetro de composição e a aquisição/aprendizagem de L2*. 2007. 211f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

MARCHESAN, A. C.; MIOTO, C. As relativas livres infinitivas no PB. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 18, n. 1, p. 44-59. 2014.

MEDEIROS JUNIOR, P. Uma análise da relativização no PB: questões teóricas e panorama geral. In: Junior, P. M.; Guessier, S.; Lunguinho, M. V.; Vicente, H. G. (orgs.) *Relativização e clivagem no PB: sintaxe, aquisição, diacronia e experimentação*. Editora Pontes: São Paulo, 2020. p. 77-106.

NOVOGRODSKY, R.; FRIEDMANN, N. The production of relative clauses in syntactic SLI: A window to the nature of the impairment. *International Journal of Speech-Language Pathology*, Melbourne, v. 8, n.4, p. 364–375. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1080/14417040600919496>

ORLANDO, A. A. da S. *Preposições órfãs em estruturas relativas no português e no inglês: uma análise comparativa com bilíngues universitários*. 112f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2021.

ORTÍZ ALVAREZ, M. L. A transferência, a interferência e a interlíngua no ensino de línguas próximas. In: CONGRESO BRASILENO DE HISPANISTAS, 2., 2002, São Paulo. *Proceedings online... [S.l.: s.n., 2002]*.

R CORE TEAM. *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2021. Disponível em: <https://www.R-project.org/>.

ROEPER, T. Universal Bilingualism. *Bilingualism: Language and Cognition*, Cambridge, v. 2, n.3, p.169-186, 1999.

SALLES, H.M.M.L. Aspectos da sintaxe de pre- e posposições em línguas românicas e germânicas. *Letras de Hoje*, v. 38, n. 1, p. 251-265, 2003.

SALLES, H.M.M.L. Aspectos da sintaxe de clíticos e artigos em português. *Revista Letras*, Curitiba, v. 56, n. 1, p. 141-155, 2001.

SILVA, R. V. de O. *Análise da estrutura das orações relativas no português falado de Belo Horizonte: uma abordagem variacionista*. 2011. 102f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2011.

SNYDER, W. A Neo-Davidsonian Approach to Resultatives, Particles and Datives. *Proceedings ...*, v.25, p.457-471, 1995.

TARALLO, F. L. Relativization Strategies in Brazilian Portuguese. 1983. 273f. Dissertation (Doctoral in Philosophy) – School of Arts and Sciences, University of Pennsylvania, 1983.

VERGNAUD, J-R. *French relative clauses*. 1974. 288f. Tese (Doutorado em Filosofia) Departamento de Literaturas Estrangeiras e Linguística, Massachussets Institute of Technology, 1974.

WINTER, B. *Linear models and linear mixed effects models in R with linguistic applications*. Disponível em: <http://arxiv.org/pdf/1308.5499.pdf>. 2013.



Speech, hand, and facial gestures: a proposal of a multimodal approach to describe negative structures with *não* in Brazilian Portuguese

Fala, gestos das mãos e face: uma proposta de abordagem multimodal para descrever estruturas negativas com não no Português Brasileiro

Paloma Batista Cardoso

Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe / Brasil

paloma-batistacardoso@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2244-8960>

Abstract: In an interactional encounter, verbal structure, hand, and face gestures form usage events in which lexical items, together with these body movements, assume specific functions. In Brazilian Portuguese, negation can be expressed by *não* in pre-verbal, double, and post-verbal positions. Analysis based only on verbal structures assumes that these negative structures are three ways to express opposition. However, pragmatic studies assume that they express different conversational functions: denegation, thematic pause, return to a quantitative topic, face-saving, and negative evaluation. Multimodal approaches to gestures in German, English, Spanish, and Brazilian Portuguese suggest that negation has a gestural component. Based on that, we propose a multimodal analysis of negative structures with *não* in Brazilian Portuguese, assuming that negative structures with this particle suggest different functions, also characterized by hand and facial gestures.

Keywords: Multimodality; hand gestures; facial gestures; negative structures; usage events.

Resumo: Na interação, estrutura verbal, gestos das mãos e face formam eventos de uso nos quais os itens lexicais, juntamente com esses movimentos corporais, assumem funções específicas. No português brasileiro, a negação pode ser expressa por *não* em posições pré-verbal, dupla e pós-verbal. A análise baseada apenas nas estruturas verbais assume que essas estruturas negativas são três formas de expressar oposição. No entanto, os estudos pragmáticos assumem que elas expressam diferentes funções conversacionais: denegação, pausa temática, regresso a um tópico quantitativo, salvamento da face e

avaliação negativa. Abordagens multimodais de gestos em alemão, inglês, espanhol e português do Brasil sugerem que a negação tem um componente gestual. Com base nisso, neste artigo, propomos uma análise multimodal das estruturas negativas com *não* no português brasileiro, assumindo que as estruturas negativas com tal partícula indicam diferentes funções, caracterizadas também por gestos das mãos e face.

Palavras-chave: Multimodalidade; gestos das mãos; gestos da face; estruturas negativas; eventos de uso.

Recebido em: 25 de outubro de 2022.

Aprovado em: 27 de maio de 2023.

1 Introduction

In an interactional encounter not only what we say is relevant.

When a person speaks there is always some movement in the body besides the movements of the jaws and lips that are directly involved in speech production. This speech-associated movement may be slight and comprise not more than a minor bobbing of the head or occasional movements of the eyes and eyebrows. Quite often, however, movement may be observed in other parts of the body as well, most notably in the arms and hands. These movements may become complex and extensive and they are generally recognized as being intimately linked to the activity of speaking and are often regarded as part of the speaker's total expression. (KENDON, 1980, p. 207).

The study of the relationship between gestures/body movements and speech is not new: works on classic and medieval rhetoric extensively describe how gestures can influence speakers' communicative performance, making them more or less convincing to an audience (KENDON, 1983). But the relevance of gestures is not restricted to argumentation. Questions like *How were gestures originated?*, *Is the relationship between gestures and speech related to the origin of language?*, *Are gestures generated together with speech?* propelled gestures studies for a long time. This scenario changed because "questions about language origins became out of order and, due to the growth of structural and functional perspectives,

approaches to gestures based on studies of small groups did not fit within the theoretical frameworks then prevailing” (KENDON, 1983, p. 159).

Gestures’ lack of relevance resulted in the establishment of the verbal *versus* non-verbal dichotomy, based on the assumption that body movements do not have the same communicative functions as verbal structures (KENDON, 1983, p. 160), so language studies should not pay attention to them. This scenario started to change in modern studies, as a consequence of research about how children acquire language, which stated that before using spoken language, “children make considerable use of visible action as a means of utterance.” (KENDON, 1983, p. 162). But gestures might not be relevant only during the language acquisition period. To McNeill (1985), through gestures speakers of all ages can also express semantic and propositional content.

According to the cognitive linguistics paradigm, the human mind is embodied. Motor experiences influence reasoning, the formation of spatial, and temporal concepts, and, therefore, speakers’ linguistic use, which are grounded in their body movements (GIBBS, 2005; FREITAG; CRUZ; NASCIMENTO, 2021). Language and gestures together are responsible for the construction of complex units of meanings anchored by contextual particularities (KENDON, 2004). Based on that, it might be plausible to say that language and gestures share pragmatic functions. Having pragmatic functions, gestures may be considered part of the linguistic sign. They can evoke mental images and, in specific situations, differentiate functions of structures that, although similar, do have different implications in real interactions. In different languages, there are shreds of evidence that hand gestures plus negative particles might express negation, rejection, face-saving, and negative evaluation (BRESSEM; MÜLLER, 2017; HARRISON, 2010; MÜLLER; SPECKMANN, 2002; SANTOS, 2021). Furthermore, facial gestures may also assume similar functions (PINHEIRO, 2021).

In Brazilian Portuguese, using the particle *não* is probably the most productive strategy to form negative structures. *Não* can be used in pre-verbal (*V-não*), double (*não-V-não*), and post-verbal positions (*V-não*). Descriptive studies (SEIXAS, DE ALKIMIM E CHAVES, 2012; SOUSA, 2007) assume that the occurrence of these three structures is a variable phenomenon, with pre-verbal negation being the most used form in all regions of Brazil. From this point of view, these three variants have the same function: mark opposition. However, their pattern of distribution

might suggest that there are contextual particularities linked to their use, which makes it necessary to include other variables in their description.

Informational approaches to negative structures with *não* (SCHWENTER, 2004) assume that the use of one of these three possibilities to negate something is associated with the informational status of the negated information, which can be given or new in the speech, literally activated or inferred by speakers. This status is probably relevant to identify the pragmatic functions assumed by negative structures with *não*: denegation, thematic pause, return to a quantitative topic, and face-saving (PETRY; GOLDNADEL; LAMBERT, 2021). Traditionally, all of them are described through verbal variables, considering the researchers' intuition to comprehend how, in interactions, multiple functions assumed by negative structures are differentiated. Although the tradition of studies based on the verbal versus non-verbal dichotomy is very strong, multimodal approaches assume that language is a symbolic phenomenon formed not only by verbal structure. As a consequence, it cannot be conceptualized, understood, and described without the particularities that portray each interactional situation. These situations form multimodal usage events that encompass "full phonetic detail of an utterance, as well as any other signals, such as gestures and body language" (CIENKI, 2015, p. 500).

In this article, we suppose that hand and face gestures differentiate the functions assumed by negative structures with *não* in Brazilian Portuguese. We assume that language and body movements form multi-complex signs that express, in interactive encounters, different pragmatic functions. For this reason, we propose a multimodal analysis of negation in Brazilian Portuguese.

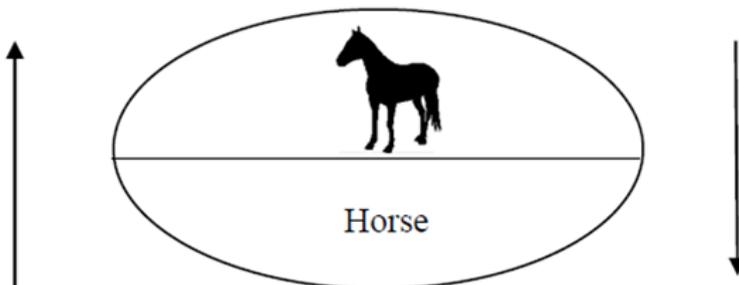
This article is divided into five more sections: in section two, we discuss the concept of signs and what their constituents are. In section three, we review the concept of gestures, how they can be described, and how these descriptions are included in two models of gesture description. After that, in section four, we describe the negative structures with *não* in Brazilian Portuguese. In section five, we first discuss pieces of evidence of multimodal negation in German, English, Spanish, and Brazilian Portuguese and then propose a multimodal analysis of the functions assumed by pre-verbal negation, double negation, and post-verbal negation in Brazilian Portuguese.

2 Signs: multi-complex structures that form usage events

There is no denying that approaches based on verbal structures have contributed and are still contributing to the expansion of the knowledge about different languages, their structure, and their internal functioning. Traditionally, studies of language description in this perspective include, in their analysis, the syntactic structure of sentences, the type of verbs, their semantic properties, and a description of internal and external arguments (if they are present in the syntactic structure). These descriptions are based on the assumption that properties like besides speech/speaker performances and gestures (encompassing hand and face gestures) are not part of the language. However, language is multimodal, and body movements might influence the construction of meanings (LADEWIG, 2020) and functions. So, to consider gestures as part of language, it is necessary to revisit conceptualizations about signs, and their constituents.

The most traditional definition of sign in modern linguistics is the one proposed by Saussure, in the *Course in General Linguistics*. According to this author, the primordial linguistic unity is the sign, formed by a mental concept and a sound-image, that is, a signified and a signifier, respectively (SAUSSURE, 2012, p. 107). From this perspective, when speakers listen to the word *horse*, for example, their mind, based on what they learned living in society, will activate the concept (a symbolic image) of a four-legged mammal that, before automobiles, was commonly used for transportation. There is linearity between the signified and the signifier, based on verbal structure and common knowledge.

Figure 1 – Saussurean representation of the sign

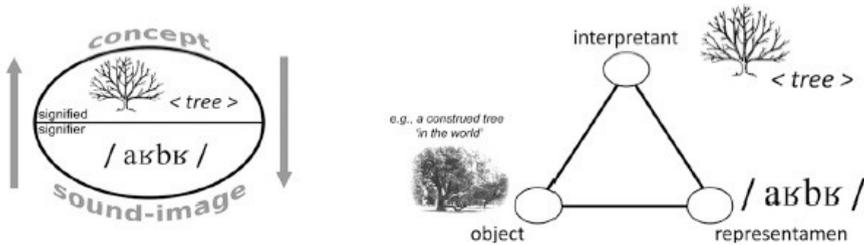


Source: produced by the author.

This linearity excludes the possible interference of particularities related to the gestural, visual, and individual performance of a speaker into meanings encompassed by a sign. However, a different approach is proposed by Pierce, who assumes that signs are formed by three parts that function together:

- (i) the representamen, ie, that which is being used as a source of information; (ii) the object, i.e., that which is being picked out by semiosis via the representamen; and (iii) the interpretant, i.e., the information or ‘response’ that is offered, received or constructed about the object by the representamen” (BATEMAN, 2018, p. 7).

Figure 2 – Piercean representation of the sign

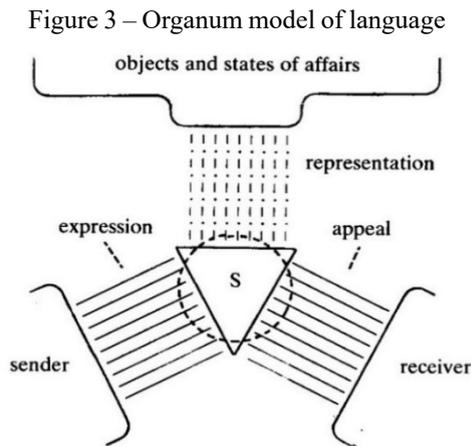


Source: Bateman (2018, p. 7).

From Pierce’s point of view, largely known in semiotic studies, there is no linearity between signs and their conceptualization. For example, the lexical item *tree* is a source of phonological information that presents an object that is part of the real world, which can only be conceptualized – literally or not, because *tree* may be used as a metaphor for a tall person, for example – by a person, in a specific situation.

Pierce’s three-parted perspective of signs has some similarities to the one proposed by Bühler (1990), according to whom the comprehension of the relationship between the sign constituents can only be conducted through the lenses of discursive events, situations in people’s lives that give a linguistic item/structure a particular meaning. (BÜHLER, 1990): the word *horse* (Figure 1), for example, may be used (with a particular intonation and pointing gestures) to express a negative evaluation of someone’s education or lack of politeness.

The discursive event can influence the speaker's language use, and the functions assumed by a linguistic item or structure. While the Saussurean notion of the sign has only two dimensions (sound-image concept), as the one proposed by Pierce, the one proposed by Bühler (1990) has three: expression, appeal, and representation:



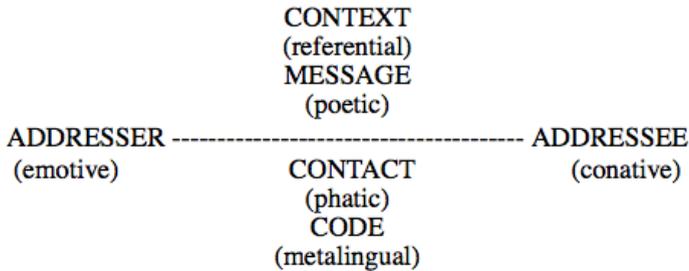
Source: Bühler (1990).

From an organic perspective, Bühler (1990) assumes that the sign is a complex symbol that represents objects and states of affairs whose conceptualization is affected by senders located in a specific context, and by their personal attitudes toward something. Their attitudes in specific contexts can be understood as discursive actions in which meanings might be formed. Based on that presupposition, Bühler (1990) proposes that language has three semantic functions: expression, appeal, and representation. Expression encompasses the conceptualization of things and states of affairs, appeal encompasses the speakers' intentions, and representation encompasses the conceptualization of what is said in a specific situation (BÜHLER, 1990).

Unlike the Saussurean approach, which assumes an objective composition of signs, Bühler (1990) argues that this objectivity does not exist. The sign is never finished, it is always being constructed by its context. To assume that there is no objectivity in language does not mean that we believe that language, in a broad sense, is chaotic. This was also

discussed by Jakobson (2008), who proposed the following schema to express the functions performed by language:

Figure 4 – The language system



Source: adapted from Jakobson (2008).

When interacting, an addresser talks to an addressee using a code that has a logical structure (the organization of sentences and their constituents in Brazilian Portuguese). This code can be explained by its own elements (using Portuguese to explain what is a verb), which characterize the metalinguistic function of language, and it can also be used to specify the context/situation in which an interaction occurs, characterizing the referential function of language. Addressee and addressees are people with internal states of mind and intentions toward each other. So, for example, in situation in which Maria is upset in her office, and she points outside and says (1):

(1) “Get out of my office!”

she probably expects a person that is with her to leave her alone. Maria, by using a code to influence the actions of someone, would be using the conative function of language. But instead of trying to influence the actions of someone, Maria could talk about the way she feels, and why she is upset. By doing that, she would be using the emotive function of language. Her feelings, hypothetically, could be expressed with a focus on the arrangement of sentences and the sonority of words. This way, she would be using the poetic function of language.

Both Bühler (1990) and Jakobson (2008) argue that, through speech, addressers express conceptualizations and execute actions that might influence their addressees. This is the core of the theory of speech acts, largely used for pragmatic analysis. From this point of view, by speaking,

subjects can perform statements, questions, exclamations, commands, wishes, and concessions (AUSTIN, 1975). By doing that, they are:

- (a) uttering words (morphemes, sentences) = performing utterance acts;
- (b) Referring and predicting = performing propositional acts;
- (c) Stating, questioning, commanding, promising, etc = performing illocutionary acts (SEARLE, 1975, p. 24).

A statement is an utterance that can be judged true or false in the real world. It does not require, for its realization, the execution of a corresponding act in the world. Consider the following example:

- (2) The sky is blue.

(2) is a simple statement that can only be considered true or false: the sky is or is not blue. It does not require, from the person who listens to it, any response, which is different from (1). The performative verb in (1) can only be used successfully in a context where the person saying *Get out of my office!* has the authority to expel someone from a room. In this case, the speech act influences the response of the listener, triggered by the conceptualization of the power balance that directs a capitalist society. This conceptualization is influenced by other factors that cannot be marked by the verbal structure, like the tone of voice, cadence, emphasis, and pointing gestures (AUSTIN, 1975, p. 82).

The situation in which a lexical item is used, plus particular patterns of gestures, might be responsible for the comprehension of a sign, which we understand as a multi-complex and non-bidimensional structure that forms a usage event. The gestures used by speakers are not random. They may reflect individual patterns, but they also reflect conceptualizations of the world and social interactions, formed by recurrent situations. When gestures assume pragmatic functions, they are aligned with a specific syntactic scope (HARRISON, 2010), in a temporal relationship. For this reason, they are the focus of the next section.

3 Cognitive roots of gestures and their functions

Nowadays, the relevance of gestures to communication is something well recognized by different areas of knowledge. Mittelberg and Hinnell

(2023) divide modern gestures studies into three waves: the first one covers the structural description of gestures and their types (including hand gestures, body posture, and facial gestures), the second one covers the description of gestures as utterances, based on a kinesic methodology, assuming that, as verbal language, gestures have grammar and, consequently, a structure that can be described. The third wave of modern gesture studies, highly influenced by multimodal cognitive linguistics, assumes that gestures, together with speech, form a system that reflects conceptualizations by cognitive processes (metaphor, mimesis), which can only be understood through the notion of usage event, “a set of verbal and non-verbal behaviors that interlocutors find relevant for their communication” (IRISKHANOVA; CIENKI, 2018, p. 26).

In this article, we assume it is only possible to describe different functions of negative structures through the exam of actual occurrences of *não*, considering, beside syntactic structure, gestures.

This section is divided into two major subsections. In 3.1, we define gestures, their types, and their functions, focusing on the description of hand gestures, and kinesic characteristics. After that, we describe the Linguistic Annotation System (LASG), a widely used methodology for multimodal annotation of hand gestures, proposed by Bressemer (2008); Bressemer and Ladewig (2011). In 3.2, we address pieces of evidence that suggest how, in interactions, facial gestures might express negative evaluation, which may happen with the use of negation with *não*.

3.1 Hand gestures

3.1.1 Kinesic approaches to gestures

According to Kendon (2000, p. 49), “if language is a cognitive activity, and if, as it is clear, gestural expression is intimately involved in acts of spoken linguistic expression, then it seems reasonable to look closely at gesture for the light it may throw on this cognitive activity”. It might be hard to draw a line defining what gestures are, what they are not, and what is their relationship to language and communication. In a broad sense, they are visible “bodily actions that are, more or less, generally regarded as part of a person’s willing expression. (...) It includes handwavings or gesticulations that accompany talk and various kinds of more or less conventionalized actions that have a symbolic or semiotic function.” (KENDON, 2000, p. 49).

Together with speech, bodily actions might assume six functions: (i) referential, in which gestures contribute to referential or propositional meanings; (ii) operational, in which gestures operate with what is said, verbally (confirmation, negation); (iii) modal, in which gestures add an interpretative layer to what is said; (iv) performative, in which gestures include illocutionary force to what is said (expressing a question, request, or offer); (v) parsing or punctual, in which gestures emphasize a piece of information, points out contrast or parenthesis; (vi) interactional regulation, in which a person uses gestures in waving, greeting, inviting. (KENDON, 2017, p. 167-168)

Having a symbolic/semiotic function, gestures assume an important role in communication because they “share with speech a computational stage; they are, accordingly, parts of the same psychological structure.” (McNEILL, 1985, p. 350). From that perspective, McNeill; Cassell, and McCullough characterize them as:

Iconics: representational gestures that display concrete aspects of the scene or event being concurrently described in speech.

Metaphorics also are representational gestures but display images of abstract concepts and relationships that typically relate to the concurrent speech on a meta-level.

Beats mark with baton-like movements words that are significant, not purely for their semantic content, but for their discourse-pragmatic event. (McNEILL; CASSELL; McCULLOUGH, 1994, p. 224-225).

We don't see the world objectively; we see it through metaphors (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 5) which essence is “understanding and experiencing one kind of thing in terms of another”. Metaphors are cognitive processes grounded in experiences in the real world. They are the basis for the creation of imagistic schemas, anchored to the speaker's body as, for example, gestures that suggest distancing from something or someone (inside-out schema, visible in the “Away Family” gestures, illustrated in Table 2). Imagistic schemas are schematic images that contain integrated domains of knowledge. The domain of a hand, for example, is contained in the domain of the arm, which is contained in the domain of the body, and physical space. They all are integrated and are continuously retaken by speakers in specific contexts. Table 1 summarizes the inventory of image schemas described by Croft and Cruse (2004):

Table 1 – Imagistic schemas

Space	UP-DOWN, FRONT-BACK, LEFT-RIGHT, NEAR-FAR, CENTER-PERIPHERY, CONTACT
Scale	PATH
Container	CONTAINMENT, IN-OUT, SURFACE, FULL-EMPTY, CONTENT
Force	BALANCE, COUNTERFORCE, COMPULSION, RESTRAINT, ENABLEMENT, BLOCKAGE, DIVERSION, ATTRACTION
Unity/multiplicity	MERGING, COLLECTION, SPLITTING, ITERATION, PART-WHOLE, MASS-COUNT, LINK
Identity	MATCHING, SUPERIMPOSITION
Existence	REMOVAL, BOUNDED SPACE, CYCLE, OBJECT, PROCESS

Source: Adapted from Croft and Cruse (2004, p. 45).

The image schema associated with a specific gesture may be conceptualized together with speech, which might be the cause of its simultaneous expression. Assuming that gestures are generated together with verbal structures and that there is a representational element in their construction and pragmatic conventionalization, De Ruiter (2000) expands on the categorization of gestures proposed by McNeill; Cassell and McCullough (1994), defining that there are:

Iconic gestures: Depicting aspects of the accompanying speech topic. This category includes what McNeill calls *metaphoric* gestures, because from the perspective of gesture production it is of no relevance whether the imagery underlying the gesture is related to abstract or to real entities.

Pantomimes: Gestures that are imitations of functional motor activities.

Deictic gestures: Pointing gestures.

Beat gestures: Biphasic movements of the hands or fingers that do not represent anything.

Emblems: Gestures whose form–meaning relation is lexicalized. (DE RUITER, 2000, p. 205)

The categorization proposed by De Ruiter (2000) suggests that gestures are not necessarily related to verbal structures. Not all body movements are relevant to communication, such as beat gestures. The ones that are can be arranged in a continuum that encompasses two extremities: gestures generated by metaphorical conceptualizations, and gestures based on the lexicalization process and semantic-pragmatic particularities.

The relevance of semantic-pragmatic particularities is an important element of the approach to gestures assumed by Kendon (2004), who describes the movements executed by speakers in a kinesic perspective, focusing on hand shapes and orientations, supposing that verbal structures and gestures “interact in the utterance and, through a reciprocal process, form a more complex unit of meaning” (KENDON, 2004, p. 108). From this point of view, the interaction between gestures and verbal structure is affected by contextual variability. One specific hand movement will not always be used with the same function. However, it is possible that patterns of gestures to negate something, for example, exist. These patterns are possibly formed by “groupings of gestural expressions that have in common one or more kinesic or formational characteristics” (KENDON, 2004, p. 227), which often are executed continuously in the same context, forming what Ladewig (2010) defines as recurrent gestures.

Recurrent gestures work as discursive objects and “may serve referential function in depicting concrete or abstract aspects of the topic being addressed in speech” (BRESSEM; MÜLLER, 2017, p. 2). Examples of recurrent gestures are the ones that compose the “Away Family gestures”, based on the container and space imagistic schemas, and used to display the act of brushing aside and/or negating something (MÜLLER; LADEWIG; BRESSEM, 2013; BRESSEM; MÜLLER, 2017). The “Away Family” gestures include the sub-families sweeping away, holding away, brushing away e throwing away, described and characterized in Table 2:

Table 2 – Overview of “Away Family” gestures

Form		Action	Meaning
	Sweeping away	Sweeping away something from a flat surface so that absolutely nothing is left	Rejecting and negating
	Holding away	Holding or pushing away an object	Refusing and rejecting
	Throwing away	Throwing away middle-sized roundish objects, that one wants to get rid of	Negative assessment
	Brushing away	Rapidly brushing away small, annoying objects	Negative assessment

Source: Bressemer and Müller (2017, p. 3).

The “Away Family” gestures illustrated in Table 2 establish a relation of co-expressiveness with the linguistic elements to which they occur. This co-expressiveness is not objective: its formational characteristics are more flexible, and its meanings depend on a specific pragmatic situation. There are degrees of specificity in the form/meaning of different types of gestures, as described in Table 3:

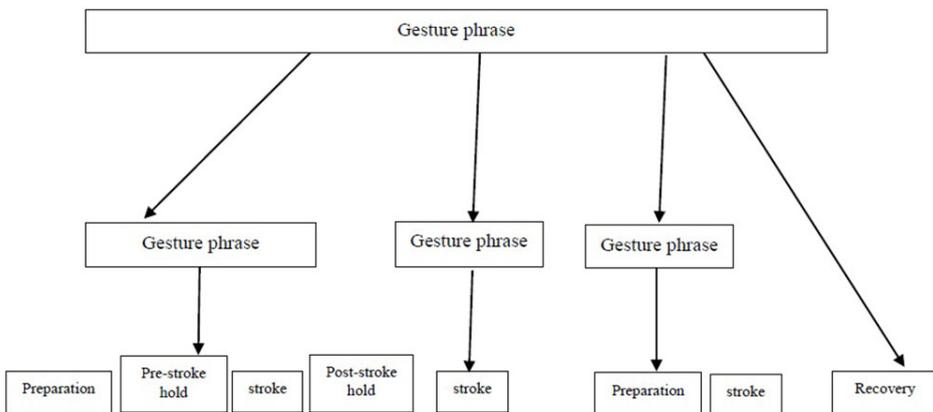
Table 3 – Summary of the degrees of specificity in the form and meaning of gestures

Gesture type	Emblems	Pointing gestures	Recurrent gestures	Creative gesticulation (as defined above)
Form	Largely fixed within a given culture.	More or less fixed within a given culture, with some degrees of freedom.	Common ‘formational core’, but strong variation within categories.	Flexible, but not unrestricted – bound to high-level norms and constrained by the grammar of the verbal channel.
Meaning	Largely fixed within a given culture.	Variable, but with clear commonalities – typically related to attention allocation.	Only characterizable in abstract terms and/or with constructs such as image schemas or ICMS.	Mostly context-dependent; generally associated with some modification of the verbal channel or emphasis of some aspect of it.

Source: Kok and Cienki (2016, p. 72).

All the subfamilies of gestures in the “Away Family” (Table 2) might form gesture phrases, defined by the movement of articulators from a rest position to a region in the space, with the posterior returning to a rest position. Specifically, gesture phrases are formed by preparation movement, stroke, post-stroke, hold (in some cases), and recovery. The stroke is the semantic-pragmatic core of a gesture phrase, which can be formed only by stroke or by stroke plus another movement, establishing “units of visible bodily action identified by kinesic features.” (KENDON, 2004, p. 108). Ladewig (2020, p. 31) illustrates this architecture of gesture units as follows:

Figure 5 – Illustration of Kendon’s proposal for gesture unit



Source: adapted from Ladewig (2020, p. 31).

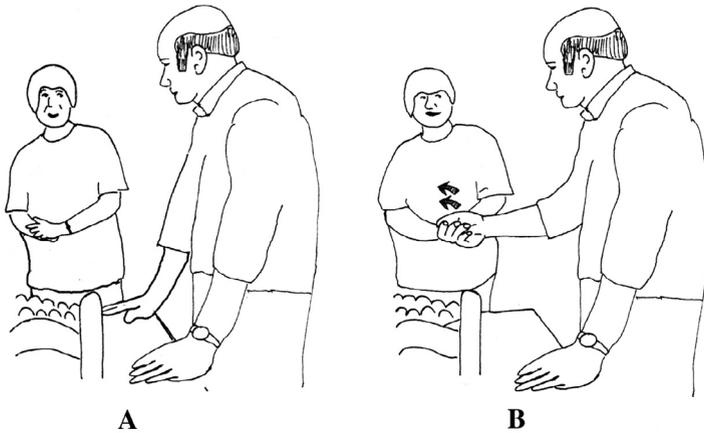
The kinesic features that structure a gesture phrase can constitute an illocutionary act, defined not only by verbal elements but also by a visible action or a combination of verbal structure and gestures, counting “for participants as a ‘turn’ or ‘contribution’ or ‘move’ within the occasion of interaction in which they are engaged” (KENDON, 2004, p. 110).

The functioning of a gesture phrase in interaction is illustrated by Kendon (2004, p. 113) through a situation in which one speaker explains to another how his father kept cheeses from their store for sale¹. He says

¹ The situation described by Kendon was taken from a record called Crick. Its metadata and transcription are available in the appendix from the book *Gesture: Visible action as utterance*, published in 2004.

and he used to go down and throw ground rice over it. Initially, he is in front of a table with his hands in the rest position (A). When the speaker says *and throw*, he raises his hand (preparation), puts it on his body center (pre-stroke) before, in a flat position, moving it forward (stroke movement, containing the core meaning of the utterance), with his palm up (B), as illustrated in figure 6:

Figure 6 – Illustration of Kendon’s proposal for finger-shaped gesture unit



Source: Kendon (2004, p. 114).

With his palm up, the speaker illustrates the conceptualization of the movement executed by his father, creating a complex meaning structure. The description of gesture units as proposed by Kendon (2004) is based on form-based properties, an approach influenced by sign language studies, which assumes that every movement has distinctive phonetic properties, as happens with spoken languages (STOKOE, 1960). From that perspective, Bressemer and Ladewig (2011, p. 1080) proposed a description of hand gestures addressing four parameters: hand shapes, movement patterns, positions in gesture space, and orientations of the hand. The handshape parameter includes four types of hand configuration: (1) fist, (2) flat hand, (3) single fingers, and (4) combination of fingers (Figure 7):

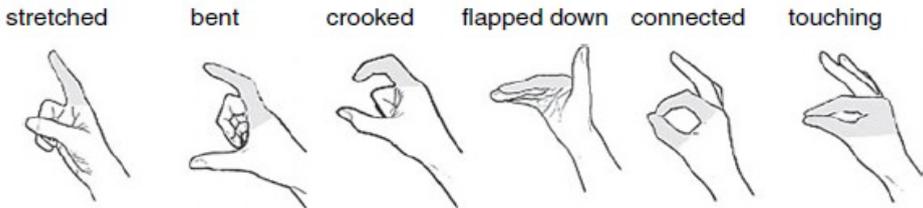
Figure 7 – Handshape configuration



Source: Bressemer and Ladewig (2011, p. 1085).

All four types of hand configurations illustrated in Figure 7 can occur with different finger-shaped configurations. Fingers can be stretched, bent, crooked, flapped down, connected, or touching each other (Figure 8):

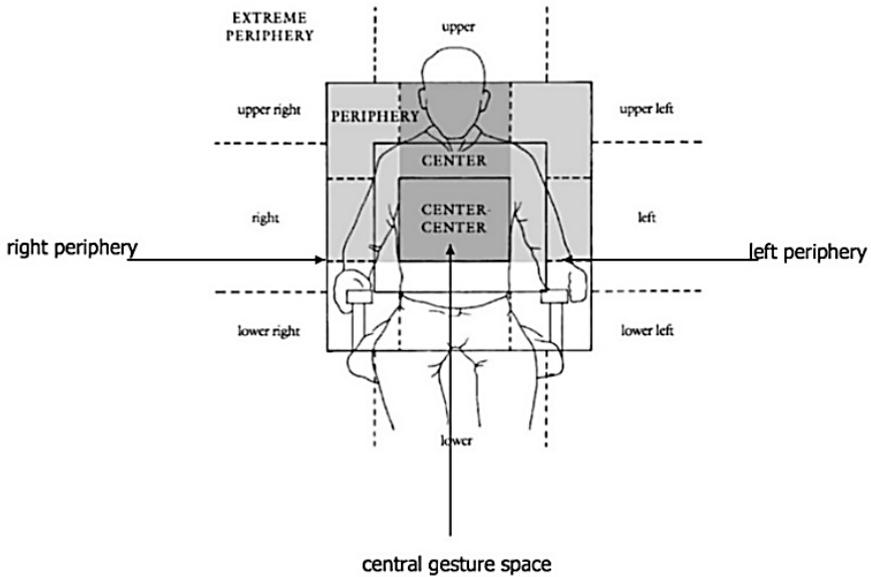
Figure 8 – Inger-shaped configuration



Source: Bressemer and Ladewig (2011, p. 1085).

The execution of all these hand gestures has spatial properties described through four angles of orientation: palm up, palm down, palm lateral, and palm vertical. All of them are based on McNeill’s (1992) proposal. In addition to these, the model of description proposed by Bressemer (2006) includes two more angles, present in the configuration of “Away Gestures” family (Table 2): they are palm lateral and diagonal, both differentiated by their distance from the body center, according to McNeill (1992)’s division of gesture space (Figure 9):

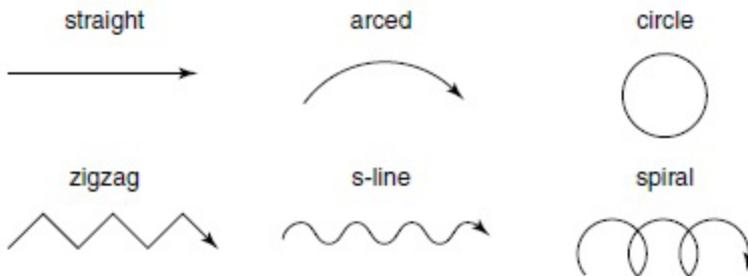
Figure 9 – McNeill’s division of gestures’ space



Source: McNeill (1992, p. 99).

Besides hand, fingers configuration and spatial division from the body center, hand gestures can be executed with a: straight movement, arced movement, circle, spiral, zigzag and s-line (Figure10):

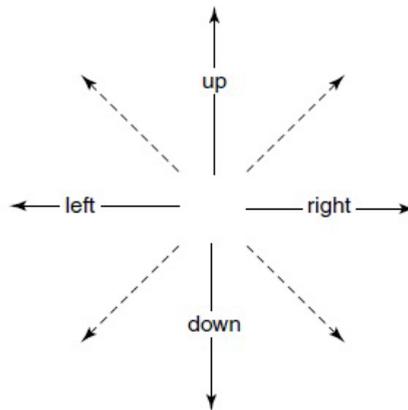
Figure 10 – Types of hand movements



Source: Bressemer and Ladewig (2011, p. 1088).

The types of movements illustrated in Figure 10 can be executed in three directions: along the horizontal axis (right and left, regarded from the perspective of the gesture), along the vertical axis (up and down), and along the sagittal axis (away from the body and towards the body) (BRESSEM; LADEWIG, 2011, p. 1089):

Figure 11 – Direction of movements along the vertical and horizontal axis



Source: Bressema and Ladewig (2011, p. 1089).

The kinesic or form-based approach to describe hand gestures is used in the Linguistic Annotation System (LASG), proposed by Bressema (2008); Bressema and Ladewig (2011), and largely used to describe recurrent gestures used to form multimodal negative structures (BRESSEM; MÜLLER, 2017). The LASG is structured by parameters that suppose a temporal synchronization between speech and gestures. These parameters, which evoke geometrical and schematic patterns, are motivated by an embodied perspective of verbal meaning that emerges during the interaction, when people represent concepts (like the concept of rejection), events, and objects in the real world (BRESSEM; LADEWIG; MÜLLER, 2013, p. 1104). Gestures might have similar functions to language, but they have particular configurations that must be addressed properly. These configurations are responsible for structuring a gesture phrase which, in different pragmatic contexts, together with a verbal structure, assume specific functions. For this reason, LASG is structured by a level of (i)

annotation of gestures; (ii) annotation of speech; (iii) annotation of gestures in relation speech.

LASG's annotation of gestures level is based on Bressemer and Ladewig's (2011). This level is divided into three sublevels: i) determining units, referent to the constitution of gesture units and gesture phrases; ii) annotation of form, which encompasses the configuration of hands (stretched, bent, crooked, flapped down, connected, touching), movement type (straight, arced, circle, zigzag, s-line, spiral), movement direction (up, right, down, left), movement quality; iii) motivation of form, expressed by the parameters of hand shapes, movement patterns, positions in gesture space, and orientations of the hand.

The speech annotation level of LASG is divided into two sublevels that address verbal and intonational information. The first refers to the annotation of speech, based on speech turns, defined as an interactionally relevant block based on syntax and prosody, while the second refers to intonation units, characterized by Chafe (1994, p. 58) as "a sequence of words combined under a single, coherent intonation contour, usually preceded by a pause". Inside this contour can exist one or more accents, which might be relevant to different purposes, marked by one or more gesture phrases.

The level referent to the relation of gestures and speech includes four sublevels: prosody of speech, syntax, semantics, and pragmatics. The sublevel of prosody includes the final pitch movement of speech (perceived by speakers as high or low sounds), which may also express different functions, since "depending on the final pitch movement, gestures may accompany turns or intonation units fulfilling a declarative or questioning function, which in turn has effects on the meaning and function of the gestures" (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974).

Regarding the syntax sublevel, LASG encompasses word class, syntactic function; and integration of gestures into the syntax of speech (BRESSEMER; LADEWIG; MÜLLER, 2013, p. 1109). The relevance of word class, which can be described according to any perspective of language, is based on the attributive function of many words, and its consequent ability to modify the semantic nucleus of a noun phrase. The integration of gestures into the syntax of speech, on the other hand, is based on the notion of "degrees of integrability", which assumes that gestures can or cannot be temporally integrated into the illocutionary act (BRESSEMER, 2021).

On the sublevel of semantics, LASG includes (i) temporal relation, (ii) semantic relation of gestures with speech, and (iii) semantic function of gestures. The temporal relation is based on the notion of co-expressiveness of speech and gestures: they can occur before or after a speech-turn, or in parallel with it. Gestures can also be executed alone, without a “direct spoken counterpart at the moment of being uttered but occur in pauses, in syntactic gasps, or in larger speechless segments.” (BRESSEM; LADEWIG; MÜLLER, 2013, p. 1111).

The notion of co-expressiveness is also the base of the semantic relationship between speech and gesture. This relationship can be: (i) redundant, with gestures matching the semantic features of speech/image schemas; (ii) complementary/supplementary, with gestures contributing to semantic features or images schemas evoked during a speech; (iii) contrary, with gestures, speech, semantic features, and image schemas not matching; (iv) replacing, with gestures being used independently, without speech (BRESSEM; LADEWIG; MÜLLER, 2013, p. 1111).

Besides the type of relationship established between speech and gesture, LASG also includes the semantic function of the hand movements, which can be used to: (i) emphasize semantic features or image schemas; (ii) modify semantic features or image schemas; (iii) add semantic features to an image schema; iv) substitute semantic features or image schemas when there is no speech. (BRESSEM; LADEWIG; MÜLLER, 2013, p. 1112).

Syntactic, prosodic, and semantic properties of speech and gestures have pragmatic consequences for the execution of illocutionary acts. In an interactive encounter, verbal structures and gestures, each one with their particularities and (more or less) systematized semantic-pragmatic properties might express concepts, one speaker’s intentions toward others, and communicative functions. LASG describes these intentions and functions acting not only individually but also in a relational way: negation has gestural and lexical expressions and they might co-occur with the same purpose, or they might not. In this paper, hand and facial gestures are conceived as important elements that, in a usage event, differentiate the functions that *não* in pre-verbal position, post-verbal position, or double negation assume. The model of description proposed by LASG has proved to be very efficient to describe gesture functions. However, for our purposes, a more fluid description of gestures would be needed in order to differentiate the apparent three ways of encode opposition (pre-verbal position, post-verbal position, and double negation) . In the next section, we describe

a semiotic model of gesture annotation which encompasses some of LASG's elements plus semiotic features, based on the way gestures may be understood by speakers.

3.1.2 Semiotic/multimodal cognitive approaches to gestures

Studies in multimodal cognitive linguistics from a usage-based perspective assume that linguistic needs go beyond verbal expression (KOK; CIENKI, 2016, p. 68) and, because of that, it encompasses gestures, understood as multifunctional symbolic units (LANGACKER, 2012) that reflect metaphors and mimesis, cognitive process through which speakers “mime” the semantics of the words they co-occur with [...], “showing isomorphism between a gestural form and the corresponding entity” (IRISKHANOVA; CIENKI, 2018, p. 27).

Gestures as a symbolic unit is a perspective influenced by the triadic Peircean model of signs. From that point of view, hand gestures might be a *representamen* linked to an *object*, a function conventionalized by a group. This object can only be conceived by the *interpretant*, which considers verbal structure and gestures to compose a sign function. Verbal structure and gestures, when in a co-dependent relationship, constitute a usage event. Assuming that speech and gestures share a computational stage (MCNEILL, 1985) and, together, form a usage event, their structure needs to be described in terms of forms, features, and functions. Gestures' form/structure can be described through kinesiological approaches, which can or cannot be the one described in the last subsection. Cienki (2021), for example, used the kinesiological system developed by Boutet (2010) to describe palm-up open hand gestures, used to present an argumentative point.

Besides their form, gestures' functions might be described from the point of view of usage events. Iriskhanova and Cienki (2018) assume that this is possible through an analysis that includes, beyond kinesic description (associated with prosodic, semantic, and pragmatic properties), the following semiotic features, constituting a multi-level and fluid model, annotated in degrees: conventionality, semanticity, arbitrariness, pragmatic transparency, autonomy, social and cultural import (symbolism), awareness, recurrence, iconicity, metaphoricity, indexicality, and salience.

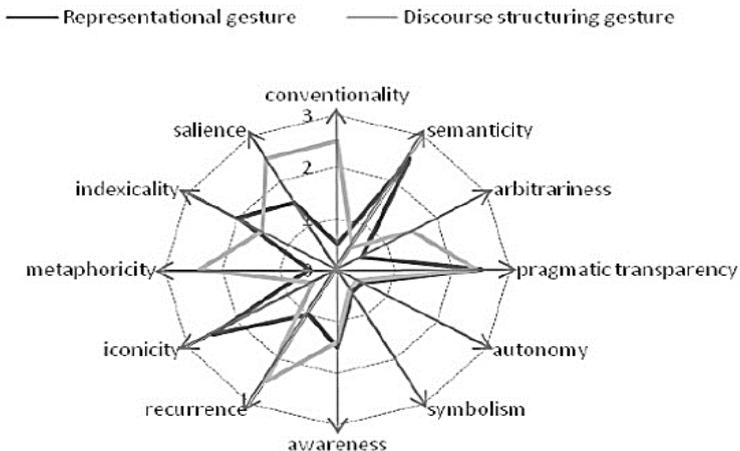
Conventionality is the entrenchment of form and function, such as the thumbs-up gesture to express *good*, *nice*. Semanticity is the capacity to transmit a meaningful message, arbitrariness is the absence of form-meaning association, pragmatic transparency is the degree of explicitness

of the locutors intention toward an interlocutor, while autonomy is the possibility of a gesture to be interpreted without any verbal item. Social and cultural import is whether a gesture is associated with social practices, and awareness is the signaling of meta-communication during gesture production. Recurrence is the repetition of features to express a certain function. Iconicity is the representativity of concrete characteristics of objects and actions, while metaphoricity is the capacity to represent abstract ideas or entities. Indexicality is whether a gesture points at a “close” or prototypical frame of reference and salience is if a gesture is in a prominent position in a multimodal event (IRISKHANOVA; CIENKI, 2018, p. 30).

The semiotic features of gestures cannot be defined alone, only through the relationship between kinesic features, speech, and all the other elements that might constitute a specific usage event, in which speakers perform statements, questions, exclamations, commands, wishes, and concessions, as proposed by the theory of speech acts, which might be enriched by the inclusion of gestures to describe the actions executed by speakers in specific interactions. Iriskhanova and Cienki (2018) organized the semiotic features of hand gestures in the following multi-vector semiotic model (Figure 12):

Figure 12 – Semiotic profiles of *fell down* and *actually*

Semiotic profiles of gestures with *упало и на самом деле*



Source: Iriskhanova and Cienki (2018, p. 31).

The model illustrated in Figure 12 is divided into vectors across which one gesture can move. The vectors form areas that reflect degrees of semiotic features, which can be low (1-0), medium (1-2), and high (2-3) (IRISKHANOVA; CIENKI, 2018, p. 30). These degrees are essential to describe functions of gestures executed together with speech, in specific situations. The diagram in Figure 12 illustrates the degrees of semiotic features of two gestures, executed by two speakers, when uttering the expression *fell down* and the word *actually*. The expression *fell down* was spoken during the description of a landscape, and was accompanied by a gesture described as *right-hand, flat palm down*, used to represent a concrete object in the world. Meanwhile, the word *actually* was spoken during the introduction of a new topic into the conversation, with a gesture described as *left-hand, flat palm up, directed towards the listener*, to talk about the place where the speaker lives (IRISKHANOVA; CIENKI, 2018, p. 31). While the gestures executed along with *fell down* have a representational function, the ones with *actually* have a discursive function, expressed by different degrees of iconicity, semanticity, and pragmatic transparency between them.

Regardless of the distinct objectives of the *right-hand, flat palm down* and *right-hand, flat palm down* gestures, both of them are distributed in all vectors, suggesting that gestures are multi-complex signs that encompass numerous traces. This analysis and its subsequent conclusions have theoretical and methodological implications.

Theoretically, considering gestures as symbolic units with semiotic features means adopting a concept of signs distant from the dichotomy of verbal *versus* non-verbal language, including the speaker's intentions, plus all behavioral elements that are relevant to communication (as hand and facial gestures). From that point of view, signs are formed in the usage event. Methodologically, considering gestures as multi-complex units and using semiotic features to describe them have serious implications. The model of description and analysis proposed by Iriskhanova and Cienki (2018) covers kinesic properties and semiotic features, distributed by vectors, and organized in areas and degrees. Each feature included in a particular analysis must be relevant to a specific gesture. For example, the analysis of the *palm-up open* gesture realized by Cienki (2021), besides kinesic characteristics, included in its model the following features: representational transparency (covering semanticity and iconicity), based on the system proposed by Müller (1998), pragmatic transparency, covering the pragmatic functions

of gestures proposed by Kendon (2017): referential, operational, modal, performative, parsing, interactional regulation, and interactive transparency, referent to the degree in which the gesture displayed the interlocutor's attention. All of them were selected based on previous studies about the functions assumed by the "palm-up open" movement.

By using an analysis that combined kinesic and semiotic features, Cienki (2021) concluded that multiple functions are assumed by similar movements that look the same but are not: *palm-up open* movement might suggest different modal positions, which have particular consequences in interactive encounters. Likewise, to analyze the semiotic features of gestures that might have negative functions, it is necessary to consider the descriptive studies about them, and to specify their functions when used together with *não* in Brazilian Portuguese.

Bressemer and Müller (2017) suggest that multimodal negative structures usually assume modal functions. The hand movements that are part of these structures might be used to sweep/hold/throw/brush away ideas or objects of different sizes, metaphorically situated close or distant from speakers. This is an assumption based on the description of real uses of negative gestures in German. We believe that this may be a promising approach to describe the multimodal properties of negation in Brazilian Portuguese. However, to describe the possible relationship between hand gestures and negative structures with *não* in Brazilian Portuguese, it is necessary to execute a robust kinesic description of these body movements, considering the usage events they form, to define the semiotic traces that may or may not be relevant to analyze them.

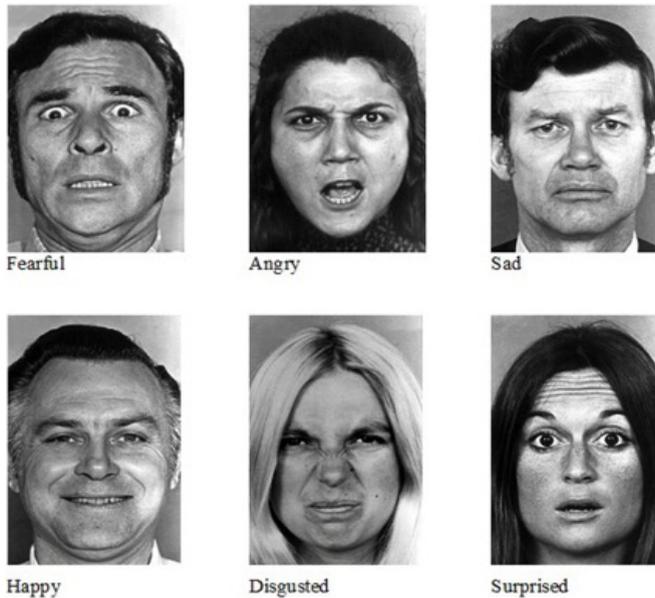
3.2 Face gestures

So far, we discussed the cognitive roots of hand gestures, which are related to the conception of image schemas, metaphors, and mimesis, processes through which we conceptualize the world. We assumed that hand gestures and verbal structure have a co-expressive relationship and are partially dependent. Their combination might form a sign in a given context, something whose function can only be conceptualized and understood by a speaker, in a specific situation. That's why it is possible to describe hand gestures considering their kinesic characteristics (hand shape, configuration, direction, position, etc) and their pragmatic functions. The hand gestures produced by individuals in an interactional

encounter may be associated with their speech content. The same probably happens with facial gestures.

Facial gestures, that is, the contraction of facial muscles, are a topic of vigorous discussion in psychological studies. These contractions may be similar in different parts of the world. Through them, people can express six mental states, usually called basic emotions: fear, anger, sadness, happiness, disgust, and surprise, all of them illustrated in Figure 13:

Figure 13 – Facial expressions of surprise, fear, sadness, anger, disgust



Source: adapted from Ekman; Friesen (2003).

The so-called basic emotions are characterized by contractions of eyebrows, nose, and mouth. These movements, according to psycho-evolutionist approaches, may express mental states that allowed the survival and perpetuation of humankind on Earth. When afraid of something, for example, our ancestors might have expressed this state by face gestures and by trying to escape from a dangerous situation (MIGUEL, 2015, p. 154).

Beyond a possible reflex that guaranteed our survival, face gestures are also elements of non-verbal communication categorized by Ekman and

Friesen (2003) as affective displays, movements that express the speaker's evaluations toward something or someone, during language production and processing. For example, in an interactional encounter, together with a negative verbal structure and hand gestures from the Away Family, a person may contract the eyebrows and mouth (disgust gesture) to negate or reject something, differentiating the functions assumed by *não* in pre-verbal, double or post-verbal positions.

The description and analysis of the facial gestures presented in Figure 13 can be done manually, using manuals elaborated to help researchers to execute this task (EKMAN; FRIESEN, 2003), or it can be done automatically. Freitag *et al* (2020) used a *script* that, based on the CK+ database (KANADE; COHN; TIAN, 2000), recognized and categorized the movements that characterize happiness, disgust, neutrality, fear, and surprise, made by college students from the Federal University of Sergipe, while they listened to a stigmatized linguistic variant: rotacism, which occurs when people exchanges /r/ for /l/, producing /pranta/ instead of /planta/. Rotacism is a highly stigmatized linguistic variant, usually associated with speakers with a low degree of education and who live in the rural regions of Brazil (AMARAL, 1976). The analysis executed by Freitag *et al* (2020) showed that in addition to the low acceptability judgment ranking, the negative evaluation regarding rotacism was expressed by the students' faces: when exposed to stimuli like /pranta/, they smiled, which, based on descriptive studies about this linguistic phenomenon, might be associated to a negative reaction (as mockery, for example), not with happiness.

Besides judgments of phonetic variables, facial gestures might also be associated with complex concepts, acting in the disambiguation of polysemic linguistic elements. In Brazilian Portuguese, (*eu acho que* (I think that) is a construction that might express certainty, doubt, and uncertainty. These functions are probably differentiated by the speaker's personal experience with what is said (questions about something experienced directly might evoke doubt, while questions about something experienced indirectly might evoke uncertainty), and by facial gestures (ANTUNES; AUGERBÉ; SASA, 2014). Using an automatic protocol to recognize and categorize facial gestures that characterize happiness, sadness, surprise, fear, disgust, and mockery, Cardoso (2021) studied, in sociolinguistic interviews conducted with students from the Federal University of Sergipe, the functions assumed by (*eu acho que* (I think that). The data analysis suggested that to express certainty, speakers maintained a neutral facial expression (without any muscle movement). However, to

express doubt and uncertainty, they wrinkled their eyebrows, nose, and mouth, movements that characterize anger and disgust but, in interactive encounters, may suggest doubt and uncertainty (CARDOSO, 2021).

In addition to the degree of knowledge and involvement with something, facial gestures may demonstrate different types of evaluation, like the diminutive morpheme in Brazilian Portuguese. This morpheme can either indicate small size, positive or negative evaluation. Pinheiro (2021), using the same corpus as Cardoso (2021), analyzed the functions indicated by words like *casinha* (a small house), *livrinho* (small book), and *barzinho* (a comfortable/nice bar), and concluded that negative evaluations were expressed by speakers when diminutives were accompanied by contraction of eyebrows and mouth. Negative evaluation may also be expressed through negative structures with *não*, the focus of the next section.

4 Negative structures with *não* in Brazilian Portuguese

Negation is a property common to all natural languages. It can be expressed in different ways, by (i) morphemes or affixes (*infeliz, desiludido* – unhappy, disillusioned); (ii) negative particles (*não, nunca* – no, never); and (iii) negative verbs (*inviabilizar, disability* – make it impossible, disable) (DAHL, 2010). In general, textbooks assume that this typology has only one function: to indicate opposition to something. However, in real conversations, negation assumes more functions than stating an opposition. In Brazilian Portuguese, using the particle *não* to negate something might be the most productive strategy of negation. In a sentence, this particle can appear in three positions, forming

(3) a. pre-verbal negation (*não*-V)²

ADRIMI: mas eu já fui pro centro cultural faço até alguns projetos hoje em dia () lá e é bem eu gosto muito acho muito interessante de ver aspectos da nossa cultura assim que a gente basicamente **não tem** muito acesso

*But I've been to the cultural center and I even do some projects there nowadays () and I like it very much, I think it's very interesting to see aspects of our culture that we basically **don't have** much access to*

² These three examples of uses of negative structures with *não* were taken from the Falares Sergipanos database, a sample composed of 100 sociolinguistic interviews recorded by the Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade (GELINS).

b. double negation (não-V-não)

ANTIMI: ainda **não fui não** [a um estádio] ainda não tive essa oportunidade como eu disse meus pais me prenderam bastante

*I have **not gone no** [to a stadium] I have not had that opportunity yet as I said my parents held me back a lot*

c. post-verbal negation (V-não)

LARIFI: Nunca **precisei** [de assistência policial] **não**

*Never **needed** [police assistance] **no***

Pre-verbal, double, and post-verbal negation coexist as a consequence of the variable nature of language, signaling, according to Jespersen (2010), a cyclic process in which

the original negative adverb is first weakened, then found insufficient and therefore strengthened, generally through some additional word, and this in its turn may be felt as the negative proper and may then in course of time be subject to the same development as the original word. (JESPERSEN, 2010, p. 2).

From this perspective, the weakening of *não* to negate something would favor the realizations like 3b. Besides 3b and 3c, there is still another possibility of negation with a phonetic variation of *não*:

- (4) ADRIMI: sim era legal [trabalhar] só que (HES) **num tava** dando o resultado que eu esperava dar

*Yes it was nice [to work] but (HES) **it was not giving** me the result that I hoped*

In (4), the pre-verbal *não* becomes *num* by a process of phonological erosion. This loss of phonological content makes it necessary to reinforce the negation by using *não* in a post-verbal position. This process is associated with two principles: iconicity and economy. According to Furtado da Cunha (2001, p. 18), the co-occurrence of *não-V*, *não-V-não*, and *V-não* reveals two competitive motivations in the negation domain:

one towards the restoration of iconicity, and the other leading to a loss of iconicity, in a movement toward the economy. The double negative provides positive evidence for the iconic quantity principle, according to which the more relevant and unpredictable

information is, the greater the quantity of form. (Furtado da Cunha, 2001, p. 18)

Because negation with *não* presents three co-existent variables, descriptive studies suppose that all of them constitute different ways to say the same thing. As a consequence, negative structures with *não* are described in different speech varieties through social (speaker's region, gender, and age) and linguistic (type of clause, position of negation form, and type of utterance) variables. Sousa (2007), Seixas, de Alkmim and Chaves (2012) suggest that in all regions of Brazil, 3a is the negative structure most used by Brazilian speakers, followed by 3b and 3c.

In general, the results of descriptive studies suggest that the structure *V-não* is less used by Brazilians, which may suggest that the occurrence of *não-V*, *não-V-não*, and *V-não* is not conditioned by regional or social factors. The use and function of pre-verbal, double, and post-verbal negative structures may have some contextual specificities that require better understanding. According to Schwenter (2004), the use of pre-verbal, double, and post-verbal negation is conditioned by the informational status of the negated information, which may be given or new in the speech, literally activated or inferred by speakers from their knowledge. Yet, this knowledge may not be enough to explain the uses of 3a, 3b, and 3c in real interactive situations. For Petry, Goldnadel, and Lambert (2021, p. 8), Schwenter's (2004) proposal is an important step toward the identification of enunciative functions of negative structures with *não*. They assume that negation serves more complex conversational intentions, relative to the relationship between speaker, listener, and the subject under discussion: denegation, thematic pause, return to a quantitative topic, and face-saving.

Denegation is characterized by the opposition to something explicit or suggested by inference by the speaker; while the thematic pause is characterized by a break of topic continuity. Meanwhile, the return to a quantitative topic is characterized by the use of a negative structure with *não* to justify what was said. Face-saving, for its part, is characterized by the use of a negative structure to maintain the conversation's continuity. To investigate the enunciative functions of negative structures with *não*, Petry, Goldnadel, and Lambert (2021) analyzed sociolinguistic interviews from the Projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARISUL) database and concluded that it was only possible to differentiate the functions of each negative form due to

the analysis of the relationship between subject, speaker, and listener, considering each specific situation.

Apart from the particularity of each interactive encounter, there is another factor related to the description of the functions assumed by pre-verbal, double, and post-verbal negation structures that should be considered: gestures. Language is a symbolic phenomenon that encompasses “the phonetic detail of an utterance, as well as any other signals, such as gestures.” (CIENKI, 2015, p. 500). Beyond what is said and what can be inferred by speakers, in an interactional encounter body movements also assume communicative functions. In different languages (German, English, Spanish) multimodal studies (BRESSEM; MÜLLER, 2017; HARRISON, 2010; MÜLLER; SPECKMANN, 2002) suggest that hand gestures are relevant to form the functions assumed by negative items, which can do more than state an opposition. In the next section, we discuss them.

5 Speech, hand gestures, and negative statements

Questions regarding negation and how this property of natural languages is expressed by speakers have been asked in different languages. Some of these questions were made based on the presupposition that negating is something that can be done by negative lexical items alone, or by negative lexical items plus body movements.

Multimodal approaches suppose that negative structures plus hand gestures can suggest specific functions in interactive encounters, which reinforces the necessity to think of signs not only in a bi-dimensional way. Regardless of differences in conceptualizations about gestures, their description, and analysis, descriptive studies highlight that this is an approach that might help us to understand how human cognition works, how we conceptualize concrete or non-concrete elements, evaluations, and how we communicate them. In the following paragraphs, we describe multimodal studies about negation in German, Spanish, English, and Brazilian Portuguese. All of them include, in their model of analysis, hand gestures.

As discussed in the previous sections of this article, gestures, when expressing pragmatic functions, might establish with speech a co-expressive and non-random relationship. This relationship can be witnessed in data from German, Spanish, English, and Brazilian Portuguese. This is why we assume that gestures might differentiate the functions assumed by

negative structures with *não*. The “Away Family” gestures described in Table 2, when executed along with negative assessments formed by open class elements (nouns, verbs, and adverbs), express specific pragmatic functions, analyzed by Bressemer and Müller (2017). Using 34 hours of videos of different discourse types (naturalistic conversations, TV shows, academic lectures, experimental data among others), these authors studied the “Throwing Away” gestures performed by German speakers, using a corpus codified according to the Linguistic Annotation System, as shown in Table 4:

Table 4 – Description of the “Throwing Away” subfamily of gestures

	Characteristic form	Lax flat hand oriented vertically, palm facing away from the speaker's body, hand flaps downward from the wrist.
	Shared embodied motivation	Clearing body space and removal of unwanted and annoying objects, throwing away middle-sized roundish objects, that one wants to get rid of
	Shared meaning	Negative assessment, getting rid of, removing and dismissing annoying topics of talk, by throwing it away from the speaker's body.
	Shared action scheme/ experiential frame	“Away Action Scheme”

Source: Bressemer and Müller (2017, p. 4).

The Throwing Away gestures “may simply negatively assess the referent expressed in the proposition, as is the case with verbal negation, nouns, verbs, and adverbs (...), and it may add a modal or affective qualification in contexts with modals and interjections” (BRESSEMER; MÜLLER, 2017, p. 4), forming a verb-kinetic structure characterized as Throwing Away Gesture + particles/negation/N/V/ADV, which use can be more or less fixed, in a *continuum*. In this verbo-kinetic structure, the combination between linguistic items and gestures can or cannot be fixed (Figure 14), and their execution may be influenced by the type of words with which they occur, highlighting the necessity of a multimodal analysis that encompasses the particularities of each interactive encounter.

(*tut tut, uh uh* etc) (HARRISON, 2010, p. 33) plus hand gestures as the one illustrated in Figure 15:

Figure 15 – The palm down horizontally across the body gesture



Source: Harrison (2010, p. 31).

The gesture illustrated in Figure 15 is defined as “the palm down horizontal across the body” (PD across gesture). In this sample, it was used more frequently to negate actions and states with verbal clausal negations and to express the speaker’s evaluations and dislikes (HARRISON, 2010, p. 34-35). Based on the annotation protocol proposed by Kendon (2004), Harrison (2010) also analyzed gestures through the lenses of gesture phrases, focusing on their semantic-pragmatic core, the stroke, and their relationship with negative particles. From a gestural point of view, Harrison’s research focuses on negative gesture phrases. From a syntactic point of view, it focuses on the expression of negation. Syntactically, negation is structured by a node, the negative item (*suffix, affix, particle*), and its verbal scope, which usually covers the whole utterance, until its end. However, in conversations, with people speaking for a longer period, it is hard to specify what is the scope of negation, which can go beyond the limit of a specific sentence, being marked by gestures used to achieve a specific pragmatic function, in a temporal synchronization to what is said. This is illustrated in the following example:

- (6) So he COuldn't... he COuldn't uh WIn and eventually he got so FEd up and despondent³
(HARISON, 2010, p. 42).

In (6), the speaker executed the gesture illustrated in figure 15 together with *couldn't*, and extended the gesture throughout the whole utterance. Syntactically, the end of the scope of negation would be *win*. However, the PDacross gesture extended this limit to achieve a communicative intention, which suggests that pragmatic functions assumed by verb-kinesic structures have an internal organization. This organization may evidence the multimodal nature of language and the relevance of this type of analysis. Other studies in German, English, Spanish, French, and Italian (BRESSEM; MÜLLER, 2014; CALBRIS, 2011; DE JORIO, 2000 KENDON, 2004; STREECK; 2009; TEßENDORF, 2014;) have been presenting similar results reinforcing that negation is multimodal and conveys more than opposition.

The profusion of studies about gestures and their relation to verbal structure in different languages has encouraged multimodal approaches to negation in Brazilian Portuguese. For instance, Santos (2021) studied the forms and recurrent functions of negative gestures in different communicative contexts, based on the assumption that negation is not only a matter of opposition. In her study, she analyzed 53 negative gestures that occurred in 25 minutes of audiovisual data, taken from TEDxTalks conferences and Distributed Little Red Hen Lab, a library of international news. As criteria for data collection in TEDxTalks conferences, she used the configuration of the speaker's hand, based on studies about negation in German. Meanwhile, the criteria for data collection in Red Hen was the co-occurrence of the keywords in Table 5, plus hand gestures.

³ This is the literal transcription used by Harrison. The syllables in capital letters represent the occurrence of hand gestures.

Table 5 – Keywords and number of occurrences taken from Red Hen

Keywords	Number of occurrences
Não (<i>no/not</i>)	13
Nem (<i>neither</i>)	2
Nunca (<i>never</i>)	2
Ninguém (<i>nobody</i>)	2
Jamais (<i>ever</i>)	1
Nenhuma (<i>none</i>)	1
Sem (<i>without</i>)	1
Nada (<i>nothing</i>)	1
Impossível (<i>impossible</i>)	1
Desativar (<i>deactivate</i>)	1

Source: Santos (2021, p. 68).

Altogether, the data collected by Santos (2021) contained 9% (5/53) of sweeping away gestures; 25% (13/53) of holding away gestures; 13% (7/53) of Kendon's definition of open hand supine gestures which, in this sample, was used to indicate indifference, 4% (2/53) of throwing away gesture, and 9% (5/53) of brushing away gestures. The analysis of all these movements suggests that they express rejection, interruption, metaphorical withdrawal, and negative evaluation. To reject something, speakers tended to, metaphorically, sweep away conversational topics, expressing epistemic position. Holding away gestures were used to express interruption and a more emphatic rejection. In this case, they were performative actions, regulating the interlocutor's behavior (SANTOS, 2021, p. 101). Between speakers of Brazilian Portuguese, what Kendon (2004) defines as open-hand supine gestures were used to express negative evaluation about something that must be taken away from the speaker.

Santos (2021) concluded that different patterns of hand movements synchronized with linguistic items assume specific pragmatic functions. Based on that, it might be plausible to assume that gestures – hand and

facial, since both types might express modal (negative) evaluation – can differentiate the functions assumed by negative structures with *não*. However, it is important to consider that the negative gestures executed by Brazilian Portuguese speakers are not totally similar to the ones executed by German speakers. The multimodal approach to negation in Brazilian Portuguese is still underexplored, and awaits for further studies.

6 Negative statements on Brazilian Portuguese: an analysis proposal

In Brazilian Portuguese, descriptive studies whose analyses are based on structural variables (SOUSA, 2007; SEIXAS, DE ALKMIM E CHAVES, 2012) suggest that the occurrence of pre-verbal, double, and post-verbal negation with *não* is a variable phenomenon. From this point of view, these three contexts of occurrence are three possibilities to express opposition. However, approaches that focus on the informational status (SCHWENTER, 2004) of negation assume that the occurrence of negative structures with *não* is conditioned to the status of the negated information, which may be given or new in the speech, literally activated or inferred by speakers. This status is probably relevant to identify the pragmatic functions assumed by negative structures with *não*: denegation, thematic pause, return to a quantitative topic, and face-saving (PETRY; GOLDNADEL; LAMBERT, 2021). Traditionally, all of them are described through verbal variables based on researchers' intuition to comprehend how, in interactions, multiple functions of negative structures are differentiated. But beyond linguistic structure and informational status, based on the paradigm of cognitive linguistics (GIBBS, 2005; FREITAG; CRUZ; NASCIMENTO, 2021), and the notion of usage events (CIENKI, 2015) we suppose that another factor must be considered to describe the functions of negative structures: hand and facial gestures.

In German, Spanish, and English, negation is expressed by linguistic items and gestures. Santos (2021) observed that the same might happen in Brazilian Portuguese. Together with different operators of negation (*não*, *nunca*, *ninguém*, *jamais*, etc), hand gestures assume modal functions, suggesting rejection, interruption, metaphorical withdrawal, and negative evaluation. All these functions might be assumed by negative structures with *não* which, as we assume, are not three ways to state opposition. Additionally, facial gestures might also express negative evaluation by the contraction of eyebrows, nose, and mouth.

Based on descriptive studies about pragmatic functions of negation, and on our additional assumptions about verbal structure in combination with gestures, we assume that negative structures with *não* might suggest denegation, thematic pause, return to a quantitative topic, and face-saving, as defined by Petry; Goldnadel and Lambert (2021), and negative evaluation, based on the results reported by Pinheiro (2021). We also assume that to describe all the variables that act to express the functions of negative structures with *não* it is necessary to consider their context of use, including phonetic detail, hand, and facial gestures, elements that form multi-complex signs which might be described through kinesic properties, in a co-dependent relationship. Based on these assumptions, we defend a multimodal description of interactionally relevant blocks composed of negative structures with *não*.

7 Summary

We initiated this article by discussing the notions of sign proposed by Saussure, Bühler, and Pierce to address the theoretical implications of different models of language description. In an interactive encounter, what we say and what we see is relevant to express functions of elements that might look the same but are not. The gestures executed by speakers in an interactive encounter are expressions of cognitive processes (metaphor, mimesis): they emerge through the conceptualization of schematic images and, when executed continuously and in similar situations, become recurrent, acquiring more specific meanings. The “Away Family” (Table 2) exemplifies this. Based on the container and space imagistic schemas, they are used to negate, reject, express negative evaluation, and show the speakers’ intention to distance themselves from something.

In Brazilian Portuguese, descriptive studies based only on verbal structure assume that pre-verbal negation, double negation, and post-verbal negation with *não* have the same function: express opposition. However, pragmatic approaches assume that these structures express complex conversational functions: denegation, thematic pause, return to a quantitative topic, face-saving, and negative evaluation. That is what we assume, supposing that the possibilities of negation with *não* are not different ways to say something.

Traditionally, the functions of negative structures with *não* are described through verbal variables, based on researchers’ intuition to

comprehend how, in interactions, multiple functions assumed by a lexical item are differentiated. All these functions might be differentiated by hand and facial gestures. Based on a multimodal cognitive perspective, and anchored on evidence of the multimodality of negation in German, English, Spanish, and Brazilian Portuguese, we proposed a multimodal description of negative structures with *não*, aiming to analyze if their complex functions are differentiated by gestures, analyzed through kinesic and semiotic features, an approach that might contribute to understanding the relationship between language, gestures, and between conceptualization and expression of negation and, consequently, usage events.

Acknowledgments

I would like to thank the reviewers and editors of RELIN for their criticisms and suggestions. All of them contributed to the improvement of the proposal presented here, which is part of my doctoral research in development. Any problems or inconsistencies in this text are my sole responsibility.

References

- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. Hucitec: São Paulo, 1976.
- ANTUNES, L. B.; AUBERGÉ, V.; SASA, Y. Certainty and uncertainty in Brazilian Portuguese: methodology of spontaneous corpus collection and data analysis. In: 7th International Conference on Speech Prosody, 2014, Dublin. *Proceedings of the 7th th International Conference on Speech Prosody. Dublin, Trinity College*, p. 2014, p. 110-114. DOI: 10.21437/SpeechProsody.2014-10
- AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, 1975.
- BATEMAN, J. A. Peircean semiotics and multimodality: Towards a new synthesis. *Multimodal Communication*, Berlin/Boston, v. 7, n. 1, p.1-24, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1515/mc-2017-0021>
- BOUTET, D. Structuration physiologique de la gestuelle: modèle et tests. Lidil. *Revue de linguistique et de didactique des langues*, n. 42, p. 77-96, 2010. DOI: <https://doi.org/10.4000/lidil.3070>

BRESSEM, J. Characterizing gestural form features - Suggestions for a form-based notational system of coverbal gestures. Unpublished Manuscript, 2008. Available at <http://www.janabressem.de/Downloads/Bressem_notating%20gestures.pdf>. Accessed on: July 17, 2023.

BRESSEM, J. *Repetitions in gesture: A cognitive-linguistic and usage-based perspective*. Berlin/Boston: Walter de Gruyter GmbH & Co KG, 2021.

BRESSEM, J.; LADEWIG, S. H. Rethinking gesture phases: Articulatory features of gestural movement?. *Semiotica*, Berlin/New York, v. 2011, n. 184, p 53-91, 2011. . DOI: <https://doi.org/10.1515/semi.2011.022>

BRESSEM, J.; LADEWIG, S.; MÜLLER, C. Linguistic Annotation System for Gestures. In: MÜLLER, C; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S.; McNEILL, D.; TEBENDORF, S . *Handbücher Zur Sprach - Und Kommunikationswissenschaft / Handbooks of Linguistics and Communication Science*, Vol. 1. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2013. p. 1098-1124.

BRESSEM, J.; MÜLLER, C. The “Negative-Assessment-Construction”: A multimodal pattern based on a recurrent gesture?. *Linguistics Vanguard*, Berlin/Boston, v. 3, n. s1, p. 1-9. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1515/lingvan-2016-0053>

BRESSEM, J; MÜLLER, C. The family of Away gestures: Negation, refusal, and negative assessment. In: MÜLLER C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S.; MCNEILL, D.; BRESSEM, J. (eds.). *An international handbook on multimodality in human interaction*. Berlin/ Boston: De Gruyter Mouton, 2014, p. 1592-1604.

BÜHLER, K. *Theory of language: The representational function of language*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.

CALBRIS, G. *Elements of Meaning in Gesture*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2011.

CARDOSO. P. B. *Efeitos linguísticos e paralinguísticos na inferência dos sentidos indicados por (eu) acho que em entrevistas sociolinguísticas*. 2021. 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, 2021.

CHAFE, W. L. *Discourse, Consciousness, and Time: The Flow and Displacement of Conscious Experience in Speaking and Writing*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CIENKI, A. From the finger lift to the palm-up open hand when presenting a point: A methodological exploration of forms and functions. *Languages and Modalities*, v. 1, n. 1, p.17-30, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3897/lamo.1.68914>

CIENKI, A. Spoken language usage events. *Language and Cognition*, Cambridge, v. 7, n. 4, p. 499-514, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1017/langcog.2015.20>

CROFT, W.; CRUSE, A. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DAHL, Ö. *The expression of negation*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010.

DE JORIO, A. *La mimica degli antichi investigata nel gestire napoletano* [Gesture in Naples and Gesture in Classical Antiquity.], translated and with an introduction and notes by Adam Kendon. Bloomington: Fibreno, 1832[2000].

DE RUITER, J. P. The production of gesture and speech. In: McNEILL, D. (eds), *Language and gesture*. v. 2, Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p.284-311. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511620850.018>

EKMAN, P; FRIESEN, W. V. *Unmasking the face: A guide to recognizing emotions from facial clues*. Los Altos:Ishk, 2003.

FREITAG, R. M. K.; CRUZ, R. C. F.; NASCIMENTO, T. DA C. The grammar in the body: on embodied resources in meaning construction and negotiation. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 1, p. 1-24, 2021. DOI: <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2021.V2.N1.ID354>

FREITAG, R.; TEJADA, J.; BRITO, Í.; PINHEIRO, B.; SILVA, L. S.; CARDOSO, P. B; ANDRADE SOUZA, V. R.. Rating linguistics features and facial expressions: an approach of variation processing. *Cadernos de Linguística*, v. 1, n. 2, p. 01-19, 2020. DOI: <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2020.V1.N2.ID15>

FURTADO DA CUNHA, M. A. O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. *DELTA: Documentação de Estudos*

em Lingüística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 17, p. 1-30, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502001000100001>.

GIBBS, R. *Embodiment and cognitive science*. New York: Cambridge University Press, 2005.

HARRISON, S. Evidence for node and scope of negation in coverbal gesture. *Gesture*, Amsterdam, v. 10, n. 1, p. 29-51, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1075/gest.10.1.03har>

IRISKHANOVA, O. K.; CIENKI, A. The semiotics of gestures in cognitive linguistics: contribution and challenges. *Voprosy Kognitivnoy Lingvistiki*, v. 4, p. 25-35, 2018. DOI: [10.20916/1812-3228-2018-4-25-36](https://doi.org/10.20916/1812-3228-2018-4-25-36)

JAKOBSON, R. *Lingüística e comunicação*. São Paulo, Editora Cultrix, 2008.

JESPERSEN, O. *Selected Writings of Otto Jespersen*. New York: Routledge, 2010.

KANADE, T.; COHN, J. F.; TIAN, Y. Comprehensive database for facial expression analysis. In: IEEE International Conference on Automatic Face and Gesture Recognition, 4, 2000, Grenoble. *Proceedings fourth IEEE international conference on automatic face and gesture recognition*, 2000. p. 46-53. DOI: <https://doi.org/10.1109/AFGR.2000.840611>

KENDON, A. et al. Gesticulation and speech: Two aspects of the process of utterance. *The relationship of verbal and nonverbal communication*, v. 25, n. 1980, p. 207-227, 1980.

KENDON, A. *Gesture: Visible action as utterance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

KENDON, A. Language and gesture: Unity or duality. In: McNEILL, D. (ed). *Language and gesture*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 47-62, 2000.

KENDON, A. Pragmatic functions of gestures: Some observations on the history of their study and their nature. *Gesture*, Amsterdam, v. 16, n. 2, p. 157-175, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1075/gest.16.2.01ken>

KENDON, A. *The study of gesture: Some remarks on its history*. Boston: Springer, 1983. DOI: https://doi.org/10.1007/978-1-4615-9328-7_15

KOK, K. I.; CIENKI, A. Cognitive Grammar and gesture: Points of convergence, advances and challenges. *Cognitive Linguistics*, Berlin/Boston v. 27, n. 1, p. 67-100, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1515/cog-2015-0087>

LADEWIG, S. H. Describing, searching and prompting - variants of a recurrent gesture. *Language and Literature*, v. 41, n. 1, p. 89-111, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1163/25890859-041-01-90000006>

LADEWIG, S. H.; BRESSEM, J. New insights into the medium hand: Discovering recurrent structures in gestures. *Semiotica*, Berlin/Boston, v. 2013, n. 197, p. 203-231, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1515/sem-2013-0088>

LADEWIG, S. *Integrating gestures: The dimension of multimodality in cognitive grammar*. Berlin/Boston: Walter de Gruyter GmbH & Co KG, 2020.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

LANGACKER, R. W. Interactive cognition: Toward a unified account of structure, processing, and discourse. *International Journal of Cognitive Linguistics*, v. 3, n. 2, p. 95-125, 2012.

McNEILL, D. *Hand and Mind: What Gestures Reveal About Thought*. Chicago: University of Chicago press. 1992.

McNEILL, D. So you think gestures are nonverbal? *Psychological review*, Washington, v. 92, n. 3, p. 350-371, 1985. DOI: <https://doi.org/10.1037/0033-295X.92.3.350>

McNEILL, D., CASSELL, J., & MCCULLOUGH, K.-E. Communicative Effects of Speech-Mismatched Gestures. *Research on Language & Social Interaction*, v. 27, n.3, p. 223-237, 1994. DOI: https://doi.org/10.1207/s15327973rlsi2703_4

MIGUEL, F. K. Psicologia das emoções: uma proposta integrativa para compreender a expressão emocional. *Psico-usf*, Campinas, v. 20, n. 1, p. 153-162, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200114>

MITTELBERG, I.; HINNELL, J. Gesture Studies and Semiotics. In: PELKEY, J.; COBLEY, P. (eds). New York: *Bloomsbury Semiotics Volume 4: Semiotic Movements*, 2023, p. 183-214.

MÜLLER, C. Iconicity and gesture. In: SANTI, S.; GUAÏTELLA, I.; CAVÉ, C. ; KONOPCZYNSKI, G. (eds). *Oralité et gestualité: Communication multimodale, interaction*. Paris: L'Harmattan, 1998, p. 321–328.

MÜLLER, C.; LADEWIG, S; BRESSEM, J. Towards a grammar of gestures: A form-based view. In: MÜLLER C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S.; MCNEILL, D.;BRESSEM, J. (eds.). *Handbücher Zur Sprach- Und Kommunikationswissenschaft / Handbooks of Linguistics and Communication Science*,vol. 1. Berlin/ Boston: De Gruyter Mouton, 2013, p. 707-733.

MÜLLER, C.; SPECKMANN, G. Gestos con una valoración negativa en la conversación cubana. *DeSignis*, Buenos Aires:,, n. 3, p. 91-103, 2002

PETRY, P.; GOLDNADEL, M.; LAMBERTI, L. Funções pragmáticas de enunciados com dupla negação em Porto Alegre no final do século XX: uma análise qualitativa de dados extraídos de entrevistas sociolinguísticas. *Revista da ABRALIN*, v. 20, n. 2, p. 1-38, 2021. DOI: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v20i2.1899>

PINHEIRO, B. F. M. *Pistas linguísticas e paralinguísticas para os sentidos diminutivos*. 2021. 98 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, 2021.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, H. E. A.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language*, v. 50, n.4, p. 696–735, 1974. DOI: <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-623550-0.50008-2>

SANTOS, B. F. G. *A construção de um repertório de gestos de negação para o português brasileiro: uma proposta cognitivo-gestual*. 2021. 152 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de pós-graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2021.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 2012.

SHWENTER, S. A. The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese. *Lingua*, v. 115, n. 10, p. 1427-1456, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.lingua.2004.06.006>

SEARLE, J. R. *Speech acts*. Brill, 1975

SEIXAS, V. C.; DE ALKMIM, M. G. R.; CHAVES, E. Construções negativas na fala de moradores da zona rural do município de Piranga, Estado de Minas Gerais: uma análise variacionista. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, Maringá, v. 34, n. 2, p. 269-276, 2012. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v34i2.15149>

SOUSA, L. T. de. A Gramaticalização do não no Português Brasileiro e a Etapa do Processo. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 1, n. 2, 2011. DOI: <https://doi.org/10.14393/DL2-v1n2a2007-5>

STOKOE, W. *Sign language structure*. Buffalo: Buffalo University Press, 1960.

STREEK, J. *Gesturecraft: The manu-facture of meaning*. Amsterdam: John Benjamins, 2009.

TEßENDORF, S. Pragmatic and Metaphoric Gestures – Combining Functional With Cognitive Approaches in the Analysis of the “Brushing Aside Gesture”. In: MÜLLER C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S.; MCNEILL, D.; BRESSEM, J. (eds.). *Body – Language – Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction* (Handbook of Linguistics and Communication Science 38.2.), Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2014, p. 1540-1558.



A percepção sobre as formas de imperativo a partir dos quadrinhos da *Turma da Mônica Jovem* e *Chico Bento Moço*

The perception of imperative forms from the comics of Turma da Mônica Jovem and Chico Bento Moço

Carolina Barroca Faria

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo/ Brasil

carol_barroca@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3421-1503>

Leila Maria Tesch

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo / Brasil

leilatesch@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3919-1230>

Resumo: Neste artigo, apresentamos uma pesquisa sobre a percepção da variação linguística das formas indicativas e subjuntivas na expressão do imperativo no português brasileiro. Com base nos estudos de Scherre (2008; 2012), pôde-se constatar um aumento do uso das formas indicativas em revistas da Turma da Mônica, de 7% em 1970 para 81% em 2010 e, a partir desse resultado, a hipótese é de que os participantes de um experimento criado por nós preferiram majoritariamente as formas no indicativo, tanto na escolha de quais formas os personagens usariam quanto as formas que os participantes utilizariam. Para tanto, aplicamos um questionário, realizado na plataforma *Google* formulários, com recortes das revistas Turma da Mônica Jovem e Chico Bento Moço, do escritor Maurício de Sousa, para que os participantes assinalassem, em um primeiro momento, quais formas as personagens utilizariam e, em seguida, quais os próprios participantes usariam. Foram analisadas as respostas de 875 participantes, sendo a maioria desses da faixa etária jovem, do sexo feminino e residentes na Região Sudeste do Brasil. Os resultados alcançados neste estudo demonstram uma maior tendência de escolha da forma associada ao indicativo em contextos que evidenciam o traço de ruralidade dos personagens, na presença do vocativo depois do verbo, no contexto temporal imediato, em sentenças afirmativas e quando a negação é pós-verbal. Por outro lado, a forma subjuntiva é favorecida em situações comunicativas em que o contexto

de autoridade está em destaque, no contexto temporal não imediato, em sentenças em que a negação é pré-verbal e na presença do vocativo antes do verbo.

Palavras-chave: sociolinguística; imperativo gramatical variável; formas indicativas e subjuntivas; estudo de percepção.

Abstract: In this article, we present a research on the perception of linguistic variation of indicative and subjunctive forms in the expression of imperative mood in Brazilian Portuguese. Based on studies by Scherre (2008; 2012), an increase in the use of indicative forms in *Turma da Mônica* magazines can be seen, from 7% in 1970 to 81% in 2010 and, based on this result, the hypothesis is that the participants of this experiment mostly prefer the forms in the indicative, both in choosing which forms the characters would use and the forms that the participants would use. We applied a questionnaire, carried out on the Google forms platform, with clippings from the magazines *Turma da Mônica Jovem* and *Chico Bento Moço*, both written by Maurício de Sousa, so that the participants indicated, at first, which forms the characters would use and, then, which ones they would use themselves. The responses of 875 participants were analyzed, most of whom were young, female and residing in the southeastern region of Brazil. The results achieved in this study demonstrate a greater tendency to choose the form associated with the indicative in contexts that show the rurality trait of the characters, in the presence of the vocative after the verb, in the immediate temporal context, in affirmative sentences and when the negation is post-verbal. On the other hand, the subjunctive form is favored in communicative situations in which the context of authority is highlighted, in the non-immediate temporal context, in sentences in which the negation is pre-verbal and in the presence of the vocative before the verb.

Keywords: sociolinguistics; variation in imperative mood; indicative and subjunctive forms; perception study.

Recebido em 30 de setembro de 2022

Aprovado em 27 de maio de 2023

1 Considerações iniciais

A gramática normativa prevê que o imperativo

só tem formas próprias para as segundas pessoas; as pessoas que faltam são supridas pelos correspondentes do presente do subjuntivo (..) as terceiras pessoas do imperativo se referem a *você*

(s), e não a *ele* (s). Também não se usa o imperativo nas orações negativas; neste caso empregam-se as formas correspondentes do presente do subjuntivo (BECHARA, 2003, p. 237)

Sendo assim, o imperativo afirmativo e negativo, de acordo com a tradição, deve ser conjugado da seguinte forma:

Quadro 1 – Conjugação do verbo *amar* no imperativo afirmativo e imperativo negativo

Presente (indicativo)	Imperativo afirmativo	Presente (subjuntivo)	Imperativo negativo
eu amo	- (eu)	que eu ame	- (eu)
tu amas (-s) ⇨	ama (tu)	Que tu ames ⇨	não ames (tu)
ele ama	ame (você) ⇐	Que ele ame ⇨	não ame (você)
nós amamos	amemos (nós) ⇐	Que nós amemos ⇨	não amemos (nós)
vós amais (-s) ⇨	amai (vós)	Que vós ameis ⇨	não ameis (vós)
eles amam	amem (vocês) ⇐	Que eles amem ⇨	não amem (vocês)

Fonte: Elaboração própria.

No entanto, debruçando-nos nos princípios da Sociolinguística Variacionista apresentados por Labov (2008 [1972]), sabemos que variações e mudanças são inerentes a todas as línguas. A forma do imperativo no português brasileiro é variável, podendo ser expresso no presente do indicativo e do subjuntivo, como *fala/fale, faz/faça, diz/diga*, respectivamente. Abaixo, demonstramos essa variação com exemplos retirados das revistas da *Turma da Mônica Jovem* em polaridades negativas com pronome *você* no contexto, como em (1) e (2) e de *você* afirmativo em (3) e (4).

Polaridade negativa em contexto *você*:

(1) “**Não entra** na casa. **Você** me ouviu?”

(Edição 63 da revista *Turma da Mônica Jovem*, p. 81)

(2) “**Não faz** a santa, tá? Até parece que **você** não liga para a opinião do Cebola!”

(Edição 64 da *Turma da Mônica Jovem*, p. 94)

Polaridade afirmativa em contexto *você*:

(3) “Que saudade de **vocês!** **Dá cá um abraço**”

(Edição 74 da revista *Turma da Mônica Jovem*, p. 113)

(4) “**Faz** alguma coisa, Titi! **Você** é o especialista em levar pé no traseiro”

(Edição 71 da *Turma da Mônica Jovem*, p. 26)

Scherre (2008, p. 309), ao analisar a expressão do imperativo nas revistas da *Turma da Mônica* em idade infantil publicadas na década de 1970 e nos anos de 1998 e 1999, em contexto do pronome *você*, identificou que “num lapso temporal de cerca de 30 anos há um aumento de 48 pontos percentuais em direção ao imperativo associado à forma indicativa, aumento este sem dúvida significativo”. Em sequência, nos estudos de Scherre (2012), a forma indicativa já configurava 81%, logo podemos observar e compreender que o uso do imperativo está sofrendo variação e vem passando por um aumento significativo de uso das formas indicativas.

Com as diferentes formas apresentadas para o uso do imperativo, é possível salientar que esse fenômeno pode aparecer em orações negativas e em orações afirmativas, variavelmente, associando-se à forma indicativa e à subjuntiva, no contexto do pronome *você*. Dessa forma, há um afastamento da forma codificada pela gramática normativa pela possibilidade da ocorrência da forma indicativa relacionada ao pronome *você*, em orações afirmativas e negativas, tanto na escrita quanto na fala.

Faria (2020; 2021a; 2021b) investigou a variação do imperativo a partir das revistas da *Turma da Mônica*, utilizando, como base de dados, as revistas da *Turma da Mônica Jovem* (doravante TMJ), publicadas entre 2008 e 2012, e as revistas publicadas a partir de 2013 até 2015 do *Chico Bento Moço* (doravante CBM). Deve-se ressaltar a importância dessas pesquisas, pois permitiram observar a porcentagem de ocorrência do imperativo gramatical variável nessas revistas e os grupos de fatores que parecem influenciar nessa variação com os pesos relativos gerados por meio de rodadas realizadas pelo programa GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005). Esses dados são, predominantemente, com diálogos em contexto *você*, e foram usados também para realizar uma comparação com os resultados previamente obtidos em pesquisas anteriores (ANDRADE, MELO, SCHERRE, 2007; BRASIL, SCHERRE, 2000; SCHERRE, 2003, 2008a, 2008b;

LAMBERTI, SCHWENTER, 2018), descritos com maiores informações na seção 3 deste artigo.

Vale ressaltar que esses estudos mencionados se referem a pesquisas que analisaram dados de produção. Com o objetivo de preencher a lacuna de estudos de percepção sobre a variação do imperativo, tenciona-se neste artigo apresentar e discutir os resultados de um teste de percepção da variação linguística do uso do imperativo, nas formas indicativa e subjuntiva, com base em trechos retirados de revistas da TMJ e CBM.

Dessa forma, este estudo tem como objetivo central entender como os participantes processam a variação linguística no uso do imperativo e verificar se determinados condicionamentos linguísticos, discursivos, sociais e pragmáticos, constatados em diversos estudos de produção já realizados, são também acionados na escolha entre as formas indicativa e subjuntiva na expressão do imperativo. Dessa forma, o presente trabalho objetiva responder aos seguintes questionamentos: (i) como os participantes acreditam que os personagens falam o imperativo?; (ii) como os participantes utilizam o verbo no imperativo em seu cotidiano? e (iii) os participantes percebem alguma diferença entre a forma indicativa e subjuntiva em orações com o imperativo?

A principal hipótese, formulada a partir dos resultados de pesquisas de produção anteriormente realizadas, é que os participantes preferam as formas no indicativo, tanto nos contextos em que devem assinalar qual forma foi utilizada pelos personagens, tanto nas formas que acreditam usar em seu cotidiano. Além disso, acredita-se que os participantes perceberão diferenças de uso entre as formas indicativa e subjuntiva, apontando que as formas no subjuntivo expressam uma ordem mais rude, direta, e que demonstram maior autoridade.

A organização deste artigo é a seguinte. Primeiramente, descrevemos de forma breve a Sociolinguística Variacionista e os estudos de percepção da variação linguística, teoria que orienta a presente pesquisa, na seção 2. Na seção 3, realizamos um levantamento e uma breve descrição de alguns dos trabalhos que analisaram o fenômeno da variação do imperativo em *corpus* de revista em quadrinhos que ajudaram a nortear a elaboração do questionário aplicado. Na seção 4, apontamos os procedimentos metodológicos adotados para a aplicação do questionário e os procedimentos para a análise dos dados e, então, analisamos e discutimos os resultados encontrados no questionário na

seção 5. Por fim, encerramos o artigo com as considerações finais sobre a presente pesquisa.

2 A Sociolinguística e os estudos de percepção e de processamento da variação linguística

A Sociolinguística fundamenta-se como uma área que estuda a língua em seu uso real, compreendendo que a variação e a mudança são inerentes ao sistema linguístico, ou seja, “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (LABOV, 2008 [1972], p. 21).

A partir disso, a variação e a mudança não são vistas como um efeito do acaso, mas como um fenômeno motivado por fatores linguísticos e extralinguísticos que estão intimamente inter-relacionados (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1975], p. 127) e seus pressupostos teóricos permitem a visão da regularidade e sistematicidade presente na comunicação cotidiana, demonstrando a forma que uma variante se desempenha (LABOV, 2008 [1972], p. 262).

Inicialmente, os trabalhos desenvolvidos na área se voltavam, em sua maioria, para estudos de produção e análise do vernáculo da fala, como em Labov (2008 [1972]) que desenvolveu um trabalho de produção em Martha's Vineyard, ilha situada em Massachusetts, observando a mudança sonora dos ditongos /ay/ e /aw/. Com relação a isso, sabe-se que estudos de produção

permitem identificar em que contextos surgem novas formas na língua, quais são os fatores estruturais que condicionam a variação, e sugerir direcionais da consciência social do fenômeno com base na distribuição das variantes em função dos fatores sociais controlados na amostra. (FREITAG *et al*, 2016, p. 65)

Podemos citar como exemplo da Sociolinguística da produção, os estudos desenvolvidos por Scherre envolvendo a variação do imperativo na década de 1990 em aulas na Universidade de Brasília, motivada por um dever de casa de sua filha. Esses estudos foram ampliados a partir de 2000 com textos escritos, tendo entre eles os das revistas da *Turma da Mônica* (SCHERRE, 2008b, p. 123-128).

No entanto, compreende-se que há a necessidade de, para além do estudo da forma como o fenômeno acontece, observar como as pessoas

acreditam que ele aconteça. Isso é estudado por meio da perspectiva da percepção dentro da área da Sociolinguística, com o uso de testes, os quais dependem do “juízo do ouvinte, que correlaciona fatores sociais a traços sociolinguísticos, constituindo um padrão de consciência social na comunidade” (FREITAG *et al*, 2016, p. 65).

Weinreich, Labov e Herzog, em *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, sintetizam cinco problemas a serem resolvidos para uma teoria da mudança linguística: 1) O problema dos fatores condicionantes; 2) O problema da transição; 3) O problema do encaixamento; 4) O problema da avaliação e 5) O problema da implementação (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 121-124).

Assim, percebe-se que uma das questões centrais da Sociolinguística se refere ao problema da avaliação, isto é, a importância de se observar a avaliação dos fenômenos em processos de mudança, verificar o conhecimento e o comportamento do falante diante da mudança linguística, investigar de que forma os membros de uma comunidade de fala avaliam fenômenos variáveis e como o falante percebe o significado social das formas variantes. Dessa forma, os falantes podem acelerar ou reter processos de mudança linguística de uma comunidade de fala, na medida em que se identificam ou os rejeitam.

O nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem de ser determinada diretamente. Correlatos subjetivos da mudança são por natureza mais categóricos do que os padrões cambiantes do comportamento: a investigação destes correlatos aprofunda nosso entendimento dos modos como a categorização discreta é imposta ao processo contínuo de mudança. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 124).

Assim como realizou estudos de produção, Labov (2008 [1972], p. 228-231) também realizou estudos de percepção como os das formas geométricas referentes à atração negativa relacionada ao quantificador *any* em várias cidades dos Estados Unidos. Inclusive, Labov *et al* (2011) afirmam que experimentos que observam os correlatos cognitivos da variação linguística estiveram ao lado de estudos de produção de fala. Embora a maioria dos trabalhos da área ainda sejam de produção, nos últimos anos, alguns pesquisadores se voltaram para realizar estudos de

percepção e de avaliação como os testes aplicados por Livia Oushiro em 2015 sobre o (-r) na comunidade de São Paulo (OUSHIRO, 2015).

Em relação aos testes de percepção, afirma-se que “como os usos linguísticos são heterogêneos, a percepção sobre variantes tampouco é homogênea e que, ademais, deve ser socialmente estratificada” (OUSHIRO, 2015, p. 264). Além disso, é evidente que as percepções desses indivíduos nem sempre serão iguais ou parecidas, mas “ao mesmo tempo não são aleatórias ou radicalmente subjetivas” (OUSHIRO, 2015, p. 264). Dito isso, também é interessante desenvolver análises por meio de testes de percepção.

No presente artigo, abordamos, em específico, um estudo de percepção da variação do imperativo entre as formas indicativa e subjuntiva, buscando verificar como se dá o processamento dessa variação entre os falantes. Para isso, recorreremos a tiras extraídas das revistas da TMJ e CBM, buscando verificar se os condicionamentos já verificados em estudos de produção (SCHERRE, 2003; 2008a; FARIA 2020; 2021a; 2021b; FARIA; SCHERRE, 2022) também atuam e são sistemáticos em testes de processamento da variação linguística no uso do imperativo.

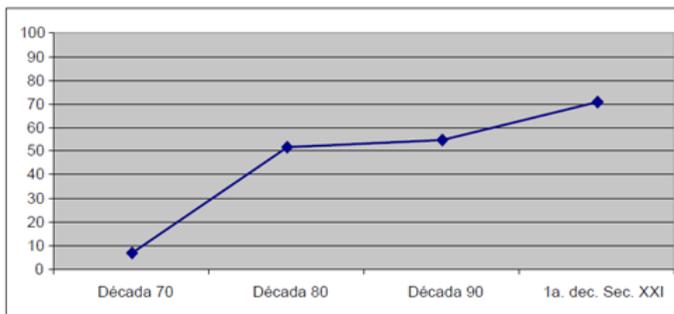
3 Principais resultados da variação do imperativo em estudos de produção realizadas em histórias em quadrinhos

Para o presente artigo, descrevemos os principais resultados de pesquisas consideradas relevantes para um maior entendimento do fenômeno e para a construção do teste de percepção, a saber: Scherre (2003, 2008a; 2008b); Andrade, Melo, Scherre (2007); Faria, Scherre (2022) e Lamberti, Schwenter (2018).

Scherre (2003) analisou a variação do imperativo nas revistas da *Turma da Mônica* em idade infantil publicados em 1998 e 1999. Foram investigados 636 dados e controlados como variáveis linguísticas a polaridade negativa e afirmativa; a presença, localização e pessoa dos pronomes; presença/ausência do vocativo; paradigma verbal, tipo de oposição entre as formas verbais, paralelismo fônico e número de sílabas do verbo na forma infinitiva; e personagens como as variáveis não linguísticas. Os resultados foram de 57% de favorecimento da forma associada ao indicativo e revelaram ser “um sistema inerentemente variável, sem ligação evidente com a pessoa verbal” (SCHERRE, 2003, p. 17).

Em 2007, Andrade, Melo e Scherre adicionaram ao *corpus* os dados de revistas da *Turma da Mônica* da década de 1970 aos anos 2000. Nesse estudo, as autoras identificaram o aumento do uso da forma indicativa de 7% na década de 1970 para 72% nos anos 2000 (cf. Gráfico 1), referenciando esse aumento ao contexto político vivido na época, com o movimento Diretas Já! e o fim do regime ditatorial. Além disso, citam a carta enviada pela Abralin para o personagem Chico Bento, que passou a ser sócio honorário, a fim de defendê-lo do preconceito que vinha sofrendo com a alegação de que era um exemplo ruim para as crianças, inclusive em relação aos seus usos linguísticos, e a tentativa de proibir a publicação de suas revistas pelo Conselho Nacional de Cultura. Com relação a isso, as autoras afirmaram que “o critério para se estigmatizar uma variável linguística não é o seu grau de aproximação à norma gramatical (...) é, sem dúvida, a classe ou comunidade social onde esta se manifesta.” (ANDRADE; MELO; SCHERRE, 2007, p. 9).

Gráfico 1 – Aumento do imperativo associado à forma indicativa, em revistas em quadrinhos da *Turma da Mônica* entre a década de 1970 e a primeira década do século XXI



Fonte: Andrade, Melo, Scherre (2007, p. 2).

Scherre (2008a) observou, mais uma vez, a mudança linguística dentro das revistas em quadrinhos da *Turma da Mônica*. Para isso, utilizou, como exemplo inicial do fenômeno, dados de diversos pesquisadores sobre eventos não-formais de fala natural a partir das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Após isso, prosseguindo com sua pesquisa do imperativo na *Turma da Mônica*, analisou revistas publicadas na década de 1970 e nos anos de 1998 e 1999 e notou que “num lapso

temporal de cerca de 30 anos há um aumento de 48 pontos percentuais em direção ao imperativo associado à forma indicativa, aumento este sem dúvida significativo” (SCHERRE, 2008a, p. 309). Observou também o grau de [+/- proximidade] expresso a partir do uso do imperativo, concluindo que

os contextos do pronome *você*, portador dos traços [-proximidade], a depender da localidade, e do pronome *tu* sem concordância, portador do traço [+proximidade] em qualquer localidade, não controlam, todavia, de forma clara, o uso do imperativo associado à forma subjuntiva ou à forma indicativa, bem como o imperativo em uma destas formas não ocorre inequivocamente em outros contextos com traços de [-proximidade] ou de [+proximidade] (SCHERRE, 2008a, p. 318)

Scherre (2008b), ainda no mesmo ano, publicou seu livro *Doa-se lindos filhotes de poodle* e no quarto capítulo “A norma do imperativo e o imperativo da norma: uma reflexão sociolinguística sobre o conceito de erro” se dedicou a dissertar sobre o conceito de erro no imperativo. Quanto a isso, concluiu que “não existe estigma social evidente vinculado ao uso do imperativo na forma associada ao indicativo ou ao subjuntivo. As duas formas não são marcas de prestígio e nem são usadas como estereótipos do suposto ‘mal falar’” (SCHERRE, 2008b, p. 123). Levando em consideração os resultados dessas pesquisas em revistas da *Turma da Mônica*, acreditamos que, em nosso teste, com recortes das revistas TMJ e CBM, a forma indicativa seja a mais assinalada pelos participantes.

Faria e Scherre (2022) destacam que a variação do imperativo é estudada há anos por diversos autores brasileiros e, em geral, os estudos

evidenciam que, no português brasileiro, há, em maior ou menor grau, distanciamento do registro da tradição gramatical. Em outras palavras, as pesquisas evidenciam que os registros da tradição não abarcam a diversidade das paisagens do imperativo brasileiro falado e escrito, a exemplo do trabalho de Lima (2005), com dados de Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, na região Centro-Oeste e o de Evangelista (2010), com dados de Vitória, capital do Espírito Santo, na região Sudeste, que evidenciam que nessas duas capitais só ocorre o macropronome VOCÊ, mas com, respectivamente, percentuais de usos de 94% e 97% de imperativo associado ao indicativo (fala/olha/deixa/traz/vem/dá), quase o oposto do registro da tradição gramatical de língua portuguesa

(fale/olhe/deixe/traga/venha/dê). (FARIA; SCHERRE, 2022, p. 1528)

As autoras destacam que o uso do imperativo nas HQs da TMJ e do CBM passam por um processo de mudança e as variações são cada vez mais visíveis, com um aumento global do imperativo na forma indicativa. Por outro lado, relatam que a forma imperativa associada ao subjuntivo costumeiramente desperta a sensação de autoritarismo e/ou distanciamento nas interações, principalmente para os residentes das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, onde predomina a forma indicativa. Dessa forma, decidiu-se testar se os participantes associam situações mais autoritárias ou de distanciamento a formas no subjuntivo.

Além desses estudos de produção, Lamberti e Schwenter (2018) desenvolveram uma pesquisa a partir de teste de percepção sobre o imperativo, sendo uma das primeiras sobre esse fenômeno, na qual afirmaram que “os falantes das diversas regiões compartilham uma forte preferência pela forma do subjuntivo quando o contexto discursivo referido ocorre em um futuro distante, enquanto o indicativo é favorecido em contextos mais imediatos” (2018, p. 231). Para isso, aplicaram um teste de percepção a 376 participantes de diferentes estados, tendo como base de escolha os que recorrentemente possuíam mais uso do *tu*, como Rio Grande do Sul e Pará, e *você*, como São Paulo e Bahia. Os resultados revelaram que o fator efeito imediato é o que mais tem influência sobre a escolha entre indicativo e subjuntivo, com uma maior probabilidade do indicativo em contextos imediatos. Para nós, convém, então, adicionar em nosso teste de percepção a variável referência temporal a fim de notar essa relação do imperativo entre a forma imediata e não imediata.

A partir das pesquisas aqui descritas, pode-se verificar como a expressão do imperativo tem mudado com o passar do tempo, principalmente ao longo das revistas em quadrinho da *Turma da Mônica*, com um aumento significativo do uso na forma indicativa e elencar as diversas variáveis linguísticas e não linguísticas passíveis de análise em nosso teste. Constatamos ainda que a maioria dos trabalhos são de estudos de produção com apenas uma pesquisa relacionada à percepção do uso do imperativo, reforçando a importância deste artigo. A seguir, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa.

4 Procedimentos metodológicos

Para a realização deste estudo sobre o processamento da variação linguística do imperativo entre as formas indicativa e subjuntiva, desenvolvemos um teste, por meio da plataforma *Google* Formulários, a fim de compreender como os indivíduos observam e avaliam o uso do imperativo, a partir de recortes da fala dos personagens das revistas *Turma da Mônica Jovem*, publicadas entre 2008 e 2015, e *Chico Bento Moço*, publicadas de 2013 a 2015, do escritor cartunista Maurício de Sousa. Dessa forma, tencionamos verificar se determinados condicionamentos linguísticos, discursivos, sociais e pragmáticos, constatados em diversos estudos de produção já realizados, são também acionados na escolha entre as formas indicativa e subjuntiva na expressão do imperativo.

O teste é composto por 27 questões, sendo 26 objetivas e 1 discursiva, divididas em 3 seções. A seção um do teste possui 7 questões envolvendo aspectos sociais dos respondentes, como idade, escolaridade, classe social, controle do local de nascimento e residência do participante, além de informação sobre o hábito de leitura de revistas em quadrinhos. A segunda seção conta com 11 questões a partir de recortes das revistas em quadrinhos TMJ e CBM com os verbos no imperativo omitidos com uma faixa em azul para que os respondentes indicassem qual opção acreditavam que os personagens usariam naquele contexto – a forma subjuntiva ou indicativa. Na seção três, apresentamos 7 questões compostas por frases retiradas das revistas, para que os respondentes marcassem qual opção o participante usaria em seu dia a dia. Além disso, adicionamos uma última pergunta com resposta aberta, de caráter opcional, para que descrevessem se, em seu cotidiano, notavam a diferença entre as orações “Não fala assim!” e “Não fale assim!”.

Convém salientar que nas questões objetivas envolvendo os aspectos linguísticos foi utilizada a estratégia de apresentarmos como primeira opção de marcação a forma imperativa associada ao subjuntivo, a fim de que, caso a ordem influenciasse a escolha, aquela que normalmente é desfavorecida fosse apresentada primeiro (SCHERRE, 2003, 2004, 2012; BRASIL, SCHERRE, 2000; ANDRADE, MELO, SCHERRE, 2007). Para isso, baseamo-nos nos resultados anteriores de favorecimento do indicativo, como em Faria e Scherre (2022), que obteve 76,1% de frequência da forma associada ao indicativo nas revistas da TMJ e CBM.

Para a divulgação do teste, criamos uma imagem mostrando de forma comparativa os personagens principais das duas revistas da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa, na idade infantil e na adolescência, para que aqueles que não conhecessem a revista pudessem identificar o assunto a ser tratado. Elaboramos também uma pequena mensagem de apresentação da pesquisa e convite à participação a ser divulgada juntamente com a imagem, frisando aos convidados que não era necessário ter lido nenhuma das revistas. E no período de 19 de agosto a 17 de setembro de 2021, enviamos esse convite para as pessoas nas redes sociais *Whatsapp*, *Instagram* e *Twitter*¹, pedindo para aqueles que pudessem também divulgar o teste aos seus conhecidos, a fim de que o questionário alcançasse o maior número de pessoas possível. Ao final desse período, recebemos 1.038 respostas de pessoas de 10 a 78 anos. Em virtude do código de ética da pesquisa que guia esta pesquisa, só analisamos os dados dos respondentes maiores de 18 anos. Além disso, retiramos dados de pessoas que nasceram e/ou moram atualmente no exterior. Depois de retirados esses dados, analisamos as respostas de 875 participantes.

Para melhor visualização do contingente dos respondentes, os 875 questionários válidos e analisados foram respondidos por brasileiros de 18 a 78 anos², com idade média de 24 anos, ou seja, a maior parte das respostas são de pessoas jovens. Em relação ao sexo, 72% assinalaram ser do sexo feminino, 26% do sexo masculino e 2% preferiram não dizer ou se declararam agênero ou não-binário. A maior parte dos participantes, 56,9%, declararam estar cursando o ensino superior, 12,5% com nível superior completo, 10,5% cursam ou já cursaram a pós-graduação, 19,8% possuem o ensino médio e 0,3% possui o ensino fundamental. Também controlamos o local de nascimento dos participantes. Vale destacar que a maior parte nasceu no Espírito Santo (estado em que foi realizada a

¹ É interessante dar relevância ao *Twitter* que foi a rede social que nos proporcionou mais voluntários para a pesquisa devido ao número elevado de usuários e como a rede social se organiza. Usamos como método de coleta de possíveis respondentes o recurso “*search*” pesquisando a palavra “TCC”, “UFES” e “Turma da Mônica”, encontrando pessoas que já haviam falado sobre esses assuntos, e enviamos, então, a mensagem de convite para a realização do teste. A partir disso, conseguimos respostas de pessoas de vários estados do território brasileiro.

² 677 dos respondentes pertenciam a faixa etária jovem de 18 a 25 anos (77,3%), 184 adultos entre 26 a 55 anos (21%) e 14 pessoas a partir de 55 anos (1,7%).

pesquisa), com 326 respondentes, ou seja, em torno de 37%, seguido dos demais estados da Região Sudeste – São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. No entanto, vale destacar que conseguimos alcançar a participação de indivíduos de todos os estados brasileiros, incluindo o Distrito Federal. Finalizando a caracterização dos aspectos socioculturais daqueles que participaram de nosso estudo de percepção, questionamos os participantes sobre o seu hábito de leitura de revistas em quadrinhos. Notamos, por meio das respostas, que a maioria, especificamente 503 pessoas, ou seja, 57% dos respondentes, não lê revistas em quadrinhos atualmente, mas no passado tinha o costume; 29% lê histórias em quadrinhos, mas não com frequência; 13% lê sempre e 1% dos indivíduos assinalou que nunca leu nenhum tipo de revista em quadrinhos.

Levando em consideração os objetivos deste artigo, na próxima subseção descrevemos e analisamos os resultados das seções 2 e 3 do teste aplicado. Mais especificamente, na subseção 5.1, apresentamos os resultados referentes ao questionamento sobre como os participantes acreditam que os personagens usam o imperativo, buscando verificar se fatores linguísticos, discursivos e pragmáticos que influenciam no uso das formas indicativa e subjuntiva nas revistas da TMJ e CBM também são acionados neste teste de percepção da variação do imperativo. Além disso, na subseção 5.2, relatamos e discutimos os resultados relacionados às perguntas sobre como os participantes utilizam o verbo no imperativo em seu cotidiano, buscando comparar esses resultados aos de pesquisas de produção já realizadas e, por último, discutir as respostas dos participantes que se dispuseram a descrever se percebem alguma diferença entre a forma indicativa e subjuntiva em orações com o imperativo.

5 Análise dos resultados da percepção da variação do imperativo entre as formas indicativa e subjuntiva

Nesta seção, analisamos as respostas a respeito da percepção de usos variáveis do imperativo entre as formas indicativa e subjuntiva de 875 participantes. Em 5.1, descrevemos e analisamos as respostas às 11 questões apresentadas, em que o participante tinha de apontar, a partir do espaço apagado representado por um retângulo azul, o que o personagem da imagem recortada da história em quadrinhos teria usado – a forma indicativa ou subjuntiva do imperativo. Em seguida, em 5.2, apresentamos e discutimos as respostas de 7 questões, com frases

retiradas de tirinhas da TMJ e CBM, em que o participante deveria apontar qual forma – indicativa ou subjuntiva - usaria em seu dia a dia. Ainda nesta seção do teste, havia uma pergunta aberta, de caráter opcional, para que os respondentes argumentassem se em seu dia a dia percebiam a diferença entre “Não **fala** assim!” e “Não **fale** assim!”. As respostas a essa questão aberta também serão analisadas.

5.1 Como os falantes acreditam que os personagens falam o imperativo?

Tencionamos observar, nesta subseção, qual forma – indicativa ou subjuntiva – os participantes acreditam ter sido usada pelos personagens, com o objetivo de verificar se fatores que se mostram como influenciadores no uso do imperativo nas revistas da TMJ e CBM também são acionados no teste de processamento da variação do imperativo. Para isso, o respondente teve de ler os recortes das revistas da TMJ e CBM, analisar a fala da personagem, apontar qual forma (indicativa ou subjuntiva) a personagem deve ter usada para um verbo infinitivo a. Como relatado anteriormente, havia um retângulo azul, impedindo a visualização da forma flexionada em que o verbo aparecia na versão original. O participante do experimento teve, então, de assinalar uma das duas opções do teste: a primeira no subjuntivo³ e a segunda no indicativo. Assim, a pergunta que direcionamos ao falante foi, por exemplo: “De que forma você acha que a mãe da Mônica falaria o verbo “ACORDAR” nesse contexto?” e eles deveriam então assinalar a opção com o verbo, ou na forma subjuntiva (acorde) ou indicativa (acorda), que julgavam ser a dita pelo personagem.

Na primeira questão, temos a imagem da mãe da Mônica acordando a filha e dizendo “Mônica!! **Acorde/acorda**, filha, ou vai se atrasar pra escola!” (figura 1). Nota-se que a frase é utilizada por um adulto, mãe da personagem, dando uma ordem, direcionando-se a uma adolescente e se posicionando como uma autoridade. Quanto à questão da fala de um personagem que denota autoridade, sabemos que, quando se

³ Conforme dito anteriormente, na seção 4, apresentamos como primeira opção de marcação a forma imperativa associada ao subjuntivo a fim de que, caso a ordem influenciasse a escolha, aquela que normalmente é desfavorecida em pesquisas de produção fosse apresentada primeiro.

trata dos pais dos personagens principais urbanos, em estudo de produção das revistas da TMJ e CBM (FARIA; SCHERRE, 2022, p. 1535-1536), há desfavorecimento da forma associada ao indicativo. Por outro lado, ainda em relação a um aspecto linguístico, vemos que a frase da tirinha apresenta vocativo antes e depois do verbo – *Mônica!!* e *filha* –, que, nos estudos de produção, favorecem a forma indicativa (FARIA, 2021, p. 64). Diante desses aspectos, nossa hipótese é que os participantes tenderão ao uso da forma indicativa, devido ao uso do vocativo, e, mesmo que a situação retrate uma conversa entre mãe e filha, não percebemos uma posição de autoridade em destaque nas imagens, principalmente ao observarmos o semblante da mãe.

Figura 1: Tirinha utilizada na primeira questão do questionário, da seção dois, em que o participante deveria apontar qual das opções o personagem da imagem recortada da história em quadrinhos apresentada usaria em *Mônica!!*
Acorde/acorda, filha, ou vai se atrasar pra escola

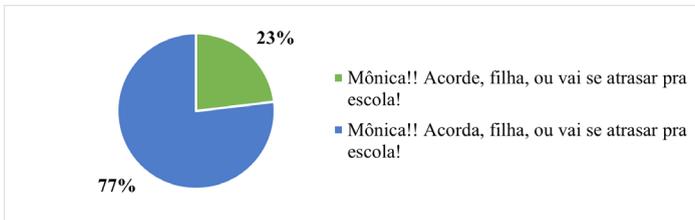


Fonte: Edição 1 da revista *Turma da Mônica Jovem*, p. 7.

Ao observar os resultados (gráfico 2), constatamos que a forma associada ao indicativo foi a que teve maior número de seleção, configurando 77% das respostas. Dessa maneira, percebe-se que, apesar de a fala dos pais dos personagens urbanos geralmente estar relacionada a um distanciamento e autoridade, fatores que no cotidiano são associados à forma subjuntiva, os resultados de nosso estudo de percepção mostraram que os participantes, nesse caso, acreditavam que a mãe da Mônica tinha utilizado a forma verbal indicativa.

Quanto a isso, é interessante ressaltar que, na revista, a frase dita pela mãe de Mônica foi apresentada na forma indicativa: *Mônica!! Acorda, filha, ou vai se atrasar pra escola!*. Dessa maneira, ao verificar que a maioria dos respondentes indicou que a fala da mãe estaria associada à forma indicativa, percebemos que tal fato pode indicar que a presença do vocativo antes e depois do verbo pode ter tido maior influência na escolha dos respondentes em relação ao traço de maior autoridade, geralmente demonstrada a partir do subjuntivo, ou que a situação comunicativa não retratava essa diferença hierárquica como destaque.

Gráfico 2: Resposta dos participantes à questão como você acha que o personagem disse a frase *Mônica!! Acorde/acorda, filha, ou vai se atrasar pra escola*



Fonte: Elaboração própria.

Já na segunda questão do questionário, os participantes tiveram de assinalar a alternativa referente às duas frases ditas pela mãe do Chico Bento na revista CBM, apresentadas na figura 2.

Figura 2: Tirinha utilizada na segunda questão do questionário, da seção dois, em que o participante deveria apontar qual das opções o personagem da imagem recortada da história em quadrinhos apresentada usaria em *Chico do céu! Num fale/fala ansim, fio! Tome/toma seu cha di camomila pra acarmá!*



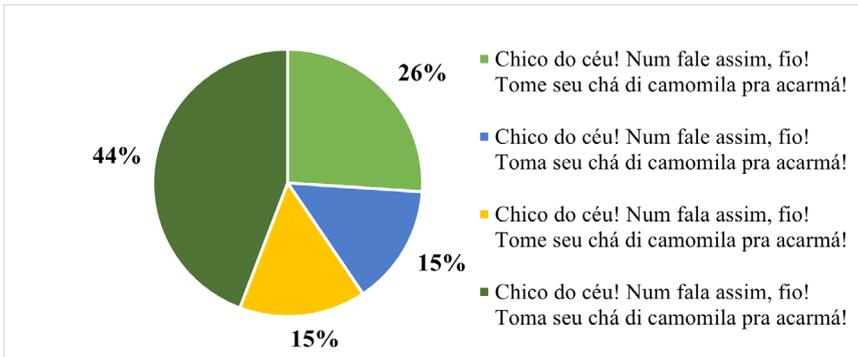
Fonte: Edição 21 da revista *Chico Bento Moço*, p. 42.

Apesar de estar na polaridade negativa com negação pré-verbal, vemos na primeira frase, *Chico do céu! Num _____ ansim, fio!*, uma situação semelhante a anterior, em que a frase em questão é dita pela mãe do Chico Bento, ou seja, uma autoridade, e com vocativo antes e depois do verbo – *Chico e fio*. No entanto, quando se trata dos personagens rurais a hipótese é de favorecimento do indicativo devido ao traço de ruralidade presente na fala. Nos resultados de produção referentes às revistas do *Chico Bento Moço*, quando se trata dos pais dos personagens principais rurais há alto favorecimento do indicativo (FARIA; SCHERRE, 2022, p. 1535-1536). Por outro lado, quando ocorre a negação pré-verbal, há o desfavorecimento da forma indicativa (FARIA; SCHERRE, 2022, p. 1541). Nessa situação comunicativa, a hipótese é que novamente a forma indicativa seja predominantemente assinalada, levando-se em conta o fato de serem personagens do meio rural e devido ao vocativo.

Já na segunda frase da tirinha (_____ *seu chá di camomila pra acarmá!*), na polaridade afirmativa do imperativo, acreditamos que também seja favorecida a forma indicativa. Para além desse aspecto, nessa questão tentamos verificar a atuação do princípio do paralelismo, ou seja, verificar a hipótese de que o participante tenderá a assinalar a mesma forma nas duas frases, nesse caso, o indicativo.

Assim sendo, observando os resultados referente às respostas do questionário, apresentados no gráfico 3, observa-se que a forma mais selecionada foi a que apresentava a forma indicativa nas duas frases: *Chico do céu! Num fala assim, fio! Toma seu chá di camomila pra acarmá!*, com 44%, confirmando nossa hipótese. No entanto, tal resultado contrasta com o que foi apresentado na revista, já que a fala da mãe de Chico Bento é *Chico do céu! Num fale assim, fio! Tome seu chá di camomila pra acarmá!*. Podemos então, perceber que os respondentes percebem o indicativo como um traço de ruralidade, mesmo quando há fatores linguísticos, no caso a negação pré-verbal, que apontava para o desfavorecimento da forma indicativa. Também convém ressaltar a atuação do princípio do paralelismo, uma vez que a opção com a repetição das formas do indicativo foi a mais assinalada.

Gráfico 3: Resposta dos participantes à questão como você acha que o personagem disse a frase *Chico do céu! Num fale/fala ansim, fio! Tome/toma seu cha di camomila pra acarmá!*



Fonte: Elaboração própria.

Na questão seguinte, apresentamos um outro tipo de autoridade, um policial dando a ordem a alguém dizendo *Solte/Solta esse canivete, agora!!*, a fim de observar se os respondentes associariam a fala do personagem ao subjuntivo, baseando-se na hipótese da influência dos fatores de autoridade e distanciamento. Vale destacar que na frase também há a presença da expressão temporal de efeito imediato *agora*. Lamberti e Schwenter afirmam que “o indicativo é favorecido em contextos mais imediatos” (2018, p. 231), dessa forma, também é possível que essa expressão favoreça o uso da forma indicativa.

Figura 3: Tirinha utilizada na terceira questão do questionário, da seção dois, em que o participante deveria escolher qual das opções o personagem da imagem recortada da história em quadrinhos apresentada usaria em “Solte/solta esse canivete, agora!!”



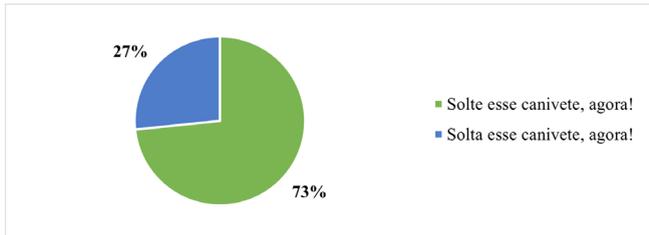
Fonte: Edição 18 revista da *Chico Bento Moço*, p. 62

Como vemos no gráfico 4, a forma associada ao subjuntivo foi a mais selecionada pelos respondentes, configurando 73 pontos percentuais. Sendo assim, nota-se que a forma subjuntiva é relacionada a uma ordem imperativa, trazendo mais autoridade para a fala como é o caso do policial. Dessa maneira, ainda que a frase apresente a expressão temporal *agora*, a forma indicativa foi desfavorecida, em concordância com nossa hipótese e em discordância com os estudos de Lamberti e Schwenter (2018).

Vale salientar que a frase da imagem da revista *Chico Bento Moço* apresentada foi *Solte esse canivete, agora!* em concordância com a associação da forma subjuntiva à autoridade com maior grau de distanciamento da fala, ainda mais por se tratar de um policial em que no recorte apresentado está atuando alguém em flagrante. Dessa maneira, vemos que, tanto na revista quanto na percepção dos respondentes a fala

de autoridades, como o policial, é relacionada à forma subjuntiva a fim de denotar arbitrariedade.

Gráfico 4: Resposta dos participantes à questão como você acha que o personagem disse a frase *Solte/solta esse canivete, agora!!*



Fonte: Elaboração própria.

Na figura 4, temos a frase do Cascão *Relaxe/Relaxa, coroa! O banho acabou faz tempo...* em que há a presença do vocativo após o verbo em uma frase de polaridade afirmativa sem a presença de pronome. Em estudo de produção (FARIA; SCHERRE, 2022, p. 1535-1536), foi possível verificar que o personagem Cascão é o que apresenta maior favorecimento da forma indicativa dentre os personagens principais urbanos, devido provavelmente a sua personalidade subversiva e moderna. Sendo assim, esperávamos que a forma associada ao indicativo fosse a mais selecionada pelos participantes.

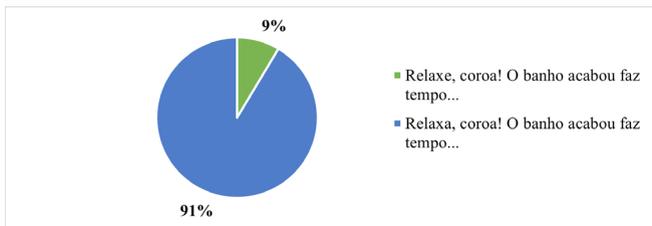
Figura 4: Tirinha utilizada na quarta questão do questionário, da seção dois, em que o participante deveria apontar qual das opções o personagem da imagem recortada da história em quadrinhos apresentada usaria em *Relaxe/relaxa, coroa! O banho acabou faz tempo...*



Fonte: Edição 1 da revista *Turma da Mônica Jovem*, p. 7.

Com base nos resultados apresentados no gráfico 5, é possível verificar a confirmação da nossa hipótese de favorecimento da forma associada ao indicativo, em 91% das respostas. Dessa maneira, quando se trata de frases de polaridade afirmativa com o vocativo depois do verbo, os indivíduos tendem a utilizar mais a forma associada ao indicativo. Assim como no teste, a frase na revista também foi apresentada como *Relaxa, coroa! O banho acabou faz tempo!*, indo ao encontro do que os participantes responderam.

Gráfico 5: Resposta dos participantes à questão como você acha que o personagem disse a frase *Relaxe/relaxa, coroa! O banho acabou faz tempo...*



Fonte: Elaboração própria.

Na quinta questão do questionário, os participantes deveriam assinalar a opção entre *bata* e *bate* que preenchesse o espaço na frase *Bate/bata em mim não!* Nessa frase de polaridade negativa, há negação pós-verbal, por isso nossa hipótese é de favorecimento da forma associada ao indicativo. Cabe salientar que, na revista, a fala de Cascão é *Bate em mim não!*, com o verbo no modo indicativo.

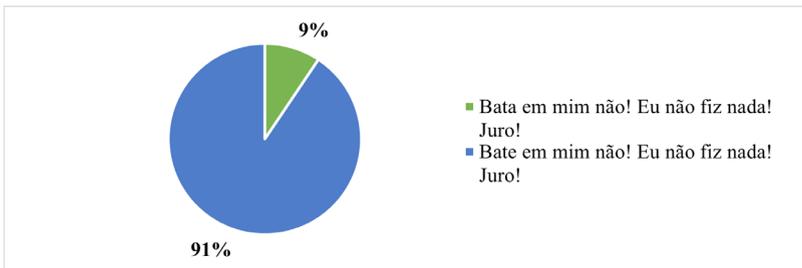
Figura 5: Tirinha utilizada na quinta questão do questionário, da seção dois, em que o participante deveria apontar qual das opções o personagem da imagem recortada da história em quadrinhos apresentada usaria em *Bata/bate em mim não!*



Fonte: Edição 67 da revista *Turma da Mônica Jovem*, p. 62.

Analisando os resultados apresentados no gráfico 6, nota-se que a forma associada ao indicativo foi a mais marcada, configurando 91%. Por conseguinte, é notável que, quando se trata de negação pós-verbal, a tendência é que os falantes usem mais a forma indicativa, confirmando a nossa hipótese, em concordância também com o que é apresentado na revista.

Gráfico 6: Resposta dos participantes à questão como você acha que o personagem disse a frase “Bata/bate em mim não!”



Fonte: Elaboração própria.

Na questão seguinte, tínhamos a frase do Cascão *Esperare/espera! Não diga/diz nada!* em que os respondentes deveriam marcar a opção que apresentasse a forma dos verbos *esperar* e *dizer*. Nessa questão, pretendíamos observar se os indivíduos escolheriam a opção em que houvesse o paralelismo das formas, além das questões envolvendo a negação pré-verbal na segunda frase, já que essa característica tende a favorecer a forma associada ao subjuntivo.

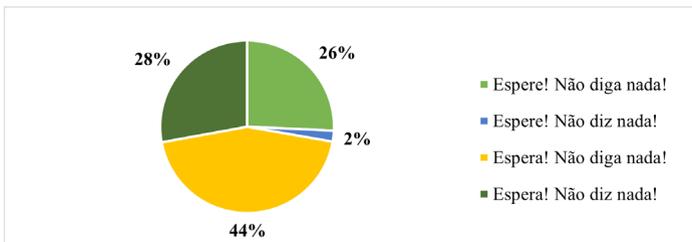
Figura 6: Tirinha utilizada na sexta questão do questionário, da seção dois, em que o participante deveria apontar qual das opções o personagem da imagem recortada da história em quadrinhos apresentada usaria em *Esperare/espera! Não diga/diz nada!*



Fonte: Edição 88 da revista *Turma da Mônica Jovem*, p. 15.

Vemos, por meio dos resultados elencados no gráfico 7, que a forma mais indicada pelos respondentes foi a **Espera! Não diga nada!**, em que o primeiro verbo está no indicativo e o segundo no subjuntivo. Logo, é perceptível que, mesmo acreditando que a primeira forma dita pelo personagem está no indicativo, os respondentes optaram pela opção em que a segunda frase com negação pré-verbal aparecia na forma subjuntiva. Percebe-se, portanto, que a presença de negação pré-verbal faz com que os falantes deem preferência à forma associada ao subjuntivo. Tal resultado contrastou com o que a revista *Turma da Mônica Jovem* apresentou, já que na tirinha retirada o personagem diz **Espera! Não diga nada!**. Além disso, destacamos o fato de nesta questão os participantes não assinalarem uma opção com paralelismo entre as formas.

Gráfico 7: Resposta dos participantes à questão como você acha que o personagem disse a frase “Espere/espera! Não diga/diz nada!”



Fonte: Elaboração própria.

Já na sétima questão, os respondentes deveriam assinalar a opção correspondente a que acreditavam ser a que Chico Bento falou no contexto da Figura 7 entre *Se **segure**!!* ou *Se **segura**!!*. Nessa frase, há a presença do pronome clítico *se* antes do verbo. Sendo assim, é interessante observar qual é a tendência dos falantes nesse contexto.

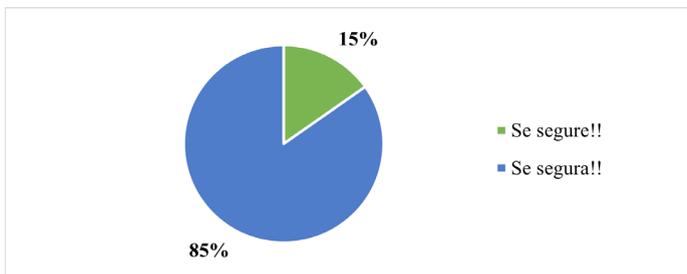
Figura 7: Tirinha utilizada na sétima questão do questionário, da seção dois, em que o participante deveria apontar qual das opções o personagem da imagem recortada da história em quadrinhos apresentada usaria em *Se segure/segura!*



Fonte: Edição 19 da revista *Chico Bento Moço*, p. 15.

Como é possível perceber no gráfico 8, na frase dita por Chico Bento, 85% dos respondentes acreditavam que a frase dita foi *Se segura!*, associada ao indicativo. Anteriormente, vimos que, quando se trata de personagens rurais, a tendência é que os falantes assinalem a alternativa em que o verbo está associado ao indicativo. Tal fato não deve ser algo consciente para os falantes, já que o uso da forma indicativa por pessoas residentes da área urbana também é comum, mas é claro que “estes personagens representam a expressão da linguagem com menos pressão social e com menos monitoração” (SCHERRE, 2003, p. 190) e, por isso, os respondentes podem associar a fala de tais personagens a uma fala não monitorada e em desacordo com a gramática normativa.

Gráfico 8: Resposta dos participantes à questão como você acha que o personagem disse a frase *Se segure/segura!*



Fonte: Elaboração própria.

Na questão a seguir, com a frase da Cascuda *Me deixe/deixa em paz, Mônica!*, procuramos observar o efeito que a presença do pronome clítico *me*, antes do verbo, e o vocativo, depois do verbo, tinham sob a escolha dos falantes. Com base nos nossos resultados do estudo de produção, sabíamos que a presença do pronome *me* nas revistas da *Turma da Mônica Jovem* e *Chico Bento Moço* configuraram o favorecimento da forma associada ao subjuntivo (FARIA, 2021b, p. 57-58). No entanto, quando nas revistas havia a presença do vocativo após o verbo, havia uma tendência de favorecimento da forma associada ao indicativo. Dessa maneira, no contexto da figura 8, percebemos fenômenos linguísticos que atuam em direções opostas.

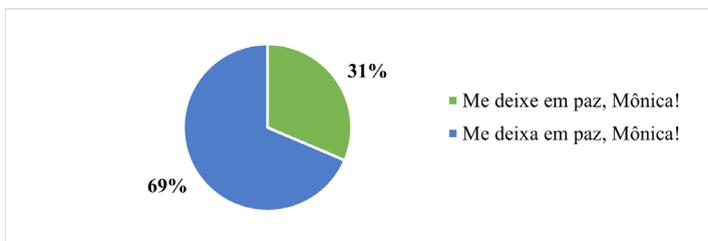
Figura 8: Tirinha utilizada na oitava questão do questionário, da seção dois, em que o participante deveria apontar qual das opções o personagem da imagem recortada da história em quadrinhos apresentada usaria em *Me deixe/deixa em paz, Mônica!*



Fonte: Edição 89 revista da *Turma da Mônica Jovem*, p. 60.

Constatamos que 69% dos respondentes assinalaram a alternativa com o verbo na forma associada ao indicativo. Assim, o vocativo nessa questão provavelmente foi um fator de maior peso em relação à presença do pronome clítico *me*, fazendo com que a maioria dos respondentes assinalassem que o verbo *deixar* estaria na forma indicativa. Além disso, os resultados do teste de percepção foram equivalentes à frase dita por Cascuda *Me deixa em paz, Mônica!*

Gráfico 9: Resposta dos participantes à questão como você acha que o personagem disse a frase *Me deixe/deixa em paz, Mônica!*



Fonte: Elaboração própria.

Na nona questão do questionário, apresentamos um recorte da revista *Chico Bento Moço* com a fala da personagem Rosinha: *Chico! Saia/Sai pra lá com esse assanhamento!*. Nessa frase, percebemos que, além da polaridade afirmativa, há a presença do vocativo antes do verbo.

Nos estudos de produção, quando o vocativo aparecia antes do verbo nas revistas da *Turma da Mônica Jovem* e *Chico Bento Moço*, a forma indicativa era desfavorecida. (FARIA, 2021b). Já em relação à polaridade afirmativa com a ausência de pronomes no quadrinho, como é o caso da frase indicada no quadrinho, o indicativo era favorecido.

Além disso, na figura 8, a fala em análise é de Rosinha, uma personagem rural. É interessante salientar que o indicativo é um traço comum na fala das personagens rurais, devido ao menor nível de monitoramento, ainda que no contexto da revista do *Chico Bento Moço* os dois personagens, Chico Bento e Rosinha, tenham realizado a migração para a cidade grande para cursar a faculdade. Sendo assim, será observado se, na percepção dos participantes, a fala de Rosinha será influenciada pela ruralidade ou pelos outros fatores linguísticos como a presença do vocativo ou a ausência de pronomes.

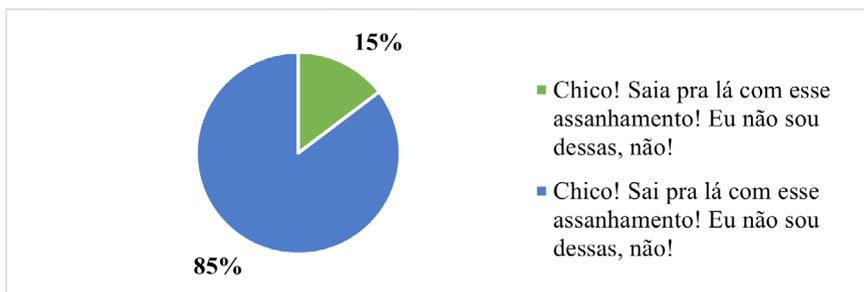
Figura 9: Tirinha utilizada na nona questão do questionário, da seção dois, em que o participante deveria apontar qual das opções o personagem da imagem recortada da história em quadrinhos apresentada usaria em *Chico! Saia/sai pra lá com esse assanhamento!*



Fonte: Edição 21 revista da *Chico Bento Moço*, p. 38.

85% dos respondentes assinalaram a alternativa correspondente à forma associada ao indicativo, *Chico! Sai pra lá com esse assanhamento!*, demonstrando que, nesse contexto, a polaridade afirmativa fez com que os falantes tendessem a optar pela opção com o verbo *sair* na forma indicativa. É interessante salientar, conforme dito anteriormente, que o maior uso da forma associada ao indicativo é um traço de ruralidade, como vimos nos resultados do gráfico 2 e 7, o que pode também ter sido um fator para a escolha dos participantes do questionário.

Gráfico 10: Resposta dos participantes à questão como você acha que o personagem disse a frase *Chico! Saia/sai pra lá com esse assanhamento!*



Fonte: Elaboração própria.

Na penúltima questão da seção dois do questionário, a imagem da figura 10 foi apresentada. Nela, há dois verbos a serem preenchidos: *procurar* e *esterilizar*. Nessa fala, o vocativo é apresentado antes do verbo e há a presença do pronome *seu*. Sendo assim, a hipótese é de que, em tal contexto, os falantes estariam propensos a marcarem mais a opção associada ao subjuntivo, atentando-se também ao paralelismo, assim como foi apresentada na revista (*Outra coisa, Magali! Procure um veterinário e esterilize seu casal de gatos!*).

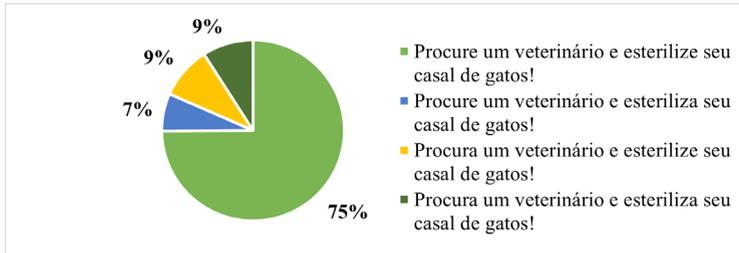
Figura 10: Tirinha utilizada na décima questão do questionário, da seção dois, em que o participante deveria apontar qual das opções o personagem da imagem recortada da história em quadrinhos apresentada usaria em *Outra coisa, Magali! Procure/procura um veterinário e esterilize/esteriliza seu casal de gatos!*



Fonte: Edição 53 revista da *Turma da Mônica Jovem*, p. 119.

Observando os resultados apresentados no gráfico 11, é notório que a forma subjuntiva foi favorecida, confirmando, portanto, a nossa hipótese relacionada à presença do vocativo e pronome *seu*. Prova disso é que 75% dos respondentes optaram pela opção ***Procure um veterinário e esterilize seu casal de gatos!***, em que os dois verbos estavam no subjuntivo, mantendo o paralelismo.

Gráfico 11: Resposta dos participantes à questão como você acha que o personagem disse a frase *Outra coisa, Magali! Procure/procura um veterinário e esterilize/esteriliza seu casal de gatos!*



Fonte: Elaboração própria.

Por fim, na última questão desta seção do questionário, a frase dita por Cascuda (*Bobão! Nunca mais **esconda/esconde** problema de mim!*) foi apresentada. Nessa construção, notamos a presença do vocativo *bobão* antes do verbo e, como dito anteriormente, esse aspecto linguístico favorece o subjuntivo.

Além disso, levamos em consideração a presença da expressão temporal *nunca*. Lamberti e Schwenter (2018, p. 240) afirmam que “os contextos imediatos seriam majoritariamente mais usados com a forma do indicativo e os não imediatos com o subjuntivo”. Por isso, a hipótese principal nesta questão é de favorecimento da escolha do subjuntivo. Vale ressaltar que o verbo desse trecho retirado da revista *Turma da Mônica Jovem* foi apresentado na forma subjuntiva, ou seja, a frase dita pela personagem no quadrinho era *Bobão! Nunca mais **esconda** problema de mim!*, ao encontro da hipótese elencada. Dessa forma, considerando que *nunca* tem efeito não imediato, a expectativa era que a opção mais marcada pelos participantes fosse a forma verbal subjuntiva.

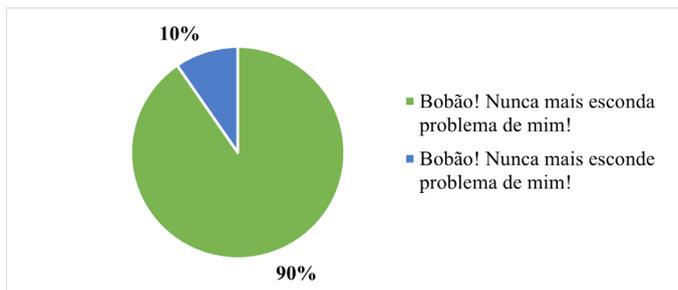
Figura 11: Tirinha utilizada na décima primeira questão do questionário, da seção dois, em que o participante deveria apontar qual das opções o personagem da imagem recortada da história em quadrinhos apresentada usaria em *Bobão! Nunca mais esconda/esconde problema de mim!*



Fonte: Edição 12 revista da *Turma da Mônica Jovem*, p. 122.

Considerando o gráfico 12, identificamos que a forma mais selecionada pelos falantes foi a subjuntiva. Sendo assim, a afirmação de Lamberti e Schwenter (2018) se faz verdadeira nesse contexto. Contudo, considerando que a presença do vocativo antes do verbo também tende a favorecer o uso do subjuntivo, não há como afirmar que a escolha dos respondentes foi em razão da presença da expressão temporal *nunca* ou do vocativo, necessitando assim de uma análise mais aprofundada.

Gráfico 12: Resposta dos participantes à questão como você acha que o personagem disse a frase *Bobão! Nunca mais esconda/esconde problema de mim!*



Fonte: Elaboração própria.

À luz de tais resultados, podemos perceber que há fatores que influenciam a utilização tanto da forma associada ao subjuntivo como ao indicativo. Para o favorecimento da forma indicativa, destacamos, principalmente, o traço de ruralidade, a presença do vocativo depois do verbo, o contexto imediato, a polaridade afirmativa, a negação pós-verbal e a ausência de pronomes. Por outro lado, o contexto de autoridade em destaque, o contexto temporal não imediato, a negação pré-verbal e a presença do vocativo antes do verbo são favorecedores do subjuntivo. Além disso, ao apresentarmos sentenças com dois verbos no imperativo, a tendência é de manutenção da mesma forma, ou seja, há também um fator de paralelismo em jogo.

Vale destacar que a maioria dos resultados foi ao encontro das nossas hipóteses e também correspondem aos diálogos originais das personagens. Como a pergunta desta seção do questionário foi *De que forma você acha que tal personagem falaria o verbo nesse contexto?*, os participantes tiveram de considerar fatores para além dos linguísticos, ou seja, levar em conta a personalidade, ruralidade e autoridade dos personagens, o que mostra que para além da língua há fatores extralinguísticos que influenciam o uso da forma imperativa e os falantes a percebem no processamento linguístico.

5.2 Como os falantes utilizam o verbo no imperativo em seu cotidiano

Partindo para a análise dos resultados da terceira seção de nosso teste, apresentamos os resultados das sete frases retiradas das revistas TMJ e CBM sem as imagens, a fim de que aspectos extralinguísticos dos personagens não fossem considerados, já que queríamos que os respondentes escolhessem, entre as opções, aquela que eles utilizam em seu dia a dia. Sendo assim, a pergunta que apresentamos foi *Quais das construções abaixo você falaria?* e havia alternativas tanto com o verbo na forma subjuntiva quanto na indicativa, sempre nessa ordem. Com essas questões, buscamos observar quais são as formas que os participantes acreditam usar e verificar se fatores linguísticos estão atuando nessa percepção de qual forma usar.

A primeira construção apresentada foi *Não ouse/ousa me tocar ou o transformo num inseto!!* e a hipótese de trabalho foi que a forma preferida seria o subjuntivo, devido ao fato de se tratar de um dado de imperativo negativo. Os resultados confirmaram essa hipótese, uma vez

que tivemos 93% das respostas correspondentes à forma subjuntiva, ratificando assim a tradição gramatical que prevê apenas formas associadas ao subjuntivo nos casos de contextos negativos.

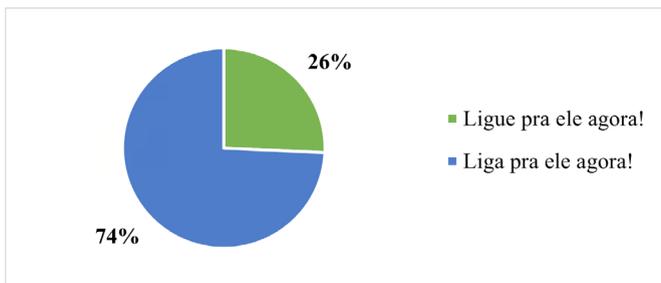
Gráfico 13: Resposta dos participantes à questão *Não ouse/ousa me tocar ou o transformo num inseto!!*



Fonte: Elaboração própria.

A segunda construção foi ***Ligue/Liga pra ele agora!***, em que a hipótese testada foi de favorecimento da forma indicativa em contextos imediatos, seguindo a hipótese e o principal resultado de Lamberti e Schwenter (2018). Mais uma vez a hipótese foi confirmada, tendo em vista que a maioria, 74% dos participantes, assinalou a alternativa com o verbo *ligar* na forma indicativa.

Gráfico 14: Resposta dos participantes à questão *Ligue/liga pra ele agora!*

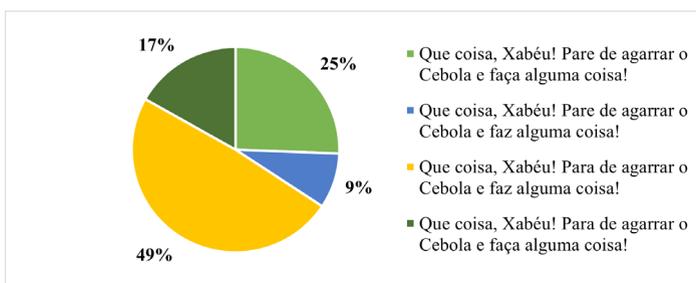


Fonte: Elaboração própria.

Na terceira questão desta seção, na frase indicada, havia dois verbos a serem selecionados: *Que coisa, Xabéu! Pare/para de agarrar o Cebola e faça/faz alguma coisa!*. A hipótese foi que a presença do vocativo favorece o indicativo e, devido ao princípio do paralelismo, as duas ocorrências estarão nessa forma.

Após a análise das respostas, constatamos que a forma mais assinalada pelos participantes do questionário foi a que ambos os verbos aparecem associados à forma indicativa (*Para/faz*). Dessa forma, podemos perceber que os resultados estão se voltando, em sua maioria, para a formaindicativa, fato que demonstra mais uma vez que os usuários da língua portuguesa, consciente ou inconscientemente, preferem as formas do indicativo na expressão do imperativo.

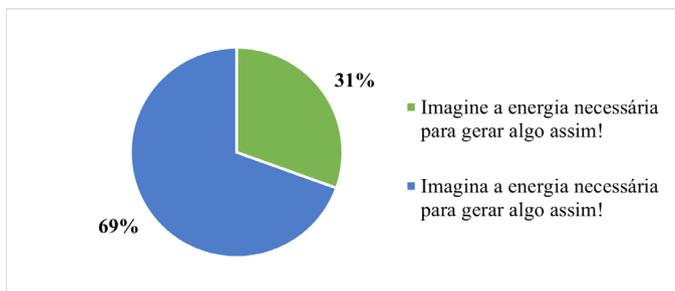
Gráfico 15: Resposta dos participantes à questão *Que coisa, Xabéu! Pare/para de agarrar o Cebola e faça/faz alguma coisa!*



Fonte: Elaboração própria.

Quando apresentamos a frase *Imagine/imagina a energia necessária para gerar algo assim!*, a forma mais marcada foi novamente a associada ao indicativo com 69%, confirmando nossa hipótese de preferência pelo uso do indicativo, principalmente ao levarmos em consideração que a maioria dos participantes são da Região Sudeste do Brasil, onde predomina o imperativo na forma do indicativa.

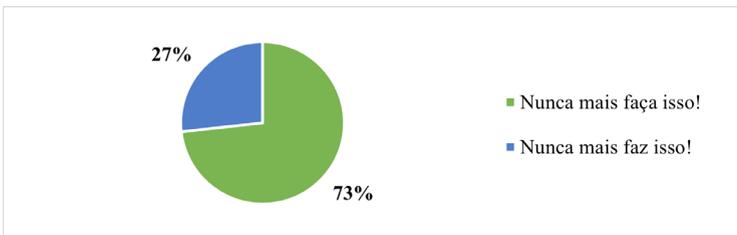
Gráfico 16: Resposta dos participantes à questão *Imagine/imagina a energia necessária para gerar algo assim!*



Fonte: Elaboração própria.

Já no caso da frase *Nunca mais faça/faz isso!*, a forma mais indicada pelos participantes foi a associada ao subjuntivo com 73% das respostas. Tal fato contrasta com os resultados até agora obtidos nessa seleção, em relação à fala dos respondentes em seu cotidiano. Portanto, quando há a presença da expressão temporal *nunca*, o uso do imperativo tende a ser marcado pelo subjuntivo, concordando com o estudo de Lamberti e Schwenter (2018, p. 240), já que os resultados por eles encontrados demonstraram que “os contextos imediatos seriam majoritariamente mais usados com a forma do indicativo e os não imediatos com o subjuntivo”.

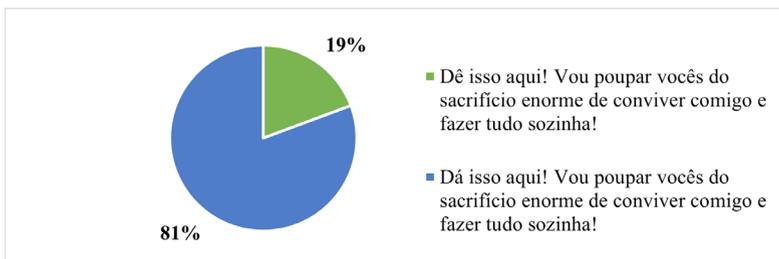
Gráfico 17: Resposta dos participantes à questão *Nunca mais faça/faz isso!*



Fonte: Elaboração própria.

Em relação à frase *Dê/dá isso aqui!*, nota-se mais uma vez o maior uso da forma indicativa com 81% dos falantes assinalando a alternativa correspondente.

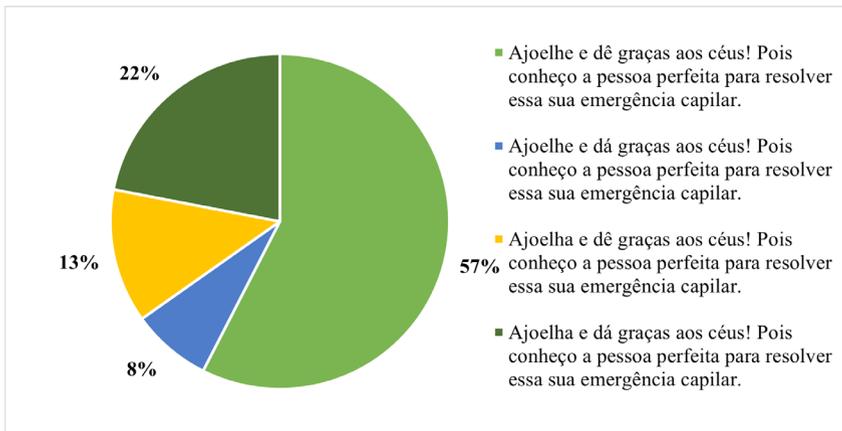
Gráfico 18: Resposta dos participantes à questão *Dê/dá isso aqui!*



Fonte: Elaboração própria.

Já na última questão objetiva dessa seção, com a frase *Ajoelhe/ ajoelha e dê/dá graças aos céus!*, percebemos que a forma subjuntiva nos dois verbos foi a mais assinalada com 57% dos participantes. No entanto, nota-se que a frase apresentada remete ao caráter religioso. Quanto a isso, sabe-se que a linguagem expressa dentro desses ambientes e contextos, geralmente provém de uma fala mais rebuscada, com maior grau de monitoramento, em concordância com a gramática normativa, e até mesmo, por vezes, a presença do português arcaico no texto bíblico, portanto isso pode ter sido um fator influenciador para que os falantes tendessem a marcar mais essa opção.

Gráfico 19: Resposta dos participantes à questão *Ajoelhe/ajoelha e dê/dá graças aos céus!*



Fonte: Elaboração própria.

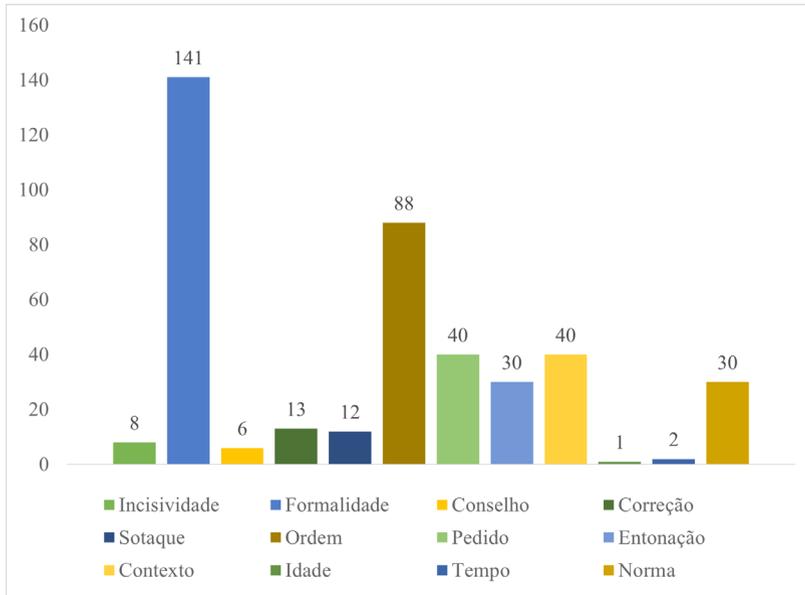
Percebe-se, ao fim da apresentação desses resultados, que, das sete perguntas nesta seção do questionário, cinco tiveram como opção mais assinalada a que tinha o verbo na forma indicativa, confirmando nossa hipótese de que essa seria a forma favorecida, conforme indicam os resultados de estudos de produção. Além disso, os únicos dois casos em que a forma subjuntiva foi a de maior peso foram aqueles em que o *nunca* aparecia, ou seja, em contextos de contexto temporal não

imediate, ou que denotava religiosidade na frase e, conseqüentemente, maior formalidade. Esses resultados nos ajudam a compreender melhor o processo de variação do imperativo e verificar que os resultados aqui encontrados vão ao encontro dos resultados de diversas pesquisas já realizadas no português brasileiro.

Ao fim desta seção, apresentamos aos participantes como última questão uma pergunta de caráter aberto e opcional: *Em seu dia a dia, você percebe alguma diferença entre as orações 'Não fala assim!' e 'Não fale assim!'?* Se sim, nos diga qual.”. Nosso objetivo com essa pergunta era verificar se os usuários da língua percebem alguma diferença no uso do imperativo nas formas indicativa e subjuntiva. Nossa hipótese é de que os participantes têm consciência dessa diferença e que associarão a forma no subjuntivo como uma ordem mais rude, direta e que demonstra maior autoridade.

Por se tratar de uma pergunta opcional, nem todos responderam à questão. Convém ressaltar que tivemos no geral um total de 875 respostas e apenas 316 disseram que percebiam alguma diferença entre essas formas, isto é, 559 pessoas responderam que não percebem a diferença ou se abstiveram da pergunta. Das 316 respostas dos participantes que identificam a diferença entre as duas falas, constatamos uma diversidade muito grande de respostas. Para melhor organização dessas respostas e para facilitar a visualização dos dados, dividimos em temas os fatores que foram mais associados a essa diferença e os apresentamos no gráfico abaixo, discutindo sobre cada um deles e destacando algumas das respostas que julgamos ser mais interessantes sobre cada um.

Gráfico 20: Sistematização das respostas dos participantes à questão discursiva do estudo de percepção: *Em seu dia a dia, você percebe alguma diferença entre as orações ‘Não fala assim!’ e ‘Não fale assim!’? Se sim, nos diga qual.*



Fonte: Elaboração própria.

Notamos, por meio dos resultados expostos no gráfico 20, que a maioria dos participantes do questionário associaram a diferença entre *Não fale assim!* e *Não fala assim!* à formalidade (141), ordem (88), contexto (40), pedido (40), entonação (30) e/ou norma (30). É interessante salientar que algumas pessoas associaram a diferença a mais de um fator, sendo assim, o número de respostas (411) é maior que o número de respondentes (316).

É interessante ressaltar que todos os fatores os quais os respondentes associaram à diferença entre as duas formas foram citados por nós anteriormente no presente artigo, com exceção da entonação, que não se aplica no caso das revistas por ser um objeto escrito em que a entonação da fala dos personagens fica a critério do leitor. Sendo assim, com relação à formalidade sabemos que “em contexto mais íntimo, mais solidário ou menos formal, usa-se a forma imperativa associada ao modo

indicativo; em contexto menos íntimo, menos solidário ou mais formal, usa-se a forma imperativa associada ao modo subjuntivo” (SCHERRE, 2004, p. 3). Isso pode ser visto na fala de um dos respondentes ao afirmar que “a primeira construção (*Não fala assim!*) parece mais informal e casual em relação a (sic) segunda (*Não fale assim!*), que parece mais formal e séria”.

Já com relação ao traço de ordem, ressaltamos a afirmação de Scherre (2004, p. 7) de que

falantes que hoje usam maciçamente o imperativo na forma indicativa afirmam que é a forma subjuntiva que funciona como reforço de ordem. Em verdade, o que estes falantes estão captando é a presença do traço de [+formalidade] ou de [+distanciamento], associado ao imperativo na forma subjuntiva, que, indiretamente, é sentido como uma ordem marcada (ou ordem rude).

Um exemplo desse sentimento de ordem no verbo imperativo associado ao subjuntivo é a frase de dois dos nossos respondentes que disse que “*Não fale assim!* soa mais imperativo, uma ordem. *Não fala assim* parece mais informal e descontraído, pode ser usado até pra reconfortar alguém em determinadas situações” e “*Não fala assim* é mais de boa, parece um pedido, enquanto *Não fale assim* fica muito imperativo, soa como um comando”. Sendo assim, o primeiro indivíduo, por exemplo, percebeu a relação entre o traço de [+formalidade] e ordem, enquanto o outro somente designou a diferença ao comando/ordem e pedido.

Dessa forma, considerando que “os falantes de Salvador, que usam maciçamente o imperativo na forma subjuntiva, não sentem o imperativo associado à forma indicativa dos falantes mineiros ou cariocas, por exemplo, como uma ordem rude” (SCHERRE, 2004, p.7) e sabendo que a maioria dos falantes que responderam ao nosso questionário são moradores da Região Sudeste, que usualmente utilizam mais a forma associada ao indicativo, era esperado que associassem a forma subjuntiva *Não fale assim!* à ordem. Prova disso é que 88 pessoas associaram a forma subjetiva a uma ordem e a uma entonação mais autoritária – como vemos na temática entonação, com 30 pessoas apontando esse traço. Essa diferença entre localidade pode ser observada na fala de uma das pessoas que responderam ao questionário: “Sim, percebo a diferença principalmente depois de me mudar de Goiânia pra Salvador. Acho a frase *não fala assim!* mais imperativa e em tom sério”.

Como exemplo dessa visualização de ordem, temos a explicação de um dos participantes do questionário “A primeira sentença (*Não fala assim!*) expressa uma maneira menos grosseira de dizer do que a segunda. Apesar de as duas exprimirem ordem, parece que isso é mais ressaltado na segunda sentença (*Não fale assim!*)”. Já quando se trata da entonação, percebe-se “Acho que *não fala assim* pode ser mais no sentido de ser compreensiva com alguém, exemplo *não fala assim, a comida que tu fez tá ótima* enquanto *não fale assim* é mais no uso imperativo mesmo, como *não fale assim comigo!*”.

Alguns participantes também relacionaram a diferença entre as duas frases ao contexto nos quais elas poderiam ser expressas, como vemos em “Dependendo do contexto. A primeira eu posso falar com tristeza e a segunda com raiva”. Já outras pessoas disseram que a diferença entre as duas frases apresentadas era que uma era condizente com a norma e a outra não, como em “Embora eu tenha consciência de que, pela norma padrão, o correto seria usar *não fale assim!*, em situações coloquiais acabo me expressando com *não fala assim!*”.

Diante das colocações dos respondentes, no geral, constata-se que aqueles que disseram que percebiam a diferença entre as formas indicativas e subjuntivas, associaram a forma subjuntiva a uma ordem mais grosseira, incisiva e formal, enquanto a indicativa é expressa em forma de pedido, informalidade e carinhosa. Com base nisso, nota-se que a forma indicativa está cada vez mais frequente e a variante conservadora (forma subjuntiva), agora associada a um teor autoritário, está tendo seu uso diminuído também como opção no estudo de percepção.

6 Considerações finais

A partir dos resultados obtidos acerca da percepção da variação linguística do imperativo entre as formas indicativas e subjuntivas, demonstramos que a forma indicativa em contextos de *você* é a forma preferida, ao encontro da nossa hipótese de alto índice de uso dessa forma, baseando-nos nos estudos anteriores de Scherre (2004; 2007).

Os resultados apresentados neste artigo demonstram uma tendência maior de uso da forma associada ao indicativo nas respostas relacionadas às formas supostamente utilizadas pelos personagens da TMJ e CBM, apresentadas como recortes dessas histórias em

quadrinhos, e também em relação às formas empregadas no dia a dia pelos participantes.

Dessa forma, podemos afirmar que a forma indicativa tem passado a ser a mais frequente tanto em estudos de produção, quanto em estudos de percepção e, por outro lado, há uma diminuição do uso e da percepção da formasubjuntiva.

A partir desses resultados, reiteramos que o imperativo atualmente apresenta um “distanciamento considerável entre norma e uso no português brasileiro contemporâneo falado e escrito” (SCHERRE, 2003, p. 193). Contudo, é sabido que

a nova norma estabelecida – imperativo na forma associada ao indicativo no contexto discursivo do pronome você – ocupa os espaços escritos pelo fato de a expressão variável do imperativo não marcar classe social e de não se encontrar envolvida em processos de estigma ou de (auto)avaliação negativa. (SCHERRE, 2004, p. 256)

Assim, percebemos que apesar de a forma que vai contra ao que a gramática normativa propõe, o indicativo no contexto de *você*, estar sendo cada vez mais usada, sabemos que tal fato não é alvo de preconceito ou qualquer tipo de estigma, logo, fica claro que “o critério para se estigmatizar uma variável linguística não é o seu grau de aproximação à norma gramatical: o critério é, sem dúvida, a classe ou comunidade social onde esta se manifesta.” (ANDRADE, MELO, SCHERRE, 2007, p. 9).

No entanto, para além dessas questões, pudemos verificar neste artigo que há condicionamentos linguísticos, discursivos, sociais e pragmáticos, constatados também em diversos estudos de produção já realizados, que são acionados na escolha entre as formas indicativa e subjuntiva na expressão do imperativo em estudos de percepção, ou seja, estão ligados ao processamento linguístico dessas formas.

Mais especificamente, esta pesquisa possibilitou demonstrar que, a partir dos resultados alcançados, ao buscarmos a resposta sobre como os participantes acreditam que os personagens utilizam o imperativo, há o favorecimento da forma indicativa em contextos que evidenciam o traço de ruralidade dos personagens, a presença do vocativo depois do verbo, o contexto temporal imediato, a polaridade afirmativa da sentença, a negação pós-verbal e a ausência de pronomes. Já a forma subjuntiva foi favorecida em situações comunicativas em que o contexto de autoridade

estava em destaque na tirinha, no contexto temporal não imediato, em sentenças em que a negação era pré-verbal e na presença do vocativo antes do verbo. Vale ainda ressaltar que o paralelismo se mostrou atuante neste estudo, tendo em vista que, ao apresentarmos sentenças com dois verbos no imperativo, a tendência é de manutenção da mesma forma.

Em relação ao questionamento sobre como os participantes utilizam o verbo em contextos imperativos em seu cotidiano, pudemos constatar novamente que a opção mais assinalada foi a que tinha o verbo no indicativo, confirmando nossa hipótese e se apresentando de acordo com o que indicam os resultados de estudos de produção.

Além disso, os únicos dois casos em que a forma subjuntiva foi a mais frequente se relacionam a sentenças em que o termo *nunca* aparecia, ou seja, em contextos de expressão temporal não imediata ou em sentenças em contextos religiosos, conseqüentemente, maior formalidade.

Essa preferência pela forma indicativa em contextos imperativos também pode estar relacionada ao fato de nossa maior base de dados ser de indivíduos da faixa etária jovem, considerados *Millennials*⁴, e devido ao fato de a humanidade, atualmente, buscar maior modernidade e usar ferramentas de comunicação mais próximas da oralidade. Além disso, há também o fato de a forma subjuntiva, costumeiramente, despertar no ouvinte a sensação de autoritarismo e rigidez na fala, o que pode fazer com que os adolescentes e jovens, da geração *Millennials*, usem cada vez menos essa forma e passem a usar mais a forma indicativa, com o intuito de demonstrarem “maior proximidade e solidariedade” (ANDRADE, MELO E SCHERRE, 2007, p. 5) em sua fala.

E em relação ao último questionamento desta pesquisa, ao tentar verificar se os participantes percebem alguma diferença entre a forma indicativa e subjuntiva em orações imperativas, foi possível verificar que no geral não perceberam essa diferença e para aqueles que afirmaram ter essa percepção, apontaram que a forma subjuntiva expressa uma ordem mais grosseira, incisiva e formal, enquanto a indicativa é expressa em forma de pedido e é usada em situações com maior informalidade.

⁴ Termo cunhado por Howe e Strauss (2000) – os *Millennials* são caracterizados como uma geração mais conectada, educada e adversa ao autoritarismo

Declaração de Autoria

Este artigo foi produzido de forma colaborativa pelas duas autoras e apresenta alguns resultados da pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso de Carolina Barroca Faria, orientada por Leila Maria Tesch. A primeira autora, Carolina Barroca Faria, foi responsável pela elaboração e escrita da parte teórica, proposição do teste e levantamento e análise das respostas dos participantes. A segunda autora, Leila Maria Tesch, por sua vez, orientou o desenvolvimento da pesquisa, elaborou e sistematizou os procedimentos metodológicos, aprofundou a discussão dos resultados, realizou a edição e revisão do texto do artigo e as adequações sugeridas pelos pareceristas.

Referências

ANDRADE, C; MELO, F; SCHERRE, M. História e variação lingüística: um estudo em tempo real do imperativo gramatical em revista em quadrinhos da Turma da Mônica. *Jornal de Letras da UniCEUB*. Brasília, 2007.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

BRASIL; E.; SCHERRE, M. Norma e uso na variação do imperativo em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. Comunicação apresentada na 52a Reunião Anual da SBPC, Brasília, 2000.

FARIA, C. Análise da variação do imperativo gramatical em revistas da Turma da Mônica Jovem. *In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFES. Anais [...]*. Vitória: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2020.

FARIA, C. Ampliando a análise da variação do imperativo gramatical nas revistas da Turma da Mônica Jovem. *In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFES. Anais [...]*. Vitória: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2021a.

FARIA, C. *A variação do imperativo nas revistas da Turma da Mônica Jovem e Chico Bento Moço: um estudo de uso e percepção*. 2021, 92 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Língua Portuguesa

e Literatura de Língua Portuguesa). Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021b.

FARIA, C.; SCHERRE, M. Variação do imperativo gramatical no português brasileiro: representações em quadrinhos da Turma da Mônica Jovem e do Chico Bento Moço. *Ciência Geográfica*, Bauru, v. 26, n.3, p. 1526–1549, 2022. <https://doi.org/10.18817/26755122.26.3.2022.3081>

FREITAG, R., SEVERO, C., ROST-SNICHELOTTO, C.; TAVARES, M. Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. *Todas as Letras*, v. 18, n. 2, p. 64-84, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v18n2p64-84>

HOWE, N.; STRAUSS, W. *Millennials rising: the next great generation*. New York: Vintage Books, 2000.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LAMBERTI, L.; SCHWENTER, S A. Testando o papel da referência temporal na forma do imperativo em Português Brasileiro. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 231-258, 2018. DOI: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2018.v14n2a17625>

OUSHIRO, L. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. 2015. 394f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics and Statistics, 2005.

SCHERRE, M. Norma e uso na expressão do imperativo em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. In: SILVA, D., LARA, G. & MAGAZZO, M. (orgs.). *Estudos de Linguagem: Inter-relações e Perspectivas*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2003. p. 177-191.

SCHERRE, M. Norma e uso – o imperativo no português brasileiro. In: DIETRICH, W.; NOLL, V. (orgs.). *O Português do Brasil – Perspectivas da pesquisa atual*. Cidade: Vervuert /Iberoamericana, 2004. p. 231-260.

SCHERRE, M. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. *Alfa*, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 189-222, 2007.

SCHERRE, M. O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança lingüística na escrita de revistas em quadrinhos. In: VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Cláudia. (Org.). *Anthony Julius Naro e a Lingüística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. 1ed. Rio de Janeiro: FAPERJ/7Letras, 2008a, v. p. 306-319.

SCHERRE, M. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b [2005].

SCHERRE, M. Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: A importância da pesquisa variacionista. *Tabuleiro de Letras*, Salvador, n. 4, p. 1–32, 2012. DOI: <https://doi.org/10.35499/tl.v0i4.167>

WEINREICH, U., LABOV, W. & HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].



Uma análise psico e sociolinguística das propriedades dimensionais das palavras tabu no português carioca

A psycho- and sociolinguistics analysis of the dimensional properties of taboo words in carioca Portuguese

Claudiane Gusmão Azevedo da Silva-Nasser

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ / Brasil

dianegusmao@letras.ufrj.br

<https://orcid.org/0000-0003-2039-4636>

Resumo: Palavras tabu são palavras emocionais, que, em tarefas psico e neurolinguísticas, apresentam maior captura atencional, são mais memoráveis e complexas de processar. Esses fenômenos estão ligados a dimensões como alerta e valência, que refletem aspectos sociais, psicológicos e neurológicos. O presente estudo, inédito no português brasileiro, visa normatizar o que diferencia o processamento de palavras tabu de outras palavras emocionais no que se refere às dimensões afetivas. O estudo se articula com a sociolinguística ao mapear as atitudes linguísticas em relação a palavras tabu, que configuram marcadores estilísticos salientes, sujeitos a julgamentos negativos, engajando o monitor sociolinguístico. Objetiva-se entender como aspectos como gênero, religiosidade, costume de uso, tolerância a palavrão na família e propensão à ofensa, possíveis constituintes das crenças e atitudes linguísticas, modulam a percepção dessas palavras. De 164 universitários cariocas, comparamos medidas de um questionário explícito sobre palavrão, com julgamentos, menos explícitos, numa escala Likert, sobre 200 palavras individualmente, para examinar: (i) como palavras tabu são caracterizadas quanto a frequência, familiaridade, ofensividade, nível de tabu, alerta e valência comparadas a outras categorias (palavras positivas, negativas e neutras); (ii) a influência de índices do perfil sociocultural dos participantes sobre esses julgamentos para inferir como esses modulam efeitos de monitoramento. Observamos que as palavras tabu se destacaram principalmente pelos julgamentos de tabu social e ofensividade, mas também pela menor familiaridade e valência. Esses resultados confirmam atitudes linguísticas negativas sobre palavras tabu, com percepções influenciadas por religiosidade, ambiente familiar e gênero, relevantes para o entendimento da identidade linguística desse grupo de falantes.

Palavras-chave: palavras tabu; psicolinguística; sociolinguística; percepção; emoção.

Abstract: Taboo words are emotional words which, in psycho and neurolinguistic studies, present higher attentional capture, are more memorable and complex to process. Such phenomena are connected to dimensions such as arousal and valence, which reflect social, psychological and neurological aspects. The present study, the first of its kind in Brazilian Portuguese, aims to collect normative data in order to characterize what distinguish the processing of taboo words from other emotional words. The study crosses over to sociolinguistics by mapping linguistic attitudes towards taboo words, which are salient stylistic elements, subject to negative judgement, and strongly engage the sociolinguistic monitor. We aim to examine how certain aspects that may underlie beliefs and linguistic attitudes, such as gender, religiosity, habit of engaging in swearing, family tolerance and likelihood to take offense, modulate taboo word perception. Answers given by 164 university students from Rio de Janeiro to an explicit questionnaire about swear words were compared to less explicit judgements on 200 words in order to examine: (i) whether frequency, familiarity, valence, offensiveness, tabooess and arousal set taboo words apart from other categories (positive, negative and neutral words); (ii) the influence of participants' sociocultural profile on such judgements, reflecting sociolinguistic monitoring. We observed that taboo words fall into a distinct category, mainly due to high social tabooess and offensiveness ratings, but also due to low familiarity and negative valence. These results confirm more negative linguistic attitudes regarding taboo words influenced by religiosity, family environment and gender, pertinent aspects to the understanding of these speakers' linguistic identity.

Keywords: taboo words; psycholinguistics; sociolinguistics; perception; emotion.

Recebido em 06 de outubro de 2022.

Aceito em 27 de maio de 2023.

1 Introdução

Desde o início da história da neurociência da linguagem, o palavrão tem figurado na descrição de casos clássicos como o de Leborgne, paciente de Broca, que famosamente repetia “Sacre nom de Dieu!” (“*sagrado nome de Deus*”, blasfêmia), mas não falava. Desde então, as características distintivas de uso de palavrões têm instigado principalmente psicólogos e neurólogos, mas muito menos os linguistas, possivelmente devido ao estigma que cerca seu uso. Mas isso mudou recentemente. Ao longo das últimas décadas foram

observados vários fenômenos que distinguem as palavras tabu de outras palavras emocionalmente carregadas: elas modulam o nosso nível atencional de uma forma única, e engajam uma carga cognitiva grande devido a sua complexidade emocional e social. Isso deve refletir a sua capacidade singular de ao mesmo tempo veicular emoções fortes efetiva e rapidamente, e de manifestar a criatividade e jogo de cintura na dinâmica social, o que atesta a importância que têm enquanto recurso linguístico. Este estudo se insere nessa recente empreitada de compreender melhor o processamento das palavras tabu, sua percepção e sua caracterização nas suas múltiplas dimensões psicossociais. Enquanto há estudos no português brasileiro normatizando palavras emocionais, esses não incluem palavras tabu. Assim, o presente estudo visa normatizar o que diferencia o processamento de palavras tabu de outras palavras de cunho emocional em relação às dimensões afetivas, replicando Janschewitz (2008). Indo além, buscamos acessar a percepção dos falantes acerca do uso de palavrões a partir das suas características psicossociais.

Dessa forma, o estudo também se articula ao campo de sociolinguística, pois pretende mapear as atitudes linguísticas em relação à palavra tabu e ao palavrão. O estudo não se configura em termos clássicos de percepção de variantes, mas investiga como a percepção de palavras tabu se compara à de outras classes lexicais, como palavras com valência positiva e negativa e palavras neutras.

O palavrão se configura como elemento saliente no uso de linguagem, como elemento de marcador estilístico, e que está geralmente sujeito a julgamentos negativos fortes. Além disso, seu uso pode ser um marcador estereotipado de identidade sociocultural, sendo associado, por um lado, a valores como liberdade, rebeldia, e à promiscuidade e ofensa, por outro. De modo geral, devido à saliência que possuem, palavrões engajam o monitor sociolinguístico fortemente. A importância deste estudo está em entender como certos aspectos constituintes das crenças e atitudes dos falantes, no caso universitários cariocas, modulam a percepção dos palavrões. Tais aspectos seriam: gênero, religiosidade, costume de uso, tolerância a palavrão na família e propensão à ofensa, que estimamos serem índices importantes das atitudes e crenças em relação a essa classe de palavras e que julgamos serem relevantes na investigação da identidade linguística desse grupo de falantes. Comparamos medidas de um questionário explícito sobre palavrão, com julgamentos, menos explícitos, feitas sobre palavras individualmente, a fim de observar:

(i) como palavrões são caracterizados por essa população em termos de frequência de uso, familiaridade, valência, grau de ofensa, nível de tabu, alerta e valência comparado a outros tipos de palavras (negativas, positivas e neutras); (ii) como esses julgamentos são influenciados por índices do perfil sociocultural dos participantes, a fim de inferir como efeitos de monitoramento são modulados por esse perfil.

O texto está organizado da seguinte forma: iniciamos na seção 2 conceituando a palavra tabu, e elaboramos sobre a perspectiva sociolinguística deste fenômeno na seção 3, com foco principal em atitudes linguísticas, detalhando influências de religiosidade (seção 3.1) e gênero (seção 3.2). Na seção 4, resenhamos a literatura relevante da psico e neurolinguística, mostrando que reflexos afetivos e da percepção sociolinguística de palavras tabu são flagrados nas medidas comportamentais e neurofisiológicas relativos a processamento dessa categoria lexical. Nas seções 5 e 6, dissertamos o estudo e seus resultados; primeiro, apresentando como as palavras tabu se distinguiram das outras palavras emocionais, e, segundo, como os aspectos psicossociais afetaram os julgamentos sobre as palavras, detalhando cada aspecto. Na seção 7, encontra-se uma discussão mais aprofundada sobre como características psicossociais dos participantes revelaram atitudes linguísticas em relação às palavras tabu, de modo geral, e a alguns tipos de palavras tabu, por exemplo, as de cunho sexual, em específico. Discutimos a influência de religiosidade, gênero, em seções separadas, e a de propensão à ofensa, costume de uso e tolerância da família juntos. Por fim, faremos considerações finais, ponderando a relevância do estudo para articulações entre perspectivas socio, psico e neurolinguística.

2 Palavra tabu

O termo *tabu* refere-se à abstenção de fazer ou dizer algo sagrado ou temido, com a crença de que, se dito ou feito, algo ruim acontecerá ao indivíduo, como uma punição (GUÉRIOS, 1955). O entendimento do que são as palavras tabu segue a mesma linha: se ditas, acredita-se que podem causar algum dano ao indivíduo ou sociedade (JAY, 2009), e, portanto, evita-se o uso na maior parte dos contextos. As palavras ganham sua tabuização em níveis diferentes. Primeiramente, palavras tabu são restringidas ao uso devido à convicção de que haverá algum detrimento àquele que as profere ou devido ao fato de a palavra tabu ter sido proferida. Essa convicção

está atrelada ao preconceito que existe em relação às palavras tabu, como palavras que fogem ao que se espera como boa decência ou moralidade (ORSI, 2011). Mesmo os falantes de português brasileiro, ao serem perguntados o que entendiam por palavrão, responderam que os consideram como *palavra feia, grande/pesada* e de origem vulgar (ZOSSOU, 2021).

Palavras tabu podem ser divididas em categorias que correspondem a fluidos corporais, partes do corpo, atos sexuais, insultos étnicos ou raciais, profanidade, vulgaridade, gíria e escatologia (JAY *et al.*, 2008). Por ser um termo que abrange muitas categorias distintas de palavras, há avaliações diversas sobre o que é tabu, mas uma das subcategorias são os palavrões (ORSI, 2011; PINHEIRO; MENEZES; FREITAG, 2020). Sabendo que palavrões podem ser considerados um subconjunto de palavras tabu e que nem todas as palavras tabu são vistas como palavrões, neste trabalho usamos de modo intercambiável os dois termos, sendo que níveis de tabu e percepções sobre seu uso como palavrão podem variar.

Segundo o dicionário online *dicio*¹, *palavrão* é “palavra obscena, grosseira ou pornográfica, cujo uso pode ofender a quem dela é alvo”. Decerto palavrões se sobrepõem à fala agressiva, ofensiva e abusiva, mas pensar palavrões dessa maneira é negligenciar uma boa parte de seu uso. Pode-se pensar em situações em que o uso de palavrões se realiza para fins de harmonia social (JAY, 2000, 2009; JAY; JANSCHWITZ, 2009; ORSI, 2011), efeito catártico (JAY, 2000; JAY, 2008; ORSI, 2011), estimulação sexual (JAY, 2000), criação de identidade cultural (JAY, 2000; LABOV, 1972).

O efeito catártico do uso de palavrões estaria ligado à base biológica do ser humano como uma resposta emocional (VINGERHOETS *et al.*, 2013), equivalente ao choro de um bebê (JAY, 2000). Nesse caso, seria parte de um elemento essencial da evolução humana, visando a necessidade de manifestar emoções intensas.

Um exemplo do papel do uso de palavrões para a afirmação da identidade cultural pode ser encontrado no influente trabalho de Labov na comunidade falante do inglês vernáculo afro-americano de Harlem, bairro da Nova Iorque, no final da década 60 (LABOV, 1972). Para membros dessa comunidade, quanto mais insultante e mais tabu para a sociedade branca de classe média era o palavrão, mais ele serve para a convergência dos traços culturais dos falantes negros, pois é uma medida clara de divisão entre quem são eles e quem são os outros.

¹ Disponível em <https://www.dicio.com.br/palavrao/>, acesso em 25 de julho de 2022.

Entre catarse, identidade cultural e estimulação sexual, o ato de usar palavrões está intimamente atrelado à emoção. Para dar conta dessa complexidade, Jay (2000) postulou a teoria Neuro-Psico-Sociocultural (NPS) que considera que falar palavrões deve usar simultaneamente três dimensões do comportamento humano: restrições socioculturais, contenções psicológicas e controle neurológico.

Em conformidade com a teoria NPS, as atitudes linguísticas de um falante abarcam sua produção e percepção da linguagem. As atitudes linguísticas podem ser entendidas como as opiniões, noções e preconceitos que a pessoa tem sobre o significado social de uma língua ou variedade da língua, implícita ou explicitamente, e são formadas a partir das crenças e ideologias da comunidade da qual ela faz parte (DRAGOJEVIC *et al.*, 2021). Portanto, as atitudes linguísticas influenciam sua reação à linguagem dos outros indivíduos ao redor e criam espaço para que o falante acomode o uso da linguagem em respeito ao tipo de resposta que ele busca no outro (GARRETT, 2010). Dessa maneira, atitudes estão fortemente associadas a comportamento e são aprendidas, sendo assim um produto social. Em vista disso, as atitudes linguísticas se caracterizam de acordo com três dimensões: reação cognitiva, afetiva e comportamental (FREITAG *et al.*, 2016; GARRETT, 2010). As reações cognitivas englobam crenças sobre o uso de certas variáveis linguísticas em uma comunidade; as reações afetivas envolvem a maneira com a qual o indivíduo vê positiva ou negativamente uma variável linguística; e as reações comportamentais são as que modulam o comportamento do indivíduo de forma a estar de acordo com os julgamentos cognitivos e afetivos (GARRETT, 2010).

Portanto, sendo a percepção de palavra tabu um fenômeno multidimensional, é desejável considerar tanto a perspectiva sociolinguística, quanto as psico e neurolinguística ao tentar caracterizar o processamento dessa categoria singular de palavras.

3 A perspectiva sociolinguística

Os palavrões variam de sentido e uso a depender da comunidade que os usam, como um acordo sociocultural. Souto Maior (1992, p.16), em seu pioneiro trabalho de reunir palavrões em língua portuguesa e organizá-las em um dicionário, diz que “[u]m palavrão no Nordeste é uma palavra educada no Sul e vice-versa”. Guérios diz que

[...] apesar de o tabu linguístico ser fenômeno universal e de todos os tempos, não é uniforme na intensidade e não é coincidente, isto é, uma palavra tabuizada num povo, numa comunidade, numa família, poderá não sê-lo em outro povo, comunidade ou família e, por fim, pode ser temporário. (GUÉRIOS, 1956, p.13)

Alguns estudos investigaram essa variação regional no Brasil no campo da sociolinguística (ARAGÃO, 2009; OLIVEIRA, 2018; SANCHES; SILVA, 2014; VALADARES; SANTOS, 2015). Há também estudos brasileiros que tratam o uso de palavrão sob ótica de variação estilística (para produção de efeito humorístico, no caso, cf. CARMELINO, 2018) ou em relação a construção de identidade cultural e preconceito (sobre a identidade funkeira, que se difunde através de músicas – conhecidas como “proibições”, cf. PAULON, 2011; RUSSANO, 2006).

Na teoria NPS, a restrição sociocultural é a força que impede ou encoraja o indivíduo de proferir um palavrão. Nesse sistema, são características como religião, identidade de gênero, tabu social, censura e poder social que providenciam as restrições.

A restrição a palavrões é um processo que começa a ser construído desde a infância, com todas as instituições que cerceiam a convivência do indivíduo - educadores, família, autoridades religiosas, mídia, etc. – agindo como árbitros da boa decência. Muitos têm lembrança de serem punidos verbal ou fisicamente ao falar um palavrão (JAY, 2009; REILLY *et al.*, 2020), o que convencionaliza desde cedo uma consequência do uso da palavra tabu, moldando o afeto em relação a ela. Por isso, a educação familiar é um agente essencial na orientação da atitude linguística que uma pessoa tem sobre certas variantes. A aversão assim condicionada também seria responsável pela internalização do significado do que é tabu, que por sua vez leva a propriedades de alerta automático, que é uma resposta emocional do controle neurológico engatilhada por fatores externos (cf. perspectivas psico e neurolinguística).

São essas forças que também devem agir no desenvolvimento do monitoramento sociolinguístico quanto ao uso de palavrão. Labov (1972; 2001) descreve a variação de estilo, inicialmente, como flutuações na atenção à fala mais prestigiada. Nesse sentido, o palavrão chama atenção por ser associado a uma fala pouco monitorada, alvo de rejeição pelos interlocutores. Isso faria com que o palavrão sofra monitoramento forte dos usuários, cientes dessa possível rejeição. Por outro lado, isso explica o surgimento do palavrão na fala mais informal ou pouco

monitorada, em momentos que o falante exerce menor controle, seja por conta do engajamento de emoções fortes (i.e. agressão, raiva, ou, justamente, explosão de felicidade), seja pela informalidade da situação (i.e. conversa de bar entre amigos ou amigas). Ou seja, o conceito de variação estilística se explica não apenas por “falta de atenção”, mas também por modulações de acordo com fatores como interlocutores e a dinâmica entre eles, representação de identidade, e modelos mentais de comportamentos associados aos papéis sociais, entre outros. Neste contexto, destacamos características como religiosidade e gênero, que estão entre os aspectos identitários investigados neste trabalho.

3.1 Religiosidade

De acordo com Jay (2000), dois aspectos da vivência do indivíduo são altamente marcantes quanto à adaptação do monitoramento do uso de palavras: sua religiosidade e comportamento sexual (COWDEN; BRADSHAW, 2007). A religião é uma instituição regulamentadora de conduta social; o indivíduo busca agir, vestir-se e falar de acordo com que sua religião permite. A palavra é uma importante parcela da atuação religiosa pois é através dela que o homem se conecta com Deus e que Deus se conecta com os homens (e.g. *levar a palavra de Deus*). O conceito do tabu se estende largamente no mundo religioso pela própria essência de proibição do que é sagrado ou temido.

Estudos da psicologia social que analisam a construção de valores sociais a partir de subsistemas ideológicos propõem a existência de uma dimensão de religiosidade, associada a valores de tradição e conformidade, que está em oposição direta à dimensão de hedonismo, associado a valores de sensualidade, prazer e sexualidade. A oposição desses valores é confirmada inclusive em estudos com universitários brasileiros (GARCIA *et al.*, 2016; PEREIRA; CAMINO; COSTA, 2005; PEREIRA; TORRES; BARROS, 2004). Devido ao preconceito voltado a palavras tabu como termos vulgares e que vão na direção oposta à moralidade, pessoas mais religiosas tenderiam a se ofender mais com palavras e frequentar espaços onde essas palavras não fossem usadas. Um estudo de Oliveira (2021) mostra, por exemplo, que evangélicos no Rio de Janeiro, para conseguirem usar ofensas sem que essas recaiam sobre a sua imagem de fiel - dado que a Bíblia proíbe o uso de linguagem torpe -, utilizam termos bíblicos que, de acordo com o autor, ofenderiam da mesma maneira que

os termos utilizados de forma popular. Nesse sentido, “os evangélicos [...] apropriaram-se de termos presentes no texto sagrado e os subverteram a fim de conseguirem ofensas equivalentes sem o comprometimento de sua imagem, que pretendem ilibada e irretocável perante a sociedade.” (OLIVEIRA, 2021, p. 55; também cf. FILHO, 2014).

Confirmando essas observações mais qualitativas e a previsão de Jay (2000), o estudo normativo de Janschewitz (2008) em inglês norte-americano também mostrou uma correlação positiva entre religião e ofensividade, e uma correlação negativa entre religião e uso. Portanto, para este estudo esperamos que pessoas que se declaram mais religiosas (grau de religiosidade nas respostas do questionário variam entre *Sim*; *Sim, mas não praticante*; *Minha família sim, mas eu não*; *Não*, tendo ainda a opção *Prefiro não falar*) apresentem índices maiores de julgamentos de nível de tabu, ofensividade, valência negativa, e que, em decorrência desses julgamentos fortemente negativos, indiquem maiores níveis de alerta. Pessoas que indicam não ter religião podem querer demonstrar que rejeitam uma moralidade imposta, selecionando julgamentos maiores para uso e familiaridade, com menores índices para ofensa. Cabe dizer que esses julgamentos refletem o que os participantes desejam projetar como identidade, ou seja, isso reflete como eles monitoram linguisticamente, o que não necessariamente está conizidente com o uso linguístico real.

3.2 Gênero

Os estereótipos de gênero são elementos consideráveis para entender a percepção que o falante tem sobre palavrões. Na maior parte das culturas, espera-se que as mulheres ajam de forma mais sensível e mais comportada, o que não corresponde ao uso de termos chulos e vulgares. Em contrapartida, os homens, mais agressivos, conseguem usar palavrões para transmitir a brutalidade própria do conceito de masculinidade. Com efeito, homens são mais propensos a usar palavrões (JAY, 2009; GÜVENDIR, 2015) e a achar o uso de palavrões mais adequado do que as mulheres (KAPOOR, 2014). Alguns autores explicam esses padrões por uma questão evolutiva biológica (GÜVENDIR, 2015), outros enfatizam a construção de modelos mentais sobre o que é ser homem e ser mulher que estabelecem identidades e padrões de comportamentos esperados dentro do espaço da sociedade ocidental judaico-cristã (PINHEIRO; MENEZES; FREITAG, 2020). Um estudo

com um corpus de 48 horas de gravação de áudio de fala espontânea de 52 estudantes numa universidade norte-americana confirmou esse padrão, detectando uso de palavrão quatro vezes maior para homens comparados a mulheres (MEHL; PENNEBAKER, 2003).

O comportamento sexual também afeta a familiaridade e aceitabilidade de uso de palavras tabu. Dentro da cultura ocidental judaico-cristã, a sexualidade é cercada de proibição de modo geral, mas esse tabu social se expressa de forma diferenciada para o gênero masculino, cuja ação sexual é vista como algo intrínseco à sua natureza, e para o gênero feminino, de que se espera de receber a ação sexual de forma passiva e rejeitá-la em favor de afeto e pudor (PINHEIRO; MENEZES; FREITAG, 2020).

Por sua vez, a sexualidade é uma prática para examinar, vigiar, confessar e transformar-se em proibido. Isto é, pode-se falar sobre sexualidade, mas para proibi-la. Uma análise recente de palavras tabu da categoria partes do corpo em um dicionário informal online (no qual usuários podem sugerir entradas lexicais) apontou que, embora o número de termos associados à genitália masculina e feminina sejam iguais em número e valorização, a significação dos dois se diferencia na medida em que “inferem representações de masculinidade voltadas à liberdade sexual e representações de feminilidade voltadas à afetividade e falta de importância” (SILVA, 2022, p. 88). Outros estudos mostram que jovens e universitários, em específico, apresentam uma visão de sexualidade caracterizada por uma tensão entre tendências mais progressivas e conformistas e que uma atitude mais igualitária do moral sexual por parte das mulheres é largamente restrita àquelas de classe sociais mais favorecidas (HEILBORN *et al.*, 2006; MELLO; SOUZA; SANTOS, 2008).

Sendo o nosso grupo de participantes jovens e universitários, esperamos encontrar diferenças atenuadas entre homens e mulheres. Homens devem se sentir mais à vontade em admitir uso e familiaridade com palavra tabu, bem como apresentar menor sensibilidade a grau de ofensividade e sentir menor índice de alerta. Mulheres, em contrapartida, devem apresentar mais monitoramento, principalmente, ao admitir o uso. A separação de julgamentos de familiaridade e uso, e também entre tabu e ofensividade, permite observar julgamentos mais convencionados para a sociedade como um todo (familiaridade e tabu), e aqueles mais modulados por aspectos específicos da identidade social feminino vs. masculino (uso e ofensividade). Para valência, podemos esperar respostas um tanto contrárias, já que devido às mencionadas tendências mais

progressivas nesse grupo, os participantes podem ter avaliações menos negativas das palavras tabu, principalmente quando do campo semântico sexual. Discutiremos mais sobre o possível significado de valência e alerta, como componentes afetivos relevantes na próxima seção.

4 Perspectivas psico e neurolinguística

Algumas palavras têm a propriedade de carregar emoções (*doente, lixo*), enquanto outras descrevem emoções (*amor, ódio*) (HINOJOSA, 2020). O uso de palavrões permite que expressemos emoções das mais diversas formas: afeição quando usadas para manifestação de pertencimento cultural, prazer em momentos de intimidade sexual, descontração quando contamos uma piada, alívio da dor quando batemos o pé na quina da mesa, ou raiva durante uma briga. Elas são, portanto, palavras carregadas de emoção.

O grau de emocionalidade das palavras pode ser medido de forma bidimensional com o nível de alerta e valência (RUSSELL, 1980). Alerta se refere à intensidade de uma palavra, ao quanto ela chama a atenção, e valência é o quanto uma palavra é positiva ou negativa. O alerta (*arousal* em inglês) está associado a maior nível de atenção, muitas vezes medido em respostas fisiológicas (neurológica, resposta galvânica, dilatação de pupila), que pode estar relacionado à reação cognitiva de um indivíduo, pois palavras podem engatilhar e direcionar o processamento cognitivo a partir da exposição a um estímulo emocional (GARRETT, 2010). Já supomos que a valência esteja mais associada à dimensão afetiva das atitudes linguísticas, dado que expressa de certa forma uma grandeza de sentimento (positivo ou negativo).

A teoria NPS (JAY, 2000) propõe que o indivíduo tenha dois estados de consciência a respeito da produção de palavrões: episódios mais automáticos de xingamento, como no caso catártico, e episódios proposicionais, como em quando se conta uma história engraçada com uso de palavrões. Para atingir esse nível de consciência do uso proposicional, entende-se que o indivíduo tenha aprendido quando é o momento certo ou não de se usar um palavrão. O uso proposicional de palavrões é uma atitude linguística aprendida no decorrer da vida.

Em vez de palavrão, emoções fortes podem ser expressas por vocalizações não linguísticas, que também seguem convenções culturais (ex. *ouch, au* e *ai* são expressões esperadas para expressar dor em inglês, holandês e português respectivamente). Porém, os palavrões têm a vantagem de serem mais ricos semanticamente e de poderem indicar a

intensidade da emoção sentida. Assim, Jay (2008) propõe que o palavrão seria mais eficaz para veicular uma emoção mais forte justamente pela sua qualidade ofensiva, pois o interlocutor entende que a quebra de inibição para o uso de palavrão ocorre devido a um estado emocional alterado.

A associação entre o palavrão e seu significado emocional se internaliza conforme a criança é exposta a contextos de uso; e, na medida em que amadurecem as conexões no cérebro, crianças aprendem a sua eficiência para a expressão de emoções. Dessa forma, no núcleo das camadas sociocultural e psicológica, tem-se o controle neurológico dos processos envolvidos no uso de palavrões, que envolvem circuitos neuronais envolvidos no regulamento de emoções, como o sistema límbico, e as áreas corticais engajadas no processamento de linguagem. De acordo com Jay (2000), os sistemas psicológico, neurológico e sociocultural estão interligados e pode ocorrer de um desses sistemas ser predominante sobre outro dependendo da situação e da motivação para que o palavrão seja enunciado. Um dos mais antigos achados da literatura neurolinguística é o forte engajamento do hemisfério direito na produção de palavrão, sendo que, quanto mais proposicional o uso de palavrões, mais envolvimento adicional do hemisfério esquerdo; usos mais automáticos e impulsivos (i.e. mais reativos) ainda são caracterizados por forte engajamento do sistema límbico (VINGERHOETS *et al.*, 2013; HANSEN *et al.*, 2019; HINOJOSA *et al.*, 2020).

Como a criança desenvolve noções de semântica emocional das palavras depende, portanto, de como ela se desenvolve neurológica e psicologicamente, e da experiência que ela está vivenciando. Assim, Jay (2008) conclui que, quanto mais a criança é exposta ao uso (dela e das pessoas do seu ambiente familiar), mais ela fica condicionada a usar palavrão para expressão das suas emoções.

A dimensão cognitiva e neurofisiológica do processamento de carga emotiva das palavras tabu é atestada por vários estudos. Em trabalhos psicolinguísticos, foram atestados o aguçamento atencional ao processar palavras tabu (ANDERSON, 2005) e uma capacidade maior de lembrá-las comparadas a palavras emocionalmente neutras (JAY; CALDWELL-HARRIS; KING, 2008). De fato, palavras com carga emocional, seja positiva ou negativa, são reconhecidas mais rapidamente e com maior acurácia (CITRON *et al.*, 2013; KOUSTA *et al.*, 2009), embora um estudo recente tenha encontrado tempos de reconhecimento

relativamente mais lentos para palavrões quando comparados a palavras de carga emocional negativa (DONAHOO; LAI, 2020).

A forte resposta atencional às palavras emocionais tem sido explicada como um possível mecanismo de luta ou fuga que possibilita uma reação rápida face a possível ameaça (DONAHOO; LAI, 2020; HARRIS, 2004). Em relação a palavrões, essa ameaça pode estar relacionada à raiva (a emoção proporcionalmente mais associada ao seu uso) e/ou à monitoração interna do indivíduo quanto ao seu uso (sendo a pessoa socialmente condicionada a esperar possíveis respostas negativas dos outros ao redor). A produção de palavrões em contexto de raiva pode variar de respostas automáticas, não propositais até agressão verbal estratégica. Em uma série de estudos de *corpora*, Jay observa 64% de uso de palavrão para expressar raiva ou frustração por crianças em uma colônia de férias. Outros usos foram classificados como denotativos e comentários sobre situações (14%), piadas (12%) e expressões de surpresa (5%) ou sarcasmo (5%) (JAY, 1992). Estudos com adultos em asilos de idosos (JAY, 1996a) e clínicas psiquiátricas (JAY, 1996b) replicaram essas proporções.

Os níveis de alerta e valência associados à força da resposta emocional são capturados por julgamentos de participantes em estudos normativos e sua correlação com medidas comportamentais e neurofisiológicas são avaliadas em pesquisas psico e neurolinguísticas. Nesses estudos, o julgamento da valência costuma distinguir entre palavras positivas, neutras e negativas, enquanto as palavras tabu apresentam índices negativos fortes iguais às palavras negativas, embora às vezes com tendências a menor negatividade do que essas (DONAHOO; LAI, 2020; SENDEK, 2021). Já em relação a alerta, palavras neutras eliciam julgamentos de alerta baixos, com maiores índices para palavras emocionais (positiva ou negativa), e estudos variam nos dados referentes a palavras tabu: alguns reportam maior alerta para essas (JANSCHWITZ, 2008) e outros não (DONAHOO; LAI, 2020).

Os estudos parecem indicar que a valência é um fator relativamente mais preditor da velocidade de resposta em tarefas como decisão lexical ou aquelas que envolvem níveis supralexicais (cf. uma revisão em DONAHOO; LAI, 2020), embora a valência possa ser mais relevante em processos de compreensão do que de produção (FINKELSTEIN, 2018). Porém, enquanto as palavras tabu e as palavras emocionais negativas compartilham medidas de valência negativa, alguns linguistas sugerem que a diferença entre essas categorias é que

palavrões seriam esvaziados de conteúdo, funcionando largamente como intensificador das palavras ao redor (ex.: *um puta carro*) (POTTS, 2007; DONAHOO *et al.*, 2022). Isso pode ser verdade para alguns dos mais frequentes palavrões, mas não para todos. Outra diferença proposta é o processamento de palavrões demandar uma sensibilidade relativamente maior ao contexto sentencial e à situacionalidade que são altamente influentes na significação do palavrão, o que requer um processamento aguçado da pragmática e do nível do tabu social em questão. Esse último aspecto parece ser confirmado em estudos neurofisiológicos que mostram que comparadas a palavras neutras tanto palavras negativas quanto palavras tabu eliciam respostas neurofisiológicas fortes e imediatas, entre 250 e 550ms após a apresentação da palavra. No entanto, apenas palavras tabu demandam maior engajamento cognitivo no intervalo de tempo imediatamente posterior (550ms a 750ms) Os autores Donahoo e Lai (2020) interpretaram que a primeira resposta, mais imediata, está associada a um nível atencional aguçado devido à carga emocional de valência negativa, enquanto a resposta mais tardia estaria refletindo custos de processamento de pragmática e contexto social devido ao nível de tabu. Ambas as respostas são moduladas principalmente por valência, e, de modo menos robusto, por alerta (KANSKE; KOTZ, 2007; CITRON, 2012; CITRON; WEEKES; FERSTL, 2012). A importância do contexto social durante a aquisição de palavras tabu também foi atestada em um estudo de ERP com falantes norte-americanos que apresentaram maior ativação no intervalo mais tardio (500 a 800ms após a apresentação do palavrão)² ao lerem palavras tabu na variedade norte-americana, mas não

² Com metodologia ERP (Potencial Relacionado a Evento), podem ser coletadas assinaturas neurofisiológicas em relação ao processamento de determinados tipos de estímulo ou tarefas. O ERP de Negatividade Posterior Imediata (Early Posterior Negativity) ou EPN ganha seu nome por ser uma resposta neurofisiológica com potencial elétrico negativo que aparece de forma muito imediata, entre 200 e 300ms após o início da apresentação de estímulo e pode ser observada em eletrodos colocados nas áreas posteriores do escalpo. A amplitude da onda neurofisiológica é maior em resposta a palavras com valência positiva ou negativa, comparadas a palavras neutras em uma variedade de tarefas. Isso consolida seu status cognitivo como automático, largamente independente da tarefa, associado ao processamento implícito da carga emocional do estímulo. (CITRON, 2012). A resposta de ERP conhecida como Complexo Positivo Tardio (Late Positive Complex ou LPC) pode ser caracterizada por refletir processos mais controlados em fases posteriores de processamento, entre 500 e 800ms após a apresentação

ao lerem palavras tabu na variedade britânica, as quais eram conhecidas e cujo nível tabu era reconhecido, mas com as quais não tiveram vivências sociais (SENDEK *et al.*, 2021). Portanto, esse estudo mostra que a sensibilidade a variantes mais familiares, cujo valor social é associado à representação mental lexical e desenvolvido a partir de experiências na comunidade de fala, se evidencia não só na percepção consciente desses traços, mas também nos estágios mais imediatos e automáticos do processamento e seus reflexos neurofisiológicos.

A maioria desses estudos investiga o processamento de palavras tabu em isolamento, porém um estudo recente com contexto sentencial mostra que a força dessas respostas neurofisiológicas pode ser amenizada quando palavras tabu são apresentadas em contextos nos quais a interpretação do significado depende da sentença como todo. Porém, esse resultado talvez seja restrito, já que o experimento repetiu os mesmos 4 palavrões em várias sentenças, e ainda usou palavrão do tipo muito frequente e com maior uso como expletivo (ex. *The fucking lawyer paid the jury*; ‘o maldito advogado subornou o júri’ cf. DONAHO; PFEIFER; LAI, 2022). Em conjunto, esses dados sugerem que para palavrões há algo na percepção que vai além das dimensões de baixa valência emocional e alto alerta, dado que estas também caracterizam palavras negativas, e que o processamento de palavras tabu se distinguiria das palavras emocionais devido a uma propriedade inerente que é a sua grande especificidade sociocultural. Com objetivo de avaliar ao que corresponde essa especificidade em termos psicolinguísticos, Janschewitz (2008) propõe analisar outras dimensões das palavras emocionais, entre elas o nível de tabu, ofensividade, familiaridade e uso. Em concordância com a literatura resenhada, esperamos que as palavras tabu se distingam das outras categorias lexicais emocionais em termos de valência (em relação à categoria positiva e neutra) e em termos de alerta palavras neutras apresentariam índices médios, palavras com valência positiva ou negativa, índices altos, possivelmente com maior índice de alerta para

do estímulo. A onda neurofisiológica que marca esse componente tem amplitude positiva maior em resposta a estímulos com valência emocional comparados a estímulos neutros, com maior saliência em eletrodos posteriores. Essa resposta neurofisiológica é sensível a tipo de tarefa e é modulada pela valência e relevância emocional dos estímulos reconhecidos pelos participantes. Em comparação ao EPN, o LPC, refletiria processamento de carga emocional de modo mais controlado e explícito (CITRON, 2012).

palavras tabu (JANSCHWITZ, 2008) ou não (DONAHOO; LAI, 2020). Para ainda distinguir entre palavras negativas e tabu as outras dimensões contribuiriam, principalmente, o grau de tabu e ofensividade (ambas com expectativa de maiores índices para palavras tabu), mas também o de uso e familiaridade (com menores índices para palavras tabu).

5 O presente estudo

Esse estudo objetiva investigar o que caracteriza a categoria de palavras tabu de outras palavras emocionais, quanto às suas dimensões psicossociais relevantes, e como o perfil sociocultural dos participantes está relacionado a atitudes linguísticas frente a palavras tabu, e como essas atitudes modulam efeitos de monitoramento. Para atingir tal fim, pretendemos: (i) normatizar palavras tabu, replicando estudo de Janschewitz (2008) sobre as dimensões das palavras tabu; (ii) investigar o perfil psicossocial de quem usa palavrão; e (iii) estender a análise ao nível de percepção por influência de atitudes linguísticas e observar o quanto as reações afetivas e cognitivas estão alinhadas às reações comportamentais.

Para tanto, o estudo foi dividido em duas partes, sendo a primeira uma classificação de palavras, onde aferiu-se as dimensões das palavras para além de alerta e valência. Seguimos Janschewitz (2008) que propõe a adição de duas medidas elaboradas a partir da junção de dois julgamentos: inadequação e frequência. A medida de frequência foi produzida através dos resultados de julgamentos de uso pessoal e familiaridade, que deu uma média entre a frequência pessoal de cada indivíduo sobre o uso das palavras – indicador subjetivo – e do quão frequentemente eles encontram as palavras no dia a dia - indicador global. Os indicadores de tabu social e ofensividade foram analisados juntos, formando assim a medida de inadequação. A junção dos dois critérios se fez pertinente devido à natureza subjetiva da pergunta sobre o nível de ofensividade e a de características mais gerais como a pergunta sobre o nível de tabu social (JANSCHWITZ, 2008; JAY, 1992). A expectativa de se receber respostas diversas sobre o grau de ofensividade, dado que essa depende de fatores pessoais, não permitiria uma análise de grupo dos dados. Ao mesmo tempo, esperando que níveis de tabu social fossem ter respostas com a mesma tendência, a análise seria pouco explicativa. As seis medidas foram comparadas com as respostas das palavras emocionais

do estudo – positivas, negativas e neutras – para então identificar qual o fator responsável pela discrepância no processamento entre elas.

A segunda parte foi um curto questionário no qual foram feitas perguntas sobre os participantes em relação à sua religiosidade, ao seu costume de uso de palavrões, a propensão à ofensa em relação a palavrões e a tolerância de sua família quanto ao uso de palavrões. Esse questionário serviu para analisar de fato o perfil do falante acerca de suas atitudes e vivências em relação a palavrões. Enquanto prevemos que religiosidade, gênero e tolerância da família tenham uma relação mais claramente causal sobre o julgamento em relação ao palavrão, outras características psicossociais têm mais relação de correlação (i.e. a pessoa se ofende, então usa menos; ou, a pessoa usa menos, então se ofende mais fácil).

6 Métodos

6.1 Participantes

Foram recrutadas para o estudo 164 pessoas entre 18 e 35 anos (média=23,9 anos; DP: 6,74), nascidas e criadas na região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro (M=51, F=109, outro=3, não reportado=1). Dessa amostra, foram retirados 12 participantes que não entraram em conformidade com critério de idade, lugar e/ou consistência na tarefa, ficando no total 152 respostas.

6.2 Estímulos

Quatro condições diferentes de palavras foram utilizadas nesse estudo: palavras negativas (e.g. *crime*, *funeral*), palavras neutras (e.g. *estojo*, *cabra*), palavras positivas (e.g. *bondade*, *sorvete*) e palavras tabu (e.g. *merda*, *cuzão*) (Cf. <https://osf.io/escmx/> para uma lista completa). As palavras negativas, neutras e positivas foram retiradas de dois estudos normativos de alerta e valência em língua portuguesa (KRISTENSEN *et al.*, 2011; OLIVEIRA *et al.*, 2013) que usaram a mesma escala para dividir a valência das palavras, de 1 a 9, sendo 1 muito baixo (negativa) e 9 muito alto (positiva). Foram consideradas palavras negativas todas aquelas que estivessem abaixo do nível de valência 2,57; positivas, todas as que

estivessem acima de 8,0; e neutras, todas as que estivessem orbitando 5,0 (JANSCHWITZ, 2008). As palavras tabu foram escolhidas de acordo com um questionário realizado especificamente para este estudo com finalidade de criar um inventário lexical.³

O total de 200 palavras foi controlado por categoria gramatical, sendo 32 substantivos (128), 13 adjetivos (52) e 5 verbos (20) em cada condição. Note-se que as palavras da categoria tabu são difíceis de serem classificadas quanto à sua categoria morfológica⁴ e para tanto foi necessário auxílio de dois dicionários online.⁵ Em seguida, as palavras foram divididas em 5 listas diferentes contendo 40 palavras cada uma (10 de cada categoria), de forma que nenhuma delas se repetisse. A média da frequência das palavras em cada categoria foi, em valor zipf, 4,11(DP:0,66) para palavras positivas; 3,81(DP:0,83) para palavras negativas; 3,92(DP:0,83) para palavras neutras; 2,87(DP:0,72) para palavras tabu. A análise estatística revelou que havia diferença entre a frequência das palavras nas categorias ($F(3)=23,62$, $p<0,001$), sendo que essa diferença só se manifestou significativamente entre a categoria tabu e todas as outras (Tukey: $p<0,001$), que não se distinguiram estatisticamente. Atribuímos a diferença da categoria tabu, em parte, à pouca representatividade de palavra tabu no *corpus* consultado, o que não necessariamente reflete a frequência das palavras no uso da língua.

O número médio de sílabas para cada categoria foi de 3,04(DP:0,92) para palavras positivas; 2,78(DP:0,62) para palavras negativas; 2,72(DP:0,67) para palavras neutras; e 2,70(DP:0,76) para

³ Setenta e seis voluntários ($M = 36$) responderam quais as 10 palavras tabu que lhe são mais familiares. A palavra *caralho* - do campo semântico *partes do corpo* - apareceu como a mais familiar, com 16,4% do total. A segunda palavra mais frequente, *porra - fluido corporal* -, aparece com 12,9% do total, seguida de *merda* com 10% do total, parte do mesmo campo semântico.

⁴ Por exemplo, ao acessar o dicionário Houaiss, a palavra vadia é catalogada como substantivo masculino (“indivíduo que não trabalha, não se empenha, não tem ocupação”) e substantivo feminino (“mulher que, sem viver da prostituição, leva vida devassa ou amoral” e adjetivo (“que não tem ocupação, trabalho, ou que nada faz”) (<https://houaiss.uol.com.br/> acessados em 01/09/2022). Ademais, palavras que pelas suas características morfológicas e semânticas são mais bem classificadas como substantivos, como *bosta*, podem ser usadas com características distribucionais adjetivais ao modificar substantivos, como em “que filme bosta!”

⁵ <https://www.dicio.com.br/> e <https://dicionario.priberam.org/>.

palavras tabu. O número médio de letras para cada categoria foi de 6,70(DP: 2,03) para palavras positivas; 6,46(DP:1,34) para palavras negativas; 6,30 (DP:1,47) para palavras neutras; e 6,20(DP:1,78) para palavras tabu. Um teste anova mostrou que as diferenças de número de sílabas entre categorias não foram significantes ($F(3)=2,176$, $p=0.09$), nem as do número de letras ($F(3)= 0,842$, $p=0.472$).

6.3 Procedimentos

O experimento foi aplicado remotamente a partir da plataforma PC IBEX (ZERH; SCHWARZ, 2018), que é uma plataforma gratuita desenvolvida para experimentos comportamentais, utilizando linguagem JavaScript. Os participantes foram comunicados dos riscos que a tarefa poderia oferecer, como cansaço e possível ofensividade, e deram seu consentimento. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRJ, IESC, em 6 de julho de 2022, CAAE nº 58346722.0.0000.5286.

A tarefa foi dividida em duas partes, sendo a primeira composta por uma reprodução de um estudo de classificação de palavras realizado por Janschewitz (2008) em língua inglesa. Como no estudo original, as respostas foram dispostas em uma escala Likert de 1 a 9 – sendo 1 o mínimo e 9 o máximo, em que 1, 5 e 9 mostravam rótulos de gradação pertinentes à pergunta sobre o julgamento de cada uma das palavras entre: i) uso pessoal, relativo à frequência individual da pessoa quanto ao uso da palavra, com grau 1 = nunca, grau 5 = às vezes, grau 9 = sempre; ii) familiaridade, relativo à frequência com a qual a pessoa avalia encontrar a palavra no dia a dia, com grau 1 = nunca, grau 5 = às vezes, grau 9 = sempre; iii) ofensividade, relativo ao quão ofensiva a palavra é para a pessoa, com grau 1 = nem um pouco, grau 5 = um pouco, grau 9 = muitíssimo; iv) tabu social, relativo a quão ofensiva a pessoa acredita que a palavra é para os outros, com grau 1 = nem um pouco, grau 5 = um pouco, grau 9 = muitíssimo; v) valência, relativo a quão positiva, negativa ou neutra a pessoa avalia a palavra, com grau 1 = negativa, grau 5 = neutra, grau 9 = positiva; vi) alerta, relativo ao quanto a palavra chama a atenção da pessoa, com grau 1 = nem um pouco, grau 5 = um pouco, grau 9 = muitíssimo; vii) imageabilidade, relativo ao quanto a palavra evoca uma imagem na cabeça da pessoa, com grau 1 = nem um pouco, grau 5 = médio e grau 9 = muito. O teste pode ser acessado em sua versão demo pelo endereço

eletrônico <https://farm.pcibex.net/r/TDWIGP/>. Por questões de relevância, neste artigo não será realizada a análise dos dados de imageabilidade.

Ao fim da classificação, a segunda parte baseava-se em um questionário com perguntas que continham respostas de múltipla escolha: 1. *Você costuma usar palavrão?*, com opções de resposta *Todos os dias*, *Com certa frequência*, *Às vezes* e *Nunca*; 2. *De modo geral, você se ofende com palavrão?* com opções de resposta *Nunca*, *Com pouca frequência*, *Com frequência* e *Sempre*; 3. *Na sua família, como era a tolerância em relação ao uso de palavrão?* com opções de resposta *Todos usavam palavrão*, *Às vezes reclamavam do uso*, *Sempre reclamavam do uso* e *Era proibido o uso, ninguém falava*; e 4. *Você é uma pessoa religiosa?*, com opções de resposta *Sim*, *Sim, mas não praticante*, *Minha família sim, mas eu não*, *Não* e *Prefiro não falar*. A motivação para as perguntas foi baseada numa perspectiva de avaliação de atitude linguística, buscando comparação entre as respostas dadas no questionário final com as respostas dadas para cada palavra isolada. Nessa lógica, a pergunta sobre uso pessoal e ofensividade foi feita duas vezes; uma durante a primeira parte da tarefa, respondida diretamente à avaliação de todas as palavras (positivas, negativas, neutras e tabu) em isolamento e outra na segunda parte da tarefa, quando a pergunta se referiu explicitamente ao contexto de palavras tabu como palavrões, eliciando uma avaliação da atitude em relação a esses de forma geral.

6.4 Análise

A primeira parte da análise teve como objetivo verificar de que modo os diferentes julgamentos são capazes de caracterizar e distinguir entre as quatro categorias de palavras previstas. Para isso, analisamos subconjuntos dos dados, separados por dimensão, com as respostas da escala Likert como dado ordinal, com efeito fixo tipo de palavra (positivo, neutro, negativo, tabu) e participante e item como fatores randômicos. Aplicamos o modelo de regressão logística de efeitos mistos para dados ordinais usando a função `clmm()` do pacote `Ordinal`, na plataforma (R Core Team, 2020), de acordo com as recomendações de Endresa e Janda (2017) para dados de escala Likert.

O mesmo método estatístico foi aplicado para analisar a influência das características socioculturais dos participantes sobre os julgamentos. Essa análise foi feita no conjunto de respostas apenas para as palavras tabu, separado em subconjuntos por tipo de julgamento testando modelos com um efeito fixo por vez (efeitos fixos: religiosidade, propensão à

ofensa a palavrão, costume de uso de palavrão, tolerância da família a palavrão e gênero) e com efeitos randômicos de participante e item. Para verificar a significância dos modelos, fizemos a comparação aninhada com modelos nulos com o teste de Likelihood ratio (doravante LRT) (CHRISTENSEN, 2018). Para facilitar a legibilidade do texto, os resultados dos LRTs são reportados para sinalizar a relevância dos efeitos fixos. Para explicar a distribuição dos julgamentos, relatamos o número de julgamentos em porcentagem para os graus relevantes da escala Likert. Para os resultados das comparações estatísticas múltiplas entre os níveis dos fatores analisados referimos às tabelas nos materiais suplementares para a verificação dos coeficientes da significância estatística. Análises de correlação foram feitas com função `cramer_v()` com pacote `rstatix` (KASSAMBARA, 2021). A visualização dos resultados foi feita com o pacote `ggplot()` (escala de Likert) e `ggcorrplot()` (análise de correlação).

7 Resultados

7.1 Resultados da normatização da categorias das palavras

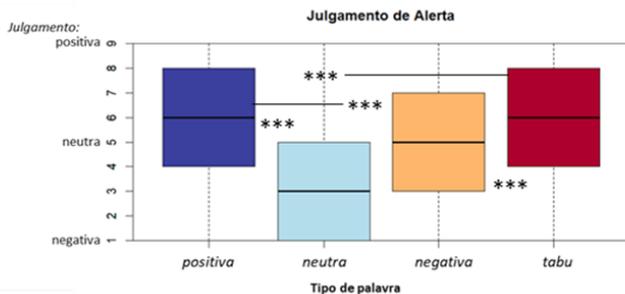
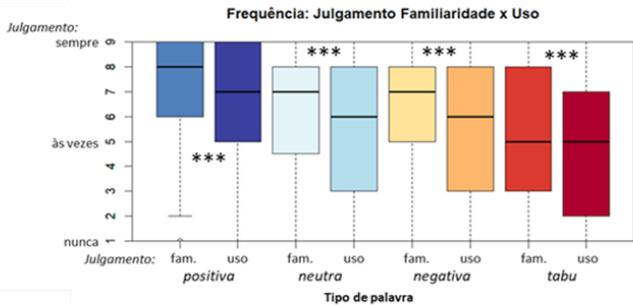
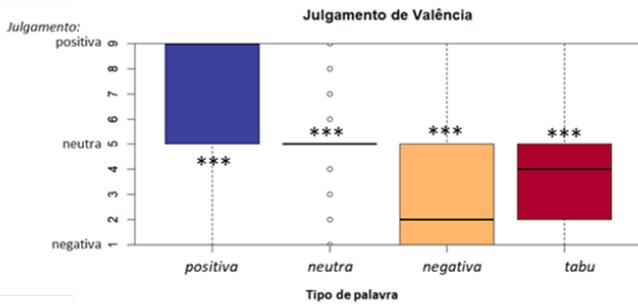
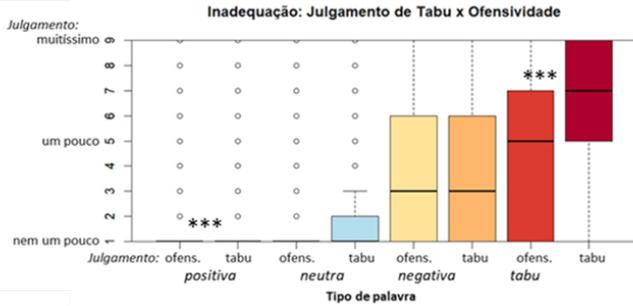
Os níveis de adequação foram significativamente maiores para a categoria de palavras tabu comparada a todas as outras ($LRT(3)=314,03$, $P<0,001$). Na Imagem 1, pode ser observado como os julgamentos de tabu social e ofensividade, cujas medidas médias compõem o índice de adequação, diferenciam entre si. Ambas são variáveis significantes (tabu social: $LRT(3)=322,39$, $p<0,001$; ofensividade: $LRT(3)=220,22$, $p<0,001$). O julgamento de tabu social foi significativamente maior para palavras tabu, comparado ao de outras categorias (tabu x neg: $z=-23,13$, $p<0,001$; tabu x neutra: $z=-22,86$, $p<0,001$; tabu x pos: $-12,27$, $p<0,001$), seguido pela categoria de palavras negativas, que por sua vez apresentou medidas estatisticamente distintas daquelas das categorias de palavras neutras e positivas (neg x pos: $z=11,92$, $p<0,001$; neg x neutra: $11,60$, $p<0,001$), que apresentaram baixíssimos níveis de tabu e entre as quais não houve diferença (pos x neutra: $0,35$, $p=0,78$). As palavras tabu também foram julgadas mais ofensivas (tabu x neg: $z=-2,59$, $p<0,01$; tabu x neutra: $z=-13,38$, $p<0,001$; tabu x pos: $-16,11$, $p<0,001$), seguidas por palavras negativas, depois as neutras e positivas, ambas com quase nenhuma ofensividade; tendo diferença significativa entre todas as

categorias (para verificar os coeficientes de todos os contrastes cf. Tabela 3 nos materiais suplementares). Portanto, de modo geral, o julgamento para tabu social foi maior que aquele para ofensividade, mas essa diferença foi significativamente mais expressiva para a categoria de palavras tabu ($z=17.86$, $p<0,001$). Devido aos julgamentos baixos de tabu, 5 palavras foram excluídas da análise posterior à influência do perfil psicossocial sobre os julgamentos (somadas nos níveis 1 a 4: *sarro* com 72,41%, *calhorda* com 68,97%, *xixi* com 62,07%, *canalha* com 55,17%, e *diacho* com 51,72%). Na discussão, exploramos os julgamentos variados em relação às palavras tabu individuais de forma mais aprofundada.

O julgamento de frequência, composto por perguntas de uso e familiaridade, mostrou um índice significativamente menor para palavras tabu ($LRT(3)=39,142$, $p<0,001$). Analisadas separadamente, observamos tendência semelhante nas variáveis significantes de familiaridade e uso (familiaridade: $LRT(3)=42,95$, $p<0,001$; uso: $LRT(3)= 35,218$, $p<0,001$), com índices significativamente menores para palavras tabu para familiaridade (tabu x neg: $z=3,16$, $p<0,01$; tabu x neutra: $z=2,94$, $p<0,01$; tabu x pos: $z=6,88$, $p<0,001$), e para uso (tabu x neutra: $z=2,64$, $p<0,01$; tabu x pos: $z=6,03$, $p<0,001$, mas não para tabu x neg: $z=1,80$, $p=0,073$). A diferença entre o julgamento para familiaridade e uso é estatisticamente distinta para todas as categorias, embora varie sua grandeza (em ordem decrescente: neg: $-10,97$, $p<0,001$; tabu: $-6,47$, $p<0,001$; neutra: $z=-6,35$, $p<0,001$; pos: $z=-6,19$, $p<0,001$).

O julgamento de valência foi maior para as palavras positivas, e menor para as palavras negativas. As palavras neutras tiveram a grande maioria (72,70%) para grau 5, indicando valência neutra. As palavras tabu receberam na sua maioria julgamentos de valência negativa, porém menos negativa que para palavras negativas (tabu x neg: $z=-5,56$, $p<0,001$), e mais negativa comparada às palavras neutras (tabu x neutras: $z=6,99$, $p<0,001$) e às palavras positivas (tabu x pos: $z=19,4$, $p<0,001$). Todas as categorias se distinguiram significativamente entre si.

Imagem 1 – Distribuição das medidas dos julgamentos de inadequação (tabu x ofensividade), valência, frequência (familiaridade x uso) e alerta para as quatro categorias de palavras emocionais (positiva, neutra, negativa e tabu)



Fonte: Elaboração própria.

O julgamento de alerta foi um preditor significativo ($LRT(3)=128.89$, $p<0,001$), com índices de alerta maiores para palavras tabu e palavras positivas, que não apresentaram diferença significativa entre si ($z=-1,58$, $p=0.11$). As palavras negativas apresentaram julgamentos médios em relação a alerta (tabu x neg: $z=-12,26$, $p<0,001$) e as palavras neutras receberam julgamentos mais baixos (tabu x neutra: $z=-3,98,39$, $p<0,001$).

7.2 O perfil psicossocial dos participantes

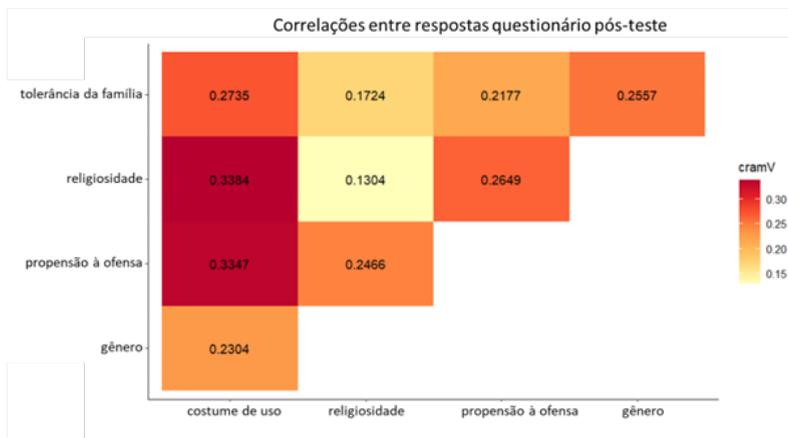
No questionário pós-teste, coletamos as seguintes características psicossociais dos participantes: *religiosidade*, *propensão à ofensa (a palavrão)*, *costume de uso (de palavrão)*, *tolerância da família (em relação a palavrão)*, e também incluímos nesses dados a resposta à pergunta feita sobre gênero antes do início do teste. As proporções das respostas em porcentagem estão apresentadas na Tabela 1. Sobre religiosidade, uma parcela considerável dos participantes se disse “não religioso”, ou que “só [a] família” é religiosa. Quase um quarto se declarou “religioso” e o restante disse ser “não praticante”. A maioria dos participantes reportou ser pouco propensa a ofensa por palavrão, enquanto uma clara minoria disse estar “sempre” ofendida. Uma parte disse “nunca” ficar ofendida (15,8%). Os índices de uso são um pouco mais distribuídos: quase metade dos participantes selecionou a opção “diariamente” para costume de uso, seguido por “às vezes”, frequentemente e “nunca”. As análises de correlação, que são visualizadas na Imagem 2, indicaram que há uma leve correlação entre religião e uso, e entre propensão à ofensa e uso ($r: 0,338$ e $0,335$, respectivamente), no sentido de que há uma tendência de quanto menos religioso e mais ofendido, menor o uso de palavrão. Há outras correlações entre as respostas, mas elas são mais brandas ainda. Os participantes indicaram com maior índice que na família “às vezes reclamavam” do uso de palavrão, seguido por “uso livre” da parte da família e aproximadamente um quinto relatou proibição ou que “sempre reclamavam”. O gênero relatado foi de maioria feminino.

Tabela1 - Proporção das respostas do questionário final e do gênero dos participantes

Religiosidade	%	Propensão à ofensa	%	Costume de uso	%	Tolerância da família	%	Gênero	%
Não religioso	36,2	Sempre	5,92	Diariamente	42,1	Proibido	19,7	Feminino	67,8
Só família	19,1	Frequentemente	10,5	Frequentemente	17,1	Sempre reclamavam	18,4	Masculino	30,3
Não praticante	19,1	Pouco	67,8	Às vezes	24,3	Às vezes reclamavam	38,2	Outro	1,97
Religioso	24,3	Nunca	15,8	Nunca	16,4	Uso livre	23,7		

Fonte: elaboração própria.

Imagem 2 – Correlação obtida com análise Cramer_v (índice de correlação de 0 a 1) entre as respostas dadas no questionário pós-teste



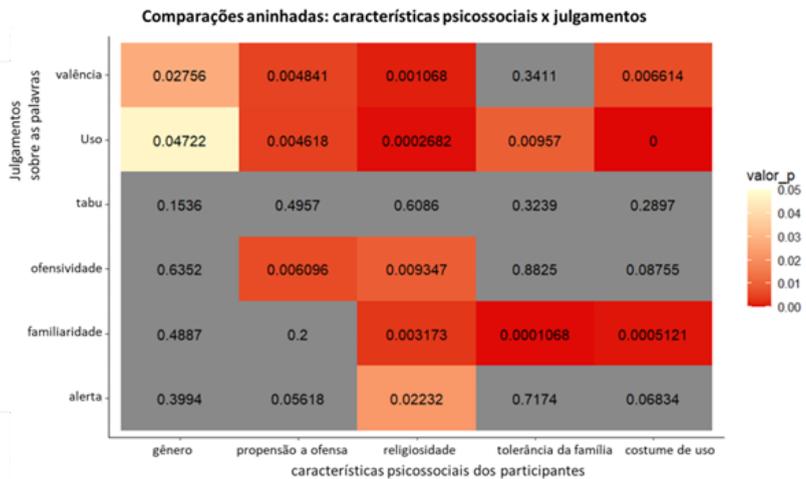
Fonte: elaboração própria.

7.3 Influência das características psicossociais sobre a percepção das palavras tabu

Apresentamos agora a análise do efeito das características psicossociais sobre os julgamentos das dimensões feitas sobre as palavras tabu. Na Imagem 3, são apresentados os valores p resultantes da comparação aninhada entre os modelos (por fator psicossocial) e o modelo zero para cada tipo de julgamento. Essas comparações mostram que o fator psicossocial com maior impacto é a religiosidade, que influencia todos os julgamentos menos o de tabu social (ofensividade: $LRT(3)=11,49, p<0,01$; uso: $LRT(3)=19,04, p<0,001$; familiaridade: $LRT(3)=13,81, p<0,01$; alerta: $LRT(3)=9,60, p<0,05$; valência: $LRT(3)=16,13, p<0,01$). De

impacto moderado, são o costume de uso e a propensão de ofensa, ambos influenciam a valência (costume de uso sobre valência: $LRT(3)=26,76$, $p<0,001$; propensão de ofensa sobre valência: $LRT(3)=12,91$, $p<0,01$). Ademais, costume de uso correlaciona, como esperado, com os julgamentos de uso e familiaridade (uso: $LRT(3)=59,32$, $p<0,001$; familiaridade: $LRT(3)=17,68$, $p<0,001$), e a propensão à ofensa com o julgamento de ofensividade ($LRT(3)=26,93$, $p<0,001$). Os fatores psicossociais de menor impacto são tolerância da família e gênero, dos quais o primeiro resulta em modelos mais significativos para os julgamentos de uso e familiaridade (uso: $LRT(3)=11,44$, $p<0,01$; familiaridade: $LRT(3)=20,97$, $p<0,001$), e o segundo para julgamentos de valência e uso (valência: $LRT(1)=2,22$, $p<0,05$; uso: $LRT(1)=3,94$, $p<0,05$). Nas seções a seguir, apresentamos os detalhes da análise por fator psicossocial.

Imagem 3 – Plotagem da significância estatística (valor p) das comparações aninhadas entre os modelos (julgamento ~ fator psicossocial) e modelos nulos (julgamento ~ 1), indicativa da significância de cada característica psicossocial em relação aos julgamentos



Fonte: elaboração própria.

7.3.1 Religiosidade

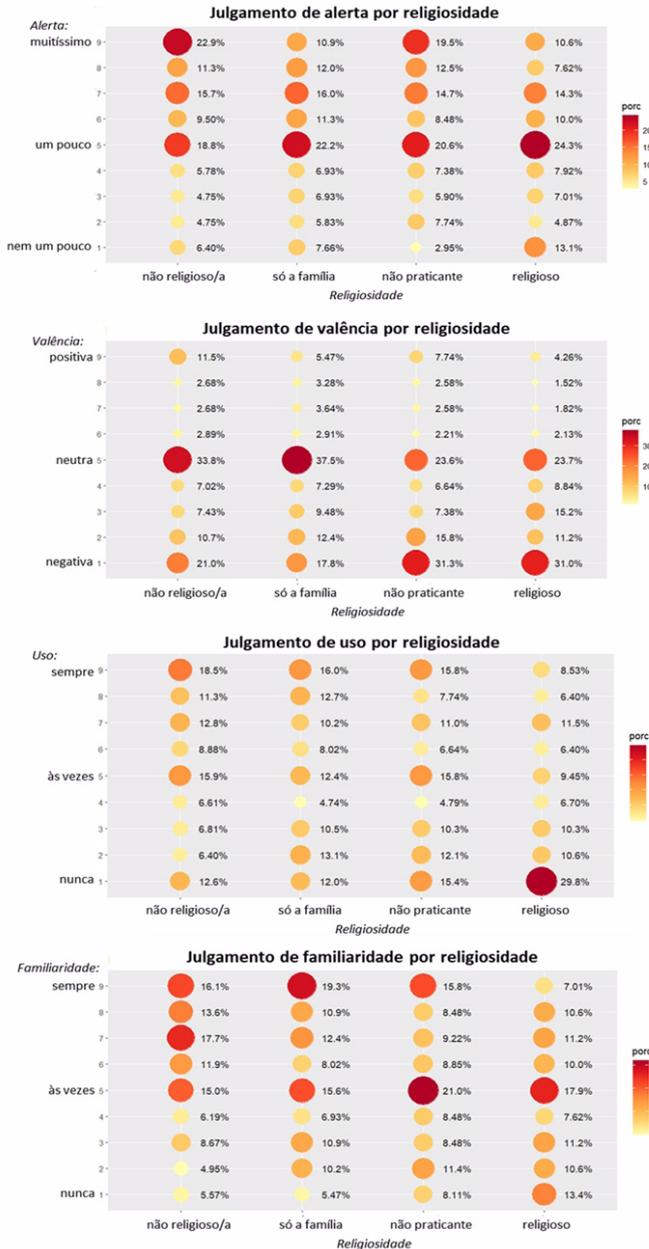
O efeito do grau de religiosidade reportado pelos participantes no questionário pós-teste não foi um preditor significativo do julgamento tabu ($LRT(3)=1,829$, $p=0,609$). Todos os participantes selecionaram

majoritariamente 9 (=muitíssimo) para tabu, variando entre 32,3% e 35,12%, (Cf. Tabela 4 nos materiais suplementares para verificar todas as porcentagens). Porém, o grau de ofensividade julgado para as palavras foi significativamente influenciado pela religiosidade dos participantes (LRT(3)=11,49, $p<0,01$) (ver Imagem4). Os participantes não religiosos ou aqueles que indicaram que só a família é religiosa apresentaram maior julgamento para nem um pouco ofensivo (=grau 9), com 33,26% e 30,29%, respectivamente. Os participantes religiosos não praticantes e os religiosos se distinguiram significativamente desses e atribuíram porcentagens mais uniformemente distribuídas sobre os nove graus, com porcentagens relativamente maiores que os outros participantes para muitíssimo ofensivo (19,19% e 15,8%, resp., vs. 12,1% e 9,85% para grau 9).

Religiosidade também foi um preditor de julgamentos de uso (LRT(3)=19,04, $p<0,001$), com significativamente menor uso por participantes religiosos, que indicaram com 29,88% nunca (=grau 1) usarem as palavras tabu, comparados a 15,50%, 12,04% e 12,60% para as respostas dos grupos “não praticante”, “só a família” e “não religioso”, respectivamente. Esses grupos não apresentaram diferenças significativas nos julgamentos entre si. Religiosidade também afetou familiaridade (LRT(3)=13,812, $p<0,01$), de modo geral com maiores porcentagens para graus 5 a 9, comparado aos julgamentos de uso. O grupo de religiosos indicou ter significativamente menor familiaridade, com apenas 7,01% de familiaridade no grau 9 (=sempre), comparada a 16,12% e 19,34% para os não religiosos, ou o grupo só a família, enquanto o grupo não praticante apresentou maior proporção de respostas para grau 5 (=às vezes), com 21,03% (ver Imagem4). Religiosidade influenciou o julgamento de alerta (LRT(3)=9,598, $p=0,0223$) moderadamente, com participantes religiosos atribuindo significativamente *menor* alerta às palavras tabu que participantes não religiosos ou não praticantes. Os não religiosos e não praticantes atribuíram relativamente maior porcentagem ao grau 9 (=muitíssimo), com 22,93% e 19,56%, resp., enquanto religiosos e o grupo só família selecionaram com maior porcentagem o grau 5 (=pouco), com 24,39% e 20,6%, resp. (ver Imagem 4).

O julgamento de valência também foi afetado pela religiosidade (LRT(3)= 16,127, $p<0,01$) com julgamentos de valência significativamente mais negativos por participantes religiosos (31,0% para grau 1) e não praticantes (31,36% para grau 1) comparados aos julgamentos dos , participantes não religiosos (21,07% para grau 1) e grupo só família (17,88% para grau 1), os quais apresentaram a maior porcentagem para grau 5 (=neutra) (33,88% e 37,59%, resp.) (ver Imagem 4).

Imagem4 – Porcentagens de julgamentos (1 a 9) para ofensividade, valência, familiaridade e uso por grupo de religiosidade (não religioso; só a família; não praticante; religioso). Tons e tamanho do círculo indicam diferenças na porcentagem do nível da escala de Likert selecionado



Fonte: elaboração própria.

7.3.2 Propensão à ofensa ao palavrão

A propensão à ofensa por palavrão indicada pelos participantes não foi um preditor significativo do julgamento tabu ($LRT(3)=2,389$, $p=0,498$). Todos os participantes tiveram maiores porcentagens para a opção 9 (=muitíssimo), com 28,77%, 34,15%, 38,31% e 39,02% para quem “nunca” se ofende, “pouco” se ofende, “frequentemente” se ofende, e “sempre” se ofende, respectivamente (cf. Tabela 5 nos materiais suplementares para verificar todas as porcentagens). No entanto, houve a correlação esperada entre os julgamentos de ofensividade das palavras tabu individuais e a propensão à ofensa autodeclarada ($LRT(3)=26,82$, $p<0,01$). Isso se refletiu em uma tendência maior a julgar como “muitíssimo” ofensivas as palavras tabu por participantes que se declararam “frequentemente” ou “sempre” ofendidos por palavrão, com 24,68% e 32,93%. Numa tendência inversa, participantes que se diziam com zero (“nunca”) ou pouca propensão à ofensa selecionaram predominantemente a opção “nem um pouco” (=1), com 43,84% e 24,61%, respectivamente. A diferença entre os com zero propensão à ofensa e todos os outros foi significativa. Também houve um efeito significativo sobre o uso ($LRT(3)=009$, $p<0,01$), no sentido de que os participantes sempre e frequentemente ofendidos por palavrão indicaram usar significativamente menos (com 32,47% e 32,93%, resp., para opção (“nunca”) do que aqueles com zero ou pouca propensão à ofensa (que selecionaram com 17,35% e 15,85% a opção “sempre”). De modo geral, as pessoas mais propensas a ofensa foram mais categóricas no seu julgamento de uso (i.e. pouco a nunca para qualquer palavra tabu), enquanto para os outros grupos (de nunca ou pouca propensão à ofensa) as respostas eram mais distribuídas entre as opções 1-9, ou seja, para eles o uso parece depender de cada palavra individual sendo julgada. Em contrapartida, o julgamento de familiaridade foi semelhante para todos os respondentes ($LRT(3)=4,6418$, $p=0,2$) com julgamentos maiores para grau 5 (=às vezes), variando de 16,85% a 18,83%, confirmando que essa medida é menos sensível a características subjetivas do a medida de uso.

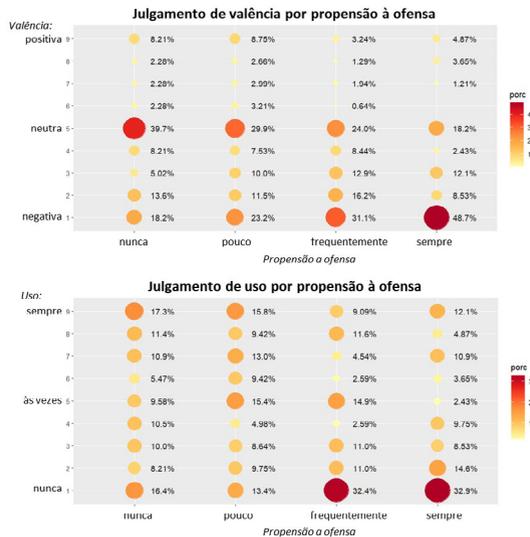
O nível de alerta para cada palavra tabu não foi significativamente influenciado pela propensão à ofensa ($LRT(3)=7,55$, $p= 0,0562$). De modo geral, houve uma leve tendência de atribuir níveis maiores de alerta (somando as porcentagens de 1-4 e de 6-9: 21,06%<55,76%, para “pouco” ofendidos; 25,32%<50,65%, para “frequentemente” ofendidos; e

36,59% < 50,0%, para “sempre” ofendidos), exceto para os participantes “nunca” ofendidos, (42,92% para graus 1-4 e 6-9).

Já o julgamento da valência foi dependente da propensão à ofensa (LRT(3)=12,907, $p < 0,01$), no sentido de que quanto maior a propensão à ofensa, mais negativas foram julgadas as palavras tabu, variando em proporção da resposta negativa máxima (=1) de 48,78%, 31,17%, 23,28%, e 18,26%, sendo que os com zero e pouca propensão à ofensa se agrupam no comportamento e se diferenciam estatisticamente dos que são frequentemente e sempre propensos a ofensa. Também houve uma parcela significativa de escolhas de valência neutra (=5), mas essa resposta justamente era selecionada mais, quanto menos propensão à ofensa, variando entre 18,29%, 24,03%, 29,93%, 39,73%.

Ou seja, quanto maior a propensão à ofensa, menor o uso, e mais negativamente é julgada a valência. Participantes foram consistentes nos seus julgamentos de ofensividade, independentemente de o julgamento recair sobre palavras tabu de forma implícita (durante o teste) ou explícita (no questionário pós-teste).

Imagem5 – Porcentagens de julgamentos (1 a 9) para valência e uso por grupo de propensão à ofensa a palavra (nunca; pouco; frequentemente; sempre). Tons e tamanho do círculo indicam diferenças na porcentagem do nível da escala de Likert selecionado



Fonte: elaboração própria.

7.3.3 Costume de uso de palavrão

Todos os participantes julgaram de forma semelhante a maioria das palavras na categoria tabu como “muitíssimo” (=9) tabu, variando entre 29,49% e 35,82% para todas as frequências de costume de uso (LRT(3)=3,751, $p=0,290$). O costume de uso de palavrão também não influenciou de forma significativa o julgamento de ofensividade (LRT(3)=6,55, $p=0,0876$), embora tenha havido uma tendência de, quanto maior o costume de uso, menor o grau de ofensividade (com 29,62% para “nem um pouco” ofensiva (=1), para usuários diários vs. 17,62% para quem usa “nunca”), e quanto menor costume de uso, maior a ofensividade (com 19,82% a opção “muitíssimo”, para quem “nunca” usa vs. 12,6% para usuários diários).

Os julgamentos de uso foram altamente correlacionados com o costume de uso de palavrão relatado (LRT(3)=59,32, $p<0,001$). Quanto maior o costume de uso, maior o julgamento de uso das palavras tabu (22,12% para grau 9 para usuários diários; 15,81%, para usuários frequentes; 9,74%, para quem usa “às vezes”; e 5,73% para quem “nunca” usa). No mesmo sentido, quem menos tem costume de usar palavrão mais julga “nunca” usar as palavras tabu (40,97% para 9 (=nunca) para quem “nunca” usa, e 20,34% para quem usa “às vezes”). Houve significância estatística entre os usuários mais frequentes e os mais raros (i.e. “diário” e “frequente”, por um lado, e “às vezes” e “nunca”, por outro).

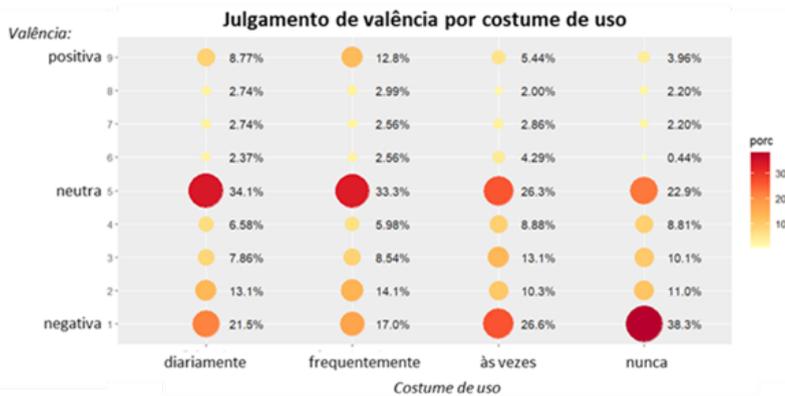
Os julgamentos de familiaridade foram mais semelhantes entre diferentes tipos de usuários, com exceção dos participantes que costumam “nunca” usar (LRT(3)=17,68, $p<0,001$). De modo geral, os participantes julgaram ter familiaridade com as palavras tabu, com porcentagens somadas dos índices 6-9 (mais que “às vezes”) maiores que as de 1-4 (menor que “às vezes”): 55,03%>29,80% (usuários diários), 53,85%>24,36% (usuários frequentes), e 50,43%>33,81% (usuários ocasionais). Porém, os que declararam nunca usar palavrão apresentaram a tendência contrária, com significância estatística, com porcentagens somadas maiores para índices 1-4, com 51,54%, do que para índices 6-9, com 29,52%.

Os julgamentos de alerta não sofreram influência de forma significativa do fator costume de uso (LRT(3)=7,1142, $p=0,0683$), apresentando maior número de julgamentos para “um pouco” (=5) para todos os participantes, com porcentagens variando de 20,51% a 22,06%. No entanto, o costume de uso influenciou o julgamento da valência (LRT(3)=26,759, $p<0,001$), refletindo que quanto menor o costume de uso,

mais negativa a avaliação das palavras (ex. para grau 1: 38,33% para os que “nunca” usam; 26,36% para os que usam “às vezes”; 21,57% para os que usam “frequentemente”, e 17,09% para os usuários diários). Usuários frequentes e diários atribuíram maior número de julgamentos para opção 5 (=neutro), com 33,33% e 34,19%, respectivamente (ver Imagem 6).

Portanto, o julgamento de frequência de uso das palavras tabu na tarefa sem indicação explícita da categoria da palavra correlacionou com costume de uso de palavrão reportado no pós-teste. No julgamento de uso, o grupo que relatou “nunca” usar palavrão se distinguiu de modo mais categórico dos outros grupos do que no julgamento de familiaridade, o que novamente sugere que esses julgamentos envolvem graus de subjetividade diferentes. Ainda, ficou claro que quem menos usa palavrão tem julgamento de valência mais negativa das palavras tabu.

Imagem 6 – Porcentagens de julgamentos (1 a 9) para valência por grupo de costume de uso de uso de palavrão (diariamente; frequentemente; às vezes; nunca). Tons e tamanho do círculo indicam diferenças na porcentagem do nível da escala Likert selecionado



Fonte: elaboração própria.

7.3.4 Tolerância da família em relação a palavrão

O grau atribuído ao julgamento tabu não foi significativamente influenciado pela tolerância da família em relação a palavrão (LRT(3)=3,476, $p=0,324$). Todas as categorias atribuíram porcentagem máxima ao grau 9 (=muitíssimo) para tabu social, variando entre

30,48% e 37,39%. Tampouco o julgamento de ofensividade sofreu influência significativa pelo fator tolerância ($LRT(3)=0,660$, $p=0,883$), com porcentagens máximas muito semelhantes entre os grupos para o grau 1 (=nem um pouco), variando entre 25,0% e 27,95%. Embora os participantes com proibição ao palavrão na família atribuíssem maior ofensa (20,45% para “muitíssimo”) que os outros grupos(entre 10,87% e 13,45% para “muitíssimo”), essa tendência não foi significativa.

Já sobre os julgamentos uso e familiaridade, a tolerância na família foi um preditor significativo (uso: $LRT(3)=11,44$, $p<0,01$; fam: $LRT(3)=20,971$, $p<0,001$). O grupo com proibição ao palavrão no ambiente familiar relatou significativamente menos uso de palavra tabu que os grupos. Eles apresentaram as porcentagens somadas para 1-4 (menor que “às vezes”) maiores do que as para 6-9 (maior que “às vezes”), com 53,16% vs.31,22%. Essa diferença se inverte para os outros grupos com valores significativamente distintos de 39,48% vs. 48,31 (“sempre reclamavam”), 38,64% vs. 47,54% (“às vezes reclamavam”) e, com diferença menor, 40,99% vs. 46,25%, para o grupo cuja família permitia o “uso livre”. Ou seja, esses grupos relatam justamente um uso médio gradativamente maior. Os julgamentos de familiaridade mostram uma tendência semelhante, com menor familiaridade para o grupo que relata a proibição (46,48%, menor que “às vezes” vs. 33,83% maior que “às vezes”) , e o inverso para os outros grupos, indicando uma familiaridade maior. O grupo que relata “uso livre” apresenta relativamente diferença maior entre familiaridade acima de “às vezes”, com 59,94% (para graus 6-9) vs. 23,6% (para graus 1-3). Os outros grupos apresentaram 48,74% vs. 33,6% (“sempre reclamavam”) e 51,14% vs. 32,76% (“às vezes reclamavam”) de porcentagens somadas para maior e menor familiaridade, respectivamente.

A tolerância da família não foi um fator significativo para o julgamento de alerta ($LRT(3)=1,350$, $p=0,717$), nem para o julgamento de valência ($LRT(3)=3,347$, $p=0,341$). De modo geral, os julgamentos mais representativos foram os de 5 (=um pouco), com porcentagens variando entre 19,88% e 24,79%. Quanto maior a restrição da tolerância na família, mais negativa a avaliação das palavras tabu. O grupo que relatou proibição apresentou 33,83% para grau 1 (=negativa), seguido por 26,40% para o grupo de “uso livre”, e 21,40% e 20,59% para os grupos cujas famílias reclamavam “às vezes” ou “sempre”, respectivamente. Contudo, essas diferenças não distinguiram os grupos de forma significativa.).

Em suma, a experiência de menor tolerância da família em relação a palavrão se correlaciona com julgamentos de uso e familiaridade de palavras tabu relativamente menores, principalmente para o grupo que relata proibição.

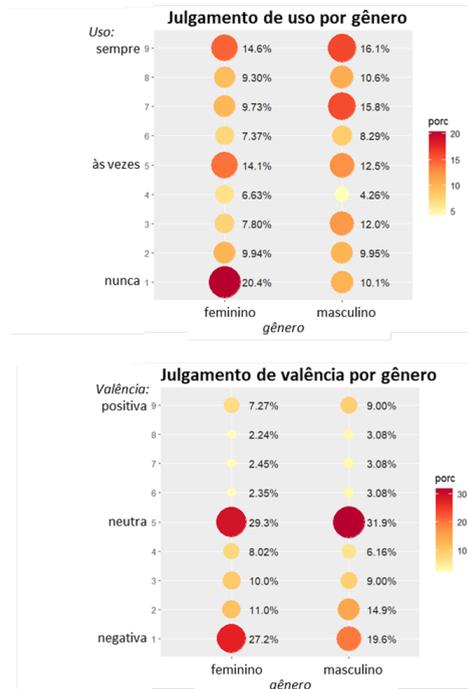
7.3.5 Gênero

O conjunto de participantes contou com 46 pessoas de gênero masculino, 103 de gênero feminino e 3 pessoas que indicaram como gênero “outro”. Na análise de efeito de gênero sobre os julgamentos das palavras tabu não incluímos os participantes que selecionaram “outro” por conta do baixo número de representantes deste grupo. O julgamento de nível de tabu social não foi estatisticamente diferente entre as pessoas de gênero masculino e feminino ($LRT(1)=2,036$, $p=0,154$). Os participantes de gênero feminino selecionaram com maior número o grau máximo de tabu (“muitíssimo” tabu=9), com 36,47%, comparado aos homens, com 28,67%. Porém, em média, ambos selecionaram porcentagens somadas semelhantes para as opções 6-9 (74,01% e 71,09%). Os julgamentos de ofensividade também foram semelhantes entre os grupos ($LRT(1)=0,225$, $p=0,635$), com maior porcentagem para a opção 1 (=nem um pouco), com 26,84% e 23,93% para os participantes de gênero feminino e masculino, respectivamente. As outras opções foram selecionadas de acordo com uma distribuição equilibrada entre as opções, variando entre 6,16% e 15,40%.

Os julgamentos de uso sofreram uma leve influência do fator gênero ($LRT(1)=3,938$, $p<0,05$), que reflete principalmente na escolha proporcionalmente maior pelos participantes de gênero feminino para a opção “nunca” para uso com 20,43% comparado a 10,19% pelos participantes de gênero masculino (ver Imagem 7). Já não houve diferença nas respostas em relação à familiaridade ($LRT(1)=0,479$, $p=0,489$), para a qual ambos selecionaram a opção 5 relativamente mais (17,22% e 16,82%). O preditor alerta também não apresentou significância ($LRT(1)=0,71$, $p=0,399$), com maior número de respostas para opção 5 (=um pouco), com 22,57% e 18,25%. No entanto, a valência foi julgada de forma levemente distinta ($LRT(1)=4,855$, $p<0,05$), no sentido de que todos os participantes apresentaram número de seleção semelhante para opção “neutra” (=5), com 29,30% e 31,99%, enquanto divergiram na opção mais negativa (=1), com 27,27% de respostas para os participantes de gênero feminino e 19,67% para participantes de gênero masculino (ver Imagem7).

Em suma, o julgamento de uso indicou maior tendência a negar o uso para participantes de gênero feminino, bem como uma maior valência negativa para palavras tabu. A ausência do efeito de gênero sobre familiaridade indica a diferença qualitativa dos julgamentos uso e familiaridade.

Imagem 7 – Porcentagens de julgamentos (1 a 9) para uso e valência por gênero. Tons e tamanho do círculo indicam diferenças na porcentagem do nível da escala de Likert selecionado



Fonte: elaboração própria.

8 Discussão

8.1 A classificação das categorias de palavras

Apesar de os participantes não receberem instrução explícita que julgariam palavras tabu durante a tarefa, eles julgaram as palavras

dessa categoria como mais ofensivas e com maior grau de tabu social comparadas às outras, corroborando os resultados de outros estudos normativos (DONAHOO; LAI, 2020; ANSCHEWITZ, 2008; SENDEK *et al.*, 2021). Uso e familiaridade também foram mais baixos para palavras tabu. A frequência de uso das palavras foi medida através de uma média entre os julgamentos sobre o uso pessoal e a familiaridade. Replicamos os menores índices de familiaridade e uso encontrados para palavras tabu por Janschewitz (2008), com relativamente maior familiaridade que uso. Isso confirma que o julgamento de uso provavelmente é de natureza mais subjetiva. Ainda, as nossas análises acusaram a correlação negativa entre frequência e inadequação, com menor tendência a usar aquelas palavras julgadas mais inadequadas, como previsto por Jay (1992) e Janschewitz (2008). Porém, essas correlações foram fracas, até não significativas para familiaridade x tabu (uso x tabu: $r=-0,118$, $p<0,001$, uso x ofensividade: $r=-0,139$, $p<0,001$; familiaridade x tabu: $r=-0,135$, $p<0,001$, $p=0.963$). De fato, as palavras da categoria negativa foram as que receberam o julgamento mais baixo em frequência em comparação com as palavras das outras categorias, seguida de palavras tabu. Esse resultado diverge do obtido por Janschewitz (2008), que encontrou menor frequência na categoria tabu.

No nosso estudo, as medidas de valência das palavras tabu ficaram entre as palavras neutras e as negativas. Isso foi observado como tendência em outros estudos, sem, no entanto, alcançar significância estatística que obtivemos em nosso estudo (DONAHOO; LAI, 2020; JANSCHWITZ, 2008; SENDEK *et al.*, 2021). Ou seja, parece que a valência é uma medida classificatória das palavras tabu (i.e. menor, que neutras e positivas, maior que negativas), porém, os índices possivelmente variam em função de outras características das palavras tabu (ofensividade, campo semântico, etc.).

Esperava-se que os julgamentos para ofensividade, uso e valência fossem estar menos homogêneos, já que estariam mais sujeitos a subconvenções da identidade sociocultural do participante, enquanto os outros julgamentos - tabu social, alerta e familiaridade - retornassem valor mais genérico. Com efeito, os julgamentos mais propensos à subjetividade do participante foram ofensividade, uso e valência, já que apresentaram maior heterogeneidade entre participantes nos julgamentos. Contudo, percebemos que pode ter havido uma atribuição mais extensa do que propusemos à classificação de alerta. No treinamento, os participantes foram instruídos a pensar em nível de alerta como o quanto

a palavra chamava sua atenção (ANDERSON, 2005) e o quão inclinado ele seria a lembrar dela após o término da tarefa (JAY *et al.*, 2008). Ao contrário do esperado - que os participantes pudessem reportar alerta maior para as palavras tabu e negativas por conta de suas características -, a categoria positiva obteve um alto nível de alerta, indo em direção oposta à literatura que atribui níveis de alerta mais baixos a palavras positivas (OLIVEIRA *et al.*, 2013), e maior alerta para palavras tabu (JANSCHWITZ, 2008) ou para palavras tabu e negativas (DONAHOO; LAI, 2020). É possível que os participantes tenham conferido a alerta uma interpretação mais positiva, já que estímulos positivos também tendem a ser mais memoráveis. A dimensão valência x alerta também não parecia intuitivamente suficiente para explicar como palavras altamente negativas com alto nível de alerta (e.g.: *crime*) são percebidas de forma diferente de palavras tabu, também altamente negativas e com nível alto de alerta.

De fato, as classificações mais relevantes para explicar essa diferença foram ofensividade e tabu social, que, juntas, formam a medida de inadequação. Enquanto as categorias positiva e neutra não mostraram efeitos de inadequação, as palavras negativas e tabu apresentaram níveis significativos para o efeito, com as palavras tabu expressivamente mais inadequadas do que as negativas. A adequação tem alto valor social e é justamente esse valor o indicador de se uma palavra tabu vai ser dita, se cabe ao momento, como aprendemos a medir no decorrer da vida (JAY, 2000). A distinção entre o que tem valência negativa e o que é inadequado encontrada no nosso estudo encontra respaldo em pesquisas neurolinguísticas que apontam uma dissociação temporal no processamento de palavras negativas e palavras tabu: grau de alerta e captura atencional provocam respostas neurofisiológicas fortes e imediatas para palavras negativas e tabu, enquanto uma resposta neurofisiológica significativa mais tardia é modulada por emocionalidade e fatores sociais, pertinentes a um nível de inadequação - resposta social - no processamento de palavras tabu (para uma revisão cf. HINOJOSA *et al.*, 2020; SENDEK, 2022).

8.2 Percepções das palavras tabu

Das 50 palavras tabu selecionadas de um questionário (Cf. seção sobre estímulos, 6.2), cinco foram retiradas da análise por não atingirem os critérios considerados (respostas grau 6+ em tabu social): *calhorda*, *canalha*, *diacho*, *sarro* e *xixi* (ver Imagem 8).

Especulamos que o nível de familiaridade foi o grande fator para *canalha*, *calhorda* e *sarro* não atingirem o nível tabu esperado. *Calhorda* e *sarro* foram as palavras com os julgamentos mais baixos de familiaridade, e *canalha* apresentou familiaridade mais baixa que a média. Avaliamos que possa ter havido esvaziamento de sentido devido à baixa familiaridade.

O vocábulo *xixi* obteve familiaridade altíssima; no entanto, o grau de tabuísmo não se mostrou satisfatório, e especulamos que seja devido à preferência pelo uso de *xixi* (uso pessoal 65,51% no grau 9 “sempre”) ao invés de *mijar* (12,9% de uso pessoal no grau 9), itens semanticamente relacionados, mas com cargas de tabu social distintos. *Diacho* também obteve baixa familiaridade. Em comparação com *diabo*, todavia, vê-se que as diferenças socioculturais podem ter sido relevantes para que o vocábulo não tenha atingido nível de tabuísmo (SOUTO MAIOR, 1992): *diabo*, mais utilizado no Rio de Janeiro, obteve 54,82% de familiaridade mais alta, e mostrou julgamento satisfatório de tabuísmo.

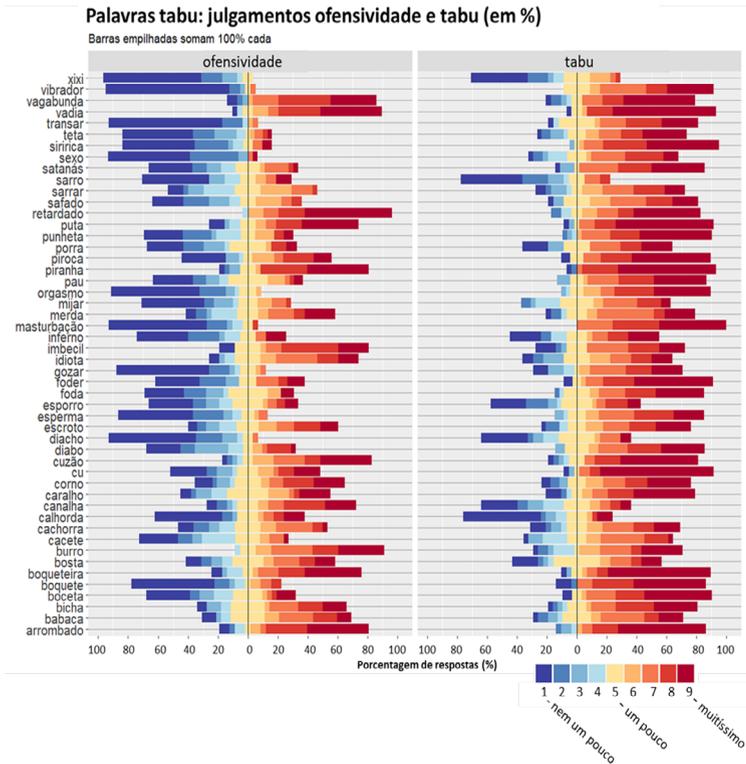
Dentre as palavras tabu, algumas alcançaram nível de valência positiva, com nove delas atingindo porcentagem considerável no grau 9 (=positiva): *transar*, *sexo*, *orgasmo*, *gozar*, *siririca*, *teta* e *masturbação*. Além disso, à exceção de *transar* e *sexo*, as sete palavras restantes ainda receberam maior julgamento no grau 5 (=neutra), juntamente com *vibrador*, *pau* e *boceta*. Janschewitz (2008) obteve resultados similares, pois as dez palavras mais positivamente valentes da categoria tabu em seu estudo foram todas de semântica sexual. Esse resultado pode ser possivelmente explicado pela atitude familiar a palavrão reportada pelos participantes do nosso estudo. De acordo com Jay (2000), a atitude sexual do indivíduo é um dos fatores mais importantes para determinar seu comportamento em relação a palavrões. Muito da repressão sexual de um indivíduo é adquirida no seio da família; pais que são reprimidos sexualmente tendem a passar essa mesma visão para seus filhos (JAY, 2000). A maior parte da nossa amostra reportou que a tolerância da família ao uso de palavrões era de livre a moderada (61,84%), mostrando a tendência desses participantes a apresentar uma atitude sexual mais positiva, o que se refletiu no julgamento de valência das palavras tabu reportadas. Outros aspectos que podem ter influenciado neste sentido é a idade relativamente nova dos participantes (média=23,9 anos; DP: 6,74) e o fato de terem crescido no ambiente urbano, convivendo em ambiente universitário; todos os fatores correlacionados com atitudes relativamente mais progressivas e igualitárias em relação à sexualidade

(HEILBORN *et al.*, 2006; MELLO; SOUZA; SANTOS, 2008). Algumas palavras tabu foram mais ofensivas do que outras. *Retardado* foi a palavra tabu considerada mais ofensiva. Os participantes também reportaram não usar essa palavra, com baixos julgamentos para uso pessoal. O alto nível de ofensividade possivelmente se dá devido à palavra estar associada a preconceito contra pessoas atípicas (*retardado mental*) e possa haver uma convencionalização social quanto a não usar termos dessa natureza.

Arrombado foi a segunda palavra mais ofensiva. Como a amostra foi composta de pessoas nascidas e criadas na região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, *arrombado* é um termo geralmente usado no masculino que pode significar: 1. “[p]essoa que possui o ânus alargado devido à excessividade da prática do sexo anal”; 2. “[n]a gíria carioca significa: pessoa escrota; vacilão; otário”⁶. *Piranha* e *vadia* somam igualmente 71,43% cada entre graus 8 e 9, e *boqueteira* vem em seguida com 59,26% nos mesmos graus. *Arrombado*, *piranha*, *vadia* e *boqueteira* têm em comum o fato de serem ofensas que atingem a honra e a reputação da pessoa; estão ligadas à quantidade (elevada) de parceiros sexuais que o ofensor determina que o ofendido tem, e isso é visto com maus olhos na sociedade judaico-cristã (PINHEIRO; MENEZES; FREITAG, 2020). Sabendo-se que grupos religiosos são em sua maioria aqueles que têm certa aversão à homossexualidade e visto que a amostra é em grande parte não religiosa e tem comportamento sexual positivo (atestado pela valorização positiva das palavras do campo semântico sexual), a alta ofensividade do termo *arrombado* extravasa a capacidade explicativa da amostra e especula-se que esteja associada ao preconceito arraigado socialmente contra homens homossexuais.

⁶ Definição retirada de Dicionário Informal, disponível em <https://www.dicionarioinformal.com.br/arrombado/> [acesso em 27 de agosto de 2022].

Imagem 8 – Porcentagens de julgamentos (1 a 9) para tabu social e valência por palavra individual na categoria tabu. O comprimento da barra nas cores correspondentes à legenda indica a porcentagem de julgamentos nos níveis 1 a 9 da escala de Likert, para níveis abaixo de 5 em tons de azul e para acima de 5 em tons de laranja e vermelho



Fonte: elaboração própria

8.3 Efeito de religiosidade sobre a percepção das palavras tabu

Em geral, a avaliação do que é considerado tabu foi uniforme: pessoas religiosas e não religiosas tiveram julgamentos equivalentes sobre as palavras tabu, confirmando o grau de tabuismo da maioria dos vocábulos. Isso entra em conformidade com a hipótese de que as palavras tabu seriam avaliadas com alto grau de tabu por todos os participantes uma vez que o

entendimento do que é tabu se forma como um acordo social mais amplo, embora possa haver diferenças na ofensa sentida. Aqueles que se declararam como não religiosos também eram os menos propensos a sentirem-se ofendidos por uma palavra tabu, corroborando estudos que atestam que ser religioso aumenta a sensibilidade a palavras (JANSCHWITZ, 2008).

Na amostra, a maioria dos participantes julgou usar as palavras tabu “às vezes”, embora os religiosos tenham afirmado usar menos palavras tabu do que o restante. Consideramos que eles possam ter se monitorado quanto à avaliação do seu próprio uso pessoal em virtude de o significado social de tabu ser comumente compreendido como negativo, cuja rejeição se dá naturalmente pela reação comportamental do falante - se afetivamente ele acredita que a variável é negativa, então ele prefere criar distância dela, mesmo que seja possível que no seu uso real não existe essa distância. As avaliações para familiaridade das palavras tabu serem mais altas do que as de uso também levantam a seguinte questão: se os participantes são familiarizados com as palavras tabu ao mesmo tempo em que as usam com uma frequência bem menor do que as encontram, de que contato advém então essa familiaridade?

Sete das palavras mais familiares foram também reportadas como as mais usadas pessoalmente pelos participantes: *xixi*, *porra*, *foda*, *caralho*, *merda*, *idiota*, *sexo*. O fato de *xixi* ter sido a palavra com mais votação de uso pessoal e também uma das que menos recebeu julgamentos de tabu corrobora o fato de os participantes se sentirem mais à vontade para admitir o uso de palavras que não tenham carga de inadequação. A palavra *porra*, na comunidade de fala da região metropolitana do Rio de Janeiro, funciona como um marcador discursivo e a aparição como a primeira palavra mais familiar e a segunda mais usada valida a observação, mesmo sendo apresentado neste estudo fora do contexto discursivo. Embora a familiaridade tenha levantado julgamentos mais homogêneos do que o uso, os religiosos também disseram ter menos familiaridade com palavras tabu. Os participantes não praticantes se comportaram de modo semelhante entre si nos quesitos de ofensividade e valência, mas são mais semelhantes relativamente aos grupos “não religioso” e “só família” no que diz respeito ao uso e familiaridade, que apresentaram índices mais altos.

Uma hipótese deste trabalho não confirmada foram as palavras tabu apresentarem nível de alerta mais alto. No nosso resultado, elas receberam julgamento majoritariamente neutro, e diferentemente de Janschewitz (2008), encontramos um efeito de religiosidade sobre o

juízo de alerta, no sentido de pessoas religiosas atribuírem menor grau de alerta relativamente. Essa resposta parece estar na contramão do aumento de ofensividade para esse grupo. Há três interpretações para isso: no treinamento da tarefa, o alerta foi explicado como uma palavra que chama a atenção do participante, a qual ele lembraria mesmo após a finalização da tarefa. Os participantes podem ter associado o conceito de lembrança com algo que seja positivo (i.e. algo memorável, que merece ser lembrado), portanto não compatível com o que é tabu social, já que as palavras positivas receberam muitos julgamentos positivos para alerta – também contrariando a literatura (OLIVEIRA *et al.*, 2013). Essa interpretação também pode ter levado o grupo de religiosos a indicar grau mais baixo de alerta para a categoria de palavras tabu. Uma segunda interpretação tem a ver com a natureza situacional das palavras tabu que dependem largamente de contexto para que sejam ativadas como alerta, e das especificidades da produção de sentido em contexto sentencial. Há evidência de que palavras em contexto sentencial deem qualidade à sentença de forma global, como um todo. Ou seja, essas palavras não são lidas separadamente como um termo tabu, mesmo quando estão sozinhas no início da sentença (e.g.: *merda, quebrei a unha / quebrei a merda da unha*) (DONAHOO *et al.*, 2022; POTTS, 2007). O fato de as palavras estarem em isolamento pode ter contribuído para o apagamento dessa carga de alerta. Corroborando essa suposição, a maioria das palavras que recebeu avaliações no grau 9 em alerta são as de semântica sexual, com valor denotativo forte, cujo significado não se apaga mesmo que elas estejam em isolamento. A terceira interpretação é um efeito do nível de monitoramento social, que pode ter inibido o participante a fazer julgamentos mais categóricos; a maioria das palavras tabu foi julgada como “um pouco” alerta, ficando no meio entre nem um pouco e muitíssimo.

8.4 Efeito de propensão à ofensa, costume de uso e tolerância da família em relação ao palavrão sobre a percepção das palavras tabu

O juízo de ofensividade de cada palavra tabu em comparação com a propensão à ofensa indicada no questionário pós-teste obteve respostas consistentes, com aqueles que se dizem sentir nunca ou pouco ofendidos reproduzindo sua resposta no julgamento individual de cada palavra. No entanto, essa análise pode não capturar todas as sutilezas do nível de ofensividade das palavras no seu uso situacional. Um estudo

que meça o julgamento de palavras tabu em contexto se faz necessário para poder comparar os resultados das avaliações das palavras isoladas. Alguns participantes apresentaram respostas contrastantes; aqueles que disseram nunca usar palavrão no questionário pós-teste responderam nos julgamentos sempre usar algumas palavras tabu, entre elas, *retardado*, *cuzão*, *puta* e *vagabunda*. Isso é mais surpreendente ainda por essas palavras serem quatro das palavras definidas como mais ofensivas. A palavra *puta* pode ter sido interpretada de maneiras diferentes a depender da pergunta, como para o julgamento de uso o participante ter pensado nela como um modificador de grau (e.g.: *um puta apartamento*), mas no julgamento de ofensividade e no tabu como palavra no seu uso com intenção ofensivo e pejorativo (e.g. *ela é uma puta*) (DURVAL, 2021). Os outros contrastes (*retardado*, *cuzão* e *vagabunda*) seguem na direção das reações do indivíduo; todos os participantes que reportaram uso frequente dessas palavras, que ao mesmo tempo afirmaram nunca usar palavrões, são religiosos, que sempre se ofendem e vêm de família que proibia o uso. Então, a resposta comportamental monitorada é a de passar uma imagem de alguém que não usa palavrão, porque afetivamente têm uma atitude muito negativa ao uso proveniente da educação familiar.

De modo geral, o efeito da tolerância da família em relação ao palavrão mais claramente se manifestou no grupo que relata proibição. Esse grupo se destaca dos outros em algumas tendências: maior propensão à ofensa e avaliação mais negativa. Essas tendências confirmam parcialmente as previsões do papel da família no condicionamento da aversão e da formação das atitudes linguísticas de rejeição em relação a palavrão (JAY, 2009; REILLY *et al.*, 2020). O efeito significativo sobre uso e familiaridade está em concordância com Jay (2008) que afirma que a criança adquire o hábito do uso de palavrão para expressar suas emoções largamente pela exposição ao seu uso dentro do contexto familiar. A nossa análise indica uma diferença entre o grupo que experienciou proibição, que selecionou predominantemente índices de pouco uso, e os demais grupos. E houve diferenças maiores ainda entre os julgamentos de familiaridade, principalmente entre o grupo de uso livre comparado ao grupo que relatou proibição. O índice de menor familiaridade pode ser influenciado, por um lado, pela pouca exposição a palavrão no ambiente familiar com alta restrição ao uso, e, por outro lado, a um monitoramento mais severo inibindo o participante desse grupo a conceder a familiaridade a essas palavras.

8.5 Efeito de gênero sobre a percepção das palavras tabu

Primeiramente, apontamos que a amostra dos participantes não foi equilibrada quanto ao gênero (M=46, F=103, outro=3), e isso pode ter enviesado os dados. Portanto, apresentamos aqui as análises e discussões, cientes de que estudos futuros podem dar mais segurança sobre as conclusões. Na avaliação entre gênero, esperávamos que os homens teriam menor sensibilidade e menor monitoramento em relação ao uso que as mulheres. Essas expectativas foram em parte confirmadas, embora algumas apenas como tendências e não significância estatística. Só não houve a tendência esperada em relação a alerta, uma possível reflexão da sensibilidade: os homens classificaram as palavras tabu com maior alerta do que as mulheres. Elas também julgaram o alerta mais neutro do que os homens. Porém, essas diferenças não foram estatisticamente significantes. Retomamos a discussão da interpretação de alerta ter sido voltada para a memorabilidade positiva da palavra, e, portanto, com maior propensão a ser lembrada por homens do que por mulheres se interpretadas dessa maneira.

O julgamento tabu tampouco foi significativamente influenciado por gênero, mas houve a tendência esperada: as mulheres julgaram as palavras tabu no mais alto grau mais do que os homens, em consonância com a literatura (GÜVENDIR, 2015; JANSCHWITZ, 2008; KAPOOR, 2014; JAY, 1992). Contrário ao previsto, a ofensividade foi largamente julgada igual entre homens, embora elas avaliassem se sentir mais ofendidas do que os homens.

De forma mais clara, os resultados corroboraram a literatura e as expectativas para este trabalho, pois os participantes de gênero feminino julgaram usar palavrões significativamente menos do que os homens. Porém, não houve diferenças relevantes entre os julgamentos sobre a familiaridade, o que confirma a maior homogeneidade desse julgamento a despeito de diferenças individuais entre participantes.

Por fim, as mulheres classificaram as palavras tabu com valência negativa em maior número do que os homens, o que também está dentro das expectativas desse estudo e da literatura (JANSCHWITZ, 2008). Os efeitos de gênero sobre os julgamentos de uso e valência, bem como as tendências em relação ao julgamento tabu parecem confirmar uma maior atitude linguística negativa e mais monitoramento em relação a palavrão por parte das mulheres, relacionados à maior inibição a comportamentos considerados mais impróprios para mulheres do que para homens (GÜVENDIR, 2015; KAPOOR, 2014; MEHL; PENNEBAKER, 2003). Eles também estão em consonância sobre dados de maior uso de palavrão por homens (JAY,

2006). Esses efeitos podem ser mais sutis do que esperados dadas as características específicas da amostra: jovens, urbanos e cursando grau superior (HEILBORN *et al.*, 2006; MELLO; SOUZA; SANTOS, 2008).

9 Considerações gerais

Com esse estudo, normatizamos palavrões em língua portuguesa do Brasil, especificamente os mais familiares para os falantes da região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro. Identificamos que palavrões, quando comparados com palavras emocionais positivas e negativas, e também com palavras neutras, apresentam propriedades distintas. Os palavrões se distinguem de outras palavras de cunho emocional sobretudo devido ao alto grau de inadequação (tabu social + ofensividade) e ao monitoramento sociolinguístico, refletindo em índices menores de uso e familiaridade declarados. Enquanto palavrões são palavras negativas, os julgamentos de valência mostram que palavras negativas apresentam mais graus de negatividade do que as palavras tabu. Quanto ao alerta, não obtivemos os resultados esperados e associamos esse fator ao grau de monitoramento dos falantes motivado pela carga tabu contida nas palavras.

Como esperado, confirmamos que a percepção sobre o uso de palavrões depende de características psicossociais dos falantes. Assim, religiosidade foi um preditor de todos os índices, menos do tabu social. Isso mostra que a divisão de julgamentos entre tabu social e ofensividade, foi capaz de capturar diferenças entre valores sociais mais geralmente difundidos (i.e. tabu) e aqueles mais sensíveis às características psicoculturais individuais (i.e. ofensividade). A mesma tendência foi encontrada entre o julgamento para familiaridade (mais objetivo) e uso (mais subjetivo). Portanto, quanto ao uso de palavrão, quanto mais religiosa uma pessoa é, menos chances ela tem de usar ou encontrar palavrões no dia a dia. Ainda dentro da religiosidade, quanto mais religiosa a pessoa for, ela também se torna mais propensa a sentir-se ofendida, e tende a registrar maior valência negativa e maior nível de alerta às palavras tabu. No entanto, gênero não foi um fator tão abrangente, o que pode se explicar devido à amostra ser composta de jovens universitários que cresceram em ambiente urbanizado. Porém, homens têm menos tendência a indicar valência negativa e afirmar que “nunca” usam. Outra correlação interessante foi a influência da tolerância da família, que, quanto menor, impactou em julgamentos de menor uso

e familiaridade. Ademais, o menor costume de uso correlacionou com julgamentos de valência mais negativos.

As perguntas do questionário final foram mais explícitas, o que se refletiu em respostas mais monitoradas cuja discrepância pôde ser analisada nas questões menos explícitas.

Assim, podemos constatar que é campo fértil para estudos futuros, de cunho psico e neurolinguísticos, relacionar aspectos como alerta e valência à ação do monitor sociolinguístico, investigar como os componentes que determinam atitudes linguísticas (e.g. religiosidade, gênero) modulam o processamento de palavras tabu e em que momento (i.e. o quanto esse monitoramento em função do perfil psicossocial reflete monitoramento imediato ou mais consciente).

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Materiais suplementares

As tabelas, imagens, bem como lista de estímulos e scripts da plataforma R utilizados neste estudo, estão disponíveis em <https://osf.io/escmx/>.

Referências

CARMELINO, A. C. O pacto do insulto: variação estilística, moral e identificação em interações humorísticas. *Linguística*, Montevideu, v. 34, n. 1, p. 23-44, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5935/2079-312x.20180003>.

CHRISTENSEN, R. H. B. Cumulative Link Models for Ordinal Regression with the R Package ordinal. *J. Stat Software*, v. 35, 2018.

CITRON, F. M. M. Neural correlates of written emotion word processing: A review of recent electrophysiological and hemodynamic neuroimaging studies. *Brain and Language*, v. 122, n. 3, p. 211-226, 2012. DOI: [10.1016/j.bandl.2011.12.007](https://doi.org/10.1016/j.bandl.2011.12.007).

CITRON, F. M. M.; WEEKES, B. S.; FERSTL, E. C. Effects of valence and arousal on written word recognition: Time course and ERP correlates. *Neuroscience Letters*, v. 533, n. 1, p. 90-95, 2013. DOI: 10.1016/j.neulet.2012.10.054.

COWDEN, C. R.; BRADSHAW, S. D. Religiosity and sexual concerns. *International Journal of Sexual Health*, v. 19, n. 1, p. 15-24, 2007. DOI: 10.1300/J514v19n01_03.

DONAHOO, S. A.; LAI, V. T. The mental representation and social aspect of expressives. *Cognition and Emotion*, v. 34, n. 7, p. 1423-1438, 2020. DOI: 10.1080/02699931.2020.1764912.

DONAHOO, S. A.; PFEIFER, V.; LAI, V. T. Cursed Concepts: New insights on combinatorial processing from ERP correlates of swearing in context. *Brain and Language*, v. 226, p. 105079, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bandl.2022.105079>.

DRAGOJEVIC, M.; FASOLI, F.; CRAMER, J.; RAKIĆ, T. Toward a Century of Language Attitudes Research: Looking Back and Moving Forward. *Journal of Language and Social Psychology*, v. 40, n. 1, p. 60-79, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1177/0261927X20966714>.

DUARTE, L. F. DA S. O modificador de grau puta no Português Brasileiro: distribuição e interpretação. *Leitura*, n. 68, p. 2-13, 2021. DOI: <https://doi.org/10.28998/2317-9945.2021v0n68p2-13>.

ENDRESEN, A.; JANDA, L. A. Five statistical models for Likert-type experimental data on acceptability judgments. *Journal of Research Design and Statistics in Linguistics and Communication Science*, v. 3, n. 2, p. 217-250, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1558/jrds.30822>.

FILHO, N. L. Z.; MAEDA, R. M. A. O palavrão: contrastes sociolinguísticos entre as definições dicionarizadas e o emprego prático na fala de jovens de Mato Grosso do Sul. *Revista Primeira Escrita*, n. 1, p. 103-118, 2014.

FINKELSTEIN, S. R. Swearing and the brain. In: K. Allan (org.); *The Oxford Handbook of Taboo Words and Language*. p. 107-139, 2018. Oxford: Oxford University Press.

GARCIA, A. S.; CRUZ, E. S. T.; MACHADO, J. DE C.; PEREIRA, J. R.; SILVA, É. A. F. Confiança, valores e atitudes em relação à democracia:

uma análise com estudantes universitários. *Revista Espacios*, v. 37, n. 24, p. 11, 2016.

GARRETT, P. *Attitudes to language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

GUÉRIOS, R. F. M. *Tabus linguísticos*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Organização Simões Editora, 1956.

GÜVENDIR, E. Why are males inclined to use strong swear words more than females? An evolutionary explanation based on male intergroup aggressiveness. *Language Sciences*, v. 50, p. 133-139, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.langsci.2015.02.003>.

HANSEN, S. J.; MCMAHON, K. L.; DE ZUBICARAY, G. I. The neurobiology of taboo language processing: fMRI evidence during spoken word production. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, v. 14, n. 3, p. 271-279, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1093/scan/nsz009>.

HEILBORN, M. L.; CABRAL, C. S.; BOZON, MICHEL. Valores sobre sexualidade e elenco de práticas: tensões entre modernização diferencial e lógicas tradicionais. In: HEILBORN, M.; AQUINO, E.; BOZON, M.; KNAUTH, D. (orgs.) *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. p. 207-266.

HINOJOSA, J. A.; MORENO, E. M.; FERRÉ, P. On the limits of affective neurolinguistics: a “universe” that quickly expands. *Language, Cognition and Neuroscience*, v. 35, n. 7, p. 877-884, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/23273798.2020.1761988>.

JANSCHWITZ, K. Taboo, emotionally valenced, and emotionally neutral word norms. *Behavior Research Methods*, v. 40, n. 4, p. 1065-1074, 2008. DOI: <https://doi.org/10.3758/BRM.40.4.1065>.

JAY, T. *Cursing in America*. Philadelphia: John Benjamins, 1992.

JAY, T. Cursing in mental health settings. EASTERN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION MEETING, 67, 1996a,. Philadelphia.

JAY, T. Cursing: A damned persistent lexicon. In: HERRMANN, D.; McEVOY, C.; HERTZOG, C.; HERTEL, P.; JOHNSON, M. (orgs.). *Basic and applied memory research: Practical applications*. New York: Erlbaum, 1996b. p. 301-313.

JAY, T. *Why We Curse*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2000.

JAY, T. The Utility and Ubiquity of Taboo Words. *Perspectives on Psychological Science*, v. 4, n. 2, p. 153-161, 2009. DOI : <https://doi.org/10.1111/j.1745-6924.2009.01115.x>.

JAY, T.; CALDWELL-HARRIS, C.; KING, K. Recalling Taboo and Nontaboo Words. *The American Journal of Psychology*, v. 121, n. 1, p. 83–103, 2008. DOI: <https://doi.org/10.2307/20445445>.

JAY, T.; JANSCHWITZ, K. The pragmatics of swearing. *Journal of Politeness Research. Language, Behaviour, Culture*, v. 4, n. 2, p. 267-288, 2008. DOI: 0.1515/JPLR.2008.013.

KANSKE, P.; KOTZ, S. A. Concreteness in emotional words: ERP evidence from a hemifield study. *Brain Research*, v. 1148, p. 138-148, 2007. DOI 10.1016/j.brainres.2007.02.044.

KAPOOR, H. Swears in Context: The Difference Between Casual and Abusive Swearing. *Journal of Psycholinguistic Research*, v. 45, n. 2, p. 259-274, 2016. DOI: 10.1007/s10936-014-9345-z.

KASSAMBARA, A. rstatix: Pipe-Friendly Framework for Basic Statistical Tests, 2021. Disponível em: <https://cran.r-project.org/package=rstatix>.

FREITAG, R. M.; GORSKI SEVERO, C.; ROST-SNICHELOTTO, C. A.; TAVARES, M. A. Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 64-84, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v18n2p64-84>

KOUSTA, S. T.; VINSON, D. P.; VIGLIOCCO, G. Emotion words, regardless of polarity, have a processing advantage over neutral words. *Cognition*, v. 112, n. 3, p. 473-481, 2009. DOI: 10.1016/j.cognition.2009.06.007.

KRISTENSEN, C. H.; GOMES, C. F. DE A.; JUSTO, A. R.; VIEIRA, K. Normas brasileiras para o Affective Norms for English Words. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy*, v. 33, n. 3, p. 135-146, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2237-60892011000300003>

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

LABOV, W. The anatomy of style-shifting. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Orgs.); *Style and Sociolinguistic Variation*. p. 85-108, 2002. Cambridge: Cambridge University Press.

MAIOR, M. S. *Dicionário do palavrão e termos afins*. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992.

MEHL, M. R.; PENNEBAKER, J. W. The sounds of social life: A psychometric analysis of students' daily social environments and natural conversations. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 84, n. 4, p. 857-870, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1037/0022-3514.84.4.857>.

MELLO, L.; DE SOUZA, M. R.; SANTOS, N. M. DOS. Sexualidades de estudantes universitários: um estudo sobre valores, crenças e práticas sociais na cidade de Goiânia. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 102-111, 2008.

OLIVEIRA, A. L. DE. *Seu sodomita! – Expressões bíblicas utilizadas como ofensa por evangélicos e sua relevância para a área de PL2E*, 2021. 75f. Dissertação (Mestrado em Letras/ Estudos da Linguagem) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2021.

OLIVEIRA, J. M. Os palavrões no português baiano: uma análise sociolinguística com base em dois filmes. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 60, p. 163-181, 2018. DOI: 10.9771/ell.v0i60.27635.

OLIVEIRA, N. R. DE; JANCZURA, G. A.; CASTILHO, G. M. DE. Normas de alerta e valência para 908 palavras da Língua Portuguesa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 185-200, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722013000200008>

ORSI, V. Tabu e preconceito linguístico. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 9, n. 17, p. 334-348, 2011.

PARR-BROWNLIE, L. C.; REYNOLDS, J. N. J. *Basal Ganglia*. Disponível em: <https://www.britannica.com/science/basal-ganglion>. Acesso em: 24 de ago. de 2022.

PAULON, A. *As estratégias linguístico-discursivas e o modo de organização do discurso funk*, 2011. 94 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

PEREIRA, C.; CAMINO, L.; COSTA, J. B. DA. Um estudo sobre a integração dos níveis de análise dos sistemas de valores. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 16-25, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722005000100004>.

PEREIRA, C.; TORRES, A. R. R.; BARROS, T. S. Sistemas de valores e atitudes democráticas de estudantes universitários. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 1-10, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722001000100015>.

PINHEIRO, B. F. M.; MENEZES, L. C. F.; FREITAG, R. M. KO. Palavras-Tabu e Efeitos de Gênero na Leitura. In: LIMA, M.; FRANÇA, D. ; FREITAG, R. (orgs.). *Processos Psicossociais de Exclusão Social*. São Paulo: Blucher, 2020. p. 247-262.

POTTS, C. The expressive dimension. *Theoretical Linguistics*, v. 33, n. 2, p. 165-198, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1515/TL.2007.011>.

R CORE TEAM. R: A language and environment for statistical computing, 2020. Vienna: R Foundation for Statistical Computing. Disponível em: <https://www.r-project.org/>.

REILLY, J.; KELLY, A.; ZUCKERMAN, B. M.; et al. Building the perfect curse word: A psycholinguistic investigation of the form and meaning of taboo words. *Psychonomic Bulletin & Review*, v. 27, n. 1, p. 139-148, 2020. DOI: <https://doi.org/10.3758/s13423-019-01685-8>.

RUSSELL, J. A. A circumplex model of affect. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 39, n. 6, p. 1161-1178, 1980. DOI: <https://doi.org/10.1037/h0077714>.

SALZMAN, C. D. amygdala. Disponível em: <https://www.britannica.com/science/amygdala>. Acesso em: 24 de ago. de 2022.

SANCHES, R. D. Variação semântico-lexical no Amapá. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 299-315, 2014.

SENDEK, K.; HERZMANN, G.; PFEIFER, V.; LAI, V. T. Social acquisition context matters: Increased neural responses for native but not

nonnative taboo words. *Cognitive, Affective, & Behavioral Neuroscience*, v. 22, n. 2, p. 362-382, 2022. DOI: <https://doi.org/10.3758/s13415-021-00951-4>.

SILVA, V. L. S. *Representações sociais e questões de gênero: uma análise das nomeações genitais no dicionário informal*, 2022. 100f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Sergipe. 2022.

VALADARES, F. B. O léxico obsceno inserido no regionalismo da Bahia. *Revista Uniabeu*, Belford Roxo, v. 8, n. 19, p. 1-14, 2015.

VINGERHOETS, A. J. J. M.; BYLSMA, L. M.; VLAM, C. DE. Swearing: a biopsychosocial perspective. *Psychological Topics*, v. 22, n. 2, p. 287-304, 2013.

ZEHR, J.; SCHWARZ, F. PennController for Internet Based Experiments (IBEX). Disponível em: <https://osf.io/md832/>. Acesso em: 22 de ago. de 2022.

ZOSSOU, A. A. *Palavrão e expressão de sentimentos: qual a ligação?*, 2021. 13f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília. 2021.



Pistas da consciência sociolinguística no uso de palavrões em uma obra literária

Clues of sociolinguistic awareness in the use of profanity profanity in a literary work

Keila Vasconcelos Menezes¹

Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

keilamenezes95@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5787-4460>

Resumo: Os palavrões são marcas linguísticas alvo de forte estigma social. Os falantes monitoram seus usos linguísticos a depender de seu interlocutor (BELL, 1984), e observando o monitoramento linguístico de um mesmo falante em duas situações distintas, podemos acessar a sua consciência sociolinguística. Este estudo é de natureza qualitativa e quantitativa e observa o uso de palavrões para construir as *personas* sociais em duas versões de uma mesma obra. Comparamos a frequência de palavrões em uma versão manuscrita e na versão publicada de *Feijão de Cego*, de Vladimir Carvalho, e analisamos os comentários metalinguísticos presentes nas falas das personagens. Os resultados evidenciam a consciência sociolinguística do autor, que retrata, nos diálogos de suas personagens, juízos valorativos de estigma acerca do uso de palavrões. Já o monitoramento linguístico se destaca através da significativa diminuição e/ou retirada de palavrões na versão publicada da obra, substituindo-os por lexias menos estigmatizadas. Com isso, constatamos que os efeitos de monitoramento linguístico são passíveis de observação não só em corpora orais, mas também no texto literário, onde há a busca por uma polidez linguística, de modo a aproximar-se de seu interlocutor (o público leitor).

Palavras-chave: sociolinguística; texto literário; monitoramento linguístico.

Abstract: Swear words are subject to strong social stigma. Speakers monitor their linguistic uses depending on their interlocutor (BELL, 1984), and by observing the linguistic monitoring of the same speaker in two different situations, we can access his/her sociolinguistic awareness. This study is qualitative and quantitative in nature and

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE, Brasil. A autora declara não existir conflitos de interesse neste trabalho.

observes the use of profanity to build social *personas* in two versions of the same book. We compared the frequency of profanity in a handwritten version and in the published version of *Feijão de Cego*, by Vladimir Carvalho, and analyzed the metalinguistic comments present in the characters' speech. The results show the sociolinguistic awareness of the author, who portrays, in the dialogues of his characters, evaluative judgments of stigma about the use of profanity. On the other hand, linguistic monitoring stands out through the significant reduction and/or removal of profanity in the published version of the work, in which swearwords are replaced with less stigmatized lexias. Thus, we found that the effects of linguistic monitoring can be observed not only in oral corpora, but also in literary texts, in which there is a tendency towards linguistic politeness, in order to get closer to its interlocutor (the reader public).

Keywords: sociolinguistics; literary text; linguistic monitoring.

Recebido em 25 de outubro de 2022.

Aceito em 27 de maio de 2023.

1 Introdução

Comumente, ao falarmos de monitoramento linguístico, direcionamos nossa atenção à fala. Neste artigo, no entanto, tomamos como objeto de análise uma obra literária, e observamos, através da comparação da frequência de palavras em sua versão manuscrita, (menos monitorada) e publicada (que terá como interlocutor o público leitor), como é manifestada a consciência sociolinguística de um escritor ao manipular lexias alvo de forte estigma social. *Feijão de Cego* é uma obra publicada em 2009 e composta por 33 contos, escritos entre 2002 e 2006, por Vladimir Souza Carvalho: juiz, historiador, poeta, folclorista e escritor. Com enredos que envolvem histórias pitorescas e humorísticas e temas mais sérios que tratam de mazelas sociais, o autor delinea um ambiente de organização tipicamente interiorano, com personagens que, através de seus ofícios, linguagem e comportamento diante das mais variadas situações, transparecem a simplicidade da vida em ambientes afastados dos grandes centros urbanos.

Embora sejam caracterizados como contos sergipanos, como aponta o subtítulo da obra, *Feijão de Cego* tem a cidade de Itabaiana/SE

como palco para uma quantidade expressiva de contos (onze ao todo). Os demais situam-se em cidades interioranas de Sergipe, sendo apenas quatro deles localizados em Aracaju. O autor, Vladimir Souza Carvalho, é um itabaianense aficionado às suas origens, dedicando parte de sua vida à composição de livros sobre a cidade, onde registra a história e aspectos culturais de Itabaiana.

A linguagem do narrador e das personagens é permeada por marcas de oralidade, entre as quais se observam expressões regionais, frases-feitas e ditados populares, bem como construções sintáticas que se aproximam de uma realidade falada e são, por vezes, similares à sua realização fonética. No entanto, o aspecto linguístico que mais se destaca é o uso frequente e específico de palavrões, a exemplo de *diabo*, *peste*, *puta*, *cabrunco*, entre outros, sendo alguns deles comuns à região² (FREITAG, SANTOS, SANTOS, 2009; SOARES, 2011).

Uma vez que os palavrões são alvo de forte estigma social e nos foi disponibilizada uma versão manuscrita da obra pelo autor, temos a oportunidade de observar os efeitos de monitoramento e de estilo do autor na construção da obra: o que passa e o que fica no processo entre o manuscrito e a publicação pode nos dar pistas de como os elementos linguísticos são avaliados socialmente pela comunidade, por meio do acesso à consciência sociolinguística do autor.

Para isso, em uma análise qualitativa e quantitativa, comparamos a frequência dos palavrões na versão manuscrita e no texto publicado, além de trazermos, para discussão, comentários metalinguísticos nos quais estão presentes atitudes valorativas de estigma sobre o uso de palavrões. Em relação à metalinguagem, vale ressaltar que embora o foco de nossa discussão sejam os palavrões, consideramos em nossa análise outros aspectos que, somados às atitudes valorativas de estigma sobre o uso de palavrões, fornecem-nos subsídios para melhor compreender e acessar a consciência sociolinguística do autor.

Os resultados evidenciaram os efeitos do monitoramento linguístico do autor acerca do uso de lexias na obra, através da diminuição exponencial de palavrões na versão publicada. Destacaram-

² Na seção referente à metalinguagem presente na obra, discorreremos acerca da ausência do palavrão *fio do canso*, reconhecido como marca linguística itabaianense (FREITAG, SANTOS, SANTOS, 2009; SOARES, 2011), e as prováveis motivações para tal fenômeno.

se *diabo* e *peste*³ que apresentavam frequência de 30 e 24 na versão manuscrita, respectivamente, e foram reduzidas a 01 e 02. Os comentários metalinguísticos nos forneceram valiosas reflexões acerca da representação de valores e crenças sociais imputadas aos palavrões, que, associados a outros atributos também sujeitos à avaliação social, são desprestigiados socialmente, a exemplo do caso observado no conto *Perdão*, no qual o narrador-personagem, ao descrever seus filhos com a finalidade de diferenciá-los, associa a linguagem culta de seu filho Vambério à educação e à inteligência, ao passo que a linguagem de seus demais filhos, permeada de usos estigmatizados entre os quais estão os palavrões, é associada a outros atributos físicos e morais, tais como a falta de higiene e educação, e utilizada como argumento para destacar seus aspectos negativos.

2 Aspectos teóricos

Em um sentido mais amplo, a observação do monitoramento está ancorada na Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV, HERZOG, [1968] 2006), especificamente quanto ao problema da implementação, que entende a mudança linguística como resultado tanto de fatores sociais como estruturais da língua, e também quanto ao problema da avaliação, ao observar o comportamento de pistas linguísticas que o autor conscientemente escolheu para a construção das *personas* de seus contos, bem como as avaliações valorativas de estigma evidenciadas através da metalinguagem presente nas falas de algumas personagens, e dos efeitos do monitoramento linguístico observados a partir da alteração na frequência das *lexias*⁴ presentes nas versões manuscrita e publicada de *Feijão de Cego*. Esse monitoramento revela a consciência sociolinguística do autor, e acerca desta, Freitag (2016, p.2) destaca que “o prestígio ou estigma de um traço linguístico depende da maior ou menor consciência do falante sobre a avaliação social da regra”.

³ Trataremos, na sessão de aspectos metodológicos, acerca dos critérios para a seleção e agrupamento de palavrões.

⁴ Embora citemos, neste trabalho, pesquisas que fazem uso de *termo* para referenciar palavrões, optamos por assumir uma perspectiva semelhante à adotada por Orsi (2011) de referência de palavrões como *lexias*, uma vez que estas são definidas por Pottier (1975) como unidades lexicais memorizadas.

Ela afirma que são poucos os estudos de percepção sociolinguística, e que esse aspecto comumente é analisado através da estratificação sociodemográfica do uso de variáveis. Para Freitag (2021, p. 3):

[p]or um lado, existe uma consciência sociolinguística popular: as explicações, explanações e as crenças sobre as relações entre língua e contexto social feitas por não especialistas. Por outro, age a força do prescritivismo, conjunto de práticas metalinguísticas normativas, com foco no valor de correção, no uso “correto”, de acordo com a norma codificada na gramática. Enquanto o prescritivismo tenta se amparar em modelos científicos, a consciência sociolinguística popular é ignorada pela ciência.

Em *Feijão de Cego*, essa “consciência sociolinguística popular” se materializa através dos comentários metalinguísticos que, presentes na fala de personagens, revelam os palavrões como lexias relacionadas a determinados tipos sociais e sujeitos a uma avaliação valorativa de estigma, coexistindo e atuando em conjunto com uma série de fatores relacionados ao enredo e aos valores e crenças. Nesse sentido,

[...] a linguagem, os mitos e os costumes são vistos como manifestações da alma e nos oferecem material para ser analisado e compreendido na regularidade psicológica entre o pensamento individual e as relações sociais. A língua, do ponto de vista cognitivo, apreende as experiências cotidianas dos falantes e as organiza no processamento mental. (PINHEIRO, MENEZES, FREITAG, 2020, p. 247)

Entendemos, então, que as palavras-tabu têm efeito no processamento linguístico, e, ao observarmos os comentários metalinguísticos presentes na obra e compararmos a frequência de uso de palavrões na versão menos e mais monitorada de um mesmo texto, poderemos acessar a consciência sociolinguística do autor, que reverbera padrões da comunidade representados na construção das *personas* sociais.

As *personas* sociais são construídas a partir de escolhas estilísticas realizadas por um escritor, enquanto indivíduo que traz consigo valores e repertórios. No caso específico do autor de Itabaiana, destacamos o uso de palavrões: estes são oriundos das comunidades de práticas das quais o escritor faz parte, mas cujo uso é monitorado na obra em virtude de seu interlocutor, o que é evidenciado pelas diferenças de frequência na versão manuscrita, menos monitorada, e na versão publicada, resultante

de um processo de revisão. Dessa forma, a representação de *personas* sociais em uma obra literária, principalmente quando se dá a partir de formas linguísticas sujeitas a um estigma social e carregadas de crenças e significações a elas associadas, como os palavrões, é influenciada de forma significativa tanto pelos próprios valores e crenças do autor, como de seu público, uma vez que há o monitoramento do uso de traços linguísticos na obra de modo a não causar um afastamento do leitor.

Entendemos, com isso, que a variação estilística, sob a abordagem da terceira onda da sociolinguística, “coloca os falantes não tão passivos e estáveis portadores de dialeto, mas como agentes estilísticos, adaptando estilos linguísticos em curso e projetados ao longo da vida de autoconstrução e diferenciação” (ECKERT, 2012, p. 97-98, tradução nossa)⁵, uma vez que a seleção dos traços linguísticos é resultado de um conjunto de valores e crenças tanto do falante (no caso, o autor), como do público pretendido.

A respeito do conceito de *persona*, Eckert (2008) chama a atenção para o caráter ideológico que permeia a linguagem, cuja indexicalidade constituiria um campo de possíveis significados a uma variável. A autora caracteriza o estilo da *persona* como o fator mais importante na abordagem do significado da variação e aponta a ideologia como estando no centro da prática estilística, uma vez que as escolhas estilísticas de um falante decorrem de uma interpretação e posicionamento em relação ao mundo social. O falante traz consigo valores e atitudes linguísticas, sobretudo sobre traços linguísticos estigmatizados, que, no caso de nosso estudo de um texto literário em uma versão menos e mais monitorada, são evidenciados através da frequência dos palavrões e dos comentários metalinguísticos que permeiam os diálogos das personagens.

3 Método

Para sustentar a abordagem que considera a literatura como fonte de dados sociolinguísticos, tomamos os pressupostos de Preti (1987) acerca da representação da língua oral em textos escritos.

⁵ “The emphasis on stylistic practice in the third wave places speakers not as passive and stable carriers of dialect, but as stylistic agents, tailoring linguistic styles in ongoing and lifelong projects of self-construction and differentiation.” (ECKERT, 2012, p. 97-98).

Seguimos uma orientação metodológica que envolve a observação da utilização de marcas linguísticas como uma ferramenta de construção de *personas* sociais, como realizado por Correia (2022) em sua pesquisa sobre a obra *Histórias de minha Infância*, de Gilberto Amado. Em um caminho semelhante ao trilhado por Generali (2011), que analisou o monitoramento linguístico através da comparação entre diferentes materiais de um mesmo falante, comparamos a utilização de palavrões em duas versões de um mesmo texto. Além disso, direcionamos um tratamento quantitativo para as marcas linguísticas estudadas através do cálculo de frequência, como observamos em Cambraia e Marengo (2016) em seus estudos referentes a linguagens de especialidade em documentos militares portugueses pertencentes aos séculos XVIII e XIX. Para isso, utilizamos o pacote tidytext da plataforma R (R CORE TEAM 2022), que possibilita desenvolver vários tipos de análises estatísticas em textos, estando entre elas o cálculo de frequência de termos.

Uma vez que nosso objeto principal de estudo reside nos palavrões presentes nos diálogos de *Feijão de Cego*, faz-se necessário discorrermos brevemente acerca dos critérios utilizados para a seleção das lexias. O conceito de palavrão é complexo de ser definido, pois o que caracteriza um termo como um palavrão varia de acordo com os códigos sociais impostos à linguagem (SWINGLER, 2016). Embora haja uma profunda discussão teórica acerca do assunto, a natureza deste trabalho não nos permite explorarmos com densidade essa questão. Nesse sentido, apoiamos-nos nos posicionamentos de Sandmann (1992), cujo escopo é bastante abrangente ao incluir na classe dos palavrões as lexias pertencentes a campos semânticos entre os quais estão a sexualidade, como *bicha*, *veado*, *cornos*, *puta* e *galinha*; a religião, a exemplo de *desgraçado* e *diabo*; a idade, como *coroa*, *fedelho*; além de aspectos relacionados à higiene e à fisiologia humana, como *porco*, *cagão*; nomes de animais atribuídos ao ser humano, como *cavalo*, entre outros.

Desse modo, consideramos em nossa análise as lexias sujeitas a uma desaprovação social em virtude de seu caráter de palavras-tabu, sendo relacionadas à sexualidade e aspectos fisiológicos, termos religiosos (profanos) e doenças, a exemplo de *safado*, *diabo* e *peste*, respectivamente. Uma vez que para Orsi (2011, p. 240), “os palavrões podem ser definidos também como injúrias, que são, por definição, um atentado a outrem, uma ofensa”, consideramos palavras comuns, quando utilizadas para fins ofensivos, como *cachorra*, *cadela* e *galinha*.

Para a contagem de frequências para fins de generalização estatística, como a apresentada nos gráficos 1 e 2 e no Quadro 1, foram consideradas todas as ocorrências, inclusive o sexo, como entradas únicas. Para melhor visualizarmos a frequência de lexias que, mesmo apresentando sentidos distintos e funções diversas na linguagem, de algum modo relacionam-se entre si, a exemplo de *puta*, *filho/filha da puta*, *puta que pariu* e *beco das putas*, bem como *peste* e *filho/fi da peste*, entre outras, as organizamos em conjunto, não seguindo, nesses casos específicos, o critério de ordem alfabética.

Por fim, a fim de compreendermos a representação de valores e crenças referente ao uso de palavrões nos diálogos da obra em estudo, selecionamos excertos que trazem comentários e avaliações sobre a língua, e analisamos qualitativamente as posições e valores evidenciados pelas personagens envolvidas, observando como os palavrões são sujeitos a avaliações valorativas de estigma e relacionando tais atitudes linguísticas com outros aspectos sociais das personagens.

4 Os efeitos do monitoramento linguístico na construção de personas em *Feijão de Cego*

Realizada essa explicação introdutória, com dados gerais da obra e discussão das teorias e dos métodos sobre os quais nos pautamos para este estudo, partimos, agora, para os resultados. No quadro 1, reunimos as lexias encontradas:

QUADRO 1 – Palavrões presentes na obra *Feijão de Cego*

Palavrões presentes na obra *Feijão de Cego*

	Palavrão	Versão manuscrita: 176	Versão publicada: 110
1	Arrombar	0	1
2	Bexiga	0	1
3	Bexiguento	0	1
4	Bandido	1	1
5	Bandida	1	1
6	Cagando	1	1
7	Cão	2	1

8	Cadela	2	2
9	Cachorro	7	6
10	Cachorra	2	5
11	Corno	4	6
12	Cu	1	0
13	Cabrunco	1	1
14	Filho/fio do cabrunco	2	1
15	Filha/fia do cabrunco	1	1
16	Comer	1	0
17	Diabo	27	1
18	Diabo a quatro	2	0
19	Diacho	1	0
20	Estrompar	2	2
21	Estrupício	1	1
22	Filho de uma égua	3	3
23	Filha de uma égua	2	1
24	Fuleira	2	1
25	Fia do satanás	1	1
26	Filho da mãe	0	1
27	Galinha	0	2
28	Gota	1	2
29	Inferno	4	4
30	Infernal	1	1
31	Lascar (vá se lascar)	0	1
32	Merda	3	1
33	Merдинha	1	1
34	Otário	1	1
35	Putanheiro	2	1
36	Puta	7	0
37	Filho da puta	4	1
38	Filha da puta	1	0
39	Puta que pariu	3	0
40	Puto da vida	0	1
41	Beco das putas	3	3

42	Porra	7	0
43	Porrinha	1	1
44	Porretildo	0	1
45	Peste	21	2
46	Filho/fi da peste	3	0
47	Penima	0	1
48	Pau	2	1
49	Rabo	1	1
50	Rapariga	8	9
51	Safado	16	13
52	Safada	4	7
53	Safadeza	1	1
54	Cara safada	2	2
55	Urubu	1	1
56	Vagabundo	1	2
57	Vagabunda	2	2
58	Vaca	0	1
59	Veado (viado)	8	6

Fonte: Elaboração própria

Conforme demonstrado no Quadro 1, ocorre uma redução significativa de ocorrências de palavrões do manuscrito (176) para a versão publicada (110). Os dados nos mostram como, em uma escrita menos monitorada, tais marcas linguísticas são expressas com maior frequência, sendo filtradas à medida que passam pelo processo de revisão para a versão de publicação, que será acessada pelo público. Esses dados corroboram os postulados de Swingler (2016), segundo o qual, uma vez que o falante é julgado pelo uso de palavrões, este tende a regular seus usos em virtude do interlocutor:

Em síntese, se sabemos (ou acreditamos) que nosso ouvinte costuma usar palavrões, podemos decidir usar esse tipo de linguagem a fim de convergirmos melhor com ele. Por outro lado, se acreditamos que o nosso ouvinte não se sente confortável ao ouvir palavrões, provavelmente evitaremos o seu uso, dependendo de nossos objetivos. Reconhecemos, assim, que o que acreditamos saber sobre as atitudes do nosso ouvinte com relação ao uso de

palavrões, influenciará sobremaneira a nossa decisão de usá-los (ou não) em nossas interações sociais. (SWINGLER, 2016, p. 37)

No caso de nosso objeto de estudo, temos um autor que modifica usos linguísticos em virtude do público leitor. A diversidade das lexias na obra é maior na versão publicada: palavrões que eram bastante frequentes na versão escrita menos monitorada foram, em muitos casos, retirados e/ou substituídos. Isso ocorre com maior intensidade nas lexias em destaque no quadro 1, sendo elas: (i) *peste e filho/fio da peste*, que, juntas, somavam 24 ocorrências no texto e passaram para apenas duas na versão publicada; (ii) *diabo* e relacionadas (de 30 para 1); e *puta* e relacionadas (de 18 para 5). No último caso, vale ressaltar que, das 5 ocorrências restantes, três delas dizem respeito a *beco das putas*, que, na narrativa, assume a função de topônimo, sendo referência a um local específico. Além disso, a lexia *porra*, encontrada sete vezes na versão manuscrita, foi totalmente retirada da versão publicada, de forma semelhante a *comer*, e *cu*, encontradas apenas uma vez mesma na versão menos monitorada e sendo retiradas do texto publicado. Para Silva (2022, p. 6), “As forças invisíveis circundadas pelo tabu censuram a linguagem e motivam uma modificação dessa linguagem a depender do contexto, seja para adequação às normas moralistas, seja para a sua transgressão [...]”. Em *Feijão de Cego*, temos uma modificação para fins de adequação, e esse processo de substituição de formas pode ser explicado por um forte julgamento social negativo atribuído aos palavrões. Em relação à *peste*, trata-se de uma doença; *diabo* diz respeito a um ser bastante temido em um país de forte cultura judaico-cristã; *comer* e *cu*, por sua vez, revelam-se como palavras consideradas bastante chulas, relacionadas à prática sexual; e *puta*⁶, que, embora possua significado semelhante à *cachorra*, teve sua frequência de uso reduzida na versão final, diferentemente desta última, o que reforça uma maior avaliação negativa do primeiro uso em comparação ao segundo.

Os fenômenos observados, como a supressão e/ou diminuição de determinadas lexias, bem como a diminuição expressiva dos palavrões na versão publicada, revelam o tabu linguístico e como este reflete no processo de escrita do autor. O tabu linguístico diz respeito às palavras alvo de forte avaliação social negativa e que, portanto, são evitadas em alguns contextos (PINHEIRO; MENEZES; FREITAG, 2020, p. 250). Dessa forma, a maior diversidade encontrada na versão publicada se deve

⁶ A respeito da lexia “puta” e suas significações, conferir: Maior ([1979] 2010, p.96).

às tentativas, por parte do autor, de substituir lexias de maior avaliação social negativa por lexias menos avaliadas negativamente.

Observemos alguns excertos que exemplificam a retirada e/ou substituição de determinadas lexias:

(01) – Ora, e eu lá vi cachorro nenhum na frente do meu carro! Você acha que eu ia matar um bicho desse de propósito? Pois não é que o **diabo**, para meu azar, passou por baixo do pneu traseiro, do lado direito, naquela rua apertada, depois da minha [...]. (CARVALHO, s/d, *O valor do cão da rapariga do cabo* manuscrito, grifo nosso)

(02) – Ora, e eu lá vi cachorro nenhum na frente do meu carro! Você acha que eu ia matar um bicho desse de propósito? Pois não é que o **filho da mãe**, para meu azar, passou por baixo do pneu traseiro, do lado direito, naquela rua apertada, depois da minha [...]. (CARVALHO, 2009, p.133, *O valor do cão da rapariga do cabo*, grifo nosso).

Em uma escrita menos monitorada, referente ao texto manuscrito, o autor confere à fala da personagem Etelvino o uso da lexia *diabo* para referir-se ao cão que havia atropelado acidentalmente e causado sua prisão. No entanto, o palavrão é substituído, na versão publicada, por *filho da mãe*, uma forma “menos pesada”, que pode ser utilizada em ambientes familiares (MAIOR ([1979] 2010, p.97); e, de acordo com usuários do dicionário InFormal, uma “forma eufêmica” de expressões como *filho da puta*⁷. Nos excertos 03 e 04, temos mais um caso de substituição de palavrões, onde *filho da peste* é substituído por *filho da gota*.

(03) – Você casa é com meu revólver, **filho da peste**, e atirei nas suas buchas, na cara, bem na boca, para não me dizer mais nenhum desaforo. (CARVALHO, s/d, *Júri de vítima viva*, manuscrito, grifo nosso)

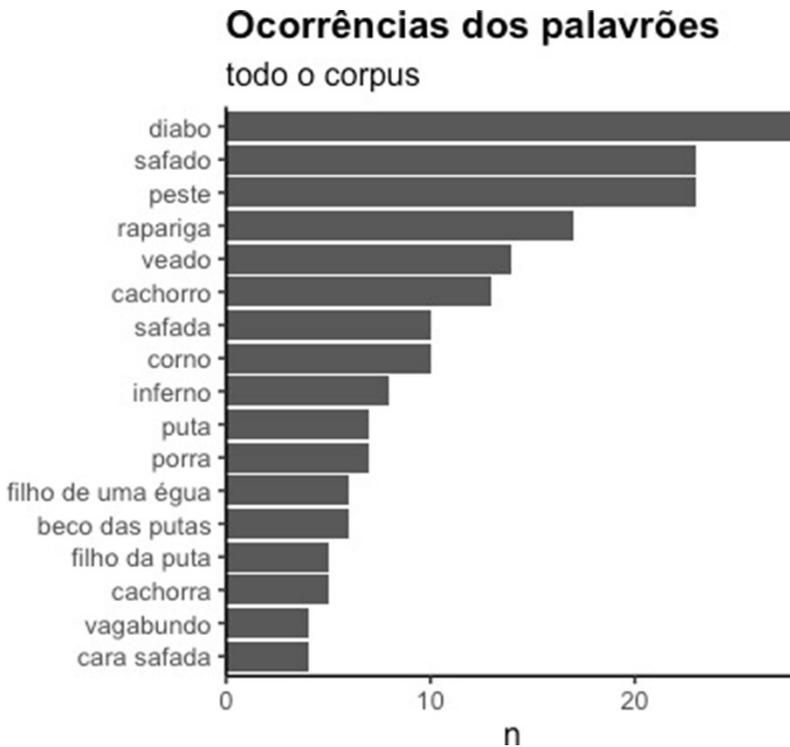
(04) – Você casa é com meu revólver, **filho da gota**, e atirei nas suas buchas, na cara, bem na boca, para não me dizer mais nenhum

⁷ <https://www.dicionarioinformal.com.br/filho%20da%20m%C3%A3e/>. Acesso em: 15 de Julho de 2022.

desaforo. (CARVALHO, 2009, p. 19, *Júri de vítima viva*, grifo nosso)

A fala da personagem Manilton, que narra como lidou com o caso de um homem que desrespeitara uma de suas filhas, é modificada especificamente no palavrão utilizado. Conforme observado no Quadro 1, *diabo e peste* são lexias com grande frequência de utilização na versão manuscrita, ao passo que no texto publicado, sua presença nos contos cai de forma expressiva. No Gráfico 1, temos os palavrões mais frequentes em todo o *corpus* (versão manuscrita + versão publicada):

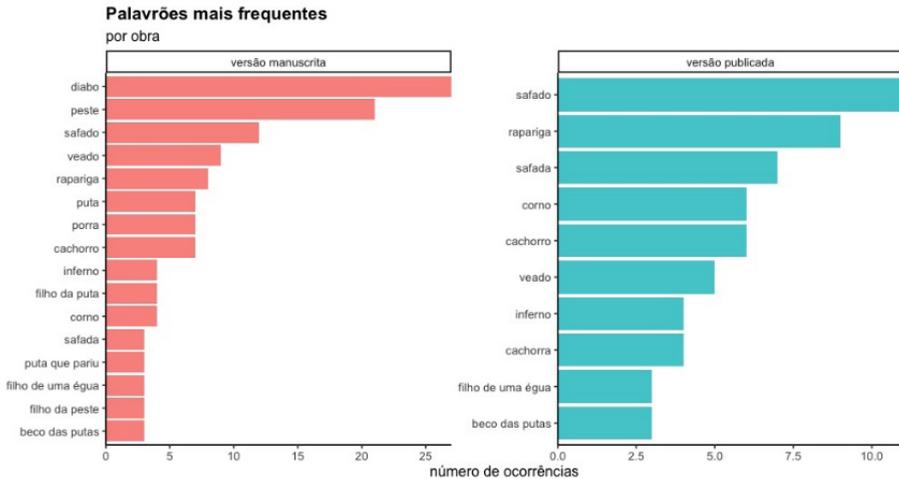
GRÁFICO 1 – Ocorrências dos palavrões por todo o corpus



Fonte: Elaboração própria

Em todo o *corpus* estudado, tomando em conjunto tanto a versão publicada como a manuscrita, as lexias *diabo*, *safado* e *peste* são as que mais se destacam. Comparando suas ocorrências nas duas versões, no gráfico 2, temos:

GRÁFICO 2 – Palavrões mais frequentes por obra



Fonte: Elaboração própria

No gráfico 2, observamos que *diabo* e *peste*, que junto com *safado*, foram as formas mais utilizadas nas falas das personagens na versão manuscrita, já não aparecem entre os palavrões mais utilizados na versão publicada, permanecendo apenas *safado*. Embora possamos perceber a redução e/ou retirada de várias outras lexias, seria inviável discutirmos, de forma aprofundada sobre cada uma delas, em virtude da natureza deste trabalho. Desse modo, seguindo um critério quantitativo, selecionamos *diabo* e *peste*, sobre as quais discorreremos a seguir:

4.1 As lexias *diabo* e *peste*

Além dos palavrões referentes aos atos sexuais e aos órgãos fisiológicos, existe a classe de palavras-tabu relacionadas às doenças e à religiosidade. Esse é o caso de *diabo* e *peste*, que embora fossem as duas lexias com maior frequência no manuscrito de *Feijão de Cego*, se encontram quase ausentes na versão publicada do livro de contos.

Há poucos estudos e informações científicas acerca dos palavrões no Brasil, em especial acerca de palavrões relacionados às doenças, como os encontrados no *corpus* estudado. Na matéria publicada pela revista *Superinteressante*⁸ de nome *A ciência do palavrão* (2020), que traz fatos e curiosidades acerca dessas lexias, a classe de palavrões associados às doenças são afirmadas como tendo perdido a força. Afirmar a matéria que

[...] quando “câncer” era sinônimo de morte, também não podia ser dita livremente. Nos obituários, a pessoa não morria de câncer, mas de ‘uma longa enfermidade’. Com os avanços no tratamento, a coisa mudou de figura, e câncer, apesar de ainda dar calafrios, virou uma palavra bem mais corriqueira. As doenças em geral, na verdade, passaram por um processo parecido. Em *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, por exemplo, há uma passagem dizendo: ‘que a peste invada as casas de ambos!’ Uma baita ofensa no século 16, quando a peste bulbônica ainda era uma ameaça na Europa. Mas agora, no mundo limpo e cheio de antibióticos que a gente conhece, o xingamento shakesperiano parece inócuo. (*Superinteressante*, “A ciência do palavrão”, 2020)

De acordo com a matéria, o tabu relacionado às doenças advinha do fato de que, por conta da escassez de tratamento médico para elas em tempos passados, ser diagnosticado com enfermidades como peste ou câncer significava, quase sempre, que o indivíduo estava fadado à morte. Com o desenvolvimento da medicina, muitas doenças que antes matavam já não são uma sentença de morte para o paciente, o que fez com que lexias associadas a elas perdessem a força. No entanto, palavrões pertencentes a este campo semântico são bastante comuns no nordeste brasileiro, a exemplo de *fió do canso*, associado ao falar itabaianense (SOARES, 2011; FREITAG, SANTOS, SANTOS, 2009); *teto*, *gota*, *cabrunco*⁹ e *bexiga*, também afirmados como muito comuns em Itabaiana (SOARES, 2011).

Em se tratando de *peste*, a matéria da revista *Superinteressante* destaca sua menção no romance de Shakespeare, possuindo, portanto, uma forte significação ofensiva em virtude da alta mortalidade causada pelas pestes que assolavam as pessoas em um tempo de poucos recursos

⁸ <https://super.abril.com.br/ciencia/a-ciencia-do-palavrao/>. Acesso em: 02 de ago. de 2022.

⁹ Em relação a *cabrunco*, esta lexia também é afirmada como comum em alguns municípios do interior do Rio de Janeiro, fazendo parte do repertório lexical de falantes de gerações mais antigas da planície Goitacá (MARQUES, OLIVEIRA, 2018; SOUZA, 2015).

médicos e de controle de doenças. Realizamos uma busca por seu significado em três dicionários, sendo eles: (i) O Dicionário do Palavrão e termos afins (MAIOR [1979] 2010), no qual a *lexia* não foi encontrada, (ii) dicionário Michaelis (2020) e (iii) dicionário InFormal. Das três definições com maior popularidade entre os significados atribuídos à *peste* no Dicionário InFormal, duas a significam como uma doença, e uma a define como *lexia* associada a uma pessoa de difícil convivência. De forma semelhante, o dicionário Michaelis (2020) traz, na maioria das definições, o significado relacionado às doenças debilitantes, mas também destaca seu caráter coloquial. Em semelhança com a primeira definição do Dicionário Informal, o seu caráter coloquial é uma característica moral do ser humano. O Michaelis (2020) também traz a expressão *da peste*, sendo utilizada como um intensificador de algo bom ou ruim, a exemplo de uma expressão bastante conhecida e associada ao falar nordestino, *cabra da peste*, normalmente utilizada para evocar traços do indivíduo como a força, coragem e valentia. Um outro intensificador trazido por esse dicionário é *pra peste*, expressão atribuída à fala nordestina e utilizada para destacar algo feito em grande quantidade ou de forma intensa, a exemplo de “Diego gastou dinheiro *pra peste* hoje” ou “A universidade fica longe *pra peste* de minha casa”. Em *Feijão de Cego*, *peste* é utilizada majoritariamente com função de xingamento, portanto, de forma negativa.

- (05) – A testa está suada, o coração disparado. Fico um tempão parada, a respiração ofegante. O **filho da peste** está de volta. (CARVALHO, s/d, manuscrito, *Aparição*, grifo nosso)

Esse excerto traz a fala da narradora-personagem, que se refere ao homem que a estuprou. A protagonista descreve seu estado após um pesadelo com o homem, que há muito falecera. Na versão publicada, *filho da peste* é substituído por *monstro*:

- (06) – A testa está suada, o coração disparado. Fico um tempão parada, a respiração ofegante. O **monstro** está de volta. (CARVALHO, 2009, p.204, *Aparição*, grifo nosso)

A *lexia* é, também, utilizada como um sinônimo de *morte*. É o que ocorre nos excertos 07 e 08, referentes ao conto *Ciúmes*. Neles, o narrador-personagem refere-se a um rival amoroso, que há muito tempo

morreu de coma alcoólico. No entanto, no manuscrito, faz-se o uso de *peste*, ao passo que no texto publicado, houve a substituição da *lexia*:

(07) – O culpado foi Jeconias de seu Anacleto. Culpado único, aliás. Vou passar a vida inteira acusando e condenando o desgraçado que a **peste** há muito levou. (CARVALHO, s/d, manuscrito, *Ciúmes*, grifo nosso)

(08) – O culpado foi Jeconias de seu Anacleto. Culpado único, aliás. Vou passar a vida inteira acusando e condenando o infeliz que a **morte** há muito levou. (CARVALHO, 2009, p.41, *Ciúmes*, grifo nosso)

Temos aqui mais um caso em que um palavrão foi retirado na versão publicada, onde no lugar de *peste*, é utilizada a palavra *morte*, revelando, assim, essa significação atribuída à *lexia* na fala dessa personagem. Sua utilização se dá de forma negativa e depreciativa, em conjunto com *desgraçado* (substituído por *infeliz* na versão publicada), remetendo morte, desgraça, fatalidade.

Em semelhança aos exemplos trazidos nos excertos anteriores, o palavrão *peste*, em *Feijão de Cego*, foi utilizado na maioria das vezes com a função de xingamento, com fins de depreciação entre personagens, não sendo encontradas ocorrências em que a *lexia* desempenhava a função de destacar ou intensificar traços positivos de pessoas ou coisas. No entanto, vários outros palavrões também com fins depreciativos, como *safado(a)*, permaneceram na versão publicada entre os mais ocorrentes. Por que, então, *pesteteria* sido quase que completamente retirada da versão publicada? Quais seriam os prováveis motivos pelos quais essa *lexia* teve seu uso evitado na versão que chegaria ao público leitor? Considerando a presença de *peste* em *Romeu e Julieta* com a função de maldição – o que se assemelha à função depreciativa dessa *lexia* nos diálogos de *Feijão de Cego* – e sendo o Nordeste marcado por uma forte religiosidade de tradição cristã, buscamos seus significados nos textos bíblicos.

Não havendo definição exata nos textos bíblicos, *peste* é citada 48 vezes na bíblia hebraica (GRENZER, 2020, p. 441), e refere-se a males que trazem grande mortalidade em pouco tempo, de forma devastadora, e que atinge homens e animais, reis e plebeus. Essa enfermidade, na Bíblia, diz respeito às consequências divinas sobre o ser humano em resultado do mal que os homens causam ao outro e à terra. Como punição

divina, causam grande temor entre as personagens bíblicas. Segundo Rezende (2009, p.73), as grandes epidemias que assolaram a história, como, por exemplo, a varíola, a febre tifoide e a malária, também foram referidas genericamente como *pestes*, embora não fossem provocadas pelo “*Yersinia pestis*”, o bacilo causador da doença. O médico afirma que a primeira menção à peste bulbônica ocorre nos textos bíblicos, no qual, por punição divina como resultado do roubo da arca da aliança dos hebreus, os filisteus foram acometidos de tumores em suas partes íntimas. A peste, então, é mencionada nos textos bíblicos como parte das epidemias mortais, frutos de castigos divinos que acometeram judeus e não judeus. São doenças impiedosas e que causaram grande assombro e pavor entre as pessoas da época, sendo então uma *lexia* associada à morte, às doenças devastadoras e ao castigo divino. No Novo Testamento, uma de suas menções encontra-se no livro de Lucas. Nele, Jesus se refere às pestes como um dos sinais do fim dos tempos (Lc 21, 11).¹⁰

Dessa forma, um motivo para a diminuição das ocorrências do palavrão *peste* na versão publicada da obra talvez se deva a uma forte avaliação valorativa de estigma que ainda atua sobre a *lexia*, envolvendo o fato de que ela se refere a qualquer doença contagiosa, conforme Rezende (2009) e segundo observado na definição 2 do dicionário Michaelis (2020). Além disso, temos a visão religiosa judaico-cristã, que traz significações relacionadas ao apocalipse, castigo divino, maldição, e à morte, o que também foi observado no excerto 08 extraído de *Feijão de Cego*. Tecemos, aqui, uma hipótese, sendo necessárias pesquisas mais aprofundadas em campo acerca dessa *lexia* e sua avaliação social, o que demonstra a necessidade de mais pesquisas acadêmicas acerca desse e de outros palavrões, seus impactos e as significações a eles atribuídos.

Sabemos, no entanto, que em uma sociedade na qual imperam valores judaico-cristãos, o palavrão se constitui como uma transgressão. Nos textos bíblicos, a atitude de proferir “palavras torpes” é desencorajada: “Nenhuma palavra torpe saia da boca de vocês, mas apenas a que for útil para edificar os outros, conforme a necessidade, para que conceda graça aos que a ouvem” (Efésios 4:25-32). Esse versículo faz parte de uma série de conselhos em uma carta escrita pelo Apóstolo Paulo.

¹⁰ A *lexia* *peste*, nos textos bíblicos, pode variar para *pestilência* ou *epidemia*, a depender da tradução. Na Bíblia de estudo Thompson, traduzida por João Ferreira de Almeida (2014), utiliza-se *epidemia* no texto de Lucas 21, 11.

Nesse capítulo, as “palavras torpes” são desencorajadas com a mesma intensidade que atitudes como a mentira e o furto.

Embora comum à fala nordestina, a lexia *peste* não se encontra no *Dicionário do palavrão e termos afins* (MAIOR [1979] 2010), mesmo sendo organizado por um folclorista nordestino, de origem pernambucana. Algumas hipóteses podem ser tecidas para a ausência da lexia no dicionário de Maior: (i) – a lexia *peste* não era corrente ou conhecida por todo o Nordeste à época da produção da obra, que ficara pronta em 1974 e foi publicada apenas em 1979, em decorrência da censura (período no qual o autor fez algumas adições e melhorias ao dicionário); (ii) a obra, originalmente, era uma pesquisa que visava reunir vocabulários relacionados ao sexo. Sendo assim, *peste* não foi incluída ou até reconhecida, à época, como palavrão. Um fato que corrobora essa segunda hipótese é a ausência de outros palavrões relacionados às doenças, como *gota*, *bexiga* e *cabrunco*. O *Dicionário do palavrão e termos afins* segue, dessa forma, a linha mais conhecida dos palavrões, imperando na obra as lexis relacionadas ao sexo e às funções fisiológicas humanas. De forma semelhante, *diabo*, sua variante *diacho*, e demais palavras-tabu relacionadas à religiosidade, tais como *satanás*, *cão*, *inferno* e *penima*¹¹ não foram listadas no dicionário de Maior ([1979] 2010).

Na versão manuscrita de *Feijão de Cego*, *diabo* é uma lexia bastante recorrente, sendo reduzida de forma expressiva na versão publicada: de trinta para apenas uma ocorrência. As três definições com maior destaque entre os usuários do Dicionário InFormal trazem suas significações religiosas, não se sobressaindo, portanto, seus usos referentes aos palavrões. O dicionário Michaelis (2020) traz, entre as principais definições, além das significações religiosas, usos linguísticos relacionados ao seu sentido figurado. De acordo com as definições e exemplos de usos para *diabo* trazidos por esse dicionário, quando a lexia é utilizada para ressaltar características de um indivíduo, estas em sua maioria são negativas. Há, porém, entre os exemplos da décima definição, seu uso como intensificador para fins de elogio como em “O *diabo* do garoto entende a trama dos romances melhor que a professora” (MICHAELIS,

¹¹ *Penima* (ou *pinima*) é utilizada para expressar descontentamento, tendo significado relacionado a *algo ruim*, *praga*, *agouro* (MICHAELIS, 2020). Em *Feijão de Cego*, temos uma utilização da lexia: *Que azar da penima!* (CARVALHO, 2002, p. 135, *O valor do cão da rapariga do cabo*).

2020). Entre as expressões derivadas, *fazer o diabo* tem, como uma de suas definições, “realizar proezas; ser bem-sucedido” (MICHAELIS, 2020). No entanto, de forma semelhante a *peste* e demais palavras, em *Feijão de Cego*, não foram encontradas ocorrências para *diabo* com a finalidade de se intensificarem aspectos positivos de indivíduos. Pelo contrário, essa forma aparece com sua função negativa, para xingamentos e como interjeições que expressam sentimentos como contrariedade, surpresa, raiva, entre outros. Caso semelhante é atestado por Santos e Filho (2018), que observaram a utilização de palavras negativas como ferramentas estilísticas para corroborar cenas de ódio e violência, bem como os sentimentos negativos da personagem principal, em um conto contemporâneo. Vejamos alguns exemplos de como os palavras em *Feijão de Cego* (nesse caso, *diabo*) evidenciam sentimentos e atitudes negativas na obra.

(09) – Aceitei, que **diabo**, aceitei. Vê-lo sair de casa e agora me separar dele, oficialmente, **meu Deus**, quanta besteira estava a fazer. (CARVALHO, s/d, manuscrito, *Justificações*, grifo nosso)

Nessa fala, a protagonista do conto narra sua insatisfação acerca da forma como seu marido, enquanto prefeito, a pressionou a concordar com a simulação de um divórcio a fim de a tornar elegível ao cargo e, portanto, sua sucessora, permitindo que o homem continuasse a dominar o cenário político local mesmo após o término de seu mandato. A lexia, nesse excerto, tem a função de interjeição, sendo utilizada para corroborar os sentimentos de contrariedade da personagem. Notemos que no mesmo excerto, *que diabo* coexiste com um outro exortativo, *meu Deus*, trazendo em uma mesma fala, dois seres antagônicos da crença judaico-cristã: o bem e o mal, o sagrado e o profano. A lexia *diabo*, no entanto é escrita em minúsculo, ao passo que *meu Deus*, tem sua inicial em maiúsculo, além de, na versão publicada da obra, o exortativo permanecer:

(10) – Aceitei, não nego, aceitei. Vê-lo sair de casa e agora me separar dele, oficialmente, **meu Deus**, quanta besteira estava a fazer. (CARVALHO, 2009, *Justificações*, p. 127, grifo nosso)

Embora *diabo* seja encontrado, em sua maioria, com a função de interjeição, temos também a utilização da lexia como expletivo, como exposto na décima primeira definição do dicionário Michaelis (2020). *Diabo* é utilizado para fins de realce em algumas falas, trazendo

intensidade a estas e expressando sentimentos intensos das personagens, como no excerto a seguir:

- (11) – Onde **diabo** você foi ouvir essas histórias, que isso aconteceu de muitos anos antes do seu nascimento [...]. (CARVALHO, s/d, manuscrito, *Confissão*, grifo nosso)

Nessa fala, um pai se assusta quando seu filho lhe indaga acerca de um caso que teria ouvido, acerca de um escândalo em uma família temida na região. Tratando-se de uma história delicada, que envolvia o estupro de uma adolescente por seu cunhado, resultando em uma gravidez, o assunto era evitado pelos moradores da região, mesmo depois de muitas décadas após o ocorrido. A *lexia*, que expressa a surpresa do homem diante da menção do fato por seu filho, é substituída na versão publicada:

- (12) – Onde **buraco** você foi ouvir essas histórias, que isso aconteceu de muitos anos antes do seu nascimento [...]. (CARVALHO, 2009, p.161, *Confissão*, grifo nosso)

Aqui, a *lexia* foi substituída por *buraco*, tendo sido utilizada na frase como referente à localização, uma vez que o pai indaga seu filho acerca de onde ele teria escutado aquela história tão evitada. Temos, também, os usos com fins de xingamento, como veremos nos próximos excertos, retirados do conto *Dia Diferente*. No manuscrito, o narrador faz uso da *lexia* para referir-se ao homem que assassinara a esposa a facadas, sendo *diabo* utilizado como intensificador, como descrito na décima definição do dicionário Michaelis (2020). No entanto, na versão publicada, há a retirada da *lexia*, que não foi substituída por nenhuma outra palavra.

- (13) – [...] Ageunita não era de amizade com ninguém da rua, não cumprimentando morador algum. Talvez se achasse superior a todos. Talvez. Quem sabia lá se não era o **diabo** do marido que não permitia? (CARVALHO, s/d, manuscrito, *Dia Diferente*, grifo nosso)

- (14) – [...] Ageunita não era de amizade com ninguém da rua, não cumprimentando morador algum. Talvez se achasse superior a todos. Talvez. Quem sabia lá se não era o marido que não permitia? (CARVALHO, 2009, p.177, *Dia Diferente*)

Uma vez que *diabo* remete a um ser que, em uma cultura de fortes valores judaico-cristãos, traz temor e significa a origem do mal, a menção ao nome evoca uma gama de significações e é entremeada de crenças e temores. Em *Feijão de Cego*, não foram encontrados usos para a lexia que servissem de intensificador para características positivas de indivíduos, tratando-se, na maioria das vezes, de interjeições (como *que diabo!*) encontradas em falas de personagens contrariadas, nervosas e irritadas. O fato dessa lexia encontrar-se em grande abundância na versão manuscrita e ter sido quase extinta na obra publicada nos revela o estigma que atua sobre ela, em uma sociedade de forte religiosidade como a nordestina, e como os efeitos de monitoramento linguístico durante o processo de revisão em *Feijão de Cego* interferem no uso dessas lexias para a construção das *personas* na obra.

Costa (2016, p.23), relatando experiências pessoais em sua infância no interior baiano, afirma que cresceu em meio a uma infinidade de crenças e superstições, estando entre elas a proibição de se pronunciarem alguns nomes, entre eles os de determinadas doenças e seres espirituais. Ao analisar as várias denominações para *diabo* nas capitais brasileiras colhidas em entrevistas do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)¹², a pesquisadora afirma que a forte religiosidade cristã influencia as escolhas lexicais dos indivíduos, bem como reações de “temor e repulsa” a algumas delas. Em resposta à questão *Se Deus está no céu, no Inferno está?* que faz parte do questionário da ALiB, foram identificadas as lexias:

anjo mau, anjo do mal, anticristo, besta, besta-fera, belzebu, bicho feio, bicho ruim, cão, capeta, capioto, chifrudo, coisa, coisa ruim, cramulhano, criatura, cruz credo, demo, demônio, desgraça, diabo, didi, encardido, enxofre, estrela vermelha, inimigo, Lúcifer, maligno, mefítico, príncipe dos céus, rabudo, sapirico, satã, satanás, satangoso, sujo, troço, tilinga, tinhoso. (COMITÊ NACIONAL, 2001, *apud* COSTA, 2016, p.115, grifo da autora)

¹² O Atlas Linguístico do Brasil ALiB é um projeto criado em 1996 e que documenta a variação linguística em todas as regiões do território brasileiro, através de questionários aplicados (de 431 perguntas que se agrupam em vários campos), sobretudo nas capitais dos estados (exceto a capital do Tocantins e o Distrito Federal, em virtude de sua fundação recente). A pesquisa de Costa (2016) tomou como objeto a questão número 01 do questionário do campo semântico referente à religião e a crenças, sendo ela *Se Deus está no céu, no inferno está?*

Embora *diabo* tenha sido a resposta com maior frequência, com 30% dos dados, tendo sido documentada em todas as capitais estudadas, são bastante variadas as denominações encontradas para designar *ser que está no inferno* (COSTA, 2016), havendo uma grande quantidade de metáforas e metonímias que se constituem palavras menos impactantes para evitar a menção à palavra *diabo*. Essa variedade de denominações demonstra o estigma que carrega a *lexia*, que traz consigo um infinito de crenças e significações, porque muitos acreditam que sua menção atrairia males. Em *Feijão de Cego*, mesmo com pouca frequência, foram encontradas três variantes¹³ de *diabo*, sendo elas: *cão*, com duas ocorrências na versão manuscrita e uma na versão publicada; *Diacho* com uma ocorrência no manuscrito e nenhuma na versão publicada; e *Satanás*, que permaneceu com uma ocorrência na versão publicada. No entanto, em virtude da função de xingamento nos diálogos dos contos – e não de se referir ao *ser que está no inferno*, conforme observado por Costa (2016) –, os casos de substituição na versão publicada não trouxeram sinônimos da *lexia*, como os destacados no Quadro 1, mas sim, outros palavrões menos impactantes (a exemplo de *diabo* para *filho da mãe*), *lexias* que não se constituem palavras-tabu (como *diabo* para *buraco*), ou apenas realizou-se sua total retirada da fala.

Dois casos interessantes a serem destacados, em se tratando de substituição para *lexias*, dizem respeito aos excertos seguintes. Neles, temos *diabo* e *peste*, referentes ao *profano*, sendo substituídos por expressões religiosas:

- (15) – O estoque estava encerrado, se fazendo preciso apressar a cerimônia, porque todos estavam cheios daquela história, Floduarda casasse com quem quisesse, com Esterlito ou com o pai dele, com o avô, bisavô, tataravô, **com o diabo** se aparecesse. (CARVALHO, s/d, manuscrito, *O casamento de Esterlito*, grifo nosso)

O excerto faz parte do conto *O casamento de Esterlito*, e nele, o narrador transmite os sentimentos de moradores de uma pequena cidade diante do casamento de uma jovem descrita como *moça falada*, em virtude de suas atividades sexuais, com um rapaz que possui deficiência

¹³ Questões relacionadas à sinonímia e variação são temas que suscitam discussões entre teóricos da área. Nesta pesquisa, assumimos o posicionamento de Costa (2016), ao considerarmos as diferentes nomeações para *o ser que está no inferno* como variantes para um mesmo referente: *diabo*; e, portanto, sinônimas.

intelectual. A união causa grande irritação aos populares, que estavam impacientes e incomodados com os noivos sempre passeando juntos na pracinha da cidade, uma vez que afirmavam que a jovem estaria iludindo o rapaz, escondendo o fato de não ser mais virgem – aspecto bastante valorizado em sociedades mais tradicionais – e ter tido vários casos amorosos anteriores. Essa irritação e impaciência são transmitidas pelo narrador, que faz uso da lexia *diabo* para corroborar tais sentimentos. No entanto, na versão publicada, há sua substituição:

- (16) – O estoque estava encerrado, se fazendo preciso apressar a cerimônia, porque todos estavam cheios daquela história, Floduarda casasse com quem quisesse, com Esterlito ou com o pai dele, com o avô, bisavô, tataravô, **com o filho do bispo**, se aparecesse e existisse. (CARVALHO, 2009, p. 201, *O casamento de Esterlito*, grifo nosso)

Nesse caso, ambas as expressões se referem ao sentido de *com quem quer que fosse*, sendo tanto o *diabo* como o *filho do bispo*, dois elementos tabu; um por ser profano, a origem de todos os males, e o outro, resultado do ato sexual de um sacerdote. Caso parecido é observado no conto *A esposa do meu sobrinho-neto*:

- (17) –[...] ah, Donária, vá ser bonita assim **na casa da peste!** (CARVALHO, s/d, manuscrito, *A esposa do meu sobrinho-neto*, grifo nosso).

Neste excerto, o narrador-personagem conta como se encontra na situação atual da narrativa: fugindo de familiares como resultado de ter encomendado o assassinato de seu sobrinho-neto. O idoso ficou obcecado com a esposa do rapaz, concluindo que a única chance que teria de conquistá-la seria se ela ficasse viúva. Na fala em destaque, a personagem faz uso da expressão *casa da peste* como um intensificador com fins de elogio, sendo raros os usos de palavrões com essa finalidade na obra, como já observado anteriormente. Ainda assim, na versão publicada, a expressão foi substituída, dessa vez por uma referência a objetos sagrados:

- (18) – [...] ah, Donária, vá ser bonita assim **no altar das igrejas!** (CARVALHO, 2009, p.109, *A esposa do meu sobrinho-neto*, grifo nosso)

A substituição de *casa da peste*, para *altar das igrejas*, revela a função em comum que ambas compartilham nesse contexto, embora a elas sejam atribuídos valores sociais distintos. No entanto, a escolha da segunda expressão não se deu de forma descontextualizada, mas advém do forte discurso religioso presente na fala dessa e de muitas personagens de *Feijão de Cego*, em que os palavrões coexistem com expressões religiosas, expressando seus costumes e valores. O idoso, momentos antes, ao descrever a beleza da jovem, comparou-a a uma imagem sagrada pertencente à fé católica: “A mulher era mais linda que a imagem de Nossa Senhora do Carmo, lá no altar da igreja” (CARVALHO, 2009, p. 108, *A esposa do meu sobrinho-neto*). Dessa forma, o autor, ao sentir a necessidade de realizar tal substituição, resgatou a comparação feita anteriormente.

Acerca de palavras que, quando proferidas, trazem consigo diversas significações socialmente estratificadas, afirmam Meneguetti e Tullio (2020, p.41) que “é possível observar a carga semântica que tais palavras carregam, o medo que as representam. Por isso existe o tabu linguístico, que aborda a proibição de certas expressões, por se tratarem de palavras que carregam algo desagradável”. Entre essas expressões, conforme observado em nosso *corpus*, temos aquelas relacionadas à religiosidade e às doenças.

Uma vez que “os tabus linguísticos aparecem como decorrência dos tabus sociais” (ORSI; ZAVAGLIA, 2012, p. 159), podemos afirmar que as lexias retiradas na versão publicada de *Feijão de cego* evidenciam valores e crenças do público esperado pelo autor. Conforme observamos, as duas lexias mais recorrentes em uma escrita menos monitorada e retiradas da versão publicada, *diabo e peste*, mesmo tratando-se de dois palavrões de diferentes categorias – religiosidade e doenças – possuem algo em comum: os valores a elas atribuídos pela Bíblia. Ambas as lexias fazem parte dos textos bíblicos, permeando a imagética de uma sociedade judaico-cristã e que atribui a essas lexias atitudes valorativas de estigma, influenciadas por suas crenças. De acordo com as crenças populares, a menção excessiva a uma doença tão presente nos textos bíblicos como uma maldição e castigo divinos, e a um ser poderoso do qual se origina o mal, poderia atrair males e agouros.

Tais crenças acarretam uma forte avaliação negativa atribuída a essas palavras, sendo seu caráter de palavras-tabu uma provável explicação para sua quase total retirada da versão de *Feijão de Cego* que chegaria ao público leitor. Isso demonstra as diferenças entre o que falamos em momentos menos e mais monitorados, realizando escolhas

linguísticas em virtude do interlocutor. Há, também, nos diálogos de *Feijão de Cego*, valores e crenças manifestadas pelas personagens em relação aos palavrões, sendo a metalinguagem também uma ferramenta para a construção de *personas* na obra. É sobre esta questão que trataremos na seção a seguir.

5 A metalinguagem em *Feijão de Cego*

Allan Bell (1984) defende que o estilo diz respeito à resposta dos oradores a seu público. Ele aponta que as pessoas estão sempre respondendo a outras pessoas, em todos os níveis de variabilidade da linguagem. Sendo assim, projetam seu estilo a partir do seu destinatário. Na versão manuscrita, os palavrões são muito mais frequentes, e, por vezes, repetitivos, a exemplo das duas lexias abordadas na seção anterior, o que revela seu possível pertencimento ao repertório linguístico do escritor. No entanto, durante o processo de revisão e produção da versão final, há a preocupação em retirar totalmente algumas lexias mais “pesadas”, como *comer*, e *cu*, e tornar outras menos frequentes, como *diabo* e *peste*.

Um fato interessante a ser destacado, é que *fi do canso*, embora atestado como lexia atribuída à fala itabaiense (FREITAG, SANTOS, SANTOS, 2009; SOARES, 2011), não é encontrada em nenhuma das versões, nem mesmo na mais espontânea. Para compreendermos um pouco mais a respeito da consciência sociolinguística do autor da obra em estudo, bem como as motivações pelas quais alguns palavrões são utilizados ou evitados, é interessante que destaquemos a declaração a seguir, na qual Souza Carvalho expressa suas opiniões pessoais acerca de algumas lexias:

Carvalho: Coisa chula eu não gosto não. Eu uso termos como “cabrunco”, “fi da peste”... Tem uma carga semântica mais suave. Mas quando chega no chulo, na grosseria, eu não gosto....

Entrevistadora: Quando você ouve “canso”, o que vem à sua mente?

Carvalho: Eu não gosto. Não acho bonito [...] Eu acho que “filho do canso” é “filho do câncer”. Não acho bonito. (comunicação pessoal do autor, 2022)

De acordo com o dicionário Michaelis (2020), *chulo* diz respeito a “termos de calão impróprios à linguagem educada; de baixo calão,

vulgar, obsceno” (MICHAELIS, 2020)¹⁴. Em sua avaliação pessoal, o autor de *Feijão de cego* categoriza a lexia *fi do canso* no nível de expressões chulas e grosseiras, sendo então alvo de maior avaliação social negativa e, portanto, evitada nos diálogos de sua obra, mesmo na versão manuscrita. Em contrapartida, *cabrunco* e *peste* são descritos como mais suaves pelo autor, sendo encontrados na versão manuscrita e publicada da obra. *Cabrunco* ocorre quatro vezes no manuscrito e três na versão publicada. A lexia *peste*, em conjunto com *filho/fi da peste*, foi reduzida de 24 ocorrências no manuscrito para apenas 2 na versão publicada. No entanto, o fato de que o escritor a classifica como sendo “mais suave” sugere que essa diminuição se deu não em virtude de uma avaliação valorativa de estigma direcionada à lexia por parte do autor, mas possivelmente como consequência de valores e crenças que o mesmo espera de seu público leitor. Como afirma Orsi (2011, p.338), “a opção por uma forma, mais ou menos obscena, depende do ambiente cultural em que o falante e seu interlocutor se inserem”. Nesse sentido, as motivações para a ausência, retirada e/ou diminuição da frequência de lexias mobilizaram valores e crenças, por vezes do autor, e por vezes em virtude do público leitor esperado.

No entanto, o desconhecimento das etapas de revisão pelas quais passaram os contos até sua publicação é uma das limitações de nossa pesquisa. Conhecer essas etapas nos daria mais pistas acerca dos critérios para a retirada e/ou diminuição da frequência de lexias,. Sabemos, no entanto, que os textos de Vladimir Carvalho passam pelo crivo de pelo menos uma revisora, sua esposa, que se concentra nos aspectos ortográficos. Fica ao encargo do próprio autor os processos referentes às adaptações e alterações textuais¹⁵.

Temos, então, a consciência sociolinguística e alguns juízos de valor demonstrados pelo autor e que refletem as escolhas realizadas acerca dos palavrões de sua obra. Isso evidencia como a avaliação de variantes linguísticas por parte do falante e/ou da sociedade na qual ele está inserido influencia diretamente em seu comportamento linguístico e chama a atenção para a importância de estudos que contemplem tal fenômeno (FREITAG et

¹⁴ <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/chulo/>. Acesso em: 17 ago 2022.

¹⁵ Informações concedidas pelo autor nas comunicações ocorridas durante o período de desenvolvimento dessa pesquisa.

al., 2015). Nos estudos de Pinheiro, Menezes e Freitag (2020), por exemplo, foi atestado que o tabu que circunda algumas palavras (de cunho sexual) influencia até mesmo o tempo de leitura de indivíduos (mulheres ou que se encontram diante de mulheres), refletindo o conservadorismo social.

Conforme mostramos anteriormente, os aspectos linguísticos, a exemplo dos palavrões que constituem o foco de nossa análise, também são utilizados como ferramenta para a construção das *personas* nos contos e, dessa forma, para a representação de grupos sociais. Estes são sujeitos à avaliação social através de descrições metalinguísticas, que nos trazem pistas acerca de como alguns traços da língua são avaliados socialmente e associados a outras características das personagens. No entanto, quando direcionamos nossa análise para as frequências de palavrões na versão manuscrita e publicada da obra, os resultados trazem pistas acerca dos efeitos de monitoramento linguístico que incidem sobre o uso de palavrões na obra e que são provenientes das avaliações por parte do autor e/ou observadas por este em relação ao público pretendido.

Já em relação aos juízos de valor encontrados nas descrições metalinguísticas presentes nos diálogos dos contos que iremos observar nos excertos a seguir, não podemos afirmá-los expressamente como opiniões pessoais do autor, uma vez que eles podem ser representações acerca de como algumas realizações linguísticas são observadas na sociedade, podendo ser ou não opiniões compartilhadas pelo escritor da obra.

Para identificarmos a metalinguagem em *Feijão de Cego*, revisamos a versão manuscrita e publicada e destacamos os contos nos quais se encontram juízos de valor sobre a linguagem, denotando a consciência sociolinguística do autor. Reunimos tais informações no quadro 2:

Quadro 2 – Comentários metalinguísticos em “Feijão de Cego”

Manuscrito		Publicado	
Conto:	Quantidade:	Conto:	Quantidade:
Perdão	4	Perdão	4
Visão	1	Visão	1
As três filhas de Pedreiro Pedra	0	As três filhas de Pedreiro Pedra	1
O casamento de Esterlito	1	O casamento de Esterlito	1
Explicação	1	Explicação	1

Fonte: Elaboração própria

Os comentários metalinguísticos, encontrados em cinco contos, não sofrem alteração entre as versões, com exceção do caso que ocorre em *As três filhas de Pedreiro Pedra*, que trataremos nos excertos 26 e 27. Primeiramente apresentaremos o caso de metalinguagem presente no conto *Perdão*. O conto é narrado em primeira pessoa por um narrador-personagem que, viúvo, idoso e debilitado em decorrência de um derrame que lhe tirou a fala e os movimentos, reflete acerca de eventos do passado. A personagem, que não recebe nome no conto, revela suas suspeitas acerca da paternidade de seu filho mais novo, utilizando como argumentos suas suspeitas de traição por parte de sua falecida esposa, bem como as características físicas, psicológicas e morais de Vambério, que em muito se distinguem das de seus demais filhos. Para melhor compreendermos a consciência sociolinguística do autor e como ele representa atitudes valorativas de estigma direcionadas ao uso de palavras, faz-se necessário discutirmos acerca de como o uso de lexis é associado a um conjunto de outros aspectos linguísticos e sociais, na construção das *personas* do conto.

Sobre as características físicas, Vambério possui um tom de pele diferente: “Vambério nasceu. Diferente dos irmãos. Para começar, moreno. Quando juntava todos na mesa notava a diferença entre os primeiros, branquelos, como eu sou e Joelina, e Vambério” (CARVALHO, 2009, p. 54, *Perdão*). Além disso, a personagem afirma que seus filhos mais velhos estão ficando corcundas à medida que vão envelhecendo, ao passo que Vambério se mantém “elegante, ereto, parece um ricoço perto dos irmãos” (CARVALHO, 2009, p.53). São destacadas, então, as diferenças entre o modo de falar de Vambério e o de seus outros quatro irmãos, Aldileno, Sinfrônio, Perolina e Edernival:

- (19) – Até a conversa é diferente. Os primeiros falam correndo, engolindo as palavras, quase gogos, como eu. Perolina faz um bico destacado, como a falecida mãe. Igualzinha. Vambério não fala. Discursa. O olhar firme, a voz calma, um tom de gente rica. Até o jeito de conversar mostra uma pose, que na minha e na família da mãe não existia. Quando pequeno, ouvia os amigos afirmarem: – Vambério vai ter anel de formatura. Que vai, vai. É diferente dos outros. O menino vai longe! (CARVALHO, 2009, p.53-54, *Perdão*)

O pai, ao descrever a fala de seus filhos, destaca a forma eloquente como o mais novo se expressa, ao passo que a fala dos

demais (semelhantemente à sua) é comparada a uma gagueira, uma vez que possui um ritmo rápido, “correndo”, com ocorrência de possíveis metaplasmos por supressão onde as palavras seriam “engolidas”. Além disso, a fala de Vambério é comparada por seu pai à fala de *gente rica*. Essa primeira descrição revela Vambério como um falante em cujo repertório linguístico se encontram variantes mais aproximadas a uma fala de maior prestígio, avaliada positivamente não só por seu pai, mas por conhecidos da família, segundo os quais o garoto teria um futuro promissor, sendo “diferente dos outros”. No excerto a seguir, veremos como a linguagem é um elemento associado a outras características de comportamento avaliadas negativamente:

- (20) – Vambério não é meu filho. Ele não tem nada dos irmãos, nem de mim. Os irmãos são uns grosseirões, sem educação, falando alto, espalitando o dente, arrotando um na cara do outro, se utilizando de **termos chulos** quando conversam. Aldileno, por exemplo, motorista de caminhão, nem coloca a camisa por dentro das calças nem abotoa os botões, a barriga cabeluda estufando de volumosa. Faz a barba uma vez por semana, quando muito. Sinfrônio, marchante, a boca mostrando a falta de dente, ora para mastigar tenho outros, responde. Edernival peida na presença de todo mundo. Tem um bar, vivendo a brigar com quem arranha o pano de seu sinuca. Perolina **desbocada** e malatroadada, a dizer **palavrões nas ruas**, sem respeitar ninguém, nem o padre Barrerito, a dentadura caindo da boca, guardada sempre no bolso do vestido. Vambério, nem pensar. É o único que galgou uma posição de destaque. Barba todo dia raspada, cabelo bem penteado, camisa por dentro. É bacharel em ciências jurídicas e sociais, advogando por aqui e pela redondeza. Perto dos irmãos, a diferença se acentua, na maneira de se comunicar, nos gestos, nas palavras. Só quem é cego é que não percebe. (CARVALHO, 2009, p. 54-55, *Perdão*, grifo nosso)

Nesse excerto, o idoso afirma os palavrões como recorrentes na fala de seus filhos Sinfrônio, Aldileno, Edernival e Perolina, associa tais usos linguísticos à “grosseira”, à “falta de educação” e à fala “desbocada”. Os palavrões são associados a um conjunto de outras atitudes sujeitas à reprovação social, como as vestimentas e cuidados estéticos “desleixados”

das personagens, o ato de arrotar e peidar em público, a barba por fazer, falta de cuidados com a saúde bucal, as brigas em público, e a falta de respeito com autoridades eclesiásticas. Além disso, são destacadas as ocupações de seus filhos: Aldileno, motorista de caminhão, Sinfrônio, marchante, e Edernival, dono de bar.

Todos esses aspectos contrastam com as características atribuídas a Vambério, que diferentemente de seus irmãos, “É o único que galgou posição de destaque”, possuindo formação acadêmica e atuando como advogado. Essa comparação revela juízos de valor atribuídos não só à linguagem, mas também à ocupação, uma vez que profissões como marchante, caminhoneiro e proprietário de bar são apresentadas como inferiores. Desse modo, a forma como esses aspectos são representados e utilizados em conjunto para construir uma imagem específica das personagens, reflete a consciência sociolinguística do autor na construção das *personas* da obra.

Para Eckert (2008), é no nível da *persona* que se reúnem aspectos como as roupas, a aparência, o estilo linguístico, e todos os demais atributos que um falante se utiliza para construir sua imagem. Dessa forma, pode-se relacionar a linguagem do falante com essas outras ferramentas de construção de uma imagem social. Em se tratando das *personas* presentes em obras literárias, que se constituem como criações e/ou representações e, no conto analisado, em que elas são construções sob a ótica de um narrador-personagem, notamos como diversos aspectos sociais são utilizados como ferramenta para sua construção em conjunto com a linguagem, tais como seus hábitos, vestimentas, comportamentos e ocupações.

Ao fim do conto, o narrador-personagem revela sua quase certeza de que o pai de Vambério seria Potânio Marimbondo, escrivão da cidade. A inteligência do rapaz teria sido herdada de seu pai biológico, que recebe a seguinte descrição do narrador-personagem:

- (21) – Potânio educado, discursando nas festas, elegante, a mão leve acompanhando as palavras, cumprimentando as pessoas, amigo de todos sem abrir mão de sua nobreza, **se fazendo entender pelos humildes, conversando de cabeça erguida com os poderosos.** (CARVALHO, 2009, p.57, *Perdão*, grifo nosso)

Temos aqui mais uma habilidade linguística valorizada no discurso do narrador: o monitoramento da linguagem em virtude do

interlocutor (BELL, 1984). A facilidade do escrivão Potânio Marimbondo em moldar sua forma de se comunicar a depender de seu ouvinte, inclusive, lhe abriu várias oportunidades, sendo disputado por partidos políticos e cogitado como possível candidato a prefeito. Vambério, no entanto, não tivera qualquer contato com o escrivão, uma vez que sua condição de filho extraconjugal é uma suspeita de seu pai de criação, assunto nunca discutido entre ele e sua esposa. Ainda assim, o idoso destaca que até mesmo a formação de Vambério e Potânio é semelhante, o bacharelado em direito. “É a cópia. De mim não tem nada. Da mãe, também não. Dos irmãos nenhuma semelhança, nem física nem moral” (CARVALHO, 2009, p.57, *Perdão*).

Conforme observamos, em *Perdão*, o narrador-personagem não avalia apenas os aspectos linguísticos das personagens; estes receberam juízos de valor em conjunto com outros aspectos sociais. Em relação aos palavrões, a própria narração do senhor de idade revela um monitoramento linguístico em relação a determinadas palavras-tabu:

- (22) – Talvez tenha sido meu erro. Ficar calado, permitindo as pontas crescerem na minha testa, me desculpem o desabafo, principalmente quando é de homem traído, de **corn**, sim, sejamos claros, **o termo é forte, mas tem de ser proferido**, não há como tapar a verdade. (CARVALHO, 2009, p.54, *Perdão*, grifo nosso)

Nesse excerto, o narrador lamenta não ter tomado quaisquer atitudes ante a certeza da traição de sua esposa, atribuindo a si mesmo a lexia *corn*. Segundo ele, apesar de ser um “termo forte”, ou seja, impróprio, precisa ser proferido, sendo a expressão *homem traído* aparentemente insuficiente para comunicar os sentidos que o falante desejava expressar. Essa forma como o autor confere à fala do narrador-personagem justificativas diante da “necessidade” do uso de tal lexia traz verossimilhança à personagem, uma vez que o idoso reprova a utilização de *termos chulos*. Os excertos 23 e 24 demonstram como substituições que ocorreram na versão publicada reforçam essa verossimilhança. A lexia *puta*, presente na versão manuscrita na fala do idoso e sobre a qual

é imputada uma avaliação social negativa¹⁶, é substituída por um uso alternativo e menos pesado na versão publicada:

(23) – Minha velha mãe me alertava. Eu fazia que não ouvia, uma vontade de dizer que **puta** por **puta** ela era a mãe dos filhos, disso não tinha dúvida, já estava acostumado às suas luas, como se a desculpa fosse capaz de justificar a ocorrência. (CARVALHO, 2009, p.54, *Perdão*, grifo nosso)

(24) – Minha velha mãe me alertava. Eu fazia que não ouvia, uma vontade de dizer que **safada** por **safada** ela era a mãe dos filhos, disso não tinha dúvida, já estava acostumado às suas luas, como se a desculpa fosse capaz de justificar a ocorrência. (CARVALHO, 2009, manuscrito, *Perdão*, grifo nosso)

O conto *Perdão*, cujo narrador-personagem é avesso a palavrões, é um dos que apresentam menos frequência de palavrões, tendo sido identificadas apenas quatro ocorrências na versão manuscrita e três na versão publicada, sendo eles *cornos*, que não sofreu substituição, *puta*, que foi substituída por *safada* – conforme observamos nos excertos 23 e 24 –, e a lexia *peste*, que estava presente em uma fala da personagem Sinfrônio, foi retirada.

Outro caso de metalinguagem encontra-se no conto *Visão*. Nele, um seminarista viaja para a casa de sua família, no interior, para celebrar o velório de seu avô. No entanto, ao ir ao banheiro, depara-se acidentalmente com uma mulher seminua, que usava o sanitário, e a forma como tal “visão” o impacta, abala suas convicções acerca de seu chamado para a vida sacerdotal. Ao percorrer a propriedade tentando esquecer o que ocorrera, interagindo com familiares e conhecidos que ali estavam para o velório, o seminarista junta-se a uma roda de conversas onde Osmarino, um velho conhecido, entretém a todos com seus causos. No excerto 25, a personagem narra como um homem chamado Etevlino recebera o apelido de *eucalipto* após confundir a sombra da árvore com uma aparição sobrenatural, chegando até mesmo a desmaiar:

¹⁶ De acordo com Maior ([1979] 2010, p.96), “filho da puta” é “a maior ofensa que se pode fazer a outra pessoa”, o que revela o impacto atuante no uso da lexia.

(25) – Até hoje Etelvino é chamado de Eucalipto. Por trás. Na presença, ninguém se arrisca. Quando ouve o apelido, responde com um **palavrão danado**. Levante a saia da mãe que você vai ver o eucalipto, desculpe o doutor seminarista, muito cabeludo, **filho disso e daquilo**. O doutor seminarista, de muitas letras e muitos estudos, há de entender que ninguém suporta chateação e há de perdoar minha linguagem, que sou homem sem leitura, apesar de assinar o nome, no que aprendi na escola de dona Glorinha. (CARVALHO, 2009, p.87, *Visão*, grifo nosso)

A varanda estava repleta de populares, que ouviam as histórias de Osmarino. No entanto, o contador de causos dirige-se apenas ao seminarista para pedir desculpas diante da menção de alguns palavrões de natureza sexual. De acordo com Costa (2016), há sempre uma motivação religiosa responsável pelas palavras-tabu, seja relacionada ao sobrenatural ou ao campo moral. “Essas palavras proibidas são, em geral, substituídas por outras, já que os indivíduos evitam utilizá-las, e, em seu lugar, abundam eufemismos e neologismos que se encarregam de evitar o mal-estar que poderá ser causado por essas expressões” (COSTA, 2016, p. 81).

A figura do seminarista ali presente, por si só, funciona como um regulador de palavras e comportamentos, representando os dogmas da igreja. Diante dele, Osmarino evita mencionar as lexias proferidas por Etelvino, referindo-se a elas apenas como *palavrão danado e filho disso e daquilo*. Esse uso assemelha-se ao empregado na lexia *nome brabo*, descrita por Soares (2011, p. 38) como presente no léxico itabaianense e que tem a função de variante para “palavrão”, além de ser utilizado como um substitutivo para lexias de maior avaliação negativa¹⁷.

Além da função sacerdotal do seminarista, Osmarino destaca que este possui “muitas letras e estudos”, e ao se desculpar pelas palavras utilizadas, justifica-se através de sua condição de semialfabetizado. Dessa forma, nesse excerto os palavrões, além de apresentados como impróprios diante de alguns interlocutores, sobretudo os que possuem

¹⁷ Por exemplo: “Meu colega de turma fala muito palavrão” / “Meu colega de turma fala muito nome brabo” ou “Seu filho da peste” / “Seu filho do nome brabo”. Em “Dia diferente”, há a expressão “nome feio” utilizada em lugar de “palavrão”. O narrador descreve como se sentia a garotinha Isidéria, aliviada diante da ausência dos pais, que a maltratavam: “[...] nenhuma xinga, nenhum cascudo, nem puxavante de cabelo, nenhum nome feio lhe era atribuído” (CARVALHO, 2009, p. 175, grifo nosso).

algum direcionamento religioso e com formação superior, também são estratificados socialmente como relacionados a um grau baixo de escolaridade. Temos um outro caso em que os palavrões são alvo de comentários metalinguísticos e sujeitos a avaliações. No conto *As três filhas de Pedreiro Pedra*, na versão manuscrita, temos a única ocorrência, em toda a obra, da *lexiacomer*.

- (26) – O comentário era maldoso, não se prolatava na presença de ninguém da família, mas, por trás, se dizia que, se Assuélio não tivesse outra missão na vida, a única que se salvara era a de **comer** as filhas de Pedreiro pedra, o que não deixava de ser significativo, porque levar uma para a cama já era muito, quanto mais duas. Comentava-se, mas no início. (CARVALHO, s/d, manuscrito, *As três filhas de Pedreiro Pedra*, grifo nosso)

O conto narra, em terceira pessoa, a história de um homem chamado Assuélio. O comerciante casa com a filha mais velha de um homem chamado Pedreiro Pedra, ficando viúvo em alguns meses e em seguida casando-se com sua irmã, que havia se interessado por ele. Assuélio ficou novamente viúvo após um tempo, dessa vez tendo uma filha, e seu próprio sogro, a fim de manter os negócios em família e evitar que o homem se casasse com uma “estranha”, lhe oferece sua terceira filha, com quem Assuélio se casa e vive junto por muitos anos. O homem ficou novamente viúvo, mas dessa vez já durante sua velhice, não havendo mais filhas de Pedreiro Pedra ou qualquer disposição para um novo casamento. No excerto em destaque, o narrador afirma que os populares comentavam que a missão de Assuélio seria a de *comer* as filhas de Pedreiro Pedra. Na versão publicada, no entanto, o excerto sofreu interessantes modificações:

- (27) – O comentário era maldoso, não se prolatava na presença de ninguém da família, mas, por trás, se dizia que, se Assuélio não tivesse outra missão na vida, a única que se salvara era a de **casar** com as filhas de Pedreiro pedra, o que não deixava de ser significativo, porque levar uma para a cama já era muito, quanto mais duas. **Comentava-se, mas no início, com a utilização de uma linguagem pesada, que, aqui, não convém adotar.** (CARVALHO, 2009, p. 181, *As três filhas de Pedreiro Pedra*, grifo nosso)

A lexia *comer* foi retirada do excerto, e, por conseguinte, da versão publicada, uma vez que era a única ocorrência em todo o conto. O autor a substituiu por *casar*, além de adicionar à narração, ao fim do parágrafo, a observação de que os populares se utilizavam de uma “linguagem pesada”, que “não convém adotar”. Temos, aí, mais um caso de juízos de valor em relação aos palavrões.

O próximo caso de metalinguagem ocorre no conto *O casamento de Esterlito*. Nele, narra-se um acontecimento que causou grande espanto em uma pequena cidade interiorana de Sergipe: Floduarda, “moça falada, sem água pra se lavar, encontrara um besta pra limpar o nome” (CARVALHO, 2009, p. 197). A jovem iria se casar com Esterlito, conhecido rapaz que tinha “faculdades mentais deficientes”.

(28) – Até a mancha preta, na coxa esquerda, perto da... , quem sabe lá, o nome não digo porque **alguma pessoa séria vai ficar escandalizada**. Além do quê, não sou médico para apontar o termo científico, que nem sei o nome. Deixa para outra ocasião, que só faltava cantador popular para enaltecer as proezas e fome da **bandida** na arte de... Também não completo. **Não é tudo que ouço que passo adiante**” (CARVALHO, 2009, p.198, *O casamento de Esterlito*, grifo nosso).

Nesse conto, o narrador, apesar de ser em terceira pessoa e não fazer parte diretamente da história (narrador-personagem), posiciona-se enquanto familiar à história, se inserindo no enredo através de suas opiniões e assumindo o papel de um contador de causos, oriundo da região onde ocorrem os fatos. Semelhantemente à personagem Osmarino, a voz narrativa evita algumas nomeações, dessa vez referentes à genitália feminina, para “não escandalizar pessoas sérias”.

O estigma que atua sobre algumas lexias, consideradas impróprias, envolve também as genitálias humanas, uma vez que, com exceção do período clássico, o sexo sempre constituiu um tabu (ORSI, ZAVAGLIA, 2012). Silva (2022) analisou as concepções para *vagina/vulva* e *pênis* no Dicionário InFormal, chegando a 1648 acepções, e os resultados de sua pesquisa atestaram uma maior quantidade de eufemismos e metáforas para as genitálias femininas em relação aos órgãos sexuais masculinos. A diversidade de variantes para os órgãos sexuais denota o estigma que acarreta sua pronúncia, sendo necessária a substituição por outras lexias.

Além de evitar a menção à genitália feminina, o narrador recusa-se a fazer uso de certas lexias referentes à sexualidade, afirmando que “Não é tudo que ouço que passo adiante”. Além disso, a lexia “bandida” é direcionada à mulher em virtude de suas práticas sexuais. Ao realizarmos a busca no dicionário InFormal, encontramos apenas duas definições enviadas pelos usuários, ambos do sexo masculino e que caracterizam com tal lexia uma mulher *promíscua, dada*¹⁸. De forma semelhante, a definição para *bandida* no Dicionário Michaelis (2020) descreve a lexia como uma forma coloquial para *prostituta*¹⁹. Com isso, observamos como a escolha de determinadas lexias reverberam valores sociais e julgamentos impostos às mulheres.

O narrador do conto, ao fazer tais escolhas, assume uma postura tradicional, não proferindo palavras torpes a fim de não “escandalizar pessoas sérias”, bem como reprovando comportamentos sexuais da mulher. Em contrapartida, além de *bandida*, este mesmo narrador traz alguns palavrões em sua narrativa, sendo eles: *cachorra*, proferido pela personagem Deuzinha e direcionado à noiva; *safado*, pensamento reportado da escritã Dona Nereta e direcionado a um dos amantes de Floduarda; e *rapariga*, também pensamento reportado da escritã, e direcionado à amante do prefeito. Essas lexias, ao contrário de lexias referentes às genitálias femininas e atividades sexuais de Floduarda, não são evitadas pelo narrador, o que revela uma maior avaliação social negativa imposta a estas últimas.

No conto *Explicação*, temos um diferente caso de metalinguagem, no qual traços variáveis da língua são associados a atos criminosos. Narrado em terceira pessoa, a história gira em torno do misterioso cancelamento de um casamento no dia de sua realização, acontecimento que se tornou alvo de comentários por toda a pequena cidade, uma vez que a noiva pertencia a uma família importante na região. Os populares, buscando desvendar o mistério por trás do cancelamento, tecem suas hipóteses. No excerto a seguir, temos a opinião do vereador Erectiano Paraíso:

- (29) – De minha parte, depois que conversei, demoradamente, com o delegado Nadelfo, tenho pra mim, cá pra nós [...], que o noivo,

¹⁸ <https://www.dicionarioinformal.com.br/bandida/>. Acesso em: 20 Ago 2022.

¹⁹ <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/bandida/>. Acesso em: 20 Ago 2022.

na verdade, é um foragido da justiça, ou por crime cometido ou por pertencer ao quadro dos traficantes cariocas de drogas. Eu sempre achei, apesar dos poucos contatos tidos, que o rapaz puxava uma **gíria que homem de bem não usa**. (CARVALHO, 2009, p. 99, *Explicação*)

Nesse caso de avaliação social da língua, um delegado e um vereador de uma pequena cidade sergipana atribuem a utilização de certas gírias à criminalidade. O noivo era oriundo do Rio de Janeiro, e variantes utilizadas por ele foram sujeitas à estratificação social. Segundo Generali (2011, p. 34) “O estereótipo não é apenas um conjunto de características reais, mas uma carga de juízo social que se aplica a tudo e a todos, durante todos os momentos do dia, de acordo com concepções comuns dentro de cada agrupamento”. No excerto observado, essa carga de juízo social é tão forte que apenas traços linguísticos do repertório do rapaz foram utilizados como argumento para relacioná-lo ao tráfico. Temos, então, um caso de estereotipação.

Nessa seção, observamos a consciência sociolinguística do autor de *Feijão de Cego* através da representação, nos diálogos de sua obra, dos juízos valorativos de preconceito e estigma que circundam o uso de palavras, sendo tais usos associados a outros traços e características sociais também estigmatizadas. Enquanto falantes, avaliamos positivamente ou negativamente formas linguísticas, influenciados por valores e crenças cultivadas em sociedade. Através do excerto trazido acerca da comunicação pessoal com o autor de *Feijão de Cego*, tivemos acesso a algumas de suas opiniões pessoais acerca de algumas lexias, e detectou-se que, enquanto participante de comunidades de fala itabaianenses, o autor manifesta reprovação a alguns palavras, a exemplo de *fi do canço*, ao passo que demonstra maior tolerância a outros, como *cabrunco* e *peste*. Tais avaliações influenciaram as escolhas lexicais realizadas durante a escrita e construção de *personas* nos contos. A diminuição significativa de *peste*, embora tenha sido descrita como lexia mais leve pelo autor, revela a influência de seu monitoramento em virtude de uma provável preocupação com a recepção do público leitor. Nos diálogos das personagens, os valores sociais e as descrições metalinguísticas revelaram as diversas nuances que envolvem o comportamento linguístico e a associação da linguagem a outros aspectos sociais em um processo de estereotipia. Esses fatores nos mostram como, mesmo em análises de

diálogos fictícios, temos pistas acerca de fenômenos reais da língua, e mais especificamente da consciência sociolinguística do autor.

6 Considerações finais

Nessa pesquisa, buscamos observar o monitoramento e consciência sociolinguística de um autor em sua obra. Comparamos diferentes materiais linguísticos de um mesmo indivíduo em busca de marcas de monitoramento linguístico. Os resultados evidenciaram que os efeitos do monitoramento linguístico do autor resultaram na retirada e/ou diminuição da frequência de palavrões na versão publicada, que referiam-se a lexias sexuais mais estigmatizadas, a exemplo de *puta*, *cu*, e *comer*, o que indica uma busca por uma linguagem mais leve, a fim de não chocar o público leitor e causar seu afastamento. No entanto, se sobressai a diminuição expressiva de *diabo* e lexias relacionadas (de 30 para 1) e *peste* e *filho/fi da peste* (de 24 para 2), que eram os palavrões mais frequentes na versão menos monitorada da obra, e, por isso, podemos inferir que são lexias comuns ao repertório linguístico do autor, e que este não manifesta reprovação a estas.

Como possíveis explicações para sua quase total retirada na versão publicada, temos o seguinte: *diabo* é uma lexia alvo de forte estigma, sobretudo em uma sociedade de crenças judaico-cristãs. Já *peste* faz parte da classe das doenças, mas constitui uma lexia também relacionada ao campo religioso, bastante presente nos textos bíblicos e sendo relacionada à maldição e ao castigo divino. Como hipótese, temos o fator conservador e religioso que permeia sobretudo as sociedades interioranas, entre as quais se inclui a comunidade sergipana, da qual o autor faz parte. No entanto, fazem-se necessárias pesquisas que tomem estas e outras lexias que constituem palavras-tabu em sociedades interioranas tais como a sergipana e investiguem a avaliação social e os valores e crenças sustentadas pelos falantes, para que possamos confirmar ou refutar tal hipótese.

Temos, também, a presença de avaliações valorativas de estigma evidenciadas através da fala de algumas personagens. Nelas, os palavrões, enquanto marcas linguísticas alvo de forte estigma social, são reprovados e relacionados à pobreza, à falta de educação, e à grosseria. Esse comportamento observado em uma narrativa fictícia representa avaliações sobre a língua que ocorrem em sociedade, sendo as palavras-tabu carregadas de valores, crenças e estigma a elas

atribuídas, e a representação de tais fenômenos na obra *Feijão de Cego* revela a consciência linguística do autor. Enquanto falantes, avaliamos positivamente ou negativamente formas linguísticas, influenciados por valores e crenças cultivadas em sociedade. Através dos relatos do autor de *Feijão de Cego*, detectou-se que, enquanto participante de comunidades de práticas itabaianenses, este manifesta reprovação a algumas lexias, a exemplo de *fi do canço*, ao passo que demonstra maior tolerância a algumas outras, como *cabrunco* e *peste*, e tais avaliações influenciaram as escolhas lexicais realizadas durante a escrita e, conseqüentemente, na construção de *personas* nos contos.

A presença de lexias ligadas ao campo das doenças nos diálogos das personagens de *Feijão de Cego*, sobretudo através de “peste”, muito frequente no manuscrito, indica que esses palavrões são presentes no repertório linguístico itabaianense e, sobretudo, sergipano, corroborando com os resultados das pesquisas de Freitag, Santos e Santos (2009) e de Soares (2011). No entanto, a ausência de *fi do canço*, palavrão reconhecido regionalmente como marca identitária de Itabaiana/SE, se dá mesmo no manuscrito da obra, uma vez que o autor manifestou reprovação em relação à lexia, caracterizando-a como *termo pesado/chulo*.

Sendo assim, esta pesquisa se alinha aos estudos que contribuem para o desvelamento das relações entre saliência e atitudes sociolinguísticas e a consciência sociolinguística, entendida como a consciência da existência de formas variáveis na língua e de seu significado social e/ou estilístico em relação aos contextos de uso, relações sociais e identidades pessoais. (FREITAG 2016; FREITAG, 2021; PINHEIRO, MENEZES, FREITAG, 2020;).

A observação de marcas linguísticas de forte estigma social como os palavrões é propícia para o acesso à consciência sociolinguística, uma vez que o monitoramento linguístico em *Feijão de cego* se dá tanto em virtude dos valores e crenças do autor, como também para fins de polidez linguística, visando uma melhor aceitação do público leitor, sendo essas duas perspectivas, muitas vezes, de difícil delimitação.

Referências

BELL, A. Language Style as Audience Design. *Language in Society*, v. 13, n. 2, 1984, p. 145–204. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4167516>. Acesso: 17 ago. 2022. DOI: 0047-4045/84/020145-60

Bíblia Thompson. Trad. de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Editora Vida, 2014.

BURGOS, P. A ciência do palavrão: o que está por trás dos xingamentos mais comuns. *Superinteressante*. [S.l.], 2020. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/a-ciencia-do-palavrao/>. Acesso: 02 ago. 2022.

CAMBRAIA, C. N.; MARENGO, S. M. D. A. Estudo socioterminológico da variação/mudança em manuscritos militares dos séculos XVIII E XIX. *Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura*, São Cristóvão, Dossiê Especial, n. 24, 2016, p. 203-224. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/5415>. Acesso: 08 jun. 2022.

CARVALHO, V. S. *Feijão de Cego* – Contos Sergipanos. Curitiba:Juruá, 2009.

CARVALHO, V. S. *Feijão de Cego*. Versão manuscrita. s/d.

CORREIA, F. B. Implicações da variação pronominal e das formas de tratamento na construção das personas de História da Minha Infância, de Gilberto Amado. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 30, n.2, p. 519-544, 2022. DOI: 10.17851/2237-2083.27.4.519-544.

COSTA, G. B. da. *Denominações para “diabo” nas capitais brasileiras: um estudo geossociolinguístico com base no Atlas Linguístico do Brasil*. 199f. 2016. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/26653>. Acesso: 02 ago. 2022.

Dicionário InFormal. *Dicionário Online*. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/>.

ECKERT, P. Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics*, Oxford, v. 12, n. 4, 453-76, 2008. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-9841.2008.00374.x>. Acesso: 08 jun. 2022. DOI: 10.1111/j.1467-9841.2008.00374.x.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*.

Palo Alto, v. 41, 2012, p. 87-100. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-092611-145828>.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. Communities of practice: Where language, gender and power all live. In: HALL, K.; BUCHOLTZ, M.; MOONWOMON, B. (eds.). *Locating Power, Proceedings of the 1992 Berkeley Women and Language Conference*. Berkeley: Berkeley Women and Language Group, 1992, p. 89-99.

FREITAG et al. Como o brasileiro acha que fala?. *Signo y Seña*, Buenos Aires, n. 28, p.65-87, 2015. Disponível em: <http://revistas.filo.uba.ar/index.php/sys/index>.

FREITAG, R. M. K. O desenvolvimento da consciência sociolinguística e o sucesso no desempenho em leitura. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 65, n.65, 2021. DOI: 10.1590/1981-5794-e13027.

FREITAG, R. M. K. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. *D.E.L.T.A: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 32, p. 889-917, 2016. DOI: 10.1590/0102-44506992907750337.

FREITAG, R. M. K.; SANTOS, J. C.; SANTOS dos, S. Fio do Canço: marca linguística identitária do itabaianense. *InterSciencePlace*, v. 1, n. 5, 2009.

GENERALI, S. C. *MV Bill e o diálogo do tráfico: monitoramento de fala, estilo, identidade e preconceito linguísticos*. 2011. 170f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão, 2011. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/123456789/5782>.

GRENZER, M. Peste e epidemia: Configuração poética e reflexão teológica no Salmo 91. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v.60. n.2. P. 433-445. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.22351/et.v60i2.4037>.

MAIOR, M. S. *Dicionário do palavrão e termos afins*. 8. ed. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2010.

MARQUES, W. de S.; OLIVEIRA, T. S. de. A cultura e a identidade materializadas nas crônicas de Winston Churchill Rangel: análise

descritiva do léxico de Campos dos Goytacazes. *Palimpsesto*, v. 17, n. 28, p. 53-71, 2018. DOI:10.12957/palimpsesto.2018.36650.

MENEGUETTI, S. T.; TULLIO, C. M. Entre palavras e palavrões caminha a humanidade: Interfaces linguístico-discursivas. In: SOUSA, A.W.V. (ed.). *Linguística, letras e artes e sua atuação multidisciplinar 2* [recurso eletrônico]. Ponta Grossa, PR: Atena, 2020. DOI: 10.22533/at.ed.067202307.

MICHAELIS. *Dicionário Online*. Editora Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br>.

ORSI, V. Tabu e preconceito linguístico. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, Cidade, v. 9, n. 17, p. 334-348, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/122427>. Acesso em: 22 Set 2022.

ORSI, V.; ZAVAGLIA, C. Itens lexicais tabus: usá-los ou não. Eis a questão. *Revista Todas as Letras*, São José do Rio Preto, v. 14, n. 2, p. 156-166, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/122502>. Acesso em: 22 Set 2022.

PINHEIRO, B. F. M.; MENEZES, L. C. F.; FREITAG, R. M. K. Palavras-tabu e efeitos de gênero na leitura. In: LIMA, M.E.O.; FRANÇA, D.X.; FREITAG, R. (eds.). *Processos psicossociais de exclusão social*. São Paulo: Blucher OpenAccess, 2020.

PRETI, D. *Sociolinguística: os níveis de fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira*. 6. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

POTTIER, B. et al. *Estruturas lingüísticas do português*. São Paulo: Difel, 1975.

R CORE TEAM (2022). R: A language and environment for statistical computing. *R Foundation for Statistical Computing*. Vienna, Austria. Disponível em: <https://www.R-project.org/>.

REZENDE, J. M. de. *À sombra do plátano: crônicas de história da medicina* [online]. São Paulo: Editora Unifesp, 2009. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788561673635.0008>. Acesso: 02 ago. 2022.

SANDMANN, A. J. O palavrão: formas de abrandamento. *Revista Letras*, Curitiba, v. 42, p. 221-226, 1993. DOI: 10.5380/rel.v42i0.19127.

SANTOS, R. C. Z.; FILHO, N. L. Z. Violência, palavrões & Cia no conto “O cobrador”, de Rubem Fonseca. *Revista Guará-Revista de Linguagem e Literatura*, Goiânia, v. 8, n. 2, p. 189-200, 2018. DOI: 10.18224/gua.v8i2.6575.

SILVA, V. L. S. *Representações sociais e questões de gênero: análise das nomeações genitais no dicionário InFormal*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Sergipe, 2022.

SOARES. T. de A. “*Fi do Canço*” marca identitária do Itabaianense: Uma abordagem sociolinguística. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Sergipe. 2011.

SOUZA, C. F. de. Falares da Planície Goitacá no ciberespaço: documentando o linguajar proveniente da Baixada Campista. *Revista VÉRTICES*, Campos dos Goytacazes, v.17, n.1, p. 41-57, 2015. DOI: 10.5935/1809-2667.20150003.

SWINGLER, D. D. *Tabu linguístico: mapeamento das atitudes relacionadas a palavrões e à influência que os fatores sociais, conversacionais, emocionais e de identidade exercem no seu uso cotidiano*. 2016. 168f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, 2016.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. [1968]. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.



Ideologias subjacentes aos estrangeirismos de origem inglesa no Brasil e a consciência sociolinguística

Ideologies underlying English loanwords in Brazil and sociolinguistic awareness

Marcelly Monteiro Faria

Universidade Federal de Sergipe (UFS), Aracaju, Sergipe/ Brasil

marcellym90@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-6259-3057>

Resumo: Visando analisar a relação que os falantes possuem com os estrangeirismos, este estudo apresenta uma investigação das ideologias linguísticas subjacentes aos estrangeirismos no Brasil, por meio de um estudo de tratamento societal, tendo como *corpus* produções multimodais (memes, cartoons e tirinhas) coletadas em blogs, sites e redes sociais brasileiras. A coleta de dados se fez através de buscas na internet utilizando a palavra-chave *estrangeirismos* e os achados foram classificados quanto ao posicionamento que expressavam em relação a essas palavras.. Após uma comparação com a metalinguagem utilizada por Faraco (2001; 2004), Garcez e Zilles (2004), Schmitz (2004), Possenti, (2004), Fiorin (2004), Assis (2007) e Soares (2019), foram identificadas seis ideologias linguísticas subjacentes aos estrangeirismos de origem inglesa: estrangeirismos em excesso; estrangeirismos como vício de linguagem; estrangeirismos vistos como colonização ou dominação ideológica; estrangeirismos dificultam a compreensão; estrangeirismos como escolha estilística e por fim estrangeirismos através do viés da naturalização. A análise dos materiais evidencia que os falantes possuem opiniões variadas em relação aos estrangeirismos e essas opiniões ocorrem em forma de discursos específicos. Os falantes também possuem diferentes graus de consciência sociolinguística em relação aos estrangeirismos, e conseguem demonstrar isso no uso que fazem da língua.

Palavras-chave: ideologias linguísticas; estrangeirismos; tratamento societal.

Abstract: Aiming to analyze the relationship that speakers have with loanwords, this study presents an investigation of the linguistic ideologies underlying foreign words in Brazil through a study of societal treatment having as corpus multimodal productions (memes, cartoons and comic strips) collected in blogs, websites and social networks. Data collection was done through internet searches using the keyword *estrangeirismos*.

The 40 findings were grouped as a result of the discursive similarity and classified according to the position they expressed in relation to foreign words, of which only a few were chosen to compose the present work. After a comparison with the metalanguage used by authors such as Faraco (2001; 2004); Garcez; Zilles (2004); Schmitz (2004); Possenti, (2004); Fiorin (2004); Assis (2007); Soares (2019) and others, six linguistic ideologies underlying English foreignisms were identified: excess loanwords; loanwords as a language vice; loanwords seen as colonization or ideological domination; loanwords as an impairment to understanding; loanwords as a stylistic choice and, finally, loanwords through the naturalization bias. The analysis of the discourse present in the materials allows us to conclude that the speakers have varied opinions in relation to foreign words and these opinions occur in the form of specific discourses. Speakers also have different degrees of linguistic and sociolinguistic awareness of foreign words, and they are able to demonstrate this in their use of language.

Keywords: linguistic ideologies; loanwords; societal treatment.

Recebido em 24 de outubro de 2022.

Aceito em 27 de maio de 2023.

1 Introdução

Para nomear ou descrever fenômenos novos com os quais se deparam, as pessoas podem recorrer a recursos da sua própria língua, com a criação de neologismos (derivação, composição, ampliação semântica, etc.), ou pegar emprestado palavras de outra língua. Nesta segunda opção, ocorrem empréstimos lexicais, que, em um primeiro momento, são rotulados como estrangeirismos, a exemplo das palavras *fake News* (notícia falsa), *crush* (paixonite), *lockdown* (confinamento), oriundas do inglês, mas que atualmente também são usadas pelos brasileiros falantes de português.

Entretanto, criar uma nova palavra a partir de recursos da própria língua ou pegar emprestado palavras de outra, embora tenham o mesmo objetivo de prover o léxico com a precisão necessária para o processo comunicativo, não são tarefas equivalentes, tanto do ponto de vista do processamento linguístico, quanto do ponto de vista da avaliação social.

Os falantes utilizam estrangeirismos seja porque precisam de uma palavra para nomear algo, um fenômeno ou um produto novo para

o qual ainda não há uma palavra específica na língua, seja pelo efeito denotativo em uma situação comunicativa em que mesmo havendo uma palavra na língua vernacular, opta-se pela palavra equivalente em uma língua estrangeira. Por isso, a escolha entre uma palavra vernacular ou um estrangeirismo é complexa, porque, mesmo que o estrangeirismo tenha um correspondente vernacular, os significados sociais e estilísticos são diferentes.

Uma das características que distinguem os empréstimos de estrangeirismos decorre do grau de saliência do traço estrangeiro que é evocado na consciência dos falantes: as pessoas reconhecem estrangeirismos como um item alheio, não pertencente à sua língua, uma vez que a palavra ainda carrega traços do comportamento linguístico da sua língua de origem, como a fonotaxe. Quando o traço estrangeiro é perdido – ou seja, quando a palavra passa por ajustes fonotáticos para tornar sua pronúncia mais próxima do vernáculo da nova língua e quando passa a sofrer os mesmos processos morfossintáticos, como a flexão e derivação –, tem-se um empréstimo regularizado.

No entanto, no momento em que passam por essa transição, justamente por despertarem a consciência linguística dos falantes, os estrangeirismos, junto com variedades vernaculares desprestigiadas estão entre os fenômenos linguísticos que mais suscitam o julgamento social, desencadeando atitudes linguísticas.

Acontece que os falantes, ao pegarem emprestado os elementos de outra língua, acabam trazendo em seu bojo representações simbólicas que permeiam a língua emprestada, que podem ser boas ou ruins. Podemos citar como exemplo palavras do inglês, uma língua que, por sua importância política e econômica, tem sido uma fonte produtiva de empréstimo em todo o mundo. Ao adentrarem no português brasileiro na forma de empréstimos, as palavras dessa língua carregam valores associados à nação de origem, os Estados Unidos., Esses valores podem variar entre a noção de dinamismo e modernidade tecnológica até ao perigo de dominação ideológica que essa nação representa em todo o planeta (GARCEZ; ZILLES, 2004).

Outra questão que envolve os estrangeirismos está relacionada com o comportamento defensivo e conservador em relação à própria língua, denominado de purismo linguístico (LEITE, 1997; FARACO, 2001). Assim, se por um lado, as associações simbólicas provenientes da língua do empréstimo podem conferir ao estrangeirismo um

determinado valor de prestígio diante dos falantes, por outro o uso de palavras estrangeiras também pode suscitar um sentimento de suspeita ou ameaça, despertando um comportamento conservador por parte de pessoas propensas a assumir uma atitude purista em relação à língua.

Gramáticas tradicionais costumam classificar os estrangeirismos como vícios de linguagem, apresentando-os como problemas na linguagem, com a recomendação direta de substituição por termos vernaculares correspondentes, como Cegalla (2008), enquanto outros, como Bechara (2009), posicionam o fenômeno de forma mais sintonizada com os contextos linguísticos e sociais da sua produção. Ainda assim, a classificação permanece, deixando a critério dos consulentes assumirem uma posição crítica a respeito dos estrangeirismos.

Uma interpretação estreita das recomendações gramaticais, a exemplo de Cegalla (2008), levou os estrangeirismos a ser tema de iniciativas de intervenções políticas sobre a língua, a mais notória delas foi o Projeto de Lei 1676/1999, de autoria do deputado federal Aldo Rebelo, na época filiado ao partido PCdoB, que visava prioritariamente proibir os estrangeirismos, em especial os anglicismos, com a justificativa de que eles apresentavam uma ameaça a identidade nacional e eram lesivos à língua (BRASIL, 1999).

Outra iniciativa semelhante, porém, desta vez de âmbito estadual, foi o Projeto de Lei 156/2009, de autoria do deputado estadual Raul Carrion, que obrigava a tradução de qualquer expressão estrangeira que possuísse equivalente em língua portuguesa no estado do Rio Grande do Sul (RIO GRANDE DO SUL, 2009).

As PLs, em especial a de autoria do deputado Aldo Rebelo, tiveram uma grande repercussão social, chamando a atenção para a natureza ambivalente dos estrangeirismos, ao dividir opiniões. De um lado, estavam aqueles que não viam problema na presença dos estrangeirismos; do outro, os que achavam a iniciativa de Aldo Rebelo mais do que necessária, e nesse tocante estamos falando de uma grande parte da sociedade, o que inclui mesmo um grande saldo dos seus intelectuais.

O fato serviu para despertar a atenção da comunidade científica, em especial da área da linguística, para o quadro de ideias que circulavam na sociedade e do quanto elas estavam destoantes do pensar científico, revelando quanto importantes descobertas e discussões científicas estavam distantes do grande público, ou seja, da sociedade de um

modo geral, e como isso poderia inviabilizar a inspiração de políticas linguísticas realmente coerentes e eficazes.

Em vinte anos de intensos debates, a temática dos estrangeirismos segue inspirando iniciativas legislativas, como exemplo mais recente temos o Projeto de Lei 5632/2020 do deputado José Airton Félix Cirilo (PT-CE), que objetiva proibir nomear empresas brasileiras com expressões em língua estrangeira com a justificativa de que o nome estrangeiro pode causar constrangimentos (BRASIL, 2020). O fato comprova que, mesmo depois de calorosas discussões em relação à temática (FARACO, 2001, 2004; RAJAGOPALAN, 2003; RAJAGOPALAN, 2004. RAJAGOPALAN 2005; VIEIRA, MOURA, 2000), a questão dos estrangeirismos está longe de ser um assunto resolvido. Embora nos últimos anos o fenômeno dos estrangeirismos tenha despertado o interesse de pesquisa de diversos autores, em especial devido à polêmica do projeto de lei do deputado Aldo Rebelo (BOTTA, 2020; CANO, PRADO, 2009; FERRAZ, 2006; LABATE, 2008; SILVA, 2008), no Brasil, ainda são poucos os estudos de natureza empírica que exploram a relação entre os estrangeirismos e os seus falantes a fim de se entender as questões que subjazem às suas escolhas.

Saber como as pessoas lidam com determinados fenômenos linguísticos é um dado importante para as ciências da linguagem, em especial a sociolinguística, principalmente quando essa relação afeta a sociedade, como é o caso do fenômeno em questão. As recorrentes tentativas de legislar sobre um fenômeno da língua comprovam que um conjunto de crenças e ideologias circulam no imaginário social, influenciando a visão dos falantes, entretanto, empiricamente, ainda se sabe muito pouco como essas crenças e ideologias atuam para influenciar a visão dos falantes em relação aos estrangeirismos.

A combinação de diferentes pistas perceptuais pode ajudar a entender melhor a dimensão societal do fenômeno. Caracterizamos o campo de estudos de atitudes linguísticas na perspectiva da sociolinguística (GARRET, 2010), que é a base para um estudo de tratamento societal realizado a partir de materiais multimodais coletados nas redes sociais. O objetivo deste trabalho é apresentar uma proposta de classificação das ideologias linguísticas veiculadas nesses materiais. Assim, além de reunir um *corpus* constituído de materiais multimodais presentes na internet, são desveladas ideologias linguísticas que

fomentam as crenças e atitudes linguísticas dos brasileiros em relação aos estrangeirismos.

2 Valores associados aos estrangeirismos

A forma como os estrangeirismos são recepcionados no português brasileiro está condicionada a um conjunto de valores que estão difundidos socialmente e que afetam a forma como os falantes lidam com esse fenômeno da língua. No Brasil, a relação que os falantes possuem com os estrangeirismos costuma ter uma natureza ambivalente. De um lado, associações simbólicas em relação à língua de origem podem conferir aos estrangeirismos valores positivos, a exemplo do inglês, língua de forte difusão planetária, quando associada ao apelo ao consumo e a modernidade tecnológica pode conferir aos estrangeirismos *status* de prestígio, por outro lado, os estrangeirismos também estão associados à ameaça à integridade da língua por parte de falantes propensos a assumir atitudes puristas em relação à língua, por esse ponto de vista a presença de termos em inglês é visto como uma ameaça que deve combatida.

2.1 Estrangeirismos como valor de prestígio

Em relação ao uso de estrangeirismos, Xatara (2001) chama atenção para o fato de que, quando o falante acaba optando por um termo emprestado de outro idioma, mesmo havendo um termo correspondente em sua língua materna, há uma questão possivelmente relacionada ao “valor” que o falante atribui à sua própria língua e do seu alcance para seu interlocutor. Nesse ponto, questões relacionadas à conjuntura política, social e econômica de uma nação acabam adentrando a esfera linguística e afetando a visão que os falantes possuem da sua própria língua e das demais. É o que acontece com o inglês, língua de destaque no cenário global que exerce forte influência nos falantes de outras línguas.

Em sua geopolítica, o inglês é uma língua de difusão planetária, constituindo grandes grupos de populações onde é uma língua materna (Reino Unido, Austrália, Nova Zelândia, África do Sul, Estados Unidos, Canadá etc.); para os outros países, é a língua do poder, seja político, econômico, comercial, cultural, tecnológico etc. Mesmo em países que já possuem uma língua de grande difusão, como é o caso do português no Brasil, o inglês se mostra atraente como opção de segunda língua se não

pelo seu peso político, mas por seu sucesso no campo da vida científica, industrial e econômica (LE BRETON, 2005).

Olhando para a economia, ainda temos o fenômeno da globalização como elemento potencializador da influência anglófona no mundo. Com a globalização, a crescente influência de uma língua sobre outra se apresenta como uma estratégia de expansão comercial, uma vez que é através da língua que a economia e a tecnologia se expressam e se difundem mundialmente a favor de conquistar espaço no comércio mundial. Nos últimos anos, não coincidentemente, essa presença de amplitude hegemônica tem sido o inglês, língua de uma das maiores potências econômica e política do mundo (LABATE, 2008). Isso explica a grande influência que o inglês possui não só no Brasil, mas em todo o planeta.

A sua difusão mundial como uma estratégia de mercado, como forma de intermediar as relações comerciais e conquistar espaço no comércio mundial é um dos pontos que torna o inglês uma fonte tão produtiva de empréstimos. Outro ponto é o que isso acaba representando simbolicamente, como uma língua representante da tecnologia, do consumo e de poder político, econômico e cultural (GARCEZ, ZILLES, 2004). Garcez e Zilles (2004) ainda observam que, por insegurança, o brasileiro acaba se espelhando em padrões externos. Como atualmente os Estados Unidos são vistos como ideal de poder econômico e tecnológico, os anglicismos se tornaram uma marca de diferenciação competitiva que separa aqueles que possuem o capital social do consumo e os que não possuem.

Alinhado a essa ideia, Rajagopalan (2003) ressalta que, no Brasil, o inglês se tornou uma mercadoria sobre a qual se construiu um fetiche, passando a ser comercializada de forma agressiva e arrogante, imposta, em muitos casos, não só como um requisito importante para o sucesso no mundo do trabalho, mas como um passaporte para o mundo. Para a classe média ou jovens ricos, o inglês se torna uma marca de reafirmação da sua condição burguesa, situação que é sagazmente explorada pelos profissionais de marketing. As associações que circundam o inglês são exploradas pelas mídias, seja no campo do entretenimento, da publicidade, da informação, processo que ajuda a influenciar a visão dos falantes em relação à língua (GARCEZ, ZILLES, 2004).

Examinando o crescente processo de uso de palavras em inglês para nomear produtos e estabelecimentos comerciais nos mais diversos

setores da sociedade, Magnani (2014) argumenta que o uso do inglês se tornou uma mercadoria. A autora cita casos em que a presença do inglês é apenas simbólica, como quando há a duplicação de letras como *tt*, *zz* ou *xx*, não comum no português, mas usada como recurso para fazer lembrar palavras estrangeiras, criando um efeito de associação com a grafia da língua inglesa, a exemplo dos nomes *Attrattiva*, *Maxxima Calçados* e *Tok*, lojas catalogadas pela autora em sua pesquisa.

Com objetivo semelhante, Paiva et. al (2002) investigaram a principal motivação que levou empresários da cidade de Arapongas, no interior do Paraná, a adotarem palavras do inglês para nomearem os seus estabelecimentos. Os autores identificaram 161 estabelecimentos com estrangeirismos no nome, desses, 85 com palavras em inglês, sendo entrevistados 36 proprietários. A maioria das respostas sinalizou o prestígio social que as palavras em inglês possuem como o principal motivo que fundamentou a escolha pelos termos.

Em outro estudo sobre o uso de estrangeirismos em estabelecimentos comerciais, ao analisar os recursos linguísticos e visuais que constituíam as fachadas de uma avenida comercial de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, Soares (2019) observou que os estrangeirismos compõem um discurso multimodal, com as palavras associadas a recursos visuais expressos nas placas, fachadas e letreiros, servindo como estratégia persuasiva, ao mesmo tempo que também funcionam como estratégia de estratificação social, uma vez que seduzem e persuadem o público a comprar, mas não qualquer público e sim uma clientela selecionada. Os recursos linguísticos mobilizados servem para selecionar e direcionar a sua mensagem para um público idealizado.

O fato de o inglês ser usado pelo comércio como estratégia para atrair e atingir um público-alvo revela um grau de consciência social do valor de prestígio e do poder de diferenciação que esta língua possui no universo de consumo.

2.2 Estrangeirismos como ameaça

Vimos anteriormente o inglês como uma fonte produtiva de empréstimos, e que isso pode estar associado à estratégia comercial da máquina capitalista americana, acompanhado da forma como a mídia brasileira explora as associações semióticas em torno dessa língua. Este

aspecto evidencia que a relação de empréstimos entre duas línguas não é neutra e, portanto, também não é isenta de conflitos.

Por envolver questões de cunho político-social que se misturam às discussões a respeito da natureza social da língua, tornando-a um território de conflitos e disputas em que entram em jogo questões relacionadas à identidade nacional e formas e usos políticos da língua.

Olhando para a história do Brasil, Oliveira (2000) aponta que temos pelo menos dois exemplos de casos de violência institucional em relação à língua dentro da temática dos estrangeirismos com a presença do Estado intervindo legalmente sobre os usos que os falantes fazem da língua. O primeiro fato foi a lei estabelecida pelo Marquês de Pombal em 1757 que proibia o uso de qualquer outra língua que não fosse o português como uma forma de obrigar os indígenas a falarem o idioma do seu colonizador, promovendo um glotocídio, devido à substituição das línguas indígenas pelo português (OLIVEIRA, 2000). Nesse exemplo a língua, além de ser usada como elemento unificador da identidade de um povo, também visava facilitar a administração portuguesa sobre a colônia.

O segundo acontecimento foi no século XX, quando o presidente Getúlio Vargas proibiu o ensino do alemão e do italiano nas regiões do Sul do país. A iniciativa, além de apresentar a desculpa de fortalecer a identidade nacional concentrando-se no uso da língua oficial brasileira, ou seja, o português, também se encaixava no contexto político da Segunda Guerra Mundial, na época o alemão e o italiano representavam a língua dos inimigos políticos do Brasil, portanto esses idiomas eram rechaçados como forma de preservar o território brasileiro da presença inimiga. Oliveira (2000) lembra que o governo de Santa Catarina manteve um campo de trabalho forçado para os falantes que insistiam em falar a língua de imigrante, e que as crianças eram incentivadas, nas escolas, a entregarem seus pais acaso os visse falando alemão ou italiano.

Esses fatos mostram que a relação entre duas ou mais línguas quase sempre não ocorre de maneira pacífica no Brasil. Como símbolo de identidade e soberania de um povo, a língua pode ser vista como elemento unificador de uma nação. Nesse ponto, a presença de uma língua estrangeira pode ser vista como uma ameaça. A língua também pode ser usada como forma de exercer o poder político sobre um povo ou uma comunidade, nesse sentido ela se torna objeto de controle e dominação.

Rajagopalan (2003) explica que grande parte da desconfiança do brasileiro em relação à presença do inglês tem origem na Segunda Guerra

Mundial, quando apesar de escolher uma posição neutra, no conflito mundial, o então presidente Getúlio Vargas, mantinha relações escusas com o terceiro Reich, chegando, inclusive a deportar cidadãos judeus, justificando uma certa vigilância dos Estados Unidos. Essa relação de tensão entre os países, mascarada por uma falsa diplomacia, sobreviveu até as décadas presentes, com o interesse americano pelo Mercosul, grupo de que o Brasil faz parte. Alia-se a isso a forma arrogante com a qual os países anglófonos (em especial Inglaterra e Estados Unidos) mantêm a sua política externa e a agressividade com que o inglês é explorado pelo marketing. Para o autor, esses fatores explicam a rejeição psicológica em relação ao inglês por parte de alguns falantes.

Outro ponto importante é que a língua também carrega uma bagagem alegórica representativa da cultura à qual ela está vinculada. Ao tomarem emprestados os elementos de outra língua, os falantes também incorporam valores simbólicos que permeiam a língua emprestada, a exemplo do inglês, uma língua que, por sua importância política e econômica, tem se apresentado como uma fonte produtiva de empréstimo em todo o mundo. Quando palavras dessa língua adentram em outra, elas vêm carregadas da simbologia associada à nação de origem, que, no caso dos Estados Unidos, pode variar entre a noção de dinamismo e modernidade tecnológica à qual a língua é associada até ao perigo de dominação ideológica que a potência norte americana representa em todo o planeta (GARCEZ; ZILLES, 2004).

A consciência dessas representações, muitas vezes, é o que determina a escolha por um item emprestado ou um item vernacular, como quando escolhemos a palavra *crush* ao invés de *paixonite*, por sabermos que ambas podem desencadear efeitos discursivos diferentes, apesar de os significados corresponderem.

Além de motivar escolhas, essas associações também podem influenciar a visão e os sentimentos que os falantes possuem a respeito da presença desses empréstimos na sua língua, determinando o que chamamos de atitudes linguísticas, que, na perspectiva da sociolinguística, refere-se ao julgamento valorativo em relação a certos usos linguísticos por parte dos falantes, esse julgamento pode ser tanto positivo quanto negativo (GARRET, 2010).

Adentramos, assim, em outra dimensão que envolve os estrangeirismos: o fato de esses itens despertarem em alguns falantes um comportamento defensivo e conservador em relação à própria língua.

Chamamos esse comportamento de cuidado e zelo à língua de purismo, que se baseia na ideia equivocada de que a língua é pura e que essa suposta pureza precisa ser preservada de elementos que possam comprometer a sua integridade (FARACO, 2001, LEITE, 1997).

Assim, no imaginário social, as associações simbólicas a respeito do inglês, maior fonte de empréstimos da atualidade, e concepções puristas de defesa e conservação da língua, muitas vezes convergem e influenciam a concepção que os falantes têm a respeito da presença dos estrangeirismos em nossa língua.

Um exemplo emblemático da confluência entre ideologia puristas e posicionamento anti-imperialista foi o Projeto de Lei 1676/1999, de autoria de Aldo Rebelo, deputado federal do Partido PCdoB na época, que visava, dispor “sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa e dá outras providências”. (BRASIL, 1999).

Em sua justificação, a PL criada pelo deputado defende a ideia de que existe uma invasão indiscriminada de estrangeirismos e de que isso tem provocado a descaracterização do idioma a ponto de poder prejudicar a comunicação com o homem do campo que não dispõe de habilidades bilíngues. Diante disso o projeto propõe a substituição das palavras e expressões estrangeiras, estabelecendo, em sua primeira versão, sanções para quem não cumprir as orientações previstas na PL.

Em 2009, uma iniciativa semelhante foi protocolada, dessa vez no âmbito estadual, com o Projeto de lei 156/2009, de autoria do deputado estadual pelo Rio Grande do Sul Raul Carrion, que obrigava a tradução de qualquer expressão ou palavra de origem estrangeira por palavras portuguesas sempre que houvesse uma tradução equivalente na amplitude do estado do Rio Grande do Sul (BRASIL, 2009).

Ambos os projetos não se tornaram leis. O segundo, talvez por se restringir ao âmbito estadual, não provocou muita repercussão. Mas o primeiro, entretanto, provocou discussão entre os intelectuais e a comunidade acadêmica, inspirando estudos e publicações voltados à temática dos estrangeirismos (FARACO, 2001, 2004; RAJAGOPALAN, 2003; 2005; VIEIRA; MOURA, 2000).

Rajagopalan (2003) associa a adesão da sociedade ao projeto de lei a dois pontos: primeiro, a grande tensão que sempre existiu entre os dois lados das Américas, Norte e Sul; e, segundo, o povo brasileiro é afeito a adotar teorias conspiratórias em relação aos interesses e possíveis intervenções escusas dos Estados Unidos no patrimônio e na política

brasileira. Devido a esses dois fatores, a proposta legislativa de Aldo Rebelo despertou grande interesse público.

Assim, podemos dizer que a desconfiança em relação aos estrangeirismos no Brasil é resultado do histórico de políticas linguísticas homogeneizantes que objetivaram reprimir manifestações de uma cultura plurilíngue no Brasil, e que de certa forma ainda ocorrem atualmente a exemplo da PL do Aldo Rebelo e que ainda se manifestam sob a esfera do purismo linguístico.

Purismo pode ser compreendido como um comportamento valorativo em relação a uma imaginária condição de pureza da língua. Dessa concepção se pressupõe a necessidade de sua proteção e preservação diante de ameaças que possam degenerá-la e, portanto, tornar a língua inferior.

O pensamento purista defende a crença de que a língua em sua natureza é pura e assim deve ser mantida, protegida das ameaças, que, nesse caso, pode ter origem externas, ou seja, a influência de outras línguas, ou origem interna, como fenômenos de mudança dentro da própria língua. Assim, o purismo pressupõe a ideia de uma língua pura, homogênea e imutável, quando na realidade, as evidências científicas mostram que as línguas são dinâmicas, heterogêneas e variáveis (FARACO, 2001). Em outras palavras, o purismo se baseia em um mito ideológico (SANTOS, 2008).

Leite (1997) explica que a concepção tradicional do purismo tem origem na Grécia Antiga, quando Aristóteles pregava, em relação à retórica, a ideia da pureza da linguagem, que se referia ao texto estar organizado de uma forma que fosse possível ao orador transmitir suas ideias de forma clara e eficiente. Ao longo do tempo o termo foi perdendo equivalência semântica com o purismo clássico e passou a representar um comportamento regulador em relação à língua, contribuindo para o fortalecimento de um ideal de língua que favorece a manutenção das diferenças como forma de manter espaços sociais de poder.

Esse distanciamento semântico não é qualidade apenas da ideia de purismo em si, segundo Faraco (2008), algo semelhante aconteceu com o conceito de norma culta, que, em sua gênese, era usado para designar um tipo de norma urbana com certo grau de monitoramento e representante da cultura letrada, mas que passou a ser usado posteriormente como sinônimo de gramática, e então passando a representar uma gama de preceitos extremamente conservadores e pseudopuristas, servindo para

justificar um comportamento regulador de certo e errado em relação aos usos da língua.

Faraco ainda explica que, quando falamos de uma língua, estamos falando de um conjunto heterogêneo de variedades, assim, quando nos referimos ao português estamos falando de um conjunto de variedades que compõem o português. E observa que a dificuldade de entender a língua como uma realidade variável e heterogênea, deve-se sobretudo à imagem cultivada pela gramática fortemente difundida pela escola e instituições sociais em que cristaliza apenas uma variedade, apresentando-a como única e excluindo as outras, classificando-as como formas incorretas (FARACO, 2005). Para Freitag et al (2020), a não aceitação dessas diferenças é responsável pelo preconceito linguístico, fortemente difundido pelos meios sociais, e inclusive, no ambiente escolar.

Assim, ambas as concepções, tanto o normativismo quanto o purismo, parecem assumir princípios semelhantes, estão assentados na dificuldade de entender a língua em sua realidade social, com sua natureza variável que a torna um espaço de pluralidades. No entanto, a reação ao purismo é extremada e pode gerar ações com o poder de interferir no cotidiano das pessoas, de cima para baixo, como as proposições de leis, a exemplo da PL do Aldo Rebelo.

3 Ideologias e atitudes linguísticas

Para entender como as reações, positivas ou negativas, sobre os estrangeirismos são formuladas, precisamos recorrer a conceitos alinhados ao campo de estudos do processamento da variação linguística, como a consciência e a saliência.

Do ponto de vista do processamento da variação linguística, é assumido que os falantes possuem diferentes níveis de consciência linguística (aspectos estruturais e gramaticais da língua) e sociolinguística (fenômenos linguísticos socialmente situados), e fazem uso delas para julgar fenômenos da língua e em alguns casos, moldar o seu comportamento linguístico (FREITAG, 2018, 2021).

Quando os falantes procuram explicar determinados fatos da língua, fazendo correlação com contextos sociais, eles se valem da sua consciência sociolinguística, mesmo que suas avaliações e julgamentos não tenham muita propriedade científica. O grau de consciência sociolinguística é importante porque, com base em suas crenças e

juízos, os falantes costumam determinar o seu comportamento. É o que acontece, por exemplo, quando os falantes optam por certos usos linguísticos em função do seu grau de prestígio. Entretanto, ainda sabemos muito pouco sobre como eles processam esse conhecimento sociolinguístico (FREITAG, 2021).

Freitag (2021) questiona por que os falantes prestam atenção a certos traços da língua e outros não. Qual gatilho faz com que os falantes façam correlações a perfis sociais ou psicológicos ao julgar esses traços linguísticos? Trazendo estes questionamentos para nosso campo de estudos, em relação aos estrangeirismos, por que os falantes se incomodam com alguns usos e outros não?

Para Trudgill (1986), a diferença fonética é um fator importante para explicar um maior ou menor grau de consciência dos falantes. Um falante de uma língua consegue reconhecer e classificar uma palavra como pertencente ao seu idioma ou não de acordo com as combinações dos traços fonéticos que ele reconhece (ainda que inconscientemente) como sendo pertencentes à sua língua, distinguindo assim uma palavra como estrangeira ou vernacular, mesmo que seja um vocábulo que ele nunca tenha visto antes. Essa propriedade pode explicar o comportamento dos falantes em relação aos estrangeirismos, principalmente aqueles estrangeirismos em que a forma escrita e a realização fonética são bastante diferentes da forma brasileira. Garret (2010) afirma que atributos fonéticos das palavras podem provocar atitudes linguísticas dos falantes, tanto positivas ou negativas, ainda que saibamos muito pouco sobre os mecanismos que influenciam esse fenômeno.

Tanto para os estudos de processamento da variação linguística como de atitudes linguísticas, são utilizadas pistas linguísticas para investigar ou o grau de percepção dos falantes ou o tipo de avaliação subjetiva em relação a determinados fenômenos linguísticos (FREITAG 2016; 2021). Em relação à atitude, esta é entendida como “uma orientação avaliativa para um objeto social de algum tipo, se é uma língua, ou uma nova política de governo, etc.” (GARRET, 2010, p. 20). Apesar de considerar a atitude de difícil conceituação, complexa e de difícil mensuração, Garret (2010) admite que ela pode ser identificável através do seu grau de estabilidade.

Garret (2010) aponta diferentes fatores e contextos que podem suscitar atitudes nas pessoas. Um desses fatores, como mostramos acima, são as palavras. Seja pelos atributos fonéticos (fonoestética) seja por

conotações sociais a elas indexadas, as palavras produzem efeito sobre as atitudes e o comportamento das pessoas. Não é por acaso que as empresas investem em pesquisas e tomam certos cuidados na escolha de nomes de marcas ou de organizações. Isso também vale para os discursos políticos, que costumam ser meticulosamente planejados a fim de que a escolha das palavras adequadas desencadeie as conotações e atitudes esperadas nas pessoas.

Outro fator apontado por Garret (2010) e que merece atenção no nosso estudo sobre estrangeirismos é a construção de ideologias a respeito de uma norma padrão, na qual os falantes se baseiam para determinar o que é certo e errado na língua. Os instrumentos normativos são utilizados como autoridade legitimadora dessa norma, ainda que concepções fruto do senso comum também se misturem às concepções dos falantes e lhe sirvam como parâmetro para promover julgamentos linguísticos e determinar o que é uso de prestígio ou de desprestígio. A sociolinguística costuma prover evidências da associação entre formas e perfis sociais. No entanto, a noção de prestígio também é associada às línguas, denotando atitudes valorativas das pessoas em relação a elas, ou evocando associações entre duas línguas, a exemplo da ideia equivocada de que algumas línguas são impróprias para determinadas funções, ou a ideia de que a língua não é boa se ela recorre a empréstimos.

Atitudes podem ser entendidas a partir de três dimensões: afetiva, cognitiva e comportamental. A dimensão afetiva é relacionada à forma como as emoções em volta de um objeto são administradas, podendo pender para favorável ou desfavorável, positivo ou negativo. A dimensão cognitiva envolve crenças, valores e relações lógicas construídas em volta desse objeto; e a dimensão comportamental tem a ver com as reações, e uma predisposição para agir, geralmente de acordo com os julgamentos cognitivos e afetivos da pessoa. Entretanto, é difícil dizer até que ponto esses aspectos trabalham juntos e em que circunstâncias (GARRETT, 2010). Um dos desafios de se estudar atitudes tem a ver com a sua complexidade, e com o fato de elas apresentarem várias facetas e manifestações, o que nos obriga a analisar quais os contextos e facetas podem se mostrar reveladores em relação às atitudes que se almeja observar.

As atitudes são aprendidas a partir da interação social. Aprendemos observando comportamentos e suas consequências. Esse aspecto da atitude revela muito sobre o comportamento linguístico,

como por exemplo, quando os falantes evitam fazer uso de certos traços linguísticos estigmatizados como forma de evitar o julgamento social. Atitudes não operam apenas através de nossos comportamentos diante dos outros, como, por exemplo, através de reações, mas também operam na forma de previsões sobre o que o outro pode esperar do nosso discurso, e isso pode levar a um certo ajuste do nosso comportamento para atender as expectativas alheias (determinar a forma como eu quero ser visto, que identidade de grupo possuo etc.) ou as regras comunicativas.

Intimamente ligadas às atitudes, estão os estereótipos e as ideologias. Garret (2010) define estereótipos como processos cognitivos que consistem em dividir o mundo em grupos sociais, em categorias, com base nas características compartilhadas.. Entretanto, o problema dos estereótipos é que eles tendem a exagerar essas características, criando generalizações. Eles podem ser negativos ou positivos, e estão propensos a incorporar respostas afetivas.

Já ideologia compreende “um conjunto padronizado, mas naturalizado, de pressupostos e valores sobre como o mundo funciona, um conjunto que está associado com um determinado grupo social ou cultural” (GARRET, 2010, p. 34). Valores e crenças associadas a categorizações com forte apelo ideológico podem contribuir para influenciar a imagem de determinado grupo, levando a suposições estereotipadas sobre características compartilhadas por membros do grupo. Assim, estereótipos e ideologias acabam operando juntos. Ao ajudar a reforçar valores e pressupostos referentes à forma como o mundo funciona, os estereótipos ajudam a reforçar certas ideologias, contribuindo para a manutenção das desigualdades (GARRET, 2010).

Neste trabalho, buscamos identificar as ideologias subjacentes aos estrangeirismos que circulam no Brasil, a fim de contribuir para a desconstrução da estereotipia da língua.

4 Procedimentos metodológicos

Segundo Freitag, (2016, p. 900), o tratamento societal corresponde a um “estudo de caráter etnográfico, onde os dados são colhidos a partir de várias fontes de domínio público, como documentos oficiais, propagandas, televisão e, também, redes sociais”.

Ao analisar o conteúdo produzido pela sociedade e de domínio público, é possível obter insights sobre significados sociais, redes de

associações e o tratamento direcionado a fenômenos linguísticos na sociedade (GARRET, 2010).

Buscando entender os mais diversos pontos de vistas dos falantes em relação ao fenômeno estudado, concentramo-nos no objetivo capturar o que é dito sobre os estrangeirismos nas publicações compartilhadas na internet. Para tanto, foram feitas buscas no Google imagem, utilizando as palavras chaves: *estrangeirismos*, *estrangeirismos e memes*, *memes* e à medida que o buscador fornecia sugestões de palavras-chaves, foram utilizados também os buscadores *cartum*, *tirinha*, *quadrinho*, *charge*, *empréstimos linguísticos* e *palavras estrangeiras*.

A intenção original seria coletar apenas materiais do gênero textual *meme*, devido a sua popularidade e poder de circulação possibilitar fornecer dados interessantes sobre a língua em uso, porém, à medida que se avaliava a diversidade de materiais apresentada pelo google imagens, optou-se por coletar também os materiais que se encaixavam em outros gêneros textuais como *tirinhas*, *cartum* e *charge*.

Além das buscas no Google, foram feitas pesquisas também em redes sociais como Twitter e Facebook utilizando palavras chaves como *estrangeirismos*, *estrangeirismos e memes* e *memes*. Como registro, foram feitas capturas de tela, coletados links dos sites, além de dados importantes como data da publicação e registros de interação das postagens. A coleta foi realizada no mês de julho de 2021. No total foram coletados 40 materiais que foram classificados de acordo com gênero textual pertencente, quais sejam, *cartum*, *tirinha*, *charge*, *meme* e *tweet*.

Ao longo do processo de pesquisa foram feitas revisitas aos sites que hospedavam esses materiais a fim de checar a acessibilidade dos dados, assim como atualização das informações coletadas inicialmente sobre esses materiais.

Durante as buscas no Google e nas redes sociais como Twitter e Facebook, alguns critérios foram utilizados como seleção em meio à variedade apresentada pelas plataformas, especialmente o Google imagens. Foram eles: a) disponibilidade: a postagem deveria estar disponível para acesso e coleta de dados, não apenas a imagem, mas a página na qual ela estava sendo veiculada deveria estar aberta ao público; b) ter relação com os estrangeirismos (a intenção do discurso estar direcionada direta ou indiretamente aos estrangeirismos); c) apresentar um discurso ou ponto de vista significativo (muitas das imagens eram meras ilustrações ou letreiros de apresentação de tópicos mostrando-se

gêneros textuais imprecisos além da possibilidade de interpretação ser bastante ambígua).

Os achados foram inicialmente salvos em uma pasta, armazenados no formato JPG, ao mesmo tempo em que dados importantes a respeito desses materiais eram organizados em uma tabela no formato *xlsx* contendo detalhes como: nome, tipo textual, link de acesso, local de hospedagem, data de publicação, se o material, caso tenha sido publicado em uma rede social, tem comentários, tipo de linguagem, outras datas e locais de origem (quando disponível). Dentre os achados, foram observadas ideias sobre a língua que se repetiam¹ nos materiais, com mudanças pouco significativas. Nesses casos, foi selecionado um como exemplo a ser analisado, desconsiderando os demais por conta da semelhança. Além da falta originalidade de alguns materiais, outro critério de exclusão é a falta de clareza da ideologia. Em alguns dos achados, apesar de haver claramente uma opinião dos falantes, não é possível identificar a ideologia linguística a respeito dos estrangeirismos presente². Em suma, quando os materiais eram imprecisos, ambíguos e irrelevantes, eles foram eliminados do estudo.

Os materiais selecionados podem ser classificados, em função da estrutura, nos seguintes tipos:

- (1) Linguagem verbal + linguagem visual ou imagética em equivalência (interação entre elementos visuais e verbais, com complementação de sentido) (ver Figura 1).

¹ Dentre os achados, foram observadas ideias que se repetiam, demonstrando o mesmo padrão, porém com mudanças pouco significativas de diferenciação. Exemplo de argumentos repetidos: “Ele não quer um retorno dela, ele quer um *feedback*”; “Essa banda não tem muitos sucessos, ela tem muitos *hits*”. Como é possível notar, existe um padrão entre eles, apresentando a ideia de substituir uma palavra vernacular (*sucesso*, *retorno*) por uma expressão em inglês (*hits*, *feedback*). As frases são semelhantes, variando apenas o tema abordado em cada figura. Por apresentarem o mesmo padrão, foi considerado apenas um exemplo dentre o grupo de achados.

² Como outro exemplo de exclusão, temos a tirinha da série *Matilda* que faz alusão a diferença cultural no uso dos estrangeirismos em diferentes países (a palavra sala de estar que para eles é *living*), apresentando a ideia de confusão provocada por essa diferença cultural dos usos. Apesar das ideologias presentes, ela foi considerada irrelevante por não se encaixar completamente dentro das ideologias mapeadas.

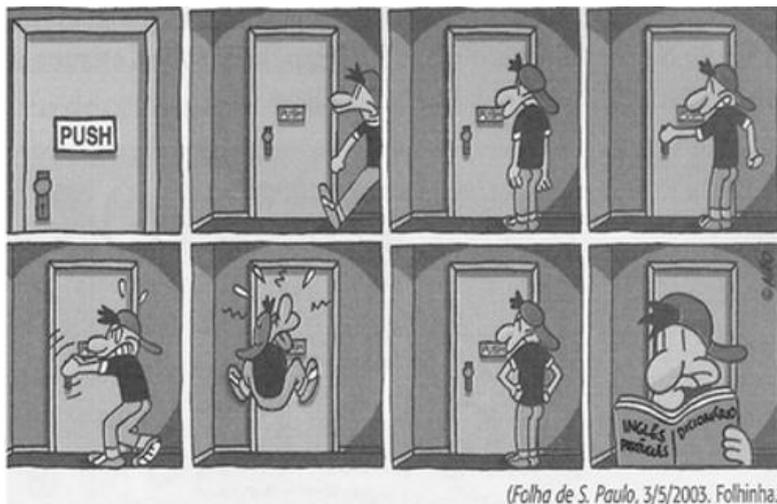
- (2) Predominância da linguagem visual + linguagem verbal (apesar de ter pouco destaque, os elementos verbais contribuem para completar o sentido) (Ver figura 2).
- (3) Predominância da linguagem verbal (os elementos imagéticos não contribuem substancialmente para o sentido) (Ver figura 3).

FIGURA 1 – Exemplo dos achados do tipo 1



Fonte: Site Entrelinhas da vida1, 2014.

FIGURA 2– Exemplo dos achados do tipo 2



(Folha de S. Paulo, 3/5/2003. Folhinha.)

Fonte: Site A redação, 2014.

FIGURA 3 – Exemplo dos achados do tipo 3



Fonte: Twitter, 2021.

Os itens coletados foram organizados quanto à semelhança em relação ao posicionamento que apresentavam, dos quais apenas dois de cada grupo foram selecionados para análise nesse estudo. Para a organização dos pontos de vista expressos nesses materiais, buscou-se apoio na construção apresentada na seção anterior (2.1, 2.2) sobre aspectos positivos e negativos associados aos estrangeirismos, a fim de se analisar a metalinguagem apresentada no *corpus*.

Após o exame dos direcionamentos discursivos apresentados nesses achados, propomos uma classificação em relação aos posicionamentos apresentados tendo como base descrições apresentadas em estudos como Assis (2007) Faraco (2001; 2004), Fiorin (2004), Garcez; Zilles (2004), Possenti, (2004), Schmitz (2004),,,), e Soares (2019). Foi possível identificar seis ideologias, sendo elas: 1) estrangeirismos em excesso; 2) estrangeirismos como vício de linguagem; 3) estrangeirismos vistos como colonização ou dominação ideológica; 4) estrangeirismos dificultam a compreensão; 5) estrangeirismos como escolha estilística; 6) estrangeirismos através do viés da naturalização.

5 As ideologias associadas aos estrangeirismos

5.1 Estrangeirismos em excesso

Um dos argumentos comuns utilizados pelos críticos dos estrangeirismos relaciona-se com a sua frequência, a ideia de que existe um uso exagerado de expressões estrangeiras nos letreiros, nos enunciados, na fala das pessoas. Essa suposta abundância é vista como uma ameaça a uma suposta pureza da língua.

O argumento de que existem estrangeirismos em excesso serve como base para outras premissas, como a dominação cultural, a descaracterização da língua e com ela a própria identidade nacional, conforme podemos ver na tirinha do Ziraldo (Figura 4), publicada originalmente no Jornal do Brasil em 2004. Na tirinha, a nacionalidade das crianças é colocada em dúvida em decorrência das expressões em inglês que elas utilizam com frequência.

FIGURA 4 – Exemplo do grupo “Estrangeirismos em excesso”



Fonte: Blog Descomplica, 2015.

Em outra tirinha de um autor desconhecido (Figura 5), vemos os estrangeirismos em excesso como responsáveis pela crise de identidade cultural da criança. Diferentemente do caso anterior, as palavras estrangeiras em destaque não estão nas falas das crianças e sim nas fachadas das lojas. Para Soares (2019), os estrangeirismos, associados a recursos visuais nas fachadas das lojas, funcionam como um discurso

de persuasão e de seleção de público-alvo consumidor, mostrando que, nesse caso, os estrangeirismos são usados com um objetivo específico, ou seja, uma estratégia comercial. No entanto, na tirinha, as palavras estrangeiras nas fachadas das lojas são responsáveis pela insegurança da criança em relação ao conceito de cultura nacional.

FIGURA 5 – Exemplo do grupo “Estrangeirismos em excesso”



ZIRALDO. Menino Maluquinho. In: *Jornal do Brasil*, 4 maio 2004

Fonte: Blog dos Cursos, 2016.

Nos exemplos mostrados, observamos a presença de um posicionamento em relação a um tipo de estrangeirismo específico, os anglicismos, ou seja, as palavras e expressões em inglês. Assis (2007, p. 20) afirma que os anglicismos podem ser vistos por alguns falantes como uma invasão, em uma tentativa de imposição da cultura americana e, por isso, deveriam ser combatidos. Para a autora, esse posicionamento se baseia em uma visão purista da língua, em que se acredita que a língua deve ser mantida preservada de ameaças externas.

Para Faraco (2001), justificar os contatos linguísticos a partir das perspectivas de dominação de uma cultura sobre outra, ou de dominação ideológica ou reduzi-los à classificação simplista de invasão, é um ponto de vista que ignora os diferentes fatores envolvidos no processo de incorporação de itens lexicais de uma língua por outra. Trata-se de um processo complexo e muitas vezes imprevisível, afinal, “a percepção da complexidade dos eventos e situações de contato” (FARACO, 2001, p. 136), não são realidades homogêneas.

Garcez e Zilles (2004), argumentam que existe, de fato, uma avalanche de anglicismos presentes na língua portuguesa. Contudo,

ressaltam que o inglês é a língua de mediação da tecnologia, das pesquisas científicas, do universo do consumo e dos negócios, possuindo assim um grande repositório de recursos simbólicos, econômicos e sociais muito bem explorado pelos veículos de informação e publicidade em apelos de associações semióticas.

5.2 Estrangeirismos como um vício de linguagem

A ideia de que existe um uso necessário ou desnecessário de estrangeirismos é uma ideia que ainda é apresentada explícita e implicitamente, inclusive por teóricos e gramáticos. Para Xatara (2001), a substituição de palavras estrangeiras por correspondentes em português evitaria que os estrangeirismos concorressem ou suplantassem os termos vernaculares e por isso seria importante o trabalho de lexicólogos ou terminólogos na produção de neologismos correspondentes.

A intolerância contra a presença desses empréstimos linguísticos também é vista em gramáticas, nas quais existe um repúdio ao seu uso. Cegalla (2008), por exemplo, em sua gramática, coloca os estrangeirismos na seção de vícios de linguagem e afirma que o seu uso deve se fazer nos casos em que são necessários, ou seja, quando não há palavras correspondentes no português, além disso, o autor diz que “o abuso de estrangeirismos torna o texto pedante e obscuro” (CEGALLA, 2008, p. 634), apresentando, em seguida, alguns estrangeirismos e os termos que devem ser usados em substituição colocados como a forma correta.

Atitude semelhante é reproduzida no meme de autor desconhecido (Figura 6), no qual são apresentados alguns estrangeirismos seguidos de vocábulos correspondentes como sugestão de substituição. A figura de um homem de braços cruzados, possivelmente Camões, passa a ideia de insatisfação, como se o uso dos estrangeirismos estivesse agredindo a língua de Camões, ou seja, o português.

FIGURA 6 – Exemplo do grupo “Estrangeirismos como um vício de linguagem”



Fonte: Blog Sweet Stuff, 2016.

No meme seguinte (Figura 7), que tem como autor Santiago, há uma ideia semelhante de repúdio às expressões estrangeiras, mas com uma crítica voltada às escolhas estilísticas do personagem que é tido como caipira por estar proferindo uma profusão de estrangeirismos. Como uma forma de tornar os termos em inglês menos obscuros, a tirinha apresenta a tradução dessas palavras no final da folha para consulta. Nos dois casos, o português e o inglês são colocados em oposição, havendo, de maneira implícita, um julgamento de valor.

FIGURA 7 – Exemplo do grupo “Estrangeirismos como um vício de linguagem”



Fonte: Site Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, 2016.

Schmitz (2004), ao se referir especialmente ao adjetivo *caipira* utilizado como qualificação para o uso de estrangeirismos pelos falantes brasileiros por meio dos inimigos dos estrangeirismos, lembra a problemática da expressão, já que se refere a uma classe social excluída, com alto índice de analfabetismo, e, portanto, sem condições de acesso à variedade de prestígio da língua. Para o autor, “os indivíduos que criticam a presença de estrangeirismos também condenam o português popular, regional e informal” (SCHMITZ, 2004, p. 99).

Aldo Rebelo diz, em seu projeto de lei já mencionado, que uma das explicações para o crescente fenômeno dos estrangeirismos está relacionado à ignorância e à falta de senso crítico e estético dos falantes. Para Cardoso (2015), os falantes constroem representações dos fenômenos linguísticos a partir da realidade observada por eles, emitindo opiniões, a partir das quais eles desenvolvem atitudes linguísticas, atribuindo um julgamento e associando valores a esses fenômenos, podendo assumir uma atitude purista ou tolerante em relação a eles, em todo caso, mesmo quando esses falantes se apoiam em argumentos estéticos, esses ainda se resumem a julgamentos sociais.

No caso das figuras deste grupo, nota-se uma reação defensiva frente aos estrangeirismos vindos da língua inglesa, como se a presença de um estrangeirismo desvalorizasse a língua portuguesa. Daí surge a tentativa de valorização da língua portuguesa através de ataques ao uso dos estrangeirismos. Schmitz (2004, p. 97) explica que “o medo de ser engolido e apagado por uma cultura alheia dominante assusta os que têm uma postura nacionalista.”

Vieira e Moura (2000) caracterizam essa postura como a do monoglota orgulhoso que se recusa a aprender uma língua estrangeira que, à primeira vista lhe parece estranha e desagradável, com a justificativa de que a sua língua materna é mais do que suficiente para ele se expressar como deseja.

5.3 Estrangeirismos como ferramenta de colonização

A ideia de que a língua é usada como um instrumento de dominação ideológica servindo como espaço de colonização, ou seja, de dominação de uma nação sobre outra através de uma possível invasão

lexical, também é uma das ideias apresentadas no Projeto de Lei do deputado Aldo Rebelo. Aparentemente, essa mesma ideia também ecoa nas palavras das pessoas, marcando presença no imaginário social como pode ser observado na fala de um dos usuários do Twitter (Figura 8). Segundo o autor do tweet, substituir estrangeirismos por itens vernaculares é uma forma de descolonizar a linguagem virtual.

FIGURA 8 – Exemplo do grupo “Estrangeirismos como ferramenta de colonização”



Fonte: Twitter (com alterações feitas pela autora), 2021.

Na Figura 9, há uma manifestação explícita contra a isenção de manifestações culturais estrangeiras, a exemplo do *Halloween*, uma data comemorativa de origem celta, mas popularizada pelos Estados Unidos. Além do repúdio da data comemorativa como ameaça à cultura nacional, há também a manifestação contra estrangeirismos com a sugestão direta de substituição por vernáculos nossos.

Os dois exemplos ilustram uma reação contrária a uma possível apropriação de espaços reivindicados como nacionais, como a cultura ou o espaço de interação virtual, mas que se apresentam tomados pela presença estrangeira, a exemplo da celebração e das palavras estrangeiras.

FIGURA 9 – Exemplo do grupo “Estrangeirismos como ferramenta de colonização”



Fonte: Twitter (com alterações feitas pela autora), 2021.

Sobre esse ponto, Garcez, Zilles (2004) explicam que, para as pessoas, é como se o fenômeno de importação dos estrangeirismos só estivesse acontecendo agora, ou seja, nesse momento histórico atual, daí surge a impressão de que há uma invasão de palavras estrangeiras, e que assim, através da língua, os objetivos imperialistas anglo-americano estão sendo colocados em prática através de uma presença insidiosa desses elementos estrangeiros no pensamento dos falantes.

FIGURA 10 – Exemplo do grupo “Estrangeirismos como ferramenta de colonização”



Fonte: Site Entrelinhas da vida1, 2014.

Na tirinha de Chico Bacon (Figura 10), o conceito de colonização parece mais explícito com a retomada da ideia de que os itens lexicais

estrangeiros estão concorrendo, e no caso do exemplo, suplantando, os itens vernaculares. É a presença norte-americana suplantando a nacional através da língua, diante disso, os falantes não encontram mais correspondência de certos significados com itens vernaculares e sim estrangeiros.

5.4 Estrangeirismos dificultam a comunicação

Outra ideia bastante recorrente e identificada em nosso corpus de análise é a de que as palavras estrangeiras presentes em nosso vocabulário funcionam como entraves na comunicação, demandando habilidades bilíngues dos falantes, muitas vezes não alcançadas por todos.

Na tirinha da Folha de São Paulo (Figura 11), podemos ver uma crítica ao estrangeirismo através de palavras conhecidas como falsos cognatos, ou seja, palavras que têm grafia e forma sonora semelhante a palavras em português, mas com significados não correspondentes. Na visão do autor da tirinha, a instrução dada com o uso do estrangeirismo provocou uma confusão, que só foi solucionada com a ajuda de um dicionário de inglês.

FIGURA 11 – Exemplo do grupo “Estrangeirismos dificultam a comunicação”



Fonte: Site Entrelinhas da vida, 2014.

No meme de autor desconhecido (Figura 12), a falha na comunicação é provocada pela profusão de estrangeirismos na frase,

montada assim propositalmente, utilizando itens lexicais populares no campo da administração e do cooperativismo. Schmitz (2004) explica que esse tipo de recurso é próprio da retórica da política antiestrangeirista que monta um texto artificial com uma coleção de estrangeirismos para passar a ideia de que o seu uso “é um exagero, um mero capricho ou um bilinguismo forçado” (SCHMITZ, 2004, p. 97).

FIGURA 12 – Exemplo do grupo “Estrangeirismos dificultam a comunicação”



Fonte: Site A redação, 2014.

Possenti (2004, p. 164) observa que “compreender ou não uma língua ou uma variedade dela é um problema de escolaridade do cidadão e da frequência com que ele é exposto a discursos, e não de nacionalidade da língua ou de origem de um termo”. Ou seja, a problemática de se compreender uma língua não se dá por questões estruturalmente linguísticas, como alguns falantes dão a entender, mas se trata de um problema social, está relacionado ao acesso que os indivíduos possuem a bens culturais e educacionais e como esses elementos estão distribuídos socialmente.

Além disso, para Fiorin (2004, p. 112-113), a ideia de que estrangeirismos em excesso prejudicam a comunicação é uma ideia preconceituosa, porque dá a entender que certa parcela da população tem dificuldades naturais de aprendizagem. Mesmo que assim fosse, o fato não se configura uma relação com os estrangeirismos, já que o léxico é aprendido através da vivência das pessoas, e nesse caso, qualquer um é capaz de aprender diversas áreas do vocabulário se isso se fizer uma necessidade em sua realidade.

5.5 Uso naturalizado

Há também situações nas quais o uso dos estrangeirismos se faz de forma natural, de modo que os falantes não conseguem identificá-los como alheio ao nosso vernáculo, e, portanto, estrangeiro, a exemplo do meme de autor desconhecido na Figura 13. No exemplo citado o preenchimento de sentido da palavra estrangeira com outros significados acabou afastando o estrangeirismo semanticamente da forma original.

FIGURA 13 – Exemplo do grupo “Uso naturalizado”



Fonte: Jornal Informe Blumenau, 2020.

No meme seguinte de autoria de Bello (Figura 14) há um exemplo semelhante, no qual o português e o inglês são usados de forma misturada, em uma performance estilística do falante.

FIGURA 14 – Exemplo do grupo “Uso naturalizado”



Fonte: Site Ágora Discursiva, 2016.

Quando um item emprestado adentra uma comunidade linguística, ele pode percorrer três caminhos distintos: (i) pode desaparecer tão rápido quanto surgiu; (ii) pode ser incorporado pelo processo de mudança linguística de um modo tão natural que em poucas décadas sequer seja percebido como empréstimo linguístico; ou (iii) pode permanecer e conservar a sua identidade estrangeira na grafia de modo que ainda é percebidos como estrangeirismo pelo falante (GARCEZ; ZILLES, 2004). Especialmente o processo (ii) explica a existência da ideologia “uso naturalizado” uma vez que descreve esse processo de incorporação dos estrangeirismos ao repertório linguístico dos falantes de forma esses elementos deixam de ser percebidos como estrangeirismos.

Na figura de uma usuária do Twitter (figura 15), esse processo de naturalização se apresenta através da sugestão de adaptação do

estrangeirismo à morfologia do português. A usuária do Twitter, inclusive, dá exemplos de manipulação do léxico estrangeiro na estrutura gramatical do português.

FIGURA 15 – Exemplo do grupo “Uso naturalizado”



Fonte: Twitter (com alterações feitas pela autora), 2021.

Para Faraco (2004), os processos linguísticos estão inseridos em uma dinâmica histórica na qual os falantes têm demonstrado gerenciar com criatividade e desenvoltura o funcionamento do léxico de sua língua, sem precisar de tutores ou guardiões.

5.6 Estilismo

Entendemos aqui como escolha estilísticas no sentido Bakhtiniano que entende que a escolha de um locutor por uma determinada forma gramatical não se faz de maneira aleatória, mas assentadas em intenções comunicativas que por sinal são medidas por práticas sociais de uso da língua (SILVA, 2020).

A escolha deliberada de estrangeirismos como recurso estilístico, ou seja, para proporcionar determinado efeito ao discurso, é muito utilizada em diversas situações, entre elas, na nomeação de estabelecimentos comerciais como forma de agregar valor ao empreendimento.

Sobre a necessidade de se utilizar expressões estrangeiras como marca simbólica da presença de outras nações, Garcez e Zilles (2004) afirmam que isso é resultado, em parte, da insegurança da classe consumidora do país, que se espelha em modelos externos, utilizando, desse modo, o inglês como uma forma de diferenciação competitiva entre aqueles que possuem o capital simbólico do consumo e aqueles que não possuem.

A charge de autoria do artista Phicho (Figura 16) apresenta essa relação da escolha de nomeação de estabelecimentos com nomes estrangeiros como uma forma de diferencial. Na charge, há um ar de espanto por parte do personagem que, inclusive, questiona a escolha lexical, valorizada como bonita, mas problemática devido ao seu significado literal pouco prático para se referir a um estacionamento. Nota-se, na charge, que há uma referência ao poder de diferencial estilística do uso de palavras estrangeiras na nomeação de estabelecimentos comerciais, mas apesar disso, sobressai uma crítica à confusão do uso desses nomes estrangeiros.

FIGURA 16 – Exemplo do grupo “Estilismo”



Fonte: Blog da Parábola Editorial, 2017.

No meme seguinte de autor desconhecido (Figura 17), nota-se uma transformação qualitativa da conotação dada ao personagem através da troca do item vernacular pela expressão estrangeira, mudança provocada pela aquisição de uma nova língua, no caso o inglês, uma língua de prestígio.

FIGURA 17 – Exemplo do grupo “Estilismo”



Fonte: Pinterest, 2019.

Fiorin (2004, p. 117) explica que, do ponto de vista do uso, as palavras possuem conotações diferentes se comparados os itens estrangeiros e vernaculares, não havendo uma verdadeira correspondência, ou equivalência perfeita entre eles como pode existir do ponto de vista da forma. Assim, certas expressões estrangeiras podem possuir conotações que os itens vernaculares não possuem, como é o caso das expressões em inglês que denotam modernidade e requinte, denotação que não existiria se ao invés de palavras em inglês se utilizassem itens do nosso idioma.

6 Considerações finais

A partir da identificação das ideologias linguísticas nos materiais analisados, foi possível demonstrar uma regularidade na manifestação dos falantes em relação aos estrangeirismos, a consciência social da comunidade de fala. A possibilidade de classificação dessas ideologias linguísticas em subgrupos evidencia que existem opiniões comuns dos falantes a respeito dos estrangeirismos. Examinar mais a fundo a natureza dessas regularidades pode ajudar a entender melhor a relação que os falantes possuem com a língua e a sua dinâmica, e acessar a sua consciência sociolinguística.

Associações simbólicas a respeito do inglês, expressiva fonte de empréstimos da atualidade, e concepções puristas de defesa e conservação da língua disputam espaço no imaginário social influenciando ideologias que os falantes brasileiros têm sobre nosso idioma.

Muito do que foi observado nos materiais coletados dá suporte às concepções apresentadas no Projeto de Lei dos deputados Aldo Rebelo, mesmo passadas mais de duas décadas da sua elaboração. Isso significa dizer que as ideologias linguísticas alinhadas a ideias puristas de dominação ideológica, ameaça imperialista, degradação da língua e a necessidade de a língua ser preservada da insidiosa presença estrangeira, ainda circulam socialmente com o mesmo vigor com que inspirou a lei antiestrangeirista, a despeito das recorrentes discussões que esses discursos inspiraram na sociedade e na comunidade científica em decorrência do famigerado projeto.

A insistência com que essas ideologias linguísticas continuam a circular no imaginário social comprova a dificuldade que a comunidade científica tem de se fazer ser entendida pelo grande público, como já havia observado por Rajagopalan (2005) e, assim, desfazer alguns equívocos a exemplo do mito da língua pura e imutável, ou de que os empréstimos representam ameaça. A ciência desfaz os equívocos, mas eles persistem na consciência coletiva da comunidade, e são responsáveis por gerar preconceito linguístico e fundamentar comportamentos extremistas na sociedade, a exemplo de leis de natureza autoritária como a do Aldo Rebelo.

Através do estudo societal sobre os estrangeirismos, podemos evidenciar que os falantes possuem consciência sociolinguística e conseguem demonstrar isso no uso que fazem da língua. O

próprio fato de conseguirem diferenciar os empréstimos dos termos vernaculares, rotulando-os como estrangeirismos, já é uma prova da consciência sociolinguística desses falantes, que se manifesta através de julgamentos sociais.

Ao optarem pelo uso de estrangeirismos ao invés de itens vernaculares, por exemplo, eles o fazem sabendo que os significados sociais e estilísticos não são os mesmos. Ou seja, os falantes não só têm consciência das formas variáveis da língua, mas reconhecem que essas formas estão associadas a contextos e significados sociais específicos, ainda que, em muitos casos, esses significados não estejam alinhados com o que as ciências da linguagem preconizam.

Um fato que corrobora essa ideia tem a ver com o impacto que o inglês possui na atualidade como língua de forte apelo multissemiótico, sobre a qual pairam diversos valores e associações simbólicas que não são ignorados pelos falantes. Com a análise do material coletado foi possível notar, por exemplo, que os falantes possuem consciência do valor de prestígio e diferenciação social que o inglês possui como língua de forte alcance, utilizando o inglês de forma deliberada, mas para alcançar efeitos variados de acordo com os seus objetivos.

Além disso, observar o comportamento dos falantes em relação aos estrangeirismos em situações de uso forneceu pistas de como os falantes, mesmo diante de itens lexicais estrangeiros, conseguem lançar mão de sua consciência linguística ao manipular esses recursos com criatividade para atender aos seus propósitos comunicativos. Os falantes também demonstram uma consciência epilinguística, ao dar exemplos dos processos morfossintáticos que os empréstimos podem sofrer em sua dinâmica de regularização ao português.

Agradecimentos

Agradeço à Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag pela orientação valiosa, sem ela não seria possível dar andamento a essa pesquisa. Agradeço também aos colegas de curso, José Manoel Siqueira da Silva, Keila Vasconcelos Menezes (e demais não mencionados), pelo apoio e a motivação tão importantes. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

Referências

AS PROFUNDEZAS DO BRASIL AUTÓCTONE. Estrangeirismo é o cacete... 30 de maio de 2021. *Twitter*: @brasilautoctone. Disponível em: <https://twitter.com/brasilautoctone/status/1399169379384844290/photo/1> Acesso em: 20 de fev. 2022.

ASTRAGEMICAZ. “dropar” é a abasileiração do “drop” tipo “fanficar” da fanfic, “flop/flopei/flopada” do *flop* ai ai a influência dos estrangeirismos dos fãs de ficar pop nas redes sociais dá nisso. 3 de jun de 2021. *Twitter*: @twiniebirds. Disponível em: <https://twitter.com/twiniebirds/status/1400462751915339783>. Acesso em: 20 de fev. 2022.

BRASIL. *Projeto de Lei nº 1676 de 1999*. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=17069> Acesso em: 20 de jul. de 2020.

BRASIL. *Projeto de lei 5632 de 2020*. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2267965>> Acesso em 20 de junho de 2022.

BLOG DOS CURSOS. *Anglicismos*. Disponível em: <http://blogdoscursos.com.br/anglicismo/> Acesso em: 20 de fev. 2022.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOUCHER, D. F. *Conteúdo revisional 003 – 7º ano estrangeirismo – quarta-feira*. Agora discursiva. Agosto 15, 2016. Disponível em: <http://agoradiscursiva.blogspot.com/2016/08/conteudo-revisional-7-ano.html> Acesso em: 20 de fev. 2022

BOTTA, M. G. Breve estudo sobre os usos dos termos empréstimo e estrangeirismo na tradição linguística em língua portuguesa. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 45, n. 82, p. 150-159, jan. 2020. DOI: <https://doi.org/10.17058/signo.v45i82.14356>.

CARDOSO, D. P. *Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros*. São Paulo: Blucher, 2015.

CANO, W. M.; PRADO, D. de F. Os estrangeirismos da área da informática no Aurélio XXI;. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo,

v. 50, n. 2, 2009. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1423>. Acesso em: 14 jun. 2021.

CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48.ed. revisada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

COLETTI, C. Eu gosto que as redes sociais popularizaram a frase “essa energia aqui” pra substituir o estrangeirismo “essa vibe”. Tem que descolonizar o léxico virtual mesmo. Tweet: @caiocoleti Disponível em: <https://twitter.com/caiocoletti/status/1399119904280829955> Acesso em: 20 de fev. 2022.

ENTRELINHASDAVIDA. Estrangeirismos. 10 de out. de 2014. Disponível em: <https://entrelinhasdavidal.wordpress.com/2014/10/10/estrangeirismo/> Acesso em: 20 de fev. 2022

FARACO, C. A. *Estrangeirismos: guerras em torno da língua* São Paulo: Parábola Editorial, 2004

FARACO, C. A. Empréstimos e neologismos: uma breve visita histórica. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 45, -n. esp., p. 131-148, 2001. DOI:

FERRAZ, A. P. A renovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, M C. (org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2006. p. 217-234.

FIORIN, J. L. Considerações em torno do Projeto de Lei nº 1676/99. In: FARACO, C. A. (org.). *Estrangeirismos: guerra em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2004. p. 107-125.

FREITAG, R. M. K. Et. al. Como o brasileiro acha que fala? Desafios e propostas para a caracterização do “português brasileiro”. *Signo y Señá*, Facultad de Filosofía y Letras (UBA), v. 1, n. 28, p. 65-87, 2015. DOI: <https://doi.org/10.34096/sys.n28.3174>.

FREITAG, R. M. K. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v.32, n.4, p.889-917, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-44506992907750337>

FREITAG, R. M. K. O desenvolvimento da consciência sociolinguística e o sucesso no desempenho em leitura. *Alfa*, São Paulo, v.65, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-e13027>

FREITAG, R. M. K. et al. O uso da língua para a discriminação. *A Cordas Letras*, v. 21, n. 1, p. 185-207, 2020. DOI: <https://doi.org/10.13102/cl.v21i1.5233>

FREITAG, R. M. K. Saliência estrutural, distribucional e sociocognitiva. *Acta scientiarum. Language and culture*, v. 40, n. 2, p. e41173-e41173, 2018. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v40i2.41173>

FREITAG, R. M. K. Projeto de pesquisa: A língua do universitário: fala, leitura e escrita para o letramento acadêmico. 2018. Disponível em: https://prograd.ufs.br/uploads/content_attach/path/26392/CECH_Raquel_Freitag_Letras_FalaLeituraEscrita.pdf. Acesso em: 20 abr. 2020.

GARCEZ, P. M.; ZILLES, A. M. S. Estrangeirismos: desejos e ameaças. In: FARACO, C. A. (org.) *Estrangeirismos: guerra em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2004, p.15-36. GARCIA, L. H. *Empréstimos, estrangeirismos e neologismos: uma análise terminológica*. 2014. 29 f. Monografia (Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas) – Faculdade de Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/8964/1/2014_LucasHenriqueGarcia.pdf acesso em 23 de jul. de 2021.

GARRETT, P. *Attitudes to Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

KRIEGER, F. *12 termos em inglês utilizados nos negócios (e que você precisa saber o que significam)*

Informe Blumenau, 07 de jul de 2020. Disponível em: <https://www.informeblumenau.com/12-termos-em-ingles-utilizados-nos-negocios-e-que-voce-precisa-saber-o-que-significam/> Acesso em: 20 de fev. 2022.

LABATE, F. G. *Vocabulário da economia: formas de apresentação dos estrangeirismos*. 136 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. DOI:10.11606/D.8.2008.tde-25092008-154021.

LE BRETON, J. M. Reflexões anglófilas sobre a geopolítica do inglês. In: LACOSTE, Y. & RAJAGOPALAN, K. [org.]. *A geopolítica do inglês*. São Paulo: Parábola, 2005, p.12-26.

LEITE, M. Q. Purismo: do preconceito ao conceito. *Revista da ANPOLL*, v.X, n 3, p. 175-191, 1997.

MAGNANI, de S. C. *O estrangeirismo como fator de prestígio social ou estratégia de marketing em estabelecimentos comerciais de Curitiba*. 126 f. Dissertação, (Mestrado em Ciências Humanas pelo Departamento de Pós-Graduação do Mestrado em Cultura e Sociedade: diálogos interdisciplinares) – Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Cultura e Sociedade, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba: 2014. Disponível em: <https://tede.utp.br/jspui/bitstream/tede/1568/2/O%20ESTRANGEIRISMO.pdf> Acesso em: 20 jul. 2021.

MIKAELA S. Eu era um Zé Ninguém – Humor Pirata. *Pinterest*. Stefani Mikaela. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/740419994978370848/> Acesso em 19 de jul de 2021.

OLIVEIRA, G. M. Brasileiro fala português: monolinguismo e preconceito linguístico. In: SILVA, F. L. da; MOURA, H. M. de H. (orgs). *Direito à fala: A questão do preconceito linguístico*. Florianópolis: Insular, 2000, p. 83-92.

PAIVA, M. F. et al. O uso de estrangeirismo em nomes de estabelecimentos comerciais na cidade de Arapongas (PR). *Signum*, Londrina, v. 5, n. 1, p. 227-237, 2002. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3672/2963> Acesso em 23 de jul. de 2021.

PACHECO, N. *Salvem-nos o inglês!* Ciberdúvida da Língua Portuguesa. 8 de jul de 2016. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/salvem-nos-o-ingles/3378> Acesso em: 20 de fev. 2022.

POSSENTI, S. *A Questão dos Estrangeirismos*. In: FARACO, C. A. (org.) *Estrangeirismos: guerra em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2004, p.161-174. RAJAGOPALAN, K. Línguas nacionais como bandeiras patrióticas, ou a linguística que nos deixou na mão. In: RAJAGOPALAN, K; (orgs.) *A linguística que nos faz falhar: investigação crítica*. São Paulo: Parábola Editoria, 2004, p.11-38.

RAJAGOPALAN, K. A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil: por uma política prudente e propositiva. In: LACOSTE, Y.; RAJAGOPALAN, K (orgs.). *A Geopolítica do Inglês*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 135-159.

RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RIO GRANDE DO SUL. *Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul*. Projeto de Lei Raul Carrion 156/2009. Institui a obrigatoriedade da tradução de expressões ou palavras estrangeiras para a língua portuguesa, sempre que houver em nosso idioma palavra ou expressão equivalente, no âmbito do Estado do Rio Grande do Sul e dá outras providências. Porto Alegre, 5 de agosto de 2009. Disponível em: <http://proweb.procergs.com.br/Diario/DA20090817-01-100000/EX20090817-01-100000-PL-156-2009.pdf> Acesso em 21 de jul. de 2021.

SANTOS, O. N. X-Burger em Outdoor: Uma questão de fronteiras. *Tradução & Comunicação Revista Brasileira de Tradutores*, São Paulo, v. 17, n. 17, 2008. p. 49-58.

SCHMITZ, J. B. *Língua portuguesa e estrangeirismos*. Blog da Parábola Editorial. 01 Maio de 2017. Disponível em: <https://www.parabolablog.com.br/index.php/blogs/lingua-portuguesa-e-estrangeirismos> Acesso em: 20 de fev. 2022.

SCHMITZ, J. R. O projeto de lei no 1676/99 na imprensa de São Paulo. In: FARACO, C.(org.) *Estrangeirismos: guerra em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2004. p. 83-104.

SERRA, T. da. *Até Que Ponto Devemos Condenar O Uso De Estrangeirismo Na Língua?* Blog Descomplica. 24 de fevereiro de 2015. Publicado em 28 de mar, 2016 Disponível em: <https://descomplica.com.br/blog/materiais-de-estudo/portugues/ate-que-ponto-devemos-condenar-o-uso-de-estrangeirismo-na-lingua/> Acesso em: 20 de fev. 2022.

SILVA, Carolina de Ribamar e. *Empréstimos lingüísticos e estrangeirismo: a legitimação de teorias lingüísticas através de leigos*. 135 f. Dissertação (mestrado pelo departamento de Ciências e Letras de Araraquara) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/93965> Acesso em 20 de jul. 2021.

SILVA, A. K. R. da; VIEIRA, M. S. Crenças e atitudes linguísticas acerca de anglicismos no português brasileiro. *Anais*, i sielli, xix encontro de letras, língua literatura e ensino em tempos de ressignificação. 09 a 13 de nov. de 2020.

SILVA, S. P. Estilo e estilística em Bakhtin e Volóchinov: perspectivas em diálogo. *Linha D'Água* (Online), São Paulo, v. 33, n. 3, p. 79-103,. 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v33i3.p79-103>.

SOARES, L. A. O uso da língua inglesa em nomes de estabelecimentos comerciais como forma de persuasão e estratificação social. *Revista The Specialist*, São Paulo, v. 40, n.2, p. irreg., 2019.. DOI: <https://doi.org/10.23925/2318-7115.2019v40i2a9>.

SWEET STUFF. *Os estrangeirismos já chateiam pá*. 2016. Disponível em: <https://sweetstuff.blogs.sapo.pt/os-estrangeirismos-ja-chateiam-pa-215991> Acesso em: 20 de fev. 2022.

TESSMANN, K. R. Purismo na linguagem jurídica trabalhista: a proposta do ministro Marco Aurélio Mello. *Trabalho de Conclusão de Curso*, Curso de Pós-graduação Lato Sensu na área de Língua Portuguesa, Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/CPD), Brasília –DF 2007.

TRUDGILL, P. *Dialects in contact*. Oxford: Blackwell, 1986.

VIEIRA, J. R.; MOURA, H. M. de M. Língua estrangeira: direito ou privilégio? In: SILVA, F.; MOURA, H. M. de M. Moura (orgs.): *O direito à fala: A questão do preconceito linguístico*. Florianópolis: Insular, 2000. p.113-127.

XATARA, C. M. Estrangeirismos sem fronteiras. *ALFA, São Paulo*, v. 45, n. esp, p. 149-154, 2001.



Actitudes e ideologías lingüísticas en la Lengua de Signos Española: creencias de las personas sordas ante la variación en su lengua

Linguistic attitudes and ideologies in Spanish Sign Language: beliefs of deaf people in the face of variation in their language

Inmaculada C. Báez Montero

Universidade de Vigo (UVigo), Vigo, España

cbaez@uvigo.es

<https://orcid.org/0000-0001-8043-1211>

María C. Bao Fente

Universidade da Coruña (UDC), A Coruña, España

maria.bao@udc.es

<https://orcid.org/0000-0002-8626-4714>

Resumen: El objetivo de este estudio es conocer las actitudes e ideologías lingüísticas de las personas sordas signantes de lengua de signos española (LSE) ante la variación en su lengua. Para conseguirlo se han analizado cualitativamente, a partir de un diseño mixto, las respuestas a dos cuestionarios; uno sociolingüístico y otro diacrónico, de 54 informantes de diferentes edades y zonas geográficas del estado español, extraídas de un corpus de referencia de la LSE. Las respuestas, emitidas en LSE y por lo tanto grabadas en video, se presentan sintetizadas en tres temas: ¿cuál es la variedad de lengua que consideran más correcta?, ¿cómo valoran la influencia de la lengua oral de contacto? y ¿qué percepción tienen de los cambios lingüísticos y la variación? El estudio realizado sobre las actitudes de estas personas sordas hacia la variación en LSE confirma que nos encontramos ante una lengua que, a pesar de tener unas especiales características sociolingüísticas (no oral, asociada a la discapacidad y ágrafa), no abandona los tópicos de actitudes lingüísticas de las lenguas oficiales minoritarias y minorizadas.

Palabras clave: Variación; actitudes; corpus; Lengua de Signos Española; normalización.

Abstract: The objective of this study is to know deaf signers linguistic attitudes and ideologies in Spanish Sign Language (LSE) towards variation in their language. To achieve this, the responses to two questionnaires, one sociolinguistic and the other diachronic, of 54 informants of different ages and geographical areas of Spain, extracted

from a reference corpus of LSE, have been qualitatively analysed using a mixed design. The answers (given in LSE and therefore recorded on video) are presented in three topics: which variety of language is considered the most correct? How do they assess the influence of the oral contact language? And what perception do they have towards linguistic changes and variation? The study carried out on the attitudes of these deaf people towards variation in LSE confirms that we are dealing with a language which, despite having some special sociolinguistic characteristics (non-oral, associated with disability and unwritten), behave accordingly to the topics of linguistic attitudes of minority and minority official languages.

Keywords: Variation; attitudes; corpus; Spanish Sign Language, language planning.

Recebido em: 01 de outubro de 2022.

Aceito em: 27 de maio de 2023.

1 Introducción

Unas décadas atrás, el estudio de las actitudes lingüísticas era un tema poco considerado en la investigación lingüística, sin embargo, actualmente, ocupa uno de los sitios de mayor atracción en relación con las particularidades y prácticas de las lenguas, las normas que las rigen y la consideración de sus variantes en cualquier sociedad (ROJAS, 2014, p. 4).

Tal y como caracteriza Moreno Fernández (1998, p. 179), la actitud lingüística es una manifestación de la conducta social de los individuos, distinguida por centrarse específicamente tanto en la lengua (al hablar de lengua incluimos cualquier tipo de variedad lingüística) como en el uso que de ella se hace en sociedad. En una sociedad mayoritariamente oyente, el colectivo de personas sordas y signantes es siempre una minoría y, como tal, se ven obligados a conocer las lenguas orales presentes tanto en su entorno social como familiar. De acuerdo con López-Morales (2004, p. 287), conocer la repercusión directa o indirecta que siempre tienen las actitudes lingüísticas en la percepción social tanto de las lenguas como de las comunidades de habla también puede contribuir a esclarecer en la comunidad sorda, en no pocos casos, cómo del rechazo a determinados fenómenos lingüísticos puede producirse una valoración negativa de sus hablantes, y quizás hasta la discriminación social. No obstante, aunque

en acciones normalizadoras permiten avanzar en la base científica para comprender la naturaleza de la barrera lingüística que separa a los sordos del resto de la población (oyente) y son de vital importancia, la bibliografía sobre las actitudes lingüísticas en lenguas visogestuales es muy escasa (BAO; BÁEZ; VEIGA, 2020; BURNS; MATTHEWS; NOLAN-CONROY, 2001; HILL, 2013; KRAUSNEKER, 2015). Además, como señala Krausneker (2015, p. 427) al analizar las actitudes de los oyentes hacia las lenguas de signos no podemos predecir con certeza las acciones que surgirán de estas actitudes:

[...] la incertidumbre y la duda sobre las lenguas de signos y su estatus, calidad y valor. Esto último podría ser el caso de muchas lenguas minoritarias, pero, hasta donde yo sé, la duda general sobre si son realmente lenguas solo ha surgido con respecto a las lenguas de signos. Son tan diferentes en su forma que desafían los preconceptos humanos sobre el lenguaje. (KRAUSNEKER, 2015, p. 427)¹

En general, Hill (2013, p. 681) establece tres áreas de interés que tradicionalmente han caracterizado los estudios de actitudes sobre las lenguas de signos: en primer lugar, aquellos orientados a analizar cuáles son los factores sociales y las políticas educativas que originan determinadas creencias; en segundo lugar, los que estudian las actitudes de los hablantes hacia las situaciones de contacto entre las lenguas orales y signadas; y en tercer lugar los trabajos que se centran en la influencia de las actitudes lingüísticas en la identidad social de las personas sordas. Actualmente también están desarrollándose estudios sobre la importancia que también adquieren las ideologías lingüísticas en la necesaria documentación y revitalización de las lenguas de signos (KUSTERS et al., 2020; LO BIANCO, 2020; SNOODON; DE MEULDER, 2020).

Baker (1992, p. 29) señala ocho áreas relevantes en el estudio de las actitudes lingüísticas que son: a) la actitud ante la variación del idioma, el dialecto y el estilo del habla, b) la actitud para aprender

¹ [...] uncertainty and doubt remain about sign languages and their status, quality, and value. The latter might be the case with many minority languages, but general doubt that they are indeed languages is something that has come about only with respect to signed languages, as far as I know. They are so different in shape that they challenge human preconceptions of language.

un nuevo idioma, c) hacia una lengua minoritaria específica, d) hacia grupos lingüísticos, comunidades y minorías, e) hacia las lecciones de idiomas, f) hacia los usos de un idioma específico, g) de los padres hacia el aprendizaje de idiomas, y h) hacia la preferencia de idioma. Estudiar cualquiera de las ocho áreas en las actitudes de los signantes de lengua de signos española (LSE) supone una aportación a la posibilidad del perfeccionamiento de políticas lingüísticas educativas, permite observar las características más destacables de sus actitudes hacia sus lenguas y elaborar materiales educativos necesarios que permitan formar a profesionales debidamente cualificados para la enseñanza e interpretación de las lenguas de signos españolas. En resumen, estudiar las actitudes lingüísticas es imprescindible para avanzar en la descripción y el análisis de la LSE desde una perspectiva actual.

Por otra parte, el corpus en el que se basa este trabajo se enmarca en el ámbito de los estudios orientados a fomentar la convivencia entre lenguas y culturas teniendo en cuenta contextos multiculturales y plurilingües. El corpus CORALSE² nos permite estudiar aspectos estructurales, semánticos, discursivos, pragmáticos, antropológicos y sociolingüísticos de las lenguas de signos y de esta forma garantizar la descripción y el análisis de la LSE de manera exhaustiva facilitando, lógicamente, las acciones normalizadoras que sirven para conformar una visión global de la lengua y de su comunidad de hablantes.

El valor de los *corpora* de lengua de signos precedentes³, proyectos similares de elaboración de corpus de otras lenguas de signos europeas como Reino Unido, Francia, Italia, Irlanda, Alemania, y de otros continentes como los de América o Australia, etc., es innegable porque nos facilita el proceso de avanzar con mayor seguridad y eficiencia en la constitución de un corpus de LSE.

El análisis de los datos sociolingüísticos extraídos de las respuestas de los signantes sordos a los cuestionarios del citado corpus nos permite conocer las actitudes que muestran nuestros informantes

² Puede consultarse en: <https://www.coralse.org/>

³ Ejemplos de otros corpus en lenguas de signos son AUSLAN (Australian Sign Language, disponible en: <http://www.auslan.org.au>), NGT (Netherlands Sign Language: <https://www.ru.nl/corpusngtuk/>), BSL (British Sign Language: <https://bslcorpusproject.org/>), DGS (German Sign Language: <http://www.sign-lang.uni-hamburg.de/dgs-korpus/>), LSE-sign (Base de datos de LSE: <http://lse-sign.bcbl.eu/web-busqueda/>).

sordos hacia la variación generacional y el contacto con el español, dos cuestiones fundamentales en la normalización de la LSE. Tal y como ocurre con los hablantes de otras lenguas, las actitudes de los signantes pueden contribuir poderosamente a la difusión de los cambios lingüísticos, a la definición de las comunidades de habla, a la consolidación de los patrones de uso y de evaluación social y, en general, a una amplia serie de fenómenos estrechamente relacionados con la variación lingüística en la sociedad (BLAS ARROYO, 2005, p. 143).

En este estudio, orientado a la normalización de la LSE hemos analizado la opinión de los signantes de la LSE, sus creencias y sus actitudes hacia la variación y corrección en su lengua con vistas a planear la política lingüística y rentabilizar la participación de la comunidad sorda y concretamente de los usuarios de LSE como agentes sociales e interculturales.

2 Normalización y actitudes lingüísticas hacia la LSE

La sociedad española, como comunidad multilingüe que es cuenta, junto al español, con cinco grandes lenguas cooficiales; tres de ellas orales (catalán, gallego y euskera) y dos visogestuales (la Lengua de Signos Española y la Lengua de Signos Catalana). La normalización de las lenguas de signos españolas debería ser uno de los retos de la sociedad española y de la comunidad sorda pero también de los investigadores de las lenguas, sean estas orales o visogestuales.

Nuestro estudio se centra en analizar las creencias y actitudes que manifiestan las personas sordas hacia la variación que existe en las lenguas de signos españolas puesto que la presión que ejercen sobre ellas las lenguas orales, oficiales o mayoritarias, han propiciado durante las últimas décadas el desarrollo de acciones y medidas promovidas desde la propia comunidad sorda para lograr su estandarización.

Marrero Aguiar (2012), al analizar el proceso de normalización de la LSE, diferencia tres fases en el proceso que nos dan una clara idea de la situación en la que se encuentra la LSE: selección de variantes, implantación y codificación. En cuanto a la selección de variantes, de acuerdo con Parkhurst y Parkhurst (2006, p. 23)⁴ consideran que Madrid es la localización central para la variante mayoritaria de lenguas signadas,

⁴ Entrevistaron a 312 sujetos en 18 ciudades de toda la geografía española, y les pidieron que signaran 217 palabras de todas las categorías gramaticales.

que incluye Galicia, Asturias, Cantabria, Canarias, Castilla, Andalucía, e incluso el País Vasco, aunque sus diferencias son algo mayores que las del resto. Con respecto al uso de la lengua de signos usada en Cataluña (LSC) señalan que, probablemente, es una lengua diferente de la LSE desde un punto de vista léxico aunque su nivel de inteligibilidad respecto al resto es más alto de lo que correspondería a dos lenguas diferentes.

Una diferencia en las actitudes lingüísticas, concretamente el hecho de que los signantes consideren que su lengua es diferente de la LSE (MORALES et al. 2002)⁵; fue un factor relevante para el estatus de la LSC como sistema lingüístico separado y así se reflejó en la Ley 27/2007 por la que se reconocen las lenguas de signos españolas y se regulan los medios de apoyo a la comunicación oral de las personas sordas, con discapacidad auditiva y sordociegas que reconoce las dos lenguas de signos del estado español.

Por el momento, el proceso de codificación de las lenguas visogestuales en el estado español radica en los investigadores de las 29 universidades españolas pertenecientes a la Red Interuniversitaria para la Investigación y Docencia de las Lenguas de Signos (RIID-LLSS), reconocida por el Ministerio de Educación y Ciencia (RODRÍGUEZ ORTIZ; ORERO, 2012). El éxito de la red se ve cercenado por la negativa de las universidades españolas a incluir la LSE entre los estudios lingüísticos de las Facultades de Letras a pesar de los numerosos intentos desde distintos grupos de investigación (BÁEZ; FERNÁNDEZ, 2015).

Tal y como indica Lo Bianco (2020, p. 88) cuando analiza la influencia que tienen las ideologías sobre las lenguas de signos en la determinación de la política lingüística necesaria para su revitalización, en España también se requiere un trabajo extenso y colaborativo a nivel ideológico, sociocultural y lingüístico:

La actividad ideológica para la revitalización lingüística implica enfrentarse directamente a las caracterizaciones negativas heredadas de una lengua concreta y desactivarlas. La labor sociocultural implica generar ámbitos, identidades y procesos sociales en los que las lenguas debilitadas y en peligro puedan utilizarse con confianza o incluso de forma exclusiva, o en alguna relación ventajosa con la lengua amenazada/sustituída.

⁵ Morales et al. (2002) analizaron las actitudes hacia el español, catalán y LSC de 34 sujetos signantes de Barcelona (Cataluña).

El trabajo lingüístico para la revitalización de las lenguas implica una actividad profesional técnica, académica y práctica de investigación y comprensión, como la ampliación de corpus lingüísticos, la integración de nuevos usuarios de la lengua en las comunidades de usuarios existentes, la estabilización y descripción de la lengua y la producción de materiales científicos y pedagógicos (LO BIANCO, 2020, p. 88).⁶

Desde su puesta en marcha en 2011, la política lingüística orientada a la implantación de la LSE la marca el Centro de Normalización Lingüística de la Lengua de Signos Española (CNLSE), un centro asesor y de referencia en lengua de signos española de carácter estatal integrado en el Real Patronato sobre Discapacidad. Tal y como señalan en su página web⁷, el CNLSE tiene como misión principal trabajar por la normalización de la lengua de signos española, actuando como centro de referencia que vela por su buen uso y contribuye a garantizar los derechos lingüísticos de las personas signantes y “aunque este centro se inserta en los esquemas de tratamiento de la discapacidad, sus funciones son de carácter lingüístico” (ESTEBAN; RAMALLO 2019, p. 38). Su actividad de planificación lingüística radica en el fomento, la difusión y buen uso de la LSE. Entre los objetivos esenciales sobresale la estandarización de esas variedades minoritarias.

Para determinar si las variedades son o no lenguas debemos contar también con estudios sobre las creencias, opiniones, valores, etc. de una comunidad de habla ante determinada variedad lingüística pero en el caso de las lenguas visogestuales en convivencia constante con las

⁶ Realistic prospects of reversing the language shift that is provoked by dominant community ignorance, or forces of historical events, especially imposed cultural homogenisation by national states into prescriptive cultural forms, require extended and collaborative work of three broad kinds: ideological, socio-cultural, and linguistic. Ideological activity for language revitalisation involves directly confronting and disabling inherited negative characterisations of a particular language. Socio-cultural work involves generating domains, identities and social processes in which weakened and endangered languages can be used either confidently or even exclusively, or in some advantageous relationship with the threatening/replacing language. Linguistic work for language revitalisation involves technical scholarly and practical professional activity of research and understanding, such as linguistic corpus expansion, integration of new users of the language into exist communities of users, stabilisation and description of the language and production of scientific and pedagogical materials.

⁷ Disponible en: <https://cnlse.es/es>

lenguas orales debemos tener en cuenta las actitudes de la comunidad sorda (signantes y no signantes) hacia su lengua, y los diferentes dialectos o lenguas de signos en España y hacia la lengua oral y la actitud de los oyentes hacia las lenguas de signos del estado.

Según Hill (2013, p. 691), las actitudes hacia la sordera, las habilidades lingüísticas y las variedades de contacto se relacionan mutuamente e influyen en la percepción de la identidad social de las personas sordas. En LSE, normalmente suele identificarse como hablantes nativos o cuasi-nativos a los usuarios que utilizan esta lengua habitualmente, a pesar de que tuvieran un acceso tardío a la misma (BÁEZ MONTERO, 2015). No obstante, la realidad sociolingüística del colectivo de personas sordas es tan compleja que no resulta sencillo establecer generalizaciones ni siquiera en función de las particularidades de cada comunidad de signantes. Los estudios realizados indican así que las actitudes lingüísticas de las personas sordas varían incluso entre los hablantes nativos, hijos también de sordos y signantes, así como entre los que también poseen una mayor competencia en la lengua de signos porque la han adquirido a edades tempranas, normalmente en los antiguos colegios específicos de sordos. Así, a priori, los sentimientos, creencias y conductas que forman las actitudes lingüísticas hacia las lenguas de signos tampoco se corresponden entre sí, de ahí la importancia de analizarlas a través de diferentes métodos y técnicas (BAO; BÁEZ; VÁZQUEZ, 2020)

Tal y como ocurre en la investigación de otras lenguas de signos, por ejemplo, en los estudios sobre Libras en Brasil (QUADROS; SOUSA, 2021, p. 820)⁸, a pesar del avance alcanzado hasta ahora seguimos arrastrando carencias importantes en cuanto a los estudios lingüísticos de normalización lingüística bien fundamentados para garantizar la descripción y el análisis básico de la lengua.

El estudio de la variación geográfica, de registro y generacional a través de las muestras de habla que forman el corpus que presentamos nos permite conocer las actitudes lingüísticas hacia la variación de las lenguas de signos y las situaciones de contacto con las lenguas orales que predominan en la comunidad sorda española centradas en tres núcleos:

⁸ En este trabajo los autores señalan como la elaboración y disponibilidad de corpus de lengua de signos, además de contribuir, entre otros fines, a proporcionar una mayor base empírica para su estudio lingüístico, aporta datos comparables para permitir la identificación de la variación de Libras puesto que sigue un enfoque metodológico consistente en todo el país (QUADROS; SOUSA, 2021, p. 822).

- 1) cuál es la variedad de lengua visogestual que consideran más correcta,
- 2) cómo valoran la influencia de la lengua oral de contacto y
- 3) qué percepción tienen de los cambios lingüísticos y la variación en la LSE.

Identificar el grado de lealtad de los signantes hacia su propia variedad lingüística y descubrir tendencias predominantes en cuanto a la percepción que tiene el signante con respecto al resto de las variedades diatópicas, nos permitirá identificar la norma y el concepto de norma interna de los hablantes e identificar la actitud de los signantes de cada comunidad hacia la idea de una unificación de norma lingüística y, consecuentemente, cuál o cuáles serían las variedades que podrían perfilarse como norma estándar.

3 Procedimiento

3.1 Los informantes

En aras de una mejor aclaración de las características de la muestra es conveniente tener en cuenta dos características que configuran aspectos diferenciales de las lenguas visogestuales y suponen un reto lingüístico de primer orden de los estudios lingüísticos; Por un lado los requisitos de la investigación en una lengua de modalidad visogestual, ágrafa, minoritaria y minorizada que exige innovar y diseñar pruebas especiales y por otro las dificultades para la obtención de informantes de LSE como primera o segunda lengua porque los hablantes de LSE presentan un alto porcentaje de ruptura generacional, la transmisión de la lengua no es de padres a hijos, son unas veces sordos de nacimiento, hipoacúsicos o implantados que desarrollan la LSE en la segunda infancia o adolescencia.

La modalidad visual y gestual de las lenguas de signos requiere igualmente disponer de unos elementos técnicos e informáticos muy específicos como grabar imagen en estudio de grabación para mantener condiciones homogéneas y calidad de imagen, protección de imagen y de datos, etc. (BÁEZ; FERNÁNDEZ, 2010; BÁEZ; FERNÁNDEZ; FREIJEIRO 2016).

En este artículo, nos centramos principalmente en las categorías de actitudes e ideologías de las personas sordas con su propia lengua, porque, evidentemente,

[e]s extremadamente difícil separar ambas, ya que las actitudes hacia un idioma están a menudo íntimamente conectadas con las de sus usuarios. Desarrollamos opiniones sobre las lenguas que reflejan nuestros puntos de vista sobre quienes las usan y los contextos y funciones con los que están asociados. (BURNS, MATTHEWS Y NOLAN-CONROY, 2001, p. 182)⁹

Para recoger las muestras de habla directas grabamos en nuestro estudio a los participantes en parejas pertenecientes, siempre que sea posible, a la misma franja de edad y de diferente sexo. No obstante, de acuerdo con Schembri et al. (2013, p.143), hemos tenido en cuenta las limitaciones que puede suponer esta libertad de elección e intentamos evitar la formación de parejas que mantengan una estrecha relación, particularmente aquellas con una relación sentimental.

Precisar el tamaño ideal de la muestra o el límite de representatividad resulta imposible por la complejidad del propio grupo humano que constituye la comunidad lingüística de signantes como analizamos en Báez et al. (2020). Los criterios que establecimos para la selección de los informantes de CORALSE tienen en consideración las tres variables que tradicionalmente han resultado significativas para obtener una muestra representativa de la comunidad sorda en España: tipo de sordera, edad y origen. A priori, determinamos que todos los participantes deben ser sordos prelocutivos, es decir, con una sordera congénita o adquirida en los primeros años de vida, que utilicen la LSE a diario, ser mayores de edad y residir habitualmente en el lugar de grabación. Además, para equilibrar la muestra, hemos tenido en cuenta el sexo y también el tipo de escolarización puesto que está directamente relacionado con las tres franjas de edad que establecimos: entre 18 y 35 años, hasta 65 años, y mayores de 65 años.

⁹ It is extremely difficult to separate the two since attitudes toward a language are often intimately connected with those toward its users. We develop opinions about languages that reflect our views about those who use them and the contexts and functions with which they are associated.

De acuerdo a estos criterios de inclusión, las muestras lingüísticas que presentamos han sido seleccionadas a conveniencia, tal y como suele ser habitual en este tipo de estudios (FREITAG, 2018). Como puede observarse en la tabla 1, siguiendo las directrices generales de los estudios sociolingüísticos de las lenguas orales¹⁰, hemos obtenido datos de 54 informantes hombres (50%) y mujeres (50%) que usan diariamente la LSE.

TABLA 1– Datos de informantes por sexo y lugar de grabación

LUGAR DE GRABACIÓN	Galicia		Euskadi		Comunidad de Madrid		Andalucía		Islas Canarias		Totales sexo	
Hombres	9	16,7%	1	1,9%	4	7,4%	10	18,5%	3	5,6%	27	50%
Mujeres	7	13%	3	5,6%	4	7,4%	10	18,5%	3	5,6%	27	50%
Total lugar de grabación	16	29,6%	4	7,4%	8	14,8%	20	37%	6	11,1%	54	100%

Fuente: elaboración propia

En la tabla 2 que incorporamos puede observarse que, en total, se han extraído y revisado más de 600 vídeos recogidos en las pruebas realizadas en cinco comunidades autónomas, casi 35 horas de grabación y más de 400 audios registrados:

TABLA 2– Datos totales sobre las muestras del corpus CORALSE en 2020

LUGAR DE GRABACIÓN	Galicia	Euskadi	Comunidad de Madrid	Andalucía	Islas Canarias
Sesiones	8	2	4	10	3
Pruebas	72	18	36	86	27

¹⁰ Nos acercamos al 50% de la propuesta de Sankoff (1978) quien estima como suficiente y significativa la inclusión de datos de 150 hablantes, incluso para comunidades muy complejas y sobrepasamos con creces la representada por Labov (1983), quien establece en el 0.0025%, o lo que es lo mismo, 25 hablantes de cada 100.000.

Informantes		16	4	8	20	6
Videos	Horas de grabación	8:00:36	2:05:26	3:08:32	14:29:11	2:05:26
	Interpretados (español oral)	175	49	100	282	76
	Transcripción (español escrito)	16	4	8	20	6

Fuente: elaboración propia

Hemos obtenido muestras espontáneas y elicítadas de la LSE por parte de signantes nativos y usuarios cuasi- nativos¹¹ procedentes de Galicia (29,6%), Euskadi (7,4%), Comunidad de Madrid (14,8%), Andalucía (37%) y las Islas Canarias (11,1%). Las cinco zonas no incluidas en el ámbito de la Lengua de signos catalana.

El segundo aspecto que condiciona el proceso de selección de los informantes es la transmisión generacional de la LSE. El 95% de los usuarios de las lenguas de signos españolas representan lo que llamamos ruptura generacional, es decir, no son signantes nativos porque la LSE no es la lengua materna ni la lengua que les enseñan en primer lugar (COSTELLO et al., 2012), pero en la mayor parte de los casos es la primera lengua en la adolescencia. La Tabla 3 muestra que los datos que hemos obtenido hasta ahora indican que el 71,7% de nuestros informantes no han adquirido la LSE como lengua materna, sino que la mayoría la han aprendido durante la infancia, en el colegio (43,4%), o incluso en la adolescencia, en el instituto (15,1%):

¹¹ Podemos diferenciar tres grupos básicos: sordos hablantes, signantes y semilingües pero no están en compartimentos estancos. La mayoría de los sordos signantes fueron antes semilingües, algunos se hicieron bilingües, otros se hicieron hablantes. No todos los sordos semilingües o hablantes se transforman en signantes, ni todos los sordos signantes que antes fueron hablantes llegan a ser bilingües. En este trabajo llamamos nativos a los sordos hijos de sordos signantes y a los sordos hijos de oyentes que se convierten en signantes los consideramos cuasi nativos. No obstante, cabe destacar la posible ideología que también subyace en esta distinción puesto que “[e]n todo el mundo, muchas personas sordas se comunican en algo diferente a lo que se ha considerado como un lenguaje de señas convencional, completo o estándar” (KUSTERS et al., 2020, p.13-14)

TABLA 3 – Datos de informantes según la lengua materna y edad de adquisición de la LSE

LSE, LENGUA MATERNA			EDAD DE ADQUISICIÓN DE LA LSE							
			Nacimiento		Infancia/ colegio		Adolescencia/ instituto		Edad adulta	
No	38	71,7%	1	1,9%	23	43,4%	8	15,1%	6	11,3%
Sí	15	28,3%	8	15,1%	4	7,5%	2	3,8%	1	1,9%
Total	53	100%	9	17%	27	50,9%	10	18,9%	7	13,2%

Fuente: elaboración propia

No obstante, en la Tabla 4 puede verse cómo la edad de adquisición de la LSE no suele condicionar la elección de la pareja. Así, el 72,2% de los participantes que han indicado tener pareja ha elegido también a una persona sorda:

TABLA 4 – Datos de informantes según la lengua materna y el tipo de pareja

LSE, LENGUA MATERNA			TIPO DE PAREJA			
			Sorda		Oyente	
No	30	83,3%	21	58,3%	9	25%
Sí	6	16,7%	5	13,9%	1	2,8%
Total	36	100%	26	72,2%	10	27,8%

Fuente: elaboración propia

La preferencia de una pareja sorda está condicionada normalmente por la lengua habitual de uso, la LSE, uno de los requisitos que consideramos fundamental en el proceso de selección a los informantes para lograr que la muestra fuera representativa. De acuerdo con Báez Montero (2015, p. 7), aunque la primera lengua que les enseñan a las personas sordas es la lengua oral de su comunidad, “la de mayor prestigio en la sociedad (el español en el caso de los sordos gallegos)”, casi nunca llega a convertirse en la lengua dominante porque, generalmente, pasa a un segundo plano a partir del contacto con la lengua de signos. Este atípico proceso de adquisición origina una gran variedad en el dominio de la LSE, en cuanto a competencia y uso de los

signantes, que es necesario considerar tanto el diseño del corpus como en el tratamiento de los datos.

Además de considerar variables fundamentales en este tipo de estudios como la procedencia, la lengua materna o la lengua de uso habitual, también hemos clasificado a los informantes según el sexo, edad y otras variables socioeconómicas como el tipo de escolarización.

Las tres franjas de edad: entre 18 y 35 años, hasta 65 años, y mayores de 65 años están directamente relacionadas con el tipo de escolarización puesto que, como hemos explicado anteriormente, la mayoría de los signantes han aprendido la LSE durante la infancia o en la adolescencia, normalmente a partir del contacto con otros sordos en el colegio o en el instituto. Tal y como mostramos en la Tabla 5, la muestra también está bastante equilibrada en lo que respecta a la variable edad: el 50% de los participantes son menores de 35 años y mayores de 65, y el 50% tienen una edad comprendida entre los 35 y 65 años.

TABLA 5 – Datos de informantes según la variable edad y el tipo de escolarización

EDAD			ESCOLARIZACIÓN							
			Colegio específico		Colegio de integración		Ambos		Sin escolarizar	
18<35	20	37%	6	11,1%	9	16,7%	5	9,3%		
35<65	27	50%	9	16,7%	7	13,0%	11	20,4%		
>65	7	13%	5	9,3%			1	1,9%	1	1,9%
Total	54	100%	20	37,1%	16	29,6%	17	31,5%	1	1,9%

Fuente: elaboración propia

Excepto en el caso de los informantes mayores de 65 años, los datos recogidos provienen mayoritariamente de informantes que han estudiado en colegios de sordos (68,6%). Si tenemos en cuenta que la integración del alumnado con discapacidad en colegios ordinarios no empezó a implantarse progresivamente hasta la aprobación de la Ley Orgánica 1/1990, de 3 de octubre, de Ordenación General del Sistema

Educativo, es normal que los participantes más jóvenes todavía fueran escolarizados en centros específicos durante toda su escolaridad (37,1%) o en alguna etapa educativa (31,5%)¹².

Tanto la escolarización en centros específicos, los extintos colegios de sordos, como el sexo han dado lugar a variaciones en la LSE, sobre todo léxicas. Así, a diferencia de la población sorda adulta, los jóvenes sordos están integrados en centros ordinarios, llegando en muchos casos a ser bilingües (lengua oral como lengua familiar y LSE lengua de instrucción) al recibir apoyo por parte de especialistas e intérpretes de LSE y una mejor alfabetización. La variable del sexo también se relaciona con los centros específicos ya que en esa época era común que los niños y las niñas de un colegio estuvieran separados y, en consecuencia, existen datos de variación léxica que han sido registrados a partir de esta situación (CHAPA, 2000).

3.2 Los cuestionarios

Las nueve pruebas que componen en total cada muestra por informante se distribuyen en un tiempo aproximado de hora y media. La realización de nuestras pruebas está precedida por una profunda reflexión acerca de su tipología y justificación, de la extensión, de la adaptación de los medios y de los distintos estímulos para elicitación de la información (véase BÁEZ; FERNÁNDEZ; FREIJEIRO, 2016; NISHIO et al., 2010;). En el cuadro de la Figura 1 resumimos las características y objetivos de las pruebas que forman el corpus:

¹² Sobre la incidencia del tipo de escolarización en el desarrollo educativo de los niños sordos el debate es continuo. Importantes avances en la deliberación son los que exponen Marchesi (1991) y Domínguez (2009) entre otros.

FIGURA 1– Características y objetivos de las pruebas del corpus base de este estudio

		Estímulo	Objetivo/ función	Tiempo aprox.
Presentación		-	1ª toma de contacto	5 min
Cuestionario		Preguntas en LSE	Sociolingüística. Testimonios comunidad sorda	15 min
Descripción – narración	Hecho histórico	1 imagen/ informante	Narración en pasado	5 min
	Mapa	1 imagen/ informante.	Secuenciación	5 min
	Historia ilustrada	1 imagen/ informante.	Descripción, secuenciación	5 min
	Tom y Jerry	1 video/ informante.	Síntesis	5 min
Conversación libre		-	Espontaneidad	15 min
Naming		130 imágenes (algunas con español escrito)	Léxico, variación sociolectal, diacrónica, fonética	10 min
Diacronía		Pregunta en LSE	Variación diacrónica. Testimonios comunidad sorda	10 min

Fuente: Báez, Fernández y Freijeiro (2016)

Las dos pruebas, cuestionario y diacronía, son de respuesta abierta para poder recoger más fielmente las creencias y opiniones sobre la variación regional y generacional de la LSE y en consecuencia sobre las actitudes lingüísticas hacia la LSE y la LSC como tales, y así llegar al verdadero trasfondo ideológico de las actitudes de los sordos hacia su lengua.

Algunos de estos estudios sacaron a la luz información que sorprendió a los investigadores. Por ejemplo, un estudio sobre el impacto de la integración en las actitudes hacia los sordos concluyó que tanto los oyentes como los sordos tenían una mentalidad predominantemente negativa (ISAACS 1973, apud KRAUSNEKER, 2015, p. 416)¹³

¹³ Some of these studies brought to light information that surprised the researchers. For example, a study on the impact of mainstreaming on attitudes toward Deaf people

Las preguntas que planteamos constituyen un total de 18 preguntas, 14 de las cuales nos aproximan a la posible pervivencia o no de malentendidos, conceptos erróneos y malas interpretaciones generalizadas de las lenguas de signos a través de su cultura sorda, sus experiencias personales, emociones y opiniones sobre tópicos que suscitan discusión entre la comunidad sorda:

- 2a) ¿Qué es la LSE?
- 2b) ¿Signan igual hombres que mujeres?
- 2c) Las personas sordas con padres sordos, ¿signan igual que las de padres oyentes?
- 2d) ¿Existe una lengua de signos pura?
- 2e) ¿Dónde o quién se signa mejor?
- 2f) ¿Hay diferencias entre la LSE empleada por sordos y oyentes?
- 2g) ¿Tú usas la LSE con voz o sin voz?
- 2h) ¿En qué se diferencia un colegio para sordos de uno de integración?
- 2i) ¿Participas en muchos encuentros de personas sordas?
- 2j) ¿Conoces algún sistema para la escritura de la LSE?
- 2k) ¿De qué manera han beneficiado las nuevas tecnologías a las personas sordas?
- 2l) ¿Qué opinas del implante coclear?
- 2m) ¿Cómo ves el futuro de la comunidad sorda?
- 2n) ¿Te ha afectado ser sordo a nivel escolar laboral o social?

Las cuatro de preguntas del cuestionario que denominamos diacronía se orientan a la reflexión metalingüística desde una perspectiva cronológica y nos han servido para analizar la variación generacional el contacto con el español:

- 9a) ¿Crees que los signantes deberían usar los mismos signos en todo el país?

concluded that both the hearing and the Deaf subjects had predominantly negative mind-sets.

- 9b) ¿Qué LSE te parece más correcta, la de generaciones pasadas o la de los jóvenes?
- 9c) ¿Cómo está cambiando la LSE?
- 9d) ¿Te parece que la LSE tiene ahora más influencia de la lengua oral que cuando eras más joven?

Lógicamente, las preguntas de nuestro estudio tienen mucho en común con los cuestionarios realizados para la mayoría de los estudios sobre actitudes lingüísticas de los hablantes de lenguas orales y especialmente con los trabajos sobre el español realizados en Europa y América por Chiquito y Quesada (2014).

La mayor parte de los estudios lingüísticos sobre la LSE en particular e incluso sobre las lenguas de signos en general presentan intereses principalmente cognitivos, y raramente aspectos afectivos y se centran estrictamente en la percepción de un uso específico de la lengua, especialmente en los diferentes tipos de producción (pronunciación), analizan las actitudes sobre la variación del idioma, el dialecto y el estilo del habla. La investigación empírica a menudo combina ciertos estilos de habla con estereotipos de los hablantes.

En nuestro estudio, a partir de un diseño de método mixto¹⁴, hemos agrupado y reunido las respuestas en tres núcleos de análisis de acuerdo con los tres componentes que normalmente se estudian en este campo, como son el cognitivo que se refiere a pensamientos y creencias, el afectivo se refiere a los sentimientos hacia un objeto o tema y el pragmático o también llamado conativo contiene el plan o intención conductual para actuar sobre la actitud. La agrupación de las respuestas por los componentes que conforman las actitudes lingüísticas nos permite responder, en general, a las siguientes cuestiones:

- a) *¿Cuál es la variedad de lengua que consideran más correcta?*
(componente cognitivo): preguntas 2d, 2e y 2a

¹⁴ Tal y como exponen Driessnack, Sousa y Costa (2007) (apud PEREIRA, 2011, p. 17): “[...] los métodos mixtos se refieren a un único estudio que utiliza estrategias múltiples o mixtas para responder a las preguntas de investigación y/o comprobar hipótesis”. Nuestro estudio consiste así en una investigación exploratoria, con datos cualitativos y cuantitativos, que nos ha permitido obtener una comprensión de nuestro objeto de estudio no solo a través de nuestros conocimientos teóricos o de los datos numéricos obtenidos de los informantes sino también de sus narraciones y de sus opiniones.

- b) *¿Cómo valoran la influencia de la lengua oral de contacto?* (componente afectivo): pregunta 9b
- c) *¿Qué percepción tienen de los cambios lingüísticos y la variación?* (componente pragmático): preguntas 9a, 2c y 2m

A continuación, analizaremos los resultados más significativos que hemos obtenido en cada una de las siete preguntas base de nuestro estudio y que nos permiten conocer mejor las creencias y actitudes de los signantes hacia la variación en LSE y el contacto con el español.

4 Análisis de las actitudes hacia la LSE

4.1 ¿Cuál es la variedad de lengua que consideran más correcta?

En primer lugar, las respuestas a la cuestión de si existe una lengua de signos pura (pregunta 2d), así como las definiciones que nos proporcionaron sobre lo que implica dicha pureza, indican que tres de cada cuatro signantes aceptan la existencia de una auténtica lengua de signos: casi el 73% de los informantes sordos afirman que existe una lengua de signos pura que identifican con una menor influencia de la lengua oral.

En relación con la variable sexo, los resultados muestran que casi todos los hombres están de acuerdo con la existencia de una LSE pura (43,8%) frente a la escasa mayoría de mujeres que no opina lo mismo (29,2%). A nuestro juicio, estos datos muestran que las mujeres sordas aceptan mejor el cambio lingüístico, tal y como sugieren los resultados observados sobre este mismo tema en otros estudios realizados en las lenguas orales (LÓPEZ MORALES, 2004).

En segundo lugar, las diferencias que hemos obtenido con respecto a la cuestión sobre dónde o quién signa mejor (pregunta 2e) nos indican que de momento no hay una norma social, un estándar. Las respuestas que mostramos a continuación aluden a las diferencias individuales que existen entre los hablantes de cualquier lengua:

- 1) Entre los sordos signantes también hay diferencias, ¿de dónde vienen? De la experiencia de cada uno, la educación, etc.
- 2) En la sociedad hay diferencias, por ejemplo, los oyentes también hablan de forma diferente, hay gente que habla más despacio y

otra que habla más rápido y entre los sordos también los hay que signan más despacio o más rápido, hay diferencias.

De momento, las respuestas que hemos obtenido indican que tenemos individualidades que no nos permiten establecer modelos ni por zona, ni por transmisión generacional. Así, las respuestas obtenidas identifican, por un lado, al profesorado de LSE como un buen modelo de lengua (20,8%) puesto que, tradicionalmente, su enseñanza ha dependido de la red estatal que integran las asociaciones afiliadas a la Confederación Nacional de Personas Sordas (CNSE). Por otro lado, se relaciona la corrección en la lengua con su transmisión como lengua materna o en los antiguos colegios de sordos (12,5%). Estos datos confirman la influencia que ha tenido el tipo de escolarización en la variación de la LSE, por eso, algunos informantes también han identificado Madrid (4,2%) o Barcelona (2,1%) como lugares de referencia ya que los centros específicos de ambas ciudades continúan siendo lugares de referencia hoy en día para la escolarización en lengua de signos del alumnado con sordera (BAO FENTE, 2015, p. 47).

No obstante, la variación que existe a nivel individual (60,4%) dificulta la estandarización a pesar de que la política lingüística aplicada hasta ahora no solo ha favorecido la identificación de un estándar de lengua a nivel nacional—la lengua de signos española (LSE)—, sino también su distinción con respecto a la variedad empleada en Cataluña—la lengua de signos catalana (LSC). Por ejemplo, las siguientes respuestas de los informantes a la pregunta “¿*Qué es la LSE?* (pregunta 2a)” ponen de manifiesto la existencia de una creencia compartida sobre su estatus lingüístico y la consideración de una variedad nacional que, excepto en Cataluña, prevalece sobre las demás:

- 1) Antes en los pueblos era mímica, ahora es una LS más unida, hay una mejor comunicación, por ejemplo, antes era una LS gallega, diferente de la española.
- 2) LSE es la lengua que signamos en España, la lengua que empleamos nosotros para expresarnos con las manos.
- 3) Lengua de signos española porque en España hay dos LS reconocidas, LSE y LSC.
- 4) La LSE es una nueva forma de signar que no había antes, me gustaba más la de antes.

- 5) Lengua de signos española, un idioma igual que otras lenguas orales.
- 6) Lengua de signos española, un idioma que no es universal.

En tercer lugar, las respuestas que hemos recogido sobre qué es para ellos la LSE muestran además el sentimiento que tienen, como personas sordas, de pertenencia a una comunidad lingüística:

- 1) LSE es la lengua de signos española, la lengua que utilizan las personas sordas para comunicarse de una forma más cómoda.
- 2) Lengua de signos española, la lengua de una persona sorda.
- 3) Nuestra lengua, la que utilizamos los sordos para comunicarnos, lengua de signos española.
- 4) Lengua de signos española, la que utilizan las personas sordas para comunicarse de forma natural entre ellas o las personas oyentes con padres sordos.
- 5) Es la lengua de las personas sordas, para comprender y para expresarse, es su identidad.

El estudio de Kannapell (1989) muestra que las actitudes hacia una lengua de signos se traducen directamente en la autoimagen general positiva de sus usuarios sordos. Los 205 estudiantes oyentes que participaron en el estudio de Kannapell (1989) indicaron una fuerte relación entre las actitudes sobre el ASL y las de las personas sordas, “pero no existe relación entre sus actitudes sobre el inglés y las personas oyentes”(ibíd.,p. 204)¹⁵.

4.2 ¿Cómo valoran la influencia de la lengua oral de contacto?

En cuarto lugar, las respuestas con respecto a la variación generacional (pregunta 9b) relacionan la pureza de la lengua con una menor influencia de la lengua oral de contacto, por ejemplo, como la que producen las personas sordas mayores o en las zonas rurales:

- 1) Es diferente porque antes mucha gente no sabía leer ni escribir. Antes signaban de forma más pura, con frases propias de la

¹⁵ (...) but there is no relationship between their attitudes about English and about hearing people.

LS, pero ahora hay más gente que estudia y es más fácil que haya influencia de la lengua oral, más interferencias. A veces, sinceramente, yo también noto que me influye el castellano en la LS, que dependo de las frases. Ahora se signa como se escribe. Antiguamente cambiaba mucho más, el orden era muy diferente en LS.

- 2) Antes la lengua de signos tenía menos signos, había muchas palabras diferentes que no tenían signo y ahora es mejor porque sí que lo tienen, en LS hay muchos más signos, antes era diferente. Influyen los signos de Madrid. Yo veo que los sordos de los pueblos siguen signando como antes, la LS de siempre.
- 3) Es diferente, depende si es una persona mayor o es una persona joven, hay variedad.

Pero la mayoría de los informantes prefieren la situación actual (64,6%). En general, como puede observarse en las siguientes respuestas, los informantes manifiestan una percepción positiva de la variación que depende sobre todo de los recursos externos (intérpretes, acceso a la educación en LSE, tecnología, etc.):

- 1) La LS se extiende en la sociedad, hay más influencia, estoy contenta de que haya más oyentes que saben LS, cada vez se está más en contacto, ahora la integración es un poco mejor gracias a que más oyentes saben LS.
- 2) Antes los sordos solo contactaban entre ellos, nada más, ahora quedan fuera de las asociaciones, están integrados.
- 3) Ahora es importante la accesibilidad, antes el contacto era mucho más limitado a la comunidad, al ámbito privado, ahora hay más apertura.
- 4) Para mí es mejor ahora, sin duda, se aprende todos los días, los signos aumentan más y más.

Pese a que son individualidades, los datos que obtuvimos indican que la comunidad de signantes en España está en constante movimiento. Además de no percibirse claramente un estándar, ni registros o estilos de lengua que expliquen las diferencias observadas, la valoración favorable que hacen nuestros informantes sobre la apertura de la comunidad sorda en cuanto a accesibilidad parece asumirse con naturalidad, como un

aspecto inherente a su mayor reconocimiento social y lingüístico, tal y como ocurre en otras lenguas pese a que en este caso conlleve una mayor influencia de la lengua oral de contacto:

- 1) No se puede decir si es mejor antes que ahora, es igual, cada época tiene lo suyo, la vida se va transformando, igual que las lenguas orales que van cambiando, no puedo decir que sea mejor la LS del pasado o la del presente, para mí es igual, ahora se crean muchos signos, pero es lo mismo.
- 2) Es diferente (...) lo antiguo sigue igual, los signos nuevos que se crean sobre tecnología se crean porque se avanza, se aprenden cosas nuevas (...) no es lo mismo que antes, lo mismo que en la universidad no se enseña lo mismo, pues también se avanza, es igual.
- 3) Antes el contacto era siempre entre los sordos y los signos eran más uniformes. (...) También, por ejemplo, la tecnología, antes no la había y signábamos de manera más uniforme y ahora con la tecnología, por ejemplo, los blogs, Facebook en lengua de signos, Tuenti, los videos, las lenguas de signos de fuera se mezclan con la de Madrid, la de Barcelona.

No obstante, tal y como indicaba Hill (2013, p. 691), los datos que nos aportan nuestros informantes corroboran la dificultad de establecer generalizaciones incluso entre los miembros de una misma comunidad de habla, en este caso la LSE. Así, a pesar de que identifican claramente las diferencias en la lengua a partir de la existencia o no de un mayor contacto y conocimiento de las lenguas orales, no parece que este hecho influya en la percepción de su identidad como signantes. De acuerdo con lo que cuestionan Snoddon y De Meulder (2020, p. 157)¹⁶ el mantenimiento de las lenguas de signos puede que no dependa tanto de los fenómenos de contacto y que esté más relacionado con la percepción de identidades saludables en la comunidad sorda, así como con el bienestar individual de los signantes. Probablemente, este sentimiento esté motivado por su doble identificación como personas necesariamente bilingües, ya que para los hablantes del grupo minoritario la primera lengua está más

¹⁶ Therefore, maintaining sign languages is linked to preserving healthy deaf community identities as well as to individual wellbeing.

estrechamente relacionada con su identidad personal y es un símbolo del grupo, mientras que la lengua oficial es necesaria para relacionarse y convivir en la sociedad mayoritaria.

4.3 ¿Qué percepción tienen de los cambios lingüísticos y la variación?

En quinto lugar, ante la cuestión de si debería signarse de forma similar en España (pregunta 9a), las respuestas recibidas indican igualmente que todos son conscientes de la variación que existe en la LSE (79,2%):

- 1) Sí, no son iguales, son diferentes, cada uno tiene su forma, su opinión y hay que respetarla, a todos por igual.
- 2) Entre los signantes hay diferencias, a algunos les encanta continuar utilizando signos antiguos, otros usan signos actuales, pero se entienden perfectamente a pesar de las diferencias.
- 3) Se están creando signos nuevos debido a la tecnología que yo no conozco, son signos diferentes, que evolucionan. No son los mismos signos (...) pero sí que se entienden. Cuando se crea un signo son distintos porque todavía no hay un signo oficial, con la práctica se decide cuál queda en el futuro.

Casi todos los informantes perciben favorablemente la variación léxica dado que consideran que es inevitable, especialmente los que están más en contacto con la comunidad, es decir, los que tienen una edad comprendida entre los 35 y los 65 años (43,8%). Así, como recogemos en las siguientes respuestas, la opinión está mucho más dividida entre los informantes de mayor edad porque aluden sobre todo a la pureza de la LSE, tanto en lo referido al contacto con la lengua oral como a la necesidad de documentar la variación léxica para evitar su pérdida generacional:

- 1) Hay signos antiguos que ahora son diferentes, que han cambiado, son diferentes.
- 2) Yo pienso que es igual, depende, pueden surgir algunos signos, pero más o menos son los mismos.
- 3) Son los mismos signos, los de siempre, a veces surge alguno que puedo utilizar, pero veo que suelen ser los mismos.

- 4) Está claro que yo quiero cuidar la LSE para que no desaparezca y siga siendo la misma lengua.
- 5) ¿Dónde está la persona que signa la lengua de signos gallega? Actualmente se mezclan mucho. Es difícil decir que esto es positivo o negativo, depende de qué temas.

En sexto lugar, también en lo que respecta a la variable edad, los participantes en nuestro estudio perciben claramente la diferencia entre signantes nativos y no nativos, bien porque son sordos que tienen padres sordos o bien porque son oyentes hijos de padres sordos, conocidos como *CODA* (“Children of Deaf Adults”). Sin embargo, aunque casi todos perciben esta variación (72,9%), la mayoría no la identifica como mejor. Como indicamos anteriormente, los informantes no manifiestan una preferencia clara hacia un estándar o un modelo con el que identifiquen la corrección en su lengua. En relación a este aspecto, los datos obtenidos también cuestionan la relación que suele establecerse en la comunidad sorda entre la estandarización y pureza de los signantes nativos, especialmente si son sordos, a pesar de que son muy pocos los que nacen en familias sordas o signantes (KUSTERS et al, 2020, p. 11)¹⁷

Parece que un mayor contacto con la lengua oral facilita percibir la diferencia en la forma de signar según la condición familiar, puesto que existe una mayor variabilidad entre los signantes mayores de 65 años con respecto a las otras dos franjas de edad. La unanimidad que manifiestan tanto los informantes más jóvenes (37,5%) como los de mediana edad (31,3%) cuando afirman que no signan igual las personas con padres sordos u oyentes (pregunta 2c) nos parece significativa con respecto a la opinión de los mayores sordos, que mayoritariamente indican no haberse percatado de este aspecto (8,3%). Probablemente, su menor percepción de la variación que existe entre signantes nativos y no nativos se debe a que tienen un menor contacto o relación fuera de la comunidad, con personas sordas u oyentes que no participan frecuentemente en las asociaciones de sordos.

¹⁷ For example, it would be considered by many deaf and hearing signers to be wrong for a hearing, non-native signer to correct a native deaf signer. In turn, this point brings another issue to the fore- front: Who is a native signer? This question is especially relevant to sign language users because of the small number of people who are born into families that use sign language as a primary language.

Por último, sobre su percepción con respecto al futuro de la comunidad sorda (pregunta 2m), hemos obtenido diferencias en las percepciones según la edad y el nivel de estudios. Concretamente, con relación a la edad, entre los jóvenes sordos y los mayores de 65. Los mayores manifiestan una opinión más dividida sobre la continuidad de la comunidad sorda, frente a la incertidumbre que manifiestan sobre todo la mayoría de jóvenes, probablemente porque suele ser el colectivo que participa en menor medida en el movimiento asociativo de personas sordas.

Los resultados que hemos obtenido en relación con esta pregunta (2m) también señalan la existencia de diferencias según el nivel de estudios de nuestros informantes. Los signantes con estudios superiores (Formación profesional y/o universidad) manifiestan una mayor incertidumbre hacia el futuro de la comunidad sorda (36,6%), frente a la opinión más dividida que existe entre de los que no tienen estudios superiores, bien porque manifiestan la misma incertidumbre (12,2%) o bien porque opinan que continuará existiendo de algún modo (14,6%).

En todo caso, nos parece relevante que solo el 5% de los informantes que auguran el futuro de la comunidad sorda (aproximadamente el 30%) considere que es posible su continuidad a pesar de que desaparezcan las asociaciones de personas sordas. Nuestros datos parecen confirmar la correspondencia que suele establecerse entre el movimiento asociativo de personas sordas y la comunidad de signantes. Aunque exista una relación recíproca entre el uso de una lengua de signos y las asociaciones de sordos, una creencia que se manifiesta sobre todo en gran parte del colectivo de personas sordas, debe tenerse en cuenta que el incremento que se ha producido en las últimas décadas en el número de signantes sordos y oyentes no es proporcional al decaimiento que suele observarse en cuanto a su participación en el movimiento asociativo. En parte, “esto puede deberse a que tanto la perspectiva médica como el marco de los derechos de las personas con discapacidad se centran en la individualización de las personas sordas, y no en las comunidades sordas como colectivos minoritarios” (SNODDON; DE MEULDER, 2020, p. 156)¹⁸

¹⁸ This is because both a medical lens and disability rights framework are centered on the individualization of deaf people, not collective deaf communities as language minorities

5 Consideraciones sobre el estudio de las actitudes en LSE

En este trabajo presentamos los resultados del análisis sistemático de un corpus de textos específicos. Hemos analizado las opiniones personales sobre las lenguas de signos y los cambios lingüísticos de un grupo representativo de personas sordas signantes de la LSE, un grupo de usuarios de las lenguas de signos españolas cargados de influencias ideológicas que nos permiten aproximarnos a actitudes o ideologías globales porque las conclusiones de este estudio son resultado de medidas directas sobre las actitudes hacia las lenguas de signos.

En primer lugar, observamos que la propia actitud con respecto a una lengua implica ineludiblemente una valoración sobre su supervivencia y además hemos podido comprobar que los sordos signantes españoles:

- a) consideran que existe una lengua de signos pura y su grado de pureza está condicionado por las interferencias de la lengua oral,
- b) son conscientes de que la variación léxica supone riqueza de la lengua y no obstante defienden la existencia de una variante nacional compartida en todo el estado español y cuyo estatus es superior a las variantes locales porque lo identifica como comunidad.
- c) Perciben claramente la diferencia entre nativo y no nativo.

En efecto, si se tiene en cuenta el fenómeno biológico y social de la privación del lenguaje de niños y adultos sordos (Hall et al., 2017), el peligro y la vitalidad de las lenguas de signos han añadido tintes ideológicos vinculados a la justicia social (...). En otras palabras, las preocupaciones sobre el peligro de las lenguas de señas no solo se deben a una pérdida percibida de identidad cultural (Mufwene, 2017), sino también a una preocupación por el desarrollo saludable de los niños sordos (SNODDON; DE MEULDER, 2020, p. 155)¹⁹.

¹⁹ Indeed, if the biological and social phenomenon of deaf children and adults' language deprivation (Hall et al., 2017) is taken into account, the endangerment and vitality of sign languages have added ideological overtones linked to social justice (...). In other words, concerns about the endangerment of sign languages are not only due to a perceived loss of cultural identity (Mufwene, 2017) but also a concern for deaf children's healthy development.

En segundo lugar, consideramos que estudiar las actitudes lingüísticas en unas lenguas que desafían las preconcepciones humanas del lenguaje como las lenguas de signos constituye, en sí mismo, un reto lingüístico de primera magnitud que nos permite conocer mejor la lengua de otra modalidad (descripción y análisis exhaustivo), profundizar en el lenguaje humano y en las actitudes hacia las lenguas que conviven con la propia como es el caso de todas las lenguas de señas en convivencia constante con las lenguas de los oyentes. También nos permite conocer la consciencia lingüística (disposición sobre el propio sistema, sobre otros o sobre la particular relación que se establece entre diferentes lenguas).

La ideología devaluadora sitúa a las lenguas de signos en el último nivel de una imaginaria jerarquía de los idiomas o afirma que las lenguas de signos no tienen morfología o que simplemente no tienen valor para los niños. Incluso hoy en día muchas personas no están seguras de poder imaginar una gramática en el espacio (y en la cara) ni de que las comunidades y las culturas que dieron lugar a las lenguas de signos puedan considerarse realmente “culturas” (KRAUSNEKER, 2015, p. 416)²⁰.

En tercer lugar, creemos que explicar la importancia de los estudios de las actitudes para la LSE y las lenguas visogestuales parece obvio, pero no deja de ser imprescindible para poder planificar las políticas lingüísticas de cualquier lengua y poder confirmar que las lenguas visogestuales son un ejemplo más de lenguas que, a pesar de tener unas especiales características sociolingüísticas no abandonan los tópicos de actitudes lingüísticas de las lenguas oficiales minoritarias y minorizadas.

Como ya señaló Humphries (2001, p. 7), los discursos y percepciones cambiantes sobre las personas sordas y la lengua de signos han supuesto recalibrar no sólo las ideas de inferioridad e igualdad, sino también las ideas de la diferencia y similitud: las formas en que las lenguas de signos se corresponden con las

²⁰ The *devaluating ideology* places sign languages low in an imagined hierarchy of languages or claims that sign languages have no morphology or simply states that they have no value for children. Even today, many people are not sure how they should imagine a grammar in space (and face) and whether the communities and the cultures that gave rise to signed languages can really be called “cultures”.

lenguas habladas y no sólo difieren de ellas (apud KUSTERS et al., 2020, p. 7)²¹.

En el futuro debemos estudiar las actitudes de los oyentes, comunidad lingüística que convive con los usuarios de las lenguas de signos españolas, aunque es muy posible que los resultados obtenidos en otros estados sean extrapolables. Será necesario también actualizar nuestros cuestionarios para poder registrar y analizar las preocupaciones lingüísticas más actuales como la defensa de la LSE de los ataques de apropiación cultural de los oyentes²², la supuesta injerencia de los oyentes en la enseñanza de la LSE, etc. (SNODDON; DE MEULDER, 2020).

Agradecimientos

Este estudio se enmarca dentro de las investigaciones del CORALSE. Conocimiento y reconocimiento de la lengua de signos española a través de un corpus interuniversitario anotado, financiado por el Ministerio de Economía, Industria y Competitividad, (FFI2017-86309-P).

Las autoras queremos agradecer a los informantes del corpus su participación en las grabaciones que han permitido obtener los datos que se analizan en este trabajo y a los miembros del grupo de investigación GRILES de la Universidad de Vigo por su constante apoyo y por sus contribuciones a este estudio. Asimismo, agradecemos las recomendaciones de los editores y revisores para enriquecer este artículo.

Declaración de autoría

Ambas autoras realizaron este artículo en colaboración, con igual contribución tanto en la elaboración del estudio como en su redacción y revisión. Inmaculada C. Báez Montero es una de las investigadoras principales del proyecto CORALSE y ha sido la responsable en este

²¹ As Humphries (2001) earlier noted, changing discourses and perceptions of deaf people and sign language have meant recalibrating not only ideas of inferiority and equality but also ideas of difference and sameness: the ways in which sign languages correspond with, and not only differ from spoken languages.

²² Ferreiro-Lago ofrece una aproximación a la percepción de la apropiación cultural por parte de las personas sordas en la web de Excepcionales, disponible en: <https://apropiacioncultural.excepcionales.es/>.

estudio del análisis cualitativo mientras que María C. Bao Fente, integrante del equipo GRILES, ha trabajado con los datos cuantitativos para completar el análisis que presentan conjuntamente.

Referencias

BÁEZ MONTERO, I. C. ¿De cuántos signantes estamos hablando?. E-AESLA, Vigo, v. 1, 2015. Disponible en: <http://cvc.cervantes.es/lengua/eaesla/pdf/01/48.pdf>. Acceso en: 1 feb. 2023.

BÁEZ MONTERO I. C.; FERNÁNDEZ SONEIRA, A. El grado de LSE en la universidad española: lingüística y traducción e interpretación de LSE. En: BÁEZ MONTERO, I.C.; OTERO DOVAL, H. (ed.) *Buscando respuestas en lengua de signos*. Lugo: Axac, Colección EnSeñas, 2015, p. 183-195.

BÁEZ MONTERO I. C.; FERNÁNDEZ SONEIRA, A. Problemas de estandarización en la lengua de signos española: la variación entre las comunidades lingüísticas de Galicia. En: BUENO ALONSO, J. (coord.) *Analizar datos > Describir variación [Recurso electrónico]*. Vigo: Universidade de Vigo, Servizo de Publicacións, 2010.

BÁEZ MONTERO, I. C.; FERNÁNDEZ SONEIRA, A.; FREIJEIRO OCAMPO, E. CORALSE: diseño de un corpus de lengua de signos española. En: MORENO ORTIZ, A.; PÉREZ HERNÁNDEZ, C. (ed.) *EPiC Series in Language and Linguistics* v. 1., 2016. p. 111-120.

BÁEZ MONTERO, I. C.; GONZÁLEZ-MONTESINO, R.H.; BAO FENTE, M. Y LONGA ALONSO, B. Los informantes de un corpus de lengua de signos española: tecnológico, representativo y con portabilidad: CORALSE. *Estudios interlingüísticos*, Sevilla, v. 8, n. 8, p. 13-32, 2020. Disponible en: <https://estudiosinterlinguisticos.com/numero-8-2020/>. Acceso en: 1 feb. 2023.

BAO FENTE, M. C. Introducción a la LSE en la Educación Primaria. En: BÁEZ MONTERO, I.C.; OTERO DOVAL, H. (ed.) *Buscando respuestas en lengua de signos* Lugo: Axac, Colección EnSeñas, 2015. p. 41-51.

BAO FENTE, M. C.; BÁEZ MONTERO, I.C.; VÁZQUEZ VEIGA, N. Differing attitudes toward Spanish Sign languages in three Galician pre and primary schools. In: BUGEL, T.; MONTES-ALCALÁ, C. (ed.) *New Approaches to Language Attitudes in the Hispanic and Lusophone World*

Issues in Hispanic and Lusophone Linguistics. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2020. p. 61-82.

BLAS ARROYO, J. L. *Sociolingüística del español. Desarrollos y perspectivas en el estudio de la lengua española en el contexto social*. Madrid: Cátedra, 2005.

BAKER, C. *Attitudes and Languages*. Clevedon: Multilingual Matters, 1992.

BURNS, S.; MATTHEWS, P.; NOLAN-CONROY, E. Language attitudes. In: LUCAS, C. (ed.) *The sociolinguistics of sign languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 181-216.

COSTELLO, B.; FERNÁNDEZ LANDALUCE, J.; VILLAMERIEL GARCÍA, S.; MOSELLA, M. Una lengua sin nativos: consecuencias para la normalización. En: CNSE; FUNDACIÓN CNSE. *Estudios sobre la lengua de signos española. III Congreso Nacional de la lengua de signos española. Hacia la normalización de un derecho lingüístico y cultural*. Madrid: UNED/CNSE, 2012. p. 371-388.

CHAPA BAIXAULI, C. La variación en la LSE. En: MINGUET SOTO, A. (coord.): *Signolingüística: Introducción a la lingüística de la LSE*. Valencia: FESORD, 2000. p. 209-290.

CHIQUITO, A. B.; QUESADA PACHECO, M. A. (ed.). *Actitudes lingüísticas de los hispanohablantes hacia el idioma español y sus variantes*. Bergen: Bergen Language and Linguistic Studies (BeLLS), 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.15845/bells.v5i>.

DOMINGUEZ GUTIÉRREZ, A. B. Educación para la inclusión de alumnos sordos. *Revista Latinoamericana de Inclusión Educativa*, Santiago de Chile v. 3, n. 1., p. 45-61, 2009. Disponible en: <http://www.rinace.net/rlei/numeros/vol3-num1/art4.pdf>. Acceso en: 1 feb. 2023.

ESTEBAN M. L.; RAMALLO, F. Derechos lingüísticos y comunidad sorda: claves para entender la minorización. En; MORALES LÓPEZ, E; JARQUE MOYANO, M. J. (ed.), *Revista de Estudios de Lenguas de Signos*, Madrid, v. 1, p. 20-52, 2019. Disponible en: <https://www.revles.es/index.php/revles/article/view/19/5>. Acceso en: 1 feb. 2023.

FREITAG R.M.K. Amostras sociolingüísticas: probabilísticas ou por conveniência? *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte,

v. 26 n. 2, p. 667-686, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.26.2.667-686>.

HILL, J. Language ideologies, policies and attitudes towards signed languages. In: BAYLEY, R.; CAMERON, R.; LUCAS, C. (eds.) *The Oxford handbook of sociolinguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 680-697.

KANNAPELL, B. An Examination of Deaf College Students' Attitudes towards ASL and English. In: LUCAS, C. (ed.) *The Sociolinguistics of the Deaf Community*. San Diego: Academic Press, 1989. p. 191-210.

KRAUSNEKER, V. Ideologies and Attitudes toward Sign languages: An Approximation. *Sign Language Studies*, Washington, v. 15, n. 4, p. 411-431, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1353/sls.2015.0014>.

KUSTERS, A.; GREEN, M.; MORIARTY, E.; SNODDON, K. Sign language ideologies: Practices and politics. In: KUSTERS, A.; GREEN, M.; MORIARTY, E.; SNODDON, K. (ed.). *Sign language ideologies in practice*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2020. p. 3-22. DOI: <https://doi.org/10.1515/9781501510090-001>.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Washington: Center for Applied Linguistics, 1983.

LO BIANCO, J. Ideologies of sign language and their repercussions in language policy determinations. *Language & Communication*, Copenhagen, v. 75, p. 83-93, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.langcom.2020.09.002>.

LÓPEZ MORALES, H. *Sociolingüística* 3. ed. Madrid: Gredos, 2004.

MARCHESI, A. *El desarrollo cognitivo y lingüístico de los niños sordos*. Madrid: Alianza Editorial, 1991.

MARRERO AGUIAR, V. La normalización en Lengua de Signos Española (LSE): perspectiva desde la lingüística. En: CNSE; FUNDACIÓN CNSE. *Estudios sobre la lengua de signos española. III Congreso Nacional de la lengua de signos española. Hacia la normalización de un derecho lingüístico y cultural*. Madrid: UNED/CNSE, 2012. p. 417-434.

MORALES LÓPEZ, E.; ALIAGA, D.; ALONSO, J.; BOLDÚ, R.; GARRUSTA, J.; GRAS, V. Deaf people in bilingual speaking communities: The case of Deaf people in Barcelona. In: LUCAS, C. (ed.) *Turn-taking*,

fingerspelling, and contact in signed languages. Washington: Gallaudet University Press, 2002. p. 107-155.

MORENO FERNÁNDEZ, F. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

NISHIO, R.; HONG, S.E; KÖNIG, S.; KONRAD, R.; LANGER, G.; HANKE, T.; RATHMANN, C. Elicitation methods in the DGS (German Sign Language) Corpus Project. In: DREUW, P.; EFTHIMIOU, E.; HANKE, T.; JOHNSTON, T.; MARTÍNEZ RUIZ, G.; SCHEMBRI, A. (coords.) *4th Workshop on the Representation and Processing of Sign Languages: Corpora and Sign Language Technologies. Workshop Proceedings* Paris: European Language Resource Association, 2010.p. 178-185.

RODRÍGUEZ ORTIZ, I.; ORERO CLAVERO, P. La Red Interuniversitaria para la Investigación y Docencia de las Lenguas de Signos. En: CNSE; FUNDACIÓN CNSE. *Estudios sobre la lengua de signos española. III Congreso Nacional de la lengua de signos española. Hacia la normalización de un derecho lingüístico y cultural*. Madrid: UNED/CNSE, 2012. p. 333-343.

PEREIRAPÉREZ, Z. (2011). Los diseños de método mixto en la investigación en educación: Una experiencia concreta. *Revista Electrónica Educare*, San José, v. XV, n. 1, p. 15-29, 2011. DOI: <https://doi.org/10.15359/ree.15-1.2>.

PARKHURST S.; PARKHURST, D. Spanish sign language survey. *Summer Institute Linguistic, Electronic Survey Reports*, 2006.

QUADROS, R.M.; SOUSA, A.M. Brazilian Sign Language corpus: Acre Libras Inventory. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 29, n. 2, p. 805-828, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.29.2.805-828>.

ROJAS MAYER, E. M. Prólogo. En: CHIQUITO, A. B.; QUESADA PACHECO, M. A. (ed.). *Actitudes lingüísticas de los hispanohablantes hacia el idioma español y sus variantes*. Bergen: Bergen Language and Linguistic Studies (BeLLS) 2014. p. 4-8. DOI: <http://dx.doi.org/10.15845/bells.v5i>.

SANKOFF, D. (ed.) *Linguistics variation: Models and methods*. New York: Academic Press, 1978.

SCHEMBRI, A.; FENLON, J.; RENTELIS, R.; REYNOLDS, S; CORMIER, K. Building the British Sign Language Corpus. *Language*,

Documentation & Conservation, Honolulu , v. 7, p. 136-154, 2013.
Disponível em: <http://hdl.handle.net/10125/4592>. Acesso em: 1 fev. 2023.

SNODDON, K.; DE MEULDER, M. Introduction: Ideologies in sign language vitality and revitalization. *Language & Communication*, Copenhagen Cidade, v. 74, p. 154–163, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.langcom.2020.06.008>.